



**Segunda Guerra Mundial - Testemunhos de Combatentes Brasileiros:  
uma curadoria de história oral para exposição itinerante**

Joice Sashalmi

UMinho | 2022



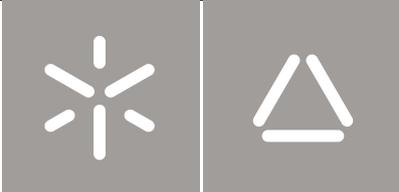
**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Joice Sashalmi

**Segunda Guerra Mundial -  
Testemunhos de Combatentes Brasileiros:  
uma curadoria de história oral para  
exposição itinerante**

fevereiro de 2022





**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Joice Sashalmi

**Segunda Guerra Mundial -  
Testemunhos de Combatentes Brasileiros:  
uma curadoria de história oral para  
exposição itinerante**

Dissertação de Mestrado  
Património Cultural

Trabalho efetuado sob a orientação do  
**Professor Doutor José Manuel M. Lopes Cordeiro**

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### ***Licença concedida aos utilizadores deste trabalho***



**Atribuição-Não-Comercial-SemDerivações**

**CC BY-NC-ND**

***<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.en>***

## **Dedicatória**

Aos meus pais.

Por sempre respeitarem, apoiarem minhas escolhas  
e minha curiosidade por novos caminhos.

Obrigada por tudo e por tanto.

Amo vocês com todo o meu coração.

## **Agradecimentos**

Miguel Peixoto. Por toda paciência, generosidade e amor com que me acompanhou durante este longo percurso acadêmico. Esta jornada não seria possível sem sua presença ao meu lado e seu apoio emocional.

Ao padraсто e amigo para a vida, Leonardo Domenico. Por disponibilizar o seu tempo valioso e acompanhar de perto, mais uma vez, uma nova conquista no mundo acadêmico.

Ao Professor Doutor José Manuel Lopes Cordeiro. Por apoiar a escolha da temática e por fornecer orientações sempre acertadas.

À professora Doutora Paula Bessa, por todo suporte e dedicação na organização do Mestrado em Patrimônio Cultural.

À amiga Inês Americano, um dos presentes especiais oferecidos por este trabalho. Dividir os desafios e conhecimento durante este processo foi enriquecedor e mais leve com a sua amizade.

À amiga Graça, que contribuiu sempre com seu bom humor e aptidão para fazer sorrir.

À minha irmã de coração, Tatiana Pavan. Pelo exemplo na vida acadêmica, amizade e incentivo no processo de escrita.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## **Segunda Guerra Mundial – Testemunhos de Combatentes Brasileiros: uma curadoria de história oral para exposição itinerante**

### **Resumo**

A participação efetiva do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, através do envio de uma Força Expedicionária para combater na Itália, ao lado do V Exército Norte-Americano, é um ponto da história contemporânea por vezes desconhecido até mesmo entre os brasileiros. O presente trabalho tem como objetivo lançar luz a este período através da curadoria de testemunhos de seus combatentes, especialmente ao focar em suas percepções individuais sobre a experiência vivida. Estes relatos serão utilizados futuramente como escopo principal de uma exposição museológica itinerante, montada em estações e metrô espalhados pelo Brasil. A pesquisa qualitativa e quantitativa proposta, também tenciona contribuir com o acervo de história oral militar da Universidade do Minho.

*Palavras-Chave:* Força Expedicionária Brasileira, História Militar Brasileira, História Oral, Segunda Guerra Mundial, veteranos de guerra

## **World War II – Testimonies of Brazilian Combatants: an oral history curator for a traveling exhibition**

### **Abstract**

The effective participation of Brazil during World War II, by sending an Expeditionary Force to fight in Italy, alongside the North American Fifth Army, is a point in contemporary history that is sometimes unknown even among Brazilians. The present work aims to shed light on this period by curating the testimonies of its combatants, especially by focusing on their perceptions of the lived experience. These reports will be used in the future as the main scope of a traveling museum exhibition, set up in stations and subways throughout Brazil. The proposed qualitative and quantitative research also intends to contribute to the collection of military oral history at the University of Minho.

*Keywords:* Brazilian Expeditionary Force, Brazilian Military History, Oral History, Second World War, war veterans.

## ÍNDICE

<b>DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS.....</b>	<b>iii</b>
<b>Dedicatória .....</b>	<b>iv</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>v</b>
<b>DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE .....</b>	<b>vi</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>vii</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>viii</b>
<b>Índice de Siglas, Acrônimos e Abreviaturas .....</b>	<b>xi</b>
<b>Índice de Figuras .....</b>	<b>xiii</b>
<b>Índice de Tabelas .....</b>	<b>xv</b>
<b>1 OBJETIVO E METODOLOGIA .....</b>	<b>16</b>
<b>2 APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>3 ESTADO DA ARTE .....</b>	<b>19</b>
<b>4 ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>24</b>
4.1 MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E SILÊNCIO .....	24
4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA ORAL E AS NARRATIVAS DOS VETERANOS BRASILEIROS .....	47
<b>5 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA .....</b>	<b>55</b>
5.1 O RETRATO DO BRASIL NA DÉCADA DE 1940.....	55
5.2 A ENTRADA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....	64
5.3 A FORMAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E SUA ESTRUTURA .....	76
5.3.1 A ESTRUTURA DAS UNIDADES DE INFANTARIA DE COMBATE DA F.E.B. ....	91
5.3.2 A COMPOSIÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA .....	93
<b>6 EXPECTATIVAS .....</b>	<b>93</b>
6.1 A CONVOCAÇÃO .....	93
6.2 O TREINAMENTO NO BRASIL .....	142
6.3 A TRAVESSIA E A VIDA NO NAVIO-TRANSPORTE .....	182
6.4 O DESCONHECIDO E AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES .....	251
<b>7 A REALIDADE DA GUERRA – A COBRA FUMOU .....</b>	<b>325</b>
7.1 O FRONT ITALIANO E O INIMIGO .....	325
7.2 HISTÓRIAS DE GUERRA - A ATUAÇÃO DOS BRASILEIROS NO CONFLITO .....	433
7.3 O COTIDIANO.....	566

<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>655</b>
8.1 A EXPOSIÇÃO ITINERANTE .....	656
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>676</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>684</b>

## **Índice de Siglas, Acrônimos e Abreviaturas**

- 1ª D.I.E. – Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária.
- 1ª DIE – Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária.
- 1ª ELO – Primeira Esquadrilha de Ligação e Observação.
- 1ª RM – Primeira Região Militar.
- 1º GADO – Primeiro Grupo de Artilharia de Dorso.
- 1º GC – Primeiro Grupo de Combate.
- 1º R.I. – Primeiro Regimento de Infantaria (Brasileiro).
- 2º GC – Segundo Grupo de Combate.
- 6º R.I. – Sexto Regimento de Infantaria (Brasileiro).
- 11º R.I. – Décimo Primeiro Regimento de Infantaria (Brasileiro).
- 148º D.I. – Centésima Quadragésima Oitava Divisão de Infantaria (Alemã).
- AD – Artilharia Divisionária.
- AGEFEB – Agência do Banco do Brasil – F.E.B.
- AHEX – Arquivo Histórico do Exército.
- BIBLIX – Biblioteca do Exército.
- Btl – Batalhão.
- C Tir – Central de Tiros.
- CCDBEU – Comissão Conjunta de Defesa Brasil Estados Unidos.
- CCS – Companhia de Comando e Serviços.
- CIA – Companhia.
- CLF – Comandante de Linha de Fogo.
- CMCBEU – Comissão Militar Conjunta Brasil Estados Unidos.
- CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva.
- CPP – Companhia de Petrechos Pesados.
- D.I. – Divisão de Infantaria.
- D.I.E. – Divisão de Infantaria Expedicionária.
- D.I.P. – Departamento de Imprensa e Propaganda.
- DASP – Departamento Administrativo do Serviço Público.
- DDT – diclorodifeniltricloroetano.
- ECEME – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

EUA – Estados Unidos da América.

F.E.B. – Força Expedicionária Brasileira.

FAB – Força Aérea Brasileira.

FEB – Força Expedicionária Brasileira.

FM – Fuzil Metralhadora.

FMH – Fuzil Metralhadora – HotchKiss.

GC – Grupo de Combate.

GMC – General Motors Company.

GU – Group Unit (Unida de Grupo).

H.O.E.S.G.M. – História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial.

JBUSDC – Joint Brazil United States Defense Commission.

JBUSMC – Joint Brazil United States Military Commission.

L-4H – Aeronave tipo Piper Club na versão Militar.

LCI – Landing Craft Infantry (Lancha de Desembarque).

MP – Military Police (Polícia Militar).

PBS – Peninsular Base Section.

PC – Posto de Comando.

PG – Prisioneiro de Guerra.

PO – Posto de Observação.

PS – Posto de Socorro.

QG – Quartel General.

RI – Regimento de Infantaria.

S1 – Oficial Chefe da 1ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade Pessoal).

S2 – Oficial Chefe da 2ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Informação).

S3 – Oficial Chefe da 3ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Operações).

S4 – Oficial Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Apoio Material para Execução da Instrução e Emprego Operacional da Unidade / Atividade de Logística).

TO – Teatro de Operações.

## Índice de Figuras

<b>Figura 01</b> – A “Canção do Expedicionário” da F.E.B. – O Ministro da Guerra e o concurso da Rádio Tupi. ....	30
<b>Figura 02</b> – Posição estratégica do Nordeste brasileiro. ....	69
<b>Figura 03</b> – Os afundamentos. ....	74
<b>Figura 04</b> – Organograma V Exército dos Estados Unidos. ....	82
<b>Figura 05</b> – Símbolo adotado pela Força Expedicionária Brasileira. ....	84
<b>Figura 06</b> – Distribuição das Unidades Militares no território brasileiro, antes da centralização. ....	89
<b>Figura 07</b> – Estrutura das Unidades de Infantaria de Combate da F.E.B. ....	92
<b>Figura 08</b> – Primeira Etapa da Exposição Itinerante – Expectativas: Questões chave sobre “A Convocação” ....	95
<b>Figura 09</b> – Categorias que constituíram a F.E.B. ....	97
<b>Figura 10</b> – Motivações para ir à guerra. ....	103
<b>Figura 11</b> – Apuração quantitativa da primeira etapa da exposição – Expectativas. Tema: A Convocação. ....	142
<b>Figura 12</b> – Primeira Etapa da Exposição Itinerante – Expectativas: Questões chave sobre “O treinamento no Brasil” ....	143
<b>Figura 13</b> – A F.E.B. e a mudança de doutrinas militares. ....	146
<b>Figura 14</b> – Apuração quantitativa da primeira etapa da exposição – Expectativas. Tema: O treinamento no Brasil. ....	181
<b>Figura 15</b> – Primeira Etapa da Exposição Itinerante – Expectativas: Questões chave sobre “A travessia e a vida no navio-transporte”. ....	182
<b>Figura 16</b> – Embarques e desembarques dos cinco escalões da F.E.B. ....	184
<b>Figura 17</b> – Apuração quantitativa da primeira etapa da exposição – Expectativas. Tema: A travessia e a vida no navio-transporte. ....	250
<b>Figura 18</b> – Primeira Etapa da Exposição Itinerante – Expectativas: Questões chave sobre “O desconhecido e as primeiras impressões”. ....	251
<b>Figura 19</b> – Apuração quantitativa da primeira etapa da exposição – Expectativas. Tema: O desconhecido e as primeiras impressões. ....	324
<b>Figura 20</b> – Segunda Etapa da Exposição Itinerante – A realidade da guerra: Questões chave sobre “O front italiano e o inimigo” ....	326
<b>Figura 21</b> – Apuração quantitativa da segunda etapa da exposição – A realidade da guerra. Tema: O front italiano e o inimigo. ....	433
<b>Figura 22</b> – Segunda Etapa da Exposição Itinerante – A realidade da guerra: Questões chave sobre “Histórias de guerra – a atuação dos brasileiros no conflito”. ....	434

<b>Figura 23</b> – Apuração quantitativa da segunda etapa da exposição – A realidade da guerra. Tema: “Histórias de guerra – a atuação dos brasileiros no conflito” .....	566
<b>Figura 24</b> – Segunda Etapa da Exposição Itinerante – A realidade da guerra: Questões chave sobre “O cotidiano” .....	567
<b>Figura 25</b> – Apuração quantitativa da segunda etapa da exposição – A realidade da guerra. Tema: “O cotidiano” .....	654
<b>Figura 26</b> – Total de Relatos Apurados para a Exposição Itinerante .....	655
<b>Figura 27</b> – Campanha publicitária sobre o filme “2012 – Nós fomos avisados” .....	658
<b>Figura 28</b> – Campanha publicitária para o “iPod” da empresa Apple .....	658
<b>Figura 29</b> – Campanha publicitária para a bebida “Magner Irish Cider” .....	659
<b>Figura 30</b> – Campanha publicitária para a “American Disability Association” .....	660
<b>Figura 31</b> – Exposição montada no Metrô de Montevideo, Uruguai .....	661
<b>Figura 32</b> – Exposição montada no Metrô da França “70 anos de RATP, 70 anos de história” .....	662
<b>Figura 33</b> – Exposição digital “Subway Digital Art Gallery” .....	663
<b>Figura 34</b> – Exposição digital “Subway Digital Art Gallery” .....	663
<b>Figura 35</b> – Campanha publicitária para a bebida “Tropicana” .....	664
<b>Figura 36</b> – Campanha publicitária para o canal “The History Channel” .....	664
<b>Figura 37</b> – Campanha publicitária para a “NY Lottery” .....	665
<b>Figura 38</b> – Proposta de marketing para “St. Martin Tourism” .....	666
<b>Figura 39</b> – Metrô de Taiwan ganha piso inspirado em esportes olímpicos .....	667
<b>Figura 40</b> – Conteúdo apresentado nos ecrãs do Metrô em São Paulo e Rio de Janeiro .....	668
<b>Figura 41</b> – Ecrã de 300m instalado em porta de Metrô .....	669
<b>Figura 42</b> – Exemplo de portas digitais interativas no Metrô .....	670
<b>Figura 43</b> – Exposição KFC e Museu Nacional da China .....	671
<b>Figura 44</b> – Exposição KFC e Museu Nacional da China .....	672
<b>Figura 45</b> – Exposição KFC e Museu Nacional da China .....	672
<b>Figura 46</b> – Trem galeria “Aquarelle Train” .....	673
<b>Figura 47</b> – Trem galeria “Aquarelle Train” .....	674
<b>Figura 48</b> – Trem galeria “Aquarelle Train” .....	674
<b>Figura 49</b> – Envolvimento externo do trem galeria “Aquarelle Train” .....	675

## **Índice de Tabelas**

<b>Tabela 1</b> – Distribuição dos monumentos e praças expedicionários por regiões.....	28
<b>Tabela 2</b> – Embarques e desembarques dos cinco escalões da F.E.B. ....	185
<b>Tabela 3</b> – A alimentação da F.E.B. ....	575

## **1 OBJETIVO E METODOLOGIA**

Em 1944, o Brasil participou ativamente dos confrontos da Segunda Guerra Mundial, ao enviar cerca de 25.000 homens para lutarem ao lado do V Exército Americano na Itália, que ainda encontrava-se sob domínio das forças nazistas.

O objetivo deste trabalho consiste em coletar e selecionar escopo para desenvolvimento de uma futura exposição museológica itinerante, cuja temática principal será a experiência de guerra vivida pelos “Pracinhas Brasileiros”, como eram chamados os membros que compunham a F.E.B. – Força Expedicionária Brasileira.

A participação do Brasil no conflito parece não ter se fixado na memória do país e é um tema por vezes desconhecido entre os brasileiros. Sendo assim, a ideia central da exposição é levar o conteúdo até o público usando recursos de fácil interpretação, como a história oral e fotografias, despertando o interesse da população para um período histórico que foi um divisor de águas na história do Brasil.

Para tanto, o referido escopo da exposição, se concentrará, nessa primeira etapa, no levantamento da história oral do período, contada por veteranos de guerra brasileiros. Os relatos serão obtidos através da bibliografia pesquisada, documentários, diários e entrevistas já realizadas, sendo esta uma pesquisa com objetivo exploratório e quantitativo.

Os relatos serão organizados e relacionados com dados históricos, sendo que os denominadores comuns para a seleção do material da exposição, serão narrativas que evidenciem a experiência individual vivida pelo militar em seu dia-a-dia na Campanha Italiana. Serão explorados temas como a convocação, o treinamento, a expectativa do embarque, a vida no navio-transporte, a alimentação e necessidades básicas, a relação com companheiros e civis, o batismo de fogo, motivações para combater, bem como o contato com a morte, o medo e a realidade da guerra.

Esta dissertação tenciona ser um trabalho inicial, visto que o projeto da exposição museológica itinerante será desenvolvido em sua totalidade no âmbito do doutoramento. Nesta segunda fase acadêmica, em complemento a este trabalho, será realizado também o levantamento fotográfico do período que será relacionado com as narrativas levantadas nesta monografia.

Pretende-se realizar a exposição de maneira criativa nos metrô espalhados pelo Brasil com o propósito de levar a mostra até os seus utilizadores de forma gratuita. Para isso, o material será exposto

dentro dos vagões/carruagens, utilizando como suporte expositivo: piso, teto e paredes internas do veículo, bem como telas/ecrãs disponíveis. As estações do metrô também receberão intervenções de forma a envolver o público antes mesmo de iniciar a sua viagem. O intuito não é somente atingir entusiastas da Segunda Guerra Mundial, mas sobretudo despertar a curiosidade de pessoas que não conhecem o tema. Deste modo, ambiciona-se aumentar as visitas aos museus, monumentos e espaços de memória relacionados ao assunto, visto que o patrimônio cultural militar espalhado pelo país é extremamente vasto.

Em adição, ao realizar a curadoria de tantas narrativas pretende-se contribuir com o acervo de história oral de veteranos de guerra da Universidade do Minho, especialmente no que tange a temática brasileira, visto que até a presente data não conta com documentação significativa sobre o assunto.

## **2 APRESENTAÇÃO**

Em relação a estrutura e organização deste trabalho, cabem alguns esclarecimentos.

No enquadramento teórico, foram abordados brevemente os temas memória e esquecimento. Para além, também delineou-se uma reflexão sobre história oral, neste trabalho utilizada como ferramenta de interpretação e divulgação dos recursos existentes espalhados pelo Brasil, como museus e monumentos. Apesar de não serem os conceitos principais desta tese, são importantes para justificar o desenvolvimento desta pesquisa, bem como a necessidade de criação da exposição museológica itinerante proposta.

A contextualização histórica do período é necessária para assimilar com clareza o contexto em que foi criada a Força Expedicionária Brasileira e a entrada do país na Segunda Guerra Mundial. O entendimento da situação política e econômica do Brasil da década de 1940, são primordiais para entendermos o que cerca de 25.000 homens vivenciaram no *front* italiano. Em paralelo, foram aprofundadas neste capítulo, a composição e a formação da Força Expedicionária Brasileira – a F.E.B.

Com a finalidade de situar o leitor temporalmente na temática, como também para uma melhor compreensão das narrativas dos combatentes da Força Expedicionária Brasileira levantadas neste trabalho, foram elaboradas duas linhas do tempo. Para tanto, definiu-se um recorte temporal que parte

da base da criação da F.E.B., ou seja, agosto de 1943, até a cessação das hostilidades no território italiano em maio de 1945.

No que tange a identificação e tipificação dos veteranos de guerra, foram indicados nas notas de rodapé das páginas o cargo em que reformaram-se, ou profissão exercida nos pós-guerra, seguidos da posição militar ocupada durante o conflito. Além disso, quando possível, a data em que a entrevista foi realizada.

Posto isto, dividimos a seleção de relatos dividiu-se em dois blocos. O primeiro, “Expectativas”, tratou dos depoimentos anteriores a experiência de combate, tais como: a convocação, o treinamento, o embarque, a vida no navio transporte e as primeiras impressões em solo italiano. Além disso, neste capítulo buscou-se caracterizar o combatente brasileiro, definindo suas origens, escolaridade e estado de saúde.

A seguir, em “A realidade da guerra – A cobra fumou”, entraram as questões relativas aos combates. Narrativas que discorreram sobre o batismo de fogo, os locais em que lutaram, os tipos de conflitos que travaram, como por exemplo, a guerra urbana e a guerra de montanha. Ademais, foram apresentados depoimentos sobre o contato com a morte, o medo, o que os motivava a matar e a violência da guerra.

Ainda neste capítulo, o cotidiano dos combatentes na Itália foi destacado, ou seja, foram selecionados depoimentos que retrataram o dia a dia da guerra. O intuito foi evidenciar que uma guerra não faz-se somente de 24 horas de ações de combate, sem pausas, e sim, do convívio, do lazer e das distrações que mantinham os pracinhas em contato com sua humanidade. Assuntos inerentes à qualidade de vida e ao doméstico dos envolvidos no conflito, como a fome, a higiene e o enfrentamento das condições climáticas, tão diferentes de seu país de origem, também foram eleitos. Por fim, foram selecionados relatos que trouxeram um pouco de humor e leveza à guerra que experimentaram os brasileiros.

Nos dois blocos de pesquisa, foram explorados e, em alguns casos trouxe-se luz a alguns mitos ligados à Força Expedicionária Brasileira, como por exemplo, a cordialidade e a criatividade do brasileiro, a luta em uma guerra vencida e o suposto passeio turístico na Itália.

Em conclusão, este trabalho foi encerrado com uma proposta preliminar para a exposição museológica itinerante e as considerações finais desta dissertação.

### 3 ESTADO DA ARTE

Em setembro de 1960, Carlos Lacerda escreveu o prefácio do livro “Heróis Esquecidos”, do jornalista e veterano da Força Expedicionária Brasileira, Paulo Vidal (1960), e iniciou o texto afirmando: “a bibliografia da F.E.B. é ainda pobre” (p. 09). Quase trinta anos depois, Silveira (1989) apontou em seu livro, “A FEB por um soldado”, a existência de cerca de 300 publicações sobre o tema, sendo em sua maioria diários, memórias e depoimentos pessoais.

Com o avanço da pesquisa bibliográfica para desenvolvimento deste trabalho, foi possível constatar um avanço ainda mais significativo de material publicado sobre a Força Expedicionária Brasileira e a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, sobretudo no campo acadêmico.

Sobre a existência de uma historiografia considerada “oficial”<sup>1</sup> acerca da F.E.B., é importante considerar alguns pontos.

Após o retorno da campanha na Itália, os primeiros livros produzidos foram de memórias de antigos comandantes. Com destaque para o livro “A FEB pelo seu comandante”, escrito pelo próprio comandante da F.E.B., General João Batista Mascarenhas de Moraes, publicado em 1947 e “O Brasil na 2ª Guerra Mundial”, de Manoel Thomaz Castello Branco, publicado em 1960, considerada uma obra completa no ponto de vista profissional militar.

Os livros de memórias de comandantes brasileiros foram amplamente utilizados como referência para diversos fins, tais como: panfletos de museus e exposições, matérias em revistas destinadas ao público militar, palestras e pronunciamentos em datas comemorativas. Segundo o historiador Cesar Campiani Maximiano (2010):

O conjunto dessa miscelânea de publicações é o mais próximo que existe no Brasil das *official histories* produzidas por centros de pesquisa em história militar como o *Center for Military History* e o *US Army Heritage & Education Center* americanos, responsáveis por volumes produzidos sob

---

<sup>1</sup> Por “oficial” neste contexto, entendemos como uma versão histórica aprovada por uma chancela institucional.

a cura de equipes de historiadores cuja função é estabelecer a versão oficialmente referendada pelas forças armadas. (p.16)

À vista disso, pode-se compreender a importância da história oral, de entrevistas, livros de memórias e diários, ferramentas essenciais para sobrepujar as limitações da documentação existente e assimilar o que foi de fato, a experiência de combate e vivência destes homens e mulheres no *front* italiano.

Ainda sobre a historiografia “oficial”, um segundo ponto deve ser apreendido.

A imprensa brasileira também foi enviada à Itália para fazer a cobertura da atuação dos brasileiros, contudo, foram enviados somente correspondentes de guerra e não correspondentes de combate. A distinção é que diferentemente dos jornalistas correspondentes de combate, os correspondentes de guerra não acompanhavam as tropas durante as missões no *front*. Coletavam as informações na retaguarda e nos quartéis gerais, o que poderia comprometer a autenticidade dos relatos.

Para mais, o governo controlava todos os meios de comunicação através do D.I.P. (Departamento de Imprensa e Propaganda) e os únicos jornais que não passavam pelo crivo da censura eram os pequenos jornais criados pelos próprios pracinhas e impressos na Itália. Era a imprensa alternativa da época. Logo, as crônicas dos correspondentes incorporados à F.E.B., Joel Silveira e Rubem Braga<sup>2</sup>, não serão consideradas neste trabalho, mesmo sendo precursoras ao abordarem o aspecto humano dos combatentes.

Os veteranos, que participaram de ações de combate, permaneceram em silêncio por alguns anos após o retorno ao Brasil. Entretanto, nas décadas de 1950 e 1960 quebraram a quietude e publicaram a maior parte dos livros relatando a experiência vivida.

Um dos veteranos pioneiros a utilizar a história oral como ferramenta, foi o jornalista e ex-integrante do Regimento Sampaio, Paulo Vidal. Seu livro, “Heróis Esquecidos” – uma coletânea de reportagens publicadas anteriormente no 2º Caderno da Tribuna – que será crucial para esta dissertação.

---

<sup>2</sup> Rubem Braga era correspondente do jornal Diário Carioca e Joel Silveira, dos Diários Associados.

Vidal (1960) foi extremamente cauteloso na escolha das narrativas e esclarece que “Todos os episódios ali retratados, antes de serem publicados, eram rigorosamente confrontados com documentos oficiais. O maior cuidado era o de não cometer injustiças ou exageros que terminariam por desmoralizar irremediavelmente as reportagens” (p. 16).

Até então, as publicações anteriores buscavam enobrecer a atuação da Força Expedicionária Brasileira e pouco falavam sobre os obstáculos que os “pracinhas” encontraram na Itália, as dificuldades de readaptação na vida civil e o descaso com que foram tratados quando as festividades do retorno cessaram.

Cabe salientar que, para criar a exposição itinerante serão selecionadas somente narrativas “originais”, ou seja, narrativas em que os “agentes de memória”<sup>3</sup> poderão ser identificados e nomeados. Posto isto, optar-se-á por não se utilizar relatos de obras romanceadas do período, mesmo que escritas por veteranos.

Seguindo o objetivo desta dissertação, serão selecionadas obras que referem-se a experiência individual vivida pelos combatentes<sup>4</sup>. Todavia, será imprescindível a consulta de livros que passem um enfoque geral do que foi a Campanha da Itália. Para tanto, destaca-se o livro “A F.E.B. por um soldado”, escrito pelo pracinha, Joaquim M. Xavier da Silveira, que apresenta cronologia ricamente detalhada do período, citada em momento anterior.

Outras obras que serão consultadas que possuem aspecto abrangente, serão “Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial”, de Francisco César Ferraz e “Cinquenta anos depois da volta”, de Octavio Costa. Livros pouco extensos e extremamente objetivos, que passam um panorama integral da participação brasileira no conflito mundial.

Para coleta de narrativas pessoais, diversos livros e filmes, mencionados na bibliografia deste trabalho, serão consultados. Contudo, evidenciam-se aqui algumas publicações e filmografias utilizadas:

- “Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial”, de Cesar Campiani Maximiano.

---

<sup>3</sup> O termo “agentes de memória” é definido e aprofundado no capítulo Introdução.

<sup>4</sup> As palavras “combatentes” e “ex-combatentes” são utilizadas nesta monografia de forma a generalizar a atuação de homens e mulheres que fizeram parte da Força Expedicionária Brasileira. Ou seja, homólogas a “veteranos” e não tencionam referir-se somente a função de homens da infantaria e artilharia.

- “Heróis Esquecidos”, de Paulo Vidal.
- “O Lapa Azul”, de Durval Lourenço Pereira.
- “Navalha: Um batalhão Brasileiro na Linha Gótica”, de Durval Lourenço Pereira.

Relativamente ao progresso dos estudos acadêmicos no decorrer dos anos, inicialmente os historiadores focaram-se mais em tópicos destinados à diplomacia e a política, distanciando-se da formação da F.E.B. e da experiência dos veteranos na Itália. O historiador Maximiano (2010), complementa: “Anteriormente, o debate era viciado na origem, pois partia de interpretações oficiais e oficiosas que também careciam de análise e abordagem comparativa” (p. 32).

Com o fim da ditadura militar, a década de 1980 trouxe uma série de trabalhos de revisionismo histórico, bem como uma expansão do debate teórico e historiográfico, principalmente em temas como a relação entre memória e história, abrindo espaço para novas abordagens sobre os ex-combatentes. (Maximiano, 2010; Ferraz, 2012)

Na década de 1990, o debate e análise de trabalhos paulatinamente produzidos nas universidades brasileiras e de pesquisadores autônomos enriqueceram ainda mais a produção historiográfica sobre a Força Expedicionária Brasileira. Deste período ressaltamos os trabalhos inovadores de: Carmem Lucia Rigoni, Francisco César Ferraz, Luís Felipe da Silva Neves, Fernando Lourenço Fernandes, Dennison de Oliveira, entre outros.

Sem embargo, o historiador Cesar Campiani Maximiano (2010), pondera:

[...] a influência politicamente correta colaborou para afastar o interesse na experiência do combatente e abriu bastante espaço para temas da moda como a ‘história do corpo’ ou ‘representações da masculinidade entre os convocados’. Parte da produção historiográfica atual faz parecer que a guerra se caracterizou mais por quiprocós simbólicos do que pelos banhos de sangue dos torpedeamentos de 1942 e pelos ferozes combates por Monte Castello e Montese. Em nome de maior diversidade em temas de pesquisa, os anos recentes obscureceram o interesse na experiência da guerra, que foi substituído por linhas de investigação que se pretendem capazes de prestar atenção às diferenças, mas que na prática revelam intolerância para com os trabalhos desalinhados da militância. (p.17)

De vital importância para o escopo desta dissertação, bem como para complementar a fundamentação teórica desta pesquisa, será o projeto “História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial”, que conta com oito volumes publicados em 2001 pela Biblioteca do Exército (BIBLIX).

O projeto, H.O.E.S.G.M., foi criado em 26 de outubro de 1999, através da Portaria Ministerial N° 583, sendo implementado em 02 de janeiro de 2000. O objetivo principal do trabalho, consistia em formar e organizar um acervo da história oral das Forças Terrestres Brasileiras que participaram do conflito direta ou indiretamente e disponibilizá-lo ao público – nomeadamente investigadores, professores e historiadores – para pesquisas e consultas futuras. Ademais, também buscou recuperar dados e informações sobre alguns acontecimentos.

Para além, o projeto destacou o período histórico, de forma a despertar o interesse e garantir que as gerações futuras tivessem fontes mais consistentes sobre a temática. (Motta, 2001)

O material foi concebido através de entrevistas em vídeos e áudios, seguidos de suas textualizações e transcrições, que seguiram metodologia específica<sup>5</sup> para serem realizados. A metodologia empregada nas entrevistas, utilizou como ponto de partida a história oral temática, ou seja, foram aplicados anteriormente questionários e perguntas prefixadas, realizadas pré-entrevistas ou planos de entrevistas, e o colaborador e entrevistador definiam juntos o tipo de interlocução a ser desenvolvida. Todos estes recursos tinham a finalidade de manter as narrativas ligadas ao tema central de interesse, explorando-o em sua totalidade.

É possível afirmar que o resultado deste projeto complementa os registros e documentos produzidos pelo Exército no período, como as partes de combate, relatórios, planos, ordens, etc., ou seja, o acervo documental existente ganhou um novo instrumento para sua interpretação e vice-versa. Isto é, evidenciou-se a intenção de reconstruir o passado também pelo resgate de experiências e vivências individuais, de mesmo modo, pretende-se atingir objetivo similar ao serem utilizados os relatos dos ex-combatentes como artefato na futura exposição itinerante proposta.

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre o processo metodológico abordado no projeto, consultar a fonte: História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. (Motta, 2001a, p. 12-20).

## **4 ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

O escopo principal desta pesquisa não está em discussões teóricas acerca da memória e esquecimento de veteranos de guerra, história oral, ou em argumentações relacionadas ao sistema político implementado no Brasil no período histórico estudado. No entanto, para uma melhor assimilação das narrativas dos pracinhas brasileiros e justificativa para a criação da exposição museológica proposta, cabem alguns breves apontamentos sobre os tópicos.

### **4.1 MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E SILÊNCIO**

Logo, este capítulo é iniciado com os depoimentos dos veteranos, Severino Gomes de Souza e Firmo G. de Carvalho:

Hoje, se há um desfile, os alunos riem, eles não entendem, 'olhem aqueles velhinhos desfilando!', achando graça na boina, eles não sabem quem são aqueles, eles não tem a menor ideia do sacrifício que o próprio país fez, a fim de que fôssemos para lá.

Muita gente aqui se sacrificou, muitas mães perderam os filhos, muitos perderam os pais na Itália<sup>6</sup>. (Motta, 2001b, p. 257)

Todo 7 de setembro a Associação desfila, né?! E eu ouvi diversos deboches do público. A gente desfilando e um dos sujeitos chamou a gente de bobos: - É.... Olha os bobos aí!

E eu ouvi isso na Av. Rio Branco... Ah! Mas doeu um bocado<sup>7</sup>... (Pereira, 2007)

---

<sup>6</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>7</sup> Relato do veterano FIRMO G. CARVALHO. Depoimento apresentado no documentário O Lapa Azul, 2007, do diretor Durval Lourenço Pereira.

Os ex-combatentes, referem-se a episódios que vivenciaram durante comemorações populares brasileiras, como a Independência do Brasil, quando são realizados desfiles e paradas cívicas, que incluem a participação das Forças Armadas, bem como veteranos de guerra, pelo país.

Cytrynovickz (2000), utiliza os eventos da mesma categoria que acontecem em São Paulo, SP - Brasil, para evidenciar esse distanciamento da população em relação à guerra. No caso dos paulistanos<sup>8</sup>, constata que eventos regionais, como a Revolução Constitucionalista<sup>9</sup>, são mais recordados do que a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Para o autor, relativamente a memória popular paulistana, no que refere-se a Força Expedicionária Brasileira, é estabelecida uma linha tênue entre um reconhecimento impreciso do 'tributo de sangue' dos pracinhas com declarações que aproximavam-se do escárnio. Afirma que para os paulistanos, os problemas cotidianos de países que envolveram-se na guerra, como os racionamentos, a superexploração do trabalho, aumento de taxas, a ausência de alguns produtos, foram mais notados, do que o fato de existirem brasileiros lutando além mar.

A história deste grupo de brasileiros, transformados em cidadãos-soldados<sup>10</sup> e enviados à Itália é marcada pelo esquecimento, não só "relativo às representações históricas, mas o esquecimento concreto, físico, material." (Ferraz, 2012, p. 38). Nota-se que o período histórico não teve grande peso na memória nacional do país, quicá do imaginário das gerações mais novas.

O historiador Maximiano (2010) acrescenta:

Para as gerações mais novas, a participação na Segunda Guerra Mundial parece estar temporalmente tão distante quanto a Independência do Brasil. A história dos episódios pelos

---

<sup>8</sup> Indivíduos naturais da cidade de São Paulo, SP, Brasil, são chamados de paulistanos ou paulistas.

<sup>9</sup> Trata-se do conflito civil de 1932 em que os Paulistas tentaram, através de um golpe militar, derrubar o Governo. O conflito mobilizou todo o país. Foram 80 mil homens do Exército e da Marinha, provenientes em sua maioria do Nordeste e do Norte, contra 70 mil paulistas. São Paulo rende-se em 1º de Outubro de 1932. (Schwarckz & Starling, 2015)

<sup>10</sup> Para o autor, "pela expressão cidadão-soldado entende-se o indivíduo que, ao prestar o serviço militar – na paz ou na guerra – por um determinado período à sua pátria, adquire a qualificação de sua cidadania por meio do 'tributo de sangue'." (Ferraz, 2012, p. 45) "[...] Aqui a expressão significa o recrutado nos meios civis, que por um período determinado presta seu serviço militar e, ao final deste, volta ao seu status civil, ficando incorporado na reserva da respetiva força armada." (Ferraz, 2012, p. 57)

quais passaram os veteranos da F.E.B., [...], soa tão intangível como o drama dos soldados brasileiros que chafurdaram pelo Chaco em perseguição ao Exército Paraguai<sup>11</sup>. (p. 17)

O silêncio que envolve a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, especificamente sobre a experiência da Força Expedicionária Brasileira, é um ponto que chama a atenção no desenvolvimento da pesquisa.

Sobre isso, Ferraz (2012) complementa:

Uma consulta a qualquer indicador da atividade historiográfica nacional, ou mesmo a qualquer amostra de materiais de ensino de História, deixa claro o esquecimento, o quase 'não estar na história' de um grupo de 25.334 pessoas, que formaram a única força combatente da América Latina no continente europeu, durante a Segunda Guerra Mundial. (p. 21)

O veterano Coronel Elber de Mello Henriques, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadilha de Ligação e Observação, evidencia através de seu relato a questão:

Em minha casa, para dar um exemplo, coloquei na parede da sala um quadro com 18 condecorações que me foram outorgadas, quadro bonito com medalhas lindas, medalhas até de ouro. Esta casa era muito frequentada por estudantes amigos dos meus filhos, acadêmicos de Medicina e de Direito.

Acontece que durante todo o tempo em que aquele quadro ali esteve, nenhum me perguntou o que era aquilo, sabe o que eu fiz? Retirei o quadro, com um protesto, mas retirei. A verdade é que falta cultura, patriotismo. E são rapazes corretos, cumpridores dos seus deveres, hoje são doutores<sup>12</sup>. (Motta, 2001d, p. 164)

---

<sup>11</sup> O autor refere-se à Guerra do Paraguai. O conflito também é conhecido como Guerra da Tríplice Aliança e ocorreu de 1865 a 1870. (Schwarcz & Starling, 2015)

<sup>12</sup> Relato do Coronel ELBER DE MELLO HENRIQUES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em junho de 2000.

O Brasil não possui um centro nacional de referência museológica e pesquisa sobre a participação na Segunda Guerra Mundial, no entanto, apesar do esquecimento da Força Expedicionária Brasileira na memória nacional, a F.E.B. manifesta-se de forma concreta, abundante e variada pelo território brasileiro através de museus, praças, monumentos, nomes de ruas, e etc.

Panteões ou arcos de triunfo, hermas e estátuas, marcos, placas ou obeliscos; de bronze, mármore, concreto ou granito; concebidos com talento artístico ou grotescos e bizarros; com dizeres ingênuos, pretenciosos ou expressivos, os monumentos aí estão pelo Brasil a fora, mostrando a eternidade da F.E.B. (Costa, 1995, p. 55)

O país possui dois museus de destaque, um em Curitiba - Paraná, o “Museu do Expedicionário” e outro no Rio de Janeiro, o “Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial”. Este último, um complexo museológico que conta também com um mausoléu onde encontram-se os restos dos soldados que tombaram na Itália.

Para Maximiano (2010) “[...] os dois museus citados, antes com acervos de padrão mundial, hoje são pálidos resquícios das potencialidades de ensino e pesquisa que apresentaram no passado.” (p. 30)

As associações de veteranos também empenharam-se no decorrer dos anos em criar pequenos museus organizados pelo país, com acervos realmente significativos sobre a Força Expedicionária Brasileira, todavia encontram-se em situação precária e boa parte dos acervos foram perdidos.

Conforme apontado anteriormente, diversos monumentos ligados ao tema estão espalhados pelo território brasileiro. Ao analisar a distribuição e número de monumentos que compõem a paisagem cívica das cidades do Brasil, Rosenheck (2008) relaciona o número de soldados mortos com o número de monumentos distribuídos pelo Brasil e chega ao resultado de “451 soldados mortos para 192 monumentos, ou seja 2,35:1, i.e., três monumentos para cada sete mortos<sup>13</sup>.” (p. 09). No que se refere

---

<sup>13</sup> Rosenheck (2008) adota a versão que indica um número menor de mortos para realizar a comparação. Para mais informações sobre os dados estatísticos dos mortos e feridos ver: Salun, A. O. (2004). “Zé Carioca” vai à guerra. *Histórias e memórias sobre a FEB*. Pulsar. Ver também Moraes, J. B. M. de. (1960) *A F.E.B. pelo seu Comandante*. Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias.

a esses artefatos culturais, pontuamos que nem todos homenageiam os soldados tombados, e sim os expedicionários de forma genérica. A tabela 1 abaixo apresenta a relação entre monumentos e elementos selecionados para a F.E.B., bem como sua distribuição pelas regiões do Brasil:

**Tabela 1**

*Distribuição dos monumentos e praças expedicionários por regiões.*

<b>Estado</b>	<b>Monumentos</b>	<b>% dos Monumentos</b>	<b>Praças</b>	<b>% de Praças</b>	<b>Relação entre monumentos e praças</b>
Norte	1	0,52%	372	1,57%	0,332
Nordeste	10	5,21%	2.945	12,43%	0,419
Centro-Oeste	3	1,56%	790	3,33%	0,469
Sudeste	135	70,31%	15.217	64,20%	1,095
Sul	43	22,40%	4.378	18,47%	1,212
Total	192	100%	23.702	100%	

*Nota.* “Entre a Comemoração do Passado e a Construção do Futuro: Os -Monumentos da FEB em seus contextos”, de U. Rosenheck, 2008, *Revista Militares e Política*, 3, p. 9 (<https://bit.ly/3vsw0RI>).

Copyright 2008 by Uri Rosenheck.

Diante disso, como justificar a quase inexistência de um período tão significativo na memória coletiva do país, um divisor de águas na história brasileira, mesmo com tantos recursos espalhados pelo Brasil? Não seria possível chegar a uma única conclusão à vista de uma questão tão complexa, mas é possível explorar aqui, de maneira breve, alguns pontos que podem ter contribuído para tal.

O ponto de partida a ser explorado, é analisar as ações do regime implantado no País à época, visto que podem ter tido forte papel no silenciamento da Força Expedicionária Brasileira na memória nacional.

No Brasil estava instaurado o Estado Novo - e como qualquer regime ditatorial - utilizava a censura como norte para beneficiar-se através do Departamento de Imprensa e Propaganda, o D.I.P., a agência responsável pela censura no país, não só criou a imagem do presidente Getúlio Vargas como pilar do Estado Novo, mas também manipulou a opinião pública a seu favor, criando uma versão própria do momento histórico que o país vivia.

O Estado Novo, como qualquer governo de força, dependia do consentimento da maioria da população. Aliás nenhum governo anterior a Vargas devotou mais esforços a tentar construir um aparato próprio para se legitimar e difundir seu ideário político. Tampouco se esqueceu do exercício sistemático e amplo da censura vista como peça fundamental de desmobilização e supressão do dissenso. [...] A agência interferiu em todas as áreas da cultura brasileira; (Schwarcz & Starling, 2015, p. 381)

O poder de manipulação da censura do Estado Novo, pode ser facilmente percebido quando analisa-se a construção e a desconstrução da imagem da Força Expedicionária Brasileira durante o regime. Inicialmente, quando o Brasil decide efetivamente lutar ao lado das Forças Aliadas, é criada a imagem do “Herói Nacional”.

Os pracinhas desfilam para o público, a população participa da escolha da canção oficial da Força Expedicionária, como destacado na reportagem abaixo, e o chefe da nação, Presidente Getúlio Vargas, despede-se pessoalmente dos primeiros enviados proferindo seu discurso patriótico, como vê-se na Figura 01 a seguir<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> No dia 30 de junho de 1944, Getúlio Vargas, despediu-se do 1º Escalão da F.E.B., que encontrava-se a bordo do navio americano *General W. A. Mann*. (Silveira, 1989)

**Figura 01**

A “Canção do Expedicionário” da F.E.B. – O Ministro da Guerra e o concurso da Rádio Tupi.



*Nota.* De “A Esquecida Canção Oficial do Expedicionário – autoria de Alda Caminha e Luiz Peixoto”, de A. Almeida, 2013. (<https://bit.ly/3AZmaYK>). Copyright 2021 by Andre Almeida.

A seguir o discurso patriótico proferido pelo Presidente Getúlio Vargas (1944) no embarque do 1º Escalão da Força Expedicionária Brasileira:

Soldados da Força Expedicionária!

O chefe do Governo veio trazer-vos uma palavra de despedida, em nome de toda a Nação Brasileira.

Sei quanto nos custa, a todos, este momento transcendente em que vos separais de vossos lares, do calor e do carinho dos entes amados. O destino vos escolheu para a missão histórica de fazer testemunhar, nos campos de luta, o pavilhão auriverde e responder com a presença do Brasil às ofensas e humilhações que nos tentaram impor.

[...] O Governo não descuidará um instante, no desvelo pelas vossas famílias.

Estejais tranquilos.

É com emoção que aqui vos deixo os meus votos de pleno êxito. Não é um adeus. É, antes, um 'até breve', quando ouvires a palavra da pátria agradecida. (Vargas, 1944, como citado em Brayner, 1968, pp. 89-90)

Com este tipo de ação, a imagem do "Herói Nacional" vai ganhando espaço entre a sociedade.

Quanto ao alcance do D.I.P., este não foi limitado pela distância geográfica da Itália. Ainda que seu desempenho não tenha sido tão forte, conseguiu fazer-se presente através das censuras das cartas trocadas entre os combatentes, seus familiares e amigos.

Todas as cartas passavam pelo crivo dos censores do Exército e os pracinhas seguiam uma espécie de regulamentação que os proibia de escrever sobre armamentos, localização, operações futuras, resultados das ações inimigas, efetivo, moral, críticas, eficácia, posições ou descrição dos quartéis ou acampamentos. De certa forma, evitar este tipo de assunto, era uma questão de segurança, mas também uma maneira que os pracinhas encontraram de proteger seus familiares da dura realidade da guerra. (Maximiano, 2010)

É comum encontrar depoimentos de veteranos afirmando que o primor dos censores foi exagerado, tanto que não tardaram a aparecer críticas nos jornais criados pelos pracinhas na Itália, que por ventura, conseguiram burlar o controle do D.I.P. Uma delas foi publicada no jornal "...E a cobra fumou!", na Edição de 7 de setembro de 1944 e dizia:

As 'preciosidades' da censura

Em uma carta recebida pelo Sargento Bugeli, podia-se ler o seguinte:

'... Você sabe que a mãe do Bebê ... Foi de repente...

(No espaço traçado havia um dos vácuos produzidos pela miserável tesourinha censuriana.)

É uma amostra do critério inteligente que norteia alguns dos encarregados de tão importante e delicada missão, e que dispensa qualquer comentário. (E a cobra fumou, 1944, como citado em Maximiano, 2010, p. 354)

Outros exemplos curiosos sobre a atuação da censura:

A esposa de um oficial escreveu dizendo que faria obra de reforma na cozinha da casa, dando o valor da obra. Como os números podiam ser um código, o valor foi censurado e o oficial ficou sem saber a quantia que a sua mulher gastaria. (Castello Branco, 1960, p. 348).

[...] As piores emoções ocorreram na Batalha de Montese, quando recebi uma carta da minha noiva e, na parte censurada, li a palavra morte. Lembro-me que chorei muito, pensando tratar-se de meu pai. [...] <sup>15</sup> (Motta, 2001a, p. 63)

As notícias da guerra chegavam ao Brasil através dessas cartas, que continham em sua maioria assuntos triviais, ou através das crônicas dos correspondentes de guerra. No entanto, as cartas eram censuradas a ponto de perderem o sentido e os jornalistas correspondentes de guerra, eram proibidos de ir ao *front* acompanhar os combatentes e coletar informações. Deste modo, com as cartas e as notícias dos jornalistas sendo fortemente censuradas, a imagem que a população construiu do evento e da atuação dos então, “heróis nacionais”, foi extremamente fragmentada.

Outro ponto importante a ser observado sobre a participação dos brasileiros no conflito, é que a luta pela democracia consolidava-se com a aproximação do final da Segunda Guerra Mundial e, ao mesmo tempo, a população brasileira também começava a conscientizar-se da contradição de possuir um regime ditatorial lutando por libertação e democracia na Europa. (Schwarcz & Starling, 2015)

Com o fim das hostilidades, os primeiros escalões da F.E.B. retornaram do *front* e foram recebidos no Brasil com grandes comemorações. Apesar de toda a bagagem traumática, retornou ao Brasil a única Divisão do Exército Brasileiro transformada pelo treinamento do Exército dos Estados Unidos e pela vivência real de combate. Com a experiência adquirida, o Exército pareceu dividir-se em

---

<sup>15</sup> Relato do Tenente-Coronel ANTÔNIO DE ANDRADE POTI, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

duas partes distintas: o “Exército de Caxias<sup>16</sup> – O ‘velho’ Exército”, composto por membros que permaneceram no país e o “Exército da F.E.B”, enviado à Itália.

Para Maximiano (2010), os grupos do Exército que não foram combater na Itália e dedicaram-se à defesa territorial do país, permaneceram ligados às tradições patriarcais em que as Forças Armadas eram um dispositivo de controle social. “Era uma organização militar muito diferente daquela formada por conscritos de todos os níveis sociais que lutara ao lado dos Aliados.” (p. 360)

Não obstante, com todas essas transformações e evoluções internas, a relação do Exército com o Governo não poderia ser mais a mesma.

Getúlio abriu a porta e os generais entraram. A partir de 1945, o Exército não era só uma instituição moderna, com armas, equipamentos e tropas condizentes; transformara-se numa instituição qualitativamente diferente e, em termos políticos, bem mais letal: uma força autônoma, intervencionista, convicta de ser a única em condições de formar uma elite bem treinada, com visão nacional e preparada para atuar na cena pública – e os militares iriam agir movidos por essa convicção nos quarenta anos seguintes da história republicana brasileira. (Schwarcz & Starling, 2015, p. 389)

Conseqüentemente, a resposta do Governo frente ao novo perfil do Exército que formava-se a sua frente, pode ter contribuído no processo de compreensão e silenciamento sobre a participação dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Naquele momento as Forças Armadas haviam adquirido uma voz mais ativa e a “evocação da F.E.B. como a vanguarda da democracia ganhava as páginas dos jornais, os noticiários das rádios e as ruas.” (Ferraz, 2012, p. 98) O que poderia justificar, a dissolução quase imediata da F.E.B. após o retorno dos combatentes.

Medida essa, contrária as discussões sobre o futuro promissor da Força Expedicionária Brasileira tratadas pelas autoridades militares americanas e brasileiras ainda em solo italiano. A intenção dos militares, exposta inclusive à imprensa, era aproveitar “o potencial da experiência da F.E.B. no

---

<sup>16</sup> Duque de Caxias, foi um “herói da guerra do Paraguai (1865-70) e principal figura militar do período imperial, Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880). Depois de sua morte o ‘Duque de Ferro’ foi elevado ao nível de patrono do Exército e sua vida apontada como exemplo a seguir.” (McCann, 1995, p. 321)

aperfeiçoamento futuro do ensino militar no Brasil, [...] e usar ao máximo a experiência das unidades da F.E.B. para reorganização e instrução do Exército.” (Ferraz, 2012, p. 91)

Os planos não foram concretizados. A desmobilização da FEB iniciou-se antes mesmo de toda a Força Expedicionária retornar ao País, com integrantes ainda em solo italiano. Os componentes que permaneceram nas Forças Armadas, foram distribuídos por quartéis pelo Brasil. “Com esse procedimento, a grande oportunidade de utilizar a F.E.B. como núcleo de treinamento do Exército Brasileiro foi total e irrecuperavelmente perdida.” (Silveira, 1989, p. 237)

Os veteranos Adhemar da Costa Machado e Adhemar Rivermar de Almeida, destacam suas experiências no pós guerra e ilustram a resistência dentro dos próprios quartéis no que concerne a F.E.B.:

Eram sete oficiais: dois capitães e cinco tenentes. Por pura circunstância cada um tinha uma especialidade diferente: um era fuzileiro; o outro metralhador; outro, anticarro; outro, era de minas etc. O batalhão recebeu então, uma mão-de-obra muito positiva, em experiência e especializações. Seu comandante era um brilhante coronel da época. Muito entusiasmado pelo adestramento, inclusive autor de livros sobre instrução militar; [...] mas nos recebeu da seguinte maneira: fomos para o gabinete de comando, ele fez o ritual normal do regulamento, deu-nos as boas-vindas, cumprimentou-nos pelo desempenho que tivemos na Itália e terminou a saudação com a seguinte advertência: ‘De hoje em diante ninguém fala sobre a F.E.B.’

E ali ninguém mais falou sobre a F.E.B. Ali não se aproveitou a experiência<sup>17</sup>. (Motta, 2001b, pp. 131-132)

Quando cheguei, pensava que teria uma função de acordo com meu curso de Estado-Maior e com a função, que, por tanto tempo, desempenhei na guerra. Não foi assim. Estava classificado no 8º RI, em Cruz Alta. Minha Unidade foi dispersada, os oficiais seguiram rumos diferentes. Como não era de meu interesse aquela classificação, após muita luta e a interferência do

---

<sup>17</sup> Relato do General-de-Exército ADHEMAR DA COSTA MACHADO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarrros do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Zenóbio, consegui retificá-la para o 2º RI, que era comandado pelo Coronel Nelson de Melo, que comandara o 6º RI na Itália.

Ao me apresentar a ele, no 2º RI, ele disse o seguinte: “Adhemar, vou lhe pedir uma coisa, esqueça que foi da FEB.” Eu, a princípio, não entendi o porquê do pedido, mas depois vi que ele tinha razão. A grande maioria do Exército não tinha sido febiano, por isso não gostava da FEB. Dizíamos que éramos os reis, que tínhamos sido escolhidos para ir para a FEB, que eles, coitados, não tiveram a oportunidade de ir<sup>18</sup>. (Motta, 2001f, pp. 108-109)

Ademais, providências imediatas foram tomadas para silenciar os ex-combatentes com o intuito de diminuir o impacto do retorno e evitar que falassem sobre a atuação da F.E.B. na Itália. Dentre elas, uma medida disciplinar interna<sup>19</sup> que os proibia de fornecer entrevistas ou declarações sem autorização prévia do Ministro da Guerra, ou avaliação das autoridades competentes. (Ferraz, 2012)

Claramente vemos o aparelho do Estado manipulando a memória do cidadão brasileiro. Em um primeiro momento evidencia um grupo de cerca de 25 mil pessoas elevando-o à categoria de “heróis nacionais”, para em seguida, inseri-lo em uma categoria de invisibilidade.

O depoimento de Nicola Cortês Neto, que atuou na F.E.B. como soldado municionador da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses, realça este ponto:

Quando embarcamos para a Europa, Getúlio Vargas, que era Presidente da República, foi ao navio e fez aquele discurso: “Meus irmãos, suas famílias não ficarão desamparadas, quando vocês regressarem terão isto, aquilo e tudo mais.” Voltamos em 1945, fomos desmobilizados e as promessas não foram cumpridas, alguns até morreram na miséria.

Não estou inventando isso, demoraram tanto a reconhecer o valor do pracinha brasileiro que, quando o fizeram, muitos companheiros já tinham morrido, devido à miséria e em consequência da própria guerra. [...] Cheguei a ver na Rua São Bento, no Centro, o Ronaldo ficar

---

<sup>18</sup> Relato do Coronel ADHEMAR RIVERMAR DE ALMEIDA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Operações e Comandante de Bateria de Comando do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2001.

<sup>19</sup> Aviso Nº 197-166. Reservado. Em 11/06/1945. Boletim Reservado do Exército, n. 6, p. 50 (AHEx).

batendo com as Medalhas de Campanha, sentado na calçada. Quem passava jogava uma moeda. Outro que esteve nos Estados Unidos comigo, o José Rubens, brasileiro, da cidade de Ilhéus, colocava as medalhas no chão, pois havia perdido as duas mãos durante a explosão de uma mina<sup>20</sup>. (Motta, 2001c, p. 245)

A manipulação da memória é uma das características principais de todo regime totalitarista, como o Estado Novo. Connerton (1999), nos diz que “a escravização mental dos súditos de um regime totalitário inicia-se quando as suas recordações lhe são retiradas” e completa: “o que horroriza nos regimes totalitários é não só a violação da dignidade humana, mas também o medo de que não fique ninguém que possa, algum dia, testemunhar corretamente sobre o passado” (p. 17).

Quanto aos ex-combatentes, não existiu passividade diante dessas imposições. Suas lutas continuaram intensas no Brasil. Lutaram para combater o esquecimento de seus papéis na história e por seus direitos básicos após o regresso, como o atendimento hospitalar, dado que o Governo e as Forças Armadas colocaram alguns em situação total de abandono.

O depoimento do veterano Natalino Cândido da Silva, registrado no documentário: “Navalha: Um Batalhão Brasileiro na Linha Gótica”, exibido no canal *History Channel/Brasil*, de 2016, ilustra o descaso com que foram tratados quando as festividades cessaram:

Nós fomos desprezados por todo mundo. Pelos próprios brasileiros, pelo próprio exército... também nos desprezou.

Chegava no quartel para perguntar qualquer coisa e você era escorraçado de lá como um cão.

Era assim ... não tinha direito a perguntar nada. É isso aí...

(Pereira, 2016)

---

<sup>20</sup> Relato de NICOLA CORTÉS NETO, que na F.E.B. atuou como Soldado Muniador da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

Para Connerton (1999) o silenciamento proposto por um regime totalitarista, é combatido por meio da escrita da história da oposição e também pelo uso da história oral dos grupos subordinados. Neste sentido, os pracinhas brasileiros tiveram papel ativo. Publicaram seus diários, romances históricos, poemas, compuseram músicas, forneceram entrevistas, criaram pequenos jornais ainda na Itália, organizaram associações e pequenos museus.

Veteranos de guerra naturalmente assumem-se, como “comunidade de memória”, isto é, uma comunidade ligada por sua experiência individual em acontecimentos que outras pessoas não fizeram parte. Sendo assim, juntamente com companheiros de outras unidades, familiares, amigos e até desconhecidos, interessados na construção e reconstrução de suas recordações, tornam-se “agentes de memória”. (Ferraz, 2012)

O depoimento do ex-combatente, Luiz Paulino Bomfim, publicado no livro *Barbudos, Sujos e Fatigados*, do historiador Cesar Campiani Maximiano, retrata em sua simplicidade, essa conexão entre veteranos. Neste caso, desconhecidos ligados por uma experiência em comum:

Conheci vários veteranos alemães e nunca tive problemas. Há muita coisa que os veteranos, não importa se aliados ou inimigos, falam entre si mas não na frente de quem não esteve em luta. O Bill Mauldin, no seu livro *Up Front*, diz que todos eles pertencem ao que ele chama de fraternal irmandade dos que andaram levando tiros, a mais exclusiva associação do mundo. Nela é aceito um SS da *Waffen-SS* mas um *partigiani* ou um *maquisard* não. Eles não eram soldados. Um mercenário ou um soldado da Legião Estrangeira também são excluídos. Você tem que ser um cidadão que, seguindo o que era o seu dever, se tornou um soldado. Adotou a conduta e a disciplina militar porque sabia estas serem necessárias, eram parte da sua vida como soldados<sup>21</sup>. (Bomfim, 2002, como citado em Maximiano, 2010, p. 209).

---

<sup>21</sup> Relato do veterano LUIZ PAULINO BOMFIM, fornecido por *e-mail* ao autor em junho de 2002.

Halbwachs (1990), sobre a conservação da memória, menciona a necessidade de pertencer a um grupo social para que os indivíduos possam obter, encontrar e rememorar as suas lembranças. E complementa:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. [...] é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.” (Halbwachs, 1990, p. 34)

Connerton (1999) exemplifica: “[...] se eu me lembro de alguma coisa, é porque os outros me incitam a lembra-la, porque a memória deles vem em auxílio da minha e a minha encontra apoio na deles.” (p. 41)

Já para Maximiano (2010), o fato de os pracinhas terem se conservado como grupo e a persistência de suas recordações, podem ser justificados pela vivência da violência da guerra, ainda que em sua maioria a participação no conflito tenha sido uma pequena parcela de suas vidas, visto que a maioria encontrava-se na primeira metade da casa dos vinte anos quando foram enviados. No pós guerra, não se deparariam com uma provação similar ao que viveram nos morros italianos e complementa:

A violência está na essência das memórias dos homens que participaram de guerras. É qualidade elementar da participação em uma guerra a vivência pautada pelo risco iminente de cessação da existência de forma abrupta e atroz. Inútil tentar compreender essas experiências ignorando como o derramamento de sangue foi fundamental para que as memórias de guerra permanecessem tão vívidas e o grupo de veteranos da FEB se mantivesse tão coeso por tantos anos. (p.24)

Aplicando essas perspectivas, os veteranos brasileiros, unem-se como comunidade de memória, movidos pela necessidade de permanecer e mantém-se ativos na luta contra o esquecimento, expressando-se de diversas formas, uma delas a história oral, sustentando-se no papel de agentes de memória no processo de construção e reconstrução de suas recordações. De outra forma, sem esta atuação expressiva no pós guerra, é possível afirmar que o silenciamento e o esquecimento do período poderiam ser ainda maiores.

Para Ferraz (2012), “no caso dos veteranos brasileiros, as ações de celebração e rememoração individual e coletiva tiveram de coexistir com a luta pela própria dignidade e sobrevivência material.” (p. 38)

O esforço dos pracinhas em perdurar é notório, no entanto, além do silenciamento estabelecido pelo regime, apontam-se outros fatores que podem ter contribuído para o alheamento dos brasileiros em relação à participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, como a quantidade de homens e mulheres enviados à Itália.

É possível assegurar que a proporção do número de convocados não afetou o cotidiano da sociedade brasileira a ponto de marcar a memória nacional.

Diferentemente, por exemplo da Grã-Bretanha, extremamente sensibilizada pelos constantes bombardeios alemães e pela ausência dos homens convocados, obrigando inclusive, que as mulheres assumissem seus postos de trabalho.

No documentário “*Women at War 1939-1945*”, disponível na plataforma de *streaming Netflix*, a situação da Grã-Bretanha é retratada:

[...] Teve de ser criado um exército de mulheres camponesas, para substituir, nos campos, os homens mobilizados. As mulheres alistaram-se nas Forças Armadas, guiaram ambulâncias, pilotaram aviões e fizeram a manutenção de veículos. As mulheres mantiveram as fábricas a funcionar todo o dia. Quer fosse no serviço civil para a proteção das pessoas, ou nas unidades militares de vigilância aérea e artilharia costeira, as mulheres estavam na linha de frente. (Béziat, 2015)

Na Europa, a violência da guerra fazia parte da rotina diária. Por esse ângulo, no Brasil, a guerra era assunto distante, apesar dos inúmeros afundamentos de navios mercantes em sua costa por submarinos do Eixo.

O comportamento da população brasileira no tocante aos conflitos, era marcado principalmente pelo distanciamento. A frente externa era marcada geograficamente pela distância e na frente interna, a guerra era percebida meramente pelo racionamento de determinados produtos ou pelo maior esforço dos trabalhadores com o aumento da produção nacional.

O então Chefe do Estado-Maior da F.E.B., Marechal Floriano de Lima Brayner (1968), registra em seu livro de memórias sua perspectiva acerca da visão dos brasileiros sobre a formação de uma Força Combatente destinada à lutar fora do país:

[...] Em síntese, o povo brasileiro acreditava muito mais no Carnaval e no Campeonato de futebol do que numa Força Expedicionária para lutar ombro a ombro com os aliados face a face com os alemães. Nosso povo não tem uma mentalidade guerreira, nem se julga sob a pressão de imperativos invencíveis para ir à guerra, fazendo sacrifícios de vidas preciosas, destruindo fortunas, enlutando lares, provocando conflitos emocionais e estremecimentos dentro dos seus próprios grupos sociais ainda em formação. É triste, mas é necessário recordar tudo isso. (p. 49)

Para o Estado Novo era extremamente conveniente que os brasileiros não notassem a guerra em seu cotidiano, visto que “qualquer forma de envolvimento na guerra poderia produzir repercussões perigosas para a sobrevivência do próprio regime.” (Ferraz, 2005, p. 21)

Ferraz (2005, 2012), sobre o envio de um número reduzido de combatentes e os problemas da reintegração de veteranos de guerra, complementa:

[...] eram pouco mais de 25 mil homens em uma população masculina de mais de 20 milhões, ou seja, 0,06% da população brasileira. Apenas a título de comparação, na Guerra do Paraguai 5% da população adulta combateu. (p. 50)

Quanto maior a parcela da população jovem masculina recrutada para as guerras, maior a necessidade da sociedade não combatente em tomar para si a resolução desses problemas. Inversamente, quanto menor a parcela de combatentes – e esse foi o caso dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial – maior o distanciamento da população. (p. 24)

Desta forma, a Segunda Guerra Mundial não estabelece-se entre os brasileiros como o maior evento traumático do século XX, ou como um ponto de referência histórico, como em outros países envolvidos no conflito. (Maximiano, 2010; Ferraz, 2012)

Ademais, é importante considerar entretanto, a preparação da nação para primeiramente enviar e, posteriormente receber, estes homens transformados pela guerra, lidar com sua desmobilização e retomada da vida civil. Isto é, compreender o relacionamento entre a sociedade e seus veteranos, além de seus papéis na criação histórica das memórias sociais da participação do Brasil no conflito mundial.

Quanto a isso, Silveira (1989) aponta que Oswaldo Aranha, o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, chegou a enviar uma carta ao Presidente Getúlio Vargas, ressaltando a importância de preparar o psicológico da nação para os conflitos. O que segundo o autor, “nunca ocorreu, nem antes, nem durante, nem depois da F.E.B.” (p. 57)

O próprio comandante da F.E.B., General J. B. Mascarenhas de Moraes (1960), aponta em seu manuscrito o descaso com que o assunto foi abordado pelas autoridades:

[...] a diversidade de ideologia política no grupo dirigente de nosso país e, mesmo, por vezes refletiam a fraqueza da liderança pela incapacidade de remover inúmeros obstáculos, quase sempre decorrentes do próprio estado de guerra. Uma das consequências dessa anomalia na esfera governamental, *foi o País ressentir-se da indispensável preparação psicológica para o conflito* [grifo nosso] que, célebre e dominador, se alastrara por todo o continente. (p. 9)

Segundo Silveira (1989) os ex-combatentes não receberam nenhum apoio para readaptarem-se à vida civil, ou qualquer assistência material e psicossocial, tão pouco o povo brasileiro foi orientado em como recepcioná-los com tantos transtornos pós traumáticos. Consequentemente, a falta de informação da sociedade, originou o preconceito de que todos eram portadores de neuroses de guerra. Desta forma,

foram considerados inaptos a realizar as atividades inerentes a um trabalho regular da vida civil, sendo parte do grupo assolado pelo desemprego.

Carrego na alma uma certa mágoa com relação à diáspora da FEB. A mesma atingiu mais fundo os “pracinhas”, soldados e sargentos convocados ou voluntários, todos os que não pertenciam à carreira militar. Excluídos do Exército, por força da desmobilização, tiveram assim cortados todos os vínculos. Para esses, a situação tornou-se mais dura. A desmobilização imediata não permitiu um planejamento adequado, para tirar melhor proveito da nova força de trabalho que retornava ao mercado. Pelo contrário, a dispensa, como foi feita, veio criar problemas de toda ordem, sobretudo psíquicos, o que inutilizou muitos dos componentes desses contingentes, que passaram à condição de inadaptados à vida civil, transformando aqueles que seriam elementos de produção em ônus para a sociedade.

A ordem de dispersão da FEB atingia indiscriminadamente a todos, não importando o posto. Essa diáspora teve seu lado positivo: os oficiais levaram o espírito da FEB onde foram servir.

O meu documento de baixa foi impresso em Milão, fui proibido de andar fardado, porém fui para casa e me fardei dois dias depois para ir a um almoço que uns amigos do meu pai me prestaram<sup>22</sup>. (Motta, 2001f, p. 196)

O depoimento de um soldado do 11º R.I., assim como dos ex-combatentes Leonilo Amaro de Mello e Raul Kodama, ilustram a intensidade dos traumas de guerra:

Quando eu voltei da guerra, tinha medo de dormir. Não queria dormir, porque toda noite iria estar novamente na guerra. Iria sonhar com a guerra! Toda noite, toda noite, toda noite, toda noite! Graças a Deus, passou isso tudo. Hoje, assisto filmes de guerra, não tenho problema

---

<sup>22</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

nenhum. Mas eu sofri muito, fiz tratamento de neurose, sofri demais. Mas ainda me dou por muito feliz, porque muitos companheiros meus tiveram consequências muito piores do que as minhas<sup>23</sup>. (Maximiano, 2010, p. 392)

Jamais me esquecerei aquele maldito estrondo, na manhã de 2 de fevereiro de 1945, em Bombiana. Desde aquele dia não sou mais o mesmo homem. Sofro de alucinações temporárias e nem sempre consigo dormir normalmente. Acordo banhado de suor, assustado, o maldito estrondo não me sai da cabeça<sup>24</sup>. (De Melo, s.d., como citado em Vidal, 1960, p. 189)

[...] quando cheguei da guerra, a minha família pensava que eu estava louco. Eu ainda fui parar no Hospital das Clínicas, aqui em São Paulo, como louco, mas é porque a gente viveu tudo aquilo, aqueles horrores da guerra, então a gente perde aquele sentimento humano. Isso é consequência da guerra, que com o passar dos tempos a gente vai voltando ao normal. Então, antes de me casar, eu pensava: como iria ser a minha vida.

Eu não podia ficar no meio de muita gente, de multidão, que me dava vontade de quebrar, de bater, era uma certa neurose que com o tempo foi passando. [...] <sup>25</sup> (Motta, 2001c, pp. 265-266)

Para mais, muitos gastaram o dinheiro recebido no retorno em festas e bebidas, além de envolverem-se em confusões com civis, alguns parando nas páginas policiais dos jornais. Surgiram os conflitos familiares, nos empregos e na sociedade. De heróis nacionais, passaram a ser considerados um ônus para a comunidade.

O Cabo Francisco Pedro de Resende, exemplifica a questão através de sua experiência pessoal:

---

<sup>23</sup> Relato de um soldado do 11º Regimento de Infantaria. Não identificamos informações adicionais sobre o mesmo em consulta à referência mencionada.

<sup>24</sup> Relato do soldado do 1º Regimento de Infantaria, LEONILLO AMARO DE MELO. Data da entrevista não identificada na fonte consultada.

<sup>25</sup> Relato de RAUL KODAMA, que na F.E.B. atuou como Motorista da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em setembro de 2000.

Quando a FEB foi dissolvida, nós fomos licenciados. Cada um buscou o seu destino neste Brasil afora. Ficamos sem emprego, jogados fora por mais de 19 anos. Muitos de meus companheiros, que tinham alguma neurose, começaram a se embriagar, a dormir pelos bancos das praças, vários, inclusive, morreram. Só depois desses anos todos, é que passamos a ser aproveitados nos Correios, porque empresa nenhuma queria dar emprego aos pracinhas, em face da nossa idade já avançada, alguns com sérios problemas psicológicos, iríamos, como falavam, só criar transtorno onde fôssemos<sup>26</sup>. (Motta, 2001f, p. 371)

Ainda sobre a relação veterano e sociedade civil, Beattie (2001) acrescenta:

A tradição de recrutamento forçado e a visão generalizada de que o serviço militar era mais um castigo do Estado do que uma prestação de serviço do cidadão contribuíram para fazer dos combatentes, e depois ex-combatentes, grupos desprezados ou mesmo temidos pela sociedade, habituada a ver, neles, os desordeiros revoltados ou a malta perigosa das ruas. (pp. 78, 172 como citado em Ferraz, 2012, p. 152)

Nesse contexto, a relação dos veteranos com a população civil em sociedades realmente marcadas pela presença da guerra, como na Europa ou Estados Unidos, com custos material, social e humano elevadíssimos para os envolvidos, foi criada em bases completamente diferentes.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o amparo foi maior e criaram uma agência, separada do Governo, para tratar especificamente dos problemas dos veteranos de guerra, a “Administração dos Estados Unidos para Assuntos de Veteranos”. O foco da agência era readaptar os homens à vida civil, para isto, asseguraram o acesso às universidades ou escolas técnicas, mutilados foram inseridos no mercado de trabalho e receberam apoio para adquirir carros adaptados, financiaram ou criaram condições para que os veteranos adquirissem suas próprias casas. Este tipo de postura também foi repetida em países que perderam a guerra. (Silveira, 1989)

---

<sup>26</sup> Relato de FRANCISCO PEDRO DE RESENDE, que na F.E.B. atuou como Cabo do 3º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

Em relação aos veteranos brasileiros Ferraz (2012) aponta que:

Diferentemente dos ex-combatentes de países da Europa e da América do Norte, que fizeram de suas expressões públicas movimentos sociais organizados (o que tornou possível a conquista de benefícios que traduziram o reconhecimento social), os veteranos brasileiros, cuja expressão numérica beirava à insignificância, pouco sucesso obtiveram em chamar a atenção da sociedade e do aparelho estatal para seus problemas e anseios. (p. 39)

Uma outra condição que pode ter cooperado com a marcha do esquecimento, mesmo diante de toda dedicação dos veteranos, é a velhice humana e a sua relação com a sociedade contemporânea industrial.

Segundo Bosi (1994), “todo pesquisador sobre a memória social deve ter para si, antes de mais nada, que seu objeto de pesquisa ou sua fonte documental é, em primeiro lugar, alguém marcado com o estatuto social da velhice numa sociedade que despreza ou esquece os idosos.” (p. 73)

No passado, a expectativa de vida era menor e a tradição oral um dos poucos meios disponíveis para difundir às gerações seguintes as vivências históricas, o conhecimento e a cultura da ancestralidade. O idoso, em seu papel social, era mais atuante do que na contemporaneidade.

A medida que os anos passam e a produtividade diminui, o “velho”, como sujeito social, vê a redução do espaço público para dividir suas experiências com as próximas gerações e recolhe-se no “recordar”. E o exercício da memória, já não encontra grande audiência e disposição, uma vez que a sociedade contemporânea possui uma infinidade de meios para obter informações e conhecimento. (Ferraz, 2012)

Nesse seguimento, convém vislumbrar também a relação do idoso com as novas gerações sob a ótica da experiência passada, isto é, como um jovem brasileiro contemporâneo entende e relaciona-se com um evento como a Segunda Guerra Mundial.

Para Connerton (1999), quando trata-se de conhecimento, amparamos as nossas vivências pessoais em um referencial anterior, para assegurarmos que são de todo compreendidas e acrescenta que:

[...] antes de qualquer experiência isolada, a nossa mente se encontra já predisposta com uma estrutura de contornos, de formas conhecidas de objetos já experimentados. Compreender um objeto ou agir sobre ele é localizá-lo neste sistema de expectativas. O mundo do inteligível, definido em termos de experiência temporal, é um corpo organizado de expectativas baseadas na recordação. (p. 7)

Quando avança-se por esta lógica, compreende-se que um jovem, ou a própria sociedade brasileira, não possuem em seu passado a experiência particular da vivência diária de uma grande guerra em seu país, não tiveram que lidar com a fome, violência, bombardeios, ou seja, não há referência passada para compreensão ou valorização do momento presente ou momento histórico em sua totalidade, sendo a guerra e seus veteranos um assunto distante de seu cotidiano.

Por outro lado, quando aplica-se o mesmo conceito à um jovem italiano, pode-se dizer que já existe uma memória social de guerra enraizada, desde a primeira grande guerra, o que de certa forma, facilita o processo de valorização e compreensão do período, sendo a narrativa desse século impensável sem ela.

No que tange à memória social, Connerton (1999) afirma que “as imagens do passado legitimam geralmente uma ordem social presente. É uma regra implícita pressupor uma memória partilhada entre os participantes em qualquer ordem social.” (p. 3) e complementa que:

Se as memórias que têm do passado da sociedade divergem, os seus membros não podem partilhar experiências ou opiniões. Esse efeito observa-se, talvez de forma mais evidente, quando a comunicação entre gerações é dificultada por diferentes conjuntos de memórias. De geração em geração, conjuntos diversos de memórias, frequentemente sob a forma de narrativas de fundo implícitas, opor-se-ão uns aos outros, de tal modo que, embora as diferentes gerações estejam fisicamente presentes, umas perante as outras, num determinado cenário, podem permanecer mental e emocionalmente isoladas, como se as memórias de uma geração estivessem, por assim dizer, irremediavelmente encerradas nos cérebros e nos corpos dos indivíduos dessa geração. (p. 3)

Nessa acepção, é possível afirmar que tanto os jovens, como a sociedade brasileira contemporânea, de maneira geral, não possuem um referencial anterior relativo a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, um período marcado na memória social pelo silêncio e esquecimento. Por conseguinte, a troca entre as gerações torna-se ainda mais complexa e difícil de ser apreendida visto que as memórias que tem do passado divergem entre si.

Podemos afirmar, deste modo, que as nossas experiências do presente dependem em grande medida do conhecimento que temos do passado e que as nossas imagens desse passado servem normalmente para legitimar a ordem social presente. (Connerton, 1999, p. 4)

Destarte, a queixa dos veteranos em relação ao descaso nos desfiles em que participaram retratada no início deste capítulo, é justificada quando analisada por estes ângulos. E conclui-se:

O envelhecimento que atinge a combatentes e a não combatentes diminui, porém, o peso social de seus pronunciamentos, enquanto que o crescente desaparecimento dos companheiros dilui-os cada vez mais na sociedade. Os historiadores das vidas e das memórias dos ex-combatentes em todo o mundo não estão, portanto, pesquisando apenas as representações sociais emanadas deles ou sobre eles: eles pesquisam uma categoria social em extinção, e que possui plena consciência disto. (Ferraz, 2012, p. 31)

## **4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA ORAL E AS NARRATIVAS DOS VETERANOS BRASILEIROS**

Conforme mencionado anteriormente neste trabalho, os relatos dos integrantes da Força Expedicionária Brasileira serão o escopo principal da exposição museológica itinerante.

Para Portelli (1997), a história oral pode ser definida como uma ciência e arte do indivíduo e considera que individualmente somos uma reunião de vasto “número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados.”

(p. 17) Esclarece que cada entrevista realizada para construção da história oral de determinado período ou acontecimento é notável, por ser diferente de todas as demais realizadas anteriormente, por serem únicas.

No entanto, Maximiano (2010) aponta que não é possível ignorar que este recurso, como fonte histórica, é alvo de críticas duras sobre sua fiabilidade, principalmente no que refere-se ao processo de reelaboração da memória e pelo fato de que possam existir narrativas “devaneadoras”, onde o indivíduo reestrutura suas recordações a seu favor.

Inclusive, parte dos ex-combatentes parece ter consciência da fragilidade de seus relatos. O veterano Doutor Silas de Aguiar Munguba, justifica em entrevista:

Indubitavelmente, o nosso homem, que esteve na guerra, tornou-se mais esclarecido, adquiriu novos horizontes. Cada um que chega aqui conta a história de sua vivência na Itália, às vezes, aparentemente contraditória à de um outro, mas não é. Exemplificando: um soldado, que tenha pertencido ao meu grupo, eu e ele sendo entrevistados, os fatos que ele narrar podem ser diferentes dos que eu contar. Por uma razão muito simples: em determinada situação, posso percorrer um itinerário e encontrar um alemão que me dá um tiro; aquele soldado vai seguir outra trilha e não esbarra com nenhum militar inimigo. Repare: na mesma guerra, há guerras diferentes, dependendo das circunstâncias em que cada um se encontra. Daí dizerem: esse pessoal mente muito; mas não se trata disso. Apenas a guerra em combatemos, uns e outros, mesmo do mesmo grupo, Pelotão, em qualquer escalão, deu, a cada homem, as oportunidades de experiências diferentes.<sup>27</sup> (Motta, 2001b, p. 99)

Esses pontos são válidos, contudo é necessário olhar para veteranos da Segunda Guerra Mundial com certa singularidade. Segundo o autor, por tratar-se de um evento muito bem documentado, as informações adquiridas através de relatos pessoais, podem ser confrontadas com detalhados registros e documentos do período, e exemplifica que é possível confirmar o cardápio do almoço de um certo

---

<sup>27</sup> Relato do Doutor SILAS DE AGUIAR MUNGUBA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

soldado em uma determinada data. Além disso, afirma que os depoimentos e textos fornecidos pelos ex-combatentes da F.E.B. tem como traços principais a modéstia e a honestidade.

Ferraz (2012) acrescenta que tratando-se dos ex-combatentes brasileiros “as lembranças dos veteranos dialogam com as pesquisas de jornalistas e historiadores, que falam deles e de seus feitos.” (p. 28)

Ademais, quando elege-se a história oral como escopo central da exposição museológica itinerante proposta, tenciona-se direcionar o olhar do visitante para a experiência vivida pelo combatente, sua percepção individual do que foi a guerra. O intuito é criar empatia e aproximação através da história oral, despertar a curiosidade e estimular a visita posterior aos museus e monumentos espalhados pelo território. Deste modo, a exposição museológica itinerante composta majoritariamente por narrativas é apenas um contato inicial com o tema, que pode ser corroborado com as demais fontes documentais encontradas nos museus, por exemplo.

Diante do exposto, justifica-se a escolha deste recurso com o argumento do historiador:

A validade dos depoimentos de veteranos não se esgota na exatidão de suas informações. As percepções que se formam depois da participação em uma guerra dizem mais sobre a natureza da experiência do que as informações acuradas sobre datas e pontos geográficos. [...] Algumas interpretações procuram sustentar argumento de que as memórias se configuram principalmente em termos de “representação”. Mas quem teve a oportunidade de ver um ferimento por estilhaço não se convence facilmente pela explicação de que a descrição da experiência vivida invariavelmente se confunde com “discurso narrativo”. Os veteranos achariam graça no que os teóricos da memória tem a dizer sobre a participação em guerras. (Maximiano, 2010, pp. 25-26)

Sobre a utilização da história oral e seu processo metodológico, Portelli (1997) argumenta que:

[...] enquanto as outras ciências sociais desempenham a indispensável tarefa de abstrair, da experiência e memórias individuais, padrões e modelos de memória que transcendem à pessoa, a História Oral, alia o esforço de reconstruir padrões e modelos à atenção e variações e

transgressões individuais concretas. Assim a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo depois de reunidos – a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido. Em última análise, essa também é uma representação muito realista da sociedade, conforme a experimentamos. (p. 16)

Quando busca-se a definição de memória, Henry Rousso (1996), apresenta uma das definições de maneira simplificada, “a memória é a presença do passado.” (p. 94 como citado em Ferraz, 2012, p. 27). Mas como o passado faz-se presente para os ex-combatentes?

No caso dos veteranos da Segunda Guerra Mundial nota-se que todos enfrentaram situações semelhantes no *front* e que o passado estabelece-se costumeiramente através do que convencionou-se chamar de “experiência traumática”. Ou seja, um conjunto de recordações chocantes que marcaram profundamente estes homens e mulheres como a exposição a condições climáticas extremas, falta de higiene, contato com a morte e cadáveres, ferimentos excruciantes, privação de sono por diversos meses e alimentação inapropriada a base de enlatados e conservas. (Maximiano, 2010)

Além das experiências traumáticas terem se firmado nas recordações dos ex-combatentes brasileiros, constatou-se também a existência de outros temas em comum nas narrativas selecionadas, tais como: descrições do entorno, a transformação da natureza pela ação dos combates e bombardeios, o batismo de fogo, as motivações para matar, o medo, a vida nas trincheiras, as patrulhas e a brutalização do homem na guerra. Assuntos inerentes ao dia a dia do conflito também despontaram nos relatos, como comida, higiene, reclamações de superiores, uniformes, relação com o exército americano e inimigos, música, lazer, o espírito de camaradagem entre os combatentes, entre outros.

É oportuno perceber que as memórias de veteranos de guerra não seguem uma linha regular quando expressam-se, seja em seus diários ou quando entrevistados. Este tipo de material não está inserido em um ambiente de narrativa comum e não seguem uma concepção de tempo linear, mas cíclica, podendo ser lido como epopeia popular e como pesquisa social ao mesmo tempo. Inicia-se pelo dia, depois a semana, o mês, a estação, o ano e pôr fim a geração – o grupo. “Eis aqui uma forma narrativa diferente, uma estruturação diferente de memórias socialmente determinadas.” (Connerton, 1999, p.22).

É importante apontar que a memória é social quando a concebida como um processo e não um repositório de dados, entretanto faz-se concreta apenas quando verbalizada ou mentalizada pelos indivíduos. Quando a memória é considerada um processo particular, que desenrola-se em um meio social dinâmico, servindo-se de mecanismos socialmente concebidos e compartilhados, ela permite classificar as recordações, neste caso, dos veteranos de guerra, como contraditórias, semelhantes ou sobrepostas. Contudo, de modo algum, é legítimo considerar as lembranças de dois indivíduos como rigorosamente iguais, ou seja, por mais que a memória seja configurada de diversas maneiras pelo meio social, o feito e a arte de recordar serão sempre profundamente pessoais. (Portelli, 1997)

Nessa acepção, enfatiza-se a essencialidade do indivíduo, a importância de cada relato exposto e o uso acertado da história oral na construção da memória dos ex-combatentes brasileiros.

Porém, nem todos os “pracinhas”, tiveram interesse em recordar e fixar a guerra em suas memórias. Muitos regressaram e recolheram-se no que denomina-se, silêncio pós traumático, e evitaram compartilhar as experiências com familiares e amigos.

Os depoimentos dos ex-combatentes, Antônio Corrêa e Antonio Cruchaki, mostram a resistência em lembrar certos eventos:

Não importa se o soldado matou um, dois, três, quatro ou cinco. Se ele foi para a guerra, logicamente ele matou. Mas nunca pergunte se ele fez isso, pois uma coisa que o soldado não gosta é de lembrar<sup>28</sup>. (Corrêa, 1994, como citado em Maximiano, 2010, p. 198)

A cabeça da gente muda muito. Não é fácil. Essa é a coisa mais difícil que tem e até hoje ninguém conseguiu terminar.

Aquele que não tem neurose de guerra, porque pouco sofrimento ele teve.

---

<sup>28</sup> Relato do veterano ANTONIO CORRÊA, que na F.E.B. pertenceu à 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1994.

Mas eu ... meu sofrimento... foi bastante que não dá para contar. Se desse para contar, eu contava, mas não dá para contar que a emoção bate e eu não quero morrer do coração<sup>29</sup>. (Pereira, 2016)

No livro de Paulo Vidal (1960), Heróis Esquecidos, o fuzileiro da 1ª Companhia, também do 11º R.I., Rubens Leite de Andrade, introduz seu relato destacando a dificuldade em revisitar suas lembranças:

*Não gosto de recordar o que aconteceu comigo na Itália. Abro agora uma exceção por acreditar que estas páginas poderão prestar inestimável e valioso subsídio à história militar do Brasil e da própria F.E.B. [grifo nosso]*

Também outro motivo me leva a falar: a oportunidade que agora tenho de poder ressaltar de público, a extraordinária dedicação do povo norte-americano, a sincera amizade e o grau elevado de solidariedade humana demonstrado para com os feridos brasileiros que para lá foram, em fase de recuperação. Ao povo norte-americano, em meu nome e no de centenas de soldados brasileiros, a minha gratidão. (p. 62)

Pode-se afirmar ante o exposto, que o modo com que os veteranos se relacionaram com seus familiares e amigos no pós guerra, também pode ter contribuído para a falta de percepção do que viveram os brasileiros na Itália, seja pelo silêncio pós traumático, ou pela dificuldade em narrar os eventos que participaram. Quanto a isso, Maximiano (2010) acrescenta:

[...] muitos daqueles que passaram pela experiência do combate relutam em abordar ou se negam a discutir o assunto com pessoas que não tenham, como eles, vivenciado uma situação de confronto bélico. Alguns veteranos manifestam receio de ter suas narrativas interpretadas

---

<sup>29</sup> Relato do veterano ANTONIO CRUCHAKI, documentado no filme Navalha: Um Batalhão Brasileiro Na Linha Gótica, de Durval Lourenço Pereira. Disponível na plataforma de *streaming* Vivo Play.

como bravatas, outros simplesmente se negam a recordar eventos traumáticos, alguns duvidam da capacidade do ouvinte de compreender os acontecimentos. (p. 221)

Em adição, o referencial da população brasileira no entendimento da guerra, e dos próprios pracinhas antes do embarque, eram os filmes sobre o tema exibidos nos cinemas, com cenas de aventuras, um único soldado combatendo vários inimigos, beijos apaixonados e o retorno triunfante para casa, o que poderia dificultar ainda mais a compreensão do que viveram os expedicionários. O depoimento do Sargento Naldo Caparica, retrata a perspectiva do que era a guerra para alguns pracinhas antes de serem enviados ao *front*:

Ninguém tinha ainda uma ideia clara da guerra. O que nos vinha à mente eram aquelas cenas hollywoodianas de combate sangrento, e todos sonhávamos a respeito do desempenho dramático e heroico que iríamos mostrar<sup>30</sup>. (Caparica, 1945, como citado em Maximiano, 2010, p. 110)

Os tipos de guerra enfrentadas pelos brasileiros na Itália, como a guerra de Montanha, em que os combatentes passavam mais tempo entrancheirados ou realizando patrulhas e que o contato corpo a corpo com o inimigo era raro, somados ao fato de que os veteranos tinham dificuldade em traduzir com emoção as experiências de combate, acabavam por transmitir a ideia aos ouvintes de que enfrentaram uma guerra branda, vencida, bem diferente do que viam nos cinemas e conseqüentemente, pouco memoráveis.

Entretanto, cabe salientar, que os tipos de guerra que os brasileiros lutaram estavam longe de ser sinônimo de violência reduzida e calma.

Para quem esperava atos heroicos e grandes aventuras, ouvir sobre o frio extremo, falta de higiene e outras dificuldades do cotidiano do confronto, podia ser decepcionante e pouco notável.

---

<sup>30</sup> Relato do veterano NALDO CAPARICA em Caparica, N. *"We Came from Brazil"*. Yank, Mediterranean Edition, 1945. (tradução do autor)

Relativamente a isto, durante a pesquisa, foram identificados diversos depoimentos em que os veteranos parecem empenhar-se em desconstruir essa imagem da guerra cinematográfica, na tentativa de se fazerem compreender, quando questionados sobre a realidade do conflito. Como a narrativa a seguir de Joaquim M. Xavier da Silveira (1963):

Aliás, a guerra não é heroica. Não é como em livros, ou em filmes. Não há bandeiras, nem tambores, nem cornetas com toques marciais, nem tampouco heróis condecorados, que voltam para casa e beijam a noiva. Ninguém sente vontade de ser herói, e quando pratica qualquer ato de bravura, o faz quase inconscientemente. O que há na guerra é sujeira, lama, frio, fome, cansaço de noites a fio sem dormir, medo da morte, sofrimento e monotonia, esta terrível monotonia de todas as guerras. A monotonia de cavar um 'foxhole' e ficar escutando aqueles ruídos surdos, ouvindo aqueles estrondos que não param nunca<sup>31</sup>. (p. 146, como citado em Maximiano, 2010, p. 395)

Não obstante, sobre as narrativas de combate, Maximiano (2010) elucida:

Narrados individualmente, episódios do gênero são bem menos impactantes do que aparentam. O cotejo de relatos fornece uma dimensão maior da situação, indicando que as agruras da linha de frente foram uma realidade amplamente compartilhada pelos combatentes. (p. 97)

Nessa lógica, acredita-se que a organização e reunião de um escopo formado por diversos relatos de veteranos brasileiros e sua exibição em uma exposição museológica, neste caso itinerante, podem gerar um impacto maior aos visitantes, fornecendo de fato, um aspecto ampliado do que foi a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>31</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria.

Por todo o martírio que viveram antes e depois da guerra e por terem lutado por uma pátria que os acolheu com despreço, eles merecem ser eternizados.

## **5 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA**

Para uma compreensão mais apurada dos relatos e narrativas dos ex-combatentes, torna-se imprescindível a apresentação da contextualização histórica do período. Todavia, é importante salientar que não tenciona-se aprofundar ou analisar os temas aqui apresentados, visto que a bibliografia sobre estes tópicos é bastante completa e a ideia é apenas situar temporalmente e identificar o enquadramento do objeto de pesquisa.

Com esse fim, discorre-se sobre o Brasil diante do conflito, a entrada efetiva do país na Segunda Guerra Mundial e a criação de sua Força Expedicionária. Para além, caracteriza-se brevemente o regime implantado, bem como o Brasil na década de 1940. Sobre isso, abordam-se as seguintes temáticas: sua economia, sua constituição demográfica, suas relações internas e externas, o processo de construção da identidade nacional e a situação de suas Forças Armadas.

### **5.1 O RETRATO DO BRASIL NA DÉCADA DE 1940**

O Brasil dos anos de 1940, vivia sob a sombra de um regime político ditatorial totalitário e conservador. Getúlio Dorneles Vargas, um gaúcho de São Borja, uma cidade do Rio Grande do Sul, no sul do país, assumiu a liderança do Brasil através de um golpe militar armado firmado por uma política de massas e apoiado pelas Forças Armadas.

Vargas fechou o Congresso Nacional, extinguiu os partidos políticos, implantou uma nova Constituição, impediu novas eleições e fortaleceu-se através de órgãos de controle, como o D.I.P. – Departamento de Imprensa e Propaganda, responsável pelas censuras, citado anteriormente neste trabalho.

Rouquié (2009) define o então Chefe da Nação, Getúlio Vargas, como “[...] o presidente que se tornou ditador, impôs limitações concretas como simbólicas ao poder dos Estados Federados” (p. 22). Entre as medidas para implementar o processo de centralização destaca:

Os governadores são doravante designados pelo presidente. Os estados não têm mais o direito de contratar empréstimos sem o acordo do governo central. As suas polícias militares, verdadeiros exércitos até então, são privados de artilharia e de aviação. A educação torna-se nacional, com a criação de um ministério federal, acontecendo o mesmo com a saúde pública. O recrutamento dos funcionários profissionaliza-se sob o controle de uma agência especial, o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP). (p. 22)

O Estado Novo, como foi intitulado o regime instaurado, teve longa duração, de Novembro de 1937 a Outubro de 1945. Apesar de receber o mesmo nome da ditadura imposta por Salazar em Portugal e de possuir alguns traços do fascismo europeu, esclarece-se que sua natureza era outra. Não se tratava de uma cópia dos regimes implantados na Itália, Espanha ou Portugal, era um governo autoritário, modernizante e pragmático. (Schwarcz & Starling, 2015)

A modernização do país foi um dos pontos mais explorados na ideologia do regime e Vargas “conseguiu infundir a ideia do progresso a qualquer custo em uma larga parcela da população.” (Maximiano, 2010, p. 324)

Graças ao esforço em transmitir e firmar seu ideário político, o Estado Novo encontrava grande apoio das massas. É possível compreender a aceitação popular à figura de Getúlio Vargas, quando direciona-se o olhar para a composição e situação do povo brasileiro no período estudado.

O Brasil dos anos 1940 possuía cerca de 40 milhões de habitantes, estes marcados em sua maioria pelo analfabetismo, por problemas sanitários, pela fome e desnutrição, altas taxas de mortalidade infantil, enfim, era um povo carente nos setores: educacional, econômico, sanitário e tecnológico. Um país com um quadro social drástico, que vivia sob as asas de um governo central forte, ditador, mas que se promovia-se entre as massas pelo populismo.

Na Era Vargas, 70% da população brasileira vivia distribuída em áreas rurais e somente São Paulo e Rio de Janeiro contavam com cerca de um milhão de habitantes em seu território. Por volta de

1940 o Brasil passou por um forte crescimento populacional e parte da população rural migrou para as áreas urbanas. As grandes cidades tiveram sua situação demográfica alterada por terem recebido um número significativo de imigrantes entre 1884 e 1943. (McCann, 1995) Todas essas mudanças, de fato, deram uma nova aparência as áreas citadinas.

As correntes combinadas de migrantes rurais e estrangeiros exerceram uma severa pressão sob as despreparadas áreas urbanas. Isso foi particularmente verdadeiro nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, que respondiam por mais da metade da produção nacional agrícola e industrial e possuíam cerca de 50% das ferrovias do Brasil. Os pobres rurais tornaram-se pobres urbanos espremidos em favelas fétidas do Rio de Janeiro e de São Paulo, desassistidos pelo governo e pelas organizações religiosas. (McCann, 1995, p. 25)

Neste período, o Brasil possuía uma distância enorme em termos de desenvolvimento e padrão de vida entre as áreas urbanas, como o Rio de Janeiro, e o interior rural. Todavia, mesmo diante das mudanças citadas acima, os cariocas<sup>32</sup> tinham o hábito de jocosamente se referirem ao resto do Brasil como o interior, mas “a verdade é que o interior podia ser visto nos morros e nas áreas pantanosas da Bahia de Guanabara.” (McCann, 1995, p. 28)

A situação social do Brasil interferiu diretamente na preparação e seleção da Força Expedicionária Brasileira, dado que é a partir deste povo sofrido que os cidadãos-soldados precisaram ser “peneirados” como será visto mais à frente nessa dissertação.

Economicamente, o cenário brasileiro também não era referência em desenvolvimento no início da guerra. O país dependia da importação de quase todos os produtos essenciais. Sua economia era sobretudo agrícola, não possuía industrialização considerável e era exportador em sua maioria de produtos primários. Grandes refinarias, hidrelétricas e siderúrgicas ainda não faziam parte da realidade dos brasileiros. O veterano, Octávio Pereira da Costa, que foi oficial de Informações do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, destaca suas impressões pessoais sobre o período:

---

<sup>32</sup> Como são chamadas as pessoas naturais do Rio de Janeiro – Brasil.

[...] tudo que tínhamos era importado. A nossa indústria praticamente, nada fabricava. Até os nossos garfos e colheres e a marmitta do soldado vinham do exterior. Indústria mesmo, não havia, como também empregos não eram gerados pelo setor secundário, definindo o quadro econômico e o quadro social da época, marcados pelo atraso, sob todos os aspectos<sup>33</sup>. (Motta, 2001e, p. 23)

Com o avanço do conflito, o Brasil entrou em um ritmo de valorização do produto interno, com o intuito de estabelecer uma indústria de base, posto que o risco da explosão de uma guerra mundial lhe restringiria o sistema de importações. Em paralelo, aconteceu um incentivo à industrialização que rapidamente foi associado à política nacionalista do Estado Novo. Era o momento de modernizar o Brasil e apresentá-lo ao mundo. (Fausto, 1999)

Em 1944, Vargas criou o Conselho Nacional de Política Industrial e Comercial para conduzir o progresso que planejava e acelerar o processo de modernização e industrialização do país. “O estado, virado empresário, colocou a indústria na primeira fila das suas prioridades.” (Rouquié, 2009, p. 107).

Apesar das grandes expectativas, o crescimento industrial entre a década de 1930 e a Segunda Guerra Mundial foi considerado pequeno. O conflito, na prática, trouxe para o Brasil uma fase de aumento da produção, mas não de expansão de sua capacidade produtiva. A produção industrial expandiu à uma taxa de 5,4% no período de 1939 a 1945. (Buescu, 1976; Figueiredo, 2007)

Na contramão desse cenário, destacou-se a extração de borracha. Com a invasão dos japoneses nos principais centros produtores de borracha da Ásia, os Aliados voltaram-se para o Brasil que, antes do conflito, tinha sua produção estagnada. Com o intuito de estimular e estruturar o envio do látex para os Estados Unidos, o governo norte-americano fundou a *Rubber Reserve Company*, que esperava receber do país cerca de 35 mil toneladas<sup>34</sup> do material por ano. Milhares de trabalhadores alistaram-se para a tarefa e foram enviados para os seringais da Amazônia. O esforço para ampliação da extração da borracha na Amazônia, ficou conhecido como a “Batalha da Borracha” e seus trabalhadores como

---

<sup>33</sup> Relato do General-de-Divisão OCTÁVIO PEREIRA DA COSTA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Informações do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>34</sup> Por fim, o Brasil não correspondeu com as 35 mil toneladas e acabou por enviar apenas 22 mil toneladas. A demanda foi reduzida drasticamente com o fim da guerra. (Ferraz, 2005)

“Soldados da Borracha”. A vida desses homens foi marcada por péssimas condições de trabalho, que beiravam a escravidão, doenças tropicais e todas as dificuldades que a floresta poderia oferecer, levando muitos a falecerem anonimamente na mata. (Ferraz, 2005)

Relativamente à economia e relações externas do país, é possível afirmar que a neutralidade que Vargas soube gerir entre países Aliados e do Eixo favoreceu o Brasil de maneira geral, por um bom período de tempo. A importação e exportação de produtos de ambos os lados foi uma constante até a entrada efetiva do Brasil na Segunda Guerra. O Brasil ora flertava com os interesses alemães, ora com os Estados Unidos. Um exemplo é a relação mantida com a empresa *Krupp*, alemã, e com a *United Steel*, norte americana. Vargas, tirava partido da rivalidade entre Aliados e Eixo e, por fim, negociava com quem lhe oferecesse melhores condições.

Contudo, a dependência econômica e tecnológica do Brasil com inúmeros países ao redor do mundo era evidente, inclusive na infraestrutura de diversas cidades. Como exemplo, podemos citar a situação do Rio de Janeiro em 1942 e que, de certa forma, refletia também o cenário do restante do País.

*A Brazilian Traction Light and Power Co. Ltd. of Canada* fornecia energia elétrica, gás artificial e serviços de bondes. Uma empresa britânica, *Wilson & Sons Ltd.*, importava a maior parte do carvão para o Rio da *Wales and West Virginia*, enquanto a *Standard Oil, The Caloric Co., The Texas Co.*, e a *Anglo-Mexican Petroleum* forneciam petróleo dos campos da Venezuela, México e Estados Unidos. [...] A comunicação telegráfica com o resto do mundo seguia pelos cabos da *British Western Telegraph Co., The American All – America Cables and Radio, Inc.* e da *Compagnia Italiana dei Cavi Telegrafici Sottomarini*. O investimento estrangeiro tinha produzido lucros até em serviços de esgoto; a *British Rio de Janeiro Improvement Co., Ltd.* vinha recolhendo o esgoto dos bairros velhos da cidade desde 1857. (McCann, 1995, pp. 297-298)

Curiosamente, a tropa expedicionária brasileira precisou por diversas vezes esclarecer aos militares aliados e civis italianos as contradições que envolviam a economia brasileira nos setores de importação e exportação, como por exemplo, o porquê do café consumido ser de procedência americana, sendo que o Brasil era notadamente conhecido como um dos principais produtores mundiais da bebida. (Maximiano, 2010)

Para além do foco em industrializar o Brasil, o Estado Novo dedicou-se à construção de uma forte identidade nacional. Era primordial criar a imagem adequada do país perante o mundo.

Foi neste período que símbolos considerados hoje como sendo brasileiros, como a capoeira, o turbante da baiana, o morro carioca, a feijoada, o candomblé, atributos anteriormente associados aos escravos africanos, passaram por um processo de “desafricanização”, para tornarem-se referências brasileiras, ou seja, a mistura ora vista como inferioridade, passou a ser motivo de enaltecimento e autenticidade.

O Estado Novo forneceu régua e compasso a esse esforço de construção de uma nacionalidade triunfante, sustentada numa ponta, pela crença na autenticidade da cultura popular e, na outra pela mistura heterogênea de elementos culturais originários de várias regiões do país. [...] o brasileiro nasce, portanto, onde começa a mestiçagem. (Schwarcz & Starling, 2015, p. 383)

A cena da mestiçagem recebeu novos adjetivos, agora era “exótica” e passou a ser produto de exportação a ser explorado internacionalmente. A cantora e atriz, Carmem Miranda, é exemplo desse processo. Chegou a apresentar-se em Nova York e conquistou a *Broadway*, tornando-se uma das artistas mais bem pagas de *Hollywood*.

Simultaneamente a isto, os Estados Unidos conscientes dos possíveis avanços do Eixo, intensificaram um programa de aproximação cultural, a Política da Boa Vizinhança. O programa criado anteriormente à guerra, estimulava o Pan-americanismo e além do campo cultural, abrangia também os campos econômicos e diplomáticos.

Contudo, por mais que se apresentasse como uma via de mão dupla, na verdade a política de ‘boa vizinhança’ consistiu na disseminação unilateral de valores e produtos de consumo norte-americanos. [...] A essência de todos os programas de intercâmbio era clara: os norte-americanos eram aqueles que ensinariam os irmãos latinos a crescerem e se desenvolverem como nações, [...] (Ferraz, 2005, p. 31)

Era o *American Way of Life* que chegava ao Brasil, substituindo o modelo europeu que em um tempo anterior era indicador de civilidade para as elites das grandes cidades do país.

Os objetivos da política externa norte-americana neste período, foram além do campo cultural, da disseminação de seus valores ideológicos e inserção de seus produtos no Brasil. Com a iminência da guerra, era imprescindível reduzir o espaço das relações comerciais com outros países europeus, revogar as influências do Eixo no continente, desenvolver a integração econômica em favor dos Estados Unidos e certificar uma liderança política sem contestações nas Américas. (Ferraz, 2005)

Posto isso, em agosto de 1940, os Estados Unidos fortaleceram os laços com o Brasil e instalaram no Rio de Janeiro, o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, mais tarde conhecido como “Birô Interamericano”.

Suas funções eram promover medidas para estimular a recuperação das economias da América Latina e produzir programas de educação, cultura e propaganda que disseminassem os valores norte-americanos de maneira a garantir não apenas a proeminência política, econômica e militar dos Estados Unidos, mas também a cultural. (Ferraz, 2005, p. 30)

Com a política da boa vizinhança, Roosevelt criou um novo relacionamento com os países do continente americano e concomitantemente cooperou com a divulgação do Brasil e outros países das Américas no exterior. Para isso, utilizou como recurso o cinema e produziu uma série de filmes, como por exemplo “Já aconteceu em Havana”, focando em Cuba e “Você já foi à Bahia?” e “Alô amigos”, que focavam no Brasil.

O Major John William Buyers, que atuou na 2ª Guerra Mundial como Oficial-de-Ligação norte-americano junto ao Primeiro Grupo de Aviação Caça da Força Aérea Brasileira, mostra através de seu relato que por vezes, apesar da divulgação, o conhecimento sobre o Brasil era mesmo restrito.

Meus pais eram de origem norte-americana, missionários da Igreja Metodista. Quando eu era muito moço nós morávamos aqui no Brasil e em algumas ocasiões voltávamos para os Estados Unidos porque o meu pai ficava por cinco anos no campo das missões e tinha direito a um ano de férias por lá. [...]

Terminados os meus estudos universitários resolvi me apresentar numa junta examinadora para ingressar na força militar; [...] Éramos voluntários assim como todo piloto americano. [...]

No dia 20 de abril de 1942 fui declarado 2º Tenente-Aviador da Força Aérea norte-americana.

Eu sempre dizia que falava o português; quando me formei como 2º Tenente foram pedidos sete voluntários que soubessem falar espanhol e eu já estava na lista porque o que existia era o espanhol (a capital do Brasil, para eles, era Buenos Aires)<sup>35</sup>. (Motta, 2001g, p. 222)

É possível afirmar que a identidade brasileira apresentada através desses artifícios, como os filmes mencionados acima, de fato trouxeram o Brasil ao cenário mundial. No entanto, em um primeiro momento, acabaram por interferir na relação entre combatentes aliados e brasileiros, uma vez que os americanos possuíam uma ideia pré-concebida de como deveria ser o Brasil e seus habitantes.

A revista *Yank*, da imprensa oficial do Exército Americano, descreve o soldado brasileiro de maneira peculiar em reportagem<sup>36</sup> sobre a chegada dos pracinhas ao *front* italiano:

(...) O soldado brasileiro fuma um charuto ou cigarro preto, pois ele acha que o 'Chesterfield' tem gosto de perfume' e ele está preparado para qualquer tipo de combate. O seu porte não corresponde à dura resistência física que ele adquiriu treinando nas selvas do seu país. (...) Em alguns casos, os homens estão calçando sapatos pela primeira vez em suas vidas (...) Os cinco tipos de uniformes brasileiros variam na tonalidade, mas a cor é sempre verde. Tudo é verde. Cintos e mochilas de lona são verdes. Cobertores são verdes. Até o sabão do soldado é verde. (...) (Cook, 1944, como citado em Maximiano, 2010, p. 294)

---

<sup>35</sup> Relato do Major JOHN WILLIAM BUYERS, que durante a Campanha Italiana atuou como Oficial-de-Ligação Norte-Americano junto ao Primeiro Grupo de Aviação de Caça. Entrevista concedida em junho de 2001.

<sup>36</sup> Cook, J. (1944, Outubro 6) *GIs from Brazil*. *Yank*. *Mediterranean Edition*.

Não é cabível o julgamento da visão do redator da *Yank*, Cabo Jud Cook, pois as referências que possuía do Brasil eram restritas a imagem de uma dançarina com a cabeça enfeitada com frutas e um papagaio que usava um chapéu de palha<sup>37</sup>. (Tota, 2000)

Diante de reportagens como estas, os pracinhas brasileiros utilizavam o jornal desenvolvido por eles, o “... E a cobra fumou!”, para rebaterem este tipo de estereótipo. Abaixo destaca-se um exemplo de resposta a uma reportagem publicada em outro jornal americano, o *Star and Stripes*:

O repórter cita também um sargento americano de ligação, que acompanhou a tropa, o qual declarou haver ouvido a bordo índios brasileiros cantar o “Deus salve a América” em ritmo de samba, acompanhados pelos tan-tans das selvas! Devemos culpar o nosso sol tropical por provocar em alguns dos nossos bons amigos americanos excessos de imaginação como esse?<sup>38</sup> (E a Cobra Fumou!, 1944, como citado em Maximiano, 2010, p. 295)

Deveras, os brasileiros não ficavam confortáveis ao serem caracterizados como um exótico contingente tropical e preferiam ser vistos como uma força de combate eficiente, mesmo que vagamente estivessem versados sobre as limitações de sua pátria. (Maximiano, 2010)

Já nas altas patentes militares, o foco no êxito e em conquistar a aprovação dos norte-americanos dava-se não só pela preocupação com suas carreiras pessoais, mas tinham ciência que o fracasso poderia influenciar a honra e posição futura do Brasil no cenário mundial. (McCann, 1995)

Claramente, as motivações para manter uma postura patriótica poderiam diferir dentro dos diferentes escalões da F.E.B. No entanto, era evidente a necessidade das Forças Armadas, e do próprio Governo, de firmarem mundialmente a imagem de um Brasil respeitável e principalmente, digno de investimentos.

---

<sup>37</sup> O autor refere-se à atriz e cantora Carmen Miranda e ao personagem de desenho animado, Zé Carioca. Para Zé Carioca, ver: Castro, R. (2012, Novembro 25). Nascido no Copacabana Palace, Zé Carioca completa 70 anos. *Serafina*, Folha de S. Paulo.

<sup>38</sup> “Neurastêmico”, ... E a Cobra Fumou! Estacionamento em Ca D’Orsino. (1944, Novembro 10).

## 5.2 A ENTRADA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Em 1º de setembro de 1939 eclodiu a Segunda Grande Guerra Mundial e, enquanto pode, Getúlio Vargas, manteve o Brasil em uma posição neutra em relação aos países do Eixo e Aliados durante o conflito.

A preocupação com a segurança continental americana já era discutida internamente muito antes da Europa caminhar efetivamente para o segundo grande conflito mundial. Em 1936, as nações americanas já haviam se reunido em Buenos Aires, Argentina, para criar um sistema de consulta para o caso de ameaça à paz no território<sup>39</sup>.

Com a chegada da guerra, muitos países do continente optaram por uma postura pacifista e o Brasil foi um deles. A escolha pela neutralidade foi exposta no início de outubro de 1939, na Conferência de Chanceleres do Panamá. Tal posicionamento respaldaria os princípios considerados modernizantes do regime implantado no país. Existia o primor em buscar soluções que priorizassem o auto interesse nacional, isto é, o foco era garantir as melhores opções possíveis para o desenvolvimento do país diante do conflito.

[...] as autoridades brasileiras manobram durante os meses de 1940 para aumentar o seu poder de barganha tanto com a Alemanha quanto com os Estados Unidos, na expectativa de escolherem um curso de ação que as colocasse no lado certo, *pouco importando quem ganhasse a guerra* [grifo nosso]. (McCann, 1995, p. 148)

Desde o início do Estado Novo, Vargas discursava sobre os avanços que vislumbrava para o território brasileiro, o conceito era transformar “as riquezas potenciais do Brasil em recursos reais”. Falava em equipar as Forças Armadas e a Marinha Mercante, investir nas malhas de transporte, ampliando ferrovias e estradas, modernizar os portos e pretendia estender as áreas de atuação do transporte aéreo. E entre tantas outras propostas de progresso, destacava a importância de implantar

---

<sup>39</sup> Conferência Interamericana de Consolidação da Paz.

uma grande siderúrgica no país, que era rico em minério de ferro, com a finalidade de: “criar os instrumentos de nossa defesa e de nosso progresso industrial.”<sup>40</sup> (McCann, 1995)

Diante de tantos planos de modernização e avanço, eram imprescindíveis a aplicação de capital estrangeiro no Brasil e o cuidado em manter uma boa relação internacional. “A guerra poderia ser, assim, o ‘atalho’ para o desenvolvimento econômico e social de um país profundamente carente.” (Ferraz, 2005, p. 16)

Os planos de reequipar as Forças Armadas conduziram o Estado Novo a fazer negócios com diversos países, fossem membros do Eixo ou Aliados. Os Estados Unidos muitas vezes não encontravam-se no topo da lista de acordos comerciais, posto que nem sempre era possível arcar com os valores e condições de pagamento fixados pelos norte-americanos. No âmbito militar, por exemplo, o Brasil direcionou suas compras para a Europa, comprando artilharia da Alemanha, belonaves da Inglaterra e Itália, e armamento de infantaria da Tchecoslováquia. E ainda assim, fechou a compra de material para construir contratorpedeiros e algumas aeronaves com os Estados Unidos.

Em julho de 1940, o Brasil participava de mais uma Conferência de Chanceleres, agora em Havana, afirmando novamente sua conveniente neutralidade. Nesta conferência, bem como nas anteriores, “a participação norte-americana teve o objetivo de ampliar o pacto de segurança continental e garantir uma ‘neutralidade’ favorável aos seus objetivos estratégicos.” (Ferraz, 2005, p. 29)

Embora mantivesse a neutralidade política e econômica com os países envolvidos no conflito, internamente o governo brasileiro possuía outro quadro. Os principais líderes militares do Brasil, os generais Eurico Gaspar Dutra e Góes Monteiro, tinham tendências germanófilas. Um dos motivos era por desconfiarem que os Estados Unidos não forneceria imediatamente os equipamentos que o exército tanto necessitava caso o Brasil fechasse negócio com eles, enquanto que os alemães mostravam maior disponibilidade nas negociações e nos planos de execução da tão sonhada siderúrgica de Vargas. Já o Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, era pró Aliados e temia o crescimento da influência nazista no sul do país e as possíveis linhas antidemocráticas dos líderes militares brasileiros.

---

<sup>40</sup> Discurso registrado no Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro em 24 de dezembro de 1937. (McCann, 1995, p. 58).

Num momento em que não estava claro quem ganharia a guerra e a ofensiva nazista na França havia sido arrasadora, Vargas via a neutralidade como um estratégia de aproveitamento máximo das circunstâncias; *comercializava com ambos os lados, para exasperação do estreito núcleo decisório de seu governo, uns favoráveis aos aliados, [...] e outros francamente germanófilos, [...] [grifo nosso]* (Schwarcz & Starling, 2015, p. 389)

A divisão de posicionamento não era observada somente entre os militares de alta patente. Nos relatos abaixo, de Octávio Pereira da Costa e Domingos Ventura Pinto Jr., é identificada essa dualidade entre a tropa e a necessidade do ex-combatentes de documentar que optaram pelo lado dos Aliados no conflito:

Havia os entusiastas das *'blitzkrieg'* alemãs e havia os irredutíveis na defesa da democracia e da liberdade, sendo que estes eram a maioria. Lembro-me perfeitamente de que, em 1940, cito esse fato para bem exemplificar o panorama existente dentro das Forças Armadas, o Corpo de Cadetes foi chamado para assistir a uma apresentação de filmes de origem germânica trazidos pelo Adido Militar da Alemanha no Brasil, que faziam apologia do seu país em guerras. [...]

Quando os cadetes, que a princípio assistiam àquilo com grande perplexidade e curiosidade, viram claramente configurado de que se tratava de filmes de propaganda, desencadeou-se ensurdecadora vaia, verdadeira pateada. Cabe registrar, portanto, que o Corpo de Cadetes de Realengo, em 1940, protestou violenta, e até de certa forma indisciplinadamente, contra aqueles que haviam trazido o Adido da Alemanha para exibir filmes de propaganda de guerra<sup>41</sup>. (Motta, 2001e, p. 24)

[...] os brasileiros estavam acostumados a ver no cinema a rigidez do Exército Alemão, a postura dos seus soldados, o 'passo de ganso', que muito impressionava, tanto os civis quanto os militares. Bem me lembro, lá no meu Regimento, no meu 11º R.I., onde servia nessa ocasião,

---

<sup>41</sup> Relato do General-de-Divisão OCTÁVIO PEREIRA DA COSTA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Informações do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

tínhamos cerca de 30% ou 40% de elementos que eram favoráveis à Alemanha, eram chamados germanófilos. Mas eles mesmos deixaram de sê-lo, quando notaram, na segunda invasão, na Europa, [...], que a Alemanha queria tomar conta do mundo.

Então o ambiente melhorou, o pessoal começou a sentir que a Alemanha era um perigo para o Brasil e para a América, [...]. Mudou o entendimento, que passou a ser favorável aos aliados.<sup>42</sup> (Motta, 2001a, pp. 53-54)

Se as lideranças militares brasileiras mostravam certa desconfiança em fechar acordos com os Estados Unidos, a recíproca também era verdadeira. A cautela e a delonga em negociar com o Brasil também aconteciam por terem ciência da disposição germanófila desses militares e pelos discursos públicos de Vargas<sup>43</sup>, que por vezes indicavam sutilmente a tendência em aproximar-se do Eixo. Ademais, a morosidade na definição das negociações também acontecia, porque os Estados Unidos dependiam de capital norte-americano do setor privado para financiarem a siderúrgica no Brasil.

Pode-se afirmar que o estranhamento causado pelos discursos de Vargas, não era uma exclusividade dos norte-americanos. A margem para dupla interpretação dos mesmos também foi notada dentro do próprio país. O veterano Rubens Mário Brum Negreiros, relembra:

Outro episódio, também muito sintomático, que tenho guardado na memória, foi um discurso que o Presidente da República, na época Getúlio Vargas, fez a bordo de um cruzador, no dia 11 de junho, dia comemorativo da Batalha Naval do Riachuelo – no qual ele atacou a democracia. Disse que estava ultrapassada e que o mundo se voltava para um novo sistema de governo e, embora não tenha afirmado, claramente, insinuava que era o adotado na Alemanha e Itália. Não é preciso dizer que, na época, houve uma reação grande, inclusive, contra o Presidente – como eu ressaltai antes, havia, dentro do governo, grupos favoráveis à democracia – obrigando-o, em

---

<sup>42</sup> Relato do General-de-Divisão DOMINGOS VENTURA PINTO JÚNIOR, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Obuses de 105mm do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>43</sup> Como exemplo, podemos citar o discurso que fez para os oficiais das Forças Armadas, a bordo do cruzador Minas Gerais, em 11 de junho de 1940, no qual “Vargas anunciava que o futuro pertenceria aos Estados Fortes, livres do liberalismo estéril.” (Ferraz, 2005, p. 18) Os EUA entenderam que tratava-se de apoio aos regimes fascistas europeus.

uma outra solenidade, alguns meses depois, a fazer um novo discurso, esclarecendo aquelas dúvidas ou incertezas que deixara. [...] Isso caracteriza bem a posição de neutralidade do país, mas havia tendências, dentro do próprio governo para os dois lados.<sup>44</sup> (Motta, 2001a, p. 32)

Os discursos imprecisos do presidente Vargas, de fato despertaram certa inquietação nas autoridades e nos estrategistas norte-americanos. Por fim, temendo um posicionamento a favor do Eixo, ponderaram que o acordo para a construção de uma siderúrgica e fornecimento de armamento para as Forças Armadas brasileiras, não eram um preço tão alto a ser pago. As vantagens estratégicas compensariam o esforço, e para tal, em Setembro de 1940, os Estados Unidos firmaram um acordo de quarenta milhões de dólares para a futura construção da Siderúrgica no Rio de Janeiro. O acordo não previa a entrega total do valor em uma única etapa, isto é, inicialmente liberava apenas metade do valor e o restante seria entregue posteriormente. Cabe salientar ainda, que mesmo com este acordo, o Brasil continuava mantendo sua neutralidade ambígua. (Ferraz, 2005)

O interesse de países como os Estados Unidos e Alemanha no Brasil no período, era justificado sobretudo por uma questão geográfica. A posição estratégica do país poderia funcionar como a porta de entrada do conflito nas Américas. Para além da localização favorecida e importância político regional do país, o Brasil também oferecia outros atrativos como a exclusividade no aprovisionamento de matérias primas e seus vastos recursos agrícolas e minerais.

Embora os Estados Unidos sustentassem um aparente distanciamento do conflito, ao apoiarem a Inglaterra com o envio de toneladas de suprimentos, deixavam a sua preferência clara no confronto para os alemães. A batalha no Atlântico iniciou-se com o ataque do Eixo a essas embarcações de provisões destinadas aos ingleses.

Entre 1940 e 1941 o sucesso do Eixo nas águas do Atlântico, bem como no continente europeu, com a invasão do sul da Inglaterra, causaram alarde nas autoridades americanas. A guerra poderia efetivamente chegar às Américas e a posição geográfica do Brasil era essencialmente vantajosa para os estrategistas americanos e seus planos de defesa.

---

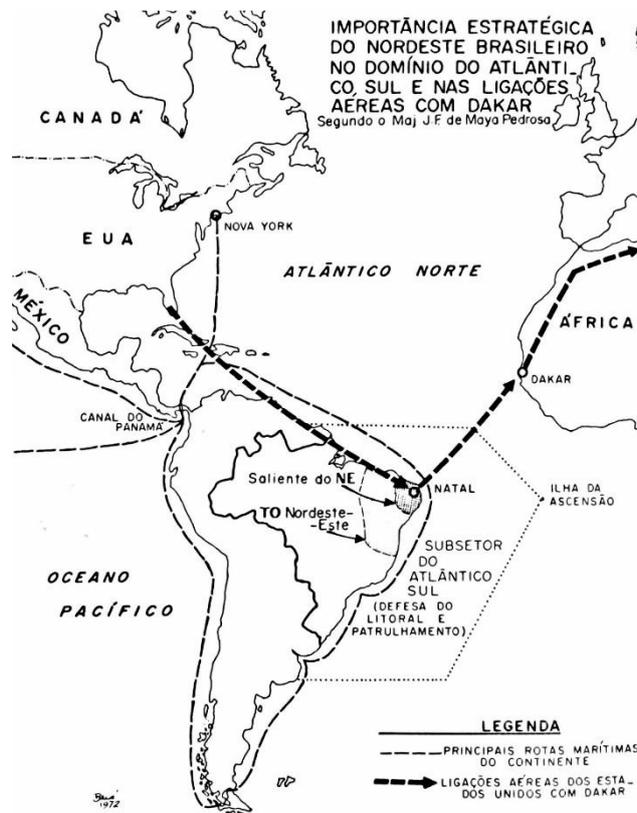
<sup>44</sup> Relato do General-de-Exército RUBENS MÁRIO BRUM NEGREIROS, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Oficial de Informações do 9º Batalhão de Engenharia. Entrevista concedida em abril de 2000.

A preocupação dos Estados Unidos acentuou-se quando em outubro de 1940, desdobrou-se um novo avanço de guerra no Mar Mediterrâneo e os italianos, com o reforço alemão, dominaram todo o norte da África. No final do mesmo mês, as autoridades militares do Brasil e Estados Unidos assinaram um acordo para que estudassem de modo conjunto os problemas relacionados à segurança continental. (Ferraz, 2005; Rodrigues, 2018)

Posteriormente, quando os franceses autorizaram os alemães a usarem as instalações portuárias e aéreas de Dakar, na colônia francesa do Senegal, os Estados Unidos tomaram ciência da grande possibilidade da guerra atingir também as Américas, visto que apenas 8 horas de avião separavam este ponto do ponto mais oriental da América do Sul, conforme ilustrado na figura 02. A ilha de Fernando de Noronha, no Nordeste do Brasil, poderia ser usada, por exemplo, como base para submarinos, vasos de guerra e aeródromo. (Ferraz, 2005)

**Figura 02**

*Posição estratégica do Nordeste brasileiro.*



*Nota.* De "História do Exército Brasileiro. Perfil militar de um povo", Estado-Maior do Exército, 1972, 3, p. 828. Serviço Gráfico da Fundação IBGE. Copyright 1972 by Estado-Maior do Exército.

Sendo a travessia do Atlântico agora uma possibilidade real, a vulnerabilidade do Nordeste brasileiro face aos avanços do Eixo e o despreparo das Forças Armadas Brasileiras em proteger sua extensa costa, viraram a pauta principal das discussões entre as autoridades norte-americanas. Se por um lado, os Estados Unidos preocupavam-se com um ataque no Norte e Nordeste, os militares brasileiros acreditavam que a invasão poderia acontecer pelo Sul do país, visto que era um ponto de grande concentração das colônias de imigrantes italianos e alemães fortemente influenciados pelo discurso nazista. A teoria também era reforçada pelas atitudes indefinidas da Argentina à frente do conflito.

As estratégias militares de defesa diferiam entre Brasil e Estados Unidos não só em relação ao que acreditavam ser o ponto inicial de ataque do Eixo, mas também no método de defesa a ser adotado. Os norte-americanos pretendiam enviar seus próprios militares para administrar, proteger, reformar ou construir as bases em território brasileiro. Já os brasileiros, ansiavam por armas, recursos e equipamentos para gerenciarem a sua própria defesa e mostravam certa resistência em receber soldados americanos para tal. (Ferraz, 2005)

Em junho de 1941, as autoridades americanas aumentaram a pressão ao governo brasileiro para que se posicionassem quanto ao envio de seus militares da Marinha e Exército para o Nordeste do Brasil, apresentaram relatórios considerando uma ocupação alemã na região, medidas de defesa e memorandos explicando claramente o que os Estados Unidos pretendiam no Nordeste brasileiro. Em contrapartida, as autoridades brasileiras responderam que se esforçavam para atender as solicitações norte-americanas, mas que não tinham retorno quanto ao recebimento das remessas de armamentos solicitados para as Forças Armadas Brasileiras. (Silveira, 1989)

Em outubro de 1941, firmaram mais um acordo, o de Empréstimo e Arrendamento (*Lend-Lease*), que definia que os Estados Unidos forneceria artigos de defesa e o Brasil cooperaria nas medidas definidas para segurança do continente. Sobre o acordo, acrescenta-se:

Entre 1941 e 1945, os Estados Unidos emprestaram mais de 48.000 milhões de dólares a todas as nações aliadas e aos governos no exílio, para comprarem as armas e os materiais necessários à guerra. Ajudaram também financeiramente vários Estados neutrais. (Gilbert, 2015, p. 450)

O processo de negociações se estendia, mas a verdade é que lentamente, com o consentimento de Vargas, as equipes norte-americanas iam iniciando as atividades nas bases brasileiras do Nordeste e as mesmas já eram consideradas nas rotas logísticas dos Aliados. (Ferraz, 2005)

Anos antes, em meados de 1939, o *Army War College*, já ponderava a possibilidade de enviar tropas americanas para defender o Nordeste brasileiro após constatarem através de estudos militares que as forças brasileiras não conseguiriam defender eficientemente a região. Em agosto de 1939, por exemplo, já haviam criado o plano *Rainbow*, que previa tropas americanas estacionadas em Fernando de Noronha e Natal. Obviamente a preocupação com a defesa do continente era fundamentada, porque era necessária para a própria defesa dos Estados Unidos. (McCann, 1995; Ferraz, 2005)

Até que em 07 de dezembro de 1941, o quadro mudou drasticamente com o ataque japonês a Pearl Harbor e os Estados Unidos declaram guerra oficialmente ao Eixo. Destarte, manter a neutralidade seria uma escolha quase impossível para o Brasil diante do cenário mundial e da pressão dos Estados Unidos.

Alguns dias depois, as tropas americanas desembarcam em Natal, no Nordeste do país. Em 1942, a aliança Brasil – Estados Unidos se consumava e os planos de modernização do Brasil saíram do papel. Um empréstimo do *Export-Import Bank* é liberado para financiar o projeto da tão sonhada siderúrgica de Getúlio Vargas. Relativamente à utilização da verba:

[...] o Estado Novo criou a Companhia Vale do Rio Doce, para exploração de minério de ferro, e construiu a imensa siderúrgica em Volta Redonda, uma cidade industrial inteiramente planejada, vizinha ao Rio de Janeiro, símbolo da autossuficiência econômica que Vargas ambicionava para o Brasil. Para arrematar, garantiu o controle da usina através da Companhia Siderúrgica Nacional, uma empresa de economia mista com controle acionário estatal. [...] Também delineou uma política específica para enfrentar o desafio do petróleo e, se não teve êxito em estabelecer as grandes refinarias estatais, deixou aberto o caminho que, na década seguinte, levaria à campanha pela criação da Petrobrás. (Schwarcz & Starling, 2015, p. 390)

A importância estratégica do Nordeste Brasileiro atestou-se no decurso do conflito, tal como a efetiva ocupação norte-americana em seu território. A Base Aérea de Parnamirim (*Parnamirim Field*), localizada em Natal, passou a ser um ponto vital para os Aliados:

[...] entre 1942 e 1945, a Base Aérea de Parnamirim tornou-se o núcleo do transporte aéreo e de vigilância dos Aliados no Atlântico Sul, Essa base chegou a ostentar, em 1943, o título de aeroporto mais movimentado do mundo, com até 800 operações diárias de pouso e decolagem. Sem esse apoio, o fluxo de recursos materiais e humanos para as bases aliadas na Europa, África e Oceano Índico estaria estrangulado. (Ferraz, 2005, p. 37)

Na sequência destes acontecimentos, foi realizada mais uma Conferência de Chanceleres, desta vez, no Rio de Janeiro, entre os dias 15 e 28 de janeiro de 1942. No último dia, o Brasil rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo. Esse posicionamento, foi visto como um ato de hostilidade para os alemães, que não tardaram a responder com ataques a navios mercantes brasileiros.

As ocorrências que vieram a seguir, não eram de todo uma surpresa para as autoridades brasileiras, visto que o Brasil já havia recebido avisos de que sofreria represálias caso cortasse relações diplomáticas com o Eixo. Para os alemães, o Brasil já não sustentava uma neutralidade tão clara. Anteriormente, o País já havia apoiado à Marinha dos Estados Unidos, suprindo embarcações, permitindo a passagem de aeronaves armadas em seu espaço aéreo e autorizando a construção de bases aéreas militares disfarçadas. (McCann, 1995)

A Alemanha, de todo modo, preferia uma neutralidade imperfeita e incorreta do Brasil a um estado de beligerância, porquanto, neutro o Brasil, Berlim tinha esperanças de influenciar as decisões políticas brasileiras. Parece errôneo afirmar que foi uma injustificada agressão alemã que forçou a entrada do Brasil na guerra; os alemães simplesmente empurraram as decisões políticas de Vargas para sua conclusão lógica. [...] Mas, muito provavelmente, não tivessem os alemães atacado, os brasileiros não teriam se mobilizado, enviado tropas à Europa ou se alinhado ostensivamente com os Aliados. (McCann, 1995, p. 234)

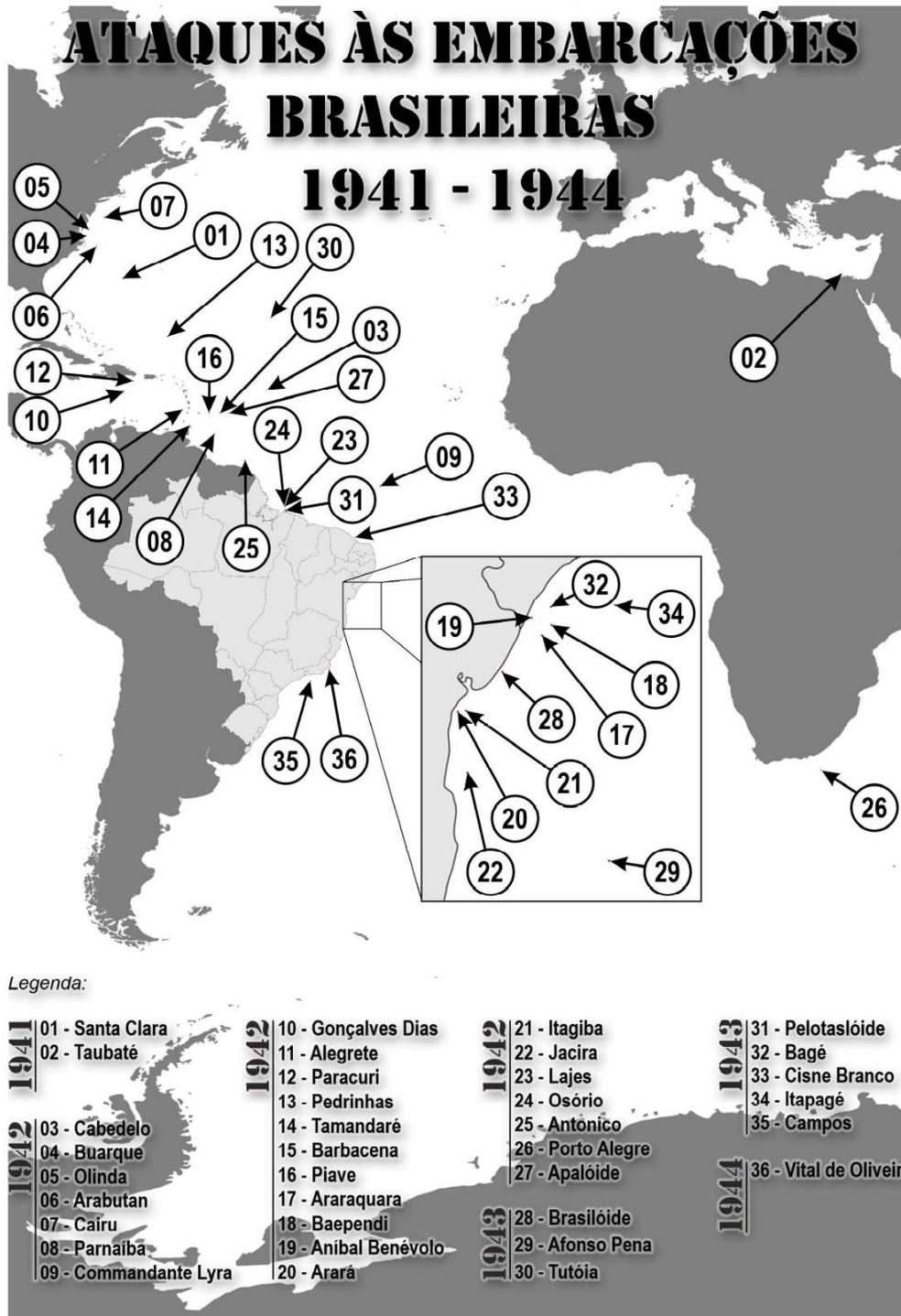
Conseqüentemente, a batalha no Atlântico passou a abranger também o litoral brasileiro. A presença de submarinos alemães em águas brasileiras e os afundamentos de numerosos navios mercantes do país, trouxeram a guerra, antes tão distante, para a realidade do Brasil.

Os ataques dos alemães não tiveram como alvo somente os brasileiros. Foram afundadas no litoral do país cerca de 49 embarcações estrangeiras, sobretudo navios da Inglaterra e Estados Unidos. (Ferraz, 2005)

O mapa a seguir, na figura 03, relaciona os pontos aproximados em que as embarcações brasileiras foram atacadas, seus nomes e o ano em que sofreram a hostilidade. Neste mapa, é possível verificar também o número total de embarcações atingidas. Nota-se que o auge do afundamentos ocorreu no ano de 1942, quando o Brasil rompe suas relações diplomáticas com o Eixo.

**Figura 03**

*Os afundamentos.*



*Nota.* Para desenvolvimento deste mapa, foram levantados e analisados dados de cinco fontes, sendo: Vidal, P. (1960). Heróis Esquecidos. G.R.D.; Silveira, J. M. X. da. (1989). A FEB por um soldado. Nova

Fronteira; Costa, O. (1995). Cinquenta anos depois da volta. Expressão e cultura. Bem como os *sites* Galante, A. (Ed.). (2018). Perdas navais brasileiras na Segunda Guerra Mundial.

<https://bit.ly/3FY1PGS>; Fundação Getúlio Vargas (Ed.). (2016). Atlas Histórico do Brasil – Período Vargas (1930-1945) – Segunda Guerra Mundial. <https://bit.ly/3n5j6VS>

Com tantas mortes, a pressão popular intensificou-se para que Vargas declarasse guerra. Os veteranos Silas de Aguiar Munguba e Leopoldo de Farias Portocarrero, relembram o clima de mobilização no Brasil na ocasião:

Essa situação de guerra, se deu em virtude do afundamento de vários navios torpedeados pelo alemão. Isso provocou uma revolta no povo e me recordo bem de que a população saía às ruas e quebrava, destruía as casas dos italianos, dos japoneses e dos alemães.<sup>45</sup> (Motta, 2001b, p. 88)

Contudo, não havia, ainda, aqui no Brasil, o *'animus-belandi'*, ou seja, o espírito de guerrear; mas as notícias, diariamente pelos jornais, aumentavam, mostrando a crescente 'onda' de torpedeamentos e afundamentos de vários navios nossos, cargueiros e de passageiros, ao longo da nossa costa! Sabíamos que submarinos alemães vinham rondando o nosso litoral! A cada dia, novos torpedeamentos! Foram mortos, mulheres, velhos, crianças, sem o menor socorro, de surpresa, covardemente... a revolta popular foi crescendo, sem ver providências ou uma definição concreta das autoridades! Essa pressão geral, cedo, ganhou as ruas, manifestando a indignação popular crescente, oriunda de estudantes, populares, famílias; passeatas com cartazes já exigiam uma definição do Brasil, que respondesse, à altura, aquelas provocações nazistas!

---

<sup>45</sup> Relato do Doutor SILAS DE AGUIAR MUNGUBA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

Nós vivíamos um clima político com Getúlio, 'bem distante' do que se podia chamar de Democracia... E a luta que já se deflagrara na Europa era bem definida, contra o 'nazi-fascismo' e pelas liberdades democráticas!<sup>46</sup> (Motta, 2001f, p. 112)

No entanto, conforme mencionado anteriormente, o relacionamento da população brasileira e o conflito foi, de maneira geral, marcado pelo distanciamento, ou seja, não é possível afirmar que estes movimentos populares caminhavam em direção à Democracia e o fim do Estado Novo quando tomaram as ruas do país. (Ferraz, 2012)

Sendo assim, em 22 de agosto de 1942, com o apoio dos brasileiros, o presidente declarava Estado de Beligerância contra os países do Eixo, e no dia 31 proclamava guerra oficialmente a Alemanha e Itália. Era o fim da neutralidade. O Brasil entrava oficialmente na Segunda Guerra Mundial.

### **5.3 A FORMAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E SUA ESTRUTURA**

Um longo caminho de tratativas entre Brasil e Estados Unidos foi trilhado, até que efetivamente entraram em acordo sobre o envio de uma Força Expedicionária Brasileira para combater no teatro de operações europeu.

Logo após a declaração de estado de beligerância e declaração de guerra, o Brasil limitou-se a reforçar a segurança de seu litoral e Nordeste. Para tanto, estabeleceram-se dois comandos do Exército norte-americano no Brasil: o Comando Atlântico Sul das Forças Armadas dos Estados Unidos, em Recife e a Ala do Atlântico Sul do Comando de Transporte Aéreo, em Natal.

Os ataques às embarcações brasileiras continuaram intensos até o final de novembro de 1942 e o apoio dos Estados Unidos foi fundamental para combater os *U-Boats* alemães.

---

<sup>46</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

Em 16 de setembro de 1942, Vargas estabeleceu a mobilização geral da nação. Nesse momento, o General Góes Monteiro já falava em convocar cerca de dois milhões de homens e despachar uma Força Expedicionária Brasileira para o exterior. (McCann, 1995)

Todavia, somente cerca de um ano depois da Declaração de Beligerância, em 09 de agosto de 1943 foi assinada a Portaria Ministerial 47-44 que estabelecia as bases da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, a 1ª D.I.E.

A consolidação dos laços militares entre os dois países já vinha sendo ensaiada desde 1938, quando o Departamento de Estado dos Estados Unidos, diante da intensidade das atividades nazistas e com o intuito de fortalecer os vínculos de amizade com a América Latina, determinou a prestação de ajuda militar aos países latino-americanos. Deste modo, sob o discurso da solidariedade interamericana, deram os primeiros passos na busca de uma cooperação militar e naval. (McCann, 1995; Rodrigues, 2018)

Entre as medidas de cooperação determinadas, estavam o fornecimento de publicações das Forças Armadas para as bibliotecas, treinamento de militares latino-americanos em escolas das Armas dos Estados Unidos e realização de voos de demonstração de aeronaves e visitas de navios de guerra. (McCann, 1995)

Em outubro de 1940, selaram um acordo para que estudassem em conjunto as questões relativas à segurança do continente, considerando algumas ações militares e, em janeiro de 1941, decidiram pelo envio de uma nova missão militar dos Estados Unidos no Brasil. (Rodrigues, 2018)

Relativamente aos pequenos passos de aproximação militar entre ambos os países e sua colaboração mútua, destacamos a criação, em 23 de maio de 1942, de duas comissões militares conjuntas de defesa. A *Joint Brazil United States Defense Commission (JBUSDC)*, Comissão Conjunta de Defesa Brasil Estados Unidos (CCDBEU), em Washington, sob a liderança do General Leitão Estevão Carvalho. E a *Joint Brazil United States Military Commission (JBUSMC)*, Comissão Militar Conjunta Brasil Estados Unidos (CMCBEU), no Rio de Janeiro, sob os cuidados do General J. Garesche Ord.

As comissões tratariam de maneira ampla da preparação da defesa do território brasileiro, englobando assistência econômica, aprovisionamento de matéria-prima, criação de planos de defesa e resoluções, em especial para o nordeste brasileiro e a normatização do emprego de força militar. Neste momento, pela primeira vez, começaram a considerar a possibilidade do uso de tropas brasileiras além

de suas fronteiras, contudo ainda dentro do continente americano e perante o aval do Governo Brasileiro. (Silveira, 1989)

Se perante o mundo a neutralidade brasileira delineava-se para o fim com a declaração de guerra aos países do Eixo, internamente o governo brasileiro permanecia dividido, especialmente no que diz respeito às lideranças militares. No entanto, agora o foco das discussões não era somente a aliança entre Aliados ou Eixo, e sim o envio ou não de um contingente expedicionário. O General Leitão Estevão Carvalho, um dos líderes das Comissões Militares Conjuntas, acreditava que a criação das Comissões faria com que todas as divergências que impediam a chegada de resultados práticos nos acordos com os norte-americanos seriam por fim cessadas, todavia faz uma ressalva em seu livro sobre a continuação dos conflitos internos do período, mesmo com a constituição das comissões:

[...] Uma acirrada luta de bastidores entre os dois grupos que se digladiavam, um querendo tornar efetiva a colaboração do Brasil com as nações democráticas, na Segunda Guerra Mundial, o outro dificultando essa colaboração, com indisfarçável resistência à toda medida de caráter prático que se conduzisse à integração do país no grupo das nações que se opunham às potências do eixo. (Carvalho, 1952, p. 374)

Segundo o ex-combatente, Joaquim M. Xavier da Silveira (1989):

A existência desse antagonismo permite também concluir que a F.E.B. foi, talvez, a única unidade militar empenhada na II Guerra que teve de lutar dentro de seu próprio território para existir como tropa e mais tarde, então, ir combater o inimigo no exterior. (p. 56)

As próprias autoridades americanas tentaram por diversas vezes desencorajar os planos do Brasil e no final de 1942 avaliavam a conveniência ou não do envio de forças militares brasileiras para o teatro de operações na Europa. (Ferraz, 2005)

A F.E.B. não foi uma iniciativa imposta pelos Aliados. Pelo contrário, consistiu em uma decisão do Governo Brasileiro, que teve de superar as restrições dos americanos e a franca oposição dos

ingleses. Alguns dirigentes desses dois países consideravam problemático integrar tropas brasileiras, com sucesso, ao esforço de guerra. (Fausto, 1999, p. 382)

Em janeiro de 1943 mais uma conferência é realizada, desta vez em Casablanca, no Marrocos. Roosevelt e Churchill decidem invadir a Sicília e a Itália antes dos desembarques da Normandia e definem como principal objetivo aliado a rendição incondicional da Alemanha. (Silveira, 1989; Gilbert, 2015)

Após a conferência, Roosevelt encontrou-se com Getúlio Vargas em Natal e entraram em acordo sobre o envio de uma Força Expedicionária Brasileira. No entanto, ainda não haviam definido para qual *front*.

Mas por que um governo totalitário, ditador, com um perfil ideológico completamente contrário à luta que acontecia na Europa – pela democracia – fazia questão de enviar um contingente militar para lutar por valores contrários aos seus, arriscando, inclusive, a sobrevivência do próprio regime?

Os afundamentos dos navios mercantes e a pressão popular ajudaram o Governo a posicionar-se quanto a declaração de guerra. Contudo, não foram as principais razões para criação de uma Força Expedicionária. Diante do quadro político militar do Brasil, seria inocente acreditar que um Governo faria tamanha mobilização, podendo comprometer-se internamente, apenas para enviar um contingente militar com finalidade punitiva e de retaliação aos ataques do Eixo no litoral brasileiro.

Com a criação da Força Expedicionária Brasileira e sua participação direta na Segunda Guerra Mundial, as lideranças políticas e militares identificaram a oportunidade de fazer parte do concerto das grandes nações, projetando a grandeza do Brasil e garantindo seu lugar na mesa de negociações do pós guerra. A imagem de autossuficiência do Brasil e seu papel de nação líder da América do Sul seriam projetados para o mundo. Ademais, o Exército seria modernizado, tornando-se mais eficiente e Vargas tinha consciência de que para sua permanência no poder, era imprescindível o apoio das Forças Armadas. (Ferraz, 2005; Maximiano, 2010)

Relativamente ao Aliados, o envio da Força Expedicionária Brasileira também foi proveitoso, mesmo com as grandes dificuldades e custos para sua organização, ou mesmo com o número reduzido de combatentes enviados comparando-se com a participação de outras nações no cenário mundial. O

teatro de operações italiano estava com deficiência de tropas, uma vez que houve um grande desvio de divisões mobilizadas para lutar no sul da França<sup>47</sup>.

Para Silveira (1989), entretanto, “mesmo que a FEB não tivesse embarcado, como queriam alguns [...] do Brasil, os Aliados, que dispunham de recursos gigantescos, certamente encontrariam forma de restabelecer o equilíbrio das forças.” (p. 16)

Definidos os interesses, em 29 março de 1943, Getúlio Vargas autorizava o General Leitão Carvalho a iniciar, juntamente com os norte-americanos, o planejamento para utilização de tropas brasileiras no exterior. A notícia espalhou-se e, no dia 30, o Brasil apareceu no cenário mundial como notícia no jornal *The New York Times*. A chamada dizia:

*BRAZIL SAID TO PLAN EXPEDITIONARY FORCE; Size and destinations Undecided – Troops May Be Ferried*

*RIO DE JANEIRO, Brazil, March 29 (U.P.) – The Brazilian Government has decided on active military participation in the war, it was learned today, and unless unforeseen obstacles develop, a Brazilian expeditionary force will be sent abroad for active duty as soon as possible. (The New York Times, 1943)*

As tratativas militares delinearam-se e em maio de 1943, as Comissões Conjuntas Militares de Washington e Rio de Janeiro, começaram a tomar decisões relativas efetivamente a organização da 1ª D.I.E. Como exemplo, definiram que as tropas brasileiras contariam com enxoval, uniformes, placas de identificação etc., fornecidos pelo próprio país e seriam equipadas com material e armamento americano. Em junho do mesmo ano abriram o processo para voluntariado na Armada e Exército Brasileiro. (Silveira, 1989)

---

<sup>47</sup> “Os efetivos Aliados diminuíram, assim, de 249 mil para 153 mil homens.” (Rigoni, 2003, p. 27)

Paralelamente a isso, os planos acordados por Roosevelt e Churchill na Conferência do Marrocos realizavam-se com sucesso. Em julho de 1943 as tropas aliadas iniciaram a invasão da Sicília, de Siracusa e Palermo, na Itália. O fascismo italiano caiu e Mussolini foi detido.

Enquanto as atividades aliadas intensificavam-se no *front* italiano, em agosto de 1943, o Brasil criava oficialmente as primeiras diretrizes para a organização da 1ª D.I.E. – 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária.

A nomenclatura e organização foram escolhidas de acordo com os moldes americanos, visto que a Força Brasileira seria subordinada a uma grande unidade norte-americana, o V Exército, comandado pelo General Americano Mark W. Clark.

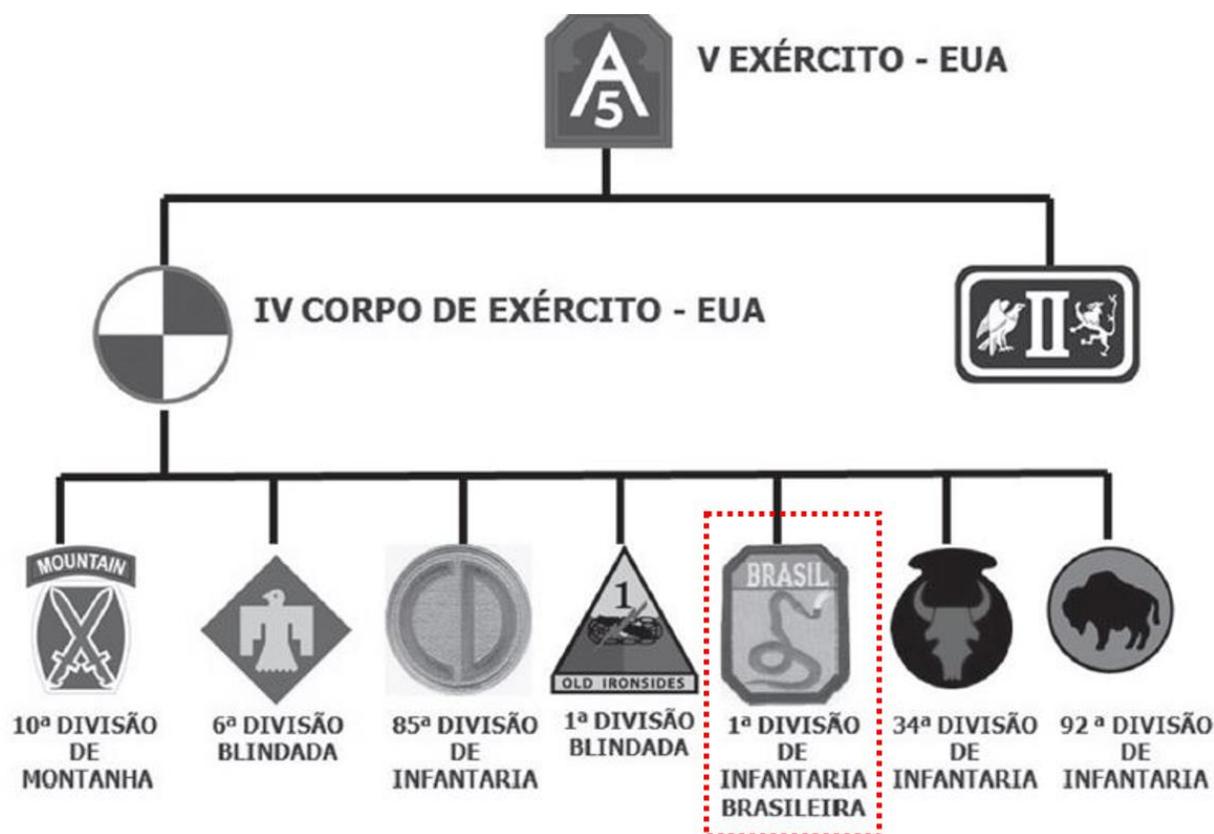
Inicialmente o Brasil tinha planos ambiciosos e planejara o envio de um Corpo Expedicionário composto por três Divisões de Exército e mais uma Força Aérea, totalizando 60 mil homens, esta seria apenas a primeira a ser enviada. (Castello Branco, 1960; Ferraz, 2005; Ferraz, 2012)

Além do Brasil e Estados Unidos (incluindo nipo-americanos), o Teatro de Operações Italiano contou com a atuação de diferentes tropas aliadas, lutaram ao lado deles: Grã-Bretanha, Canadá, Palestina (a Brigada judaica), Índia, Polônia, Nova Zelândia (incluindo maoris neozelandeses) e franceses da França Livre (incluindo franceses norte-africanos). (Gilbert, 2015)

O organograma a seguir, figura 04, apresenta a estrutura básica de ligação entre o V Exército Americano e o IV Corpo de Exército dos Estados Unidos, o qual a Força Expedicionária Brasileira fez parte dos quadros.

**Figura 04**

*Organograma V Exército dos Estados Unidos.*



*Nota.* Adaptado de “Constituição da Força Expedicionária Brasileira para Campanha da Itália”, de C. S. Rosty, 2018, Revista A Defesa Nacional, 105 (836), p. 87 (<https://bit.ly/3pkgXsh>). Copyright 2018 by AHEX.

O General brasileiro João Batista Mascarenhas de Moraes foi o escolhido para comandá-la. A escolha, delicadamente estudada pelo Governo e líderes militares visando o pós-guerra, definiu-se pelo histórico do oficial, que mantinha-se distante de polêmicas políticas e motins dentro das Forças Armadas. Ademais, não possuía ressalvas em seu currículo militar, ou seja, seu perfil supostamente não ofereceria grandes riscos ao regime.

Inúmeros foram os obstáculos na organização do Corpo Expedicionário Brasileiro. Os problemas enfrentados também apareceram nas esferas superiores da Força Expedicionária.

Apesar da escolha do General ter sido feita pelo próprio Governo, Mascarenhas de Moraes não teve total autonomia na organização da Força Expedicionária, inclusive não pode escolher todos os oficiais

do seu Estado-Maior e inicialmente não teve o comando de toda a Divisão concentrado em suas mãos. Em suas memórias, fala sobre a questão dos “inimigos internos da F.E.B.” e sobre os rumos da política externa do país, que dificultaram em demasia a organização da estrutura militar:

Certas decisões de âmbito governamental, relacionadas direta ou indiretamente com a criação da FEB, convenceram-nos de que a vontade do Presidente Vargas passara a prevalecer nos novos rumos da política exterior. Tal prevalecimento, todavia, não se processou com a desejável plenitude, porquanto permaneceram, em seus postos da administração pública, alguns auxiliares imediatos do Chefe do Governo, sabidamente contrários à participação do Brasil na guerra, ao lado das Nações Unidas. [...] As alternativas de entusiasmo e desânimo, observadas na organização e preparação da tropa expedicionária, demonstraram a diversidade de ideologia política no grupo dirigente de nosso País e, mesmo por vezes refletiam a fraqueza da liderança pela incapacidade de remover numerosos obstáculos, quase sempre decorrentes do próprio estado de guerra. (Moraes, 1960, p. 9)

Além da campanha interna contra o envio da F.E.B., destacam-se outros obstáculos na organização da 1ª D.I.E., tais como: o tempo exíguo para treinamento, preparação e envio das tropas; uma campanha de descrédito que minava o moral da tropa, que acreditava que não iria embarcar para lutar no exterior; a difícil seleção de saúde e escolaridade entre os convocados, que somente retratavam os quadros sanitário e pedagógico péssimos do país; falta de equipamentos americanos no período de treinamento; mudança de doutrina militar, da francesa para a americana; militares sem grande experiência efetiva de guerra. E ainda os problemas logísticos entre reunião, acomodação e transporte, pois inicialmente as unidades militares estavam espalhadas pelos países, sob um comando descentralizado.

No que se refere a campanha de descrédito espalhada pelo país, diante de tantos embaraços para organizar a Força Expedicionária, a população brasileira não acreditava que os pracinhas seriam de fato enviados ao *front*. Curiosamente este contexto gerou uma das diversas versões sobre a criação do símbolo adotado para representá-la, uma cobra fumando um cachimbo, conforme figura 05.

## Figura 05

*Símbolo adotado pela Força Expedicionária Brasileira.*



*Nota.* De “Força Expedicionária Brasileira (FEB)”, de C. Fernandes, 2021, (<https://bit.ly/3aU5E1o>).

Copyright 2021 by AHEx.

Uma das versões sustentava que Hitler estava tão descrente em relação a presença dos brasileiros no Teatro de Operações que havia afirmado que era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil de fato enviar homens para a guerra. Ainda outras duas versões foram encontradas na bibliografia pesquisada, uma associava a cobra fumando à figura de um chefe severo e exigente, e a outra a ligava a um soldado de Minas Gerais que havia visto os companheiros embarcarem no antigo trem “Maria Fumaça” e o associou à imagem de uma cobra fumando. (McCann, 1995; Costa, 1995; Ferraz, 2005; Ferraz, 2012)

O tema da insígnia fora tão bem escolhido que ao mesmo tempo expressava a origem, a superação das adversidades e o espírito combativo da divisão brasileira. [...] De todo modo, uma minoria ficou descontente com a escolha. Achavam que a serpente transmitia uma imagem de atraso do Brasil, além de simbolicamente aquele não ser um animal que se associasse a virtudes. (Maximiano, 2010, p. 305)

Diante de tantos entraves para organização da 1ª D.I.E., foi possível chegar apenas a uma seleção de cerca de 25 mil homens. Posteriormente, os planos ambiciosos de envio de três Divisões

foram deixados para trás. Formou-se apenas uma Divisão Expedicionária que inicialmente teria como destinos o norte da África, ou as ilhas portuguesas (Açores e Madeira)<sup>48</sup>. No entanto, em maio de 1943, as resistências no Norte da África findaram e por fim, o destino da 1ª D.I.E. passou a ser a Itália.

Em novembro de 1943 o Decreto Lei 6018-A definiu a estrutura inicial da Força Expedicionária Brasileira, nesta ocasião, ainda contava com três Divisões Expedicionárias, elementos orgânicos de Corpo de Exército, órgãos de serviço e comando e aviação.

Com a estrutura da Força Expedicionária definida, era hora de conhecer o campo de batalha que o Brasil enfrentaria. Em dezembro de 1943 foi organizada uma Comissão Militar Brasileira para visitar o Teatro de Operações no Mediterrâneo. Nesta viagem os militares colheram informações sobre o *front*, os possíveis problemas que os expedicionários brasileiros poderiam enfrentar e também estabeleceram as primeiras ligações entre os comandos de ambos os exércitos.

“Meu Deus! Esta é uma guerra de ricos!” (Ferraz, 2005; Maximiano, 2010) O comentário do General J. B. Mascarenhas de Moraes retrata as primeiras impressões ao ver uma preparação da artilharia em solo estrangeiro. O Brasil enfrentaria um novo tipo de guerra, moderna e de grandes dimensões e, para enfrentá-la, precisaria de homens não só com aptidão física, mas intelectual.

A dificuldade não era apenas encontrar o tipo de soldado ideal para aquela guerra, mas também adaptar uma parcela do Exército à nova realidade para poder enviá-la preparada ao *front*.

As mudanças no Exército não aconteceram somente em relação a transição do tipo de doutrina adotada, da francesa<sup>49</sup> para a norte-americana. Funções especializadas foram criadas, o efetivo foi ampliado<sup>50</sup> e o militar brasileiro foi apresentado às armas de apoio (morteiros leves e metralhadoras), às técnicas avançadas de combate (assalto à fortificações, ataques noturnos, entre outras), às armas anti-carro, materiais de demolição, granadas de fuzil e submetralhadoras. (Maximiano, 2010)

---

<sup>48</sup> Um dos objetivos da política de guerra de Aranha era ganhar mais ascendência sobre Portugal e suas possessões, a que se referia como ‘um patrimônio que é hereditariamente brasileiro’. Na realidade, esperava que o Brasil desempenhasse um papel vital na totalidade da questão das colônias europeias, especialmente as Guianas. [...] Roosevelt disse que as autoridades militares dos Estados Unidos preferiam que, ao invés de enviar tropas para o Norte da África, o Brasil conseguisse junto a Salazar a substituição por brasileiros nas Ilhas de Açores e da Madeira, o que permitiria a Portugal fortalecer as defesas de seu território. (McCann, 1995, p. 276)

<sup>49</sup> Depois da 1ª Guerra Mundial, a partir de 1921, o Brasil adotou a escola francesa de organização militar como doutrina.

<sup>50</sup> Autorizada a mobilização gradual do exército, o efetivo foi ampliado de 95 mil para 165 mil homens, aproveitando-se os conscritos de 1941, 1942 e 1943 (mantidos nas fileiras), bem como os reservistas, entre 21 e 30 anos, convocados. (Ministério da Guerra, 1943, pp. 20-21; 35-36 como citado em Ferraz, 2012, p. 56)

Para compreender a enorme dificuldade de adaptação, vale citar que a situação do Exército Brasileiro nos anos de 1940 também refletia o quadro social do país. Uma instituição formada por homens que em sua maioria eram analfabetos, que procuravam no Exército apenas a garantia de um emprego, um prato de comida e um teto, que ainda assim eram oferecidos de maneira precária e insuficiente. A relação entre os oficiais e seus subordinados chegava perto da escravidão, inclusive com punições físicas. Portanto, para quem fazia parte dos quadros do Exército desse período ou para quem poderia ser convocado, servir não tinha muita ligação com o patriotismo e sim com castigo. Esse tipo de mentalidade, dificultou e muito o processo de convocação e voluntariado. (Ferraz, 2012)

Qualquer que fosse o critério de análise, a estrutura do Exército Brasileiro, no início da década de 1940, seria reprovada para a ação numa guerra daquela magnitude. Os equipamentos, as armas, as instalações de treinamento eram deficientes. A instrução de combate carecia de itens mínimos, a começar pela munição, que deveria ser gasta com parcimônia. [...] Equipamentos de transporte, comunicações, engenharia, alojamento das tropas eram muito poucos, quando não completamente desconhecidos dos brasileiros, como aparelhos telegráficos, teletipos, criptógrafos, detectores de minas, unidades de cozinha, limpeza e banho. (Castello Branco, 1960, pp. 136-137)

A precariedade em algumas bases do Exército, como a de Fernando de Noronha, era tanta, que alguns relatos de antigos membros, como o de Francisco Campello Salviano, aparentam demonstrar mais aceitação à realidade da guerra no além-mar do que a permanência no Brasil na situação em que se encontravam:

Eu fui para Fernando de Noronha, eu me alistei voluntariamente, eu não tinha dezoito anos ainda, que precisava de autorização para entrar no Exército, eu não tinha meu pai, morreu quando eu era pequeno, eu me alistei e fui para Fernando de Noronha. Lá eu fiquei nove meses. Vou dizer uma coisa: aquilo foi pior do que a guerra. Você mal alimentado. Não tinha alimentação. Lá você não tinha verdura, uma fruta ... a carne, não tinha carne, aí uma tal de corned beef, né, parecia uma carne que tinha sido comida e vomitada. A água, a gente não tinha água que prestava. [...] A gente não podia tomar toda água. Eu tinha um cara que ia buscar água

todo dia pros oficiais e trazia um cantil ou dois. Mas a água, a gente tirava sapo podre da cisterna de lá. [...] Lavar roupa? Não tinha nem sabão para lavar a roupa lá em Fernando de Noronha. A gente tinha o mangue. A gente lavava no mangue com melão, sabe o que é melão? Melão é uma rama. Parece um maxixe. Sabe o que é maxixe? A gente tirava aquela rama para lavar a roupa<sup>51</sup>. (Salviano, 1999 como citado em Maximiano, 2010, pp. 68-69)

Já o relato de Américo Vicentini mostra a insatisfação da vida de caserna no país, a guerra no exterior como alternativa à realidade que viviam no país e um pouco da relação entre oficiais e subordinados:

Então aqui em São Paulo tava cheio, então me mandaram pra Mato Grosso. Fomos lá. E lá... puxa vida, lá é uma coisa difícil aquele tempo, viu? Um calor tremendo! Porque de noite ficava mais quente do que de dia. O quartel lá era fora da cidade. [...] Então a gente que não estava acostumado com isso, né, eu 'num' gostava do quartel. *Até eu e outro, nós conversava lá, 'como é que a gente faz para sair daqui agora?'*, e tal. [...] *Eles pediram voluntários. Eu me apresentei. Aliás todos os paulistas que estavam lá se apresentaram.* [grifo nosso] [...] Outra coisa: lá tinha mosca que a gente não tinha jeito de dormir. De dia, aquele sol quente e tal, né? Mas de dia você não podia dormir. Inclusive, lá ainda tinha, não sei se ainda tem, mas aquele tempo ainda tinha as trincheiras da guerra do Brasil e do Paraguai, na beira do rio Paraguai. E o comandante lá, o coronel, cismou de criar uns porquinhos lá. E de noite a gente tinha que dar guarda lá. Então nós íamos lá, era obrigado<sup>52</sup>. (Vicentini, 1999, como citado em Maximiano, 2010, pp. 66-67)

---

<sup>51</sup> Relato do veterano FRANCISCO CAMPELLO SALVIANO em entrevista concedida em 1999.

<sup>52</sup> Relato do veterano AMERICO VICENTINI, que na F.E.B. foi membro da 4ª Companhia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1999.

Após um abstruso processo de seleção entre convocados e pouquíssimos voluntários, definiu-se um perfil completamente heterogêneo do combatente brasileiro, diferentes religiões, etnias, condições financeiras, escolares, concepções políticas e estados de origem (Ferraz, 2012):

[...] jovens trabalhadores rurais e urbanos, provenientes das classes populares, entremeados com alguns membros da classe média e poucos membros da elite. Sua escolaridade média era baixa, sua compreensão do que era aquela guerra e das razões por que lutar nela era, em geral, mínima. Em contraste, entre os estudantes universitários, que capitaneavam comícios e manifestações para o Brasil entrar na guerra, pouquíssimos realmente alistaram-se para o combate. (Ferraz, 2005, p. 49)

A fase de treinamento no Brasil, assim como o período de organização da F.E.B., foi igualmente cheio de atribulações. Para seguir o modelo americano de organização de uma Divisão, o Brasil precisou criar e treinar do zero unidades anteriormente inexistentes, como o Pelotão da Polícia Militar, a Banda de Música Divisionária, a Companhia de Manutenção, o Esquadrão de Reconhecimento Motomecanizado, a Companhia de Transmissões, entre outras. A situação agravava-se ainda mais com as unidades da 1ª D.I.E. espalhadas pelos país e sem responder a um comando único.

O mapa exposto a seguir na figura 06, apresenta a localização dentro do território brasileiro das unidades militares ainda dispersas.

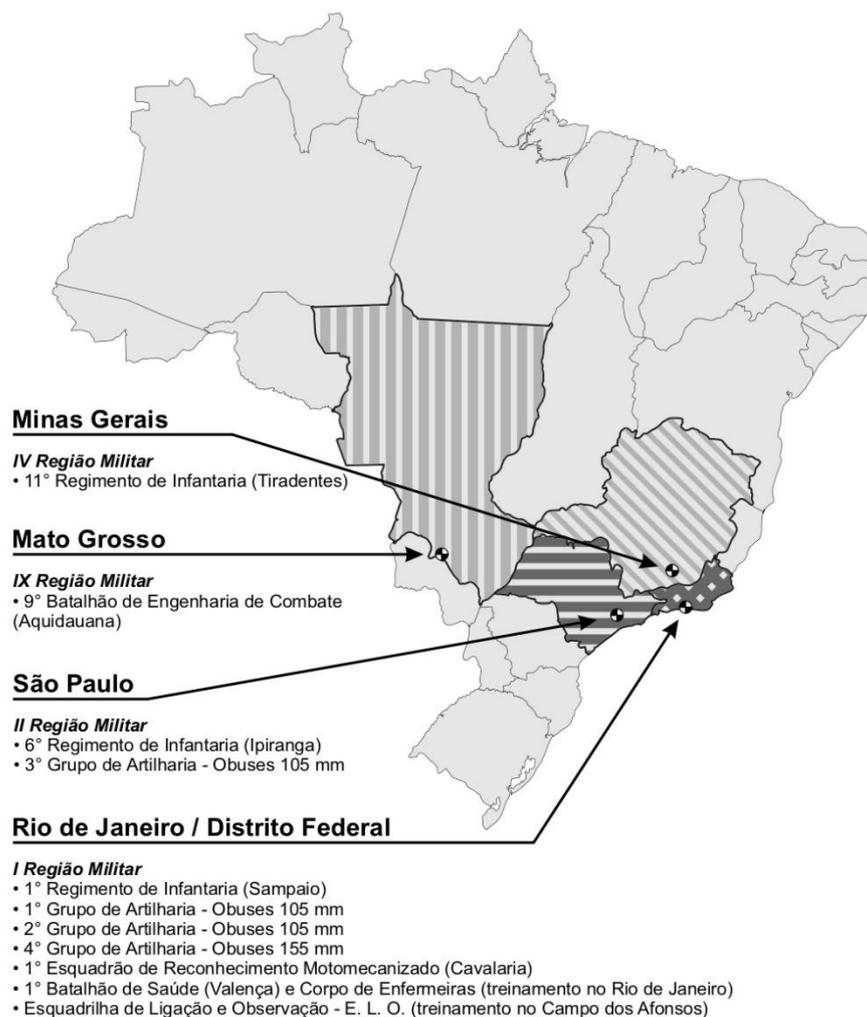
**Figura 06**

*Distribuição das Unidades Militares no território brasileiro, antes da centralização.*

## **Mapa do Brasil - 1944**

### ***Distribuição das principais unidades da FEB***

---



---

Mapa do ano de 1944, meramente ilustrativo (sem escala).

*Nota.* Para desenvolvimento deste mapa, foram levantados e analisados dados de duas fontes, sendo: Moraes, J. B. M. de (1960). A FEB pelo seu comandante. Instituto Progresso Editorial; Silveira, J. M. X. da. (1989). A FEB por um soldado. Nova Fronteira.

Em janeiro de 1944, o Aviso Reservado número 3130, determinou que as unidades expedicionárias passariam ao comando central de Mascarenhas de Moraes e em seguida deveriam ser concentradas na Capital Federal, que à época, ainda era no Rio de Janeiro, o que facilitaria o treinamento e organização das mesmas. Em março, apesar de tardiamente, esse processo de deslocamento foi concluído.

O primeiro período de treinamento iniciou-se em janeiro de 1944. Dois meses depois, no final de Março, aconteceu no Rio de Janeiro, o primeiro desfile de soldados da Infantaria da 1ª D.I.E. com grande comoção popular.

Com as tropas concentradas na Vila Militar, começou ainda em abril do mesmo ano o período de instrução de embarque e desembarque das tropas. Foi criada uma aparelhagem que permitia que os homens simulassem as primeiras operações necessárias para um embarque real, tais como passagem por escadas de acesso ao navio, descida por redes, verificação das fichas de saúde, análise das placas de identidade, entre outras. Quanto ao treinamento de deslocamento das tropas através das vias férreas, foi utilizada uma estrutura localizada em um desvio próximo à Vila Militar. (Moraes, 1960)

Um outro desfile foi realizado em maio de 1944, desta vez, com a 1ª D.I.E. em sua totalidade.

Finalmente, em 02 de julho de 1944, embarcou para a Itália, sem saber o destino final<sup>53</sup>, o primeiro de cinco escalões de embarque<sup>54</sup>, ou seja, um período quase efêmero para transformar um civil em militar e prepará-lo para uma guerra das proporções que encontrariam.

Ao traçar o perfil do soldado brasileiro deve-se ter a cautela de não se cair no exagero, na grandiloquência, no patriotismo exagerado. Do pracinha brasileiro pode-se dizer, mal fardado e mal treinado, foi aprendendo na luta, e com surpresa de muitos e ainda com a surpresa e decepção daqueles que não queriam a vitória da F.E.B., pode-se concluir sem exagero que o

---

<sup>53</sup> Por motivos de segurança, o destino final da 1ª DIE foi mantido em segredo. Nenhum expedicionário sabia onde seria o desembarque, ou mesmo a data em que sairiam do Brasil. Para gerenciar o processo de embarque em sigilo foi criado inclusive um Estado-Maior Especial, composto por dois Tenentes-Coronéis do Exército dos EUA e quatro oficiais brasileiros. (Moraes, 1960)

<sup>54</sup> O envio das tropas foi dividido em 5 escalões, sendo as datas de embarque dos escalões posteriores: 2º e 3º Escalões, embarque em 22 de setembro de 1944, com cerca de 10.375 homens; 4º Escalão, embarque em 23 de novembro de 1944, com cerca de 4.691 homens; 5º Escalão, embarque em 8 de fevereiro de 1945, com cerca de 5.082 homens. O 1º Escalão transportou cerca de 5.075 homens. (Moraes, 1960; Silveira, 1989)

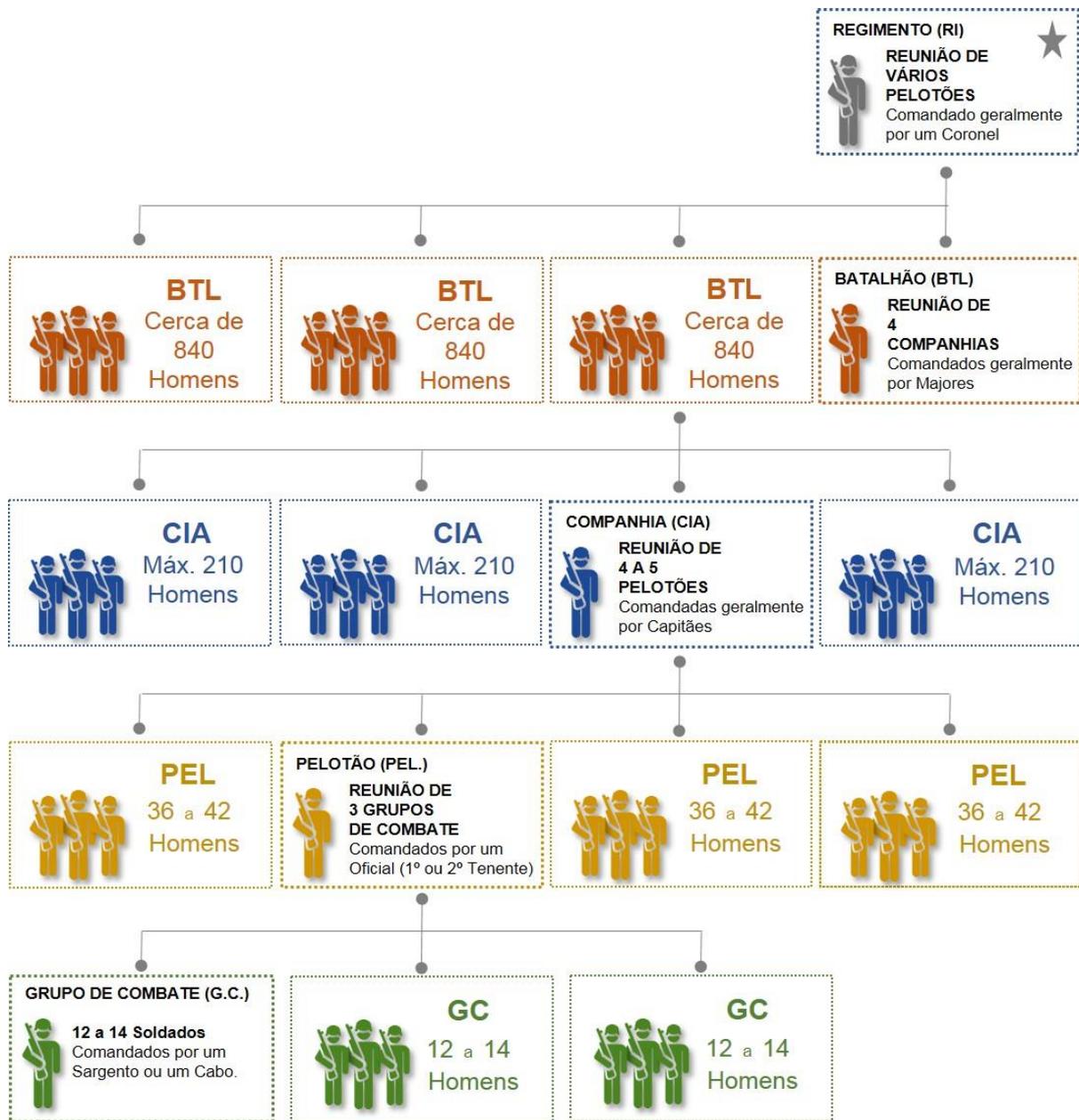
pracinha no exercício da sua missão cumpriu o seu dever, e muitos foram acima dele e muito além. (Silveira, 1989, p. 143)

### **5.3.1 A ESTRUTURA DAS UNIDADES DE INFANTARIA DE COMBATE DA F.E.B.**

Foram identificadas terminologias do universo militar usadas frequentemente nos relatos e narrações dos veteranos, tais como: Regimento, Batalhões, Companhia, Pelotões e Grupos de Combate. Para uma melhor assimilação, é apresentado na figura 07 um quadro que retrata as definições destes termos.

**Figura 07**

*Estrutura das Unidades de Infantaria de Combate da F.E.B.*



★ A Força Expedicionária Brasileira foi composta por 3 Regimentos de Infantaria nestes moldes. Os Regimentos contavam também com elementos adicionais de serviço e apoio.

*Nota.* Para desenvolvimento dessa peça gráfica, foram levantados dados da seguinte fonte: Ferraz, F. C. A. (2012). A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000). Eduel.

### **5.3.2 A COMPOSIÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**

Para facilitar a consulta e compreensão das narrativas dos veteranos apresentadas neste trabalho, sugere-se a consulta da peça gráfica “Quem foi à Itália?” situada no campo “anexos”, que contém todas as informações sobre a estrutura da F.E.B. O conteúdo desenvolvido é essencial para o entendimento dos relatos selecionados nos próximos capítulos, incluindo composição e funções de cada repartição militar e informações adicionais pertinentes sobre cada unidade citada.

## **6 EXPECTATIVAS**

Com o capítulo “Expectativas” inicia-se a curadoria de relatos dos ex-combatentes para o primeiro bloco da exposição proposta. Como critério de análise para definição de quais narrativas seriam incluídas nesta primeira parte da mostra, adota-se como ponto de partida um recorte temporal que inicia-se no momento em que foi criada a Portaria Ministerial 47-44, que criou as bases da Força Expedicionária Brasileira e finaliza-se com o desembarque e as primeiras impressões do território italiano, de acordo com a linha do tempo exposta nos anexos deste trabalho. Os demais parâmetros de seleção serão apresentados no decorrer deste capítulo.

Ao final de cada tópico abordado, será evidenciado o balanço numérico dos relatos selecionados. Desta forma, tenciona-se explicitar a apuração quantitativa das narrativas eleitas.

### **6.1 A CONVOCAÇÃO**

Esta primeira etapa da exposição foca-se no processo de recrutamento e definição do perfil do combatente brasileiro. Por conseguinte, pretende-se que o visitante desmistifique a crença relacionada à F.E.B. que estabelece os pracinhas como retrato fiel da maior parte do povo brasileiro da década de 1940 e os caracteriza como: analfabetos, raquíticos, sertanistas e desdentados.

A origem destes mitos populares, como o fato de serem sertanistas, pode ser associada às crônicas e reportagens escritas pelos correspondentes de guerra brasileiros que, motivados por fetiches sertanistas do Modernismo, difundiram a crença popular ao representarem em seus textos uma força combatente composta por homens vindos de áreas do país, que acreditavam ser a representação de um Brasil mais “puro” e “autêntico”. (Maximiano, 2010)

É possível afirmar que a linha adotada pelos jornalistas para descrever a F.E.B., inclusive com episódios fantasiosos em que brasileiros derrotavam alemães com gritos e golpes de capoeira<sup>55</sup>, vai de encontro com a onda de valorização da mestiçagem como símbolo da autenticidade brasileira, descrita precedentemente neste trabalho.

Para além, as crônicas dos correspondentes de guerra também tinham o intuito de auxiliar na manutenção do moral da tropa. Muitos destes textos relacionavam o pracinha franzino, descrito acima, com uma brasilidade em parte caricata, onde valores como a malandragem, a inventividade e o “jeitinho brasileiro” eram essenciais para sobrepujar o inimigo e sobreviver à guerra.

A mística nacional se favoreceu da vitória sobre os belicosos alemães, alimentando a ideia de uma força inerente ao povo brasileiro, advinda da supostamente insuperável capacidade de improvisação ‘do brasileiro’. Parte dos veteranos da FEB gostam de se enxergar como combatentes maliciosos, vencedores da guerra, graças à ‘esperteza’ própria dos expedicionários. (Maximiano, 2010, p. 174)

Em adição, tenciona-se pontuar ao visitante que nem sempre a convocação e as motivações para ir à guerra incluem um discurso patriótico e militar de sacrifício.

Para tanto, busca-se também definir dentro da pesquisa as categorias que constituíram a Força Expedicionária Brasileira, visto que as experiências descritas no processo de convocação foram completamente distintas, assim como as motivações, ou a falta delas, para ir à guerra.

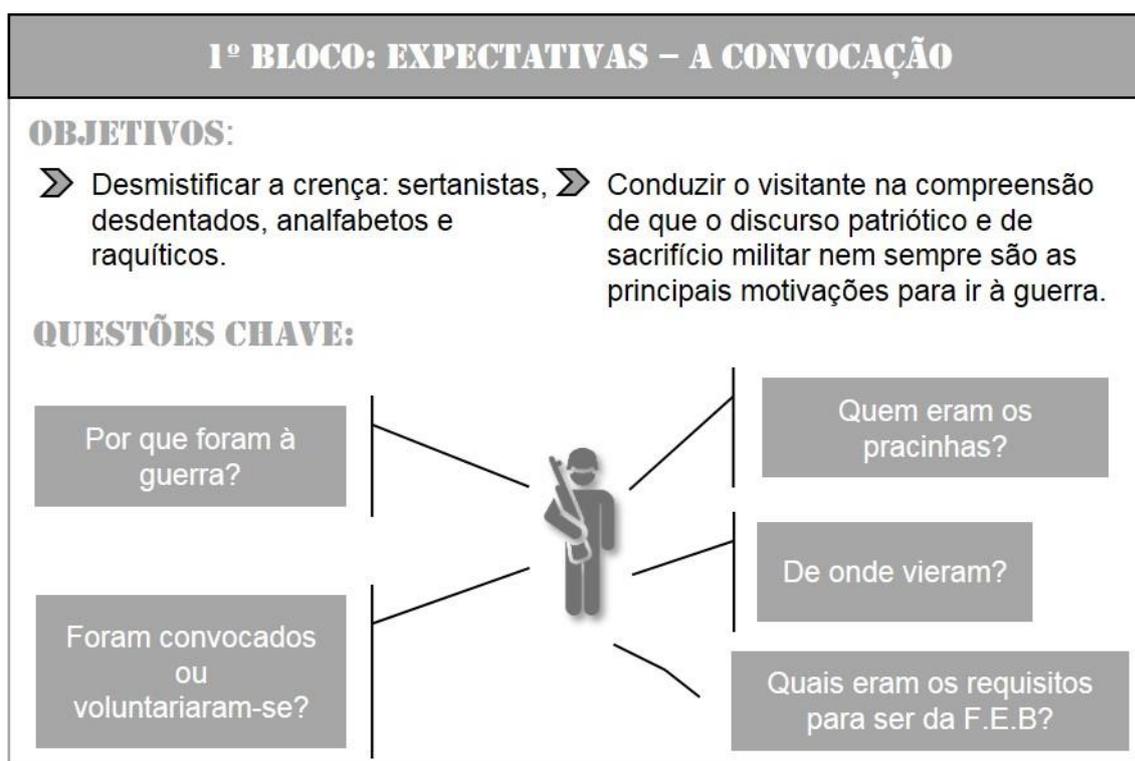
---

<sup>55</sup> Ver: Silveira, J., & Mitke, T. (1995). A luta dos pracinhas. Record.

O quadro exposto a seguir, na figura 08, tem como finalidade nortear a seleção de relatos, definindo como critérios questões a serem elucidadas ao visitante que podem apoiar no esclarecimento dos mitos pontuados acima.

### Figura 08

*Primeira Etapa da Exposição Itinerante – Expectativas: Questões chave sobre “A Convocação”.*



*Nota.* Autoria própria.

A decisão efetiva de enviar um corpo combatente brasileiro para lutar além-mar passou por um processo extremamente moroso, como visto anteriormente. Entre a declaração de guerra à Alemanha, em agosto de 1942, e a criação da Portaria Ministerial 47-44, que definia as bases da Força Expedicionária Brasileira, existiu um intervalo de cerca de um ano.

O Marechal Brayner (1968), Chefe de Estado-Maior da F.E.B., relembra o estado de ânimo da nação neste início:

Decidida a participação do Brasil, [...]. Não houve a manifestação do Parlamento para, em nome do povo, agitar a opinião pública, estabelecer a motivação, provocar o choque emocional e levar a nação à barra do sacrifício, se necessário fosse. As coisas se passaram pela forma simplista dos regimes totalitários. Conciliábulos e mais conciliábulos. Decisões de alcovas políticas em assuntos de tamanha importância! (p. 22)

Os planos eram ambiciosos, inicialmente o Brasil enviaria três Divisões, ou seja, era necessário selecionar uma elite de sessenta mil homens, entre duzentos mil convocados, em um prazo exímio de apenas noventa dias. (Ferraz, 2005) Por fim, foi possível organizar apenas uma Divisão para lutar no teatro de operações italiano.

A guerra moderna que se apresentava aos poucos aos brasileiros, exigia combatentes saudáveis, mas sobretudo intelectualmente aptos à empregar os novos recursos militares disponibilizados pelos Estados Unidos. Esses eram os pontos de partida para iniciar o recrutamento.

Ademais, para montar uma Divisão com a configuração do Exército Norte-Americano, era necessário selecionar elementos capacitados a preencher as funções de especialistas, que anteriormente não existiam no “velho” Exército Brasileiro.

Com essas premissas, fica claro compreendermos que o combatente brasileiro convocado para lutar na Itália, possuía um perfil distante da maioria dos brasileiros da década de 1940, ou seja, uma população em sua maioria analfabeta, pouco saudável e extremamente carente.

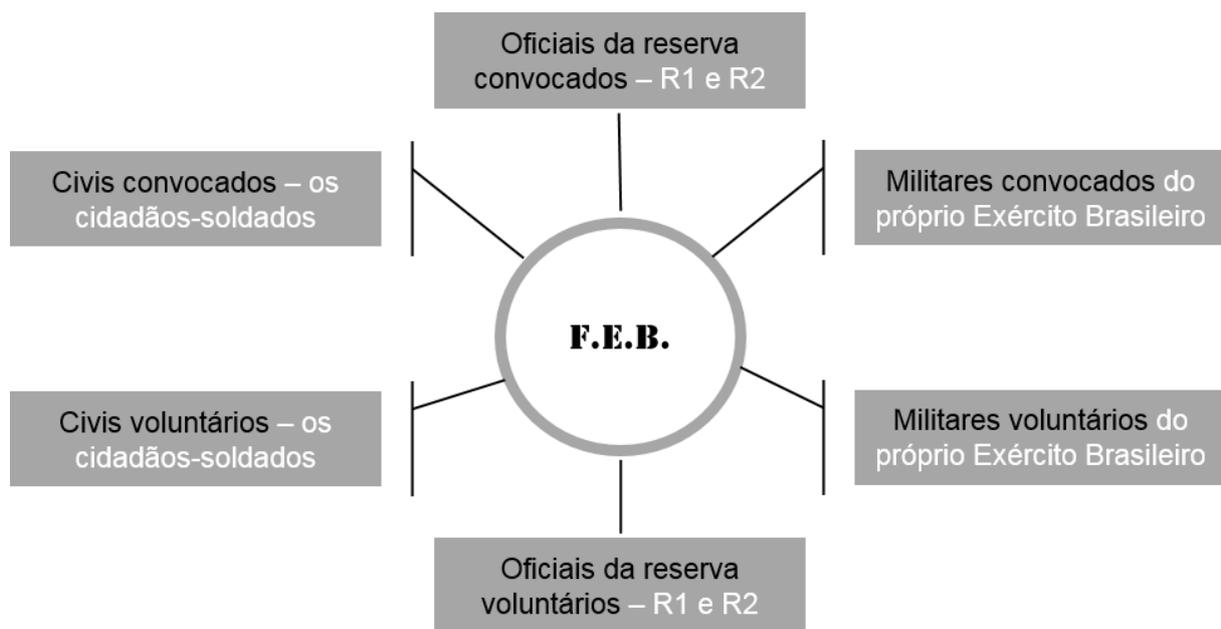
Mas por que o Ministério da Guerra decidiu compor uma Divisão “do zero”, com seleção por todo o país, se o Exército Brasileiro já possuía elementos, treinados, equipados e entrosados com os norte-americanos estacionados no Nordeste do Brasil para defesa territorial? Entre as justificativas, destacam-se o receio de uma possível ocupação permanente dos Estados Unidos na região e ainda, a constante possibilidade de invasão por parte dos alemães. À vista disso, não era pertinente deslocar essas unidades já ambientadas no Nordeste. (McCann, 1995; Ferraz, 2005; Ferraz, 2012)

Além disso, o Exército Brasileiro estava longe de possuir em seus efetivos integrantes altamente qualificados para combater em um conflito daquela magnitude. A carência de indivíduos que pudessem preencher as novas posições exigidas pelo modelo norte-americano implantado, tornava imprescindível a busca entre a população civil e os reservistas.

É comum associar a composição de uma tropa combatente apenas com civis voluntários imbuídos de espírito patriótico, todavia, para compor a força brasileira, são identificados na pesquisa seis grupos envolvidos na figura 09.

### Figura 09

*Categorias que constituíram a F.E.B.*



*Nota.* Autoria Própria.

Esses grupos não estavam localizados de maneira uniforme pelo Brasil. Relativamente aos militares já incorporados, para não interferir nas tropas já locadas no Nordeste, o Exército optou por recrutar elementos de outras regiões militares existentes, localizadas no Distrito Federal e estados do Rio de Janeiro (1ª Região Militar), São Paulo (2ª Região Militar), Mato Grosso (9ª Região Militar) e Minas Gerais (4ª Região Militar). Essas Regiões Militares, além de seus próprios membros, receberam militares transferidos de diversas partes do Brasil.

Se os civis e militares recrutados não tinham sua origem no sertão distante do país, de onde vieram? Onde encontrar cidadãos aptos intelectualmente e com boa saúde entre o povo sofrido espalhado pelo Brasil? A resposta estava nas grandes cidades, que possuíam melhor qualidade de vida do que o restante do Brasil e/ou que pertenciam ao circuito da malha ferroviária distribuída pelo país, ou seja, o

recrutamento também dependeu da competência do Governo de chegar até os convocados através da eficiência de suas redes de transporte.

Deste modo, relatos de veteranos das cidades pertencentes ao estado de São Paulo, como Campinas, Araçatuba, Bauru e Ribeirão Preto são corriqueiros, visto que eram cidades que margeavam a Cia Paulista de Estradas de Ferro, por exemplo.

A 1ª Divisão de Infantaria foi composta em sua maioria por homens das regiões Sul e Sudeste do país, visto que a seleção de homens da região Norte e Nordeste mostrou-se extremamente custosa evidenciando apenas a dura realidade da saúde pública destas regiões.

Algumas avaliações do processo de convocação argumentam que a predominância de convocados dos Estados do Sul e Sudeste se deveu à necessidade de manter as tropas guarnecendo o Nordeste. É verdade que havia uma grande parte do Exército Brasileiro concentrada naquela região; no entanto, tais analistas não levaram em consideração que uma porção apreciável de unidades mantidas no Nordeste era proveniente do Sul e Sudeste do Brasil. (Maximiano, 2010, pp. 56-57)

A Força Brasileira foi composta por indivíduos de todas as origens sociais, no entanto, pela necessidade de maior grau de instrução, foi um processo lógico buscarem por muitos jovens da classe média.

[...] a guerra provocava grande demanda por líderes de combate que servissem nas funções de comando mais próximas à tropa. Se aceitarmos como verdadeira a ideia de que as 'elites' tradicionais do tempo de guerra eram compostas por oficiais da reserva com profissões liberais, como médicos, engenheiros e advogados, a proposição de que a parcela mais privilegiada da sociedade brasileira teria se esquivado de cumprir seu dever militar torna-se automaticamente questionável. (Maximiano, 2010, p. 73)

Os militares da reserva de primeira e segunda classes (R1 e R2) convocados, em sua maioria não possuíam experiência de combate. No caso dos R2, eram jovens que pertenceram aos "Tiros de

Guerra”, onde recebiam instrução militar básica em meio período e tinham o restante do tempo livre para dedicarem-se aos estudos ou ao trabalho na vida civil. Eram jovens estudantes ou profissionais liberais, que acabaram por ser colocados à frente de pelotões sem terem realmente vivenciado a vida militar anteriormente.

Outra solução adotada para preencher os postos de especialistas, foi convocar elementos de instituições que pela natureza de suas atividades, poderiam fornecer efetivo com treinamento parcial. Para formar o Pelotão de Polícia, por exemplo, optaram por abrir voluntariado na Guarda Civil de São Paulo. Já para constituir os Serviços de Transmissões, foram até as Companhias de Eletricidade e Telefonia.

Quanto ao voluntariado, é possível relacionar erroneamente o envolvimento dos brasileiros nas manifestações exigindo a entrada do Brasil na guerra realizadas após os afundamentos, com um forte espírito de patriotismo e engajamento ou ainda, associar o considerável número de pessoas nos protestos com um grande número de voluntários para ir à guerra efetivamente.

Todavia, apesar da publicidade do Governo, ao final do processo de recrutamento, os quadros não continham números expressivos de voluntários. De “2,4 milhões de jovens, entre 21 e 26 anos, apenas 2.750 se apresentaram e 1.570 foram julgados aptos e incorporados” (Ministério da Guerra, 1943 como citado em Ferraz, 2012, p. 53)

Segundo o Marechal Floriano de Lima Brayner (1968), a cooperação para preencher os quadros também não foi perfeita mesmo entre os menos letrados. “Não havia qualquer estímulo ou sentido heroico, exaltado, para neutralizar o sacrifício que se impunha aos menos cultos.” (p. 32)

O distanciamento da população brasileira evidenciado anteriormente neste trabalho estendeu-se então ao período de convocação. Boa parte dos universitários envolvidos nas manifestações pró-guerra, não voluntariaram-se ou conseguiram, através de conhecimentos no meio político ou militar, serem dispensados. No entanto, não se pode tomar como absoluta a ausência de estudantes no efetivo da F.E.B., voluntários ou não, muitos mantiveram seu compromisso com o Exército. Cabe salientar que o curso superior não garantia a patente de oficial, inclusive engenheiros atuaram como praças, na linha de frente, assim como médicos em funções sem ligação alguma com a saúde. Os relatos abaixo evidenciam a questão:

Lembro-me também do Alberto, que era do Paraná, ele falava inglês e durante o curso nos dávamos muito bem. Um Tenente de Engenharia americano, nosso instrutor, um Oficial bem legal e bastante firme, perguntava como eu tinha o curso superior e era praça. Respondia que no nosso Exército era assim mesmo, não tem nada a ver com curso superior. Ele dizia que lá era diferente e que poderia indicar-me para fazer um curso de Oficial. [...]<sup>56</sup> (Motta, 2001c, p. 157)

Nasci em Campinas, onde fiz os estudos primário e secundário; depois a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, graduando-me em 1940. Fiquei dois anos na capital do Estado e, naquele tempo, não possuía residência própria para fazer a especialidade e começar um trabalho. Em 1942 fui para a terra de uns parentes meus, onde havia três médicos, mas nenhum ginecologista e obstetra.

Um ano depois já estava muito bem na profissão, pois os próprios colegas me prestigiavam muito. Então fui convocado para a FEB, em 1943. Levei um choque emocional muito grande e, no começo, não me conformei.

[...] como ginecologista e obstetra, trabalhava bastante. Por isso minha convocação fora um impacto muito forte. *Era médico e já exercia a profissão. Ser convocado para o serviço ativo do Exército, na arma de Infantaria, não foi facilmente absorvido.* [grifo nosso]

Mas de qualquer jeito conformei-me, mesmo porque não tinha outra solução. [...]

Fizemos o treinamento dentro do possível, [...] Éramos muitos oficiais da reserva, só no meu Batalhão havia seis ou sete médicos.<sup>57</sup> (Motta, 2001c, pp. 168-169)

---

<sup>56</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>57</sup> Relato do Doutor JOSÉ ALFIO PIASON, que na F.E.B. atuou como Chefe da 2ª Seção do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

De modo geral, as tentativas para serem dispensados não foram exclusividade apenas de civis e estudantes, oficiais da ativa, praças e reservas também buscaram fugir da convocação para a força combatente.

Para as autoridades militares, a avaliação do “ambiente para guerra” era ainda pior que as cifras de mobilização do efetivo. Constatava-se que a juventude de maior escolaridade apreciava fazer discursos favoráveis à guerra, mas não se apresentava para luta-la. A avalanche de pedidos de dispensa de setores do funcionalismo público e de alta especialização técnica ao Ministério da Guerra atingia principalmente o pessoal mobilizado instruído, enquanto o pessoal sem instrução permanecia mobilizado. Essa evasão não passava despercebida da população. (Ferraz, 2012, p. 53)

Não existiu uma grande mobilização voluntária e muitos dos convocados selecionados, civis ou militares, que passaram nas inspeções, utilizaram-se dos mais diversos expedientes para não irem à guerra, empregavam o que ficou conhecido como “pistolões”. Entre os militares que poderiam ser convocados, era comum solicitar transferência para regiões militares que não abrangiam o processo de recrutamento. Uma outra solução encontrada para que não fossem enviados após serem selecionados, era cometerem infrações até serem expulsos da Corporação Militar. Esse último recurso não pôde ser utilizado por um grande período, pois as lideranças militares, cientes das baixas, o vetou com a emissão de uma nota-circular reservada que excluía a condição de bom comportamento para ser incorporado à F.E.B.

Os rodízios e substituições excessivos dos elementos incorporados, causados por interesses pessoais em jogo e por motivos de fundo afetivo e emotivo, sobrecarregaram a administração e retardaram a instrução.

A falta de preparação psicológica do país para a guerra, cujo povo não chegou a compreender bem as causas que levaram seus filhos a participar de uma campanha externa, prejudicou o voluntariado e agravou o quadro acima. (Rosty, 2018, p. 89)

Através da análise das narrativas, é possível organizar os fatores que conduziram os pracinhas ao conflito em oito grupos. Com este recurso, serão selecionados ao menos um relato de cada categoria com a finalidade de revelar ao visitante que o processo de convocação e recrutamento não estava estritamente vinculado ao patriotismo. Ademais, nem todos os combatentes ingressaram na F.E.B. cientes do porquê estavam sendo levados a lutar em outro continente. Não existia um discurso militar de sacrifício ou manifestação patriótica enraizados de maneira uniforme entre os selecionados, eram valores geralmente adquiridos por alguns no decorrer do conflito.

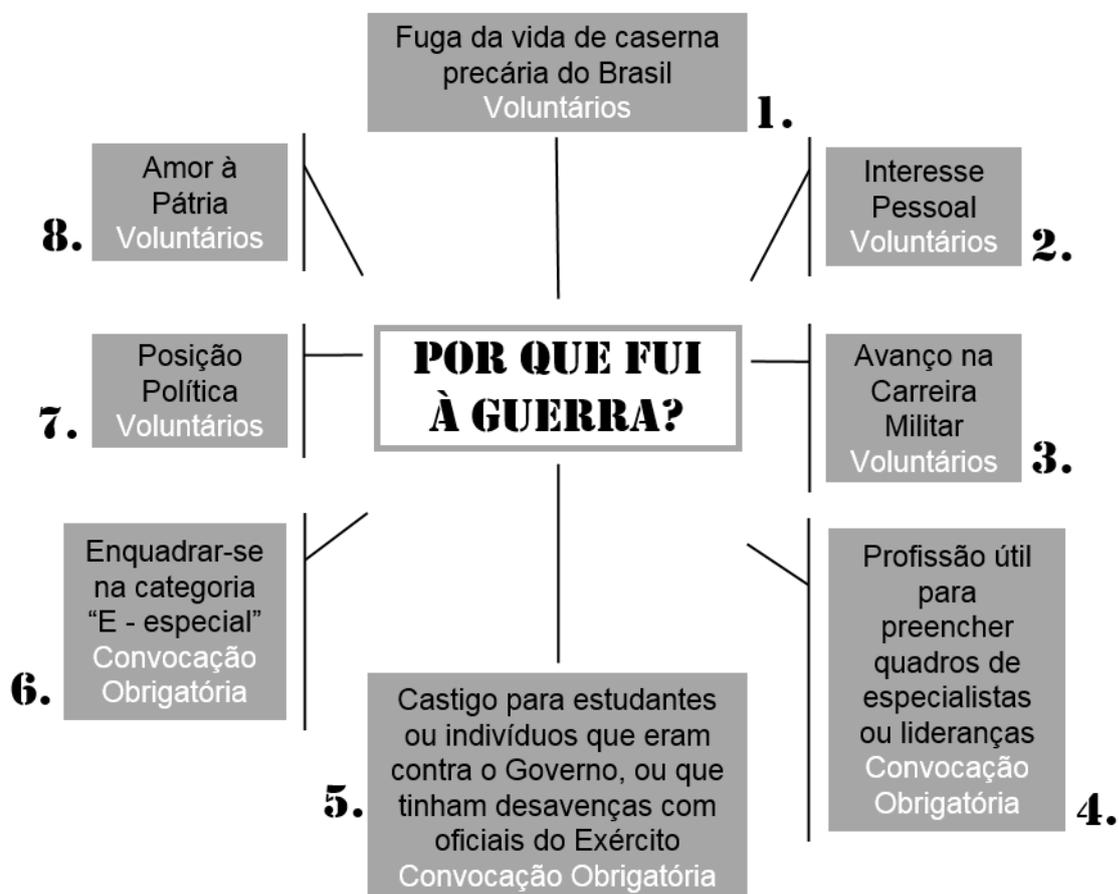
O major médico Dr. Mirandolino Caldas, Chefe do Posto Avançado de Neuropsiquiatria na Itália, afirma em seu livro de memórias que o índice de motivação era baixo, 50% dos soldados e convocados que foram examinados no processo de seleção de saúde, não tinham a menor noção do porquê o Brasil estava em guerra. (Caldas, 1950 como citado em Maximiano, 2010)

Entretanto, não é possível excluir completamente a motivação patriótica como condição para ingressarem na guerra, pois foram identificadas algumas narrativas com esse elemento como estímulo, como será visto mais à frente.

O esquema abaixo exposto na figura 10, aponta os fatores de ingresso identificados no decorrer da pesquisa:

**Figura 10**

*Motivações para ir à guerra.*



*Nota.* Autoria própria.

Para selecionar entre os militares, reservistas e civis elementos que se enquadrassem à categoria "E – Especial", era preciso preencher certos requisitos mínimos e passar pela avaliação médica. Entre eles: possuir vinte e seis dentes naturais, pesar no mínimo 60 kg, a escolaridade mínima exigida era a 4ª série primária, 1.60 m de altura para praças e 1.65 m para oficiais.

O mito do prevaecimento do analfabetismo na Força Brasileira, começa a ser questionado já no processo de convocação com a escolaridade mínima exigida e encerra-se com a análise do vasto número de correspondências trocadas com o Brasil, bem como com a publicação de inúmeros impressos criados pelos próprios pracinhas no teatro de operações italiano.

O movimento de cartas chegou a atingir uma média de 3 mil unidades por dia e cerca de 70% dos homens possuíam nível de instrução primária. (Silveira, 1989; Maximiano, 2010).

Considerando o movimento postal da FEB, a abundância de publicações variadas como panfletos de ordem do dia, volantes de propaganda, manuais de orientações para tropa e o variado número de jornais de trincheira, é possível afirmar que a tropa, em sua maioria, era composta de homens alfabetizados. Milhões de cartas foram trocadas entre Itália e o Brasil em 15 meses (lembrando que o contingente da FEB e da FAB era de cerca de 26 mil homens), e os jornais de trincheira como ...E a Cobra Fumou! e órgãos do comando como o Cruzeiro do Sul eram avidamente procurados pelos homens. Esses jornais estavam abertos para colaborações enviadas por soldados, cujos textos afluíam para as redações improvisadas. No Cobra, havia uma seção exclusiva para publicação de textos enviados por expedicionários, chamada 'Poetas de *Foxhole*' (Maximiano, 2010, pp. 54-55)

Outra questão muito abordada sobre os pracinhas, trata da deficiente saúde dentária da tropa e de sua pouca capacidade física. A crença de que o Brasil enviou uma Divisão inteira de desdentados, também é discutível quando observa-se que nas inspeções de saúde este foi um dos fatores de maior exclusão: dentadura insuficiente.

Apesar da população brasileira e mesmo a maior parte dos membros do "velho" Exército viverem sob péssimas condições sanitárias e de fato possuírem fraca dentição, com as exigências do processo do recrutamento, a Divisão Brasileira passou a pertencer a um grupo com estado de saúde superior ao restante dos brasileiros que permaneceram no país.

Engana-se quem associa o problema apenas ao Brasil, visto que esta era uma adversidade mundial. Inclusive afetava o próprio Exército Norte-Americano. "De setembro de 1944 a março de 1945, os dentistas do V Exército precisaram extrair 22.848 dentes de soldados americanos." (Maximiano, 2010, p. 55)

O documentário *The War* (2007), também expõe os problemas enfrentados pelos Estados Unidos durante o seu processo inicial de recrutamento. Questões sanitárias ou de analfabetismo, não eram exclusividade dos países da América do Sul.

Quase 50 milhões de homens se recensearam durante a guerra. Para serem considerados aptos, tinham de ter 1,50m de altura, pesar 50 kg, ter visão corrigível e, pelo menos, metade dos dentes. Dos 18 milhões de homens examinados pelos médicos do Exército, cinco milhões e meio

foram rejeitados por razões médicas, dentárias ou morais [...]. Inicialmente, os homens também tinham de saber ler e escrever, mas, após a rejeição de centenas de milhares com base nessa pontuação, o requisito foi abandonado e o Exército preparou escolas especiais para ensinar os soldados a ler. O objetivo do treino básico era transformar rapazes indisciplinados em combatentes, cuja camaradagem e lealdade para com a sua unidade os ajudaria a suportar o pior que as batalhas tivessem para dar. (Burns & Novick, 2007)

Como aconteceu com os combatentes americanos do V Exército, os brasileiros também utilizaram os serviços de saúde de forma expressiva na Itália. Durante a campanha, os dentistas da F.E.B. “realizaram 16.015 exames, 10.399 tratamentos, 9.071 extrações e 8.329 obturações.” (McCann, 1995, p. 290)

Já a busca por combatentes com o porte físico adequado para o combate mostrou-se semelhante para os médicos que tratavam da inspeção. Obviamente, selecionar elementos aptos fisicamente para o conflito e resistentes às condições climáticas diferentes das que estavam habituados, em um país com altos índices de desnutrição e doenças ligadas às degradantes condições sanitárias – seja no meio civil ou militar – não era tarefa fácil.

O perfil físico dos membros da F.E.B. pode ser analisado através de dados como a numeração dos calçados e uniformes dos combatentes. A maior parte dos fardamentos enquadrava-se nos tamanhos médio e grande, o que sugere que os expedicionários encontravam-se acima dos padrões do Exército Brasileiro de massa corporal e estatura:

Obviamente, dimensões corporais não equivalem necessariamente a resistência física, mas no caso da FEB é inevitável a associação entre a estatura e a robustez e as boas condições sanitárias. Essas características haviam sido produto da seleção médica, da alimentação melhorada consumida nas áreas privilegiadas pelo recrutamento e da intensificação dos programas de instrução física. A FEB tinha, portanto, bem mais a feição das colônias de poloneses e italianos do Sul, dos bairros cariocas e de São Paulo e das cidades mineiras do que as alegorias cantadas por correspondentes, responsáveis por criar uma espécie de discriminação racial com tempero dos trópicos: a ideia de que ‘caboclinhos franzinos e cheios de ginga’ seriam, por natureza, superiores aos obtusos *übermenschen tedescos*. (Maximiano, 2010, p. 59)

Desta forma, a crença de uma força combatente mirrada e frágil compondo em totalidade a Força Brasileira também é controversa.

Quanto à questão racial dentro da F.E.B., cabe fazer uma ressalva que também enquadra-se na definição do perfil do combatente brasileiro. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Exército Norte-Americano ainda possuía suas tropas segregadas racialmente. Ao lado dos brasileiros, lutou a *Buffalo Division* – 92ª Divisão de Infantaria<sup>58</sup> – uma tropa formada inteiramente por negros comandada por brancos. Todavia, apesar dos brasileiros terem adotado a organização militar dos Estados Unidos, esse foi um dos princípios que não foi empregado nas tropas brasileiras, sendo a FEB a única unidade em todo o conflito com integração racial.

Isso não quer dizer que estava imune a episódios de racismo, mas tais incidentes nunca configuraram uma segregação aberta e estrutural, como nas forças americanas. Na verdade, os expedicionários reproduziram as relações raciais da sociedade que representavam, bem como acreditavam, tal como a maioria da população que ficara no Brasil, numa “democracia racial” que não antagonizava diretamente brancos, negros e mestiços. Além do mais a camaradagem vivenciada na dependência mútua durante as missões ajudou a diminuir muito os resíduos de racismo ainda persistentes. Na autoimagem construída pela maioria dos expedicionários, a FEB era, assim, radicalmente diferente do racismo segregacionista americano (Ferraz, 2012, p. 76)

A questão da integração racial é mencionada pelo veterano João Ferreira Albuquerque. Outros veteranos também abordam a questão em seus relatos.

Quando chegamos a Lizano e Belvedere, fomos substituídos por uma Divisão de Negros americanos. Eu conversava com um capitão deles que achou estranho um sargento negro brasileiro dando ordem para um soldado branco. Respondi que não era problema porque no Exército Brasileiro não havia preconceito. Se fosse um cabo negro podia comandar um soldado

---

<sup>58</sup> Ver figura 04 deste trabalho – Organograma V Exército dos Estados Unidos.

branco; acrescentei que num curso que fiz de transmissões existia um Oficial de cor, um capitão, que ministrava aula e sem qualquer problema. Ele falou que estava espantado, porque na sua Divisão, de Major para cima, só podia ser branco. Ficaram admirados de nos ver brincando, entre nós não havia nada demais<sup>59</sup>. (Motta, 2001c, p. 152)

Os americanos, em relação aos feridos, pareciam esquecer dos problemas de racismo, embora soubéssemos que permanecia latente o preconceito contra a cor negra, por parte deles. Muitas vezes, em nosso relacionamento, quando mantínhamos o contato com os americanos, sempre estranhavam a camaradagem entre o branco e o negro brasileiros. Os ingleses também estranhavam esse nosso relacionamento. Mas em relação aos feridos de guerra, os médicos americanos, compreensivelmente, mantinham o espírito humanitário, superando problemas de cor.<sup>60</sup> (Motta, 2001g, p. 127)

[...] Corria como certo que os franceses estavam arquitetando para atrasar a ida de nossa tropa, porque nós iríamos desembarcar no Norte da África e, depois, fazer parte da tropa que iria atravessar o Mediterrâneo e entrar nas praias do Sul da França. Dizia-se que os franceses se sentiriam um tanto melindrados, se fossem libertados dos alemães por tropas de origem multirracial.

É bom que se diga isso e as novas gerações saibam, porque a nossa tropa, segundo eles, era composta de negros, mulatos, nipônicos etc.; de fato, ela era como é o nosso Exército e a Nação brasileira, de origem multirracial. Havia descendentes de poloneses no Paraná, de alemães em Santa Catarina, de bugres lá da Amazônia, de italianos de todas as partes do Brasil; éramos, de fato, uma tropa de composição multirracial e os alemães se aproveitaram disso para aquela campanha psicológica que faziam. Porque, naturalmente, o regime nazista era essencialmente racista, os alemães veiculavam uma transmissão radiofônica em português

---

<sup>59</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>60</sup> Relato do Doutor DIAZ SEBASTIÃO CAMMAROSANO, que na F.E.B. atuou como Sargento Enfermeiro da 3ª Companhia de Evacuação do I Batalhão de Saúde.

dizendo: “O que vocês vêm fazer aqui? Vocês são mistura de raças, pensam que guerra é como samba e futebol, guerra é diferente.” Nessa propaganda nazista, a voz era muito bonita, de mulher [...]

Desembarcamos em Nápoles e daí fomos levados mais para o norte e incorporados ao V Exército Norte-Americano, que tinha uma divisão composta só de negros, mas essa era uma questão dos americanos e nós não tínhamos nada a ver com aquilo. Os nossos negros eram tratados iguais a todos, tínhamos, dentre eles, oficiais e sargentos corajosos. [...] <sup>61</sup> (Motta, 2001c, pp. 35-37)

Primeiro, quando chegamos à Itália, ainda em Nápoles, o 1º Escalão da FEB despertou a atenção, porque havia gente de toda cor e de toda espécie, evidenciando a integração racial na Força. Já as Unidades americanas eram segregadas, só havia divisões e regimentos, ou de negros, ou de brancos e também um Regimento de filhos de japoneses, nascidos nos Estados Unidos e que foram voluntários para a guerra, e estes tiveram o percentual mais alto de condecorações por bravura.

Mas chegavam os brasileiros e chamavam a atenção. [...] <sup>62</sup> (Motta, 2001c, pp. 80-81)

Naqueles dias antes do Natal, tivemos ordem de nos arrumar, porque iríamos ter uns dias de licença na cidade de Florença [...] Fomos para lá e ficamos juntos com os negros americanos. Tudo fora preparado antes porque nós do nosso lado tínhamos uns negros também, e eles na época da guerra não se misturavam, “exército branco” e “exército negro”. Ficávamos juntos e eles se abismaram de ver. Sabe o que nós fazíamos? Havia um negrinho apelidado de Chocolate e eu o punha nas minhas costas e fazia cavalinho, e os americanos botavam os olhos em cima

---

<sup>61</sup> Relato do General-de-Brigada RUBENS RESSTEL, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>62</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

e ficavam admirados por essa nossa brincadeira. A gente se divertia, brincava, nada por maldade.<sup>63</sup> (Motta, 2001c, pp. 205-206)

Havia tropas americanas que utilizavam os negros mais para os trabalhos de estrada. A 92ª Divisão lutava na frente, mas, mesmo assim, persistiam os preconceitos; os oficiais, de Capitão para cima, eram brancos. Os praças eram negros; até os tenentes eram negros. Vi muitas vezes a formatura deles. Nossos colegas comentavam: “Olha o pássaro preto e o tico-tico. Porque o tico-tico põe ovo no ninho do pássaro preto.”<sup>64</sup> (Motta, 2001c, p. 303)

O General-de-Brigada, Rubens Resstel, vivenciou um episódio cheio de humor sobre a questão racial na Itália quando foram verificar uma área edificada, desta vez, envolvendo a população civil italiana, já muito traumatizada pelo conflito.

[...] Acontece que quando os alemães abandonaram, aquela gente simples, italianos que só viviam do trabalho, ficou apreensiva com a chegada dos brasileiros. É que os alemães disseram que, na tropa de brasileiros havia negros que comiam criança, que pegavam o *bambino* pela perna, jogavam para cima e estocavam na baioneta; depois bebiam o sangue e assavam. Dizer isso para italianos simplórios como aqueles, provocou um grande apavoramento quando souberam que vinham brasileiros. O tenente entrou em formação de combate e não ouviu barulho nenhum, não viu ninguém e deduziu que poderia haver alemães por ali. Assim, mandou um grupo de combate desbordar pela direita e outro pela esquerda e ele foi pelo centro; quando chegaram na rua principal, perto da igreja, lá estava o padre com um crucifixo e as pessoas todas ao lado. Eles tinham escondido as crianças no porão das casas, com a recomendação que não fizessem barulho, porque chegariam uns negros brasileiros que comiam *bambinos*. O ordenança do tenente era um negrão forte e muito bem armado, sempre pronto para defender

---

<sup>63</sup> Relato de JÚLIO DO VALE, que na F.E.B. atuou como Padioleiro do 1º Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>64</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

seu comandante. Ele viu que o padre estava com um crucifixo na mão, junto aos homens e às mulheres, mas não viu crianças. Então, foi caminhando, querendo saber quando os alemães tinham passado lá, mas, quando se aproximou, o padre levantou o crucifixo, as mulheres começaram a se ajoelhar, achando que iriam ser mortos e que o negrão iria comer os *bambinos*. Foi difícil convencê-los que não era nada disso. Em todo lugar onde se chega na Itália, há crianças e elas vêm correndo, porque os nossos soldados distribuíam doces. O ordenança, que era um negrão forte, com a arma na mão para defender o tenente, olhou para os lados, não viu nenhuma criança e perguntou: “Ué, *no tiene bambino* aqui?!” Foi aquele pânico, o negrão confirmou a cisma e, até que o tenente acalmasse os ânimos e restabelecesse a ordem, foi difícil. Tudo terminou com o negrão brincando com a criança no colo, comendo chocolate. É que aquele pessoal era muito simples, vivia para a religião e para o trabalho, e quando os alemães passaram lá dizendo que os negros brasileiros comiam criança, eles acreditaram e foram tomados de pânico.<sup>65</sup> (Motta, 2001c, p. 50)

É possível afirmar que durante o processo de seleção não existiram restrições quanto as ascendências, origens e características como a cor da pele dos selecionados. A F.E.B. foi formada por brancos, negros, asiáticos, indígenas e mestiços (Ferraz, 2005). Até mesmo cidadãos brasileiros, filhos de alemães, japoneses, italianos, ou outros países ligados ao Eixo foram convocados para a Campanha Italiana.

Imigrantes também foram inseridos nos quadros, como o ucraniano Boris Schnaiderman, que alistou-se no serviço militar para conseguir a documentação necessária para validar seu diploma estrangeiro de engenheiro agrônomo e por fim foi destacado para ir à guerra.

À medida que o perfil do combatente brasileiro ia delineando-se, ficava evidente para os médicos responsáveis pela inspeção de saúde que seria um grande desafio selecionar a categoria “especial”, supostamente apta para combater em território europeu. Somados aos fatores citados anteriormente, destacam-se também a falta de efetivo médico para realizar as avaliações e o tempo exíguo para

---

<sup>65</sup> Relato do General-de-Brigada RUBENS RESSTEL, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em abril de 2000.

cumprirem a tarefa. Ao final, a seleção revelou a dura realidade do país. A saúde precária e a falta de assistência médica eram reflexos tristes do subdesenvolvimento.

Desnutrição, doenças crônicas, parasitárias, patologias circulatórias, pulmonares e dermatológicas caracterizavam expressiva parcela da população examinada, inclusive praças e oficiais do Exército regular, aprovados nos exames físicos ordinários para ingresso na profissão militar mas com enfermidades incompatíveis para seu uso em combate, tais como daltonismo, pés chatos, doenças respiratórias e circulatórias e até mesmo icterícia, epilepsia e hanseníase, além de psicoses variadas. (Ferraz, 2005, pp. 46-47)

Notoriamente, em um país que dava seus primeiros passos rumo à industrialização, com condições sanitárias frágeis e pouca escolaridade, a missão mostrou-se mais complexa do que o esperado. Por fim, o Exército optou por afrouxar suas imposições, fichas foram reexaminadas e muitos embarcaram sem enquadrarem-se em perfeição às exigências da Instituição.

Mesmo com todas as facilidades de aprovação e as distorções do planejamento inicial, foram realizadas 107.609 inspeções de saúde, e reprovados 23.236 convocados. Como resultado, durante a guerra na Itália, os expedicionários feridos ou que contraíram doenças em combate tiveram de dividir as atenções e os leitos com aqueles que precisaram realizar, no *front*, o tratamento de doenças que levavam do Brasil. (Ferraz, 2005, p. 48)

Embora, tenham embarcado alguns analfabetos e elementos com a saúde debilitada, não é possível afirmar que a F.E.B. foi formada integralmente por analfabetos, raquíticos e desdentados. Este perfil era mais análogo ao Exército que permaneceu no Brasil, podendo ser este um dos fatores que acabaram por relacionar os pracinhas a esta feição. Ou seja, a população não teria desvinculado a imagem da nova Divisão Brasileira do “velho” Exército de Caxias, que não participou da campanha italiana.

Um homem poderia ser apto a pertencer aos quadros do Exército Brasileiro e inapto à FEB, visto que as exigências tencionavam aumentar o padrão de saúde e escolaridade do grupo. Neste ponto, os

princípios norte-americanos impostos para organização da Divisão Brasileira tornaram-na muito diferente do restante das unidades do Exército existentes no país, nomeadamente em sua composição e nas relações entre oficiais e subordinados.

As relações rígidas e formais existentes no Exército do Brasil, que não enfrentavam inimigo externo desde a guerra da Tríplice Aliança (1865-1870), foram logo abaladas nas fileiras da FEB. Ao invés de analfabetos, os oficiais encontraram universitários em suas companhias, e os coronéis descobriram que seus subordinados eram médicos, engenheiros e advogados, bem como antigos sargentos promovidos a tenentes. (McCann, 1995, p. 321)

A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e o processo de criação da F.E.B., trouxeram para o Exército Brasileiro não só o início da construção de novas relações entre seus membros, novos equipamentos e técnicas avançadas de combate, mas também a ampliação de seu efetivo militar, ou seja, uma expansão de 95 mil para 165 mil homens (Ministério da Guerra, 1943). O novo ambiente dos quartéis agora demandava a convivência entre civis – os cidadãos-soldados – e os militares de carreira.

Diante do exposto, relativamente ao perfil e composição da Força Expedicionária Brasileira, pode-se concluir que, na prática, a Divisão foi constituída por indivíduos um pouco mais favorecidos e que viviam em circunstâncias melhores que a maior parte dos brasileiros do período.

O processo de recrutamento e todas as dificuldades enfrentadas para constituir o efetivo de cerca de 25 mil homens, apenas revelaram a triste realidade sanitária e econômica que assolava o Brasil.

Posto isso, serão apresentados a seguir os relatos selecionados de acordo com os critérios mencionados em momento anterior.

Inicialmente, serão selecionadas narrativas sobre o processo de convocação e organização da Força Expedicionária Brasileira. Os relatos expostos no livro de memórias de Brayner (1968), Chefe de Estado-Maior da F.E.B., retratam suas impressões sobre o processo convocatório e a desistência do envio de três divisões:

[...] Não foi possível fugir a cruéis imperfeições. Convocamos homens para a guerra, como se tratasse de um simples ensaio de mobilização visando a uma manobra de tempo de paz, em que se colocam, face a face, 'azuis' e 'vermelhos'.

Estávamos longe de pensar nas amarguras que nos aguardavam diante da dura realidade.

A ideia inicial era de se enviar ao Teatro de Operações Europeu um corpo de Exército Brasileiro, composto de três Divisões de Infantaria. Era o resultado dos conciliábulos de Washington, entre autoridades brasileiras e americanas, visando a nossa contribuição humana. Os que assim agiam não meditavam sobre a realidade de uma mobilização naquelas circunstâncias, sem, ao menos, uma preparação psicológica, apesar do pesado tributo já pago com os torpedeamentos dos barcos brasileiros. (p. 16)

Ninguém pensou, nem procurou aprofundar a hipótese de ser o concurso do Brasil reduzido a uma única divisão, embora as tremendas dificuldades encontradas para a mobilização e organização da 1ª Divisão de Infantaria demonstrassem a impossibilidade de se ir mais longe na cooperação com os Aliados.

Acreditamos que, ao assumir o Brasil o compromisso de participar diretamente no conflito, não havia o nosso governo medido bem a extensão e a complexidade do passo que dava naquele momento. (p. 24)

Quanto aos prazos ambiciosos estipulados na fase de planejamento, Brayner (1968) completa:

Somente a 18 de outubro de 1943 foi expedido Documento Reservado contendo as primeiras prescrições para a transformação das unidades constitutivas da Nova Divisão tipo americana, que passaríamos a chamar tipo FEB.

A recomendação mais absurda era a que a transformação das unidades estivesse terminada em 15 de novembro, isto é, em menos de um mês.

Nem varinha de condão o conseguiria. (p. 26)

Já o relato abaixo, destaca a composição da Divisão Brasileira e localidades dos regimentos convocados.

[...] passou-se, então, à organização.

Nesta, basicamente, se incluíam o Comando, o Estado-Maior e três Regimentos de Infantaria: o 1º Regimento de Infantaria, Regimento Sampaio, com sede no Rio de Janeiro, o 6º Regimento de Infantaria, com sede em Caçapava, e o 11º Regimento de Infantaria, com sede em São João Del Rei. Ainda, quatro grupos de Artilharia, três de apoio direto e um de ação de conjunto, um Batalhão de Engenharia, um Batalhão de Saúde e um Destacamento Especial.<sup>66</sup> (Motta, 2001c, pp. 22-23)

Sobre as inspeções de saúde, os “pistolões” e os inúmeros obstáculos para encontrar indivíduos que se enquadrassem na “Classe E – Especial”, Brayner, Plínio Pitaluga e Heraldo Carlos L. de Farias Porto Carreiro também recordam:

Era grande a evasão, sob os mais variados pretextos, sendo que a inspeção de saúde se constituía no nosso maior inimigo. Copiaram os índices oficiais da organização do Exército Norte-Americano, para a validade do homem combatente, procurando aplicá-los friamente ao tipo tropical de características completamente diferentes. A incapacidade física dizimou as fileiras várias vezes, levando o desalento aos próprios chefes da FEB<sup>67</sup>. (Brayner, 1968, p. 46)

A inspeção de saúde era classificada como rigorosa, mas nas malhas aparentemente finas da rede haviam se escoado inúmeros tubarões ‘filhinhos de papai’, poderosos e bem amparados. A grande massa dos mobilizados ali estava porque não conseguira escapar, embora não se

---

<sup>66</sup> Relato do General-de-Exército ANTONIO FERREIRA MARQUES, que na F.E.B. atuou como Oficial de Operações do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>67</sup> Relato do Marechal FLORIANO DE LIMA BRAYNER, que na F.E.B. atuou como Chefe de Estado-Maior.

possa dizer que fora um recrutamento de “pau e corda”, como na guerra do Paraguai.<sup>68</sup> (Brayner, 1968, p. 74)

O estado físico da nossa mocidade era bem diferente do atual. Hoje estamos com outros índices de higidez. Naquela época, era difícil conseguir selecionar 25 mil homens [...]. Além disso, tivemos que manter uma força no Brasil para compor guarnições de defesa do território. Realizamos, portanto, um sacrifício muito grande para atender ao esforço de guerra.<sup>69</sup> (Motta, 2001a, p. 145)

Para os comandantes, a quem caberia organizar tal Força, tornou-se assim uma tarefa muito difícil! O desespero das famílias envolvidas culminou num verdadeiro pânico!

Quando sabiam da convocação de seus filhos para a guerra, era um corre-corre... Quem tinha um pouco de influência, tratou de conseguir um pedido, um “pistolão” que conseguisse livrar o filho ou parente daquele verdadeiro pesadelo...

Esse era “o clima” naquele momento...

O fato é que os “eleitos” para a convocação procuravam se livrar de algum modo...<sup>70</sup> (Motta, 2001f, p. 114)

O ex-combatente, Antonio Gonzales, apresenta a tentativa de utilizar os “pistolões” nas inspeções de saúde e suas motivações pessoais para ir à guerra:

[...] No Rio passaríamos por exames mais apurados e muita gente, não obtendo aprovação, imediatamente seria liberada.

---

<sup>68</sup> Relato do Marechal FLORIANO DE LIMA BRAYNER, que na F.E.B. atuou como Chefe de Estado-Maior.

<sup>69</sup> Relato do General-de-Brigada PLÍNIO PITALUGA, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>70</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

Antes que eu seguisse para o Rio, um cidadão chamado Jorge Farah, que viria mais tarde a ser meu sogro, pediu que levasse uma carta e uma fotografia para um sobrinho, Capitão Médico Elias Farah, no Rio de Janeiro. A fotografia era necessária porque eu não conhecia o Capitão, a quem deveria me apresentar. Acreditava meu futuro sogro que ele, como médico, me dispensaria. Mas nada disso me interessou, porque desgostoso e triste com a perda da minha mãe, queria ir embora, não como voluntário, mas simplesmente ir embora. Se não passasse no exame médico, muito bem. Mas ao chegar ao Rio não procurei o Capitão Elias Farah; não quis saber, fui aprovado nos exames e embarquei no *General Mann*<sup>71</sup>. (Motta, 2001c, p. 112)

Já o comandante da F.E.B., Mascarenhas de Moraes (1960), evidencia em seu livro de memórias a questão da situação física dos expedicionários nas inspeções de saúde e nos ajuda a delinear o perfil físico do combatente enviado. De mesmo modo, a narrativa do veterano Ewaldo Meyer auxilia na compreensão do processo de seleção e perfil dos expedicionários.

Outra dificuldade por vencer foi a seleção física do pessoal.

O brasileiro, de modo geral, não é um homem robusto, embora seja resistente.

A este embaraço inicial, adicionava-se a necessidade de uma seleção, visando à escolha de homens aptos para o combate em clima e ambiente totalmente diversos daquele a que estavam habituados.

A questão da robustez física do expedicionário era, em última análise, fundamental.

Verificáramos, meditando sobre o feliz sucesso das então recentes operações extra-continentais, que os norte-americanos se adaptavam com certa facilidade a todos os climas.

Qualquer que fosse a área da Europa, África ou América, sob temperaturas elevadas ou intenso frio, realizaram satisfatoriamente as missões que lhes foram confiadas, sem visível perda

---

<sup>71</sup> Relato de ANTONIO GONZALES, que na F.E.B. atuou como Soldado Armeiro da Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em junho de 2000.

de rendimento físico. Desta meditação decorrerá o ensinamento de que as ações militares contemporâneas repousam na constante robustez física dos homens. (p. 11)

Se houve alguma falha de nossos homens, dependeu do nível cultural da pessoa, do seu conhecimento que, lamentavelmente, era fraco, o nível que nós tínhamos em 1944. Em 1941 ou 1942, o Brasil começou a se preparar para a guerra e não tínhamos aquele progresso que temos hoje. Havia muito mais analfabetismo, pouca comunicação, saúde precária. O pessoal era recrutado do Mato Grosso, do Sul e na minha Unidade havia soldados do Paraná e de Santa Catarina, onde poucos falavam português correto, mas eles cumpriram a missão direitinho, como os outros brasileiros que foram distribuídos para outras unidades.<sup>72</sup> (Motta, 2001c, p. 139)

O Major Napoleão Freitas de Oliveira, Daniel Lacerda e Newton La Scaléia, também destacam o processo de inspeção de saúde em seus relatos. Os mesmos podem mostrar o possível afrouxamento das exigências para a seleção da F.E.B., bem como a dificuldade em achar efetivo adequado para preencher os claros.

Em outubro de 1944, fui mandado, junto com outros militares do 16 RI, fazer inspeção de saúde para ingressar na FEB. Na ocasião, eu estava excedente na minha Unidade. Não esperava que esse fato acontecesse, pois aguardava transferência para o 40º BC, em Campina Grande. Fizemos duas inspeções. Na primeira, fui considerado categoria normal. Como tal não seria incluído na FEB, visto que, para isso, era necessário estar na categoria excepcional. Mandado novamente à inspeção, fui, dessa vez, incluído no contingente do pessoal da Força Expedicionária Brasileira. Daí, adveio a minha classificação no Depósito de Pessoal da FEB, no Rio de Janeiro, [...] <sup>73</sup> (Motta, 2001f, p. 244)

---

<sup>72</sup> Relato de EWALDO MEYER, que na F.E.B. atuou como Auxiliar da 3ª Seção do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>73</sup> Relato do Major NAPOLEÃO FREITAS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como 2º Sargento na Companhia de Petrechos Pesados e na 3ª Companhia de Fuzileiros do I/1º RI. Entrevista concedida em abril de 2001.

Correram rumores de que na véspera do embarque houve ordem para que todos os militares incorporados à FEB, internados nos hospitais, recebessem alta, ainda que doentes.

O resultado dessa ordem teria sido o embarque até dos que tivessem lesão nos pulmões, doença pertinaz e fatal. Posteriormente, os comentários falaram em repatriamento.

O brasileiro sempre foi carente no que se refere a saúde, evidentemente, se fossem submetidos a um exame mais rigoroso, não apresentariam condições físicas para enfrentar as agruras e sacrifícios que uma guerra impõe. [...] <sup>74</sup> (Motta, 2001c, p. 225)

Bom, minha experiência começa com a convocação. O meu Comandante de Companhia, aqui em São Paulo, no III do 4º RI, era um Capitão que dava dois de mim na altura, era um tremendo de um homem e eu baixinho, pequenino. Na ocasião que estavam formando a FEB, cada Unidade estava sendo indicada para enviar alguns de seus homens. Então, escolhendo os sargentos daqui e dali, o Capitão disse: “Olha, Lacerda eu tenho que mandar três ou quatro sargentos para a FEB. Vou mandar você, mas não se preocupe não, você vai acabar não indo, porque é muito baixinho”. Mas acontece que na hora escolheram a mim e ao Samuel, meu companheiro do mesmo Grupo e mais um outro que depois morreu. Bom, acontece que na hora em que fizeram os exames médicos e fiquei incorporado à FEB [...]

Mas demorou bastante para conseguirem completar os efetivos, porque, de cada grupo de convocados que ia para exame médico, parte não estava dentro dos padrões ideais de guerra; estava difícil conseguir formar uma tropa e por isso retardou muito. <sup>75</sup> (Motta, 2001c, p. 120)

Por outro lado, o Cabo Francisco Pedro de Resende evidencia o rigor inicial do processo convocatório.

---

<sup>74</sup> Relato de NEWTON LA SCALÉIA, que na F.E.B. atuou como Chefe de Peça de Morteiro 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>75</sup> Relato de DANIEL LACERDA, que na F.E.B. atuou como Sargento-auxiliar do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

Os preparativos para a partida foram bem intensos. Um exemplo a ser lembrado está na inspeção de saúde: passei por 14 juntas médicas, ou seja, os jovens convocados eram realmente os que estavam em melhores condições físicas. [...] <sup>76</sup> (Motta, 2001f, p. 364)

Os ex-combatentes, Octávio da Costa e Thorio Benedro de Souza Lima, pontuam as dificuldades enfrentadas no processo de organização da F.E.B.:

A transposição da F.E.B., do projeto à realidade, trouxe, assim, à tona difíceis problemas, como preparar à americana, uma Divisão heterogênea de um Exército até então moldado em doutrina e padrões franceses; criar órgãos novos para os quais não tínhamos, nem pessoal, nem material adequados; proceder à seleção de pessoal segundo padrões muito acima da nossa realidade, para adaptá-los a condições climáticas de um teatro estranho ao nosso; dificuldades de reunião, de concentração e preparação de unidades descentralizadas, de subordinação administrativa e disciplinar a diferentes organizações; inexistência de uniforme adequado ao clima e de material bélico, em quantidade indispensável ao atendimento das necessidades de instrução; inexistência de reservistas para as funções novas que a nova doutrina exigia; e gigantesco fluxo de convocados, em curto prazo, em muito superior aos efetivos previstos.<sup>77</sup> (Costa, 1995, p. 20)

A mobilização militar se processou de uma maneira também muito deficiente. Um país de formação e orientação política voltada para a paz, eminentemente pacífico, é natural que as Forças Armadas estivessem desaparelhadas para atenderem aos imperativos de uma guerra moderna e estranha ao povo.

---

<sup>76</sup> Relato de FRANCISCO PEDRO DE RESENDE, que na F.E.B. atuou como Cabo do 3º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>77</sup> Relato do General-de-Divisão OCTÁVIO PEREIRA DA COSTA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Informações do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria.

O efetivo do Exército, na ocasião, era de sessenta mil homens e o da Marinha cerca de 14 mil homens. Estava a força terrestre distribuída nas diferentes regiões militares, sendo a concentração maior no Rio de Janeiro. Seguiam-se São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

A organização e a doutrina de emprego seguiam, desde a Primeira Guerra Mundial, aos regulamentos franceses introduzidos nas Escolas de Formação, de Especialização, de Aperfeiçoamento e de Estado-Maior.

O armamento e o equipamento, em sua maioria, eram de procedência estrangeira, antiquados e em número insuficiente. Arsenais e fábricas militares limitavam-se a produzir explosivos e munições e montar alguns materiais. Funcionaram mais como órgãos de reparo e de manutenção. [...]

O Exército passou, basicamente, de sessenta mil homens para 180 mil, triplicando o efetivo. Houve dificuldades no preenchimento de cargos de oficiais, tornando-se necessários o fechamento da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, a convocação de oficiais da Reserva, a aceleração da formação através de Núcleos de Formação de Oficiais da Reserva e a aceleração dos cursos nas Escolas de Formação (Escolas Militares).<sup>78</sup> (Motta, 2001g, pp. 46-47)

Sobre a busca para preencher as posições da nova configuração militar adotada, a busca entre civis e o impacto na sociedade, destacam-se:

As novas qualificações de especialistas, em que figuravam eletricitas, mecânicos, motoristas, operadores e mecânicos de rádio, armeiros, radiotelegrafistas, etc. complicaram todo o trabalho de complemento dos efetivos. Onde encontra-los, não se tratando de elementos de formação normal no âmbito do exército? Como retirar das atividades civis, sem convocação legal, homens dotados de remuneração alta, que o exército absolutamente não poderia pagar? Como

---

<sup>78</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

desorganizar empreendimentos da vida pública retirando-lhes elementos vitais, se não tratava de uma mobilização nacional? E o desemprego das famílias?<sup>79</sup> (Brayner, 1968, p. 31)

Quatro meses antes de embarcar para a Itália, a Companhia dispunha de 65% do seu efetivo em praças e 100% em oficiais; 80% das praças eram civis convocados; 75% dos oficiais pertenciam ao Exército Ativo.

A leitura desta relação de pessoal evidencia a necessidade de readaptações ou, mesmo, transformações, para obter-se as qualificações necessárias a satisfazer o Quadro de Organização, quanto a funções e especialidades. Desse modo, no fim do mês de fevereiro, torneiros e ajustadores faziam cursos de armeiro ou mecânico de Artilharia em que também se transformavam os montadores de fechadura; motoristas profissionais frequentavam os cursos de mecânico de automóvel, enquanto os amadores faziam curso de motorista militar juntamente com outros que nunca haviam dirigido um automóvel.<sup>80</sup> (Motta, 2001g, p. 84)

O General-de-Divisão Heitor Borges Fortes, que na F.E.B. foi Subcomandante e Fiscal Administrativo do III Grupo de Obuses, destaca as regiões em que encontraram os efetivos para preencher os claros no grupo, ajudando na compreensão dos locais de onde vieram os pracinhas.

[...] Ambientado no grupo, depois de alguns dias compreendi que a situação em pessoal não era satisfatória, pois viera de São Paulo incompleta no efetivo chamado tipo FEB, e havia portanto numerosos claros a preencher e outros homens (inclusive oficiais) a substituir ...

Encontramos no 1º RAM – Regimento Floriano – o nosso manancial de reservistas. Com os entendimentos entre o Comando da 1ª RM e o da 1ª DIE, *o problema de pessoal foi resolvido a contento, entrando para o grupo um bom contingente de cariocas e nortistas que fez boa liga*

---

<sup>79</sup> Relato do Marechal FLORIANO DE LIMA BRAYNER, que na F.E.B. atuou como Chefe do Estado-Maior da F.E.B.

<sup>80</sup> Relato do Coronel GILBERTO PESSANHA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Manutenção Leve.

*com os 80% restantes de paulistas que compunham a Unidade*<sup>81</sup> [grifo nosso]. (Motta, 2001g, p. 242)

As narrativas abaixo abordam o tópico do voluntariado, seja por questões patrióticas, políticas, pessoais, para fugir da realidade que encontravam-se em seus quartéis ou ainda para avançarem profissionalmente no círculo militar. Por tratarem-se de experiências individuais, serão selecionados um maior número de relatos para compreensão ampla das motivações dos combatentes para ir à guerra.

Quanto à vida familiar, a minha mulher, quando leu minhas alterações, ficou sabendo que eu tinha ido para a Itália como voluntário e não gostou. Reclamou que eu a tinha deixado sozinha, abandonada. Mas isso foi só no início. Na volta, reencontrei a minha filha que não me conhecia. Eu trazia uma boneca enorme para agradá-la e ser bem recebido. Porém, ela disse: 'Mamãe, aquele homem está te chamando.'

Sob o ponto de vista financeiro, tivemos grande vantagem porque as famílias, aqui no Brasil, recebiam dinheiro, além do pagamento ao combatente, na Itália.

A guerra ofereceu oportunidade de realização profissional para um militar. Como tal, quando ela surgiu, achei-me na obrigação de me apresentar, como voluntário. Aquilo que aprendi, particularmente os trabalhos relacionados com o escalão Artilharia Divisionária, foram repassados ao longo da minha carreira.<sup>82</sup> (Motta, 2001a, p. 50)

Eu servia numa unidade que não ia para a guerra, o 4º R.I. Então eu achei que era meu dever ir para a guerra e pedi transferência para o 6º.<sup>83</sup> (Silveira, 2002, como citado em Maximiano, 2010, p. 64)

---

<sup>81</sup> Relato do General-de-Divisão HEITOR BORGES FORTES, que na F.E.B. atuou como Subcomandante e Fiscal Administrativo do III Grupo de Obuses.

<sup>82</sup> Relato do General-de-Divisão CÉSAR MONTAGNA DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Estado-Maior da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>83</sup> Relato do Doutor EPAPHAROL SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Série de entrevistas concedidas entre 1995 - 2002.

Eu fui voluntário pro Exército, não tinha nada. Fui voluntário, e no exército eu tirei o curso de serviço de saúde em campanha. Esse curso eu tirei no Rio de Janeiro. Entrei pro Exército no Rio de Janeiro. Aí, depois que terminou o curso, eu fui mandado pro Rio Grande do Sul, na fronteira. Lá eu fiquei alguns anos, talvez uns quatro anos, cinco, aí teve a convocação da FEB. Mas eu já tava cansado de estar lá, eu pedi para ser incorporado à FEB.<sup>84</sup> (Tavares, 1999, como citado em Maximiano, 2010, p. 68)

Deixando a modéstia à parte, fui voluntário. Servia no 12º Regimento de Infantaria (RI), em Juiz de Fora, e trabalhei com um chefe que me ensinou muito. Na ocasião, ele era Tenente-Coronel. Mais tarde, chegou a General, Chefe do Serviço de Saúde, General Generoso de Oliveira Ponce. Servindo na Diretoria de Saúde, pedi que se interessasse por minha designação para integrar a Força Expedicionária. Dessa maneira fui classificado na FEB.<sup>85</sup> (Motta, 2001a, pp. 83-84)

Então vamos aos fatos: éramos cadetes do 3º ano da Escola Militar do Realengo e corria o ano de 1944. [...]

O capitão Camucê fez a peroração e teve uma atitude que reflete seu ótimo caráter. “Vou deixar sobre a mesa umas folhas de papel almaço em branco; aqueles que quiserem ser voluntários para a Força Expedicionária Brasileira assinem aqui, os que não quiserem não precisam assinar e, naturalmente, irão ser convocados parte daqueles que assinarem as folhas.” Foi assim que entrei na Força Expedicionária Brasileira como cadete do 3º ano. Agora, a bem da verdade, quero dizer o seguinte: creio que todos, todos os companheiros da Arma da Infantaria, sem exceção, assinaram a folha de papel almaço. Éramos na Infantaria, se não me engano, 84, e nós fomos, ao todo para lá, 26 ou 27. É um percentual razoável, não dava para irem todos.<sup>86</sup> (Motta, 2001e, p. 70)

---

<sup>84</sup> Relato de CEZAR TAVARES, que na F.E.B. atuou como 2º Sargento (1º GSBHN – Padioleiros/ enfermeiros). Entrevista concedida em 1999.

<sup>85</sup> Relato do General-de-Divisão Médico GERALDO AUGUSTO D'ABREU, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Triagem do Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>86</sup> Relato do General-de-Divisão GERALDO DE ARAÚJO FERREIRA BRAGA, que na F.E.B. atuou como Instrutor do Depósito de Pessoal. Entrevista concedida em setembro de 2000.

Ingressei na FEB como voluntário. Era 2º Tenente, Ajudante-de-Ordens do General Alexandre Zacarias de Assunção, Comandante da Infantaria Divisionária da 14ª DI, em Natal. Recebi uma consulta, via rádio, sobre meu interesse em ser comissionado Capitão e integrar a FEB. Aceitei imediatamente, pois no meu entender, o militar é formado para ir à guerra.<sup>87</sup> (Motta, 2001f, p. 98)

Entrei para o Exército como voluntário, aos 17 anos. Tinha acabado o ginásio. Pedi ao médico para me considerar apto, coisa que ele fez por pena, por eu ser uma criança. Servi com homens excepcionais [...]<sup>88</sup> (Motta, 2001f, p. 353)

O meu Regimento, que era o 4º RI, não iria para a guerra. Então, pedi transferência para o 6º RI, pois por convicção achava que o Brasil deveria participar, ativamente, daquele conflito mundial. Estava na hora de o Brasil participar, não fiz mais que minha obrigação de brasileiro, dediquei-me e esforcei-me, não me arrependo do que fiz. A situação exigia, o País precisava, a Pátria pedia e era a nossa obrigação.<sup>89</sup> (Motta, 2001c, p. 128)

Eu era de segunda categoria, tinha feito Tiro de Guerra, com 16 anos, em Avaré, e apresentei-me voluntário no Parque D. Pedro II, onde se encontrava então o III/4º RI. De lá, fui para o 6º Grupo de Artilharia de Dorso, Quitaúna-SP que, transferido para o Rio de Janeiro em 1944, transformou-se no I/2º Regimento de Obuses Auto-Rebocados e, finalmente, no III Grupo de Artilharia.

Quando apareci fardado, em casa, a reação da minha família foi dura. Meu pai lembrou que era italiano: “Não! Você está louco, você vai para a guerra?” Respondi: “Não, eu vou

---

<sup>87</sup> Relato do Coronel ADHEMAR RIVERMAR DE ALMEIDA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Operações e Comandante de Bateria de Comando do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2001.

<sup>88</sup> Relato do Primeiro-Tenente MIGUEL FERREIRA DE LIMA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Chefe de Peça da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>89</sup> Relato do Doutor EPAPHAROL SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

conhecer a sua terra”. Meu pai ficou chorando, eles não sabiam que eu tinha ido me apresentar como voluntário. Já estava com o distintivo, pois usávamos o primeiro emblema da Força Expedicionária Brasileira.<sup>90</sup> (Motta, 2001c, p. 240)

Voltando um pouco atrás nas minhas recordações, quando me apresentei voluntário para a guerra, meu pai não aprovou minha decisão. Ele acreditava que eu poderia cumprir meu dever, caso fosse convocado. Se assim acontecesse, ele mesmo incentivaria a opção de servir. Ele também era patriota, mas achava que eu era ainda muito jovem. Minhas três irmãs não concordaram, foi um absurdo eu ter contado a elas. Foi um Deus nos acuda para as minhas irmãs. A reação é natural, a família sempre quer preservar, ao máximo, o seu ente querido e geralmente as mulheres veem por um prisma mais emocional. Já o pai é afetuoso, também, mas acha que os filhos devem ser patriotas.<sup>91</sup> (Motta, 2001c, p. 253)

Era um jovem de 18 anos de idade, quando recebi, em Iguatu, onde morava, a visita de um oficial do Exército que veio convidar os jovens para integrar, em Fortaleza, em me entusiasmei com a perspectiva de conhecer novas áreas de atuação, pois trabalhava na agricultura; para que pudesse aprender alguma coisa nova, para melhor amparar a minha família e, paralelamente, servir à Pátria, apresentei-me, voluntariamente, ao Exército. [...]

Ainda em 1944, novamente apresentei-me voluntário, ao ser realizada a seleção, no 29º Batalhão de Caçadores, para os jovens que quisessem integrar a Força Expedicionária Brasileira.<sup>92</sup> (Motta, 2001b, p. 70)

---

<sup>90</sup> Relato de NICOLA CORTÉS NETO, que na F.E.B. atuou como Soldado Muniador da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>91</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>92</sup> Relato de BENEDITO BARROS, que na F.E.B. atuou como Soldado do 1º Pelotão da 3ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

O Primeiro Tenente Dalvaro José de Oliveira, veterano e sobrevivente do navio brasileiro Itagiba, torpedeado por um submarino à época, sentiu-se na obrigação de ir à guerra juntamente com outros colegas, após o grande trauma do ataque:

A nossa maior revolta, porém, foi gerada pelas perdas humanas. Presenciamos o desespero de pessoas como o soldado Carberón Ortiz, que não sabia nadar. O navio afundava e ele pedia socorro, mas, de repente, ele escorregou, entrou pela chaminé e sumiu. O outro foi o soldado Rabelo, que estava agarrado a um pedaço de mastro, gritando, quando um tubarão o apanhou. Vimos ainda crianças mortas nas praias de Sergipe. Por isso, no Rio Una, perto da Ilha de Tinharé, na Bahia, nós, de mãos dadas, juramos que iríamos à guerra para vingar aquelas mortes. Felizmente cumprimos o nosso juramento. Fomos para o 8º GMAC e, de lá, integramos voluntariamente a Bateria Comando da AD.<sup>93</sup> (Motta, 2001f, p. 302)

Oswaldo Matuk, que pertenceu à F.E.B. como Sargento Fuzileiro no 11º Regimento de Infantaria, também foi tocado pelos episódios dos afundamentos de embarcações brasileiras:

Eu era civil antes da declaração de guerra contra o Eixo, em agosto de 1942. Numa tarde, muito bonita, fui até o Rio Tietê verificar o trabalho de uma draga, uma draga importada, se não me engano, da Alemanha, fazendo o serviço no rio. Eu e meus companheiros, que estávamos observando o trabalho, percebemos que tocavam muitas canções militares ali por perto e, interessados em saber o que estava acontecendo, para lá nos dirigimos. Chegando ao local, um repórter comunicou que o Brasil tinha declarado guerra e, já nessa hora, estava convocando os brasileiros para se apresentarem, a fim de vingarem os torpedeamentos de navios. Aquilo me penetrou na alma porque diversos navios tinham sido afundados, num total de 32. Isso, para quem ama a Pátria e dá valor ao patrimônio nacional é o mesmo que uma punhalada no coração.

---

<sup>93</sup> Relato do Primeiro-Tenente DALVARO JOSÉ DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Cabo e 3º Sargento de Comunicações da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em dezembro de 2000.

Surge o sentimento de vingança não sei se comovido pelas marchas militares ou pela voz do locutor.

Já tinha feito o Tiro de Guerra, justamente para não servir em Corpo de Tropa. Trabalhava na Companhia Ultragás que naquela época tinha apenas 1.200 fornecedores de gás, uma novidade. Ganhava até bem, quase o dobro do que iria ganhar no Exército. Mas estava convicto que a agressão deveria ser vingada, o sentimento me tocou tanto como os meus amigos que estavam perto, então decidimos: apresentamo-nos ao III/4º RI, onde fomos bem acolhidos. Naturalmente, soldado que entrasse à paisana não sairia mais à paisana, ficamos de “quarentena” e já nos deram farda.<sup>94</sup> (Motta, 2001c, p. 248)

Muitos dos veteranos parecem ressentir-se sobre a questão do reduzido número de voluntários, como é o caso de Carlos Meira Mattos , que através de seu relato também ajuda na compreensão do perfil do combatente brasileiro com suas impressões de quem foi à guerra. De mesmo modo, o veterano Nicola Cortês Neto, também mostra certa indignação.

Os homens que nós levamos para a guerra não foram da elite; essa ficou na rua gritando que queria a guerra, mas na hora de ir, não foi, compreendeu! Contam-se pelos dedos os estudantes que nós tínhamos na FEB, agora, aqui na rua, gritando que queria a guerra, era só estudante. Foram para a Itália o agricultor de Minas; de São Paulo; o pessoal da Baixada Fluminense; comerciários; bancários; essa era a massa da FEB. A quantidade de gente que nunca tinha visto o mar – ou melhor, nunca tinha navegado – que levamos foi uma barbaridade. Eles tinham uma consciência de dever, de responsabilidade para com o País e a Pátria, um sentido de hombridade, porque não poderiam ser inferiores aos outros [...].<sup>95</sup> (Motta, 2001a, pp. 78-79)

---

<sup>94</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>95</sup> Relato do General-de-Divisão CARLOS DE MEIRA MATTOS, que na F.E.B. atuou como Oficial-de-Ligação e Comandante da 2ª Companhia do I/11º RI. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

Isso se seguiu ao afundamento dos navios brasileiros, em nossas costas. Uns tantos exaltados saíam à rua, gritando “queremos guerra”. Mas quando o nosso País entrou no conflito e abriu voluntariado, aqueles que clamavam por sangue não se apresentaram como voluntários. Eles queriam a guerra mas não tomaram qualquer atitude prática. Como acontece hoje, os que mais fazem alarde, barulho, greves, piquetes, são os que menos contribuem para resolver o problema.<sup>96</sup> (Motta, 2001c, p. 240)

Para o veterano Gerson Machado Pires, houve falta de engajamento até mesmo entre os militares da ativa. Ao concluir o curso da Escola Militar de Realengo, vivenciou a seguinte situação:

Botaram no quadro negro os nomes, pedindo quem ia ser voluntário para a FEB. O primeiro da turma não quis ir. O segundo da turma não quis ir. O 15º, esse quis ir. Ninguém da minha turma tem moral para dizer ‘Não fiz a guerra porque não me mandaram’. Se não foi, foi porque não quis.<sup>97</sup> (Pires, 1995, como citado em Maximiano, 2010, p. 73)

Os “pracinhas” a seguir relatam suas experiências com a convocação obrigatória. Nota-se que em alguns casos, mesmo o recrutamento imposto não foi recebido de forma tão negativa, como foi o caso do ex-combatente César Montagna de Souza, que já não estava satisfeito com o grupo militar que pertencia. O veterano inicialmente voluntariou-se para uma vaga específica, mas foi compelido à assumir um cargo indesejado para ir à guerra:

Até ser convidado pelo General Cristóvão Barcelos para ser seu Ajudante-de-Ordens, minha vivência militar dera-se em Unidades de Artilharia de Costa. O convite veio em boa hora, pois eu não estava bem adaptado ao ambiente do Grupo onde servia. Nessa mesma ocasião, desenrolava-se o processo de organização da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e comentava-

---

<sup>96</sup> Relato de NICOLA CORTÉS NETO, que na F.E.B. atuou como Soldado Muniador da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>97</sup> Relato do veterano GERSON MACHADO PIRES. Entrevista concedida em 1995.

se muito sobre a mobilização de uma segunda divisão à qual eu pretendia me incorporar. Mas logo verifiquei que seria pouco provável a organização de outro contingente e, como tinha sido aberta uma vaga de S1 no Estado-Maior da Artilharia Divisionária (AD), me interessei em ocupá-la. Dirigi-me ao Capitão Edmundo da Costa Neves, que me informou que a vaga já estava preenchida, mas havia necessidade de um oficial para servir no Quartel General (QG) da AD.

Deixei claro que, pelo fato de ser Ajudante-de-Ordens, não me interessava ir para a guerra nessa função. O Capitão Edmundo insistiu, dizendo que eu deveria ir e, de imediato, falou com o General Cordeiro de Faria – comandante da Artilharia Divisionária – que por sua vez, telefonou para o General Cristóvão Barcelos e falou-lhe: “Convidei o Montagna, mas ele não está querendo vir porque é seu Ajudante-de-Ordens.” O General Barcelos, após conversa com o General Cordeiro, me chamou e disse que eu deveria aceitar o convite, acrescentando: “Estive na 1ª guerra; agora você vai para a Segunda Guerra Mundial”.<sup>98</sup> (Motta, 2001a, p. 46)

Neste clima de dificuldades, foi aprovada a ideia da participação de nossa tropa na guerra da Europa e, por via de consequência, a criação da Força Expedicionária Brasileira.

Na ocasião eu era Comandante da 4ª Companhia do 2º Regimento de Infantaria, sob o comando do Coronel Tristão de Alencar Araripe, quando fui chamado ao seu gabinete em junho de 1943 e ele me questionou se eu queria fazer um curso nos Estados Unidos, mas alertou:

- Mas é para ir para a guerra!

E eu respondi:

- Comandante há dezesseis anos e meio o povo brasileiro me paga para fazer isso e nem preciso fazer curso nos Estados Unidos. Se o senhor publicar no boletim de hoje, eu embarco amanhã.

Era uma segunda e embarquei no sábado e, para que isso acontecesse, todas as providências foram tomadas dentro de uma semana. Como era natural, a minha família mostrou-

---

<sup>98</sup> Relato do General-de-Divisão CÉSAR MONTAGNA DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Estado-Maior da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2000.

se bastante surpreendida, mas compreendeu perfeitamente a minha atitude, pois desde criança eu tinha manifestado o desejo de ser soldado. Iria apenas, cumprir o meu dever.<sup>99</sup> (Motta, 2001c, p. 52)

Destaca-se abaixo, o processo convocatório obrigatório de Joaquim Carlos de Oliveira que serviu inicialmente apenas para quitar o serviço militar, no Tiro de Guerra:

Residia em Belo Horizonte, quando fui convocado para a guerra. Inicialmente servi no 12º RI; depois fui transferido para o 11º RI, Regimento previsto para completar o efetivo de guerra.

Nasci em 1922 e fui convocado em 1942. Tinha vinte anos, era solteiro. Na ocasião minha mãe ficou muito triste e meu pai, bastante abalado. Minha mãe morava no interior de Minas e eu estava em Belo Horizonte, a fim de procurar trabalho. Fiz o Tiro de Guerra, para poder obter quitação com o serviço militar. No Tiro de Guerra, entretanto, fui mobilizado, quer dizer, não exatamente uma convocação. Naquela condição, mandaram-me para a caserna, assim como aconteceu com os integrantes da CPOR, que também foram mobilizados mas já convocados como aspirantes e promovidos a Tenente. Daí seguimos para a Itália.<sup>100</sup> (Motta, 2001c, p. 160)

O relato abaixo, de Raul Kodama, pode mostrar um possível afrouxamento nas exigências do processo de seleção para tornarem-se membros da F.E.B. Kodama, voluntariou-se e não foi considerado apto em um primeiro momento. Posteriormente, recebeu sua convocação obrigatória.

---

<sup>99</sup> Relato do General-de-Brigada MOZIUL MOREIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Chefe da 1ª Seção do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>100</sup> Relato de JOAQUIM CARLOS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Observador da Companhia de Comando do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Quando fui convocado, eu não queria, porque fui voluntário, não me aceitaram, e, quando já estava trabalhando, ganhando seiscentos mil reis, sou convocado. Iria ser soldado, mas eu não queria ser soldado.

No quartel, aquele baixinho, o Coronel José de Souza Carvalho, Comandante do Grupo, ele chegava e dizia assim: “Este será bom soldado, aquele será bom soldado”, e quem não “era bom”, era dispensado. Ele chegou perto de mim e falou que eu era bom soldado e eu pensei comigo: “Esse baixinho não me conhece e como é que ele sabe que eu sou bom soldado?”

Mais tarde fui até preso e aí pensei: quer saber de uma coisa, vou ser o que eu sou; não vou ser mau elemento, eu vou ser realmente quem eu sou, vou tentar ser bom. Depois fui transferido para a 2ª Bateria e promovido a cabo, nunca fui mau elemento e cumpri com rigor a minha missão. O Coronel Souza Carvalho sabia o que dizia, ele acertou.<sup>101</sup> (Motta, 2001c, pp. 268-269)

Domingos Ventura Pinto Junior, parece ter assimilado com tranquilidade a ideia de ser enviado à guerra. Seu relato também exemplifica a questão do analfabetismo na F.E.B. e a relação entre oficiais e comandados.

Era tenente, Capitão só em abril de 1943. O Gen. Zenóbio foi chamado ao Rio e movimentado para a Diretoria de Pessoal. Antes de sair, chegou perto de mim, despediu-se e disse: “Olha, agora eu vou, mas quando chegar lá, você vai receber um rádio, com sua transferência para o 11º R.I., preciso de você no Regimento.” Eu não estava sabendo por que; naquele tempo, o oficial, capitão tenente não sabia o que se passava, nem se metia a saber. Não tinha ideia de que a gente ia e para onde ia. [...] Quando publicou a minha transferência e cheguei, fui ao Departamento Geral de Pessoal, falar com o general e agradecer. Ele disse: “Olha, vou ser o comandante da Infantaria Divisionária.” Fiquei tranquilo, fui para o meu Regimento e, um mês depois, o general lá chegou, para inspecionar a Unidade. Durante a inspeção, já na reunião de

---

<sup>101</sup> Relato de RAUL KODAMA, que na F.E.B. atuou como Motorista da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em setembro de 2000.

oficiais, ele dirigiu-se ao Coronel Delmiro de Andrade, Comandante da Unidade, e disse: “Coronel, desejo dizer ao senhor que o Ventura vai comandar a Companhia de Obuses 105mm que foi colocada, agora, no Regimento de Infantaria. Ele vai apender e vai fazer tudo para que nós ganhemos essa guerra.” Falou isso e disse mais: “Queria que o senhor o mandasse escolher os homens que vai comandar, alfabetizados, porque na Artilharia não existe analfabeto.” Depois que o general saiu, o Cel. Delmiro falou: “O senhor pode escolher quem quiser.” Então, escolhi; escolhi quem? Eu tinha dois cunhados sargentos que estavam fazendo estágio na Unidade, além de um irmão, também sargento. Os três iam fazer exame para a Escola Militar e foram os primeiros que vieram. Além deles, chamei antigos colegas meus do ginásio Santo Antônio. Minha Companhia ficou um subunidade de parentes e amigos, uma verdadeira beleza. Eu não comandeiei, eu estava junto com os meus amigos. Por isso, fiquei muito feliz com a minha Companhia de Obuses. [...]

Dessa maneira fui para a guerra.<sup>102</sup> (Motta, 2001a, pp. 55-56)

O relato de Carlos Meira Mattos, além de tratar da convocação obrigatória, ilustra um dos eventos destacados na linha do tempo apresentada nos “anexos”, em que Mascarenhas de Moraes, é convidado para ser comandante da F.E.B.:

Meu ingresso na Força Expedicionária Brasileira foi através da relação de conhecimento que tive com o General Mascarenhas, iniciada na 9ª Região Militar, que compreendia o território do Mato Grosso, onde eu servia, como 2º Tenente, e o Mascarenhas foi comandá-la. Mais tarde, voltamos a nos encontrar no 4º Regimento de Infantaria, em São Paulo, onde eu estava servindo – no posto de Capitão – e ele, como comandante da 2ª Região, foi inspecionar a Unidade. Passou por mim e disse: “Olha! Você aqui! Aguarde que eu vou lhe chamar.” Pouco tempo depois, fui comandar a Companhia do Quartel-General (QG) na organização francesa, correspondia hoje, a Companhia de Comando.

---

<sup>102</sup> Relato do General-de-Divisão DOMINGOS VENTURA PINTO JÚNIOR, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Obuses de 105mm do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Eu estava nessa função, quando chegou o rádio cifrado do Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, consultando-o se aceitaria o comando da Força Expedicionária Brasileira. O rádio foi decifrado por mim e pelo, também Capitão, Edson Figueiredo, e levamos ao seu conhecimento<sup>103</sup>. (Motta, 2001a, p. 70)

O veterano Lauro Sawaya exemplifica através de sua experiência a tentativa de proteger os irmãos da convocação obrigatória.

Chegando à Vila Militar, fui mandado para o CIE (Centro de Instrução Especializada) fazer um curso de telefonia, taquigrafia e radiotelegrafia. Ao todo frequentei 12 cursos em dez dias. Eu não tinha interesse em ser promovido, porque meus dois irmãos estavam em idade militar. Um estudava medicina. Existia uma portaria do Ministro da Guerra, pela qual o soldado febianio não podia ter um irmão convocado. Quando perguntavam: “Que aparelho é este? Você conhece aquele?” Respondia: “Não Senhor”. Com notória má vontade. Meu objetivo não era deixar de ir à guerra, apenas não queria ser promovido. Continuavam: “O que você fazia? Estudava? Aonde?” “Em São Paulo.” “E não conhece esse aparelho?” “Não Senhor.” “Você não sabe como funciona?” “Não.” “Pois é, você estuda em São Paulo e não sabe o que é um telefone, e passa com nota dez.” Depois não fui promovido, mas passei no curso.

De Gericinó, onde acampamos, fui transferido para o QG da DI, do General Mascarenhas. Já pertencia à tropa especial do QG, sob o comando do Coronel Armando de Moraes Ancora, mais tarde General. Não me apresentei porque havia um Capitão que falava: “Você não quer ir?” Retruquei: “Não Senhor, não tenho nada lá, não sei o que é.” “Então não vai”. Veio uma viatura me apanhar. Procurei o Coronel Delmiro Pereira de Andrade e disse: “Não. Eu não quero ir.” “O soldado não tem o que querer, você tem que obedecer a ordem superior.” Sem solução me apresentei ao Estado-Maior. [...] <sup>104</sup> (Motta, 2001c, p. 214)

---

<sup>103</sup> Relato do General-de-Divisão CARLOS DE MEIRA MATTOS, que na F.E.B. atuou como Oficial-de-Ligação e Comandante da 2ª Companhia do I/11º RI. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>104</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

Francisco Pedro de Resende, recebeu com resiliência a sua convocação para pertencer aos quadros da F.E.B. e assumiu seu dever como forma de responder aos afundamentos das embarcações brasileiras.

Através do correio, no dia 12 de dezembro de 1942, recebi a convocação para a guerra, no Município de Coronel Xavier Chaves, onde nasci. Realmente, foi um choque para mim, mas, por outro lado, conscientizei-me que tinha que cumprir o meu dever, principalmente depois dos torpedeamentos de numerosos navios mercantes brasileiros por submarinos alemães, em nosso litoral, resultando a morte de quase oitocentos brasileiros só no ano de 1942. Esses acontecimentos causavam revolta. Diante de tal afronta, alguma coisa precisava ser feita. Era este o sentimento que me impulsionava, como a outros amigos convocados. E foi com esse espírito de cumprimento de dever, que sempre pautou a minha vida, que reagi ao chamamento da Pátria.<sup>105</sup> (Motta, 2001f, p. 364)

O veterano Vicente Gratagliano, também entrou para a F.E.B. através da convocação obrigatória. Seu relato também exemplifica todo o processo de deslocamento que muitos militares vivenciaram para então chegarem à Vila Militar, no Rio de Janeiro, último ponto de concentração antes do embarque.

Eu me orgulho de ter participado da Força Expedicionária Brasileira, não com vaidade, mas por ter cumprido o meu dever em defesa da Pátria. Felizmente já estava servindo ao Exército, quando fui transferido para a FEB: pertencia ao 4º Regimento de Infantaria, III Batalhão, sediado em São Paulo, no Parque Dom Pedro. Havia já completado onze meses de caserna, sempre com boa conduta.

[...] tiveram início os torpedeamentos dos nossos navios mercantes pelos submarinos alemães; naquela época, o Presidente da República, senhor Getúlio Vargas, mandou cancelar o

---

<sup>105</sup> Relato de FRANCISCO PEDRO DE RESENDE, que na F.E.B. atuou como Cabo do 3º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

licenciamento de todos os soldados que estavam servindo Exército. Estava com onze meses, pronto para sair, no bom comportamento, mas, em virtude da medida, fui impedido.

Como estava sendo formada a Força Expedicionária Brasileira, pouco tempo depois, fui transferido para o 6º Regimento de Infantaria, Caçapava-SP, onde fizemos parte do treinamento inicial.

Daquela cidade, o meu Batalhão foi transferido para Taubaté, porque o quartel era pequeno para o número de soldados que estavam sendo convocados e transferidos para o 6º RI. Isto posto, o I Batalhão foi transferido para aquela cidade, um permaneceu em Caçapava e o outro foi movimentado para Pindamonhangaba. [...]

Depois fomos transferidos para o Rio de Janeiro, onde estava sendo formada a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Nós, do 6º RI, o 1º RI e o 11º RI, de Minas Gerais, ficamos todos concentrados na Vila Militar.<sup>106</sup> (Motta, 2001c, p. 282)

A convocação obrigatória como castigo para os que eram contra o Governo, foi muito utilizada para conter os estudantes dedicados a combater o regime implantado. Só em São Paulo, foram convocados 25.

Diferentemente dos estudantes convocados para serem “castigados” por suas ideologias políticas, o ex-combatente Joaquim Manoel Xavier da Silveira, à época estudante do Curso de Direito, sentiu-se na obrigação de ir à guerra e voluntariou-se apesar da pouca idade:

Deixei minha Faculdade de Direito para ir ao encontro de uma missão difícil e espinhosa. Isso aconteceu por uma questão pessoal, subjetiva e de foro íntimo. Sendo estudante na época, pedi a guerra como todos os outros e acreditava que era minha obrigação comparecer para prestar serviço militar. Convocado, no dia 21 de abril, apresentei-me ao Regimento Sampaio. Porém, houve um detalhe burocrático: não tinha idade para ir para a FEB, pois estava com apenas 18

---

<sup>106</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

anos. Diante disso, alistei-me como voluntário, comunicando em seguida o que havia feito aos meus pais. Isso me deu o respeito dos meus colegas e dos meus oficiais.

Fiquei na posição de soldado raso. Dentre os títulos que possuo existe um em que tenho muito orgulho: o de Soldado de Infantaria do 1º RI, o que é para mim a maior glória e satisfação. É uma página da minha vida que ninguém me tira: minha participação no tradicional Regimento Sampaio.<sup>107</sup> (Motta, 2001f, p. 189)

Igualmente, o empenho de alguns estudantes para serem incorporados, inclusive do próprio filho do então Ministro do Exterior, Oswaldo Aranha, é exemplificado:

[...] A formação da FEB foi muito difícil. Eu mesmo me apresentei como voluntário por três vezes e não fui aceito. [...]

No CPOR foi feito, a pedido do General Dutra, um voluntariado. Dos três mil homens que estavam em forma, todos eles acabando seus cursos universitários de Direito, Medicina etc, apenas dois, eu e meu primo se apresentaram como voluntários, dando um passo à frente. Mesmo assim não fomos incorporados à FEB. O Coronel Comandante comunicou-nos que deveríamos ir como oficiais. Posteriormente, o General Dutra anulou o voluntariado, a meu ver corretamente, visto que não levara o resultado esperado.

Diante disso, confessei a meus comandantes que iria desertar. Disse isso porque havia a ideia de que, em um documento, não sei se verdadeiro ou não, aqueles que desertassem ou fossem maus elementos, seriam incorporados à FEB. Meus comandantes, o Frota e o Corrêa, dissuadiram-me de desertar. Pedi-lhes então um tempo para arrumar um jeito de ir para a FEB. Fui então ao General Cordeiro de Faria. Eu estava de botas e esporas quando me apresentei a ele. Na ocasião, ele estava com dor de dentes. [...]

---

<sup>107</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

O General Cordeiro disse-me: “Vavá (era meu apelido), vá embora, eu ponho você na FEB!”

De fato, dois dias depois ele mandou um jeep vir me buscar e eu me apresentei na Bateria de Comando da Artilharia Divisionária, de bota, bombacha, culote, espora, quepe e tudo mais.

O Capitão Saraiva, um extraordinário militar e posteriormente meu querido amigo, não acreditava que eu fosse embarcar com a FEB. Ele achava que o filho do Ministro do Exterior nunca embarcaria!<sup>108</sup> (Motta, 2001f, pp. 201-202)

Já o Doutor Diaz Sebastião Cammarosano, então estudante de medicina, fala sobre a sua convocação, de certa forma esperada.

Pelo desenrolar dos acontecimentos na ocasião, o movimento estudantil e o povo, pelas ruas da cidade, pedindo guerra contra o Eixo Roma-Berlim-Tóquio, em defesa da honra ultrajada no afundamento dos nossos pacíficos navios, acredito que o impacto que recebi por minha convocação não foi muito grande, já que, psicologicamente, estava preparado para ser chamado de uma hora para outra, e foi assim que a recebi. Naquela época, tínhamos consciência de que entraríamos em luta contra os regimes nazista de Hitler e fascista de Mussolini; levados por esse espírito de patriotismo, compareci para responder o chamamento da Pátria. A princípio fui convidado, isto é, fui convocado para servir na 1ª Companhia de Intendência Regional, Avenida Suburbana, lá fiquei lotado no setor de saúde. Naquela ocasião, prestava serviço na área de medicina, no atendimento de soldados e, inclusive, dava assistência médica à família do Comandante Palma que residia no quartel. Na qualidade de estudante de medicina, fui aproveitado, com outros colegas do Direito e de Engenharia, como monitor no Curso de Cabo; durante essas ocasiões, tínhamos a oportunidade de fazer palestras, diálogos e preparar os soldados para frequentá-lo. Foram essas as nossas atividades na 1ª Companhia de Intendência

---

<sup>108</sup> Relato do Economista OSWALDO GUDOLLE ARANHA, que na F.E.B. atuou como Soldado Intérprete e motorista da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2001.

Regional, até que um belo dia, fui convocado para integrar o 1º Batalhão de Saúde Expedicionário, com sede em Valença.<sup>109</sup> (Motta, 2001g, p. 118)

Ainda sobre o processo de convocação obrigatório, são selecionados os relatos de Alfredo Arello e Rubem Mário Brum Negreiro, que abordam a falta de motivação, a transgressão ou a troca de regiões militares como alternativa para serem dispensados:

Eu pulei muito no exército. Eu acendi muitas tochas<sup>110</sup>. Eu fui preso em Barra Mansa, fui preso em Juiz de Fora. Eu fiz um monte de coisas para não ir mesmo. Agora, eu vou dizer que eu fui porque quis? Não, eu pulei mesmo para não ir. Mas depois que eu estava em Nápoles, eu falei: “Agora seja o que Deus quiser, aqui não tem mais jeito!”<sup>111</sup> (Arello, 1993, como citado em Maximiano, 2010, p. 394)

Como registro histórico, é importante caracterizar que ‘Fernando de Noronha era o destino das pessoas de má-conduta’. Com o passar do tempo, ficou claro que o Brasil iria enviar tropas para a guerra, sem se saber para onde. Os convocados, receosos de serem enviados para aqui ou acolá, encontraram uma maneira de ficarem livres da guerra: serem expulsos do Exército; Bastava, portanto, cometer uma falta grave, tipo insubordinação ou agressão contra um oficial ou sargento e estava resolvido – ele ia ser expulso, imediatamente. No entanto, veio a contramedida: “Ninguém mais seria expulso do Exército; todos permaneceriam, mas seriam transferidos para Fernando de Noronha.” Meu Destacamento de Fernando de Noronha, que era de transmissões – hoje chama-se comunicações –, tinha um efetivo pequeno, de 110 praças, das quais cem eram de “má-conduta”. Às dificuldades naturais de adaptação foram somadas, agora, o enquadramento desse pessoal. Eu não tenho queixa dos meus cem “má-condutas”;

---

<sup>109</sup> Relato do Doutor DIAZ SEBASTIÃO CAMMAROSANO, que na F.E.B. atuou como Sargento Enfermeiro da 3ª Companhia de Evacuação do I Batalhão de Saúde.

<sup>110</sup> Fugas temporárias para cidades próximas, geralmente para reencontrarem os familiares, visto que visitas não eram permitidas. Retornavam depois aos quartéis e muitas vezes tinham a convivência dos próprios sentinelas ou de oficiais mais tolerantes. (Ferraz, 2012)

<sup>111</sup> Relato de ALFREDO ARELLO, que na F.E.B. atuou como Soldado da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1993.

até fiquei amigo deles. Nós criamos uma série de atrativos e, para os valentões ou para quem criasse problemas, todo sábado, eles eram obrigados a participar de uma luta de boxe que só parava quando um dos lutadores fosse a nocaute. Não é preciso dizer que os violentos diminuíram bastante.<sup>112</sup> (Motta, 2001a, p. 33)

Após essa primeira fase, o ambiente, no Brasil, evoluiu para o estado de beligerância, dando ensejo a organização da Força Expedicionária Brasileira. Eu não tinha expectativa de integrá-la. Após o período em Fernando de Noronha, fui transferido para Fortaleza mas, como não me sentia bem – depois fui diagnosticado apendicite –, pedi para vir ao Rio de Janeiro, para tratamento. Em virtude desses fatos – primeiro porque eu estava em Fernando de Noronha que era outro mundo, outra guerra; depois, esse problema da apendicite – não pude acompanhar o processo de organização da FEB.

Um detalhe bem particular foi a maneira como tomei conhecimento de que ia para a guerra. Havia, na época, no Rio de Janeiro, um jornal chamado Diário de Notícias que transcrevia todos os atos do Ministério do Exército. Indo para o hospital para ser operado, li que tinha sido transferido de Fortaleza para a FEB.

Quanto ao Batalhão de Engenharia, minha Unidade na guerra, há que assinalar, de início, que menos de um terço do efetivo que embarcou para a Itália veio da sede, em Aquidauana, Mato Grosso. Diversos motivos como exame de saúde, transferências e outros apresentados com o objetivo de não seguir para a guerra levaram a essa situação. Aliás, eu não sei o porquê da escolha dessa região – Oeste de Mato Grosso – para formar a Unidade. As primeiras notícias sobre a constituição de uma força para a luta além-mar davam conta de que seriam três Divisões: uma com tropas do Sul, outra do Centro e uma terceira Divisão do Nordeste. Isso fez com que muitos companheiros procurassem se deslocar, de um lugar para

---

<sup>112</sup> Relato do General-de-Exército RUBENS MÁRIO BRUM NEGREIROS, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Oficial de Informações do 9º Batalhão de Engenharia. Entrevista concedida em abril de 2000.

outro, para não serem atingidos pela área que teria de formar contingente.<sup>113</sup> (Motta, 2001a, p. 35)

A incorporação de elementos com problemas de comportamento também é evidenciada, no entanto, de forma positiva, pelo Coronel Jairo Junqueira da Silva. A incorporação ao Exército aparece como solução para deixarem uma vida de escolhas ruins.

Há, ainda, muitos fatos interessantes, mas é impossível falar sobre todos, pois seria uma narrativa muito longa; entretanto, como exemplo marcante, quando servi na Bahia, havia um soldado que, naquela época, era considerado mau elemento, de má conduta e estava prestes a ser expulso do Exército, em Salvador. Quando fui assumir o comando no Rio, para embarcar, o primeiro soldado que vi foi esse elemento. Pois bem, ele foi um dos melhores soldados em combate, sempre estava pronto para o que fosse necessário, aprendeu muita coisa, era voluntário para patrulha em qualquer situação; aquele militar de má conduta, antes da guerra, tinha se transformado em um bravo soldado.<sup>114</sup> (Motta, 2001c, p. 73)

O então cabo, Sydonio Pedro, expõe em sua narrativa a tentativa de fuga do processo de recrutamento e a convocação obrigatória para posições de especialistas do Exército.

Quando eu tinha acho que 18 anos, eu era torneiro mecânico; eu já era completo: mecânico, fresador, plainador.

Eu já tinha feito o curso na Escola Técnica Getúlio Vargas e já namorava com a minha esposa; desde 15 anos já namorava com ela, eu tinha ideia já de casar, porque eu ganhava muito bem. Cheguei a guardar 22 mil cruzeiros na Caixa, mas precisava do Certificado de Reservista. Então

---

<sup>113</sup> Relato do General-de-Exército RUBENS MÁRIO BRUM NEGREIROS, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Oficial de Informações do 9º Batalhão de Engenharia. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>114</sup> Relato do Coronel JAIRO JUNQUEIRA DA SILVA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

eu me apresentei como voluntário no Antiaéreo, 1/2º Regimento Antiaéreo na Estrada Velha de Campinas. E tava servindo lá. Quando nós entramos em guerra, em 42, o Getúlio baixou um decreto, e todo praça que fosse indispensável na indústria pesada seria dispensado. E eu, como já era contramestre, com 18 anos eu já tomava conta de 12 torneiros, o engenheiro veio falar comigo, o Dr. Marcelo, aí na rua Canindé. Ele falou ‘Pedro, eu tive conversando com teu pai, teu pai tá apreensivo, a guerra tá aí, olha, o Getúlio baixou um decreto que todo elementos indispensável na indústria, entrando com o requerimento, é dispensado imediatamente. O que você acha?’ ‘É, seu engenheiro, eu para fazer a vontade do meu pai, eu aceito; eu era atirador da .50 na antiaérea; se o senhor quiser, o senhor pode fazer.’ Ele fez, eu acho que depois de 14, 15 dias, eu fui dispensado. Ô, meu pai ficou contente! Mas quando foi em 44, dia 23 de fevereiro de 44, eu fui convocado como especialista em mecânica pra ir pro Rio de Janeiro. Tudo bem, vâmo lá! Chegamos lá, ficamos encostados no 38º B.C., aqui no Parque Dom Pedro, de lá pegamos o Maria Fumaça, ia descer no Rio de Janeiro. Nós paramos em Pinda para descansar à noite. [...] quando eu tô entrando no quartel, eu vejo um cara tocando violão – sabe quem era? O sargento Luís Cardenuto, segundo-sargento. Quando ele olhou para mim, ‘você não é o atirador Pedro antiaéreo?’ ‘Sou eu mesmo’. ‘Você não tá me conhecendo?’ eu falei, ‘Porra, sargento, quem que não conhece o senhor?’ ‘Pra onde você vai?’ ‘Nós fomos convocados em 63 especialistas mecânicos, pra formar a Companhia de Manutenção da FEB.’ ‘Não, você não, você não vai não. Eu tô precisando de um atirador aqui na 8ª. Você vai ficar comigo’. Eu falei ‘Olha, sargento, já tô na merda e na merda fico.’<sup>115</sup> (Pedro, 1999, como citado em Maximiano, 2010, pp. 64-65)

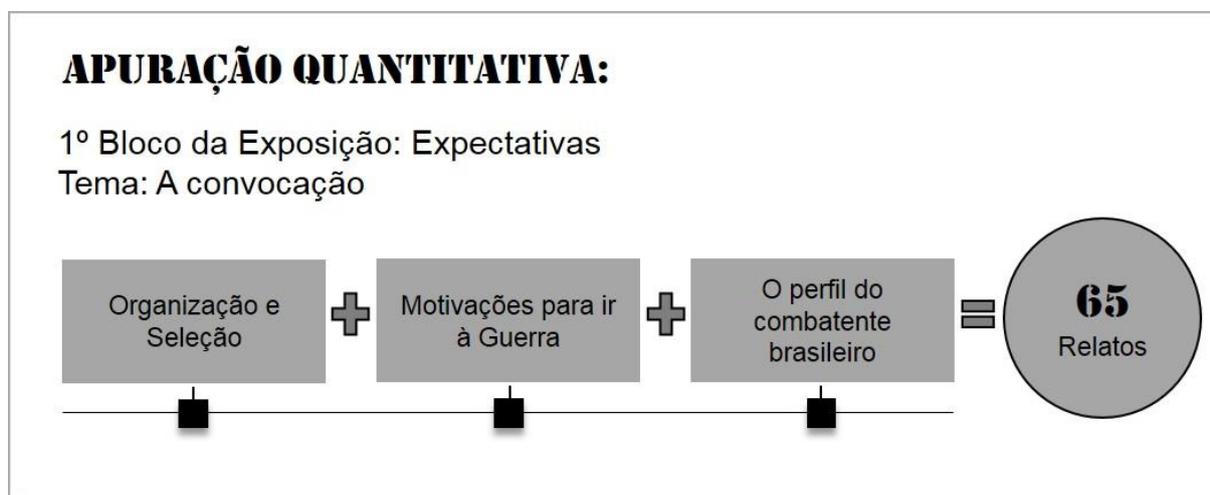
Apresenta-se a seguir a apuração quantitativa das narrativas, obtida através da análise dos relatos. Como resultado, é estruturado o quadro apresentado na figura 11.

---

<sup>115</sup> Relato de SYDONIO PEDRO, que na F.E.B. atuou como Cabo do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em dezembro de 1999.

**Figura 11**

*Apuração quantitativa da primeira etapa da exposição – Expectativas. Tema: A Convocação.*



*Nota.* Autoria própria.

## **6.2 O TREINAMENTO NO BRASIL**

Nesta etapa da exposição tenciona-se mostrar ao visitante da exposição as particularidades do treinamento realizado no Brasil. Principalmente evidenciar que o mesmo não realizou-se de forma homogênea para todos os combatentes.

Esta pesquisa identifica que a experiência do treinamento no Brasil é descrita de maneira distinta para cada ex-combatente, ou seja, as narrativas esbarram nas experiências individuais de cada elemento.

Um exemplo são os relatos sobre a eficiência, ou falta dela, no treinamento realizado ainda em terras brasileiras. Alguns tiveram acesso a um treinamento mais proveitoso, inclusive com estágios nos Estados Unidos e na Itália, já outros descrevem um treinamento breve e por vezes, até inexistente.

Desta forma, adota-se esta dualidade constatada como parâmetro para escolha dos relatos, com o intuito de evidenciar a experiência individual do expedicionário, bem como os diferentes aspectos do treinamento no Brasil.

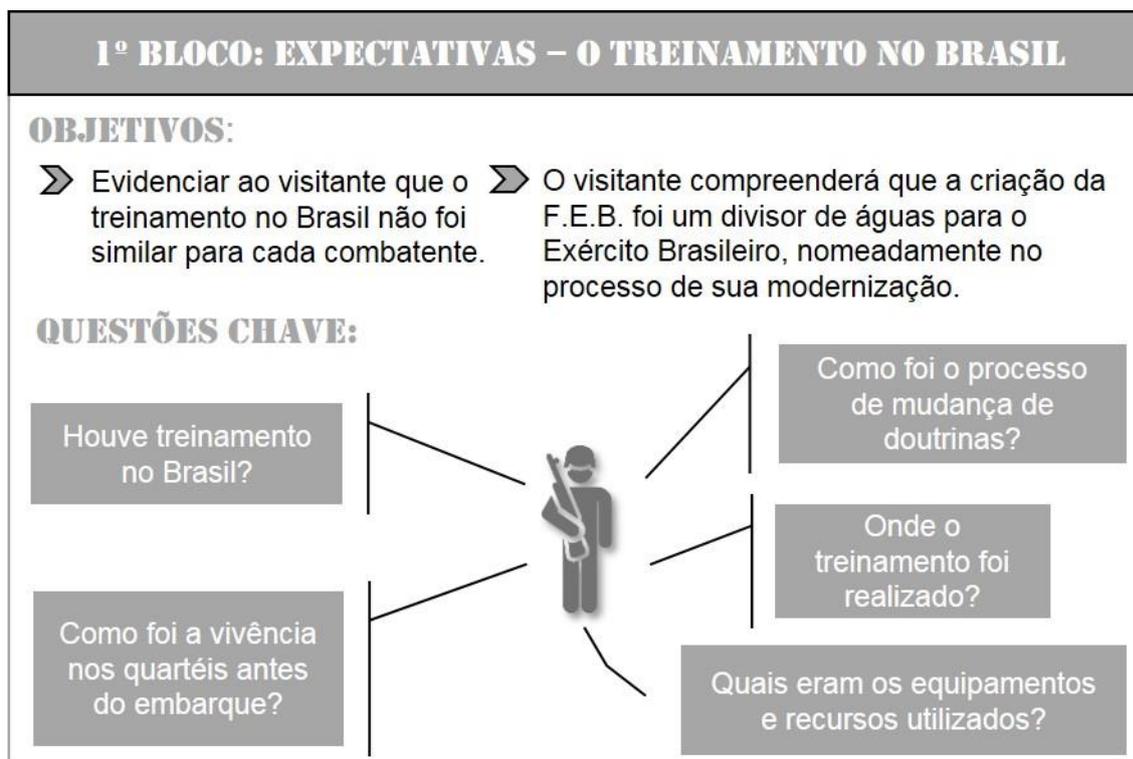
Outro critério adotado, diz respeito as mudanças que ocorreram no Exército Brasileiro, principalmente no que toca a mudança de doutrina militar, da francesa para a norte-americana. Para

além, evidenciam-se relatos sobre os equipamentos, tipos de exercícios realizados, locais de treinamento e a vivência nos quartéis no período de instrução.

O quadro abaixo, exposto na figura 12, norteia a seleção de relatos através de perguntas chave:

**Figura 12**

*Primeira Etapa da Exposição Itinerante – Expectativas: Questões chave sobre “O treinamento no Brasil”.*



*Nota.* Autoria própria.

Assim como o processo de seleção da Força Expedicionária foi complexo, igualmente foi a adaptação do Exército Brasileiro ao modelo americano. No entanto, não é possível associar todas as atribuições do processo de treinamento tanto no Brasil, como na Itália, somente à mudança de doutrinas militares.

Algumas narrativas de veteranos podem sugerir que a doutrina francesa, adotada anteriormente no Brasil, foi um dos principais fatores para justificar todas as dificuldades que surgiram durante o

processo de treinamento e combate. Os fundamentos militares franceses teriam supostamente impedido a assimilação dos novos conceitos norte-americanos ou eram considerados ultrapassados.

A escola francesa, implantada no Brasil em 1921, tinha como fundamento predominante guarnecer grandes extensões territoriais, aguardar pelo ataque inimigo, para então contra-ataca-lo em massa. No entanto, não baseava-se somente em princípios defensivos. As táticas de infantaria incluíam ataques frontais concentrados agressivos, com apoio das armas automáticas e planejados com consistentes barragens de artilharia. (Maximiano, 2010)

Não é plausível caracterizar a doutrina francesa como completamente obsoleta, visto que foi muito utilizada pelos brasileiros em solo italiano e até mesmo, influenciou muitos exércitos durante a Segunda Guerra Mundial.

Inclusive possuía alguns pontos em comum com a doutrina norte-americana. As pequenas frações de tropa responsáveis pelo manuseio de armas – grupos de combate, pelotões e companhias – não sofreram grandes mudanças em termos de princípios durante a transição. Ambas as doutrinas mantinham suas frações com efetivos e armamento semelhantes. Além disso, as táticas norte-americanas de infantaria foram baseadas nas ideias francesas que, em teoria, seriam conhecidas pelos brasileiros.

O veterano, Coronel Jairo Junqueira da Silva, destaca em seu relato a sua percepção individual sobre a alteração de doutrinas e adaptação aos manuais norte-americanos. Para ele, esse processo envolveu mudanças significativas:

É razoável comentar sobre alguns aspectos profissionais daquela preparação, tal qual ocorreu no Brasil. Como militar de carreira (eu havia cursado a Escola Militar em 1943), *seguíamos a doutrina francesa para o combate mas, quando chegamos, encontramos regulamentos novos editados pelos americanos, completamente diferentes. Quanto ao armamento, começamos a nos informar e a conhecer o que iríamos empregar na guerra, também, completamente diferente [grifo nosso].* Essa fase só se completou quando chegamos à Itália. Ainda no Rio de Janeiro, tivemos que nos submeter à uma terceira fase de preparação, que foi a educação física, no Morro do Capistrano/RJ, onde estávamos estacionados. Havia os obstáculos a transpor,

inclusive redes enormes, semelhantes às utilizadas para provável desembarque ou abandono do navio, em caso de desastre no mar.<sup>116</sup> (Motta, 2001c, pp. 66-67)

A interpretação dos ex-combatentes sobre a dificuldade de adaptação da doutrina francesa para a norte-americana pode ser explicada pela falta de profissionalização do Exército Brasileiro no período, visto que a instituição era marcada pela precariedade.

A doutrina militar francesa não foi implementada no país de maneira consistente a ponto de enraizar-se, o que de fato teria facilitado a transição para a doutrina norte-americana. Portanto, “quanto mais profissional um exército, mais fácil é a adaptação de seu contingente às novas doutrinas.” (Maximiano, 2010, p. 53)

No caso dos brasileiros, o grande problema era a falta de treinamento elementar e conhecimentos militares básicos, isto é, a escola francesa não foi implantada a ponto de capacitar efetivamente os quadros do Exército do Brasil e tampouco a doutrina norte-americana durante a guerra. A questão ficava evidente principalmente quando frações acima de batalhões entravam em combate. (Maximiano, 2010)

A insuficiência de instrução militar primária fornecida no Brasil era evidente quando os combatentes desembarcaram. Alguns soldados não sabiam diferenciar elementos básicos do armamento utilizado quando chegaram em solo italiano. Sendo assim, os problemas da Força Expedicionária Brasileira surgiam essencialmente da fraca qualidade de treinamento de muitos convocados.

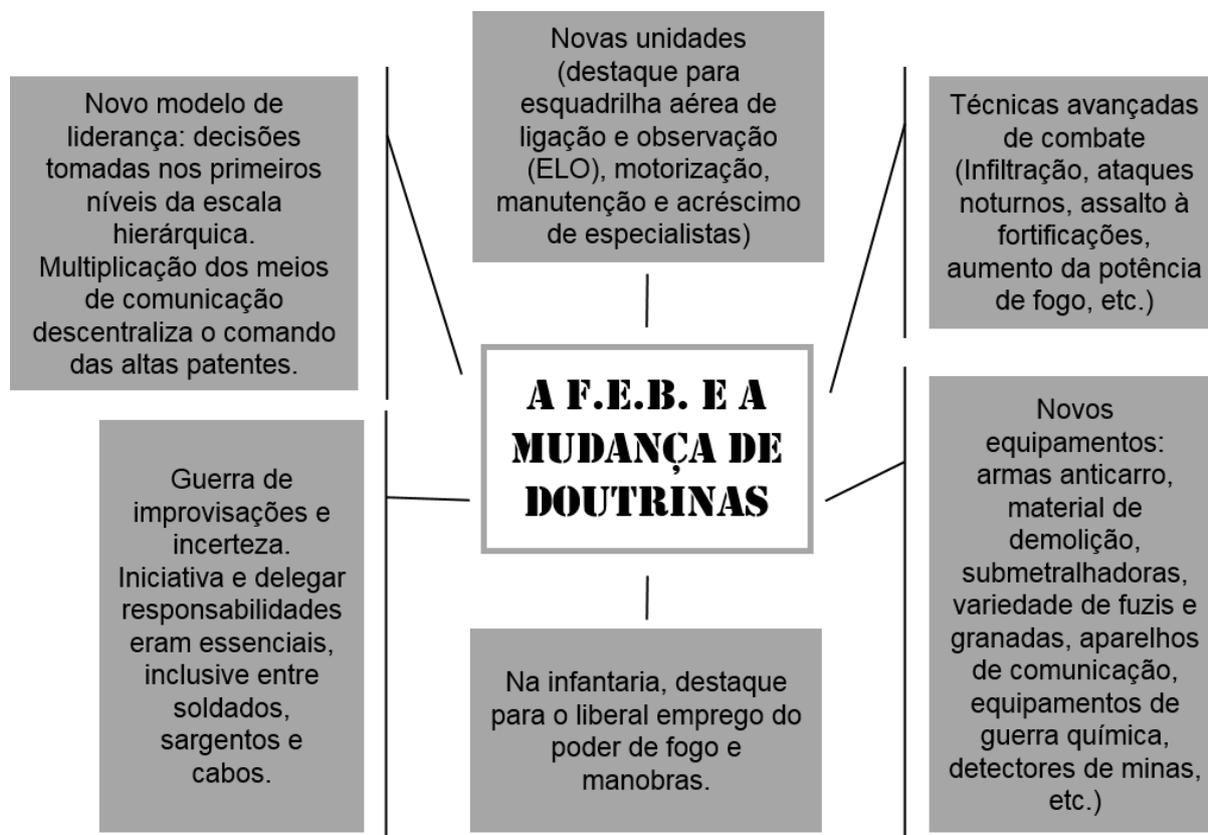
O quadro a seguir, apresentado na figura 13, destaca alguns aspectos relativos a substituição da doutrina francesa para a norte-americana e os novos métodos adotados com a nova escola, facilitando a compreensão de pontos evidenciados em algumas narrativas selecionadas:

---

<sup>116</sup> Relato do Coronel JAIRO JUNQUEIRA DA SILVA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

**Figura 13**

*A F.E.B. e a mudança de doutrinas militares.*



*Nota.* Autoria própria. Para desenvolvimento deste quadro, foram utilizadas as seguintes fontes bibliográficas: Moraes, 1960; Brayner, 1968; McCann, 1995; Maximiano, 2010; Ferraz, 2012.

Acerca da mudança de doutrinas, destacam-se suas modificações através dos relatos de Carlos de Meira Mattos e do Marechal Floriano de Lima Brayner:

Antes do embarque da F.E.B., na fase da sua organização, quando eu estava no Estado-Maior do General Mascarenhas de Moraes e, ainda, não tinham chegado os oficiais que foram fazer curso em Ft. Leavenworth, eu recebi uma missão especial. Examinando a estrutura organizacional americana, apareceram alguns tipos de elementos que nós não tínhamos, no Exército, como a Companhia de Polícia, enfermeiras e a capelania. O General Mascarenhas de Moraes me deu a missão de orientar a formação dos dois primeiros. Para a polícia foram

recrutados quarenta voluntários da Guarda Civil de São Paulo, famosa, sempre bem-fardada.<sup>117</sup>  
(Motta, 2001a, p. 74)

Em todas as armas, o armamento se modificara completamente, visando a alcançar o máximo de potência de fogo.

A maioria das armas era completamente desconhecida no Brasil. E se não as possuíamos, muito menos as respectivas munições, isso significava dizer que seu emprego e utilização tão cedo não produziriam reflexos duradouros que pudessem caracterizar uma tropa instruída para a guerra. Também a estrutura dos órgãos do Comando sofreu radical transformação, não somente na descentralização dos problemas do Comando, como na forma de transmitir as decisões e ordens, pela multiplicação dos meios de comunicação, em que a fonia passou a predominar. O aperfeiçoamento crescente desses meios e a riqueza da gama com que se apresentavam, eram reforçados por uma organização perfeita de “manutenção”, essa palavra mágica que surgiu, em todo o esplendor, nessa última guerra, e que constituiu, sem sombra de dúvida, um dos fatores decisivos da vitória.<sup>118</sup> (Brayner, 1968, pp. 26-27)

A adaptação à nova organização hierárquica da doutrina norte-americana pode ser exemplificada pelo relato de Helio Richard:

Nessa época, também, estávamos começando a absorver as coisas do Exército americano, havendo, mesmo, ordem ou determinação nesse sentido, e, em uma Companhia de Transmissões, por exemplo, existia o Comandante e, abaixo dele, na hierarquia, havia o Subcomandante, que os americanos chamavam de executivo, isto é, oficial executivo. Então, havia na nossa Companhia o Comandante e eu passei a ser o Executivo. A ideia do Exército americano, e que adotamos, era que o Comandante, fosse mais administrativo, enquanto o

---

<sup>117</sup> Relato do General-de-Divisão CARLOS DE MEIRA MATTOS, que na F.E.B. atuou como Oficial-de-Ligação e Comandante da 2ª Companhia do I/11º RI. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>118</sup> Relato do Marechal FLORIANO DE LIMA BRAYNER, que na F.E.B. atuou como Chefe de Estado-Maior, em seu livro A Verdade Sobre a FEB.

Oficial Executivo, mais voltado para a utilização da Companhia de Transmissões.<sup>119</sup> (Motta, 2001a, p. 173)

Outro ponto muito abordado nos relatos referem-se aos tipos de equipamentos utilizados em instrução no Brasil e os recebidos na Itália e os colocam como completamente diferentes, desconhecidos e insuficientes. Sendo esse, um fator de dificuldade na transição de doutrinas.

Durante o treinamento no Brasil, ficou acordado que os expedicionários somente receberiam os equipamentos dos Estados Unidos ao chegarem à Itália. Por conseguinte, o país recebeu apenas algumas unidades, acompanhadas de manuais em inglês, para capacitar seus conscritos. Não havia tempo hábil para traduzi-los e distribuí-los nas unidades expedicionárias em quantidade suficiente. Ademais, muitos dos oficiais instrutores norte-americanos também não eram fluentes no português. Foi preciso muita criatividade e paciência para transpor as barreiras da língua e da carência de equipamentos no decorrer do processo de instrução. O comandante da F.E.B., Mascarenhas de Moraes (1960), expõe a situação em seu livro:

Para a consecução do adestramento, impunha-se, desde logo, a tradução dos manuais americanos ou, por melhor dizer, dos regulamentos de instrução e emprego.

Embora a 1ª D.I.E. tivesse contado com a dedicação e proficiência de um grupo de oficiais tradutores, o trabalho, até a fase final de distribuição, exigia tempo, e isso não podíamos sequer recuperar. Tínhamos, portanto, de lançar mão de outros meios, até que os manuais, já traduzidos, chegassem aos corpos e órgãos da grande unidade expedicionária.

Enquanto os regulamentos americanos ainda estavam sob a ação de tradutores e editores, as Unidades da 1ª D.I.E. contaram com o auxílio precioso de numerosos oficiais, que, por terem estagiado no Exército dos Estados Unidos, em muito facilitaram a tarefa inicial de adestramento dos expedicionários. (p. 16)

---

<sup>119</sup> Relato do General-de-Brigada HELIO RICHARD, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da Companhia de Transmissões. Entrevista concedida em abril de 2000.

A escassez de material norte-americano era uma realidade e de fato a F.E.B. foi apresentada à muitas novidades militares, como as armas de apoio. No entanto, não é possível asseverar que as dificuldades enfrentadas na adaptação da doutrina estejam somente ligadas à falta de material. A questão está novamente relacionada a qualidade ruim do treinamento elementar fornecido no período de instrução.

Nada impedia que a instrução de combate dos pelotões e companhias de fuzileiros fosse feita com seu armamento de dotação normal de variada origem (fuzil Mauser alemão, metralhadora *Hotchkiss* francesa ou a *Madsen* Dinamarquesa, fuzis metralhadoras franceses ou tchecos, etc), cujo emprego, a não ser por questões de manutenção e operação, não diferia muito do armamento americano. [...]

A instrução americana, que no nível de pelotão e grupo de combate era muito parecida com a tática francesa, poderia perfeitamente ter sido ensaiada no Brasil com o armamento europeu adquirido no entreguerras. [...] Nesse ponto, pouco mudou entre o que supostamente deveria ter sido incutido nos treinamentos do exército brasileiro e o que se mostraria eficaz no combate aproximado travado nas montanhas italianas, segundo os manuais americanos recebidos. (Maximiano, 2010, p. 45)

O relato do General-de-Divisão Carlos de Meira Mattos, é um exemplo do ponto abordado acima, isto é, afirma precisamente que determinadas partes importantes da instrução não foram realizadas no Brasil e parece amenizar o contraste entre doutrinas:

*Com relação ao desempenho em campanha dos nossos oficiais e sargentos, ouvi alguns veteranos da FEB dizerem que nós chegamos na Itália sem saber nada, completamente ignorantes, o que não é verdade. Os nossos quadros, com a instrução recebida no Brasil, só tiveram que se adaptar ao material e mais nada. Todos sabiam quais eram suas atribuições [grifo nosso]. Você pode perguntar ao Pitaluga – Comandante do Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado da FEB – se alguma vez ele precisou de conhecimento militar para comandar. Agora, nós tivemos que nos adaptar a uma organização e equipamentos diferentes. Quanto ao treinamento, ele foi atropelado, porque a formação normal para a guerra, começando com a*

*instrução individual, depois a das pequenas unidades, a seguir exercícios em que essas frações operam juntas, mais adiante, instruções e exercícios de batalhão e regimento, não foi seguida.* [grifo nosso]<sup>120</sup> (Motta, 2001a, p. 74)

Posto isso, destacam-se narrativas que tratam das percepções dos ex-combatentes sobre o recebimento de equipamentos e a inserção de novos itens militares nas unidades. Nota-se que para alguns as novidades não causaram grande impacto.

O preparo da FEB era o normal da vida militar em um quartel brasileiro. Não houve nada de especial, apenas algumas armas novas, como a bazuca. Nós atiramos com a bazuca, aprendemos a utilizar o jeep (que se tornou uma das mais extraordinárias armas dos aliados). Era muito útil, chegava a qualquer lugar. A bazuca era recém-criada, quando disparava enchia nossa cara de pólvora queimada. Usávamos uma máscara. A preparação do Brasil não foi bem-feita, mas não podia ser de outra forma. Aconteceu que fomos despreparados, mas as outras nações também. Conversei com os americanos e estes também diziam não terem tido o preparo para vir para aquele lugar, mas sim para outro, era assim mesmo.<sup>121</sup> (Motta, 2001f, p. 202)

O General-de-Exército Antonio Ferreira Marques, também aborda a questão dos novos equipamentos e a mudança de doutrina.

Não tenho palavras que possam descrever a situação em que vivia o Regimento; seu armamento incluía o fuzil 1908, o fuzil-metralhador FMH – *Hotchkiss*, cujo pente era de vinte tiros, mas quando dava sete disparos já era uma satisfação, porque, normalmente, a arma engasgava; e, além disso, era pesada. O Exército adotava uma organização “inteiramente à francesa”, inclusive

---

<sup>120</sup> Relato do General-de-Divisão CARLOS DE MEIRA MATTOS, que na F.E.B. atuou como Oficial-de-Ligação e Comandante da 2ª Companhia do I/11º RI. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>121</sup> Relato do Economista OSWALDO GUDOLLE ARANHA, que na F.E.B. atuou como Soldado Intérprete e motorista da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2001.

havia uma missão do Exército francês que orientava a instrução e o treinamento da tropa brasileira. E passamos, de um momento para o outro, a adotar a organização americana: o Regimento com 3.500 homens, 19 subunidades e armamento totalmente mudado. O Fuzil *Garand*, o morteiro 60mm, que ainda não tinha visto, canhão anticarro 57mm, Grupo de Obuses 105mm, a “bazuca” (lança rojão), tudo isso era desconhecido para nós e mais ainda: tinha o S1, “quem é esse, o S2, S3, S4?” É possível imaginar o que isso acarretava para nós. Ninguém conhecia as novidades. A instrução, com o pouco armamento que chegou, era ministrada por oficiais americanos que falavam português, bem como pelos subalternos.<sup>122</sup> (Motta, 2001c, p. 23)

O ex-combatente Domingos Ventura Pinto Junior fala da criatividade utilizada para superarem as dificuldades com a escassez de alguns equipamentos e da boa vontade em aprender, encontrada em muitos expedicionários.

Foi curiosa a forma como participei dos exercícios preparatórios, ainda no Brasil. Quando estava no 11º R.I., colocava uma carroça, aquelas “carrocinhas” que a gente tinha, para fingir que era canhão, para fazer “ordem unidade de artilharia junto ao canhão”. Veja bem, as flechas das peças eram os varais da carroça.

Quando chegamos ao morro do Capistrano, pensei: “Mas não posso fazer nada, como é que eu vou fazer, não sei nada dessa Artilharia.” Aí alguém disse: “O Capitão Valmiki Erichsen está aqui perto, no Grupo Souza Carvalho.” Então, fui lá falar com o Souza Carvalho e disse: “Coronel, eu não entendo nada, vou para a guerra com seis obuses, as Baterias de seu Grupo têm quatro só, a minha tem seis. O que é que eu vou fazer com seis obuses que eu não sei operar?” Ele chamou o Valmiki, que chegou em seguida. Conversamos sobre o meu problema, e pronto, o Valmiki resolveu logo. [...] O Valmiki me ensinou tudo e não deixei escapar nada. Aprendi a técnica de artilharia, porque a tática nem sei o que é. Eu era capitão, não tinha nada

---

<sup>122</sup> Relato do General-de-Exército ANTONIO FERREIRA MARQUES, que na F.E.B. atuou como Oficial de Operações do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

de tática, tinha mais é que saber regular, saber atuar como observador avançado.<sup>123</sup> (Motta, 2001a, p. 56)

Olimpio Fernandes Parcianello, Miguel Ferreira Lima e Gilberto Pessanha também evidenciam a questão do armamento.

Todo o armamento que nós tínhamos era de 1918, 1914-18; o resto que sobrou da guerra veio pro Brasil. Basta dizer que a metralhadora pesada nossa quem carregava era um burro; hoje é um jipinho. Então eu fui treinando naquilo, naquele armamento.<sup>124</sup> (Parcianello, 2000, como citado em Maximiano, 2010, pp. 223-224)

Para mim, como Chefe de Peça, a mudança de material não trouxe dificuldade. Bastou estudar um pouco para logo aprender. A nomenclatura, o mecanismo da culatra e o do freio recuperador é que eram um tanto diferentes e mais fáceis de se lidar. O resto era semelhante.

Com o novo material, passamos a nos preparar objetivamente para a guerra. Foi menos cansativo que anteriormente, pois íamos de viatura para o Campo de Instrução. Antes era a pé, puxando o luar. Não havia falta de munição ou de gasolina para a instrução, aquela coisa de pobre que era normal antes.<sup>125</sup> (Motta, 2001f, p. 342)

[...] Quanto às viaturas, excetuando o jipe, não tivemos nenhum contato com as que, depois, acabaríamos utilizando; idem quanto ao armamento e equipamentos de 3º escalão. Só na Itália fomos conhece-los.

---

<sup>123</sup> Relato do General-de-Divisão DOMINGOS VENTURA PINTO JÚNIOR, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Obuses de 105mm do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>124</sup> Relato do veterano OLÍMPIO FERNANDES PARCIANELLO, que na F.E.B. atuou no 1º Esquadrão de Reconhecimento – Cavalaria. Entrevista concedida em 2000.

<sup>125</sup> Relato do Primeiro-Tenente MIGUEL FERREIRA DE LIMA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Chefe de Peça da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses 105mm. O equipamento que ele refere-se puxado por muar, é o canhão 75mm Schneider, alemão. Entrevista concedida em abril de 2001.

Parte do material que nos foi fornecido para instrução chegou às vésperas do embarque e não foi utilizado, pois os diversos cursos e estágios, bem como o aprendizado nas organizações militares e civis, tinham duração diversa, e, em consequência, o pessoal retornava à Companhia em épocas diferentes. Por outro lado, até o dia de abandonarmos o quartel para a operação de embarque, a Companhia continuava a receber e incorporar novos elementos militares e civis.<sup>126</sup> (Motta, 2001g, p. 84)

Os relatos de Helio Richard e do Tenente Coronel Manoel Thomaz Castello Branco, destacam as carências do Exército Brasileiro do pré-guerra e o total desconhecimento de alguns equipamentos norte-americanos:

Começamos, assim, a preparar a subunidade, partindo de uma situação inicial de muita penúria, sem equipamento algum. Para dar uma ideia, quando eu era Tenente no Batalhão, havia uma única viatura, um caminhão civil, para fazer todo o serviço. O Comandante do Batalhão não tinha um automóvel para levá-lo até a estrada de ferro, em Deodoro. Ele tinha que tomar um trenzinho; chegamos ao ponto de tentar recuperar uma charrete, porque havia alguns muares, para o transporte do Comandante até Deodoro. Era assim o nosso Batalhão, pobre, pobre mesmo.

Dentro de pouco tempo começamos a receber material americano, principalmente, de rádio e telefonia. Eu e mais um outro Tenente, Hervê Berlandez Pedrosa, que embarcou no primeiro escalão, e mais ninguém, conhecíamos, um pouco, aqueles equipamentos, porque os vimos no Exército americano. Eram equipamentos militares, muitos deles já em uso no Norte da África, nos carros de combate. Para dar uma ideia da diferença que havia entre os nossos equipamentos e os americanos, nós não possuíamos nenhum capaz de ser utilizado numa viatura, só em terra. Era preciso retirá-lo da viatura e montá-lo para que pudesse ser utilizado.<sup>127</sup> (Motta, 2001a, p. 173)

---

<sup>126</sup> Relato do Coronel GILBERTO PESSANHA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Manutenção Leve.

<sup>127</sup> Relato do General-de-Brigada HELIO RICHARD, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da Companhia de Transmissões. Entrevista concedida em abril de 2000.

Os equipamentos, as armas, as instalações de treinamento eram deficientes. A instrução de combate carecia de itens mínimos, a começar pela munição, que deveria ser gasta com parcimônia. Armas como fuzis, metralhadoras e canhões, equipamentos de comunicações e de engenharia provinham de diferentes origens (francesa, alemã, tcheca, etc.). Equipamentos de transporte, comunicações, engenharia, alojamento das tropas eram muito poucos, quando não completamente desconhecidos dos brasileiros, como aparelhos telegráficos, teletipos, criptógrafos, detectores de minas, unidades de cozinha, limpeza e banho. (Castello Branco, 1960, pp. 136-137)

O período de instrução no Brasil teve curta duração e incluía marchas de cerca de 30km, exercícios de ordem unida, educação física, atividades em pistas de treinamento, sempre buscando elevar a robustez física dos brasileiros. Porém, no treinamento tático não realizou uma série de exercícios da doutrina americana que teriam facilitado a adaptação na Itália, como os golpes de mão, instruções noturnas, práticas de técnicas avançadas de combate e coordenação entre as armas e serviços.

Os expedicionários também não receberam doutrinações políticas significativas ou informações de combate consistentes sobre os adversários que enfrentariam. Os primeiros escalões não viram sequer os uniformes e armamentos dos inimigos antes de chegarem ao teatro de operações. (Maximiano, 2010)

Algumas narrativas indicam também pouca preparação psicológica para enfrentar uma guerra da proporção que encontrariam:

Quanto à preparação psicológica, acho que foi muito fraca, mas tínhamos filmes americanos que mandaram para nos incentivar (em português), livros, folhetos etc ... mas não sabíamos, exatamente, em que região da Itália iríamos lutar; falava-se inicialmente que, numa fase preliminar, iríamos para o Norte da África, mas posteriormente vi que essa hipótese estava fora de cogitações, porque a guerra já tinha passado pelo Norte da África e se desenrolava na Itália.

Assim, desconhecíamos grande parte dos objetivos da missão, até mesmo onde seria o teatro de operações.<sup>128</sup> (Motta, 2001c, p. 67)

Ressalta nítida e dolorosa, [...] a conclusão de que a nossa divisão expedicionária não fora bafejada pela sorte, no que concerne ao seu adestramento militar, nos campos de instrução da Itália e do Brasil. [...]

Sobrevieram, sem dúvida, conseqüências imponderáveis na formação tática e psicológica de nossa tropa. (Moraes, 1960, p. 53)

Mas, infelizmente, não fomos bem esclarecidos psicologicamente, porque a preparação no Rio foi rápida e não houve tempo para instruções. Eu, como sargento, recebi um manual sobre as armas americanas, traduzido para o português; era a instrução da arma sem ter a arma na mão.

Chegando lá, teoricamente se conhecia a arma, mas na prática não. Ignorava-se até o desmontar de um fuzil. [...] <sup>129</sup> (Motta, 2001c, pp. 254-255)

Se no Brasil o período de instrução desapontou parte dos expedicionários, em contraste, alguns oficiais tiveram a chance de participar de cursos em centros de instrução militar nos Estados Unidos. Destacam-se a Escola de Comando Maior, em *Fort Leavenworth*, Kansas, a Escola de Infantaria, em *Fort Benning*, Georgia, Escola de Artilharia, em *Fort Sill*, Oklahoma, entre outras.

Os cursos realizados nos Estados Unidos despertavam admiração e confiança no treinamento recebido. O veterano Helio Richard, descreve a vivência de adestramento no país e a boa vontade em dividir o conhecimento com os colegas que ficaram no Brasil:

---

<sup>128</sup> Relato do Coronel JAIRO JUNQUEIRA DA SILVA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>129</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Procuramos fazer todos os exercícios, todas as provas, tudo o que era preciso. [...]

O Exército americano era, para nós, notável, porque no dia seguinte em que nós chegamos, recebemos uma pilha, de um metro de altura, com todos os regulamentos que seriam mencionados ou adotados durante o curso. Então, podíamos assistir às aulas e fazer depois, no alojamento, uma revisão do que tinha sido ministrado. Assim, conseguimos fazer, lá, os quatro meses de curso. [...]

O curso, foi no meu entender, magnífico, tanto que quando chegamos nós nos reunimos com mais dois oficiais que tinham ido antes e procuramos fazer com que o curso da Escola de Transmissões, de Deodoro, seguisse, mais ou menos, aquela linha. Eu digo mais ou menos, porque não dispúnhamos das facilidades que eles tinham. Os nossos equipamentos de transmissões ou de comunicações eram obsoletos, vamos dizer assim, e, na verdade não eram equipamentos militares.<sup>130</sup> (Motta, 2001a, pp. 171-172)

A barreira da língua não existiu somente em território brasileiro durante o período de treinamento. Os estágios em centros de instrução norte-americanos também foram realizados com certa dificuldade para alguns que não tinham fluência no idioma. Os veteranos descrevem a experiência nos Estados Unidos e as dificuldades enfrentadas com o inglês:

Quando chegou próximo do fim do ano de 1943, eu fui designado para fazer um curso nos Estados Unidos, junto com mais dois capitães, bem mais antigos. Nessa ocasião é que fui pensar um pouco mais na guerra.

Não nos perguntaram se falávamos inglês, se entendíamos inglês, se conhecíamos os Estados Unidos e tivemos cerca de duas semanas para embarcar. O capitão mais antigo não sabia contar até dez, em inglês.

---

<sup>130</sup> Relato do General-de-Brigada HELIO RICHARD, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da Companhia de Transmissões. Entrevista concedida em abril de 2000.

Embarcamos para os Estados Unidos em um avião do tipo C-47, cargueiro, da Força Aérea americana, com destino a Miami [...] A viagem durou quatro dias e havia alguns oficiais americanos, no avião, com os quais eu procurei conversar, para exercitar o inglês, que eu falava e entendia um pouco. Viajavam, também, do grupo de oficiais brasileiros, alguns médicos e, me parece, três de Artilharia, todos dirigindo-se para locais diferentes.

Em Miami, fomos muito bem recebidos e conduzidos para um hotel magnífico. Ofereceram-nos uma refeição ótima e, assim, passamos um dia nessa cidade.

Dali, seguimos viagem para New Jersey – *Fort Mommounth* – que era o nosso destino, sede da Escola de Transmissões do Exército americano (*Eastern Signal Corps School*). [...]

A recepção pelos oficiais americanos foi muito boa, embora, de um modo geral, não fossem de procurar muito relacionamento, mas eram simpáticos e nos trataram de igual maneira. A impressão que eu tive é que eles receavam não serem compreendidos e que nós, talvez, não pudéssemos responder. [...]

[...] Um dos nosso companheiros entendia muito pouco a língua e padecia com as oito horas de aulas diárias, inclusive aos sábados. Já no fim do curso, ele me cutucava e dizia: “Agora eu entendi!” Foi difícil! Foi difícil para ele, não para mim e para o Capitão Moacyr Ignácio Domingues, que não tinha boa pronúncia e nem facilidade para falar, mas conhecia o inglês.<sup>131</sup> (Motta, 2001a, pp. 171-172)

O curso durou 17 semanas e diariamente, às 8h da manhã, os cem mil homens que estavam no *Fort Benning* entravam em forma para começar a trabalhar e todos sabiam perfeitamente o que teriam a fazer naquele dia. Não havia questionamento, não havia vacilação, não havia a possibilidade de alguém ficar em dúvida.

Foi um grande exemplo que recebemos de organização, porque a Escola de Infantaria em um ano e meio formou 62 mil tenentes de Infantaria. O curso era uma “linha de montagem” e cada seção de instrução tinha uma equipe especializada que só fazia aquilo. Eu assisti a uma

---

<sup>131</sup> Relato do General-de-Brigada HELIO RICHARD, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da Companhia de Transmissões. Entrevista concedida em abril de 2000.

demonstração de combate em localidade, onde havia uma tabuleta: Esta demonstração está sendo repetida pela 241ª vez.

Terminado o curso da Escola de Infantaria, realizamos dois estágios. Eu fiz um no 423º Regimento de Infantaria da 109ª Divisão, passei quinze dias em manobra na Carolina do Norte e depois mais uma semana no *Replacement Training Center*, [...] <sup>132</sup> (Motta, 2001c, pp. 53-54)

É importante esclarecer, que somente o 1º escalão de embarque, composto majoritariamente pelo 6º Regimento de Infantaria, recebeu adestramento mais completo, incluindo o treinamento fornecido pelos norte-americanos na Itália. As demais unidades receberam o que era conhecido como *on the job training* quando chegaram, ou seja, aprenderam a combater no próprio conflito. (Castello Branco, 1960; Silveira, 1989)

O 4º e 5º escalões de embarque, com o contingente do Depósito de Pessoal da F.E.B., deixaram o Brasil praticamente sem instrução.

Para serem formados os citados cinco escalões, foi realizada convocação por todo o país, como visto anteriormente, e após o processo de triagem, os selecionados foram distribuídos por quatro regiões militares, sendo: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Mato Grosso.

O treinamento desses grupos espalhados pelo Brasil e sob comandos distintos, não favorecia um adestramento uniforme e eficiente para as unidades. Até que foi realizada a centralização do comando na figura de Mascarenhas de Moraes e foi emitido o Aviso Reservado 3130, que determinava a concentração das unidades no Rio de Janeiro. Deste modo, todas elas dirigiram-se à capital.

Três grandes regimentos são unidos: o 1º R.I. do Rio de Janeiro, o 6º R.I. dos paulistas de Caçapava e o 11º R.I. dos mineiros de São João Del Rei.

Cada um obteve o apoio de um grupo de obuses auto-rebocado.

---

<sup>132</sup> Relato do General-de-Brigada MOZIUL MOREIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Chefe da 1ª Seção do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

A Engenharia do 9º B.E. foi organizada em Aquidauana, (M.S.), e o 1º Batalhão de Saúde formou-se em Valença (RJ). O Esquadrão de Reconhecimento, a Companhia de Comunicações (Transmissões), a Intendência e Manutenção, Pelotões de Polícia e Sepultamento e Banda de Música foram organizados no Rio de Janeiro. (Rigoni, 2003, p. 21)

O Marechal Floriano de Lima Brayner (1968), recorda a fase em que as unidades encontravam-se espalhadas pelo país com o comando descentralizado, antes da reunião na capital e a incerteza do destino final da F.E.B.:

O resultado é que, ao fim de certo tempo, estavam abandonadas, praticamente, pelos comandos de paz, sem poderem receber maior apoio do Chefe expedicionário, situado no Rio. *Por outro lado, o chamado “espírito divisionário”, que é a essência da Grande Unidade de Combate, a Divisão, não poderia surgir nunca daquela colcha de retalhos. Sabia-se onde estavam os retalhos, mas ainda não era colcha* [grifo nosso]. Uma divisão não pode ser improvisada, mormente sabendo-se que dentro de breves dias teria que ser enviada aos campos de batalha para preliar contra o mais adestrado soldado – o alemão –, que desafiava o mundo com aparelhamento maravilhoso, uma técnica perfeita e uma mística invencível. (p. 16)

Queríamos orientar e tranquilizar nossa tropa, dando-lhe a segurança de um período de adaptação, no ponto de primeiro destino, para que pudesse vencer essa fase inicial com maior dedicação. Tínhamos diante de nós uma grande interrogação: - para onde nos levariam? Todos sabiam que as divisões americanas, quando deixaram os Estados Unidos, faziam um primeiro lance no Norte da África (Oran- Argel), para um período de ambientação e aperfeiçoamento da instrução. Aí se encontravam os instrutores e assessores oriundos do *front* italiano ou da Normandia, para o último retoque, inclusive na preparação psicológica da tropa.

Esperávamos que fizessem outro tanto com a nossa Divisão. (p. 48)

Além da adaptação aos novos equipamentos e considerações sobre o adestramento da Força Expedicionária, o veterano Carlos de Meira Mattos também destaca em seu relato o processo de concentração das unidades.

[...] Foram expedidos os atos do governo organizando a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, com as unidades sendo dotadas de material americano e motorizadas. Em cada organização foram entregues determinadas quantidades: dez jipes... dez caminhões de uma e meia tonelada... fuzis... metralhadoras... obuseiros de artilharia... tudo modelo americano, para que o pessoal fosse se habituando com o material que iria receber, mais tarde, no Teatro de Operações. [...] A preparação foi, inicialmente, na área de cada Unidade, onde eram inspecionadas, até que se decidiu pela concentração numa região entre a Vila Militar e o Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro. [...] <sup>133</sup>(Motta, 2001a, p. 71)

Em adição aos elogios à adaptação dos combatentes ao novo treinamento, Plínio Pitaluga também aborda o difícil processo de deslocamento interno pelo Brasil de algumas Unidades até a conclusão da centralização na capital. Já o Coronel Rivermar de Almeida exemplifica a logística penosa até chegarem ao ponto definido.

O transporte das forças para o Norte foi feito, basicamente, pelo mar, agora com uma ação maior de patrulhamento e, também, pelo Rio São Francisco. Houve Unidades que foram por terra e passaram quatro meses andando, de Minas para a Bahia, seguindo as rotas das boiadas. Nessa época, não havia qualquer rodovia ligando o Norte e o Sul do País. Evidencia-se, nesse fato, que nós tínhamos uma pequena estrutura militar, mas com uma boa cultura profissional. Graças a essa cultura dos seus oficiais e sargentos, o Brasil, em pouco tempo, assimilou os novos processos e técnicas de combate bem como o novo material que chegava às nossas mãos, por conta do *Lend-Lease*. [...]

---

<sup>133</sup> Relato do General-de-Divisão CARLOS DE MEIRA MATTOS, que na F.E.B. atuou como Oficial-de-Ligação e Comandante da 2ª Companhia do I/11º RI. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

Nosso esforço para preparar a FEB – cerca de 25.500 homens – foi tremendo. O Brasil era um arquipélago: ilha do norte, ilha do Nordeste, ilha do centro e ilha do sul. Nossas ligações para o interior se faziam por rios; pelo mar, se processavam através de navios pequenos. Nossa força aérea era reduzida. Era difícil o contato entre essas ilhas, sem estradas e com as comunicações extremamente precárias. As regiões brasileiras viviam isoladas umas das outras. [...]

A estrutura da divisão de infantaria expedicionária ficou espalhada: os quatro grupos de artilharia e os três regimentos de infantaria por São Paulo, Minas e Rio de Janeiro; e a engenharia em Aquidauana, Mato Grosso. [...] O exército dessa época vinha engatinhando para atingir uma estrutura que lhe permitisse atuar na defesa de pontos do nosso território. <sup>134</sup>(Motta, 2001a, pp. 143-145)

O 11º RI, sediado em São João Del Rei, estava instalado em Gericinó, no Morro do Capistrano. A Unidade tinha vindo de Minas Gerais, numa viagem muito difícil, dadas as condições em que foi feita, transporte ferroviário, troca de trens, marchas a pé.

Dos três regimentos da FEB, o 11º RI era o que estava em piores condições.<sup>135</sup> (Motta, 2001f, p. 98)

Os quartéis e centros de treinamento não estavam preparados para receber esta demanda. Não possuíam estrutura ou acomodações adequadas, a alimentação não agradava, a higiene era mínima e os conflitos entre as unidades expedicionárias e os militares regulares, que permaneceriam no Brasil, eram habituais.

As restrições de visitas ou a falta de liberdade para sair dos quartéis, levavam às fugas temporárias, ou tochas, como eram chamadas. Os elementos oriundos de São Paulo e Minas Gerais,

---

<sup>134</sup> Relato do General-de-Brigada PLÍNIO PITALUGA, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>135</sup> Relato do Coronel ADHEMAR RIVERMAR DE ALMEIDA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Operações e Comandante de Bateria de Comando do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2001.

que tinham acesso às suas cidades por comboio, costumavam burlar o sistema e iam visitar familiares quando podiam.

A experiência nos quartéis e centros de instrução no Brasil<sup>136</sup> antes do embarque, é um tópico presente entre os veteranos. As narrativas abaixo evidenciam a vida de caserna que experienciaram ainda em solo brasileiro:

Quando fui declarado Aspirante, no dia 4 de novembro de 1944, já havia me apresentado como voluntário para a Força Expedicionária Brasileira. Não tendo sido aproveitado de imediato, fui classificado no 5º Regimento de Artilharia Montada (5º RAM) em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Apresentei-me lá no dia 7 de dezembro de 1944 e, no dia 20 desse mesmo mês, recebi um rádio informando que havia sido transferido para o Centro de Recompimento de Pessoal da FEB, com urgência na apresentação.

No mesmo dia à noite, embarquei em um trem para Porto Alegre e, no dia seguinte, segui de avião para o Rio de Janeiro, onde estava o Centro de Recompimento da FEB.

O referido Centro estava acantonado no morro do Capistrano, na Vila Militar. Diariamente, chegavam contingentes dos mais diversos lugares do País, pessoal de qualidade cada vez mais precária, dando-nos a impressão de que eram pessoas indesejáveis em seus quartéis e que eram descartadas para a FEB, apesar de não serem voluntárias. Além dos programas de vacinação e exame de saúde, havia, para o pessoal do Centro de Recompimento, educação física, ordem unida e algumas marchas, mas nenhum exercício de maior vulto, preparatório para a campanha que se avizinhava. Explica-se, acredito eu, pelo desconhecimento do tipo de conflito que iríamos encontrar lá na Itália.<sup>137</sup> (Motta, 2001a, p. 268)

---

<sup>136</sup> Destacamos os seguintes locais de instrução: Campo de Instrução de Gericinó, Morro do Capistrano, Campo dos Afonsos, Observatório de Monte Alegre, entre outros.

<sup>137</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

A concentração da Divisão não foi uma operação de conjunto, desencadeada simultaneamente. Ao contrário. Foram mudanças de sede, do Quartel de paz para o estacionamento no Rio, mediante atos administrativos parcelados. No caso do 11º Regimento de Infantaria, por exemplo, seu estacionamento, na Vila Militar, foi no Morro do Capistrano, em galpões de madeira construídos para aquele fim, sem nenhum conforto e mínimas condições de higiene. Eram providencias que evidenciavam a nossa inexperiência.

A tropa retirada de seu quartel de paz, afastada de seu *habitat* e sabendo que estava iminente o embarque para a guerra, foi jogada praticamente ao relento. Evidentemente não era uma forma de estimular aqueles que, em breve, iriam se expor a perigos mortais, longe da pátria. (Brayner, 1968, pp. 40-41)

[...] Essa etapa de formação da FEB foi realmente muito difícil e complexa. Os quartéis ficaram abarrotados e, em consequência, os alojamentos e refeitórios. As instalações sanitárias, que já se mostravam precárias, rudimentares e insuficientes às praças da ativa, não atendiam à sobrecarga advinda da convocação.

As filas intermináveis para o uso das instalações do rancho e dos banheiros criavam um ambiente de descontentamento, que só era contido pela rígida disciplina. Era comum encontrar os convocados amontoados nos alojamentos, com seus pertences espalhados, por falta de armários para todos e até mesmo alojados nas estrebarias. Em virtude da confusão existente, os sargentos e os cabos, diretamente ligados aos convocados para a revista, sentiam dificuldades em aplicar normas disciplinares. [...] <sup>138</sup> (Motta, 2001f, p. 279)

O então Capitão Divaldo Medrado, destaca a falta de motivação e as dificuldades nos quartéis, inclusive escassez alimentar, evidenciando mais uma vez que a vida de caserna no Brasil estava longe de ser confortável e os levava facilmente a buscar a deserção. O General-de-Brigada, Thorio Benedro de Souza Lima, também evidencia problemas na vida de caserna.

---

<sup>138</sup> Relato do Capitão DIVALDO MEDRADO, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante do 1º Grupo de Combate do 2º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Os soldados que pertenciam ao nível social mais elevado objetivavam uma dispensa do serviço militar e lutavam desesperadamente para obtê-la. Os oriundos do meio rural, de restrito poder aquisitivo, “ficavam de olho” no rancho, por não terem acesso aos vendedores ambulantes, que circulavam pelos quartéis oferecendo comestíveis, normalmente desprovidos de qualidade e higiene. Face aos problemas anteriormente apontados, não seria difícil concluir as razões que certamente motivaram desestímulo e deserções.

Todas essas anomalias perduraram por um tempo em prejuízo da organização do corpo expedicionário. Muitos convocados do meio rural que não eram letrados aceitaram humildes e conformados sua inclusão no contingente da FEB, enquanto a maioria dos bem situados financeiramente conseguiu desligamento por razões inúmeras vezes infundadas. Abro um parêntese para cumprimentar a todos os que, pelo seu serviço, brio e coragem, representaram dignamente a Pátria querida nos campos da Itália.<sup>139</sup> (Motta, 2001f, pp. 279-280)

[...] Por outro lado, desejamos também ressaltar que as unidades de Infantaria, o 11º e o 6º RI se deslocaram de suas sedes e ficaram concentradas no Morro do Capistrano no Rio de Janeiro, na Vila Militar, em condições as mais precárias possíveis. Nessa ocasião sucedeu a transformação das unidades nacionais em unidades de guerra, com toda aquela incoerência de transformações feitas de forma apressada, sem que tivessem sido tomadas medidas preventivas etc. Eu me lembro bem que surgiu a ideia de desjejum, comida mais substancial a ser servida logo ao amanhecer e que, em grande parte das unidades, transformava-se em nosso almoço, quer dizer, recebíamos de manhã uma canjica “pesadona”. Em alguns casos, chegaram a fornecer, de manhã, feijão preto com carne seca etc. Depois disso os homens partiam direto para a instrução.

Problemas dessa natureza, dos quais só referenciamos pequenos detalhes, mostram as dificuldades por que todos passamos. Eu me recordo, ainda em tom de piada, que, no Capistrano, a hora do almoço era um suplício, ou mesmo na hora de qualquer refeição, porque

---

<sup>139</sup> Relato do Capitão DIVALDO MEDRADO, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante do 1º Grupo de Combate do 2º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

havia moscas em penca. A gente tinha que segurar o prato e ficar abanando com a mão para poder levar a garfada à boca e, assim mesmo, sobravam sempre umas duas ou três.<sup>140</sup> (Motta, 2001g, pp. 50-51)

O moral da tropa encontrou-se em baixa no período final de instrução no Brasil. A incerteza do embarque e as condições difíceis nos centros de instrução geravam ansiedade e baixa motivação entre os convocados.

Os relatos expostos adiante abordam de maneira geral o período de instrução no Brasil, principalmente a dualidade identificada quanto à eficácia do adestramento das unidades, ou seja, suficiente para alguns combatentes e insatisfatória para outros.

O então Tenente Coronel Castello Branco e o General Mascarenhas de Moraes resumem suas percepções acerca do período de treinamento:

O treinamento dos expedicionários no país, também foi problemático. Com a mudança do padrão francês para o padrão americano, foi necessário providenciar novos materiais de instrução. Os oficiais que fizeram cursos em escolas militares americanas tentavam ensinar a seus pares do Brasil as novas estruturas, as doutrinas e, principalmente, os procedimentos com o material americano, desconhecido da maioria formada pela missão militar francesa. Os oficiais americanos enviados ao Brasil para auxiliar nesses trabalhos eram poucos e a maioria não dominava o idioma português. A solução encontrada foi traduzir às pressas os manuais americanos e distribuí-los, aos milhares, para as unidades expedicionárias. (Castello Branco, 1960, p. 148)

Mas o problema principal ainda era o do contato com as armas e equipamentos que os brasileiros utilizariam no *front*. Enquanto estes não chegavam, a instrução militar dos

---

<sup>140</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

expedicionários resumia-se a seções de ordem unida e educação física. Mesmo depois da chegada das armas, as instruções foram realizadas no âmbito de pequenas unidades e, em geral, foram consideradas deficientes. O treinamento eficiente mesmo só foi vivenciado na Itália e, ainda assim, restrito a um regimento (o 6º R.I.). Os outros acabaram por aprender a combater de verdade na própria ação. (Castello Branco, 1960, p. 66)

Há longos anos o Exército Brasileiro vinha sendo instruído por uma operosa missão militar francesa.

Sua organização, seus regulamentos e seus processos de combate eram baseados na chamada “escola francesa”. De repente quase da noite para o dia, dentro da antiga moldagem, e no quadro da doutrina gaulesa, surgia a tarefa de constituir uma divisão de infantaria, com a organização norte-americana. E, além disso, instruí-la e adestrá-la segundo métodos, processos e meios norte-americanos. [...]

A nova organização exigia a criação de órgãos absolutamente novos e a revisão quase revolucionária de princípios, há muito firmados em nosso meio militar.

O problema consistiu em sair, de uma maquinismo montado à francesa, uma Força expedicionária que funcionasse à americana. (Moraes, 1960, p. 10)

Às dificuldades já enumeradas somavam-se duas outras: a absoluta insuficiência de material de guerra americano entre nós e a inexistência de adequado uniforme ao futuro teatro de operações.

Antes da Segunda Guerra Mundial, o Exército brasileiro adquiria a totalidade de seu aparelhamento bélico na Europa, o que significa afirmar que não havia, entre os reservistas convocados e os soldados aproveitados na FEB, elementos que houvessem visto, pelo menos, o material que iriam utilizar. Mesmo entre os oficiais, aqueles que o conheciam constituíram insignificante minoria.

Daí a necessidade do adestramento militar ter que começar pelo que havia de mais elementar na instrução individual. E o material para isso era escassíssimo, e obrigava, em consequência, a verdadeiros milagres de revezamento. (Moraes, 1960, p. 11)

Como citado anteriormente, alguns combatentes mostraram-se otimistas em relação à eficácia do treinamento brasileiro. O Marechal Waldemar Levy Cardoso e o Coronel Helio Mendes Cardoso encaixam-se nesse grupo. Para além, também destaca-se um dos eventos realizados antes do embarque, a demonstração de tiros da Artilharia.

Realizamos exercícios de toda ordem no campo, e já podíamos garantir uma Unidade eficiente e completamente preparada para o cumprimento de missão nos campos de batalha da Itália. Desses exercícios, destaco um, realizado no campo de Gericinó, que se constituiu numa esplêndida prova de capacidade do Grupo, quando foi realizada uma demonstração, com concentrações de tiro de Artilharia Divisionária (AD), comandada pelo Gen Cordeiro de Faria, em apoio direto à Infantaria, realmente instalada no terreno e progredindo de acordo com os fogos da Artilharia. Infelizmente, tivemos a baixa de um soldado, mas isso ocorre...<sup>141</sup> (Motta, 2001a, p. 23)

Os artilheiros brasileiros não tiveram dificuldades em se adaptar às modificações profundas impostas pelos novos armamentos e novas técnicas de tiro. As instruções que receberam, tanto na escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como na Escola de Estado-Maior e nos Cursos de Formação e Aperfeiçoamento de Sargentos, facilitaram, sobremaneira, a adaptação às novas condições de combate. Na verdade, o nosso conhecimento, oriundo dos ensinamentos dos artilheiros franceses, trazidos da guerra de 1914-18, nos deixou capacitados para o emprego da Artilharia e da técnica de tiro [...]<sup>142</sup> (Motta, 2001a, p. 25)

As nossas escolas, aqui no Brasil, contribuíram muito para que esse desempenho fosse favorável. Eu, por exemplo, na fase de preparação da FEB, em Gericinó, realizei um curso de manutenção, se não estou enganado foram quatro semanas, na Escola de Motomecanização.

---

<sup>141</sup> Relato do Marechal WALDEMAR LEVY CARDOSO, que na F.E.B. atuou como Comandante do I Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>142</sup> Relato do Marechal WALDEMAR LEVY CARDOSO, que na F.E.B. atuou como Comandante do I Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

Diversos oficiais foram designados para outros cursos. Lembro o exemplo do cabo mecânico que deveria vir para minha Seção de Manutenção. Ele foi fazer um curso na Ford, em São Paulo. Houve uma boa especialização. Nem sempre, depois, o emprego do pessoal foi adequado. Mas, houve uma boa instrução inicial.<sup>143</sup> (Motta, 2001a, p. 244)

Os depoimentos abaixo são de veteranos que acreditavam na eficiência do treinamento realizado no Brasil e também descrevem o processo de centralização das unidades no Rio de Janeiro. Ademais, reforçam a pluralidade dos lugares de origem dos convocados.

Logo a seguir, começou a preparação das unidades que vieram a integrar a Força Expedicionária Brasileira em diversos pontos do País, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco. Houve, então, vários deslocamentos de tropas, que se reuniram no Rio de Janeiro, ponto de partida para os seus destinos. Foi na cidade do Rio de Janeiro, ou mais especificamente, no Campo de Gericinó, em Jacarepaguá, na Barra da Tijuca, que naquelas época era quase deserta, no Recreio dos Bandeirantes e na Pedra de Guaratiba, que participei de muitos exercícios preparatórios para a campanha que se avizinhava. Nesses locais e em muitos outros, tentou-se criar uma simulação do Teatro de Operações no qual, posteriormente, deveríamos seguir. Durante essa fase de treinamento, recebemos muitos ensinamentos. Várias missões americanas, vieram ao Brasil e, juntamente com os nossos comandos, acompanharam a nossa familiarização com as modernas técnicas empregadas nos Estados Unidos da América, concernentes à Infantaria, Artilharia, Engenharia etc, que estavam sendo introduzidas no Exército Brasileiro. Dessa forma, considero que fomos bem treinados.<sup>144</sup> (Motta, 2001f, p. 294)

Do fim de 1943 ao começo de 1944, só participamos de instruções para guerra. E em março de 1944 todas as Unidades, de Caçapava, de Taubaté e de Pindamonhangaba deslocaram-se

---

<sup>143</sup> Relato do Coronel HELIO MENDES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo, Observador Avançado e Oficial de Manutenção da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>144</sup> Relato do Primeiro-Tenente DALVARO JOSÉ DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Cabo e 3º Sargento de Comunicações da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em dezembro de 2000.

para o Rio de Janeiro. Ficamos alojados no Regimento Escola de Infantaria, na Vila Militar, onde permanecemos os meses de março, abril, maio e junho. A instrução era pesada mesmo, até com treinamento de embarque e desembarque de navio. Pistas de aplicação no campo de Gericinó, ordem unida na avenida Duque de Caxias, na Vila Militar: passávamos a manhã toda marchando, em acelerado, marchava e depois acelerava, desde as sete até as onze horas.<sup>145</sup> (Motta, 2001c, p. 96)

A narrativa do Bacharel José Gonçalves, também veterano, mostra os diferentes aspectos da instrução recebida no Brasil, associando sua boa condição física para atuar na Itália ao treinamento inicial.

Permanecíamos lá, em instrução, preocupados com a guerra que estava acontecendo, pois até então o Brasil não tinha entrado em conflagração. Até que o dia chegou e o 6º RI foi escalado para compor a FEB. Ficamos em Taubaté fazendo exercícios, muita maneabilidade, muita educação física e muita instrução de combate, dentro da doutrina que a gente seguia, a escola francesa; depois tivemos que adotar o sistema americano. Estávamos naquela vida de acordar cedo todos os dias. Às vezes íamos à Caçapava, para exercícios conjuntos, e eram organizadas muitas marchas para Pindamonhangaba e outras cidades.

Eis que surgiu a ocasião em que o Comando da FEB resolveu reunir as suas Unidades, o 6º RI de Caçapava, o 1º RI do Rio de Janeiro e o 11º RI, de São João Del Rei, mais os Grupos de Artilharia e outras que se juntaram no Rio de Janeiro, na Vila Militar. Teve início, também, grande número de exercícios: muita maneabilidade, trabalho físico pesado, execução de tiro real, daqueles em que se saía de uma trincheira, enquanto uma metralhadora atirava por cima da tropa, protegida por uma rede de arame, para que ninguém se levantasse e fosse atingido por uma rajada. Lembro da prática de abordar navio, usando cordas, subir por um lado e descer pelo outro, numa disputa para saber qual pelotão que fazia mais rápido, essa coisa toda. Havia,

---

<sup>145</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

também, um programa de pista de obstáculos onde existiam muros para subir e aquela escada horizontal na qual a gente usava só o braço e quem não aguentasse caía na água; outra atividade na qual se passava por dentro de um cano, e coisas assim; correr, pular muro, tudo que vivenciamos.

Acho que isso me valeu muito, porque passei um ano na guerra sem ter um resfriado sequer, mesmo com o rigoroso inverno da Europa e tomando muita chuva, era “chuva no lombo” mesmo. Descia pelo corpo, a gente pisava e a água saía pela bota; [...] <sup>146</sup> (Motta, 2001c, p. 182)

O otimismo de alguns expedicionários estendeu-se até o material, muitas vezes obsoleto, recebido dos Estados Unidos. Para alguns veteranos, os equipamentos recebidos no Brasil atenderam as necessidades da instrução de forma satisfatória nesta etapa inicial do treinamento.

Começamos, como disse, a receber viaturas e equipamentos de comunicações americanos; alguns equipamentos já estavam obsoletos e algumas viaturas não eram mais utilizadas pelo Exército estadunidense, mas todas em perfeitas condições de uso e que serviam muito pra os nossos primeiros exercícios e treinamentos. Recebemos uma aparelhagem que, para nós, foi magnífica, composta de projetores e filmes de instrução, em boa quantidade; todos eles, naturalmente, falados em inglês, mas com a imagem muito boa.

Com viaturas à vontade, combustível e equipamentos iniciamos os exercícios, embora surgisse o problema de motoristas, que começamos a improvisar. Algumas praças foram mandadas, nessa época, para fazer cursos especiais nas empresas, exclusivos para o pessoal da F.E.B., como o sargento André, que foi para São Paulo, na General Motors. [...] Lembro que nós fazíamos esses exercícios acampados, com toda a Companhia, durante dois, três, quatro dias, nas regiões de Campo Grande e Guaratiba. A instrução, resumia-se, praticamente, na passagem de filmes, o que tornava bem mais simples do que, talvez, ministrar quatro ou cinco sessões de uma hora, apenas falando e fazendo desenho. A exceção ficava por conta de alguns

---

<sup>146</sup> Relato do Bacharel JOSÉ GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

exercícios de tiro com o armamento que, também, havia chegado e que era, para nós, uma grande novidade. Recebemos a bazuca. A submetralhadora .45 e a carabina .30, esta última para uso dos oficiais.<sup>147</sup> (Motta, 2001a, pp. 173-174)

O treinamento, no Brasil, como Unidade de Artilharia de Campanha, atuando com obuses 105mm foi, como vimos, excelente. Entretanto, a transformação, na Itália, para operar com os obuseiros modernos 155mm, não existentes no Brasil, M114 – modelo 1943 pesando 5,7 toneladas, com seus respectivos tratores 145 WW, de lagarta, com 13 toneladas de tara, bem assim o manuseio de variada munição, desgastada, de várias procedências, lotes e tipos, foi de extrema improvisação.<sup>148</sup> (Motta, 2001f, p. 151)

A preparação resumia-se na realização de marchas a pé e a exercícios de abandono de navio. Tinha sido feito em Gericinó, uma espécie de pórtico, de madeira, onde treinávamos subida e descida em cordas, para o caso de “abandonar o navio”. Em uma das marchas, em 3 de agosto de 1944, até o Recreio dos Bandeirantes, tivemos exercícios noturnos, com tiros traçantes. Eu, sargento, nunca vira tiro traçante antes. Durante esse período, tivemos, também, instrução de armamento, mas só víamos as armas, não fazíamos tiro real.<sup>149</sup> (Motta, 2001f, p. 326)

Em relação à preparação para a guerra, ela foi intensa. Como estava tudo em cima da hora, acho que o Brasil tinha compromisso de remeter a divisão num prazo que talvez tenha sido abreviado, peça velocidade com que os fatos aconteceram na África e na invasão da Itália. Acho que por isso, então, nosso treinamento era intensivo, muitas horas por dia, aos sábados e domingos. Eu tinha feito Tiro de Guerra, que não foi muito, mas era aquilo, só para o gasto, depois completando lá em Gericinó com o treinamento de subir em navio, abandonar o navio e

---

<sup>147</sup> Relato do General-de-Brigada HELIO RICHARD, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da Companhia de Transmissões. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>148</sup> Relato do Coronel GERMANO SEIDL VIDAL, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo da 2ª Bateria do IV Grupo de Obuses de 155mm. Entrevista concedida em janeiro de 2001.

<sup>149</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

aquelas cordas, os exercícios de educação física, atravessar debaixo de rede e, pouco tempo depois, começamos a receber instrução de armas.

Eu acho que na época estava sendo substituído o armamento brasileiro. Estávamos com o fuzil *Mauser* 1908, de repetição. Atiramos com os mesmos no início, porém foram substituídos e entrou o armamento americano. [...] <sup>150</sup> (Motta, 2001c, p. 138)

A especialização, então necessária com a adoção da nova doutrina, os cursos para preenchimento desses postos e o adestramento também são descritos nas narrativas abaixo:

Inicialmente, fui incluído no 1º escalão do Depósito de Pessoal. Depois, transferiram-me para o Batalhão de Saúde. [...]

No Brasil, participamos de exercícios com outras Unidades da FEB. O General Gustavo de Cordeiro de Faria era comandante do Centro de Instrução Especializada, localizado em Deodoro, a Vila Militar. Mais tarde, transformou-se na Escola de Instrução Especializada (EsIE), em Realengo, mas, naqueles tempos, era na Vila. Ele estabeleceu um programa de treinamento para todas as Unidades. No que diz respeito ao Serviço de Saúde, tive o prazer de ser um dos oito escolhidos para estudar o material norte-americano, completamente diferente do que nós conhecíamos, pois só manuseávamos o equipamento francês. Passamos a instruir os enfermeiros e padioleiros das Unidades, pois não só o Batalhão de Saúde, mas todas as outras Unidades que possuíam pessoal de Saúde. [...] <sup>151</sup> (Motta, 2001a, p. 84)

Vimos para o Rio de Janeiro onde, no campo de instrução de Gericinó, na Vila Militar, recebemos Instrução de Combate e Serviço em Campanha, Topografia, Maneabilidade, Organização do Terreno, Exercícios de Tiro e outros. Na Educação Física realizávamos corridas, algumas vezes equipados com mochila, outras em acelerado, do Morro do Capistrano, onde estávamos

---

<sup>150</sup> Relato de EWALDO MEYER, que na F.E.B. atuou como Auxiliar da 3ª Seção do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>151</sup> Relato do General-de-Divisão Médico GERALDO AUGUSTO D'ABREU, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Triagem do Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

acantonados, até Realengo, ida e volta. Foram exercícios excelentes e necessários ao nosso adestramento.<sup>152</sup> (Motta, 2001f, p. 238)

Houve exercícios preparatórios visando à guerra que se avizinhava; eram exercícios práticos, utilizando o Campo de Instrução de Gericinó, onde recebíamos treinamento diversificado sempre com tiro real. Inclusive, houve exercício de Infantaria com Artilharia, além de outros que tínhamos que rastejar debaixo de uma cerca de arame com a metralhadora atirando por cima, a fim de adaptar-nos a uma guerra que se aproximava. [...] <sup>153</sup> (Motta, 2001f, p. 311)

Particpei, no Brasil, de exercícios preparatórios para a campanha que se avizinhava no campo de Gericinó. Esse treinamento foi útil em relação ao emprego em campanha na guerra e muito me ajudou no desempenho de minha função na Itália, onde também houve o nosso aperfeiçoamento, através de vários exercícios, antes de partirmos para a frente de combate.<sup>154</sup> (Motta, 2001f, p. 358)

[...] E o treinamento foi intensivo, inclusive a preparação psicológica. Esse treinamento foi bastante duro, mais forte do que nos idos de 1939, quando conheci a caserna, porque estávamos nos preparando para enfrentar o alemão, que sabíamos ser ótimo soldado, muito bem preparado, o que se confirmou durante os combates na Itália.<sup>155</sup> (Motta, 2001f, p. 364)

---

<sup>152</sup> Relato do Major ADÃO DE ANDRADE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 5ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>153</sup> Relato do Primeiro-Tenente GERALDO CAMPOS TAITSON, que na F.E.B. atuou como Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>154</sup> Relato do Segundo-Tenente PEDRO PAULO DE FIGUEIREDO MOREIRA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Auxiliar de Topografia e do Serviço de Meteorologia da Bateria Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em junho de 2001.

<sup>155</sup> Relato de FRANCISCO PEDRO DE RESENDE, que na F.E.B. atuou como Cabo do 3º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

[...] deixamos a Escola Militar, onde já acompanhávamos a turma, como instrutores do 3º ano, iniciando o período letivo, e fomos transferidos para o Depósito de Pessoal da Força Expedicionária Brasileira que se encontrava estacionado na cidade de Taubaté, em São Paulo.

Dessa forma, pudemos aprimorar, cada vez mais, a nossa capacidade como instrutor, o que nos permitiu manter aperfeiçoados, em todos os sentidos, em todos os campos da atividade militar e que realmente foi muito útil porque, como dissemos, ao ingressar na Força Expedicionária Brasileira, e depois, na Itália, estávamos perfeitamente atualizados e possuidores de todos os conhecimentos necessários.<sup>156</sup> (Motta, 2001g, p. 26)

O General-de-Divisão Heitor Borges Fortes, destaca em seu relato o treinamento da Artilharia Divisionária no Brasil, que sob sua perspectiva, foi realizado a contento e foi suficiente para a atuação na Itália.

Todas as semanas havia um acampamento de dois ou três dias em Gericinó para todas as Unidades da AD/1E, fazendo-se o rodízio das áreas de posições atribuídas aos grupos. O resultado desse treinamento intensivo bem depressa se tornaram evidentes e, sob a orientação pessoal de seu Cmt o Exmo Sr General-de-Brigada Osvaldo Cordeiro de Faria, teve lugar, em Gericinó, em 20 de maio de 1944, uma demonstração da AD/1E, que ficou nos anais da Artilharia brasileira, tal a perfeição de sua execução e potencial de fogo despejado pelos obuses. Com este cabedal técnico e com o elevado moral dos componentes da FEB, estimulado pelo povo brasileiro em geral e pela população da Cidade do Rio de Janeiro, em particular, quando das apresentações em público, como na memorável formatura da 1ª DIE de 24 de maio de 1944 e seu desfile pela Avenida Rio Branco, pode-se afirmar que a tropa estava pronta para embarcar e cumprir sua missão no estrangeiro.<sup>157</sup> (Motta, 2001g, pp. 242-243)

---

<sup>156</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

<sup>157</sup> Relato do General-de-Divisão HEITOR BORGES FORTES, que na F.E.B. atuou como Subcomandante e Fiscal Administrativo do III Grupo de Obuses.

O otimismo quanto ao adestramento realizado no Brasil não esteve presente em todas as narrativas. Alguns veteranos parecem ter consciência de que o treinamento foi muito sucinto ou ineficiente para uma guerra daquelas proporções e outros ainda abordam a inexistência de instrução no pré-guerra.

O treinamento executado no Brasil estava baseado em doutrina posterior à Primeira Guerra Mundial, divulgada aqui pela Missão Militar Francesa. Acontece que, nesse intervalo de tempo até 1944, mais ou menos, houve uma transformação radical na forma da guerra. O emprego de animais, por exemplo, na Cavalaria e na atividade de transporte, foi substituído pela motorização e mecanização. Em consequência, a FEB não estava preparada para receber esse treinamento moderno. Qualquer tentativa que se fizesse, no Brasil, não daria resultado, porque carecíamos de material. Para se ter uma ideia, a dotação de um Regimento de Infantaria era de dezenas e dezenas de viaturas, implicando treinamento de motoristas, pessoal de manutenção e outras necessidades. A FEB seguiu para a Itália sem estar realmente treinada.<sup>158</sup> (Motta, 2001a, p. 188)

Foi nesse clima que os expedicionários brasileiros se prepararam para embarcar rumo ao desconhecido. Seu desempenho era um incógnita, inclusive para seus chefes. Apesar da seleção prévia, sua escolaridade era baixa e poucos possuíam habilitações técnicas aproveitáveis em numa guerra cada vez mais mecanizada. Não tinham treinamento para manobras em médias e grandes unidades. Jamais tinham saído do país e, portanto, jamais conhecido os rigores e dificuldades das ações em terrenos inóspitos com neve e montanhas íngremes. Mas a pior de todas as deficiências era a de que a grande maioria dos futuros expedicionários não sabiam direito o porquê de lutar numa guerra que não entendiam nem por que havia começado. (Castello Branco, 1960, p. 144)

---

<sup>158</sup> Relato do Coronel FRANCISCO RUAS SANTOS, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Serviços do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2000.

Em tudo se evidenciava que o adestramento do tempo de paz, em problemas de Estado-Maior de simplicidade marcante, não alcançava as suas verdadeiras finalidades. Inércia e resistência passiva por toda a parte. O Estado-Maior Expedicionário não tinha força nem autoridade para preponderar. Ali estava, agora a divisão, colcha de retalhos, acantonada de qualquer maneira, na Vila Militar e nos terrenos adjacentes, para sofrer um tratamento *sui generis* e transformar-se numa Divisão tipo americana.

O desnível de instrução era patente. Miscelânea completa dos quadros e da tropa. Amálgama. A instabilidade das formações era evidente. Como leva-las aos campos de batalha sem um longo período de adestramento? Mas, já era tarde demais. (Brayner, 1968, p. 41)

Ainda no Brasil não me recordo de ter participado de exercícios preparatórios para enfrentar a campanha na Itália, no âmbito da Divisão. Os regimentos integrantes fizeram muitos exercícios, principalmente com manobras no Recreio dos Bandeirantes. Mas no âmbito do conjunto da Divisão, não tivemos um exercício sequer.

E esse treinamento não foi proveitoso, porque o armamento era completamente diferente. O campo de batalha também era diferente das condições do Recreio dos Bandeirantes mas, em todo caso, eram exercícios. Havia uma demonstração das autoridades militares de que queriam fazer o possível, para que fôssemos à guerra com um certo treinamento.<sup>159</sup> (Motta, 2001f, p. 66)

O treinamento aqui no Brasil foi muito insuficiente, bastava dizer que nos preparávamos para uma árdua campanha nos Apeninos, em terreno plano. [...] <sup>160</sup> (Motta, 2001f, p. 189)

---

<sup>159</sup> Relato do General-de-Brigada HENRIQUE CESAR CARDOSO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 5ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>160</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

Outro desafio vencido diz respeito aos processos de combate. O Exército não estava preparado para o tipo de guerra que iria empreender. A partir da Primeira Grande Guerra, as forças terrestres foram organizadas, orientadas e instruídas, de acordo com a Doutrina Militar Francesa. As Unidades brasileiras eram hipomóveis e escassos se faziam os recursos em equipamento, armamento e meios de comunicação. Não houve tempo hábil, ainda no Brasil, para o ajustamento aos processos de combate e a técnica de tiro utilizados pelos americanos do Norte. Foi, no entanto, rápida a adaptação da tropa ao emprego tático, ao uso do equipamento e do armamento.<sup>161</sup> (Motta, 2001g, p. 72)

E chegando a dita hora, estávamos todos prontos, inclusive as cópias e traduções de manuais americanos feitas de maneira apressada. Até com parte do armamento demos tiro; o treinamento e a preparação foram insuficientes para a guerra que já vinha se desenrolando há alguns anos, contra um inimigo, o combatente alemão, que era um grande soldado.<sup>162</sup> (Motta, 2001c, p. 23)

Finalmente, ainda sobre a preparação no Brasil, considerei o tempo insuficiente, mesmo porque, pelo que soube, o 11º RI, como veio de São João Del Rei para o Rio de Janeiro, estava com claros no efetivo, que foram sendo completados já próximo ao embarque, e isso aconteceu inclusive comigo, que tive mais ou menos um mês e meio e esse tempo é insuficiente para uma instrução adequada para o combate.

Eu era oficial de carreira e foi difícil adaptar-me a outro tipo de doutrina e utilizar o armamento americano, mas o que não eram de carreira, especialmente soldados e cabos, tiveram mais dificuldades.<sup>163</sup> (Motta, 2001c, p. 67)

---

<sup>161</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

<sup>162</sup> Relato do General-de-Exército ANTONIO FERREIRA MARQUES, que na F.E.B. atuou como Oficial de Operações do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>163</sup> Relato do Coronel JAIRO JUNQUEIRA DA SILVA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

Quanto ao treinamento físico, em Santos e São Paulo, fizemos um exercício de entrar e sair de posição, armados e equipados. Fomos de Santos a São Paulo a pé, inclusive subindo a Serra do Mar.

O tempo de preparação para a guerra foi insuficiente, deveria ter sido maior. Parece-me que nos quartéis, hoje em dia, há uma preparação individual: o cuidado que cada um tem que ter consigo próprio.<sup>164</sup> (Motta, 2001c, p. 131)

[...] Não tínhamos materiais de guerra, não tínhamos nada, nem o nosso fardamento era o mais adequado para a guerra.

Eu, propriamente, não sabia nada desse “negócio de quartel”, desse “negócio de guerra”, não sabia nada disso, mas com o tempo a gente foi aprendendo e me lembro que o 1º Tenente Francisco Gomes da Silva Prado, Comandante da Linha de Fogo, ensinava-nos sobre os materiais que iríamos receber, porque não o conhecíamos. Depois que recebemos as instruções todas, fomos para a Itália, mas mesmo assim ainda não estávamos preparados para a guerra; tínhamos um conhecimento teórico, mas prática mesmo nós não tínhamos.<sup>165</sup> (Motta, 2001c, p. 260)

Abaixo são apresentados alguns trechos de veteranos que tiveram pouco ou quase nenhum treinamento no Brasil.

A minha unidade, na guerra, foi o 11º Regimento de Infantaria (11º RI). Mas aqui, no Brasil, eu não pertencia ao seu efetivo; servia no Depósito de Pessoal da Força Expedicionária Brasileira (FEB), em Caçapava, e só depois fui transferido para o Regimento. Inclusive, embarquei para a Itália no escalão que conduziu o Depósito.

---

<sup>164</sup> Relato do Doutor EPAPHAROL SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>165</sup> Relato de RAUL KODAMA, que na F.E.B. atuou como Motorista da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em setembro de 2000.

O espaço de tempo, entre a minha apresentação à FEB e o embarque, foi de poucos dias, não havendo, portanto, oportunidade de participar dos exercícios preparatórios. No entanto, é bom lembrar que embora eu fosse oficial da reserva, já estava no serviço ativo desde novembro de 1942, e, por causa disso, tinha alguma noção do funcionamento do Exército, particularmente, na Infantaria. Quando cheguei ao Rio de Janeiro, pouco antes de embarcar para a Itália, havia simulacros de navio-transporte, no Campo de Instrução de Gericinó, que serviam para o treinamento de embarque e desembarque.<sup>166</sup> (Motta, 2001a, p. 282)

Por ter sido incluído no efetivo do Batalhão na etapa final, não participei de toda a fase de preparativos. Porém, posso comentar que os exercícios foram realizados com muito realismo, mas sem estarem focados, por falta de conhecimento, naquilo que iríamos enfrentar. [...]<sup>167</sup> (Motta, 2001a, p. 35)

Integrado, tardiamente, à Artilharia da FEB, não cheguei a participar, no Brasil, dos exercícios preparatórios visando à Campanha que se avizinhava. Apenas assisti a um exercício de tiro de AD, que era um conceito novo, na época, realizado quando o Grupo de São Paulo chegou ao Rio de Janeiro. Foi muito útil e válida a realização desse treinamento.<sup>168</sup> (Motta, 2001a, p. 46)

[...] fiz um curso, de mais ou menos duas semanas, de guerra química e, a 23 de novembro embarquei no navio *USS General MC Meighs* para a Itália. Além do curso que realizei no Centro de Instrução Especializada, não recebi qualquer preparação especial para o combate. Participei da guerra com a instrução que havia recebido na tropa.<sup>169</sup> (Motta, 2001f, p. 244)

---

<sup>166</sup> Relato do Coronel SÉRGIO GOMES PEREIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III/11º RI. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>167</sup> Relato do General-de-Exército RUBENS MÁRIO BRUM NEGREIROS, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Oficial de Informações do 9º Batalhão de Engenharia. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>168</sup> Relato do General-de-Divisão CÉSAR MONTAGNA DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Estado-Maior da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>169</sup> Relato do Major NAPOLEÃO FREITAS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como 2º Sargento na Companhia de Petrechos Pesados e na 3ª Companhia de Fuzileiros do I/1º RI. Entrevista concedida em abril de 2001.

O enquadramento foi difícil, nós quase que não tínhamos tempo de nos dedicarmos à instrução por falta de meios, especialmente, de oficiais e sargentos etc. O máximo que podíamos fazer era fardá-los, ministrar rudimentos da instrução individual e enviá-los para os contingentes de primeira linha. [...] <sup>170</sup> (Motta, 2001g, p. 50)

No Rio de Janeiro fui matriculado no Centro de Instrução do Exército, o CIE. O boletim publicou minha matrícula, mas fiquei preocupado porque o subcomandante estava de olho em mim e podia atrapalhar minha ida para o CIE. Procurei o Comandante do CIE, Capitão Fernandes Vilela, contei-lhe a minha história e ele me disse que podia ficar por ali, pois estava matriculado.

O privilégio da turma que foi matriculada no CIE era não dar serviço, não dar plantão, não responder à chamada no Regimento e comparecer todas as tardes, das 13 às 15 horas, para ter instrução. Sendo assim, não tive instrução de campo, nem lá, nem no Rio de Janeiro. Em Gericinó, não fiz sequer uma instrução. Nem o exercício de desembarque do navio eu fiz. <sup>171</sup> (Motta, 2001c, p. 196)

O veterano Thorio Benedro de Souza Lima, resumiu as dificuldades enfrentadas durante o período de instrução no Brasil.

No que tange à instrução da 1ª D.I.E., conclui-se que a mesma se desenvolveu de acordo com o planejamento elaborado, porém diante de uma série de circunstâncias desfavoráveis que devem servir de motivo de meditação. Mudança repentina de doutrina militar, da francesa para a americana, designação de unidades pertencentes a diversas regiões militares, retardando a concentração da D.I.E., insuficiência de material norte-americano para instrução, flutuação de efetivos das unidades em decorrência das mudanças de critério de seleção de pessoal, ausência

---

<sup>170</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

<sup>171</sup> Relato de JOSÉ MARIA RODRIGUES, que na F.E.B. atuou como Cabo Escrevente da Companhia de Canhões Anticarro do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

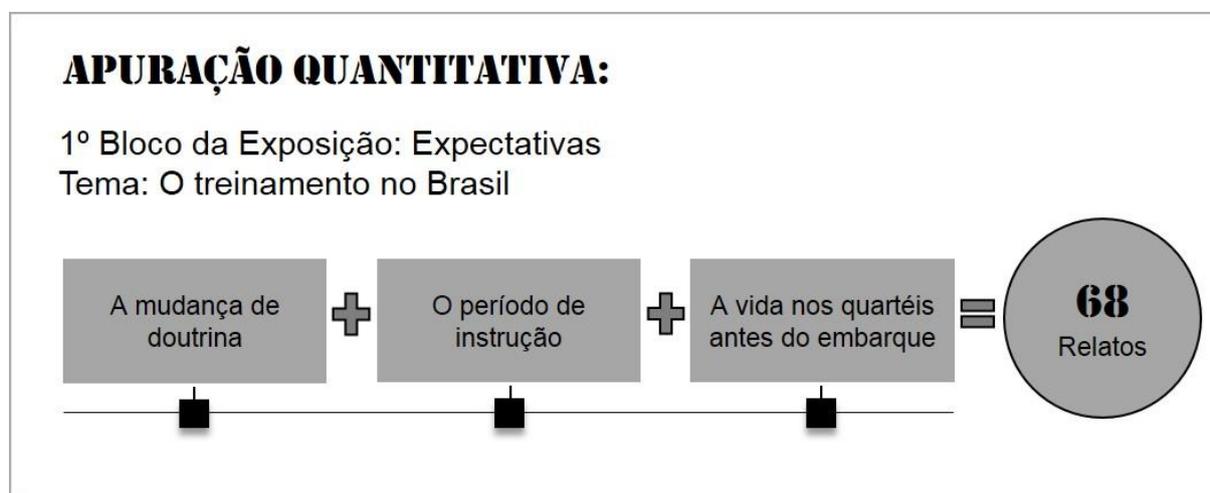
de manuais técnicos e de campanha norte-americanos traduzidos para a língua portuguesa, carência de instalações e de campos de instrução, promiscuidade do pessoal e Unidades da 1ª D.I.E. com as demais que ficariam no Brasil, influência negativa do ambiente do Rio de Janeiro, onde predominava a descrença na FEB.<sup>172</sup> (Motta, 2001g, p. 42)

Mesmo que o adestramento no Brasil tivesse sido eficiente e a tropa estivesse homoganeamente treinada, é possível afirmar que um combatente nunca está realmente preparado para lidar com a violência da guerra, a presença da morte, matar e ferir. No caso, dos brasileiros nem era conveniente que tivessem essa consciência, os comandos não queriam seus elementos inexperientes cientes dos riscos que enfrentariam. (Maximiano, 2010)

A seguir é apresentada na figura 14, a apuração quantitativa dos relatos selecionados de acordo com os parâmetros pontuados anteriormente.

#### Figura 14

*Apuração quantitativa da primeira etapa da exposição – Expectativas. Tema: O treinamento no Brasil.*



*Nota.* Autoria própria.

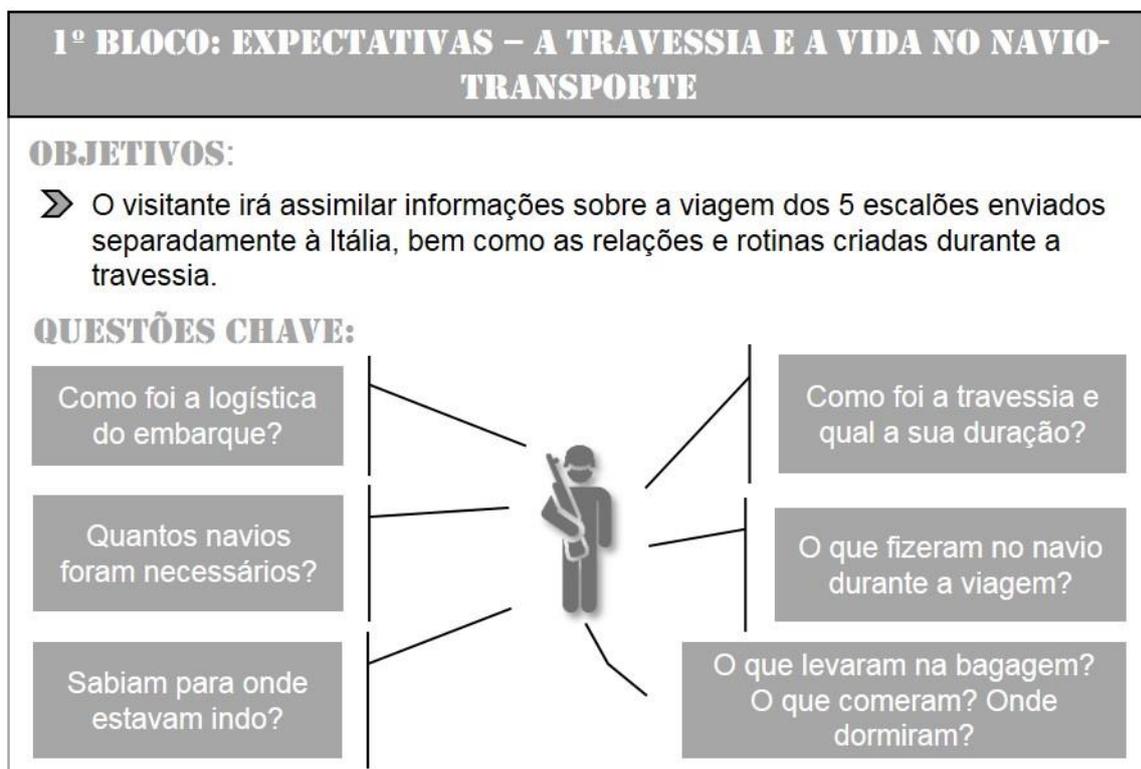
<sup>172</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

### 6.3 A TRAVESSIA E A VIDA NO NAVIO-TRANSPORTE

Neste bloco da exposição evidenciam-se as questões relacionadas a logística do embarque, a viagem marítima até a Itália e o dia a dia dos brasileiros no navio-transporte. Para selecionar os relatos desta temática, são utilizadas como critério as seguintes perguntas chave indicadas na figura 15:

**Figura 15**

*Primeira Etapa da Exposição Itinerante – Expectativas: Questões chave sobre “A travessia e a vida no navio-transporte”.*



*Nota.* Autoria própria.

Em abril de 1944 foi emitida diretiva solicitando o início do treinamento de embarque e desembarque das tropas. A partida do primeiro escalão, dos cinco que seriam enviados ao Mediterrâneo, realizou-se em julho de 1944.

É importante salientar, que os relatos sobre o processo de embarque e a vivência à bordo foram distintos para cada escalão enviado. Atividades de lazer realizadas no navio, as refeições, a existência ou não de ataques de submarinos inimigos e as relações com o Exército norte-americano à bordo são temas que apresentam-se de formas díspares de acordo com o Escalão em que o expedicionário viajou.

Apesar de todo o esforço em constituir uma força combatente para lutar em outro continente, o Exército Brasileiro não possuía sequer os meios necessários para transportá-la. Desta forma, o transporte das tropas brasileiras ficou ao encargo dos Estados-Unidos, que por fim, realizaram a travessia dos cinco escalões, cada um com aproximadamente cinco mil homens.

Dois navios-transporte norte-americanos de grande porte foram utilizados para transportar os combatentes, nomeadamente: *General W. A. Mann* e *General M. C. Meigs*. A travessia até a Itália nessas embarcações duraram cerca de quinze dias.

O Exército dos Estados Unidos não esperou a chegada dos cinco escalões para então empregar a F.E.B. em sua totalidade, com todas as suas unidades concentradas no Teatro de Operações Italiano. Para tanto, o primeiro escalão foi composto para formar um primeiro *combat team* (Grupamento Tático), uma “mini divisão”, para entrar no conflito o mais rápido possível. Os demais escalões foram sendo empregados à medida que desembarcaram posteriormente.

O segundo e terceiro escalões foram compostos pelo grosso da Divisão Brasileira que entraria em combate. E o quarto e quinto escalões enviados levaram o contingente do Depósito de Pessoal. (Moraes, 1960)

O esquema a seguir ilustra através do mapa, exposto na figura 16 e tabela 2, o embarque dos escalões brasileiros, com suas datas de partida e chegada e os respectivos navios-transporte norte-americanos utilizados:

**Figura 16**

*Embarques e desembarques dos cinco escalões da F.E.B.*



*Nota.* Autoria própria.

## Tabela 2

*Embarques e desembarques dos cinco escalões da F.E.B.*

<b>Data Local de Partida</b>	<b>Embarque</b>	<b>Nome Embarcação</b>	<b>Data Local de Chegada</b>
02 Julho 1944 Rio de Janeiro / Brasil	1º Escalão	USS General W. A. Mann	16 Julho 1944 Nápoles / Itália
22 Setembro 1944 Rio de Janeiro / Brasil	2º Escalão	USS General W. A. Mann	06 Outubro 1944 Nápoles / Itália
22 Setembro 1944 Rio de Janeiro / Brasil	3º Escalão	USS General M. C. Meigs	06 Outubro 1944 Nápoles / Itália
23 Novembro 1944 Rio de Janeiro / Brasil	4º Escalão	USS General M. C. Meigs	07 Dezembro 1944 Nápoles / Itália
08 Fevereiro 1945 Rio de Janeiro / Brasil	5º Escalão	USS General M. C. Meigs	22 Fevereiro 1945 Nápoles / Itália

*Nota.* Autoria própria. Para desenvolvimento desta tabela, foram utilizadas as seguintes fontes bibliográficas: Moraes, 1960; Brayner, 1968; Silveira 1989 & Ferraz, 2005.

Por precaução, os navios-transporte realizaram a travessia até a Itália com apoio de escolta – belonaves de combate dos Estados Unidos e destróieres brasileiros. No caso do *W. A. General Mann*, por exemplo, três contratorpedeiros brasileiros e um cruzador norte-americano o acompanharam até o Estreito de Gibraltar, quando a proteção foi assumida por navios ingleses, norte-americanos e constante cobertura aérea até o destino final. (Moraes, 1960; Brayner, 1968)

Como os submarinos do Eixo ainda rondavam a costa brasileira, o sigilo do embarque era crucial para garantir a chegada em segurança dos integrantes da Força Expedicionária Brasileira à Itália. A data oficial de embarque foi mantida em segredo mesmo entre os membros do Exército, estando cientes das informações pertinentes, apenas um Estado-Maior Especial, criado para gerenciar o embarque e desembarque das tropas, e o Comandante J. B. Mascarenhas de Moraes. Ainda assim, estes não foram informados com muita antecedência sobre o ponto de desembarque, e acreditavam que de início seriam enviados primeiramente ao norte da África. (Brayner, 1968)

O então Coronel Floriano de Lima Brayner (1968), um dos membros deste novo órgão, expõe em seu livro de memórias, as palavras do General Hayes Kröner, Adido Militar dos E.U.A., sobre a logística do embarque e a importância do sigilo ditas em reunião ultra secreta a qual participou.

“Os que aqui se encontram, neste momento, não podem transmitir a quem quer que seja o que se vai ler e o que se vai decidir. Nem mesmo as esposas poderão ouvir confidências sobre o que aqui for tratado. Se alguma desgraça acontecer, na partida ou na travessia do Atlântico, a responsabilidade ficará conosco, pela inconfidência de algum de nós. Trata-se de estar pronto para partir a qualquer momento. A forma de fazer essa preparação final, com requintes de precaução e segurança dentro do sigilo a que nos comprometemos, fica entregue à competência e à inteligência do Estado-Maior da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária.”

“O navio que transportará o 1º Escalão é americano. Pertence a uma frota de seis navios iguais, verdadeiro milagre da engenharia naval dos Estados Unidos. Estão todos ao serviço dos transportes para o Pacífico. São superprotegidos e artilhados e podem transportar 6.000 homens de uma só vez. Desenvolvem 28 milhas horárias e viajam sem escolta. Sua maior proteção está na sua própria velocidade, pois não pode ser perseguido por submarinos, que também não o poderão tocar, devido aos equipamentos de radar que possuem.”

“Seu nome, onde se encontra, quando chegará, nada sabemos. Todavia, já está em ligação com a nossa antena, por sinais radiotelegráficos.” (Kröner, 1944, como citado em Brayner, 1968, p. 59)

Para ficarem aptos a embarcar de forma ordenada e segura, foi criado um campo de simulação para que os integrantes da F.E.B. praticassem as instruções de embarque e desembarque. O treinamento englobava o embarque por via férrea e marítima. As narrativas abaixo abordam este período de instrução e os embarques simulados antes da real experiência:

Para não desligar a tropa da realidade, foi construído um aparelhamento especial no morro do Capistrano, na Vila Militar, composto de uma extensa plataforma estilo ferroviário, e vários pórticos representando amuradas e tombadilhos de navios, para exercitá-la nos tipos de embarque, ferroviário e marítimo. Muito trabalho de imaginação e desejo de trabalhar. Mais tarde veríamos que a realidade era algo diferente; mas o esforço não foi perdido.

Em todo o mês de maio, o Estado-Maior Divisionário se dedicou ao planejamento do embarque, tendo por base a frota nacional do Lóide Brasileiro, da Costeira e da Cia. de Comércio de Navegação.<sup>173</sup> (Brayner, 1968, pp. 72-73)

[...] na Vila Militar existia uma aparelhagem que obrigava o homem a efetuar as primeiras operações exigidas num embarque real: controle individual (exame de placas de identidade, verificação das fichas de saúde, conferência de relações etc) e passagem por escadas de acesso a bordo, com descida mediante redes de tombadilho.

Ainda a respeito da execução dos transportes, a tropa exercitou-se em embarque por via férrea, utilizando-se de composição situada num desvio da Vila Militar.<sup>174</sup> (Moraes, 1960, p. 21)

Foi preparado um exercício específico de embarque e desembarque na estrada de ferro; colocaram um vagão de trem no campo de instrução do Regimento Sampaio, atualmente um campo de esporte, e nós aprendíamos a embarcar e desembarcar com rapidez e em silêncio. Tudo fazia crer que o embarque seria à noite, como realmente foi feito.<sup>175</sup> (Motta, 2001e, p. 71)

[...] O embarque se processou sem problema, inclusive por estarmos acostumados a fazer exercícios semelhantes, pois, de vez em quando, treinávamos, fazendo o percurso da Vila Militar até o Cais do Porto e voltávamos. Isso visava a dois objetivos: treinar o soldado para o embarque e, ao mesmo tempo, despistar a Quinta-Coluna que estava implantada no Brasil.<sup>176</sup> (Motta, 2001f, p. 312)

---

<sup>173</sup> Relato do Marechal FLORIANO DE LIMA BRAYNER, que na F.E.B. atuou como Chefe de Estado-Maior.

<sup>174</sup> Relato do General J. B. MASCARENHAS DE MORAES, que na F.E.B. atuou como Comandante.

<sup>175</sup> Relato do General-de-Divisão GERALDO DE ARAÚJO FERREIRA BRAGA, que na F.E.B. atuou como Instrutor do Depósito de Pessoal. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>176</sup> Relato do Primeiro-Tenente GERALDO CAMPOS TAITSON, que na F.E.B. atuou como Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Antes do embarque foram feitos muitos exercícios de simulação de embarque. Nessas ocasiões, a tropa saía dos quartéis à noite ou pela madrugada, embarcada nos caminhões e ia para o cais do porto. [...]

Aqueles exercícios me inspiravam confiança. O movimento das viaturas, o pessoal armado de fuzis, metralhadoras. Era para acostumar o povo, para não se saber quando seria o verdadeiro embarque. Algumas vezes embarcávamos em um navio, saíamos pela Baía de Guanabara e, após algumas horas, retornávamos para um cais distante, lá no final do Caju. Voltava todo aquele comboio imenso de viaturas, com a soldadesca armada. Não era só o nosso Grupo, eram todas as unidades da FEB. Vinham os generais, o Estado-Maior. Parecia que o Brasil estava em guerra, que a guerra era aqui.<sup>177</sup> (Motta, 2001f, p. 343)

E, com o passar dos dias, tivemos quase todas as noites atividade de entrar em vagões de trem e o trem nos levava até o cais, depois voltava, sem embarcar. No dia seguinte, acontecia a mesma coisa, mas chegou um dia em que embarcamos realmente num navio transporte de tropa e, quando percebemos, já estávamos em alto-mar.<sup>178</sup> (Motta, 2001c, p. 204)

Além do treinamento específico de embarque e desembarque, parte dos expedicionários passaram por novas inspeções de saúde antes de embarcar. As narrativas abaixo citam o protocolo e a primeira também nos mostra a boa vontade de alguns expedicionários em ir lutar no exterior.

*Dentro dessas atividades de preparação para o embarque, havia um exame de saúde muito rigoroso, procedido por uma junta composta de médicos americanos e brasileiros. [grifo nosso]* Fazia menos de uma semana que eu tinha sido operado devido a uma apendicite, sem maiores complicações. Examinaram-me, viram a situação dos pontos da cirurgia e fui considerado apto. Mas acontece que a vida é diferente. No outro dia, os pontos da cirurgia supuraram e foi

---

<sup>177</sup> Relato do Primeiro-Tenente MIGUEL FERREIRA DE LIMA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Chefe de Peça da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>178</sup> Relato de JÚLIO DO VALE, que na F.E.B. atuou como Padioleiro do 1º Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

necessário colocar um dreno, só que a essa altura eu não falei para ninguém que tinha supurado. Meu irmão era médico recém-formado, olhou e disse: “Isso aí é uma coisa superficial e não deve dar complicação; vamos colocar uns drenos.” Então, indaguei: “E na viagem?”; ele respondeu: “Você todo dia muda o dreno e não diz para ninguém.” Eu embarquei nessa situação e, somente, próximo da chegada a Nápoles os pontos cicatrizaram. Na hora de fazer o curativo, eu me escondia e ninguém tomou conhecimento.<sup>179</sup> (Motta, 2001a, pp. 35-36)

[...] Entre os dias 20 e 30 de junho esses grupamentos realizaram exercícios de intensidade máxima, sempre visando ao embarque, complementados por revistas de fardamento, equipamento e material de acampamento.

*Todo o pessoal foi vacinado e revacinado, e feita a revisão sanitária individual, conforme as recomendações da diretoria de saúde.* [grifo nosso] E, como de costume, não faltavam, a cada passo, novas decepções.<sup>180</sup> (Brayner, 1968, p. 74)

Na Vila Militar, também, fomos submetidos a exame de saúde por médicos americanos. O nosso exame de saúde inicial foi feito em Belo Horizonte, tratava-se de um rigoroso exame, mas quando nós chegamos à Vila Militar, as nossas condições de saúde foram verificadas pelos médicos norte-americanos, porque íamos ser incorporados ao V Exército americano.<sup>181</sup> [...] (Motta, 2001f, p. 311)

Fui vacinado e verifiquei o meu sangue “O”. [...]

---

<sup>179</sup> Relato do General-de-Exército RUBENS MÁRIO BRUM NEGREIROS, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Oficial de Informações do 9º Batalhão de Engenharia. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>180</sup> Relato do Marechal FLORIANO DE LIMA BRAYNER, que na F.E.B. atuou como Chefe de Estado-Maior.

<sup>181</sup> Relato do Primeiro-Tenente GERALDO CAMPOS TAITSON, que na F.E.B. atuou como Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI. Entrevista concedida em novembro de 2000.

[...] As vacinas eram a pior coisa do mundo, tomava-se de oito a dez injeções de uma vez. Vinha uma reação terrível. O cartão de vacina valia a sua vida. Se a pessoa perdesse aquele cartão, tomava tudo outra vez.<sup>182</sup> (Motta, 2001c, p. 215)

O período de espera até o dia do embarque, em que os pracinhas vivenciavam uma dura vida de caserna, caracteriza-se por certa dualidade nos relatos. De um lado o medo da guerra, o medo de partir. Do outro, o cansaço da situação precária dos quartéis e a tensão da incerteza do envio, que os levavam a ansiarem por finalmente embarcar.

Os climas distintos percebidos pelos expedicionários no período anterior ao embarque são apresentados a seguir:

Nesse período pré-embarque, posso dizer que havia, entre os integrantes do Batalhão, boa vontade, interesse e disposição para viajar rumo ao Teatro de Operações italiano. [...] <sup>183</sup> (Motta, 2001a, p. 36)

Aqui se iniciava um período mais objetivo, já que se conseguira pôr a mão nas unidades de outras Regiões e processar a concentração de toda a Divisão de Infantaria no Rio de Janeiro, ultimando-a na segunda quinzena de março.

Começa-se a ter certeza da partida. Os que integravam a divisão já não admitiam a hipótese de não ir. Desejavam partir o mais depressa possível. Não por instinto guerreiro, sede de vingança ou desejo de partilhar do botim da vitória que se aproximava, mas para se livrar da humilhação de não ir e sofrer as consequências depreciativas.<sup>184</sup> (Brayner, 1968, p. 49)

---

<sup>182</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>183</sup> Relato do General-de-Exército RUBENS MÁRIO BRUM NEGREIROS, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Oficial de Informações do 9º Batalhão de Engenharia. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>184</sup> Relato do Marechal FLORIANO DE LIMA BRAYNER, que na F.E.B. atuou como Chefe de Estado-Maior.

Chegou, finalmente, o dia 30 de junho, com o êxito integral da parte sigilosa. Pairava no ar o espírito do grande exercício previsto; e com ele se poria um ponto final àquela fase de angústia e expectativa.<sup>185</sup> (Brayner, 1968, p. 79)

Antes de abordar a travessia do Atlântico, que para mim foi uma aventura, gostaria de falar sobre o embarque. Muito vai-e-vem, muita ordem e contraordem. Houve até um momento interessante. Por várias vezes me despedia lá em casa. Pensava: “Bom, agora eu vou embarcar”. Mas não, não era a hora e eu voltava. Um ou dois, nem sei quantas vezes, até escrevi no meu diário, no dia 16: “Não sei se vou embarcar! Será que fuma?”

Porque, naqueles momentos, indagava-se: “A cobra vai fumar?” ou “será que fuma?” Ou seja, será que dessa vez, realmente, vamos embarcar? Essas mudanças, segundo nos explicaram, eram para iludir o inimigo. Eu não sei se as mesmas iludiram o inimigo, mas, a mim, enganaram várias vezes.<sup>186</sup> (Motta, 2001d, p. 270)

Uma verdadeira “nuvem negra” pairava sobre nossas cabeças. O ambiente, cada vez mais “pesado”. Raramente, podíamos ir em casa. Falava com mamãe papai pelo telefone do quartel, agora tão disputado... E a conversa, sempre reticente, disfarçando a emoção de um e do outro lado da linha...

Todos nós nos perguntávamos uns aos outros, ansiosos, meio incrédulos: será que vamos, mesmo? Quando? Para onde?

Sabíamos perfeitamente das condições precárias de nossa tropa heterogênea, instrução obsoleta, de rotina... E o tempo correndo, sem uma preparação física e moral adequadas às condições que devíamos encontrar, de uma guerra moderna, competindo com os melhores e mais bem preparados exércitos do mundo... [...]

---

<sup>185</sup> Relato do Marechal FLORIANO DE LIMA BRAYNER, que na F.E.B. atuou como Chefe de Estado-Maior.

<sup>186</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

Tudo isso nos levava a crer que iríamos, talvez, para cumprir apenas compromissos políticos. Talvez tropa de ocupação no Norte da África...

Assim, era o clima de dúvidas e inquietações daqueles dias “pesados”! A ordem era de geral descrição dentro e, principalmente, fora do quartel, quando em visita às famílias.<sup>187</sup> (Motta, 2001f, pp. 115-116)

Infelizmente, as condições dos alojamentos da tropa eram bastante deficientes, pois quartéis com capacidade para dois mil homens, alojavam mais de três mil, o que causava deficiência em conforto e dificuldade de controle. Mas aos poucos o pessoal foi se habituando e já sabia que íamos nos sacrificar mesmo, estávamos começando a treinar para o sacrifício.<sup>188</sup> (Motta, 2001c, p. 55)

[...] Pior que a viagem foi o que sofremos ainda aqui no Brasil, com as atitudes de algumas pessoas. Procuravam desmoralizar a FEB, ridicularizando-a. Eram piadas, até no rádio, afirmando que “a FEB vai, mas não vai”. Eram músicas dizendo que a FEB não era de nada, coisas assim. Diziam que isso vinha da quinta-coluna, daqueles que faziam, com muito empenho, o jogo do inimigo.<sup>189</sup> (Motta, 2001f, p. 343)

Fomos para Pindamonhangaba, permanecemos uma temporada e depois para o Rio, onde prosseguiram os preparativos, até que chegou o grande dia em que ninguém acreditava, havia muita gente que não acreditava que o Brasil fosse à guerra. [...] <sup>190</sup> (Motta, 2001c, p. 120)

---

<sup>187</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>188</sup> Relato do General-de-Brigada MOZIUL MOREIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Chefe da 1ª Seção do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>189</sup> Relato do Primeiro-Tenente MIGUEL FERREIRA DE LIMA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Chefe de Peça da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>190</sup> Relato de DANIEL LACERDA, que na F.E.B. atuou como Sargento-auxiliar do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

Com o embarque a ser realizado secretamente, muitos dos expedicionários, especialmente do primeiro escalão, não tiveram a chance de se despedir de seus familiares e amigos antecipadamente. Alguns quebraram o sigilo e outros prepararam as famílias para um embarque surpresa.

No meu lar, até às 19 horas do dia 30 de junho de 1944, o que se sabia era que o “cabeça do casal” participaria de um grande exercício a se iniciar naquela noite. Na realidade, foi determinado que todos deixassem a casa, inclusive os empregados domésticos. Apenas permanecia, àquela hora, o casal. Às 19h e 30 minutos, encostava à porta da casa o automóvel, que recebeu imediatamente a bagagem composta apenas de uma mala de campanha. O outro saco de campanha já se encontrava a bordo, sem que as pessoas da casa tivessem suspeitado na partida.

Naquele momento exato comuniquei à esposa toda a extensão da verdade.

- Não se trata do exercício. Estou partindo, realmente, para bordo do navio que nos conduzirá ao teatro de operações da Europa. Nessas condições, não regressarei esta noite. Voltarei quando Deus quiser. Vou para o cais do porto dirigir o embarque das tropas. Ninguém sairá de bordo depois de embarcado. Para todos os efeitos, desde este momento, considero-me em viagem. Não seja pessimista. Alimente sempre a esperança de um breve regresso. Nossa segurança dependerá do sigilo seu e das outras, em torno das pessoas que participam deste empreendimento. Fale o menos possível. E não ouça boatos, nem intrigas. Tudo que disser respeito à minha pessoa, você saberá oportunamente. Eu lhe darei notícias pelos meios normais.

Aquela imposição quase tirânica, verdadeira traição que, em nome dos rígidos princípios de honra militar, eu praticava, já ocorrera em dezenas ou centenas de lares, muitos dos quais se tornariam acéfalos irremediavelmente. (Brayner, 1968, pp. 81-82)

Em relação a minha vida pessoal, tive intimamente um conforto muito grande. Primeiro, não pedi para ir para a FEB, fui chamado, embarquei seis dias depois deixando a família chorosa. Minha filha fazia aniversário dia 22 de novembro e nesse dia tínhamos que embarcar.

Festejamos o aniversário no dia 21, ninguém sabia, só eu e a minha mulher. No dia 22, fui embora e não voltei.<sup>191</sup> (Motta, 2001d, p. 100)

No dia seguinte, 30 de junho de 1944, o meu cunhado trouxe os meus amores para falar comigo no quartel. Apesar de já estar proibido manter contato com o exterior, o meu Comandante, Major Silvino, permitiu-me ir ao portão falar com elas, mas eu não poderia deixar escapar nada que insinuasse que partiríamos a qualquer momento.

Constrangidamente, enganei-as, dizendo que estava de prontidão e depois em treinamento que deveria durar uns quinze dias, o que era o tempo que estimei para estar desembarcando em qualquer frente de batalha, pois não tínhamos a menor ideia para onde nos mandavam. Nem preciso dizer a dor que me dilacerava, tendo que fingir que tudo ia bem, quando já sabia ser aquela a última vez que abraçava a minha “Zotinha” e minha Sandrinha. [...]

Abraçamo-nos, beijamo-nos, as duas choravam e a punhalada que atravessava o meu coração provocava uma dor tão aguda, que, a muito custo, contive as lágrimas. Eu as vi partir no automóvel do cunhado. Foi duro! Foi duro! [...] Chorei o choro mais pungente dos meus então 26 anos de idade. [...] Sob juramento de nada transparecer, pedi ao meu cunhado que sustentasse o que eu tinha dito a sua irmã, mas que nós embarcaríamos naquela noite do dia 30 para 1º de julho.<sup>192</sup> (Motta, 2001d, pp. 168-169)

O embarque foi até certo ponto cômico. Ao chegarmos numa segunda-feira ao quartel encontramos o portão trancado, a chave com o comandante, prontidão total. Ninguém mais podia sair, só entrar, até o telefone estava desligado, porque nós estávamos na véspera de embarcar. O único que saiu do quartel fui eu, a mando do Comandante e com a missão de ir buscar em Vila Isabel, as dentaduras dos soldados que estavam sem dentes e que tinham que

---

<sup>191</sup> Relato do General-de-Brigada GABRIEL D'ANNUNZIO AGOSTINI, que na F.E.B. atuou como Comandante de Subunidade do Depósito de Pessoal e, posteriormente, oficial de Estado-Maior do I Grupo de Obuses. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>192</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

ter a dentadura completa. *Tive a oportunidade de telefonar para a minha namorada, hoje minha esposa há 52 anos, e não dizer que eu ia embarcar, mas matar as saudades.* [grifo nosso]  
Recebi as dentaduras e as levei para o quartel.<sup>193</sup> (Motta, 2001d, p. 229)

Quando chegou “aquela” quinta-feira, que eu acreditava ser a última ida para casa e não podia dizer, disfarçando o quanto pude, pedi-lhe: “Mãe, e aquela medalhinha de São Judas, que a senhora me prometeu... O tempo está passando... Não era melhor pendurar logo no meu pescoço?” Essa minha frase soou, para ela, como uma verdadeira advertência e foi buscá-la, em silêncio, e pendurou-a no meu pescoço, com olhar muito triste... “Não a tire nunca, meu filho; que São Judas o acompanhe e proteja sempre!”

Nunca esquecerei aquela cena. Era a nossa despedida mais íntima e dolorosa. Ela “sentiu” que a partida era iminente. Beijei-a muito, apertei-a muito, numa despedida tão triste, silenciosa... Peguei ainda alguns volumes pequenos, de docinhos e saí! Lá da esquina, já distante, ainda “arrisquei” um rápido olhar para trás, para vê-la, ainda uma vez, talvez a última...<sup>194</sup> (Motta, 2001f, pp. 116-117)

[...] Na expectativa do embarque a qualquer hora e retido no quartel dois ou três dias por semana, com os exercícios em Gericinó, minha vida não era das mais folgadas. Nem mesmo banho de mar eu tomava, para não me gripar...

A 15 de setembro de 1944 fomos dispensados durante o dia, para regressar ao quartel à noite, já que iria começar o embarque. Dois grandes transportes dos Estados Unidos estavam para chegar – ou já haviam chegado – para levar os 2º e 3º escalões da FEB – cada um representando pouco mais de cinco mil homens. Cheguei em casa para as despedidas, sem poder claramente dizer de que se tratava do momento de embarque. Após as despedidas, no fim da tarde, peguei a condução para o quartel do Campinho, esperando que fosse finalmente

---

<sup>193</sup> Relato do Coronel MÁRIO DIAS, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>194</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

chegada a hora de findar tão longa espera, que tanto nos enervava e preocupava...<sup>195</sup> (Motta, 2001g, p. 244)

Ao embarcar para a Itália não houve a despedida; na realidade, estávamos cientes de que devíamos manter o máximo de sigilo. O quartel foi interditado, os telefones foram cortados, justamente, para manter o máximo de sigilo; porque tínhamos que embarcar em seguida. Porém, tive a oportunidade de ir à cidade para receber um fardamento; mas me senti na obrigação de não dizer nada a minha mulher. Ela, então, passou cerca de uma semana esperando a minha volta; como não regresssei, se deslocou para Teresina, para a casa dos pais.<sup>196</sup> (Motta, 2001b, pp. 45-46)

[...] O interessante é que eles estabeleciam o seguinte ritual para embarcar e seguir viagem: despeçam-se da família – a gente ia; despedia-se da família; no outro dia, continuava do mesmo jeito.

Várias vezes, a gente saía e se despedia; um dia, botaram a gente no trem, pimba! Fomos para o cais do porto, sem avisar ninguém, acho que com medo da quinta-coluna, uns informantes que existiam em quantidade, naquele tempo.<sup>197</sup> (Motta, 2001b, p. 89)

Brayner (1968), esclarece em seu livro, a necessidade de tamanho rigor ao privarem os expedicionários de despedirem-se dos seus:

[...] Todos foram surpreendidos. E bem se pode compreender o estado de espírito daquela gente humilde repentinamente enjaulada no interior daquela imensa faixa metálica, sem advertência

---

<sup>195</sup> Relato do General-de-Divisão HEITOR BORGES FORTES, que na F.E.B. atuou como Subcomandante e Fiscal Administrativo do III Grupo de Obuses.

<sup>196</sup> Relato do Coronel ANTÔNIO ALEXANDRINO CORRÊA LIMA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Transmissões do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>197</sup> Relato do Doutor SILAS DE AGUIAR MUNGUBA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

prévia nem para despedida, com proibição categórica de sair de bordo, debaixo de uma vigilância severa de soldados e marinheiros americanos! [...]

A história daquela jornada de 30 de junho de 1944 bem merece um capítulo à parte. De um lado, o comando e o Estado Maior da 1ª divisão expedicionária, no seu trabalho sigiloso, cometiam uma pequena traição com os seus comandados divisionários, mantendo-os no desconhecimento da data de partida. Faltou, por isso mesmo, a emoção da despedida aos que deixaram os lares e os quartéis para um período de exercícios, quando na realidade estavam marchando para uma longa separação ou, quem sabe mesmo, para nunca mais voltar, nada de “Adeus”, nem de lenços brancos. A saudade viria depois.

Podia parecer que se tratava de uma violência, uma coação contra militares de uma nação livre que, de outra forma, se recusariam a seguir rumo ao desconhecido. Entretanto, este aspecto foi superado pela preponderância absoluta do interesse da segurança da partida, ante a intensa espionagem nazista e o perigo da tocaia dos submarinos do Eixo, agravada pela falta de educação psicológica do povo, naquela emergência. (pp. 79-80)

O veterano Thorio Benedro de Souza Lima, que embarcou no 2º escalão, apresenta através de sua experiência, a contradição do sigilo imposto aos familiares e o “bota-fora” no cais do Porto. Aparentemente o rigor exigido no embarque do 1º escalão, foi suavizado no embarque dos demais escalões.

Apesar de todas as precauções tomadas no sentido de mantermos o sigilo da viagem, os navios atravessaram a Baía, e os passageiros da barca Rio-Niterói nos deram adeus alegremente, as suas despedidas. Evidentemente, foi um contrassenso muito grande entre as medidas que foram tomadas de sigilo não termos podido nem nos despedir de nossas famílias e depois recebermos um bota-fora de uma maneira tão ostensiva.<sup>198</sup> (Motta, 2001g, p. 36)

---

<sup>198</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

O dia do embarque do 1º escalão, este completamente secreto, envolveu certa tensão pela dificuldade da operação. Era preciso embarcar em segredo cerca de 5 mil homens em um navio enorme. Os pracinhas saíram do quartéis acreditando estar participando de um grande exercício de instrução. A medida que aproximavam-se do cais do Porto a possibilidade de uma real partida tornou-se concreta. A informação sobre o destino final, parece ter sido mantida em segredo praticamente até o final da travessia.

Posso garantir que ninguém do 1º escalão, com mais de cinco mil homens, sabia que ia para a guerra. As conversas que existiam, na sua maioria, mostravam, como objetivo da viagem, o norte da África. Só viemos a saber, com toda segurança, o nosso destino, as vésperas do desembarque em Nápoles. Então, o sigilo deste transporte, a meu ver, foi muito bem feito.<sup>199</sup> (Motta, 2001d, p. 210)

Em 12 de julho de 1944, o soldado Augusto Alfredo Pinto, que embarcou com o 1º escalão, registra em seu diário a agonia de não saberem o destino final durante a travessia. Da mesma forma, o relato do veterano Newton La Scaléia destaca o desconhecimento sobre o local do desembarque.

Hoje, pela primeira vez, soubemos, mais ou menos, por onde andávamos, pois pelos altofalantes informaram que navegávamos próximos de Marrocos. A partir das 24h adiantaremos mais uma hora em nossos relógios, completando cinco de adiantamento sobre a do Rio. O interessante é que, com este adiantamento, às 21h ainda é dia claro. A noite correu mal, com a barulheira de sempre. O pior é que não sabemos para onde vamos nem quando chegaremos.<sup>200</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, p. 322)

---

<sup>199</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>200</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

Quando o navio saiu do Porto do Rio, quatro destróieres brasileiros o acompanharam, isso até as alturas da Bahia, sem que nada de extraordinário acontecesse. Quando o navio saiu para o alto-mar, quatro destroieres americanos e um cruzador nos comboiaram. Até aquele momento a gente não sabia se ia para a França ou para a Itália, nós não sabíamos, mas o Comando devia saber.<sup>201</sup> (Motta, 2001c, pp. 234-235)

A logística do deslocamento dos centros de instrução para o ponto de embarque envolveu todos os escalões e não somente o grupamento que efetivamente iria embarcar. Como mencionado anteriormente, os expedicionários acreditavam estar participando de um grande exercício de preparação para a partida, no entanto, parte deles realmente deixaram o Brasil. Os relatos abaixo, além do processo de embarque, também evidenciam o isolamento que os demais escalões, que embarcariam posteriormente, foram submetidos para manter a segurança das operações futuras.

Para o embarque, a Divisão constituiu três Grupamentos Táticos: o 1º Grupamento ficou localizado na região de Santa Cruz; o 2º Grupamento na região de Nova Iguaçu; e o 3º Grupamento na região do Recreio dos Bandeirantes. Os Grupamentos movimentaram-se, simultaneamente, para as regiões previstas.

Tendo em vista, porém, a manutenção do sigilo, 2º Grupamento foi dirigido, não para a região prevista, mas diretamente para o cais do porto, onde embarcou em um navio-transporte americano, com destino ao teatro de operações na Itália. O deslocamento para o cais do porto foi realizado em composições de estrada de ferro e foram tomadas todas as medidas para manter o sigilo, tais como carros com as luzes totalmente apagadas e janelas fechadas. Os próprios componentes só se deram conta da mudança de destino quando desembarcaram no cais do porto, onde foram saudados pelo Presidente Getúlio Vargas.

O meu Grupo pertencia ao 3º Grupamento e movimentou-se para o Recreio dos Bandeirantes, em via férrea até Cascadura, e daí, em caminhões, para o Pontal de

---

<sup>201</sup> Relato de NEWTON LA SCALÉIA, que na F.E.B. atuou como Chefe de Peça de Morteiro 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

Sernambetiba. [...] A partir desse ponto, não tivemos mais qualquer contato com o exterior, inclusive com nossos familiares, até o embarque<sup>202</sup>. (Motta, 2001a, p. 23)

Dias antes fora tomada a resolução, de mui poucos conhecida, de embarcar em primeiro lugar o “Grupamento Tático nº 2”, sob o comando do General Euclides Zenóbio da Costa.

Os grupamentos, nos momentos aprazados, deixaram os seus quartéis.

Na noite de 29/30 de junho, os grupamentos nº 1 e 3 seguiram em composições ferroviárias, movimentando-se respectivamente para Santa Cruz e Recreio dos Bandeirantes. O outro grupamento, o de nº 2, não se deslocou para Nova Iguaçu, sua região de primeiro destino no planalto de manobras. Transportou-se diretamente nas noites de 28/29, 29/30 e 30/1º de julho para o Cais do Porto, em composições sucessivas e tomando todas as cautelas para a manutenção do segredo.

Os carros das composições seguiram de luzes apagadas e suas janelas permaneceram cerradas até o final da viagem.

A área de embarque, no Cais do Porto, fora completamente isolada, com larga antecedência. [...]

Antes da partida do “General Mann”, ainda na noite de 30 de junho, o Presidente Getúlio Vargas compareceu a bordo, acompanhado do General Eurico Dutra, Ministro da Guerra. (Moraes, 1960, p. 22)

Quando chegamos ao Rio, ainda no quartel do 2º RI, tivemos a informação de que o 6º RI, o 11º RI e o Sampaio estavam em manobras. O Sampaio e o 11º RI voltaram da manobra, mas o 6º RI, não. Enquanto os outros regimentos iam para os lados de Nova Iguaçu, Guaratiba, o Sampaio tomou um rumo diferente e embarcou em segredo. Ninguém soube. Alguns dias depois, em 16 de julho de 1944, a imprensa noticiou que o 1º escalão da FEB tinha desembarcado em Nápoles.

---

<sup>202</sup> Relato do Marechal WALDEMAR LEVY CARDOSO, que na F.E.B. atuou como Comandante do I Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

Foi, para nós, um misto de prazer e surpresa. Não tivemos dúvidas de que nós, que estávamos na Vila Militar, iríamos também.<sup>203</sup> (Motta, 2001f, p. 327)

Houve uma ocasião em que imaginamos ter chegado o momento de partir para a Europa, pois fôramos deslocados para o Recreio dos Bandeirantes. Pensávamos: depois que chegarmos à região, aguardaremos algum navio a fim de nos conduzir ao nosso destino. Mas a presunção não se confirmou, justamente tratou-se de uma manobra tática do Exército Brasileiro, do Comandante da FEB, levando-nos para aquela área, enquanto a 1ª Companhia de Evacuação e um Posto de Triagem seguiam no 1º escalão, juntamente com outras unidades, o Batalhão de Engenharia, o 6º RI, uma parte do QG e o Grupo de Artilharia. A nossa Companhia, a 3ª Companhia de Evacuação, sob o Comando do Capitão Mario de Camargo, seguiu com os 2º e 3º escalões embarcados em dois navios. [...] <sup>204</sup> (Motta, 2001g, pp. 119-120)

Na Vila Militar havia um campo de futebol bem grande e uma linha de trem que ia até lá. Nesse dia chegou um comboio com vagões de madeira, daqueles antigos, e às 4 horas da tarde embarcamos. No trajeto até o porto, as janelas do trem permaneceram fechadas o tempo todo. A gente queria levantá-las mas não era possível, estavam todas travadas.

Chegamos ao porto, já era noite, a neblina continuava muito forte, não se enxergava nada. Nós logo embarcamos, mas o navio ainda não estava totalmente carregado, faltavam o material de Artilharia e de manutenção.<sup>205</sup> (Motta, 2001c, p. 283)

Já as narrativas abaixo destacam as atividades dos demais escalões após o embarque do 1º grupo, bem como a logística de embarque dos 2º e 3º escalões:

---

<sup>203</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>204</sup> Relato do Doutor DIAZ SEBASTIÃO CAMMAROSANO, que na F.E.B. atuou como Sargento Enfermeiro da 3ª Companhia de Evacuação do I Batalhão de Saúde.

<sup>205</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

[...] Os demais Corpos prosseguiram seu treinamento, já então reunidos em Grupamentos táticos, ambiente no qual seria feita a viagem para o exterior e a atuação em boa parte da campanha. Com a partida do Grupo de Campinho, ao Grupo Bandeirante coube utilizar-se de seu aquartelamento, o que representou sensível melhoria para o bem-estar da tropa, agora instalado num quartel permanente e em ponto servido por bons meios de transporte. Assim decorreram suavemente os últimos meses de treinamento no Rio, apresentando a Unidade uma firme decisão de honrar nos campos de batalha da Europa o nome de sua Pátria. [...]

Do quartel de Campinho partiram os expedicionários do grupo com destino ao cais do porto do Rio de Janeiro, na tarde de 16 de setembro de 1944, tendo viajado em composições especiais da EFCB, encostadas a uma plataforma da estação de Madureira. A pé, saindo pelo portão dos fundos, em coluna, cada qual conduzindo a sua bagagem, oficiais e praças percorreram um pequeno trecho de rua, pouco habitada, sem despertar muito entusiasmo nos populares que os viam em marcha. Embarcados, foram as janelas fechadas e as entradas bloqueadas, fazendo-se a viagem em silêncio, até o destino. No cais do porto, dois grandes navios-transporte de tropas, o *Gen Mann* e o *Gen Meighs*, aguardavam a tropa do 2º e 3º escalões. Desde o dia anterior começou a chegar o pessoal escalado para o *Gen Mann*, no qual viajamos. Os oficiais e graduados do grupo tinham encargos relacionados com a segurança da viagem (serviço de polícia, vigilância dos convéses etc.) e também o de compelir as praças a aceitar a comida de bordo, bem diferentes do padrão brasileiro, nos dois dias ou três dias em que ficamos atracados no cais do porto. Isto ajudou a passar mais esses dias de espera.<sup>206</sup> (Motta, 2001g, pp. 243-244)

Antes da tropa embarcar, três Companhias, sendo que a minha foi uma delas, o fizeram na véspera e prepararam a segurança do navio, de maneira que quando o grosso embarcou nós já estávamos a bordo. Isso aconteceu no 2º Escalão, aquele no qual seguimos, mas desde o primeiro o sistema era o mesmo.<sup>207</sup> (Motta, 2001c, p. 56)

---

<sup>206</sup> Relato do General-de-Divisão HEITOR BORGES FORTES, que na F.E.B. atuou como Subcomandante e Fiscal Administrativo do III Grupo de Obuses.

<sup>207</sup> Relato do General-de-Brigada MOZIUL MOREIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Chefe da 1ª Seção do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

Ao aproximarem-se do cais do porto e inesperadamente depararem-se com os imponentes navios-transporte norte-americanos, os expedicionários foram tomados de surpresa. A reação dos expedicionários e o início processo de embarque, quando de fato entram nas embarcações, são descritos nas narrativas abaixo:

Em 29 de junho de 1944, deu-se o embarque para destino desconhecido. Ocorreu, finalmente, naquele 29 de junho, à meia noite, na estrada de ferro, junto aos fundos do quartel, quando parou, silenciosa, uma longa composição de transporte de bois! Vagões todos fechados, sem portas nem janelas!

As ordens dos oficiais, ao contrário dos gritos usuais de comando, eram “sussurradas” [...] Caminhávamos em completo silêncio, um a um, como gado, e entramos todos naquele trem fechado, de ar pesado e mal cheiroso... Mal sentimos quando o mesmo começou a se deslocar, aí sim, aos poucos, o clássico “toc-toc”, “toc-toc”, nos trilhos...

Algum tempo depois, sentimos que ia vagorosamente e já se ouviam vozes, lá fora...

Parou. As portas se abriram e aí vimos que já nos encontrávamos no cais do porto, onde um enorme navio de transporte de tropas americano nos aguardava: era o nosso General *W. A. Mann*; um cheiro forte de tinta a óleo nova e de óleo queimado nos invadiu!<sup>208</sup> (Motta, 2001f, p. 117)

No fim de junho, houve uma grande manobra no Rio de Janeiro. Tomaram parte o 1º RI, o 11º RI de São João Del Rei que também se encontrava no Rio, além de unidades de Artilharia e a de Engenharia vinda do Mato Grosso. O 1º RI deslocou-se para um setor do Recreio dos Bandeirantes, o 11º RI foi para o outro lado e o 6º RI embarcou sigilosamente na estação da Vila Militar num trem todo fechado, escuro. Saímos de lá e descemos no porto, na frente de um navio colossal. A maior parte dos companheiros nunca tinha visto uma embarcação daquele tamanho, até houve um que falou: “Olha o tamanho dele! Cento e cinquenta e tantos metros”. O navio

---

<sup>208</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

transportou 5.075 companheiros, fora o pessoal da tripulação que também não era pouco.<sup>209</sup> (Motta, 2001c, p. 97)

[...] O nosso embarque foi de madrugada, no Rio; chegamos ao cais do porto quando estava escuro. Tínhamos dois sacos para viagem, os sacos “B” e “A”, que levávamos conosco; o saco “B” foi transportado. Todo mundo chegou e entramos em fila por um para embarcar. Quando vi o navio de não sei quantas mil toneladas pensei comigo: “Caramba! Isso é para valer!”. Era um navio enorme, o *General Mann* que nos transportou para Nápoles. [...] <sup>210</sup> (Motta, 2001c, p. 120)

O nosso embarque foi uma coisa fantástica, um verdadeiro mistério. Realmente não tínhamos ideia de quando seria. Cada noite saía um batalhão, fui um dos primeiros homens a entrar no navio, era da CPP/1 do meu Batalhão. Foi emocionante, a gente sabia que ia para a guerra, aquela neblina e aquele navio gigante no cais, aquilo mexeu com a gente.

Mandaram todas as embarcações que estavam no porto ficarem circulando na Baía de Guanabara, numa operação de dissimulação. Mas ficou pior ainda, pelo contraste, pois apareceu um “monstro” daqueles de sessenta mil toneladas, com um canhão de cada lado, transportando bombas antissubmarino, e tudo mais. O navio que embarcamos, o *General Mann*, era maior que o *General Meighs*, que tinha mais ou menos 200m; o *General Mann* deveria ter uns 250 metros, um navio do tamanho de três quarteirões de comprimento, não dava para esconder.<sup>211</sup> (Motta, 2001c, p. 234)

Quando chegamos ao cais, noite adentro, dormi por cima do saco “A”, como outros também, bastante cansados. O vagão estava todo fechado, não se podia ver nada do lado de fora; acordei

---

<sup>209</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>210</sup> Relato de DANIEL LACERDA, que na F.E.B. atuou como Sargento-auxiliar do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>211</sup> Relato de NEWTON LA SCALÉIA, que na F.E.B. atuou como Chefe de Peça de Morteiro 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

com o barulho da água do mar chicoteando o cais e logo veio a ordem para desembarque do trem. Nunca mais me esquecerei o navio *General Mann*, parecia um arranha-céu, tão alto que era. Afinal, também sou mineiro.

Fomos entrando em fila, só se ouvia o tropel do pessoal caminhando para as escadas de embarque do navio, onde recebemos um cartão. Tudo era interessante para a gente, em virtude da novidade. O cartão ia nos controlar durante a viagem, indicando o beliche em que cada um iria dormir.<sup>212</sup> (Motta, 2001c, p. 298)

Se para alguns dos expedicionários a atenção voltou-se para o impressionante navio, demonstrando entusiasmo e espírito de aventura, outros parecem ter mergulhado na incerteza do retorno e no desalento.

Ao entrar o 1º comboio no cais do porto, detendo-se diante do navio-transporte *General Mann*, verificava-se uma chocante comparação. Enquanto o navio, que chegara ao Rio no dia 27 de junho, se apresentava feericamente iluminado, o comboio ingressava na plataforma em *black out* e de venezianas arriadas.

Era o 1º batalhão do 6º RI, juntamente com o E.M. do Regimento chefiado pelo Cel. Segadas Viana.

A tropa desceu dos carros em silêncio absoluto, aparentemente esmagada pela surpresa. Ao invés da pequena estação suburbana de Nova Iguaçu, estavam defrontando-se, como num conto de fadas, com um imponente navio de guerra, arfante e pletórico de luz, com três escotilhas de entrada, correspondentes às três pontes de embarque. Por uma delas embarcariam os soldados e graduados; pela outra, os oficiais. A terceira se destinava ao uso exclusivo da guarnição americana do navio.

---

<sup>212</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

Transmitidas as instruções à tropa pela equipe da área de Embarque, foi dado o início à operação propriamente dita. Os homens, que haviam desembarcado do trem com os seus sacos A e se encontravam formados em rigorosa disciplina, em coluna por um, penetravam no navio guiados pelos elementos do destacamento precursor ao labirinto interno e conduzidos até os leitos (macas) que lhes eram destinados, superpostos, até dez.

Nenhuma reação, nenhum ato de desespero, nenhuma lamúria, nenhuma demonstração de medo. Em todas as fisionomias estava estampado um sentimento de resignação e de solidariedade, na marcha para o desconhecido, naquela imensa urna metálica, de mais de 36.000 toneladas de deslocamento. Quantos voltariam nessa aventura? Só Deus sabia. [...]

O ambiente geral era melancólico, triste mesmo. Nenhum sinal de entusiasmo, talvez devido à surpresa que assaltou a todos e à severidade do segredo que dominava os mínimos atos ligados ao embarque. Respirava-se um ar de seriedade, em que as instruções eram cumpridas com extremo rigor. Contudo, não havia a mínima euforia. (Brayner, 1968, pp. 84-86)

Em uma determinada noite, saímos da Vila Militar num vagão fechado e fomos até o cais do porto. Lá, já havia aquela naviarra nos esperando; assim, embarcamos e ficamos um dia, no outro o navio partiu. Naquele momento, sentíamos que a nossa vida ia se modificar completamente.<sup>213</sup> (Motta, 2001d, p. 210)

Para o suposto treinamento de embarque, o contingente precisou vestir o fardamento completo e estar com suas bagagens individuais prontas como se todos fossem realmente embarcar para a guerra. Isto incluía os sacos “A” e “B”. O primeiro consistia na bagagem pessoal e geralmente cada combatente carregava o seu. E o segundo era a bagagem de segunda urgência, que durante o conflito, permanecia na retaguarda. As placas de identificação também faziam parte dos itens militares obrigatórios.

---

<sup>213</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Nossa bagagem era constituída de dois sacos de lona verde-oliva, denominados: “Saco A” e “Saco B”. O primeiro, “saco A”, acompanhar-nos-ia em todos os deslocamentos e em combate; o outro, o “saco B”, que ficava na retaguarda, com o material de necessidades mais aleatória. Na guerra, não há a figura tradicional do nosso Exército, do Ordenança, que se encarrega de tudo o que é nosso, e até do cavalo... Assim, na guerra, cada um carrega e é responsável por tudo o que é seu...<sup>214</sup> (Motta, 2001f, p. 123)

Finalmente, já no Rio de Janeiro, na preparação para o embarque, recebemos as placas de identificação que cada expedicionário tinha que usar, corrente menor e na maior a inscrição “Brasil”, depois o nome do portador, o número de identidade, a data da última vacinação antitetânica, se é Oficial ou praça e o tipo sanguíneo, que no meu caso era o “O”. [...] A gente levava isso sempre: no caso de morte, a corrente menor era destacada e levada para ser feito o registro e a outra enterrada junto com o dono.<sup>215</sup> (Motta, 2001c, p. 76)

Curiosamente, no decorrer do conflito, os combatentes brasileiros passaram a utilizar a nomenclatura “saco B” para referirem-se aos colegas que permaneciam na retaguarda e não atuavam diretamente no front ou que ainda não haviam passado por seu batismo de fogo. Como observa-se no exemplo abaixo:

A munição pesava bastante. E o peso parecia avisar a “Saco B” que dentro em pouco teria o seu batismo de fogo. Cada vez mais inquieto, ele procurava não falar muito. Via-se perdido em seus pensamentos, que voavam para longe, atravessavam mar e terra e iam para lá no seu querido Ceará, de onde um dia partira para se incorporar à FEB.

---

<sup>214</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>215</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

A “paura”, aos poucos foi tomando conta de “Saco B”. Ele disfarçava, procurava esquecer, brincava com os veteranos, sorria amarelo. Mas não conseguia espantar a “paura”, o medo de enfrentar o duro combate. O medo era mais forte que ele, voltava sempre, dominava-o mesmo. (Vidal, 1960, p. 29)

“Saco B” assobiou com mais força. Fora promovido a “Saco A”, era um veterano, igualzinho aos outros bravos que, naquele momento, escreviam mais uma página – e das mais belas – da história militar do Brasil. (Vidal, 1960, p. 32)

Entre os itens militares obrigatórios que eram exigidos para a viagem, muitos expedicionários incluíram itens pessoais não requisitados, como instrumentos musicais, comidas e recordações.

A nossa origem, não é preciso dizer, pernambucano, maranhense, gaúcho, catarinense etc é dispare. O soldado brasileiro parecia não ver a realidade que estava prestes a enfrentar. Quantos, mas quantos embarcaram levando seu violão, seu cavaquinho; é o espírito da nossa gente, da nossa raça; o soldado não pode modificar isso, nós somos assim.<sup>216</sup> (Motta, 2001e, p. 72)

Assim, há aspectos que definem bem o brasileiro, como o que verificamos ao descer do navio *General Mann* em Nápoles, quando na minha frente vinha um pracinha que portava um violão. Aí diz um repórter, um representante de um jornal brasileiro: “Para que esse violão?” Responde o soldado: “Quero tocar um samba em Berlim”; caracterizando aquele otimismo da nossa gente mesmo diante da adversidade, que começara nos treinamentos preparatórios no Brasil e prosseguira com as dificuldades normais dos 14 dias em alto-mar, num navio que transportava

---

<sup>216</sup> Relato do General-de-Divisão GERALDO DE ARAÚJO FERREIRA BRAGA, que na F.E.B. atuou como Instrutor do Depósito de Pessoal. Entrevista concedida em setembro de 2000.

5.500 soldados, afrontando os perigos inerentes a uma guerra mundial.<sup>217</sup> (Motta, 2001d, pp. 153-154)

[...] Passamos aquela madrugada no navio e, quando amanheceu o dia, estávamos saindo mar a fora.

Não sei onde os soldados arranjaram um violão e começaram a tocar seu samba; os norte-americanos que vinham observar achavam muito interessante, porque os brasileiros eram diferentes de outros povos que eles da mesma forma tinham transportado, e que, normalmente, viajavam tristes, abatidos. Os brasileiros não; no primeiro dia que acordaram em alto mar já faziam sua música e o mais curioso é que os americanos também acompanhavam nosso ritmo.<sup>218</sup> (Motta, 2001c, p. 88)

Outra coisa interessante, o pessoal do navio sempre escalava meia dúzia de soldados para ajudar no rancho, pegar material de suprimento e ajudar nos serviços gerais. Passados alguns dias, estava um cheiro desgraçado nos alojamentos, o pessoal do navio foi verificar, encontraram uma porção de sacos que os homens levavam, com jabá; os tripulantes mandaram jogar tudo no mar.<sup>219</sup> (Motta, 2001c, p. 235)

Em seu diário, o ex-combate José Gonçalves Gomes Filho, documenta o caso de um colega que levava um item adicional entre seus pertences pessoais que causou certo transtorno no alojamento do navio-transporte, assim como o “jabá” mencionado acima:

---

<sup>217</sup> Relato do Coronel ELBER DE MELLO HENRIQUES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>218</sup> Relato do Capitão BENEDITO NUNES DE ASSIS, que na F.E.B. atuou como Auxiliar da 3ª Seção do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>219</sup> Relato de NEWTON LA SCALÉIA, que na F.E.B. atuou como Chefe de Peça de Morteiro 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

[...] pelas 21 horas fui deitar não havendo neste dia nenhuma alteração, a não ser a do soldado que levava um queijo no nosso alojamento, o qual estava fedendo e foi obrigado a jogar fora pelo “sargenteante”.<sup>220</sup> (Gomes Filho, 1945, como citado em Ferrari, 2009, p. 31)

A narrativa do Doutor Epapharol Silveira, descreve o caso inusitado que vivenciou durante um combate com o inimigo por levar para a guerra um pacote de doce de leite, doce típico de Minas Gerais.

A Companhia recebeu ordem de retrain, e eu gritei aos homens para preparar, pois iríamos nos retirar.

Depois que todos saíram de lá do morro, em ziguezague, lembro-me de que eu havia recebido aqui no Brasil, no Rio, um pacote de doce-de-leite Embaré, muito bom mesmo, de uma namorada. Coloquei-o no bernal e por causa do retraimento saí correndo, ocasião em que o doce-de-leite saltou do meu bernal e caiu no capacete de um soldado que estava correndo a uns trinta metros abaixo de mim. Só mais tarde, lembrei-me dos doces, quando um soldado disse: “Acabou a munição do alemão, porque naquele combate atiraram até doce-de-leite em nós.”<sup>221</sup> (Motta, 2001c, p. 129)

A prática não era exclusividade do Exército Brasileiro. Os norte-americanos também levaram à guerra itens singulares, como animais de estimação. Vide a nota oficial do Governo dos Estados Unidos emitida em 18 de julho sobre o desembarque do 1º escalão da F.E.B.:

Alguns soldados trouxeram guitarras, violões e tamborins, instrumentos que pretendem tocar nas horas de recreio, mas notou-se a completa ausência de mascotes tais como cães, carneiros e outros animais que, habitualmente, as tropas americanas, canadenses e britânicas conseguem

---

<sup>220</sup> Registro em diário do 3º Sargento JOSÉ GONÇALVES GOMES FILHO, que na F.E.B. atuou como Instrutor de Armas, no Depósito de Pessoal. Fez a travessia para a Itália com o 5º escalão de embarque no navio *General Meighs*.

<sup>221</sup> Relato do Doutor EPAPHAROL SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

levar clandestinamente para bordo dos navios de tropas quando embarcam para além-mar. (Departamento de Imprensa e Propaganda, 1944, como citado em Maximiano, 2010, p. 302)

O relato do Coronel Gilberto Pessanha, evidencia que na logística do embarque existia também a inspeção de bagagens. Itens que não faziam parte dos equipamentos militares, supostamente não eram permitidos.

Depois de aparatosa operação de despistamento, no dia 30 de junho de 1944, saindo do Centro de Instrução Especializada, onde chegara e acantonara na véspera, cerca de 23 horas, após deslocar-se de trem da Estação da Vila Militar até o Cais do Porto do Rio de Janeiro, a Companhia iniciava a escalada das rampas do General Mann, transporte militar norte-americano que nos levaria para ultramar. Comandante à testa, oficiais e praças, suas malas e sacos “A” e “B” ao ombro, *penetravam no navio, depois de rigorosamente inspecionados quanto a “volumes ou objetos estranhos ao equipamento” por uma comissão de recepção que incluía oficiais brasileiros. Quase “barravam” a entrada da nossa caixa de madeira, de medicamentos e artigos de pronto-socorro, conduzida pelo nosso soldado-barbeiro “arvorado” em enfermeiro.* [grifo nosso] A viagem, em si, foi uma fonte de ensinamentos pelos fatos, incidentes e normas de conduta estritamente seguidas, além do que se constituía na primeira experiência marítima da quase totalidade de milhares de brasileiros embarcados no *Mann*. [...] <sup>222</sup> (Motta, 2001g, p. 85)

Curiosamente, entre os itens individuais obrigatórios, não estavam incluídas as armas e equipamentos de guerra. Os expedicionários partiram de mãos vazias, desarmados, e receberam o material na Itália. Sobre isso, destaca-se:

---

<sup>222</sup> Relato do Coronel GILBERTO PESSANHA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Manutenção Leve.

Partiríamos sem portar qualquer instrumento de guerra. E chegávamos ao Teatro de Operações da Itália de saco às costas, de mãos abandando e de fisionomia assustada, como alguma coisa que não era mais do que *chair à cannon*. (Brayner, 1968, p. 81)

Durante e após o embarque, muitos dos combatentes brasileiros tiveram o seu primeiro contato com os membros do Exército dos Estados Unidos e sua organização. De acordo, com o General Mascarenhas de Moraes (1960), o entrosamento entre militares norte-americanos e brasileiros aconteceu de maneira espontânea. À bordo os primeiros laços de amizade foram feitos, e junto com eles, a comparação da precariedade do Exército Brasileiro e a eficiência norte-americana.

A tripulação dos transportes, desde o marujo ao comandante, esmerou-se em gentilezas de toda ordem, tudo envidando para dissipar o turbilhão de saudades e apreensões.

Desenvolveu-se, natural e imperceptivelmente, a camaradagem entre a valorosa maruja americana e os expedicionários brasileiros. Através dessa convivência e mediante a observação de sua conduta, nas horas de trabalho e nas ocasiões de folga, firmara-se-nos a convicção, ainda em viagem, de que entre militares americanos e brasileiros iria estabelecer-se, no campo da luta, sólida amizade de guerra. [...] (Moraes, 1960, p. 25)

Tornei-me amigo de um americano que gostou de uma moça do Rio de Janeiro. Perguntou onde era Bangu, eu expliquei, aí ele disse: “Quando for ao Rio, vou procurar o senhor.” Respondi: “Tudo bem, o senhor me procura depois da guerra, que estarei lá.” Então ele me dava uma maçã, foi assim. O melhor doce, o melhor pão que comi na vida foi o dos americanos, não só no navio, como na Itália.

Em campanha o americano montava uma padaria em vinte minutos. Instalava rapidamente um hospital, como o que puseram em Pistóia. Num bosque, trouxeram as máquinas e organizaram um hospital para atender de três mil a quatro mil feridos, dentro de

barracas, com todos os recursos. Não simpatizo muito com os americanos, mas reconheço que se não fossem eles nossas dificuldades seriam imensas. [...] <sup>223</sup> (Motta, 2001c, pp. 215-216)

Durante a viagem a maior ordem possível. Era o nosso primeiro contato com as Forças Armadas americanas. Sua Marinha, seus fuzileiros navais. Havia um destacamento deles comandado pelo Coronel Mac Nair. Eram os responsáveis pela ordem, conduta e disciplina de viagem da tropa. A revista passada por ele não era brincadeira e os detalhes ou falhas observados eram levados o conhecimento dos comandantes brasileiros para futuros ensinamentos. [...] <sup>224</sup> (Motta, 2001e, p. 87)

No entanto, outros aparentam não ter se impressionado com a postura dos “ianques”, norte-americanos, quando entabulada sua primeira conexão. Com isso, nota-se certo contraste nas narrativas sobre a experiência inicial com o Exército dos Estados- Unidos.

Eram os donos do navio, com uma forte guarnição, experiente de três anos de guerra. Seus componentes não demonstravam a mínima preocupação com os brasileiros, aos quais não prestavam também qualquer auxílio.

Ao contrário, os marinheiros americanos foram licenciados para passear na cidade, desligados inteiramente do nosso sistema sigiloso. Alguns se apresentavam alcoolizados. Houve, mesmo, cenas jocosas: ao se avizinharem de sua ponte de embarque, recusavam-se a entrar no navio, num espetáculo absolutamente inédito para nós brasileiros, em cujo sistema disciplinar e pena a embriaguez é agravante. Cada povo com seus hábitos. Eram anglo-saxões. E já estavam saturados de guerra.

Aquelas cenas grotescas causavam-nos decepção, agravada pela falta de qualquer demonstração de solidariedade dos bravos marujos que recebiam, naquele momento, a mais

---

<sup>223</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>224</sup> Relato do General-de-Brigada RUY LEAL CAMPELLO, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da 5ª Companhia do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

positiva demonstração de aliança do Brasil, de enviar um primeiro contingente de cerca de 6.000 homens diretamente para os campos de batalha. Mostravam-se completamente indiferentes.

Evidentemente, éramos homens de origem racial diferente. Nós, latinos, emocionais, sentimentais e prontos para exteriorizar nossas emoções. Eles, anglo-saxões, frios, algo artificiais, dominados por um complexo de superioridade que desconhecíamos.

Pareciam não emprestar a mínima significação ao que estávamos fazendo. Três anos de guerra já os tornaram apáticos. [...] (Brayner, 1968, p. 86)

Bagagens verificadas, primeiras impressões sobre os norte-americanos estabelecidas e estava concluído o processo de embarque. O navio transporte que levou o primeiro escalão de homens à Itália, o *General W. A. Mann*, estava pronto para deixar o território brasileiro. Sobre a conclusão da logística de deslocamento e partida, evidenciam-se os relatos abaixo. Para além, as narrativas também confirmam a existência da escolta que acompanhou a embarcação.

Estava, pois, o *General Mann* pronto para partir com a sua preciosa carga humana. Portas fechadas, escadas levantadas, motores aquecidos. Só aguardavam o sinal de “barra livre!” Três destroyers brasileiros – Marcílio Dias, Greenhalg e Mariz e Barros – constituiriam a escolta. Eram os únicos que podiam desenvolver as 30 milhas horárias do barco ianque, embora não possuíssem artilharia especializada. Toda a jornada de 1º de julho foi passada em angustiosa expectativa. Os submarinos do eixo rondavam a barra do Rio, espreitando a presa. Havia prometido que um soldado brasileiro não pisaria solo europeu. Finalmente, na manhã do dia 2, o grande barco começou a se mover. Havia em todos a pressa de partir. Ninguém pensava mais na família. Agora, era vez do destino.

Passaram a imperar as severíssimas ordens e medidas de segurança do comando americano. Todos colocaram os coletes salva vidas, para quatorze dias de ansiedade. (Brayner, 1968, pp. 94-95)

Ao passarmos pelo forte da Laje e pela fortaleza de Santa Cruz, as guarnições estavam formadas, no alto das muralhas e da grande cúpula. As bandeiras, multicores e trêmulas, içaram os votos

fraternos de “boa viagem”, enquanto a tropa erguia hurras e permanecia em continência. Gostamos da homenagem. Era bem verde-oliva. [...]

À frente, muito à frente, esgueiravam-se entre as ondas, em alta velocidade, os três destróieres da escolta brasileira, abrindo caminho, com uma disposição e uma audácia, que nos enchiam de orgulho.

É verdade. A simples presença daquelas pequenas unidades, que arcavam com a responsabilidade de proporcionar segurança ao grande barco americano, servia para suavizar e compensar o complexo de inferioridade a que ficáramos reduzidos, como carga estrangeira de um poderoso navio estrangeiro, ao qual estávamos inteiramente subordinados. (Brayner, 1968, pp. 98-99)

O dia clareava. Quase 36 horas antes, os 5.075 homens do 1º escalão da Força Expedicionária Brasileira já haviam embarcado no navio norte-americano *General Mann*, do Serviço de Transporte Naval, *Naval Transportation Service*. Embora tivesse, coletivamente, perfeita ordem entre a soldadesca, havia individualmente, aqui, ali e acolá, no íntimo de quase todos, certa estranheza e alguma impaciência diante daquela imobilidade.

Às 6 horas da manhã, em ponto, sentiu-se, subitamente, o fremir do navio ao se movimentarem os potentes motores nas suas entranhas. Aos poucos, lentamente, como um gigante que acorda, espreguiça e sacode seu torpor, o grande barco pôs-se a deslizar pelas águas. Não tardou muito, e o aumento da velocidade começou a ser sentido.

Tudo ao redor parecia adormecido, mas à medida que o navio avançava pela Baía de Guanabara, a impressão que se tinha era que mar e terra acordavam e estremeciam como que sacudidos pela trepidação da grande nave. Mais à frente o navio passou pelo Forte da Laje e, logo depois, pela Fortaleza de Santa Cruz, onde lá no alto de suas muralhas, formava-se sua guarnição para saudar aqueles que partiam naquela histórica e patriótica missão.

Mais ao longe, vislumbravam-se os vultos dos imponentes dos três destroieres da Marinha do Brasil que iriam escoltar o *General Mann* na sua travessia do Oceano Atlântico.<sup>225</sup> (Motta, 2001g, p. 282)

[...] havia neblina no Corcovado; quando passamos, abriu-se a névoa e todos viram o Cristo Redentor. Como se fosse um adeus, pudemos contemplá-lo com os braços abertos. Eram seis horas da manhã, no mês de julho, quando escurece mais cedo e clareia mais tarde. Passamos mais ou menos uma dia inteiro vendo o litoral brasileiro e, quando anoiteceu, fomos obrigados a nos recolher para o interior da embarcação. [...] <sup>226</sup> (Motta, 2001c, p. 97)

Tristeza só houve no embarque, quando o navio partiu do cais do porto, porque os casados estavam deixando a mulher e filhos, principalmente os oficiais e sargentos. Os soldados geralmente eram solteiros, mas os graduados eram casados, então ouvia-se aquele choro dentro do navio.<sup>227</sup> (Motta, 2001c, p. 246)

A ansiedade por partir cessou após os navios-transporte iniciarem seu movimento rumo à Europa, no entanto, novas provações ficaram marcadas na memória dos veteranos. Os aproximadamente quinze dias de travessia até a Itália, são descritos pela maioria dos ex-combatentes como extremamente difíceis, independente do escalão em que foram enviados. A alimentação restrita, a imposição do *blackout*, o calor, os enjoos e a claustrofobia de permanecerem nos alojamentos situados abaixo da linha d'água são muito abordados pelos veteranos.

---

<sup>225</sup> Relato de AMYNTAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

<sup>226</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>227</sup> Relato de NICOLA CORTÊS NETO, que na F.E.B. atuou como Soldado Muniçador da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

Apesar de todos esses meios, eram diários os exercícios de alarme para abandono do navio e obrigatório o uso permanente de salva-vidas.

As regras de segurança impuseram também o escurecimento do navio, durante a noite.

Com a efetivação de tal medida, todo o pessoal embarcado era empilhado nos alojamentos, que se fechavam para impedir a filtração de mais fraca réstia de luz.

Desagradáveis, insuportáveis mesmo, eram essas noites, quentes e infindáveis, vividas em compartimentos abafados e lotados até o teto.

Além disso, a diferença de alimentação e a agitação do mar provocaram o enjoo em grande número de companheiros, o que tornava insuportável a vida nos alojamentos. (Moraes, 1960, pp. 24-25)

A tropa viajou acomodada em beliches: os oficiais, em camarotes com 12 beliches e as praças, em grandes compartimentos estanques.

A bordo o serviço era muito bem organizado. Havia escalas para os compartimentos, refeitórios e policiamento. [...]

O calor a bordo era sufocante e o pessoal passava o dia quase todo com calção de ginástica. A noite, a coisa piorava, porque o blecaute era rigoroso, com todas as vigias fechadas.<sup>228</sup> (Motta, 2001a, pp. 221-222)

A alimentação na viagem era razoável; toda americana, a gente estranhava o gosto, mas sabia ser alimentação muito nutritiva. Sentimos falta do feijão com arroz.

Uma coisa muito desigual: de manhã todo o pessoal tinha que subir ao convés e ficar lá o dia inteiro, para permitir a limpeza dos alojamentos nos porões, pois somávamos muito mais de cinco mil homens no navio. Os soldados que subiam primeiro arrumavam lugar para sentar

---

<sup>228</sup> Relato do Coronel SÉRGIO FARIA LEMOS DA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Linha de Fogo da 1ª Bateria de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

ou se encostar no tombadilho e não saíam mais dali os outros ficavam andando para lá e para cá ou sentados no chão, embora obstruíssem a passagem.

O rancho era à tarde, quase à noite, tomávamos o lanche e íamos para o alojamento.

No escurecimento, apagavam todas as luzes do navio, ficava tudo vedado para impossibilitar a atuação de um submarino inimigo. Aquilo era um drama, eu sofria um pouco de claustrofobia e me sentia muito mal. Peguei um lugar embaixo do navio, eram vários andares, alguns cheios de beliches. Se fôssemos torpedeados não haveria salvação. O último porão, para um claustrofóbico é o pior, terrível. Ainda hoje sou um pouco, porque é incurável.<sup>229</sup> (Motta, 2001c, pp. 160-161)

Recebemos um cartão que o americano picotava quando entrávamos na fila para o rancho. Não havia a possibilidade de arranjar outro cartão. O colete salva-vidas era incomodo, mal cheiroso. Imagina seis mil homens vomitando no navio, como deveria estar o ambiente. Não usávamos água potável para tomar banho, e sim, estritamente, para beber. Água salgada havia, quente e fria, mas deixava cheiro de sal. [...] <sup>230</sup> (Motta, 2001c, p. 215)

O soldado Augusto Alfredo Pinto escreve em seu diário uma passagem sobre a vida penosa à bordo do navio-transporte, mas afirma que mesmo diante das dificuldades, o moral da tropa mantinha-se em alta.

Existem, a bordo, soldados passando bastante mal em virtude de vomitarem muito e não poderem se alimentar. Um sargento chegou a vomitar sangue e outros foram transportados em maca para a enfermaria. A noite de hoje foi a pior até agora, pois o calor é insuportável nos porões fechados e abafados e com filas de soldados que vão para o rancho e enchem alguns corredores quase que completamente às escuras. Às 17 horas somos obrigados a nos recolher

---

<sup>229</sup> Relato de JOAQUIM CARLOS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Observador da Companhia de Comando do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>230</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1º DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

aos porões e é feito o escurecimento do navio, ficando apenas pouquíssimas lâmpadas vermelhas acesas, que pouco adiantam. O único lugar onde é possível permanecer é o banheiro, mas, mesmo assim, o ambiente já está insuportável, porque a esta hora é muito procurado e fica superlotado, com ar pesado de fumaça de cigarros e mau cheiro das privadas e mictórios que já estão entupidos e alagando tudo, chegando a ponto de, perto das portas, terem-se acumulado alguns centímetros de água com “mijo” e vômito; torna-se preciso, para atravessar, esperar que a “maré” de porcaria baixe com o “goleio” do navio, para não molharmos o tornozelo, porque as solas dos sapatos já estão encharcadas. Apesar de tudo isto, quase todos encontram-se bem dispostos, alegres e animados, a não ser os que adoeceram, já em número bem elevado.

Nota: O navio em que viajamos é bem confortável, pois é um grande transatlântico. Entretanto, em virtude do elevado número de homens que transporta e a anormalidade da situação, de nada adianta as suas dimensões.<sup>231</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, p. 319)

A logística adotada para alimentar o contingente dentro do navio é colocada como um dos pontos de grande tormento para os combatentes. Para conseguir gerenciar a produção e distribuição das refeições, o Exército norte-americano precisou reduzir o número de refeições distribuídas no decorrer do dia, chegando em alguns escalões, a fornecer apenas uma refeição diária.

Outro problema era o da refeição. Durante os 14 dias de viagem, gastos do Brasil até o Porto de Nápoles, tínhamos apenas uma por dia, quando estávamos acostumados a três. Essa refeição única levava o dia todo para ser servida, porque o contingente era muito grande, cerca de cinco mil homens. Assim, não havia condições de o pessoal do navio atender a esse número de pessoas de uma única vez.

---

<sup>231</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

Existia, portanto, uma escala a ser obedecida. Uns faziam a refeição às oito horas da manhã, outros, às quatro horas da tarde e assim por diante. Apenas o pessoal de serviço fazia duas refeições, mas a maioria era uma só. No meu caso, por exemplo, era às oito horas da manhã, e a próxima, só no dia seguinte, no mesmo horário. Para nós, foi um choque terrível.<sup>232</sup> (Motta, 2001a, p. 269)

As refeições eram duas por dia, feitas, continuamente, por compartimentos e as filas controladas pelos oficiais designados para aquele serviço.

O pessoal estranhou muito a comida, que era toda americana, com paladar bem diferente do nosso, praticamente sem tempero; o refrigerante era o suco de *grapefruit*, que os pracinhas apelidaram de “cara feia”, por ser muito amargo. Todos sentiram imensa falta do nosso arroz com feijão.

No quarto dia da viagem, os alto-falantes anunciaram que o Gen. Cordeiro havia autorizado a abertura dos sacos de feijão para serem utilizados. Foi um eufória geral, mas, ao ser servida a refeição, ficamos decepcionados, pois o feijão veio sem caldo e sem tempero e os caroços adocicados. A rejeição foi total. [...] <sup>233</sup> (Motta, 2001a, pp. 221-222)

Esse tipo de logística demandava pressa, ou seja, a hora do rancho não caracteriza-se entre as narrativas como um momento de tranquilidade e de reposição de energias entre os combatentes. O controle utilizado para gerenciar a alimentação da tropa e parte do cardápio servido à bordo são evidenciados nos relatos abaixo. Destaque para o relato do ex-combatente Silveira (1989), que apresenta detalhes sobre a administração das refeições.

---

<sup>232</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>233</sup> Relato do Coronel SÉRGIO FARIA LEMOS DA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Linha de Fogo da 1ª Bateria de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

Cada homem tinha um cartão com cores e números, identificando a sua turma e o horário para as duas refeições diárias. Às 6 horas a primeira turma entrava no refeitório, uma ampla sala, sem janelas, abafada e quente, pois era ao lado da cozinha. Em fila, os soldados apresentavam o cartão, que era picotado no lugar correspondente por um membro da tripulação, forma de controle para evitar que o pessoal fizesse mais de uma refeição no seu turno. Servida em bandeja pelos ajudantes de cozinha, a comida era uma papa saudável, mas sem gosto, sem sal. Um paladar totalmente estranho ao soldado brasileiro. A refeição era feita em pé, com a bandeja apoiada numa espécie de balcão estreito. Durante todo o tempo, um oficial brasileiro, com alto-falante portátil, percorria a sala lembrando que milhares de outros homens ainda esperavam a vez de comer e, portanto, havia necessidade de pressa, muita pressa. O serviço era contínuo. Quando a última turma acabava de comer, entrava no refeitório a turma que já tinha feito a primeira refeição às 6h30min. Esse rodízio durava doze horas, as outras eram passadas nos alojamentos do porão. (p. 63)

[...] nós, acostumados àquelas três refeições diárias, isto é, o velho feijão com arroz, passamos a ter duas refeições. Uma, às sete da manhã e outra, às cinco da tarde, tudo nos moldes da comida americana: *breakfast* com ovos, com presuntos e geleias etc, a que os brasileiros não estavam absolutamente acostumados. Muitos chegavam, depois do segundo ou terceiro dia, a não sair para ir às refeições. Lembro-me de que, às vezes, davam-nos maçãs e de que essas eram disputadas a toda força, pois eram do que os brasileiros mais gostavam.<sup>234</sup> (Motta, 2001d, pp. 210-211)

[...] Aliás, uma passagem interessante. Cada militar recebia uma refeição mediante a apresentação daquele cartão que nós recebemos a bordo do navio. O oficial brasileiro intendente chegou para o americano e transmitiu sua preocupação porque o pessoal estava repetindo o almoço. O americano respondeu: “Ih, não se impressione com isso! O brasileiro não sabe comer.

---

<sup>234</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Ele come de tudo; o americano que também engaja só quer galinha... Ele engaja na galinha. E, isso para nós é muito mais difícil de manter o estoque do que com essa turma que come tudo". Não era servido arroz e feijão, mas a comida que era oferecida o homem aceitava e comia tudo.<sup>235</sup> (Motta, 2001d, p. 232)

A alimentação fracionada e por vezes insuficiente, o balanço constante da embarcação e a pressão psicológica também afetavam a saúde dos homens à bordo. Em suma, era crucial a existência de apoio médico durante a travessia.

Para o atendimento dos problemas de saúde da tripulação, o navio contava com assistência médica e apoio psicológico. De acordo com os relatos, dois postos de saúde foram previstos dentro da embarcação e uma vacinação complementar também foi realizada a bordo em alguns escalões.

Para atendimento ao pessoal, durante a travessia, montaram dois postos de saúde no navio, um avante e outro a ré. Eu fazia parte do posto avante. Passava-se a visita médica e a afluência era grande, por causa do enjoo, perturbação digestiva, alguns tinham gripe, naso-faringite, mas caso grave não houve, somente rotina.<sup>236</sup> (Motta, 2001a, p. 84)

O apoio de saúde começou na fase de preparação, com a vacinação da tropa, aliás muito bem feita. Quem chefiou foi um oficial médico, Capitão Saulo Theodoro Pereira de Mello, que não pertencia à FEB, mas levou muito a sério a incumbência que lhe deram. Na verdade, a vacinação foi completada durante a viagem e alguma coisa no Teatro de Operações, porque houve trocas de última hora. Diversos militares que já estavam vacinados se acidentaram e não embarcaram; outros embarcaram sem terem sido vacinados. [...] <sup>237</sup> (Motta, 2001a, p. 87)

---

<sup>235</sup> Relato do Coronel MÁRIO DIAS, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>236</sup> Relato do General-de-Divisão Médico GERALDO AUGUSTO D'ABREU, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Triagem do Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>237</sup> Relato do General-de-Divisão Médico GERALDO AUGUSTO D'ABREU, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Triagem do Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

A primeira prova a que se submeteram os soldados, após o período de treinamento, foi sem dúvida a viagem para a Itália, em navio-transporte. A disciplina imposta era muito dura, a rotina tremendamente monótona e ameaça de torpedeamento do navio era constante. Os porões de alojamento superlotados; no convés, o exíguo espaço só era disponível por algumas horas já que na maior parte do tempo, por questão de segurança, a tropa ficava trancada nos seus alojamentos. Todos esses fatores e a angústia da incerteza criavam pressões que concorriam para o aparecimento de quadros psicóticos, desequilíbrio nervoso, crises histéricas e outras neuroses. O navio estava preparado para essas ocorrências. Além de uma equipe de atendimento, havia celas especiais, totalmente acolchoadas onde os pacientes permaneciam sem perigo de se ferirem ou se mutilarem em momentos de crise, e, sobretudo, ao ficarem segregados dos demais, evitava-se a propagação do pânico. (Silveira, 1989, p. 136)

Duas atividades muito importantes, sob o ponto de vista da assistência ao combatente e com reflexos no moral da tropa, são os apoio de saúde e o religioso. Ambas, na minha opinião, funcionaram muito bem. Desde o início, quando embarcamos, tivemos o acompanhamento de um padre católico que se mostrou muito acessível. O trabalho dele começou, ainda na viagem, com pessoas que ficaram perturbadas, necessitando de apoio espiritual.

Nosso médico, na AD, era o capitão Luís da Silva Tavares – Doutor Tavares – que foi apelidado de “Dr. Morte Certa”. Ele receitava a sulfa, medicamento anti-infeccioso da época, sem dizer o nome do remédio, mas denominando os comprimidos de ‘macho’ e ‘fêmea’. Às vezes receitava dois comprimidos: ‘um macho e uma fêmea’. Deu certo, porque quase não tivemos problemas de saúde.<sup>238</sup> (Motta, 2001a, p. 47)

[...] Durante a viagem do Brasil para Nápoles, nós do Serviço de Saúde continuávamos a exercer nossas funções precípua, prestando assistência aos soldados. No *General Meighs*, em que viajava o 11º, tivemos problemas com os mineiros, por causa do enjoo, das tonteiras, vômitos,

---

<sup>238</sup> Relato do General-de-Divisão CÉSAR MONTAGNA DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Estado-Maior da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2000.

atribuídos ao labirinto, ao cheiro do navio, odor de maresia; naquela época não sabíamos como tratar o enjoo. Lembro-me de aconselharmos que tomassem banho, ficassem de cama e às vezes dávamos tranquilizante, mas não resolvia. Tínhamos uma vitrola e aproveitávamos para usar um dos meios que se empregam em psiquiatria, a musicoterapia: muitas canções eram ouvidas, como as de Ari Barroso, por exemplo, para que os soldados melhorassem as condições psicológicas.

Ainda sobre o nosso deslocamento marítimo, ignorava a existência e ocupação de camarotes, no *General Meighs* e no *General Mann*, porque viajávamos, realmente nos porões, em beliches, de modo que não tínhamos a oportunidade, a não ser autorizados, de ir para o lado de fora, constatar tal fato. O nosso trabalho no atendimento de saúde era constante, com tarefas a cumprir, tais como o apoio a certos pacientes que haviam embarcado, problemas, às vezes, de reação sorológica positiva da sífilis; muitos soldados precisavam terminar o tratamento.

Nossos compatriotas, durante o deslocamento marítimo, padeciam de distúrbios gástricos, a intolerância provocada pela viagem e, além disso, não estavam adaptados ao paladar americano. Eram duas refeições, mas usavam muito açúcar nos alimentos, hábito que o brasileiro estranhava, pois apreciava mais o sal. Uma das refeições era servida pela manhã, mais ou menos às 9, 10 horas, e a outra somente à tarde. De modo que passava um espaço enorme sem o soldado se alimentar.<sup>239</sup> (Motta, 2001g, p. 120)

Nas viagens há sempre os que passam mal e enjoam, mas como existiam equipes de médicos, do navio e da própria FEB, não fui chamado para ajudar, não tive essa oportunidade, eu vivia mesmo a situação de combatente. De qualquer maneira nenhum problema de enjoo é bastante sério. [...]

---

<sup>239</sup> Relato do Doutor DIAZ SEBASTIÃO CAMMAROSANO, que na F.E.B. atuou como Sargento Enfermeiro da 3ª Companhia de Evacuação do I Batalhão de Saúde.

Muitos passaram muito bem e sem problema algum, mas os que tiveram mal de enjoo receberam toda a assistência do Serviço Médico, medicação e nada faltou durante a viagem.<sup>240</sup> (Motta, 2001c, p. 170)

Apesar de todas as dificuldades e pontos de tensão existentes durante o deslocamento, nota-se que alguns dos veteranos descrevem uma viagem um pouco mais confortável. Entre os motivos destacam-se a oportunidade de fazer parte dos quadros da tripulação e trabalhar durante a travessia, possuírem personalidades mais aventureiras e otimistas, ou ainda, terem feito parte de escalões supostamente mais bem organizados. O trabalho na embarcação, por exemplo, trazia algumas vantagens, como refeições ou lanches extras e a chance de poder circular pelo navio.

Ao contrário da maioria dos meus companheiros, não faço grandes restrições à viagem, sendo por isso criticado. Talvez, devido à tenra idade que tinha, na oportunidade – vinte anos, recém-feitos – tudo aquilo para mim, era uma aventura. Pelo fato de estarmos em um navio transporte, com mais de cinco mil pessoas, atravessando um oceano infestado de submarinos, com inúmeros problemas, tremenda falta de comodidade, alimentação completamente diferente, tudo isso já era esperado. Como consequência não posso levantar qualquer ponto negativo quanto à essa viagem. [...]

Para nós, portanto, a viagem de 15 dias transcorreu normalmente. Apenas, um único reparo a fazer: em face de ser muito moderno – 2º Tenente – o compartimento de embarque que me cabia cuidar, na escala de oficial-de-dia a que fomos obrigados a concorrer, era o 404L, localizado quatro níveis abaixo da linha d'água. Isso representava uma temperatura muito alta, e quase nos obrigava a permanecer completamente despidos; o que nos impedia, além do fato de estarmos de serviço, era a possibilidade de, a qualquer momento, ter que abandonar o navio.<sup>241</sup> (Motta, 2001a, p. 282)

---

<sup>240</sup> Relato do Doutor JOSÉ ALFIO PIASON, que na F.E.B. atuou como Chefe da 2ª Seção do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>241</sup> Relato do Coronel SÉRGIO GOMES PEREIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III/11º RI. Entrevista concedida em abril de 2000.

O nosso deslocamento para a Itália, que se deu a partir de 22 de setembro, foi um episódio inesquecível da minha vida. Pensar o que era um transporte de guerra com mais de cinco mil homens em cada navio: o que levava o 1º RI, o *General Mann*, o mesmo que transportara o 6º RI, e o que nos levava, cujo nome era *General Meighs*. Transporte de guerra extraordinário, muito bem preparado, muito bem organizado, com alojamento para todo mundo e com um rodízio de serviço de rancho permanente em todas as horas.

Havia duas refeições por dia e aquilo funcionava impecavelmente, assim como os exercícios de salvamento, realizados com muita seriedade, além dos serviços de escala a bordo, dos quais participava a maioria dos oficiais.<sup>242</sup> (Motta, 2001e, pp. 33-34)

Eu fazia parte da polícia militar de bordo, andava armado e tratamento, inclusive alimentar, era diferenciado. Era como a nossa polícia do Exército, um MP americano; até a braçadeira era americana. Era para policiar, dirimir dúvidas, atender o soldado, reprimir qualquer manifestação. Honestamente, ninguém era feliz a partir do pôr-do-sol, quando do escurecimento total do navio, uma medida de segurança, para reduzir risco de submarino nos torpedear; não havia felicidade, nem violão tocava.<sup>243</sup> (Motta, 2001e, p. 72)

Meu escalão, da ordem de cinco mil homens, embarcou no imenso navio *General Mann*, e partiu para a Itália numa viagem que transcorreu de forma agradável. A bordo, tive a sorte de ser chamado pelo Coronel Miranda para auxiliá-lo no serviço de policiamento e pude, nessa condição, percorrer o navio, inspecionando os compartimentos, os *decks*, sem ter que permanecer trancado, durante as noites.<sup>244</sup> (Motta, 2001a, p. 46)

---

<sup>242</sup> Relato do General-de-Divisão OCTÁVIO PEREIRA DA COSTA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Informações do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>243</sup> Relato do General-de-Divisão GERALDO DE ARAÚJO FERREIRA BRAGA, que na F.E.B. atuou como Instrutor do Depósito de Pessoal. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>244</sup> Relato do General-de-Divisão CÉSAR MONTAGNA DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Estado-Maior da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2000.

Viajamos com destino ao Teatro de Operações no navio transporte *General Mann*. Fizemos uma boa viagem, com 14 dias de duração. Tivemos boa alimentação a bordo e relativo conforto. Todos os integrantes do 2º Escalão gozavam de boa saúde. Durante a viagem, nos entretínhamos com jogos, como dama, xadrez e também com batucadas e cantorias. Houve, ainda, durante todo o tempo vários exercícios de abandono do navio em horas nunca mencionadas. Inclusive durante a noite.<sup>245</sup> (Motta, 2001f, p. 359)

Curioso é fazer a comparação com a viagem do Brasil para a Itália. Um dia após várias ameaças de partida, entramos no navio mesmo; desse momento em diante, estávamos por conta da guerra; mas não tínhamos ideia realmente do que era a guerra. Então, a turma brincava, sambava, era festa, muita diversão. [...] Por isso, a viagem toda, que durou 14 dias, para mim, foi até festiva, muito divertida. Não houve nada de mais, não tivemos nenhum contratempo; [...] Era só festa no navio.<sup>246</sup> (Motta, 2001b, pp. 96-97)

O General-de-Divisão Médico Geraldo Augusto D'Abreu e o Marechal Waldemar Levy Cardoso, além das dificuldades já mencionadas, salientam os benefícios da alimentação extra para quem teve a oportunidade de estar em serviço no navio-transporte:

O transporte da tropa foi realizado nos navios *General Meighs* e *General Mann*, embarcações de grande porte, que comportavam cinco mil pessoas, aproximadamente. No entanto, as condições de transporte de cinco mil pessoas, não eram simples. Os americanos resolveram o problema da alimentação dos navios de maneira muito prática, seja pelas rotinas seja pelas instalações. Por exemplo, os frigoríficos do navio eram perfeitos.

---

<sup>245</sup> Relato do Segundo-Tenente PEDRO PAULO DE FIGUEIREDO MOREIRA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Auxiliar de Topografia e do Serviço de Meteorologia da Bateria Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em junho de 2001.

<sup>246</sup> Relato do Doutor SILAS DE AGUIAR MUNGUBA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

A adaptação da tropa àquele transporte não foi fácil. Estranhámos as condições dos porões, os beliches e a alimentação duas vezes por dia, a não ser para aqueles que estivessem de serviço. Neste caso, faziam jus a três refeições.<sup>247</sup> (Motta, 2001a, p. 84)

A viagem foi sacrificante para a tropa pela dificuldade do fornecimento de uma alimentação diária completa e pelos contínuos blecautes. Oficiais e praças só faziam uma refeição por dia, com exceção dos militares de serviço e aqueles em serviço especial, entre os quais eu estava incluído, por ter sido designado chefe de polícia de bordo. Realmente era impossível, materialmente impossível, alimentar mais ou menos cinco mil e quinhentos homens, amontoados num porão.<sup>248</sup> (Motta, 2001a, p. 24)

A rotina nos navios-transporte incluía treinamentos para abandono da embarcação e exercícios noturnos e diurnos de simulação de ataque. A disciplina e a ordem que encontraram nos processos norte-americanos impressionou os combatentes. Para eles a disciplina não tinha mais o propósito apenas de fazer valer a hierarquia, mas ajudava a manter a grande máquina de guerra funcionando eficientemente, sendo eles uma parte da engrenagem.

Todas as rotinas das duas semanas de duração da viagem – limpeza, horários para refeições, higiene pessoal, treinamento para evacuação do navio, frequência ao convés – eram submetidas a regras rigorosas, cumpridas com zelo pelos brasileiros. Para muitos dos expedicionários acostumados a tratar a impontualidade e o descaso com os regulamentos como componentes naturais da vida na caserna, era até surpreendente sua adaptação a uma estrutura tão organizada e eficiente. Paulatinamente percebiam que a disciplina exigida a bordo não era aquela voltada para a mera exteriorização da autoridade, mas sim a forma mais prática e objetiva de

---

<sup>247</sup> Relato do General-de-Divisão Médico GERALDO AUGUSTO D'ABREU, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Triagem do Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>248</sup> Relato do Marechal WALDEMAR LEVY CARDOSO, que na F.E.B. atuou como Comandante do I Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

manter a segurança e funcionalidade de uma estrutura flutuante de mais de cinco mil homens a bordo, além da tripulação. (Andrade, 1949, p. 322 como citado em Ferraz, 2012, p. 70)

Se por um lado impressionaram-se com a eficiência, disciplina e organização do Exército dos Estados Unidos, o treinamento da artilharia a bordo e as exigências, como o uso praticamente permanente de cantis e coletes salva-vidas, traziam a possibilidade do real perigo para mais perto dos expedicionários.

O navio afastou-se da costa rapidamente. E nessa manhã mesma foi sobrevoado por um avião amigo, para o exercício antiaéreo com a artilharia de bordo atirando sobre a biruta rebocada pelo avião.

Também à tarde foi feito o primeiro e rigoroso exercício de salvamento, para o caso de torpedeamento e naufrágio. Tivemos a oportunidade de aquilatar a tragédia que seria a tentativa de salvamento em tal emergência, de 6.000 homens entaçados no bojo de um navio de 36.000 toneladas, podendo-se afirmar que mais de 60% desse efetivo estava alojado nas instalações abaixo da linha de flutuação. Como já foi descrito, esses exercícios obedeciam a normas inflexíveis, traçadas e executadas pelo comando americano do navio, auxiliado por alguns oficiais brasileiros que falavam inglês corretamente. (Brayner, 1968, p. 99)

[...] Era imperativo ter a certeza de que todas as medidas e precauções de segurança e de prontidão contra naufrágio e incêndio fossem tomadas e rigorosamente cumpridas. Assim que o navio começou a entrar em alto-mar, aguçou-se em toda a tropa a percepção de que não só íamos para a guerra mas, efetivamente, estávamos em guerra. Percebeu-se um avião que, em círculos cada vez mais fechados sobrevoava o navio, dando a impressão de que procurava uma posição mais favorável para ataca-lo. Atrás de si, rebocava um planador-alvo, conhecido como “biruta”. Iniciou-se, então, um exercício de defesa antiaérea. A artilharia do navio começou a disparar fogo cerrado contra a “biruta” que, em segundos, virou frangalhos.

Embora os artilheiros tivessem demonstrado sua destreza ao acertarem o alvo “na mosca”, por assim dizer, fiquei a imaginar a possível extensão da destruição e tragédia que,

certamente, ocorreriam se um navio, como o nosso, fosse atingido, afundando com algo em torno de seis mil homens dentro do seu bojo, principalmente ao considerar-se que, aproximadamente, dois terços desse efetivo se encontravam alojados em compartimentos abaixo da linha de flutuação. Mesmo sabendo que quem está na guerra está sempre sujeito a situações desse gênero, não é nada agradável ter pensamentos como esse.<sup>249</sup> (Motta, 2001g, pp. 282-283)

[...] a noite foi horrível como a anterior, além de um certo nervosismo resultante de severas ordens recebidas à noite, pelas quais nos mandavam andar sempre com o cantil cheio, preso ao cinto de guarnição e que também mantivéssemos os salva-vidas, mesmo quando fôssemos ao banheiro, pois daquele momento em diante estaríamos em águas bastante perigosas. [...] <sup>250</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, p. 321)

Havia rigorosa disciplina a bordo, as regras impostas pela tripulação americana sempre muito rígidas, inclusive exercícios diários. Duro mesmo era tirar plantão no andar de baixo do navio, aquele barulho das ondas a noite inteira, uma coisa impressionante. De qualquer forma chegamos à Itália muito bem.<sup>251</sup> (Motta, 2001c, p. 170)

Viajar sob o constante medo de ser atacado por submarinos do Eixo parece ter dividido a experiência dos expedicionários nos escalões enviados. Algumas narrativas afirmam que houve tentativa de afundamento ou presença de submarinos do Eixo nos radares, outras, que a travessia correu sem grandes intercorrências.

Durante a viagem, até hoje não sei se foi um mero exercício ou fato real, houve uma parada de dois navios e manobras de lançamento de bombas de profundidade. Creio que foi, realmente,

---

<sup>249</sup> Relato de AMYNTAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

<sup>250</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

<sup>251</sup> Relato do Doutor JOSÉ ALFIO PIASON, que na F.E.B. atuou como Chefe da 2ª Seção do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

ataque de submarinos. O Gen. Falconiere, sempre 'gozador', indagado por mim sobre o que acontecera, respondeu: - "Não foi nada. Foi a cauda do leão que se enroscou na hélice". O leão era o Regimento Sampaio, que se encontrava em outro navio transporte. Sem qualquer outro incidente, entramos no mediterrâneo, via Gibraltar, e aportamos em Nápoles, onde desembarcamos. Era o dia 6 de outubro.<sup>252</sup> (Motta, 2001a, p. 24)

Por outro lado, a imponente força naval representada pelo navio-transporte e os três destroieres brasileiros, não convidava a uma tentativa de ataque. De fato, nos dias que se seguiram o radar do *General Mann* por várias vezes assinalou a presença de objetivos submersos na rota que seguíamos. Em consequência, os destroieres eram acionados e lançavam suas bombas de profundidade, atingindo ou afugentando os submarinos que se colocaram ou se preparavam para o ataque. (Brayner, 1968, p. 100)

A rotina dos exercícios de abandonar navios era cansativa, ocorria todas as tardes e o pessoal já ia de má vontade e resmungando.

No 5º ou 6º dia houve um alarme, lá pelas 10 horas da manhã, para abandonar o navio. A operação foi feita com a maior rapidez. Quando estávamos formados no convés, sentimos nosso navio em ziguezague, pudemos ver os da escolta fazendo evoluções e jogando bombas de profundidade, pois fora detectada a aproximação de submarinos inimigos. Passadas quase duas horas, com todo o pessoal atento e preocupado, fomos dispensados para o retorno aos compartimentos. A partir desse dia, os exercícios do Cel. McNair passaram a ser feitos com menos reclamações e mais atenção.<sup>253</sup> (Motta, 2001a, p. 222)

---

<sup>252</sup> Relato do Marechal WALDEMAR LEVY CARDOSO, que na F.E.B. atuou como Comandante do I Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>253</sup> Relato do Coronel SÉRGIO FARIA LEMOS DA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Linha de Fogo da 1ª Bateria de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

A travessia marítima Rio-Nápoles foi feita através de uma linha quebrada, isso porque a embarcação, descrevendo uma trajetória em ziguezague, dificultava a ação dos submarinos inimigos. O contingente embarcado do 2º escalão da FEB, ao qual pertenci, compunha-se de cerca de cinco mil homens. [...] Durante o trajeto parece que houve uma ou duas ameaças de submarino, tanto é que foram lançadas algumas bombas de profundidade, dando-nos a impressão de se tratar de uma ação contra submarino inimigo. [...] <sup>254</sup> (Motta, 2001a, p. 248)

Houve, também, muito exercício de “abandono de navio”. Tocavam aquelas sirenes, saíamos correndo com colete salva-vidas, aquele “coletão” desajeitado, e então ia-se para um lugar determinado junto ao bote, para um eventual desembarque. De uma feita, não foi só exercício, foi realidade! Porque, naquele momento, os navios de escolta lançaram várias bombas de profundidade para afugentar ou, se possível atingir o submarino alemão. Não acertamos, mas afugentou-se o submarino que nos queria importunar. <sup>255</sup> (Motta, 2001d, p. 270)

No sétimo dia, ouvi um estrondo tremendo, que abalou o navio. Estávamos nos beliches, eram quatro níveis de beliches. O pânico se estabeleceu. Era gente pulando do beliche, correndo para a escada, capacete rolando pela escada abaixo. O alto-falante dizia: “Calma! Calma! É treinamento.” É treinamento coisa alguma, nós queríamos era chegar lá em cima, ao convés.

No convés, a tripulação americana estava a postos. Todos os canhões guarnecidos, o 210mm na proa, o 217mm na popa, os antiaéreos nos lados. O navio era uma fortaleza. No mar, os navios da escolta se desenvolviam em linha, atirando para um determinado ponto no mar. Os mastros estavam cheios de bandeirolas de sinalização, mas não sabíamos o que significavam. Quando chegamos à Itália, soubemos que um submarino tentou atacar o comboio,

---

<sup>254</sup> Relato do Coronel JÚLIO DE PÁDUA GUIMARÃES, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>255</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

tendo sido afundado. A informação não foi dada na ocasião do ataque, porque poderia gerar medo, o que no caso de um segundo ataque poderia afetar o moral.<sup>256</sup> (Motta, 2001f, p. 327)

Para Oswaldo Gudolle Aranha, ex-combatente que atuou como tradutor durante a travessia no *General W. A. Mann*, a aproximação de submarinos inimigos parece ser um pouco mais concreta:

Houve uma ocasião em que eu, por minha função de intérprete, recebi um documento do Comando Americano do Atlântico. Foi um dos documentos mais bonitos sobre a FEB, que eu li, pois dizia: “Há dois submarinos perseguindo os navios, sendo necessário fazer o que for preciso, pois será a maior perda moral e psicológica, que os aliados vão sofrer, se os navios da FEB forem atacados.” Levei o documento ao General Cordeiro, este me disse para não divulgá-lo. Eu lhe disse que outros falavam inglês e que podiam saber. De qualquer maneira, não foi divulgado, apenas rumores. Nesse situação, quando estava em um convés mais alto, aproximou-se um destróier americano chamado *Maebol Read*. Veio direto para o nosso navio, quando chegou a uns cem metros fez três curvas rápidas e lançou duas bombas anti-submarinas. As bombas levantaram colunas de água de trinta metros de altura, foi um espetáculo fora de hora.

Próximo de mim, no convés, havia um pessoal jogando dominó. Eu fiquei vendo se vinha o torpedo, pois estava certo de que o destróier tinha feito aquilo para tentar acertar um submarino. Foi então que ouvi o pessoal dizer que tinha sido uma beleza de exercício. De fato, procuramos saber, tivemos submarinos alemães em nossa perseguição.<sup>257</sup> (Motta, 2001f, p. 203)

Para uma outra parcela da tripulação a travessia correu sem grandes interrupções e sem a presença de inimigos. As ações militares que aconteceram, tratavam-se apenas de exercícios preventivos realizados à bordo.

---

<sup>256</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>257</sup> Relato do Economista OSWALDO GUDOLLE ARANHA, que na F.E.B. atuou como Soldado Intérprete e motorista da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2001.

Ao longo do percurso marítimo, participamos de exercícios de salvamento, quase todas as noites durante ou durante o dia. Uma sirene tocava, anunciando inimigo à vista. Colocávamos os coletes e nos dirigíamos para junto dos botes, ficando em condições de descer. Mas era somente um treinamento. Jamais ocorreu qualquer surgimento de inimigo ou de outra qualquer ameaça ao navio *General Mann*.<sup>258</sup> (Motta, 2001a, p. 57)

O embarque se realizou normalmente. A viagem transcorreu sem problemas. Não tive conhecimento da ameaça de submarinos. Os treinamentos de abandono de navio, que ocorriam frequentemente, foram bem assimilados pela tropa, apesar da confusão geral nos primeiros treinamentos.<sup>259</sup> (Motta, 2001d, p. 241)

[...] O transporte da tropa foi normal; posso dizer que foi uma viagem tranquila, pois não ocorreu sequer um incidente. Viajamos num navio transporte de tropa americano, o *General Meighs*, muito confortável, escoltado por navio de guerra. A viagem marítima durou mais ou menos duas semanas, porque o navio navegava em ziguezague e foi direto para Nápoles.<sup>260</sup> (Motta, 2001f, p. 58)

Nem só de instrução e disciplina viveram os expedicionários durante a viagem. Para apoiar a saúde mental e psicológica dos combatentes, atividades de decompressão foram realizadas em alguns escalões. Veteranos descrevem atividades lúdicas e de lazer, como a instalação de um cinema a bordo, o jogo da Linha do Equador, música e até jogos de futebol.

---

<sup>258</sup> Relato do General-de-Divisão DOMINGOS VENTURA PINTO JÚNIOR, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Obuses de 105mm do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>259</sup> Relato do Coronel IÔNIO PORTELLA FERREIRA ALVES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>260</sup> Relato do General-de-Brigada ERYX MOTTA, que na F.E.B. atuou como Comandante da 4ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

Os frequentes exercícios de artilharia de bordo contra alvos aéreos interessaram muito à tropa embarcada, transformando-se até em agradável passatempo.

Para aliviar as naturais preocupações da viagem e o cerceamento da liberdade, decorrente das medidas de segurança e escurecimento do navio, os comando dos transportes fizeram exhibir alguns filmes cinematográficos e executar programas variados de diversões, geralmente a cargo dos capelães de bordo.

A tripulação dos transportes, desde o marujo ao comandante, esmerou-se em gentilezas de toda ordem, tudo envidando para dissipar o turbilhão de saudades e apreensões. (Moraes, 1960, p. 25)

Agora, durante o dia, a própria administração do navio, o Comandante, através do serviço social, promovia uma série de manifestações agradabilíssimas. Para que ficasse registrado, distribuíram um diploma quando da travessia da Linha do Equador e promoveram show, esse tipo de que falam hoje, o “karaokê”. Em um palco os nossos companheiros cantavam, imitavam artistas americanos, imitavam artistas brasileiros. Além dos exercícios normais de abandono de navio e os de tiro de guarnição.<sup>261</sup> (Motta, 2001e, p. 72)

Fazíamos duas refeições por dia e, para distrair o pessoal, nós tínhamos roda de samba e shows improvisados. De uma maneira geral, os homens se portaram bem. [...]<sup>262</sup> (Motta, 2001d, p. 90)

Havia divertimento no salão de jogos: dama, baralho, xadrez etc. a tripulação se juntava aos companheiros mais desinibidos, e apresentava, no palco, “shows” engraçados, cômicos, piadas.

Uma novidade para mim, foi cruzar pela primeira vez a linha do Equador. Às 14h30min do dia 6 de julho de 1944, o Comandante do navio, fantasiado de Netuno, com o seu séquito –

---

<sup>261</sup> Relato do General-de-Divisão GERALDO DE ARAÚJO FERREIRA BRAGA, que na F.E.B. atuou como Instrutor do Depósito de Pessoal. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>262</sup> Relato do General-de-Brigada GABRIEL D'ANNUNZIO AGOSTINI, que na F.E.B. atuou como Comandante de Subunidade do Depósito de Pessoal e, posteriormente, oficial de Estado-Maior do I Grupo de Obuses. Entrevista concedida em julho de 2000.

elementos da tripulação fantasiados de golfinhos, camarões, lagostas etc – cumprimentou a FEB, na pessoa do General Mascarenhas de Moraes, que em seguida, agradeceu os elogios recebidos pelo bom comportamento de nossa tropa. Após, seguiu-se um divertido batismo com água salgada dos que estavam atravessando a linha do Equador pela primeira vez, como era o meu caso.<sup>263</sup> (Motta, 2001d, p. 170)

O entretenimento a bordo, que era pouco e eu mal frequentei, constituía-se de um espaço em que haviam jogos de salão como xadrez e damas, tocava-se música e exibia-se alguns filmes antigos. Mas as pessoas gostavam, mesmo, de ficar no convés sempre acompanhadas de seu colete salva-vidas chamado *Mae West* que tinha de ser usado continuamente. No convés, então, aconteciam os papos entre amigos etc, em que sempre se faziam conjecturas a respeito do destino, para onde nós iríamos e por que não sabíamos. A maioria julgava ser o nosso destino o Norte da África.<sup>264</sup> (Motta, 2001d, p. 211)

Havia também um pouco de recreação. No meu camarote, éramos 12 – eu e mais 11 – igualmente em beliches. A gente conversava, ouvia rádio... era um ambiente muito alegre. [...]

Quando cruzamos a linha do Equador, com a participação do Comandante e tripulação do navio, houve uma festa interessante, inclusive com entrega de diploma. Outra atividade comum na travessia foi a realização de missas a bordo.<sup>265</sup> (Motta, 2001d, p. 271)

[...] Realizávamos constantes exercícios de abandono de navio, ocasião em que, dirigindo-nos para o convés, junto às barcas, descíamos e subíamos nas escadas de corda. Todos nós portávamos um “crachá” com o nome, o número do beliche e do bote de salva-vidas.

---

<sup>263</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>264</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>265</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

Apesar do desconforto e tensão, o serviço de entretenimento de bordo, com shows e cinema, era excelente.<sup>266</sup> (Motta, 2001f, pp. 238-239)

O transatlântico *General Meighs* transportou cinco mil e quinhentos homens aproximadamente. A tropa do navio era livre durante o dia, com práticas esportivas, cinema e outras atividades, porém ao anoitecer, era recolhida aos compartimentos, para que o inimigo não tivesse a oportunidade de localizar o comboio, composto por dois navios de transporte imensos, ambos com a mesma capacidade.<sup>267</sup> (Motta, 2001f, p. 280)

Mas havia outras atividades no navio, fora os exercícios. Sessões de cinema, algumas vezes à noite. Cultos católico e protestante. No décimo dia de viagem cruzamos a Linha do Equador. Foi um dia de festa. O General Cordeiro de Faria se fantasiou de Netuno e apareceu em todos os compartimentos do navio, andou no convés, para comemorar a passagem. Não foi uma viagem tão tediosa, havia sempre uma batucada, um violão, um pandeiro.<sup>268</sup> (Motta, 2001f, p. 328)

Às 14 horas atravessamos a Linha do Equador; a esta hora, um conjunto musical da minha Unidade começou a tocar uns “sambinhas” e dentro em pouco estava formado um verdadeiro carnaval, onde quase todos cantavam e dançavam, a animação era tanta que até soldados que estavam passando mal, sem forças sequer para ir ao rancho, sendo necessário que se lhes levasse à cama uma maça em cada refeição, até estes homens criaram coragem, esquecendo-se de que estavam doentes, entrando no samba com grande animação. Neste momento, fomos filmados pelo correspondente de guerra.

---

<sup>266</sup> Relato do Major ADÃO DE ANDRADE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 5ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>267</sup> Relato do Capitão DIVALDO MEDRADO, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante do 1º Grupo de Combate do 2º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>268</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

Ao atravessarmos a Linha do Equador, foi realizada uma solenidade pela tripulação americana, uma espécie de batismo dos soldados, pois vinham diversos americanos fantasiados de Netuno e não sei mais o que, jogando água nos homens. O negócio estava muito sem graça, mas rimos muito em consideração a eles. [...] <sup>269</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, pp. 320-321)

[...] Durante a viagem fomos instruídos sobre como proceder em caso de ter que abandonar o navio. Todos deveriam carregar salva-vidas, o cantil cheio e teriam que usar fardamentos mais leves, como um macacão. Eram frequentes os exercícios de simulação de abandono de navio. A cada dia, o tempo do pessoal se preparar e tomar as posições para se colocar de frente aos barcos salva-vidas diminuía. A bordo tínhamos, também, serviço religioso e cinema, só que os filmes todos eram passados em inglês e como poucos dominavam o idioma, cada um interpretava como queria. [...] <sup>270</sup> (Motta, 2001c, pp. 67-68)

Lembro-me de um entretenimento, propiciado por um *punching ball*, para treinar um pouquinho de boxe, mas a maior diversão era ver o americano soltar balão e depois tentar acertar com a metralhadora. Nem sei quantos tiros eles davam para acertar um balão daqueles! <sup>271</sup> (Motta, 2001, p. Tomo 3, 132)

[...] Acabei porteiro do cinema; a minha função era fiscalizar na porta, entravam oito, saíam oito. Seção contínua, o mesmo filme, jogo, lutas de boxe. Por esse encargo no cinema, tive a sorte de receber almoço e, às vezes até umas frutas. <sup>272</sup> (Motta, 2001c, p. 215)

---

<sup>269</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

<sup>270</sup> Relato do Coronel JAIRO JUNQUEIRA DA SILVA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>271</sup> Relato do Doutor EPAPHAROL SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>272</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

Ainda assim, nem todos vivenciaram esta etapa mais leve da viagem. De acordo com alguns relatos, parte dos escalões não disponibilizaram essas atividades de entretenimento na travessia.

Durante a travessia, não houve na verdade nenhuma diversão, a não ser os exercícios de alarme para abandono do navio, que a princípio causavam inquietude, mas que depois serviram como válvula de escape para a tensão. (Silveira, 1989, p. 63)

Seguimos para a Itália a bordo de um navio transporte americano, o *General Meighs*, cuja rota foi um zigzague do Brasil à Europa, com a finalidade de evitar os ataques de submarinos inimigos. [...] Quanto ao entretenimento na viagem, foi nulo. [...] <sup>273</sup> (Motta, 2001f, p. 94)

Aparentemente, o lazer proporcionado durante o percurso parece ter cumprido o seu papel. Segundo as narrativas abaixo, apesar das dificuldades da travessia marítima, o moral da tropa permaneceu em alta. São identificados relatos sobre a adaptabilidade do brasileiro e do bom estado de espírito mesmo diante de tantas adversidades.

[...] A tropa se conduziu maravilhosamente bem e, a partir do momento em que entrou no navio, ganhou ânimo novo, deixou para trás as amarras, os problemas com sua vida pessoal e começou a pensar na realidade da guerra. <sup>274</sup> (Motta, 2001e, p. 34)

Seguramente 95% dos homens embarcados nunca tinham estado num navio, e uma grande parte, que vinha do interior do Brasil, só teve contato com o mar quando foi designada para servir à FEB, no Rio de Janeiro. Somava-se a isso tudo o jogar do navio, o total desconforto da viagem, o espaço extremamente exíguo, a comida diferente e a tensão causada pelo perigo de

---

<sup>273</sup> Relato do General-de-Brigada JAIR LONTRA SAMPAIO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 2ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>274</sup> Relato do General-de-Divisão OCTÁVIO PEREIRA DA COSTA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Informações do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

um torpedeamento. Pode-se ter uma ideia da provação a que foi submetida a tropa. Com surpresa, a reação foi acima da expectativa, funcionando a improvisação e a capacidade de adaptação do soldado brasileiro, que dava sua primeira demonstração de que estava em condições de enfrentar as agruras de uma guerra. (Silveira, 1989, p. 63)

No dia 27 de setembro de 1944, numa quarta-feira, às 10 horas, o navio foi alegrado com a presença do Rei Netuno, representado pelo Tenente-Coronel Moraes, com sua corte e banda de música. A alegria foi grande. Navegava ao nosso lado o barco que conduzia o Regimento Sampaio; nele seguia o General Cordeiro de Faria, Comandante da Artilharia Divisionária, que enviou o seguinte telegrama ao Infante General Falconière, que estava no nosso navio. O telegrama dizia o seguinte: “Comandante do navio instituiu um prêmio de 100 dólares a quem primeiro visse a Linha do Equador. Há motim a bordo pois os oficiais de Infantaria juram que a viram nitidamente.”

Esse telegrama não ficou sem resposta, e o General Falconière respondeu afirmando que “os artilheiros se agarram com unhas e dentes aos seus beliches com receio de choque de navio com a Linha do Equador”. As piadas continuaram a tomar conta do navio e houve quem afirmasse ter visto a Linha do Equador toda cheia de bandeiras verde-amarelas. *Nós fazemos esse relato para demonstrar inclusive o moral elevado da tropa a bordo.* [grifo nosso]<sup>275</sup> (Motta, 2001g, p. 36)

Para apoiar os visitantes da exposição na compreensão do impacto da travessia na vida dos expedicionários brasileiros, bem como situá-los espacialmente, também são selecionadas narrativas que descrevem fisicamente os navios-transporte e sobretudo, que abordam quais eram os recursos que estavam à disposição da tripulação.

---

<sup>275</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

O navio era dividido, tinha capacidade para mais de cinco mil homens, com a tripulação de 1.700. Os oficiais eram alojados em compartimentos pequenos com camas beliches, superpostas, totalizando oito ou doze. No meu caso, por exemplo, que era de 2º Tenente, eram doze camas e as praças foram alojadas em compartimentos estanques, cada um com cerca de quatrocentos beliches, interligados apenas por pequenas escotilhas e escadas. [...]

Quanto ao mais, o nosso navio era artilhado com dois canhões, se não me engano, de 105mm, um na proa e outro na popa e várias metralhadoras .20, em todo o navio. Essas armas eram guarnecidas nos exercícios chamados “postos de combate”, que eram feitos praticamente todo dia, em que nós tomávamos parte, ocupando lugares pré-determinados. Eu lembro que quando os canhões atiravam, parecia até que o navio todo estremecia. Existia os “postos de abandono”; quando era avisado pelo rádio, todos iam para escaleres previamente determinados, para serem ocupados em caso de naufrágio.<sup>276</sup> (Motta, 2001d, pp. 210-211)

O navio estava muito sujo, mas graças ao trabalho da tropa brasileira ficou rapidamente limpo. Tivemos um problema de adaptação, porque os sanitários eram abertos, separados apenas por tapumes. Mal sabíamos que mais tarde iríamos encontrar situação mais constrangedora, que era um caixão de madeira com cinco aberturas de um lado e cinco do outro, sem separação, servindo, cada uma, de sanitário.<sup>277</sup> (Motta, 2001d, pp. 229-230)

O transporte para o Teatro de Operações na Itália, no meu conceito, foi o melhor possível. Era um efetivo grande, não posso precisar a quantidade, mas era muita gente no gigantesco navio. *Estruturado de uma maneira maravilhosa para transporte de tropa, era dividido em compartimentos pequenos, absolutamente estanques, para um efetivo aproximado de cem homens. Só havia comunicação entre os compartimentos nos momentos de tranquilidade. Quando havia um sinal de presença de submarino inimigo, era dado o alarme e cada responsável*

---

<sup>276</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>277</sup> Relato do Coronel MÁRIO DIAS, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em julho de 2000.

*por compartimento fechava as comportas, de maneira que, em caso de um torpedeamento, o impacto ficaria restrito ao compartimento atingido. [grifo nosso]*

Esse era realmente um aspecto bastante tétrico, porque, a cada sinal de alarme, ficávamos na expectativa de ser o compartimento da vez, além do incômodo pela falta de circulação de ar. Os soldados, naquele desespero, postavam-se junto às aberturas dos dutos condutores, e a gente tinha que lutar terrivelmente para dispersá-los, para que todos se beneficiassem da aeração.<sup>278</sup> (Motta, 2001d, pp. 323-324)

[...] Após as cinco horas da tarde, todos éramos obrigados a nos recolher no interior do navio, para que não houvesse luz alguma que pudesse ser vista pelos submarinos inimigos. Os beliches eram estreitos, a altura entre eles era de mais ou menos meio metro e dentro dos alojamentos só existia luz vermelha, porque é a única que após ser exposta a mesma, ainda é possível enxergar à noite.

O navio era construído com divisões no sentido horizontal e no sentido vertical, composto por células e cada uma delas era dividida por paredes de aço e havia uma porta também de aço. Junto de cada porta ficava um Oficial com uma pistola na mão e se o compartimento fosse torpedeado, a ordem era fechar as portas a fim de que ele mesmo alagado, não impedisse o navio de continuar navegando, para que o resto da tropa pudesse ser salva.

É importante parar meio minuto para pensar na missão do oficial que permanecia metade da noite numa porta dessas com uma pistola na mão; eram mais de quarenta postos de sentinela.<sup>279</sup> (Motta, 2001c, pp. 55-56)

Não se podia jogar nada no mar, toco de cigarro, papel de bala, casca de fruta, nem vomitar, porque cinco mil soldados fazendo essas coisas formar-se-ia um rastro que seria seguido por

---

<sup>278</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>279</sup> Relato do General-de-Brigada MOZIUL MOREIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Chefe da 1ª Seção do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

submarinos inimigos, pois ainda torpedeavam navios no Atlântico. Tudo isso era acumulado em certos lugares e depois, durante a noite, recolhido e lançado fora ao pôr-do-sol.

Muitos enjoaram e se não podia jogar no mar, o que faríamos?

Nos banheiros e nos corredores transversais do navio, em cada aponta havia um tambor vazio e era lá que tinha que ser feito.

Agora um detalhe interessante: nesses corredores havia chuveiros e os banhos eram de água salgada, pois seria impossível o navio fornecer água doce para todos os homens. Muita gente enchia o cantil com água doce e depois tomava um “banho francês”.

As privadas eram iguais e nos corredores estavam colocadas dez ou doze bacias; na parede de frente um lavatório com espelho. As baias eram separadas em cabines laterais, mas não tinham portas, quem fazia barba, pelo espelho via o outro que estava trás, no vaso. Isso poderia ser ridículo, mas se tratava das várias dificuldades a enfrentar.<sup>280</sup> (Motta, 2001c, p. 77)

Quem quisesse fumar ia para o sanitário, um local bem grande, porque no alojamento não era permitido. Outra coisa que desagradou, principalmente aos mais velhos, é que os banheiros não tinham portas, eram abertos, o que obrigava a se fazer as necessidades na frente dos outros. Havia até uns mais velhos na minha Companhia, que só iam lá de madrugada, porque tinham vergonha.<sup>281</sup> (Motta, 2001c, p. 97)

O transporte da tropa para o Teatro de Operações trouxe um dos grandes choques de costumes que experimentei na minha vida. No navio, os sanitários não tinham portas, eram completamente abertos e isso se explica, porque, se o navio fosse torpedeado, aquelas portas poderiam

---

<sup>280</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

<sup>281</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

emperrar e alguém que estivesse dentro do sanitário ficaria preso ali e morreria afogado, sem condição de esboçar reação.<sup>282</sup> (Motta, 2001a, p. 268)

A viagem transcorreu bem, com alguns boatos da presença de submarino inimigo; bombas de profundidade foram jogadas ao mar. Como o navio viajava em ziguezague, veio um enjoo terrível. Engraçado é que pegava as pessoas que enjoavam em viagens de caminhão, os que não enjoavam em caminhões não tiveram problema e foram trabalhar na cozinha do navio, ajudar o pessoal. *Normalmente a cozinha ficava localizada à meia nau, na parte bem central do navio, onde joga menos. O balanço é maior na proa e na popa.* [grifo nosso]<sup>283</sup> (Motta, 2001c, p. 298)

Às dificuldades já citadas sobre a vida no navio-transporte, seja a adaptação às instalações do navio ou a própria rotina militar, foram somadas à falta de preparação política e ideológica dos combatente. A compreensão da guerra que participariam ou os motivos que levava o Brasil a enviá-los para terra tão distante, pareciam não ser tão claros para alguns expedicionários mesmo após o embarque. As incertezas são expostas nas narrativas abaixo.

*A 1ª divisão da FEB, pronta para ser transportada para o teatro de operações, não sabia bem o que lhe caberia representar: um capricho da ditadura ou o povo brasileiro.* [grifo nosso] Este, não tivera nenhuma forma de se manifestar. Mas, nosso pensamento se fixou exclusivamente no nome do Brasil. (Brayner, 1968, p. 67)

E assim, saindo na ponta dos pés, mas com uma firme determinação, sufocando todos os ímpetos do nosso amor próprio, honrávamos, sem alarde, o nome do Brasil, cujo governo comparecia um dia, perante a história, pelo ato que praticava.

---

<sup>282</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>283</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

Houve, é certo, entre os que partiam, quem se oferecesse, sonhando em pescar nas águas turvas da guerra. Simples calculismo ou espírito de aventura, misturados com a expectativa de vantagens materiais. Não se ouvia uma explosão de alegria ou uma tirada patriótica

A grande maioria dos quadros, dos 1º e 2º escalões, curvava-se, sem revolta, ante o imperativo do destino.

Aceitava o fato consumado como uma manifestação normal da profissão das armas.

Esses, ali estavam debruçados na amurada do *General Mann*, os olhos perdidos dentro dos binóculos, perscrutando os horizontes da saudade. (Brayner, 1968, p. 98)

Parecia-me um absurdo, partir para uma guerra, sem, ao menos, saber para onde?! Somente o vigor da juventude e uma boa dose de espírito de aventura faziam-me suportar aquele sacrifício, em nome de uma Democracia, para nós, ainda tão indefinida... Creio que falava mais alto a noção do cumprimento do dever militar, que há tão pouco tempo eu havia jurado, solenemente, frente à Bandeira, ao ingressar no Oficialato:

“Incorporando-me ao Exército Brasileiro, prometo cumprir rigorosamente as ordens das autoridades a que estiver subordinado e a dedicar-me, inteiramente, ao Serviço da Pátria, cuja honra, Integridade e Instituições defenderei com o sacrifício da própria vida!”<sup>284</sup> (Motta, 2001f, p. 118)

Também julgamos que a guerra não nos foi explicada convenientemente. Não existia a compreensão entre os nossos soldados e mesmo em nós, uma consciência capaz de nos impulsionar ou estabelecer uma dinâmica em que nos fossem explicitadas, claramente, as razões da entrada do Brasil na guerra. Cada um de nós procurava, através de argumentos convincentes, mostrar essa necessidade ao soldado. Mas, não sentimos isto no escalão de cima.

---

<sup>284</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

Penso que houve uma tentativa de preparo material que também não se consumou, mas, a realidade é que as condições do preparo moral não foram estabelecidas.<sup>285</sup> (Motta, 2001g, pp. 37-38)

A tropa não foi esclarecida suficientemente quanto às razões que determinaram a entrada do Brasil na guerra. Eu tinha conhecimento porque lia o jornal e ouvia comentários da população, sabia que o Brasil precisava reagir à agressão configurada no torpedeamento dos nossos navios. Mas nem todos percebiam isso, infelizmente o padrão do soldado era muito simples: camponeses que muito mal tinham visto uma espingarda, talvez soubessem sobre a arma mas sequer desconfiavam o que seria a guerra. Não tinham ideia do que seria necessário para combater numa guerra. Poderiam saber caçar passarinho, mas caçar passarinho é muito diferente de caçar um soldado inimigo.<sup>286</sup> (Motta, 2001c, p. 254)

Para além, durante a travessia, a aproximação da guerra e o distanciamento do que lhes era familiar, trouxeram aos expedicionários emoções e pensamentos diversificados. Entre eles a saudade, a insegurança da viagem, a eficácia do treinamento, a reação que teriam diante do inimigo e a incerteza do destino final.

Foi no momento de transpor a barra da Baía de Guanabara que surgiu aos meus olhos o Cristo Redentor, no Corcovado, já plenamente iluminado pelo Sol. Seus braços abertos me deram alento. Tive a sensação de ver na sua fisionomia serena e paternal um sorriso meigo e de ouvir de seus lábios a sublime prece: “Que Deus vos acompanhe, meus filhos!”.

---

<sup>285</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

<sup>286</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Daí a pouco, estava fora da barra. Via-se Copacabana, lá longe, o sonho de tantos e já a saudade de todos, afastar-se e esvair-se no horizonte.<sup>287</sup> (Motta, 2001g, p. 282)

Afinal, havíamos embarcado! Para onde?! Era o que todos nós continuávamos indagando, em vão, ignorantes do nosso incerto destino... Lembrei-me das advertências de alguns amigos e conhecidos, “cassandras” diárias do nosso desprendimento: “Vocês vão ser ‘bucha-pra-canhão’ ... Defesa do Nordeste, de nossas costas já tão agredidas? Tropa de ocupação na África? Mas e o armamento? Será que vamos recebe-lo?! Quais? As incertezas e a ignorância enchiam nossos pensamentos, sem demonstrar, todavia, aos demais... Não aprendemos, há pouco, com os nossos chefes, que o moral elevado e a segurança são fatores importantes à vitória?! Pois ali, ambos no faltavam!

Pensei nos meus pais, meus irmãos, Copacabana, no Rio. Fiquei estatelado!

De madrugada, embora com tanta gente, apinhada naquele porão, eu me sentia completamente só! E agora?! Será que, um dia, voltarei? [...] <sup>288</sup> (Motta, 2001f, p. 118)

Apesar de todo o preparo, existia sempre uma incerteza sobre a segurança da viagem, somada a dois aspectos que me preocupavam antes da minha entrada na linha de frente. A primeira era a incerteza do meu comportamento diante do inimigo e a segunda, o grande receio de sofrer um acidente antes de chegar o momento da participação efetiva em combate para o qual havia me preparado.<sup>289</sup> (Motta, 2001f, p. 281)

---

<sup>287</sup> Relato de AMYNTAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

<sup>288</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>289</sup> Relato do Capitão DIVALDO MEDRADO, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante do 1º Grupo de Combate do 2º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Fiquei assistindo a nossa partida, mas não sabia o destino, ninguém sabia para onde navegávamos, comentávamos que a gente iria para a Bahia receber mais instruções, era o que mais se falava:

- Nós vamos para a Bahia e de lá sairemos.

E eu assuntava:

- Mas como, se tem tanto lugar aqui no Rio, não precisa ir à Bahia para receber mais instrução!

O comentário era esse, mas fomos embora e fiquei olhando o Cristo Redentor até ele desaparecer; o navio se afastando e a imagem sumindo; foi a última visão do Brasil, o Cristo de braços abertos. Viajamos sem saber para onde e sem poder mandar correspondência, nem nada.<sup>290</sup> (Motta, 2001c, p. 283)

No dia 2 de julho, quando nos preparávamos para o café, o navio zarpou de manhã. Quem quisesse poderia sair para o convés; estávamos deixando a Baía de Guanabara. Achei muito emocionante o trânsito de barcos para Niterói e, no Forte de São João, o pessoal aglomerava e acenava. O Cristo Redentor não aparecia porque o céu estava muito nublado, mas todo mundo queria vê-lo. Era grande a comoção, sentimento que se espalhava entre nós. Logo depois o vento varreu o céu e apareceu o Cristo. Parecia que era para abençoar a FEB, todo mundo se calou, não se ouvia uma palavra, não se ouvia um sussurro, ficamos quietinhos, só olhando.<sup>291</sup> (Motta, 2001c, p. 298)

Mas a partida acabou por vir.

Finalmente, no dia 2 de Julho de 1944, “lá de cima” ouviu-se a ordem:

“Já podem subir no tombadilho!”

---

<sup>290</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>291</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

Disparamos pelas escadas estreitas, de ferro, acotovelando-nos, pressurosos, para ver “lá fora”. Cheguei, finalmente, a tempo de ver, lá longe, sumindo no horizonte, nossa querida Copacabana, ficando impossível conter as lágrimas, que nos rolavam fartas... Voltarei a vê-la, um dia?

A emoção é difícil de descrevê-la: coração apertado, lutando para ser forte, ter fé e esperança... Segurei a medalhinha de S. Judas Tadeu que a minha mãe me dera, fechei, fortemente, os olhos e... rezei...<sup>292</sup> (Motta, 2001f, p. 119)

Entre os pensamentos que surgiram a bordo, o veterano Thorio Benedro de Souza Lima, registra em seu diário de guerra certa preocupação com a capacidade de combater de seus subordinados e sua percepção sobre a consciência nacional. A guerra, concretamente, ganhava espaço nos devaneios dos expedicionários.

Tenho pensado muito na responsabilidade de um Comandante de Companhia, em tempo de guerra. Entregam a ele oficiais, cerca de 160 praças, sargentos, subtenentes para que lhes asseguremos o direito de viver, isto é, de vencer o inimigo. Precisamos dar-lhes instruções adequadas, preparar os quadros, as seções, os pelotões e dar-lhes os conhecimentos necessários a fim de que possam cumprir as suas missões da melhor maneira possível. A minha Companhia está com o efetivo completo, mas as suas condições de instrução são as mais precárias possíveis.

Entristece-nos muito e à nossa gente não existir uma consciência nacional para a guerra. Temos, no máximo, cerca de vinte mil expedicionários e, portanto, aproximadamente 250 mil pessoas que estão interessadas em nosso destino. Não há uma organização capaz de despertar o ânimo viril e guerreiro da Nação.

[...] Oxalá que o sacrifício que estamos fazendo tenha pelo menos o mérito de despertar a nossa gente e que possa dar vergonha a todos aqueles que vivem para e pelo interesse de

---

<sup>292</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

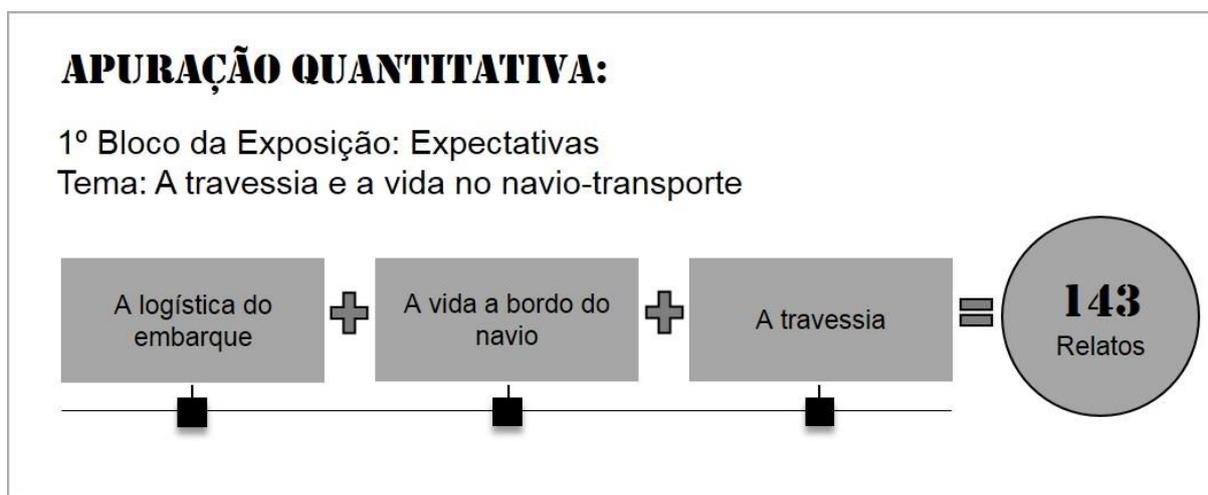
passar a vida cômoda e regaladamente. Temos certeza que seremos testemunhas de quadros inesquecíveis, viveremos cenários de dor, de agonia, de virtudes e para a vida inteira levaremos essas impressões. Será que esse sacrifício não despertará o nosso povo? Não dará a ele a extensão do esforço de uma parte de abnegados que tudo fez no cumprimento do dever? <sup>293</sup>[...] (Motta, 2001g, pp. 37-38)

E assim, sem saber ao certo os motivos que os levaram a realizar aquela grande jornada, depois de aproximadamente 15 dias de uma dura travessia marítima, chegaram ao território italiano.

Abaixo, na figura 17, é destacada a apuração quantitativa dos relatos levantados:

### Figura 17

*Apuração quantitativa da primeira etapa da exposição – Expectativas. Tema: A travessia e a vida no navio-transporte.*



*Nota.* Autoria própria.

---

<sup>293</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

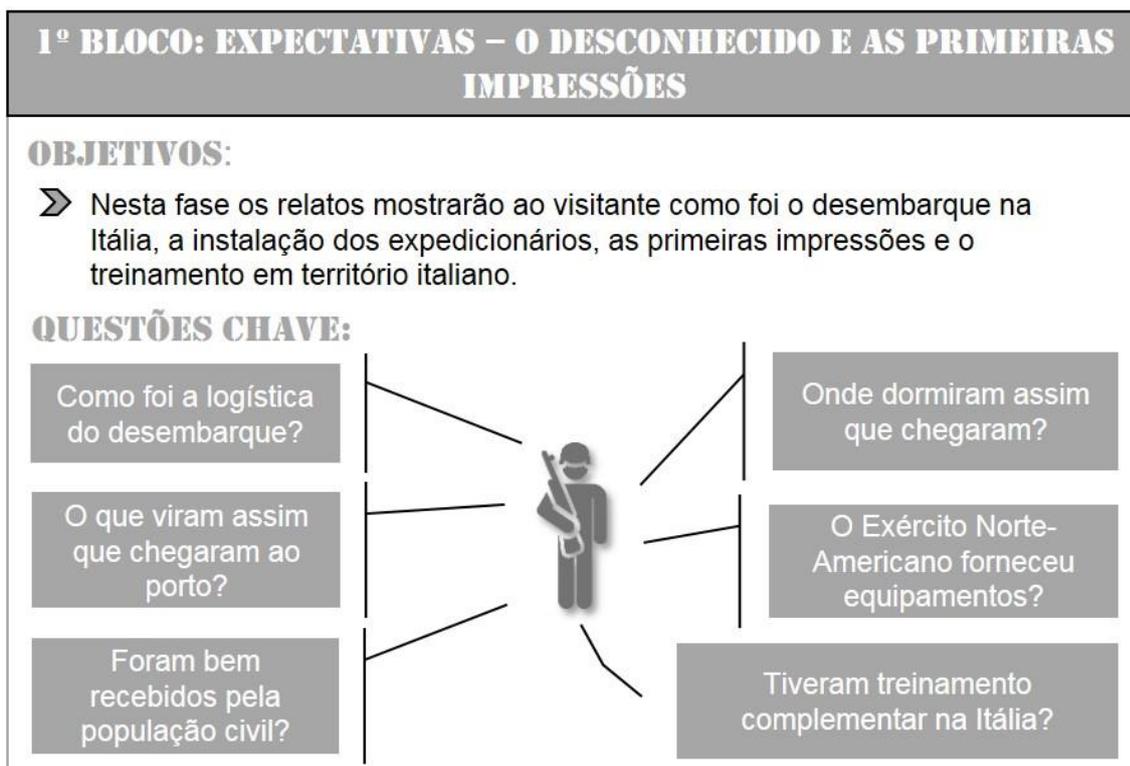
## 6.4 O DESCONHECIDO E AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Nesta etapa, evidenciam-se as primeiras impressões dos expedicionários ao chegarem à Itália. O entorno do cais, o contato com os civis, os acampamentos, o treinamento complementar, o recebimento de armamentos e por fim, o primeiro impacto com a realidade do conflito.

Para nortear a escolha dos relatos, busca-se responder através das narrativas as seguintes perguntas chave sobre a temática:

### Figura 18

*Primeira Etapa da Exposição Itinerante – Expectativas: Questões chave sobre “O desconhecido e as primeiras impressões”.*



*Nota.* Autoria própria.

Após uma dura viagem de aproximadamente quinze dias, enclausurados e com o constante medo de ataque inimigo, os combatentes brasileiros viram finalmente “terra a vista”. Os escalões

deixaram os navios-transporte em Nápoles e muitos descrevem em suas narrativas, além da troca de escoltas, a expectativa do desembarque ao aproximarem-se do continente europeu.

Os olhares parecem ter se voltado para cenários diferentes. Parte dos expedicionários dirigem sua atenção para a belíssima paisagem italiana e para a emoção da troca de escoltas. Outros já recordam a guerra infiltrando-se nesta mesma paisagem, com seus balões cativos e embarcações destruídas.

O *General Mann* cruzou o Estreito de Gibraltar. Ao entrar no Mar Mediterrâneo sentiu-se logo um alívio geral, pois com as águas mais calmas, o navio já não jogava e sacudia tanto quanto no Oceano Atlântico, o que fazia quase todos ficarem mareados e vomitarem o tempo todo.<sup>294</sup> (Motta, 2001g, p. 283)

Nesse ambiente decorreu a viagem do 1º escalão, até que na luminosa manhã de 16 de julho de 1944, com o Vesúvio à vista, entrávamos em Nápoles, nosso porto de destino.

A proporção que o *General Mann* avançava para o interior da ampla e formosa baía, três capelães militares disseram missa em ação de graças pela nossa chegada àquele porto, sem se quer registro de algum acidente desagradável.

Dessa maneira aportou ao continente europeu, em escalões sucessivos, a primeira força latino-americana destinada a combater em terras ultramar. (Moraes, 1960, p. 26)

Ao chegarmos ao Estreito de Gibraltar, formamos para assistir à despedida dos navios da escolta da Marinha brasileira; uma bela solenidade, em que os navios desfilavam junto ao nosso, com as guarnições no tombadilho e os marinheiros nos saudavam, tirando os seus bonés. O cruzador norte-americano, que pertencia à escolta, passou por nós mandando uma mensagem ótica, que foi traduzida e transmitida pelos alto-falantes: “O cruzador da Marinha de Guerra dos Estados Unidos teve a honra de escoltar os soldados brasileiros em transporte para a guerra.”

---

<sup>294</sup> Relato de AMYNTAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

Em seguida, o mesmo desfile foi feito pela escolta inglesa que assumia as funções no Mediterrâneo. Do cruzador, emitiram a mensagem: “A Marinha de Guerra de S. Majestade tem a honra de escoltar os soldados do Brasil.”<sup>295</sup> (Motta, 2001a, pp. 222-223)

Um fato muito me emocionou ao entrarmos no Mediterrâneo, através do Estreito de Gibraltar. Eram dois grandes navios-transporte, *Gen Mann* e *Gen Meighs*. Transportavam pouco mais de dez mil homens, comboiados por dois cruzadores e uns quatro ou cinco destroieres, todos americanos. Exatamente ao atravessar o estreito os transportes pararam e bem junto deles, parados também, os navios-escolta. Aqueles milhares de homens, todos muito juntos, cantaram o Deus Salve a América. Tudo isto em cenário muito bonito. De um lado, o penhasco, a fortaleza de Gibraltar. Do outro, Ceuta, famosa na história militar. Após executar as salvas, os americanos transferiram a segurança do comboio à Força Aérea Inglesa. Ela nos acompanhou até o Porto de Nápoles, onde passamos uns dois dias. [...] <sup>296</sup> (Motta, 2001d, p. 69)

A chegada a Nápoles foi um acontecimento porque logo avistamos o famoso Vesúvio. Além do vulcão, nos encantamos profundamente com a Ilha de Capri. Ao chegarmos à Nápoles, fomos para Bagnoli um subúrbio da cidade.

Minha emoção ao chegar à Itália foi muito grande, por ser filho de italianos; meu pai foi imigrante, mudou-se para o Brasil e no interior de São Paulo chegou a criar uma pequena empresa telefônica. Alegrei-me profundamente porque, depois que terminasse a guerra, teria a oportunidade de rever meus parentes, em Naurito na província de Salerno. É necessário que se diga que um dos meus tios era *proveletore dell'estudio*, Secretário de Educação, em Nápoles, ainda no tempo de Mussolini.<sup>297</sup> (Motta, 2001g, p. 121)

---

<sup>295</sup> Relato do Coronel SÉRGIO FÁRIA LEMOS DA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Linha de Fogo da 1ª Bateria de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>296</sup> Relato do General-de-Divisão HELIO PORTOCARRERO DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>297</sup> Relato do Doutor DIAZ SEBASTIÃO CAMMAROSANO, que na F.E.B. atuou como Sargento Enfermeiro da 3ª Companhia de Evacuação do I Batalhão de Saúde.

Sensibilizado com a agradável paisagem natural, o Marechal Floriano de Lima Brayner (1968), então Chefe de Estado-Maior da F.E.B., tenta expressar em palavras a deslumbrante perspectiva que abria-se à sua frente, contudo, não perdeu de vista o motivo real do desembarque dos brasileiros em território italiano: a guerra.

Dia 16 de julho. Dia de sol maravilhoso. Céu azul, em harmonia com o Mediterrâneo tranquilo, onde o sol estendera uma esteira prateada para o comboio passar.

Às 9 horas penetrávamos na Baía de Nápoles, a imensa enseada dominada pelos dois extremos da vida: Capri, a poesia, o amor, a blandícia do clima e do convite à vida; e o Vesúvio, imponente, fumarento, sempre mal humorado, como que a negar a mão aos que chegavam, mesmo timidamente, como nós, que nada queríamos da bela Itália senão fazê-la esquecer as maldades que os submarinos do Eixo praticaram na nossa costa.

Estávamos agora nos avizinando lentamente das ruínas do antigo cais de Nápoles.

As pequenas cidades e vilas, engastadas nas montanhas que emolduram a baía, ou debruçadas sobre suas águas azuis, constituíam um poema para os olhos do viajor cansado, preparando o espírito para a lenda imortal: *Vedere Napoli, poi morire*. Mas nós vínhamos preparados para morrer mais longe. Não de encantamento pela sereia dos pés do Vesúvio, mas pelas granadas, balas e minas, enviadas pelo *tedesco* aguerrido e rancoroso. (pp. 106-107)

O Marechal Brayner, não foi o único. Como mencionado, para alguns combatentes o olhar não capturou apenas o belo cenário natural italiano. Para eles, a guerra já havia se entranhado de forma nada sutil nessa mesma paisagem ensolarada e receptiva descrita por outros veteranos. Ao longe já avistaram os balões cativos e a destruição a ganhar espaço no território desconhecido.

Havia balões dirigíveis, também, que surgiram na proximidades de Gibraltar. Quando entramos no mar Mediterrâneo, foi aquela surpresa, confirmou-se nossa ida até o Porto de Nápoles. A cidade não fora assim tão bombardeada, mas o porto não tinha mais espaço, estava tudo

destruído, não havia armazéns e sim navios por toda a baía, emborcados, de ponta para cima, era uma coisa medonha.<sup>298</sup> (Motta, 2001c, p. 98)

Pela manhã, começamos a entrar no Porto de Nápoles, onde se viam mais de cem navios cargueiros e de guerra. No ar, dezenas de balões cativos. Ao divisarmos o Vesúvio, desprendia uma coluna de fumaça. O porto está minado, há muitos navios e até submarinos destruídos e submersos. A cidade, principalmente a área das ruas próximas ao Porto, está quase destruída. [...] <sup>299</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, p. 324)

Por fim, por volta das 9 horas da manhã, o *General Mann* chegou à Baía de Nápoles. Lentamente, o navio foi se aproximando do cais do porto em escombros, pontilhado de embarcação nos mais variados estados de destruição, mas não foi isso que mais me chamou a atenção. Ficamos impressionados com as centenas de balões cativos, presos a seus cabos e balançando no ar, com a finalidade de impedir o voo baixo de aviões inimigos.<sup>300</sup> (Motta, 2001g, p. 283)

Quando aproximaram-se dos portos italianos e deixaram os grandes navios-transporte, a guerra apresentou-se concretamente aos expedicionários. A primeira provação que parte dos escalões enfrentaram, foi uma dura travessia até a área de desembarque em uma embarcação militar chamada *LCI – Land Craft Infantry*. As menções ao mal estar e enjoo estão presentes nas narrativas de uma grande parte dos veteranos.

Após transbordo para embarcações de desembarque tipo *LCI (Landing Craft Infantry)*, seguimos para Livorno. Daí, em caminhões militares, para o acampamento, já instalado, na Tenuta Reale di S. Rossore. A viagem nos *LCI* foi horrorosa; nem um só homem escapou do enjoo, botando

---

<sup>298</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>299</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

<sup>300</sup> Relato de AMYNTAS PIREZ DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

“cargas ao mar”; daí a denominação dada pelos soldados a essas embarcações de “lança comida inteira”. Não preciso dizer que as rações de reserva ficaram intactas.<sup>301</sup> (Motta, 2001a, p. 24)

Chegamos à Nápoles ao amanhecer do dia 6 de outubro de 1944 e fomos transferidos para pequenos navios chamados de *LCI – Landing Craft Infantry* – com capacidade para duzentos militares. Eles se parecem com um submarino e quando chegam na margem descem duas escadas pequenas, uma de cada lado do navio. Nosso destino era o porto de Livorno, numa viagem que levaria 36 horas, pelo Mar Tirreno. A flotilha – cinquenta e poucos navios – saiu próximo do meio dia e, ao cair da tarde desse dia, além da preocupação com a aviação alemã veio se somar uma tempestade, tornando o mar revoltoso. Os navios pareciam cascas de nozes e balançavam mais do que se pode imaginar. As ondas varriam o convés e nos obrigavam a ficar trancados dentro dos compartimentos. Todos enjoaram, terrivelmente, deixando o ar insuportável. [...] um fato inusitado foi a tromba-d’água – uma coluna de água que sobe do mar e atinge mais de trinta metros – bem do lado da minha embarcação, assustando todos nós que estávamos no navio. No dia seguinte o mar estava calmo e nem parecia que tínhamos passado por tudo aquilo na véspera.<sup>302</sup> (Motta, 2001a, pp. 36-37)

Cada *LCI* transportava 150 homens e tivemos que fazer o percurso de Nápoles a Livorno nessas embarcações, porque o porto de Livorno, bastante destruído, não estava em condições de receber navios maiores, e, além do mais, a esquadra alemã estava no porto de La Spezia, mais ao norte, de onde fazia incursões no Mediterrâneo.

Antes de embarcarmos nos *LCI*, foi-nos servida uma refeição da ração “C”, que era uma lata contendo picadinho de carne moída com cenoura e batata. A fome era grande e todos comemos bem. [...]

---

<sup>301</sup> Relato do Marechal WALDEMAR LEVY CARDOSO, que na F.E.B. atuou como Comandante do I Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>302</sup> Relato do General-de-Exército RUBENS MÁRIO BRUM NEGREIROS, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Oficial de Informações do 9º Batalhão de Engenharia. Entrevista concedida em abril de 2000.

A quase totalidade do pessoal passou mal e a ração “C”, servida antes do embarque, foi quase toda devolvida aos camburões, ao chão ou no mar, conforme as possibilidades de cada um.

Depois de passar a noite inteira sob a tempestade, ao amanhecer chegamos ao porto de Livorno, bastante combalidos, mas com energia renovada para desembarcar e recuperar a disposição para o que desse e viesse, desde que fora daquela terrível embarcação.

Comentava-se que o sucesso das operações de desembarque era porque os soldados preferiam enfrentar a morte a voltar para o *LCI*.

A ração fornecida pelos americanos passou a ser chamada de “carne de barça” e, por muito tempo, foi rejeitada pelo nosso pessoal.<sup>303</sup> (Motta, 2001a, p. 223)

[...] Chegando ao porto de Nápoles, tornamos a embarcar em direção a Livorno. O porto de Livorno havia sido, praticamente, destruído durante a guerra pelos alemães em retirada e, como ali não havia a possibilidade de atracação de navios de maiores dimensões, fomos conduzidos em pequenas embarcações, [...], denominadas *LCI*. Segundo informou-me um amigo da nossa Marinha, tais embarcações são usadas para desembarque em locais onde não haja instalação portuária mais completa. Essa viagem foi extremamente penosa; [...] O grande problema, causado por um tremendo temporal, foi, mais uma vez, o enjoo, do qual quase ninguém escapou. Cheguei a um ponto em que passei, praticamente, dois dias desmaiado, completamente fora de combate durante o tempo que durou o trajeto. Contudo, quando chegamos ao porto de Livorno e a embarcação atracou, senti-me como se tivesse revivido.

Seguramente, foi para mim a maior dificuldade, o maior sofrimento que já passei em minha vida, inclusive pior do que todas as outras adversidades enfrentadas na guerra.<sup>304</sup> (Motta, 2001a, p. 248)

---

<sup>303</sup> Relato do Coronel SÉRGIO FARIA LEMOS DA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Linha de Fogo da 1ª Bateria de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>304</sup> Relato do Coronel JÚLIO DE PÁDUA GUIMARÃES, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

O nosso escalão deslocou-se desta cidade para Livorno, nas famosas barcaças. Aí tive a oportunidade de observar o comportamento dos soldados, devido ao movimento das ondas, mar encapelado, o problema de distúrbio gástrico tornou-se muito mais acentuado, voltou o mal do labirinto novamente, e eles não aguentavam ficar muito tempo em pé. Tiramos fotografias, logo nos primeiros momentos, depois não se encontrava mais nenhum soldado, senão deitado, recostado, porque não aguentavam mesmo o balanço das barcaças. Após esse deslocamento, ficamos acampados em San Rossore, localidade próxima de Pisa. Nossa satisfação inicial, no acampamento, foi a visão da famosa torre local. Nessa oportunidade, o que mais me entristeceu, ao visitar uma família italiana, foi encontrar uma criança acidentada por uma mina deixada pelos inimigos, os alemães.<sup>305</sup> (Motta, 2001g, p. 121)

[...] Depois de Nápoles fizemos uma viagem para Livorno, em barcaças que levaram vinte e quatro horas entre as cidades. Todo mundo ficou ruim, porque a comida era em latas, fria. O pessoal, com fome, comeu sem saber da viagem que iríamos fazer. As barcaças eram muito rápidas e jogavam bastante água, não houve um que não se sentisse mal, todo mundo enjoou e vomitou, jogou para fora o que tinha comido.<sup>306</sup> (Motta, 2001c, p. 113)

Fomos para Livorno em cerca de quarenta barcaças, cada uma com cerca de duzentos homens. Levamos, se não me engano, um dia e meio e no fim pegamos uma tempestade muito violenta que deixou o pessoal todo enjoado, inclusive os próprios marinheiros americanos que eram da guarnição da barcaça. Por sorte, não cheguei a ficar enjoado, bem como mais três cearenses que estavam acostumados com aquelas jangadas de mar, só nós quatro e um marinheiro, mas o próprio Tenente que era o Comandante da barcaça e o nosso Capitão também se sentiram mal.<sup>307</sup> (Motta, 2001c, p. 249)

---

<sup>305</sup> Relato do Doutor DIAZ SEBASTIÃO CAMMAROSANO, que na F.E.B. atuou como Sargento Enfermeiro da 3ª Companhia de Evacuação do I Batalhão de Saúde.

<sup>306</sup> Relato de ANTONIO GONZALES, que na F.E.B. atuou como Soldado Armeiro da Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>307</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Ciente da experiência de guerra dos militares norte-americanos, o veterano Sérgio Gomes, busca orientação de como agir na travessia para aliviar o mal-estar na jornada até terra firme. A resposta pode ter sido decepcionante:

Acho que essas barças – *Landing Craft Infantry (LCI)* – que nos levaram para Livorno, não são para “transportar gente; aquilo é coisa para animal”, porque balançavam tremendamente; todo mundo, a bordo, enjoou. O pessoal me pediu para perguntar ao comandante da barça o que se devia fazer para não enjoar. Ele era Primeiro-Tenente, americano, e fiz-lhe a pergunta solicitada; respondeu-me dizendo: “Não fazemos nada, enjoamos também.” Foram dois dias e uma noite no mar Tirreno.<sup>308</sup> (Motta, 2001a, p. 283)

Depois de superarem a primeira provação do conflito, a travessia nas barças *LCI*, os veteranos são expostos a mais impactos ao chegarem ao continente, como o choque ao presenciar o porto em ruínas e principalmente, a situação extremamente precária e triste que encontravam-se os civis italianos.

Ao chegarmos ao porto, tivemos a primeira visão da guerra, propriamente dita, porque, em Nápoles – a visão foi muito rápida –, havia muita destruição, mas Livorno nos mostrou a guerra em sua verdadeira dimensão. O porto estava completamente destruído; não havia possibilidade de barças, que são navios de pequeno porte, chegarem até o cais; desembarcava-se numa espécie de balsa. O pessoal saindo das barças, ligeiramente mareado e transportando o seu equipamento, vale dizer, no caso dos oficiais, a mala “A”, a mala “B”, o saco “C”, o bernal, o cantil, o binóculo e ... muito mais, tinha que ter cuidado para não cair n’água; “não foi um nem dois que sofreram essa queda.” [...]

Depois que terminou o período de quarentena, fomos autorizados a nos ausentar do acampamento e pudemos, então, visitar as localidades das redondezas, ocasião em que estabelecemos contato com os moradores da região. A pobreza, a miséria e a fome eram

---

<sup>308</sup> Relato do Coronel SÉRGIO GOMES PEREIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III/11º RI. Entrevista concedida em abril de 2000.

generalizadas. Essas primeiras visões deixaram todos chocados. Obviamente, depois, nos acostumamos a isso. Em Stafolli, onde ficou o Depósito de Pessoal, após o período inicial no acampamento próximo de Pisa, vimos com mais crueza esse aspecto da pobreza da população. O drama vivido pelos italianos começava na ausência do chefe de família, que teria morrido na guerra, ou fora mandado para trabalho escravo, na Alemanha. Esses primeiros contatos com a população civil nos deixaram bastante chocados.<sup>309</sup> (Motta, 2001a, p. 283)

[...] Após 14 dias de viagem, o navio *General Mann* atracou no porto de Nápoles.

Quando os pranchões recolheram o lixo do navio, diversos garotos italianos remexiam-no, em busca de algo que servisse.<sup>310</sup> (Motta, 2001d, p. 49)

[...] O trajeto de caminhão por dentro de Nápoles até o local do acampamento, deu-nos uma amostra dos horrores da guerra. Não era apenas a destruição material que impressionava; muito pior foi o retrato da destruição moral, a miséria, a fome, a desolação, o arrasamento de um povo, desorientado, sem rumo, vagando como fantasma. Fiquei perplexo e envergonhado.<sup>311</sup> (Motta, 2001d, p. 172)

Decorridos 14 dias, desembarcamos em Nápoles, onde tive a primeira impressão do que é uma guerra. Com vinte anos de idade, naquele tempo não havia filmes de guerra, o que sabia era baseado nos relatos do meu pai. No porto, víamos aquelas construções, tudo em frangalhos, destelhadas, muros caídos, arrebentados, navios afundados, os trilhos da estrada de ferro

---

<sup>309</sup> Relato do Coronel SÉRGIO GOMES PEREIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III/11º RI. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>310</sup> Relato do General-de-Exército HEITOR FURTADO ARNIZAUT DE MATTOS, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia de Fuzileiros e Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do III/1º RI. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>311</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

voltados para cima e, o mais triste, mulheres e crianças pedindo, mendigando comida, mendigando uma “guimba” de cigarro.<sup>312</sup> (Motta, 2001d, p. 271)

Meus primeiros contatos com o povo italiano ocorreram em Nápoles e também na cidade de Pisa. Inspiraram-me dó. Famintos, as mulheres muito sofridas, carregando os seus trastes em carrinhos de bebê, em bicicletas sem o pneu, pedindo coisas... senti muita pena.<sup>313</sup> (Motta, 2001d, p. 275)

[...] Quando lá desembarcamos, tivemos duas visões. A primeira foi a do Vesúvio com a fumaça que dele vinha; nós nunca havíamos visto um vulcão. A segunda, da miséria. Ali mesmo no cais, já podíamos ver o que estava acontecendo com o povo italiano. Em Nápoles, pegamos as barças *LCI* (lanchas de desembarque de Infantaria) para prosseguirmos até o porto de Livorno.<sup>314</sup> (Motta, 2001f, p. 295)

Nas ruas só se vê gente coberta de farrapos, quase nua. A maioria do povo veste-se de preto. Depois de desembarcarmos marchamos uns 30 minutos até a estação de trens subterrâneos, onde pegamos um comboio no qual viajamos perto de 20 minutos, quase que somente por baixo do solo. Depois de saltarmos do trem, isto por volta das 15h, marchamos quase duas horas por estradas de onde víamos de vez em quando, acampamentos de tropas americanas. Fizemos a marcha sentindo bastante fome, pois nos haviam servido somente uma pequena refeição no navio, às quatro horas da madrugada. Durante o deslocamento, encontramos italianos que trocavam diversos pêssegos e ameixas por dois ou três cigarros. Pareciam alucinados por cigarros, pois avançavam como leões. Encontramos nas estradas, também, caminhões com

---

<sup>312</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>313</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>314</sup> Relato do Primeiro-Tenente DALVARO JOSÉ DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Cabo e 3º Sargento de Comunicações da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em dezembro de 2000.

soldados italianos que nos imploravam um cigarro. [...] <sup>315</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, p. 324)

Os italianos ficavam com os barquinhos lá embaixo, esperando que o militar jogasse cigarros, tocos de cigarros no mar. Eles se lançavam na água para apanhar as “guimbas”. Pegavam o fumo, secavam-no e vendiam para outros italianos que tinham dinheiro. [...] <sup>316</sup> (Motta, 2001c, p. 113)

Quando nós chegamos à Itália, fomos avisados pelos americanos para tomar muito cuidado com os italianos, porque eles roubavam mesmo, o que era uma necessidade na miséria da guerra. Havia para eles falta de comida. A prostituição era fato gravíssimo, ocorrendo casos de pessoas que ofereciam na rua as mulheres da família, pois havia desaparecido o moral do povo. <sup>317</sup> (Motta, 2001c, p. 133)

Em Nápoles, fizemos o primeiro contato com o terreno desolado da Itália, à beira do cais. As edificações todas destruídas; encontrar um muro com mais ou menos um metro de altura seria difícil. Estava tudo demolido, e os barcos tinham que realizar um deslocamento sinuoso para desviar das chaminés e mastros das embarcações que estavam afundadas. <sup>318</sup> (Motta, 2001c, p. 249)

O General-de-Brigada Thorio Benedro de Souza Lima, faz alguns apontamentos sobre a implicação da guerra sobre a população civil e o desenrolar do conflito na terra natal dos próprios combatentes.

---

<sup>315</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

<sup>316</sup> Relato de ANTONIO GONZALES, que na F.E.B. atuou como Soldado Armeiro da Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>317</sup> Relato do Doutor EPAPHAROL SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>318</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Sempre me pedem a impressão sobre o que significa uma guerra pra aquela população que a enfrenta no local, isto é, o que senti de reação do povo italiano, daquele povo que vivia na frente de combate, que tinha que sair de sua casa enquanto prosseguia o ataque em determinada direção, para depois sofrer o bombardeio daqueles que já ali tinham passado, enfim, o que realmente significa para um povo, a guerra em seu território? Isto se prende a esse conceito hoje já muito difundido, de que vale a pena, muitas vezes, mandar-se uma força expedicionária com o propósito de não combater a guerra, vamos dizer, “a domicílio”.

Em face de nossa natureza emotiva, ficamos profundamente chocados e sensibilizados diante do quadro com que nos deparamos, ao desembarcar na Itália. As cicatrizes da guerra eram evidentes em todos os sentidos.

Encontramos, por exemplo, os serviços de transporte inteiramente desorganizados. Os alemães, em sua retirada, sistematicamente destruíam as obras de arte e tudo aquilo que pudesse servir, seja para restabelecer as linhas de suprimento, seja para impossibilitar o suprimento de qualquer natureza. No campo social, os choques eram muito impressionantes. Víamos crianças famintas, famílias inteiramente desorganizadas, só a presença de velhos, incapacitados, porque os mais novos estavam lutando, alguns tinham sido incorporados ao Exército e grande parte havia morrido.

A desagregação familiar era uma constante, um espetáculo constrangedor, criancinhas, meninas, disputando chocolate ou alimentos de qualquer natureza e, por outro lado, prosperava o “câmbio negro” ou “mercado negro”, altamente prejudicial, inclusive à moral dos combatentes.

Dentro ainda desse aspecto a ressaltar, do desmembramento social e familiar, queríamos caracterizar que a prostituição, o jogo e outros inconvenientes eram sempre companheiros permanentes de ambientes daquela natureza.

Julgamos que é muito acertada a ideia de estabelecer uma segurança afastada como condição básica para evitar, ao máximo, a luta no próprio território, dentro das fronteiras do país,

porque as consequências, por menores que sejam, sempre são altamente desagregadoras, em todos os sentidos.<sup>319</sup> (Motta, 2001g, p. 77)

Diante de cenário tão desolador e com poucos anos de conflito – o que supostamente poderia calejá-los emocionalmente – muitos veteranos não puderam ficar indiferentes à miséria do povo italiano. Desde os primeiros momentos em território italiano uma postura de cordialidade e generosidade parece aflorar nos combatentes no que tange a população local. Durante o conflito é construída uma relação de proximidade entre brasileiros e civis, que os viam como um meio para conseguir comida, medicamentos, roupas e etc., eram considerados, juntamente com os Aliados, os libertadores. As narrativas abaixo, exemplificam através das experiências pessoais dos expedicionários, as tentativas das tropas brasileiras em amenizar a situação difícil dos italianos já nos primeiros contatos:

[...] No meu desembarque, em Nápoles, tive uma amostra disso. Nós permanecemos mais um dia no porto, além do restante do escalão, porque houve um acidente com duas lanchas *Landing Craft Infantry*, que nos levariam para Livorno. Aliás, aí houve um fato que corrobora a identificação do brasileiro com o italiano. Estávamos separados do povo e o pessoal jogava *scatolletas*, latinhas de mantimento, *ciocolata* e *sigarreta*, para eles. Aquilo foi nos constrangendo. Aí, um soldado jogou um maço de cigarros para um garoto. Bateu na grade e caiu nos pés de um velho que agarrou o maço. O garoto segurou a garganta do velho para tomar os cigarros. Tais fatos nos emocionavam muito. Daqui a pouco, um soldado pega o violão e começa a cantar *Vivere*, canção italiana que fala da beleza da vida – a vida é bela. Foi uma choradeira geral. O Comandante do contingente que permaneceu no porto, Tenente Aldyr Araújo Quadrado mandou parar aquela manifestação, devido à choradeira geral. Uma antecipação da ligação amistosa com o povo, quando mal chegávamos.<sup>320</sup> (Motta, 2001d, pp. 317-318)

---

<sup>319</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

<sup>320</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

[...] Desde a chegada, já vinha aquela população italiana numa miséria tremenda para a beirada do cais. Nossos soldados, penalizados, pegavam suas latas de ração e atiravam para as pessoas, que as disputavam terrivelmente entre si. Eles então gritavam: “*Ei, brasiliani amici!*” Em todos os lugares por que tive a oportunidade de passar, só vi a população italiana demonstrar uma profunda alegria e um vínculo muito grande com os brasileiros. [...] <sup>321</sup> (Motta, 2001d, p. 331)

Prosseguimos por mais dois dias e chegamos a Nápoles. A cidade estava destruída, a zona portuária arruinada. Não havia luz acesa à noite. Para entrar no porto o navio zigzagueava entre navios afundados. Proas, chaminés, mastros afloravam na superfície. Foi a nossa primeira visão da guerra. No cais não havia população alguma, os americanos policiavam. Lá de cima, do convés, víamos os jipes americanos passando na avenida que acompanhava o cais. *Alguns civis italianos que trabalhavam ali pediam chocolate, cigarros. Nós jogávamos os cigarros, os chocolates, tínhamos muito.* [grifo nosso]

Depois de 14 dias de viagem estávamos doidos para desembarcar. Queríamos ir à terra. Dois dias depois desembarcamos. [...] <sup>322</sup> (Motta, 2001f, p. 328)

No entanto, é importante salientar que a experiência do primeiro escalão comparada com os escalões que chegaram posteriormente foi completamente distinta no que tange ao acolhimento inicial das tropas. Seja por não terem encontrado um acampamento montado para os receberem depois da longa travessia, seja pelo primeiro contato com a população italiana.

Os primeiros brasileiros a desembarcar não foram recebidos de maneira calorosa especialmente pelos civis italianos. Como chegaram desarmados e a tonalidade de seus uniformes era similar à do Exército Alemão, a população presumiu que o contingente que estava desembarcando, era na verdade, formado por prisioneiros alemães. Alguns só perceberam o equívoco ao avistarem negros no meio da tropa. (Brayner, 1968; McCann, 1995; Ferraz, 2005; Maximiano, 2010)

---

<sup>321</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>322</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

Ademais, os membros do primeiro escalão precisaram realizar uma longa marcha para chegar até o local destinado para acampamento. O que por certo, após uma viagem marítima pesada, tanto nos navios-transporte como nas duras barcaças *LCI*, não lhes permitiu boa feição.

O desembarque teve início às 13:30 horas. Mal desembarcamos, fomos informados que nosso acampamento ficava na localidade de Agnano, a uma distância de um pouco mais de vinte quilômetros de Nápoles, e que para lá deveríamos seguir imediatamente. Lá, o Exército dos Estados Unidos havia estabelecido um ponto de reunião e distribuição de tropas, denominado *Staging Area 3*, localizado na cratera de extinto vulcão, o Astronia. Para chegarmos a esse ponto, teríamos que percorrer cerca de 25 quilômetros, sendo oito quilômetros a pé, e o restante do percurso por via férrea. Por volta das 14 horas, iniciamos a marcha de oito quilômetros para chegarmos à estação ferroviária de Bagnoli, onde deveríamos tomar um trem da Ferrovia Dello Stato, para nos transportar, por mais 17 quilômetros até Agnano.

No mês de julho já se fazia sentir o verão europeu. O calor era intenso e ainda tínhamos as pernas bambas do confinamento e do bamboleio do navio. A caminhada feita por mais de cinco mil soldados logo atraiu a curiosidade popular. Ao nos ver sem qualquer garbo militar, desarmados e desequipados, com a aparência cansada e macambúzia, andando a passos trôpegos, foi motivo para que muitos indagassem: “*Sono prigioneri?*”, e que outros gritassem com sarcasmo: “*Brutti prigioneri tedeschi!*” Alguns chegaram até a nos jogar pedras.

Posteriormente, ficamos sabendo que essa animosidade se deveu a uma suposta semelhança, à distância, de nosso uniforme verde-oliva com o cinza-esverdeado do Exército Alemão.<sup>323</sup> (Motta, 2001, pp.283-284)

Após a solenidade de praxe, iniciou-se o desembarque sem nenhum armamento: os homens carregavam nas costas um saco contendo seus pertences pessoais. Como havia na área portuária tropas americanas para o serviço de polícia, aqueles soldados, totalmente desarmados

---

<sup>323</sup> Relato de AMYNTAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

e vestidos com uniformes muito semelhantes ao uniforme alemão, deram aos italianos que se encontravam no local a impressão de que eram prisioneiros alemães. Chegou até a haver algumas vaias dirigidas aos brasileiros. (Silveira, 1989, p. 64)

Para alcançar a zona de estacionamento, a tropa percorreu 25 km, parte de trem, parte a pé. Os oito quilômetros, do cais do porto à estação ferroviária, a pé, foram feitos em meio à curiosidade popular que nada tinha de simpática. E como a tropa estava desarmada e desequipada, com a fisionomia macambúzia e assustada, muitos populares indagavam:

- São prisioneiros? ... (Brayner, 1968, pp. 109-110)

O relacionamento com a população local foi muito interessante. Desde que nós desembarcamos em Nápoles, com aquela cor verde do uniforme, que era a cor dos uniformes alemães, os civis que nos viam, olhavam desconfiados. Alguns diziam “*tedesco! tedesco!*”, isto é, alemães. Muitos perguntavam a nossa origem, pois há pouco tempo os alemães tinham, saído de lá. Mas nós tomávamos uma cidade e a população, que nos recebia de braços abertos, dizia que os alemães eram muito maus, pois tinham levado vacas, porcos, roupas, tudo deles. [...] <sup>324</sup> (Motta, 2001d, p. 215)

Em seguida, nos deslocamos a pé até a estação ferroviária, passando, mais ou menos, a um quilômetro ou a um quilômetro e meio do centro da cidade. No começo, os italianos, que estavam por ali, achavam que éramos prisioneiros dos americanos, porque o nosso fardamento era semelhante ao dos alemães, só as platinas eram diferentes. Com o passar dos dias, ficaram sabendo que era tropa nova que estava chegando. <sup>325</sup> (Motta, 2001c, p. 98)

---

<sup>324</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>325</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Quanto à população local, de um modo geral, acolheu bem os soldados brasileiros; apenas com o primeiro escalão houve um certo constrangimento, porque o uniforme se parecia com o do alemão. [...] <sup>326</sup> (Motta, 2001c, p. 154)

[...] Mas antes de chegarmos à estação para tomar o trem, os italianos começaram a atirar pedras em nós. Pensavam que éramos alemães, porque o nosso fardamento tinha quase a mesma cor do uniforme dos alemães e eles gritavam:

*- Tedesco! Tedesco!*

E atiravam pedras, tudo que eles tinham nas mãos atiravam contra nós e nos chamavam de *tedesco*. <sup>327</sup> (Motta, 2001c, pp. 283-284)

A dificuldade em identificar os brasileiros pela cor de seus uniformes, não ficou restrita apenas à população de civis italianos. A F.E.B. viu-se em apuros para identificar até mesmo “os seus”, sendo vítima de “fogo amigo” ocasionalmente durante o conflito.

Fui embora. Lá ia eu “tranquilão”, todo fagueiro, para a minha Unidade, que ocupava a posição de combate. Quando cheguei à linha de contato, estava como eu sempre andava na guerra, sem capacete, e com um gorrinho de lã verde, que eu tinha apanhado de um prisioneiro. Lembro-me que, na ocasião, eu lhe dissera: “Você está prisioneiro mesmo, não vai mais precisar. Dá-me esse gorrinho que é para esquentar a minha cabeça”.

*Com aquele nosso uniforme, gorrinho e lourinho, pois eu era loiro na época, imaginem com o que eu fui confundido.* [grifo nosso] Ao aproximar-me da linha de vigilância o sentinela gritou de lá: “Pare e avance a senha!” Eu não sabia a senha do dia e berrei: “Não atire! Eu sou o Tenente Dantas Borges, das Transmissões”. Mas o sentinela não queria “papo”: “Ou diz a

---

<sup>326</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>327</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

senha ou eu atiro”. Apelei para que ele mandasse chamar o sargento Comandante do Grupo de Combate antes de atirar. Felizmente, o sargento me conhecia e a “mão amiga” me salvou.<sup>328</sup> (Motta, 2001d, p. 185)

A FEB seguiu para a Europa usando uniforme de brim, verde-oliva, feio e mal feito – apelidado de “Zé Carioca”. Com a chegada do inverno (final de 1944), foi socorrida pelo Exército do “Tio Sam” que a abasteceu com seus magníficos uniformes. [...] a cor verde-oliva era muito semelhante à tonalidade do uniforme comum do Exército alemão. Por isso, é muito possível que “pracinhas” brasileiros tenham sido vítimas dessa semelhança de uniforme!

Conta-se que, num de seus ataques a Monte Castelo, os americanos da 10ª Divisão de Montanha, chegaram a atirar contra brasileiros, pensando que fossem alemães.<sup>329</sup> (Motta, 2001f, p. 222)

As tropas aliadas também estavam muito bem treinadas. Seu uniforme e o material que usavam era de primeira, para que eles tivessem condições de galgar morros, inclinações e, até mesmo, fazer “arapucas”, como diziam lá. Tive muito contato, principalmente, com a 10ª de Montanha porque enquanto atacavam Belvedere, nós atacávamos o Castelo. Por sinal, devido ao nosso fardamento, em um determinado momento, eles confundiram o nosso soldado com o alemão, mas através de contatos rádio e telefônico, tiramos essa dúvida.<sup>330</sup> (Motta, 2001f, p. 298)

[...] Eu estava conversando com o Tenente e ele viu o Alberto a mais ou menos cinquenta metros e disse: “Olha, você sabe de uma coisa, sargento, esse uniforme de vocês é bem perigoso, porque dessa distância aqui você vê que o capacete de fibra não é muito diferente do capacete

---

<sup>328</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>329</sup> Relato do Tenente-Coronel CELSO ROSA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Petrechos Leves da 7ª Companhia de Fuzileiros do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2001.

<sup>330</sup> Relato do Primeiro-Tenente DALVARO JOSÉ DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Cabo e 3º Sargento de Comunicações da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em dezembro de 2000.

do alemão, então a gente olha daqui e não sabe distinguir se é alemão ou não.”<sup>331</sup> (Motta, 2001, p. 157)

O Tenente Elber narra um episódio espiritualizado vivido pelo piloto Raymundo da Costa Canário, da Força Aérea Brasileira, que também viu-se confuso com a similaridade dos uniformes brasileiros e alemães.

[...] Certa vez, ao cair da noite, divisei na direção norte um P-47 que regressava soltando grandes rolos de fumaça negra; chamei a atenção do piloto e ficamos observando a aeronave que voava, ao nosso ver, um tanto descontrolada. Quando cruzou por nós, identificamos como sendo um dos nossos do “Senta Pua”. De súbito, o piloto realizou uma manobra brusca, sendo ejetado. O paraquedas abriu e pudemos acompanhar sua descida suave até o solo. O avião fez uma curva ascendente, explodindo ao chocar-se com um morro. O piloto, no chão, abandonou o paraquedas e começou a correr, causando-nos estranheza. Imediatamente informamos pelo rádio o acontecido ao comando da Artilharia Divisionária, acrescentando que ele saltara sobre nossas linhas. Dias depois soubemos tratar-se do Aspirante Raymundo da Costa Canário, do 1º Grupo de Caça, que fora abatido pela *Flack* alemã. Perguntado sobre o motivo daquela corrida, Canário explicou que, ao saltar, viu uma patrulha brasileira. Como o nosso uniforme parecia com o dos alemães, julgou haver saltado do lado errado, pondo-se a correr. Somente parou quando ouviu um palavrão proferido por um dos nossos pracinhas. (Elber, 1980, como citado em Silveira, 1989, pp. 91-92)

A semelhança da tonalidade do fardamento brasileiro com o alemão era tanta, que trouxe incerteza até na identificação dos mortos. O Coronel Waldemar Dantas Borges fala sobre o incidente:

---

<sup>331</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

Quando chegamos de volta ao acampamento, já eram 14h. À noite tivemos novos treinamentos, agora com fogo de armas, simulando ataques de ambos os oponentes. [...] Foi o momento culminante do período de instrução final da tropa brasileira do Destacamento F.E.B.

Nesse treinamento, encontramos vários corpos, que ainda não tinham sido recolhidos pelo Pelotão de Sepultamento. *Os uniformes dos alemães eram iguais aos nossos uniformes. Os rapazes, alarmados, me chamaram: “Tenente, são nossos companheiros! Há dois ou quatro mortos. Olha lá! ... São oficiais”. Eu corri, e quando vi aqueles uniformes... [grifo nosso]*

Por isso, o Tenente, no seu diário, critica esses uniformes que se confundiam com o uniforme alemão [...] <sup>332</sup> (Motta, 2001d, p. 179)

Além da confusão causada pela coloração do uniforme brasileiro, a qualidade inferior dos equipamentos nacionais é abordada em diversos relatos. As tropas brasileiras chegaram sem vestimenta adequada para o inverno italiano e os equipamentos, apesar da tentativa de cópia das versões americanas<sup>333</sup>, não possuíam nem de longe o padrão de qualidade exigido pelas indústrias norte-americanas, que já demandavam inclusive, datas de validade. (Maximiano, 2010)

Não eram somente fardas inadequadas para as condições climáticas que enfrentariam, ou seja, não eram só uniformes “tropicais” que precisariam ser adaptados à neve<sup>334</sup>. O problema dos itens fornecidos pelo Brasil era maior.

A falta de resistência e durabilidade foram evidenciadas já nos primeiros treinamentos. Fardas que encolheram e desbotaram, coturnos que se desmontaram com pouco uso, revelaram que, provavelmente, muitos fornecedores fizeram um bom dinheiro às custas da F.E.B. e que a indústria nacional estava aquém das grandes potências. (McCann, 1995; Maximiano, 2010)

---

<sup>332</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>333</sup> Um exemplo são os cantis que a F.E.B. recebeu. Os cantis norte-americanos eram fechados com uma rosca de plástico resistente e os cantis brasileiros eram vedados com uma rolha de cortiça que tendia a apodrecer com o tempo e não vedava o recipiente de forma adequada. (Maximiano, 2010)

<sup>334</sup> É importante pontuar que antes do envio da F.E.B., os militares que permaneceram na Itália para colher informações sobre as condições do Teatro de Operações, emitiram relatórios alertando sobre a necessidade de adaptar os uniformes brasileiros para o inverno. (Maximiano, 2010)

[...] as roupas e uniformes trazidos do Brasil, lavados a bordo do *Gen. Mann* e no estacionamento de Agnano, encurtaram desmesuradamente. Os tecidos eram, criminosamente, de péssima qualidade, e as cores não eram firmes. [...]

[...] Era o lamentável estado dos uniformes e calçados, que não tinham um mês de uso. As capas, ditas “impermeáveis”, não o eram absolutamente. As chuvas as havia encharcado e os oficiais que as portavam estavam molhados até a medula. As polainas verde-oliva, de tecido impróprio, tinham se transformado em sanfonas caídas sobre os tornozelos, alguns dos quais se apresentavam feridos e inflamados. Os coturnos na sua quase totalidade, tinham descosido as solas, tornando o uso um verdadeiro suplício nos deslocamentos prolongados. Para cumular o ridículo, o comandante da escola exibiu uma manta (cobertor) levada por um oficial nosso, cuja notória transparência denunciava que, na confecção, não existira talvez 10% de lã. (Brayner, 1968, pp. 116-117)

Para enfrentar aquele inverno rigoroso o fardamento era de baixíssima qualidade, mal feito, pesado e volumoso, de uma lã precaríssima e agravado ainda pela semelhança com o uniforme do alemão. Era um verde azulado e tipo túnica com bolso, igual ao do alemão. [...] A queda das primeiras nevascas produziu intensa euforia pela novidade, mas a seguir o rigor do frio fez sentir o seu efeito e veio o desespero. Os nossos coturnos foram se desmanchando com a umidade do inverno e conseqüente sofrimento. [...] <sup>335</sup> (Motta, 2001d, p. 330)

No acampamento, as Baterias foram separadas de um modo geral e tivemos que armar as barracas. Infelizmente, as barracas deixavam a chuva penetrar. Era uma coisa lastimável e até os americanos que estavam ali na área nos acompanhando e ajudando diziam-se surpresos com o material tão ordinário de nossa dotação. Isso tenho a impressão de que era sabotagem de alguém da retaguarda, no Brasil, pois havia gente da quinta-coluna trabalhando contra nós. Ficamos mais uns dias lá, debaixo de chuva, reclamando, como sempre: “Tenente, nós estamos

---

<sup>335</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

tomando chuva e não podemos resolver nada, mas o senhor está com uma barraca grande.” Ele respondeu que tinha tido sorte, porque os americanos lhe deram a barraca para oito pessoas, onde não chovia, mas de vez em quando também vazava água.

Bem, ficamos lá por uns três ou quatro dias e recebemos roupas mais apropriadas, como jaquetas, casacos, capas de chuva e botas para neve. [...] <sup>336</sup> (Motta, 2001c, p. 149)

Muitos expedicionários destacam o fato de terem sido equipados pelos norte-americanos e não apresentam reservas em criticar o material brasileiro recebido. Algumas narrativas sobre as fardas brasileiras são carregadas de humor:

Nós chegamos lá pelados. A roupa era assim, ó: aquele brim brabo nosso. A bota? Que bota, nada! Nós tínhamos uma perneira e uma botina que, quando a neve batia deste lado, saía do outro lado. Não valia nada. Aí o americano mandou pagar o bate-bute pra todo mundo. Tu vê aqui na fotografia, todo mundo de bate-bute. Pensa que é brasileiro? Tudo americano! <sup>337</sup> (Parcianello, 2000, como citado em Maximiano, 2010, p. 378)

[...] Vestuário, por exemplo. O General Zenóbio teve a coragem de nos mandar com aquela roupa “jegue”, sem recorte, uma coisa feia. A gente desfilou com “aquilo”. <sup>338</sup> (Motta, 2001a, p. 63)

[...] No dia que recebemos a jaqueta foi uma festa, pois todas as outras unidades já haviam recebido. Nós permanecemos com o mesmo uniforme que embarcamos no Rio, aquele uniforme de “Sábado de Aleluia”. <sup>339</sup> (Motta, 2001f, p. 101)

---

<sup>336</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>337</sup> Relato do veterano OLÍMPIO FERNANDES PARCIANELLO, que na F.E.B. atuou no 1º Esquadrão de Reconhecimento – Cavalaria. Entrevista concedida em 2000.

<sup>338</sup> Relato do General-de-Divisão DOMINGOS VENTURA PINTO JÚNIOR, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Obuses de 105mm do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>339</sup> Relato do Coronel ADHEMAR RIVERMAR DE ALMEIDA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Operações e Comandante de Bateria de Comando do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2001.

A nossa apresentação, hoje, melhorou 200%. Conversando com os soldados, digo a eles: “Vocês estão com uma ‘roupinha’ bem boa, precisavam ver a nossa, o quepe, a túnica e umas polainas que machucavam as pernas. Assim era a nossa farda.”<sup>340</sup> (Motta, 2001c, p. 118)

A admiração pelo equipamento fornecido pelo Exército dos Estados Unidos também é abordada pelos veteranos. Nota-se nessa pesquisa, que grande parte dos relatos caracterizam o suporte dos norte-americanos de maneira positiva e não como uma relação de dependência.

Foi no Depósito que recebemos todo o equipamento e fardamento para a guerra, como galochões para a neve, coturnos americanos, *combat jacket*, *field jacket*, capote, gorros, luvas e meias de lã, enfim tudo foi recebido lá, porque o nosso fardamento não era adequado ao Teatro de Operações. Inclusive, tinha uma cor verde acinzentada, muito semelhante ao do uniforme do alemão. No final da guerra, eu mesmo fui confundido várias vezes por italianos como sendo *tedesco*.<sup>341</sup> (Motta, 2001d, pp. 59-60)

O equipamento individual, fardamento etc., era de ótima qualidade. A tropa brasileira foi muito bem protegida contra o frio. Tínhamos quase cinco mantas brasileiras que nos haviam fornecido e de nada adiantavam. Numa única manta americana, cem por cento lã, resolveu o assunto. Outra coisa de muita utilidade foi o *Field Jacket*, um capote também americano de cor verde bege e que nos aquecia totalmente.

Havia também o saco de dormir, botas de couro e galochas, tudo revestido de lã em seu interior e impermeabilizado externamente. Ficávamos, em pleno frio, com os pés molhados, mas era de suor. Bem alimentados e agasalhados não sentimos o inverno.<sup>342</sup> (Motta, 2001d, pp. 244-245)

---

<sup>340</sup> Relato de ANTONIO GONZALES, que na F.E.B. atuou como Soldado Armeiro da Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>341</sup> Relato do General-de-Exército SEBASTIÃO JOSÉ RAMOS DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Adjunto da Seção de Inspeção do Estado-Maior. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>342</sup> Relato do Coronel IÔNIO PORTELLA FERREIRA ALVES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em julho de 2000.

Chegamos à Itália com as roupas inadequadas ao clima e de má qualidade e calçados impróprios, além de cigarros da pior qualidade. Os americanos, verificando a situação, providenciaram de imediato o suprimento de roupas e calçados adequados para enfrentarmos o inverno. Recebemos também cigarros americanos.<sup>343</sup> (Motta, 2001f, p. 94)

[...] As marmitas americanas eram melhores do que as antigas brasileiras modelo francês, seu formato pouco mais arredondado, quase oval; um gancho onde se penduravam os talheres, servia para segurar e, também fechava a marmita.<sup>344</sup> (Motta, 2001c, p. 99)

O fornecimento de equipamentos não tratou-se de um ato de simples generosidade por parte dos norte-americanos, como algumas narrativas acima podem sugerir. Como visto anteriormente, acordos como o *Lend-Lease* foram entabulados. A guerra envolvia custos e coube ao Brasil reembolsá-los posteriormente. O Marechal Brayner (1968), Chefe de Estado-Maior da F.E.B., afirma em seu livro de memórias: “os americanos só não nos cobraram o ar que se respirara porque os Bancos não podiam medi-lo”. (p. 511)

Outros veteranos também recordam:

Falando em clima adverso, como aquele inverno rigoroso que tivemos de suportar na Itália, é importante lembrar que não nos preparamos para o mesmo, viajando com os uniformes adequados a um país onde praticamente não conhecíamos o frio, a não ser alguns poucos companheiros oriundos da Região Sul. O problema foi resolvido imediatamente pelos americanos que nos cederam casacões, gorros de lã para usar por baixo do capacete, galochas forradas de

---

<sup>343</sup> Relato do General-de-Brigada JAIR LONTRA SAMPAIO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 2ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>344</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

veludo, o que, após a guerra, o País indenizou, assim como tudo mais que precisou utilizar, tudo sem exceção.<sup>345</sup> (Motta, 2001d, pp. 151-152)

[...] Considere-se que o americano entrou na guerra milionário, e saiu da guerra arquimilionário, tudo era vendido. Quem está falando é um Capitão que foi Oficial de Suprimento de Material Bélico, que recebeu 84.910 peças e conjuntos e forneceu 25.226, além de todo o material de limpeza e conservação necessário à manutenção do material distribuído. Os americanos forneciam, mas tudo nós pagamos; nada foi dado de graça. Pagamos muito abacaxi, muito ferro velho que veio para o Brasil sem valer nada. [...]<sup>346</sup> (Motta, 2001d, p. 108)

[...] Estávamos bem agasalhados com o material fornecido mediante aquisição ao governo americano. Comprado pelo Brasil, é importante que se diga. Muita gente ainda não sabe que o armamento, a comida, tudo o Brasil pagava. A participação na guerra foi toda às nossas custas, com os azares, vantagens e glórias.<sup>347</sup> (Motta, 2001d, p. 313)

Relativamente a infraestrutura para receber o primeiro contingente, os norte-americanos presumiram que os brasileiros do primeiro escalão levariam as suas próprias barracas e equipamentos pertinentes em sua bagagem. Ao mesmo tempo, os brasileiros esperaram que os norte-americanos os aguardassem com o acampamento instalado. Como resultado da falta de entendimentos e organização, o acampamento não foi estruturado antes do desembarque. Os expedicionários recém-chegados acantonaram a céu aberto em uma zona de estacionamento localizada na cratera do antigo vulcão Astronia. (McCann, 1995; Maximiano, 2010)

---

<sup>345</sup> Relato do Coronel ELBER DE MELLO HENRIQUES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>346</sup> Relato do General-de-Brigada CONFÚCIO DANTON DE PAULA AVELINO, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Suprimento de Material Bélico da 1ª Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>347</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

[...] foi iniciado o desembarque do primeiro contingente expedicionário.

A tropa, a seu turno, dirigiu-se para o estacionamento de Agnaro, próximo do subúrbio napolitano de Bagnoli, fazendo parte do trajeto a pé e parte por ferrovia.

Situava-se a área de estacionamento em aprazível bosque, plantado em ampla cratera do vulcão Astrônia, e que fora, há tempos, utilizado como local de caça pelos soberanos da Itália.

A área, infelizmente, não fora preparada para receber a nossa tropa.

Não havia barracas para praça, nem cozinha; por isso, a tropa utilizou a ração americana de reserva, tipo C, e teve de bivacar em meio a uma noite terrivelmente fria, o que constituiu rude teste para nossa gente.

Cedo, porém, a situação se normalizou. (Moraes, 1960, p. 27)

O primeiro acampamento foi em Agnano, pequena localidade nos arredores de Nápoles, nas vizinhanças da cratera do extinto vulcão Astronia, um lugar aprazível mas que não tinha condições de receber a tropa brasileira. Houve um desentrosamento na comunicação e os americanos encarregados de preparar a área entenderam que a tropa brasileira viria com equipamento completo. A noite chegou e a falta de barracas fez com que a tropa se alimentasse de rações de combate. Foi a primeira provação da tropa que desembarcava. (Silveira, 1989, p. 64)

Estava decidido pelo comando americano que o estacionamento seria na zona da localidade de Agnano, distante 25 quilômetros de Nápoles, na *Staging Area n° 3*, situada na ampla cratera do vulcão extinto Astronia.

Uma ferrovia passava na estação de Bagnoli, próximo da área citada. Era o nosso caminho.

Foram lançados, logo, os estacionadores para o reconhecimento do local e fixação dos acampamentos. Ai nos esperavam muitas decepções. Ao ser montado o embarque no Rio, estava assentado que o ponto de primeiro destino seria Oran, no Norte da África, cujas áreas de estacionamento estavam completamente aparelhadas para receber divisões americanas vindas dos Estados Unidos. E como não vissem problemas de acampamento, os representantes

americanos, no Rio, aconselharam a que se aliviasse o peso dos sacos A, componentes de bagagem individuais.

Na hora de a tropa seguir para Agnano, foi anunciado que lá não existiam barracas armadas ou por armar. Não havia instalações para banhos e cozinhas. Somente existiam as instalações sanitárias e três tendas para a chefia da área. Para acampar os 5.800 homens, nada! (Brayner, 1968, pp. 108-109)

Aportamos em Nápoles e fomos para a cratera de um vulcão extinto, o Astronia, em Agnano. Durante um dia, um calor de matar; distribuimos os espaços pelos pelotões. Só existia uma barraca de “10 praças” porque houvera um mal entendido e as barracas de “2 praças” não tinham sido montadas. Como não as tínhamos levado para a Itália, e por causa do calor, dormimos apenas com as “roupas de baixo”. Quando amanheceu o dia, quatrocentos e poucos brasileiros estavam no posto médico; de madrugada virou o tempo fazendo com que pegassem pneumonia. Houve gente, como o Capitão Sayão, que foi mandado para o Brasil.

A permanência no Astronia – nosso estacionamento de quarentena – foi de cerca de quinze dias. [...] <sup>348</sup> (Motta, 2001d, pp. 106-107)

A área em que ficamos, porém, era sem vegetação e tinha uma poeira fina como talco, impermeável e que se entranhava nos poros, narinas e em nossas roupas. Orientados pelos americanos, fomos definindo a área de cada Batalhão, Companhias e Pelotões. Só havia barracas para oficiais. Para a tropa, o relento. Protestamos. Dois dias depois todos tinham barracas. Inclusive a minha, que era igual à das praças, foi montada no meio do Pelotão. [...] <sup>349</sup> (Motta, 2001d, p. 172)

---

<sup>348</sup> Relato do General-de-Brigada CONFÚCIO DANTON DE PAULA AVELINO, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Suprimento de Material Bélico da 1ª Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>349</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

Quando chegamos em Nápoles não havia condução para nos transportar, fomos a pé até Bagnole-Agnaro, que ficava numa cratera dum vulcão extinto. Escolheram aquele local para acampar a tropa porque só existia uma saída. Ficamos ali, a comida só veio às 5 horas, porque para o 1º escalão ainda não tinha nada organizado, mas para o 2º já havia alguma coisa. Então, a gente teve que fazer tudo, as barracas só chegaram no outro dia. O início foi de agruras.<sup>350</sup> (Motta, 2001c, p. 235)

O Coronel Gilberto Pessanha e o Capitão Enéas de Sá Araújo, fornecem pormenores destes primeiros momentos do 1º escalão em solo italiano e destacam os pontos que marcaram a memória de muitos veteranos.

Ao penetrarmos na cratera do vulcão Astrônia, cerca das 16 horas do dia 16 de julho, deparamos com um bosque arruado, que subia pelas encostas internas, plantado num solo coberto por uma camada de pó fino que, em certos lugares, atingia a espessura de cinco centímetros; com o deslocamento da tropa ou de veículos, esse pó subia em nuvens mais ou menos densas e penetrava nas narinas, entrava pelo pescoço e grudava-se por toda parte.

Algumas barracas, tipo “10 praças”, tinham sido erguidas, havia cozinha com paredes de madeira e tela e cobertura de lona, existiam latrinas de campanha e “pontos” de água corrente, largamente espaçados, com registro. A Companhia foi orientada para área que lhe fora destinada, por um elemento do Estado-Maior da Divisão de Infantaria Divisionária, a qual dispunha, apenas de uma barraca de “10 praças”, de uma cozinha com o respectivo “ponto de água” e nada mais. A ordem era acampar, ..., mas sucedera um mal-entendido entre os elementos de “ligação” brasileiros e americanos: antes de embarcar, no Brasil, as Unidades do 1º escalão/DIE receberam ordem de não levar as barracas, já encaixotadas e prontas para a viagem, as quais nos seriam fornecidas no ponto de destino, enquanto os americanos estavam certos de que levaríamos as nossas barracas de “duas praças” ... Tivemos, então, que organizar

---

<sup>350</sup> Relato de NEWTON LA SCALÉIA, que na F.E.B. atuou como Chefe de Peça de Morteiro 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

um bivaque, distribuindo o espaço pelos Pelotões. Esta tarde, bem como a noite de 16 para 17 de julho, ficou indelevelmente marcada na memória dos componentes da Companhia de Manutenção, bem como de todo o 1º escalão/DIE:

- tomamos o primeiro contato com a Ração “C”, enlatada, fria; cujos biscoitos eram incompatíveis com a maioria das dentaduras dos brasileiros;

- pela instituição da Prece Coletiva da Companhia (aproveitando a observação feita, durante a viagem por mar, do comportamento dos homens da Companhia de Obuses do Capitão Ventura, que compartilhara do nosso porão A-404-L do navio), que, em nenhuma circunstância, deixou de ser feita, todos os dias, ao cair da noite, todos voltados de frente para o Sudeste;

- finalmente, pela tremenda queda de temperatura dentro da cratera, durante a madrugada de 17, que nos pegou dormindo apenas com as roupas de baixo e ocasionou uma correria aos sacos de roupa em busca de cobertores.

Na manhã do dia 17, após uma noite “de cachorro”, começamos a receber missões e encargos. [...] <sup>351</sup> (Motta, 2001g, pp. 88-89)

Quando chegamos só tínhamos o saco de roupa. A primeira noite passamos ao relento, cada Companhia acertou um lugar para dormir, bivacando. Tínhamos nos alimentado por volta das quatro horas da manhã, no navio. À tarde chegou um caminhão com caixas de rações “C”, americanas, umas latinhas apelidadas *Scatolettas*. Dentro delas havia várias refeições por dia; eram seis: três com feijão, batata e carne e três com bolacha e até uns dois ou três cigarrinhos, inclusive café. Nessa primeira noite recebemos somente duas latinhas, uma de comida mesmo e outra de bolachas; no outro dia começou a chegar o material de acampamento que recebemos dos americanos: barracas e, em cada duas barracas, havia um mosquiteiro por causa dos pernilongos. Cada Comandante de Grupo tinha um desinfetante que era espargido nas barracas. Tomávamos, também, uma drágea de quinino, para evitar malária, tudo isso naqueles dias que passamos no vulcão. [...]

---

<sup>351</sup> Relato do Coronel GILBERTO PESSANHA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Manutenção Leve.

Ali participamos, logo no segundo ou terceiro dia, de uma formatura, onde foi hasteada, pela primeira vez, a Bandeira Nacional em solo italiano e o General Mascarenhas de Moraes falou à tropa perfilada [...] Foi muito emocionante vê-la tremular em solo italiano.<sup>352</sup> (Motta, 2001c, pp. 98-99)

A decepção por não ter encontrado o acampamento montado para finalmente descansar após a longa travessia marítima, parece não ter impactado o Cabo Amyntas Pires, tanto quanto as dificuldades que enfrentou no navio-transporte.

O terreno onde passamos a noite ficava no fundo da cratera do vulcão extinto, numa depressão bem abaixo do nível do mar. Embora fizesse calor durante o dia, a noite que passamos ao relento foi gélida. Foram dez longas horas de frio intenso. Os homens se acomodaram como puderam no chão, embrulhados em capotes e mantas inadequados para as condições prevalentes.

No fim das contas, como diz a sabedoria popular, todo mal tem sua compensação, e restou-nos, pelo menos, o alívio de estarmos livres do aperto e do ar viciado dos porões do navio. Apesar dos pesares, nos sentimos reconfortados por termos chegado relativamente inteiros ao nosso lugar de destino e estarmos em contato direto com a natureza, podendo respirar, a plenos pulmões, o ar fresco da noite, liberto do confinamento da viagem marítima.<sup>353</sup> (Motta, 2001g, pp. 284-285)

A comparação com as experiências e instalações do navio-transporte aparece mais uma vez. Parte das estruturas montadas posteriormente no acampamento para receber os expedicionários brasileiros, como as casas de banho, são descritas pelo Tenente-Coronel Túlio Campello de Souza, então Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria.

---

<sup>352</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>353</sup> Relato de AMYNTAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

Lá pegamos um trem que nos deixou no subúrbio de Bagnole e depois, ainda a pé, subimos uma ladeira e descemos para a cratera do Astronia, um vulcão extinto e que fora parque de caça do Rei da Itália. No campo de Astronia armamos barracas. O banho passou a ser de água doce, sulfurosa. Os banheiros, feitos pelos americanos, eram barracas grandes com chuveiros. As privadas preparadas com uns caixotes de madeira que deveriam ter uns 5m x 1,5 metro, colocados sobre uma escavação com um buraco no meio da madeira.

Então era pior que no navio, porque não havia nenhum anteparo lateral e aí sentávamos com o companheiro ao lado; de manhã todo mundo fazia uma fila, só de calção. Era uma situação inibidora, mas não passamos muito tempo lá.<sup>354</sup> (Motta, 2001c, p. 78)

Ao chegarem finalmente ao território e em terra firme os combatentes já haviam sido apresentados visualmente à guerra quando avistaram os portos em ruínas, o sofrimento da população civil e a destruição das cidades no percurso até a área do acampamento. Agora já instalados em condições aquém de suas expectativas, os combatentes tiveram o primeiro contato com os sons do conflito. Vicente Pedroso da Cruz e José Alfio Piason, também membros do primeiro escalão, chocaram-se com a realidade da guerra e sua brutalidade, já na primeira noite em território italiano.

Após o desembarque, em Nápoles, no mesmo dia, fomos deslocados para um lugar onde fizemos a primeira parada: a cratera de um vulcão extinto, o Astrônia; lá tivemos a oportunidade de dormir a primeira noite, ao relento.

A FEB deveria ter levado as barracas, mas não o fizeram em virtude de um mal-entendido. Por isso dormimos ao relento e já estava meio frio.

Mas não houve problema algum; *naquela noite ouvimos os sons do primeiro bombardeio, curto, que os alemães despejaram sobre o porto de Nápoles. Ouvimos só as*

---

<sup>354</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

*explosões das granadas. O Astrônia fica distante da cidade vários quilômetros, mas de qualquer jeito deu para acordar e assustar. [grifo nosso]*<sup>355</sup> (Motta, 2001c, p. 170)

[...] No local, havia um vulcão extinto chamado Astronia. Ocupamos uma parte de sua cratera enorme.

Anteriormente fora campo de concentração, homens morreram lá. Estranho, mas nosso Serviço Sanitário ficava nas proximidades das sepulturas dos soldados. Aquele foi o primeiro contato que eu, um mocinho novo, de vinte e dois anos, tomava com estacas cravadas e capacetes de aço com perfurações. Levei um choque muito grande.

É quando se começa a amadurecer. Deixar de espantar-se com as coisas chocantes que acontecem. À noite, houve um violento bombardeio aéreo no cais do porto; assistimos a tudo, cobertos só com a manta, porque não havia chegado ainda o material de acampamento, as barracas. Só descobrimos o rosto para ver o céu coberto de balas. Foi essa a primeira recepção: aviões alemães bombardeando e o fogo antiaéreo dos aliados, tentando derrubá-los [...] <sup>356</sup> (Motta, 2001c, p. 299)

Os demais escalões, do 2º ao 5º, não passaram pelas mesmas agruras ao que o 1º foi submetido. Após a árdua viagem de *LCI*, encontraram o acampamento já montado, com instalações confortáveis e limpas. Desta forma, os relatos dos membros que compuseram esses contingentes descrevem uma recepção mais organizada e calorosa.

No porto de Livorno havia muitos balões de proteção antiaérea. Desembarcamos e seguimos, em comboio de caminhões, para o acampamento montado na Tenuta di San Rossore, antiga fazenda de reis da Itália. Lá chegando, fomos distribuídos pelas barracas de dez praças. Esse

---

<sup>355</sup> Relato do Doutor JOSÉ ALFIO PIASON, que na F.E.B. atuou como Chefe da 2ª Seção do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>356</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

acampamento em tudo se assemelhava aos de tempo de paz, com as barracas alinhadas, as cozinhas de um lado da estrada e a tropa do outro, fossas para detritos etc.<sup>357</sup> (Motta, 2001d, pp. 49-50)

Com a chegada em Livorno, fomos para a Tenuta de San Rossore, que era um campo de caça do Rei da Itália, uma área muito boa, onde as barracas já estavam montadas, nós ficamos e passamos a ter a alimentação tipicamente brasileira. [...]<sup>358</sup> (Motta, 2001d, p. 232)

Livorno é um porto pequeno, fora reconstruído pelos americanos. Desembarcamos e fomos em caminhões americanos para Tenuta di San Rossore. Era a fazenda real de San Rossore, antiga propriedade do Rei da Itália, onde ele caçava. No meio dessas terras, havia quartéis carabineiros, onde ficamos acampados.

Passamos 45 dias nesse acampamento, adaptando-nos às condições americanas de alimentação. A comida era melhor que no navio, tínhamos tudo, nada nos faltava. Quando chegamos ao acampamento, as áreas para as cozinhas já estavam preparadas, como também para as barracas de oficiais e a sargenteação. Armamos nossas barracas de duas praças no local designado.

No acampamento, a área das privadas também já estava organizada, com linhas de 12 sanitários de assentos de madeira. Tudo permaneceu sempre limpo, os americanos jogavam dois litros de cal, por dia, nos sanitários.

Admiramos, desde o início a organização americana, a qualidade da água, das cozinhas, dos sanitários. Eles colocaram caixas d'água ao longo da avenida principal, larga e arborizada

---

<sup>357</sup> Relato do General-de-Exército HEITOR FURTADO ARNIZAUT DE MATTOS, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia de Fuzileiros e Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do III/1º RI. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>358</sup> Relato do Coronel MÁRIO DIAS, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em julho de 2000.

com pinheiros, perto do nosso acampamento. A água era clorada, com a qual enchíamos nossos cantis. Os chuveiros tinham água quente. [...] <sup>359</sup> (Motta, 2001f, pp. 328-329)

O General J. B. Mascarenhas de Moraes (1960), comandante da F.E.B., destaca o bom estado do acampamento encontrado pelos 2º e 3º escalões:

Estava o Destacamento da F.E.B. em contato com o inimigo no Vale do Serchio, quando o grosso da Divisão brasileira (2º e 3º Escalões de Embarque), avaliado em dez mil homens alcançava a Área de Treinamento situada na Quinta Real de San Rossore.

Nesse antigo campo de caça da família real italiana, atraente no aspecto e vasto na extensão, contingentes brasileiros foram estacionar com o objetivo de completar a devida ambientação e realizar o adestramento militar, compatível com a feição e necessidade da frente dos Apeninos.

Nessa bela quinta real, onde pinheiros, álamos e ciprestes, plantados na planura interminável, figuravam o traçado de numerosas alamedas, os elementos componentes do 2º e 3º Escalões de Embarque, em 11 de outubro de 1944, encontraram um acampamento militar dotado de todos os recursos higiênicos e dispostos em ordem impecável. (p. 43)

Diferentemente do primeiro contingente, que não possuía referência alguma sobre a realidade da guerra, os demais escalões recém chegados voltam a sua curiosidade para a atuação dos brasileiros que chegaram antes deles e que já possuíam elementos em linha de frente no Vale do Serchio. Os veteranos relembram:

Nossa curiosidade se voltava agora para o que acontecia na linha de frente. Queríamos saber como se portavam os soldados brasileiros do primeiro escalão. As notícias nem sempre eram

---

<sup>359</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

animadoras. Muita gente já tinha morrido. Acidentes com armamento, minas encontradas em lugares inesperados, desastres com viaturas, cabeças de motoristas decepadas colocados atravessados na estrada.<sup>360</sup> (Peres, s/d, como citado em Maximiano, 2010, p. 127)

Em seguida houve a partida do 2º e 3º Escalões do Rio de Janeiro e no dia 6 de outubro o restante da FEB chegou à Itália. Nessa época, o Destacamento FEB já tinha começado a operar, de maneira que quando chegamos pudemos receber dos próprios companheiros as impressões de como era a guerra. Essas impressões, infelizmente, contribuíram para que fizéssemos uma ideia errônea, porque isso aconteceu na primeira fase da Campanha. Nela os alemães estava fazendo apenas uma ação retardadora, enquanto ganhavam tempo para terminar a organização da Linha Gótica, de maneira que a progressão inicial do destacamento FEB foi feita encontrando resistência relativamente fraca durante esse período.<sup>361</sup> (Motta, 2001c, p. 56)

Enquanto permanecíamos em Pisa, aguardando material, companheiros do Destacamento FEB que já tinham participado de combates diziam: “Rapaz, a cobra está fumando!” E como ninguém via cobra fumar, todos ficavam apavorados. Tínhamos de ir para onde já haviam morrido não sei quantos. [...] <sup>362</sup> (Motta, 2001c, p. 241)

Durante o dia aguardávamos os amigos que estavam no *front* vir nos contar as histórias, as notícias eram todas ruins. Quando víamos um colega do primeiro escalão chegando, que tinha ido à nossa frente, era uma alegria, foi uma escola, pois nos orientavam de como era a guerra realmente, e falavam que não era como ensinavam no Brasil (...) <sup>363</sup> (Silva, 2003, como citado em Soares, 2014, pp. 166-167)

---

<sup>360</sup> Relato do 3º Sargento ALCIDES CONEJEIRO PERES.

<sup>361</sup> Relato do General-de-Brigada MOZIUL MOREIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Chefe da 1ª Seção do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>362</sup> Relato de NICOLA CORTÉS NETO, que na F.E.B. atuou como Soldado Muniador da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>363</sup> Relato do Veterano AGRIPINO PEREIRA DA SILVA. Entrevista concedida à Heloisa Helena Corgosinho em 2003.

Thorio Benedro de Souza Lima, também veterano, fala da influência dos primeiros escalões sobre os combatentes que ainda não haviam sido apresentados de fato à guerra e o desejo de efetivamente entrar em combate:

Teria sido uma impressão pessoal, à época, e, quem sabe, até mereça algum reparo, mas as notícias das operações iniciais do 6º RI, com vitórias relativamente surpreendentes, retumbantes, ecoaram fortemente aqui no Brasil, particularmente pela imprensa que estava sequiosa de informações e então noticiava os grandes êxitos da Unidade. Então, o 1º e o 11º, ao chegarem à Itália, não queriam conformar-se em ficar eternamente, ou por um período muito grande, nos campos de instrução. Estavam sequiosos de entrar em ação, de tal maneira que também mandassem para cá as suas notícias. E que esse desejo de entrar logo em ação era mais ou menos generalizado. [...] <sup>364</sup> (Motta, 2001g, p. 61)

Ainda sobre as primeiras impressões vivenciadas em território italiano, também é abordada a ótica do Exército que incorporou a F.E.B. ao seu contingente, o Exército dos Estados Unidos, e dos próprios pracinhas sobre seus novos companheiros de *front*.

Quando é analisado o perfil do soldado brasileiro pertencente aos quadros da F.E.B., nota-se que relativamente ao Exército que permaneceu no país, possuía saúde e físico em melhores condições. No entanto, o que foi diferencial em território brasileiro, pareceu não impressionar o Exército norte-americano quando travaram o seu primeiro contato com a tropa do Brasil.

A viagem difícil parece ter cobrado seu preço aos expedicionários. A saúde fragilizada e as condições físicas debilitadas de alguns, levaram os oficiais dos Estados Unidos ao desapontamento quando viram o primeiro escalão.

Fontes brasileiras e norte-americanas evidenciam o estado de higiene e saúde lamentáveis das tropas ao desembarcarem, resultado este, das grandes concentrações nas embarcações. (McCann, 1995).

---

<sup>364</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

O General J. B. Mascarenhas de Moraes (1960) destaca em seu livro de memórias a questão:

As autoridades americanas se decepcionaram com o insuficiente estado sanitário da primeira tropa brasileira desembarcada em território italiano e continuaram a se decepcionar com a imprestabilidade dos uniformes, agasalhos e calçados dos brasileiros, socorridos em tempo pela ação pessoal do General Mark Clark, Comandante do V Exército. (p. 31)

As revistas médicas diárias, na primeira quinzena, descobriram cerca de duzentos expedicionários acometidos de doenças facilmente evitáveis, se outra fosse a educação sanitária da tropa. Além disso, algumas dezenas de militares brasileiros, inclusive vários oficiais, apresentaram-se com dentes em precária situação e em condições, portanto, de lhes ameaçar o equilíbrio físico.

*Pouco lisonjeira deve ter sido, naquela época, a impressão das autoridades sanitárias norte-americanas acerca do valor físico de nosso primeiro contingente expedicionário. [grifo nosso] (p. 35)*

Os relatos abaixo, de outros ex-combatentes, também evidenciam o frágil estado de saúde das tropas recém desembarcadas.

A única nota triste da viagem, infelizmente para nós, foi a constatação dos médicos de bordo, junto com os nossos médicos, de mais de trezentos dos nossos pracinhas com doença venérea.

Após quinze dias em um navio, em uma viagem que se podia fazer em seis dias, pois o navio ia em ziguezague, com uma porção de cuidados com a segurança, comendo pouco, cheguei muito fraco. Com dificuldades desci a escada do navio. [...] <sup>365</sup> (Motta, 2001d, p. 172)

---

<sup>365</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

*Com a chegada do 6º RI, inicialmente foi verificado que o estado de saúde da tropa não era ou não havia atingido o ponto desejado pelo americano. [grifo nosso] Então foi determinada uma nova inspeção de saúde em todo o contingente dos 1º e 11º RI e, com isso, fez-se um grande corte no pessoal que já estava naquelas Unidades. O Depósito de Pessoal que havia recebido outros contingentes destinados a um efetivo de substituição, com o qual deveria seguir para a Itália, foi obrigado, antes de partir para a Europa, a ceder pessoal para preencher esses claros.<sup>366</sup> (Motta, 2001g, p. 52)*

Quando o 1º escalão chegou à Itália, o Comando americano constatou muitos casos de doenças venéreas e determinou que vários médicos realizassem uma inspeção de saúde rigorosa em todos os componentes do 2º escalão, antes da partida do Rio de Janeiro.

A contaminação com a doença venérea ocorrera no Rio de Janeiro, pois, naquela época, o contágio era muito grande. Chegando à Itália, sei que muitos soldados do 1º escalão tiveram que baixar ao hospital. Por isso os americanos mandaram médicos para o quartel, em Campinho, examinar todo o pessoal que iria em seguida.<sup>367</sup> (Motta, 2001c, p. 241)

Se o Exército dos Estados Unidos não teve uma boa impressão inicial dos combatentes do Brasil, o mesmo não aconteceu com os brasileiros. As tropas brasileiras que desembarcavam impressionavam-se com o poderio bélico norte-americano, sua vastidão de recursos e logística eficiente. O que levou muitos expedicionários a não compreenderem a delonga para receber os equipamentos e armas para com efeito iniciarem a segunda etapa de seu treinamento, agora na Itália.

Muitos veteranos acreditavam na inesgotabilidade dos materiais norte-americanos. De fato, todos os recursos que avistaram nos depósitos de intendência estavam à disposição dos Estados Unidos, no entanto, já tinham seu destino final definido para garantir as operações dos meses seguintes. Não tratava-se de reserva em excesso. (Maximiano, 2010)

---

<sup>366</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

<sup>367</sup> Relato de NICOLA CORTÉS NETO, que na F.E.B. atuou como Soldado Muniador da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

O comandante da F.E.B., General Mascarenhas de Moraes, e seu Chefe de Estado-Maior, Marechal Floriano de Lima Brayner, aparentemente possuem uma outra perspectiva da situação, visto que nas primeiras semanas precisaram se deslocar de depósito em depósito para conseguir equipar adequadamente o destacamento F.E.B.

Suas narrativas parecem não mostrar grande satisfação com a dependência que se fez necessária com o Exército dos Estados Unidos, devido à falta de apoio do Brasil. Através delas é possível afirmar que em um primeiro momento houve certa tensão entre as altas patentes americanas e brasileiras.

As autoridades militares brasileiras se fizeram surdas, no Brasil, às informações colhidas em dezembro de 1943, pelo “Grupo de Observadores” enviado à Itália e África do Norte, e a outros dados, não menos importantes, comunicados pelos oficiais brasileiros junto ao V Exército.

Era sob esse vexame injustificável que a tropa brasileira iniciaria, em setembro de 1944, suas operações de guerra: armamento e munição americanos, calçado e agasalhos americanos, alimentação, quase toda americana, pois até o café, cujo grão provinha do Brasil, não podia ser aproveitado por falta de aparelhagem para torrar e moer. (Moraes, 1960, p. 31)

Não tardaram, porém, as decepções. Nós não estávamos ainda bem identificados com esses anglo-saxões, que não cultivavam amizades nem sentimentalismos. A *PBS (Peninsular Base Section)* não recebeu com agrado o nosso petítório. Nosso concurso não era tão ambicionado como muitos supunham. Os que acabavam de chegar representavam, a rigor, uma gota d’água naquele oceano humano que encharcava de sangue a velha Europa. Não devíamos ter vindo. Essa é que era a verdade fria.

Se fôssemos, por exemplo, como os sul-africanos ou canadenses, ou neozelandeses, que tudo traziam de seu país, inclusive o transporte e a escolta marítima, os americanos nos receberiam com o sorriso número 1 (um). Mas, ali estávamos somente com a carne para canhão e a grande lealdade típica do brasileiro.

A única solução era, pois, estirmos a mão ao poderoso aliado. Pedir tudo o que nos estava faltando, para pagamento posterior. (Brayner, 1968, p. 118)

Apesar de serem uma grande potência de guerra e de terem suprido a Força Expedicionária Brasileira em suas necessidades, os Estados Unidos também vivenciaram períodos de dificuldade durante a Segunda Guerra Mundial. Em meados de 1944 passaram por uma crise de abastecimento, com quedas nos estoques de munição e carência de material bélico. No final do mesmo ano sofreu, inclusive, com a escassez de pessoal treinado para preencher as baixas que se seguiram. (Maximiano, 2010)

Por meio da análise dos relatos foi possível identificar que, supostamente, alguns expedicionários não vivenciaram a escassez de suprimentos norte-americanos nos setores em que estavam incorporados. A experiência com a logística dos Estados Unidos e seus infindáveis recursos são abordados a seguir.

Em referência ao apoio logístico recebido, relembro que por várias vezes fiz comboios partindo de Stafolli para ir à Nápoles apanhar suprimentos nos Depósitos do Exército. Até hoje me impressiona a quantidade de suprimentos que havia, eram estradas ladeadas por quantidades infindáveis de equipamentos. Equipamentos de toda a natureza, viaturas, carros de combate, de Artilharia, pontões de Engenharia, tudo o que você imaginasse de material para apoio logístico havia. Fornecimento de suprimento Classe I (alimentação) era à vontade, bem como munição; os suprimentos chegavam à tropa em boas condições.<sup>368</sup> (Motta, 2001d, p. 61)

A respeito do apoio logístico devo registrar que era todo americano: munição, alimentação etc. [...]

Absolutamente, não havia problemas com munição e combustível. Sempre tínhamos a munição que necessitávamos, até sobrava. O jipe ou outra viatura nossa parava em um posto americano e era servida como se fosse americano. Serviam-nos da mesma maneira que serviam as viaturas do Exército Americano.<sup>369</sup> (Motta, 2001d, p. 137)

---

<sup>368</sup> Relato do General-de-Exército SEBASTIÃO JOSÉ RAMOS DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Adjunto da Seção de Inspeção do Estado-Maior. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>369</sup> Relato do Coronel JOAQUIM VICTORINO PORTELLA FERREIRA ALVES, que na F.E.B. atuou como Oficial de Ligação da Artilharia. Entrevista concedida em junho de 2000.

Com relação ao apoio logístico, tal como eu o vi na FEB, aponto apenas um senão. A entrega do material, quando estávamos na Tenuta de San Rossore, antes de entrar em combate, foi muito tardia. Como eu disse antes, sete viaturas, eu as recebi na véspera de ser empenhado na campanha. Os obuses só conseguiram fazer o tiro de regimagem no dia 11 de novembro, e no dia 13 partíamos para ocupar a primeira posição. A meu ver, esse foi o único senão do apoio logístico; dali para frente tivemos tudo, a tempo e a hora, na quantidade necessária. E quando chegou o inverno, a capa branca, os equipamentos para combate ao frio, capotes, cachecol, tudo isso foi-nos entregue. Para a Bateria, a ação do apoio logístico foi muito boa, a não ser naquele primeiro momento.<sup>370</sup> (Motta, 2001d, p. 285)

O apoio logístico foi bastante eficiente em todos os aspectos. Há inclusive um fato curioso, a existência de banhos quentes, água quente em cada barraca da ELO. Um apoio logístico impressionante. As peças dos aviões chegavam sempre a tempo e a hora.<sup>371</sup> (Motta, 2001f, p. 24)

O clima frio não afetou porque usávamos peças de vestuário adequadas, como um tipo de galocha para proteger os pés. Recebíamos dos americanos todo o tipo de material e equipamento de primeira qualidade. O apoio logístico funcionou muito bem. Não faltou nada, cada Companhia dispunha de dois jipes com motorista, para ir buscar o que precisasse na retaguarda, sem burocracia.<sup>372</sup> (Motta, 2001f, p. 60)

No que concerne à munição, sempre a tivemos na quantidade necessária. Houve um momento que, ao constatar que em determinada casa, por exemplo, havia uma boa quantidade de alemães, eu conduzi forte concentração de tiros sobre a mesma, empregando expressivo número

---

<sup>370</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>371</sup> Relato do General-de-Divisão OSWALDO MESCOLIN, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>372</sup> Relato do General-de-Brigada ERYX MOTTA, que na F.E.B. atuou como Comandante da 4ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

de granadas, porque sabia que munição não faltava nas Linhas de Fogo, levado, naquele momento, pelo instinto animal que a guerra fez prevalecer no comportamento do combatente. [...]

Assim, podemos concluir que o apoio logístico, sob todos os aspectos, foi um dos maiores destaques da campanha.<sup>373</sup> (Motta, 2001f, p. 133)

Talvez os militares não gostem da minha opinião, mas o que ganhou a guerra foi a logística americana, que era uma coisa espantosa. Impressionante, como eles conseguiam mandar tanta coisa: comida excelente, assistência médica, munição, gasolina, jipe e outras coisas como coca-cola, que experimentei pela primeira vez no verão da Itália.

Na *Peninsular Base Section* americana havia caminhão de todos os tamanhos, grande ou pequeno, como também dúzias de jipes, tanques, para escolher, eram filas de carros, bastava assinar um documento. [...] <sup>374</sup> (Motta, 2001f, p. 194)

[...] Creio que por causa dos contatos com os americanos eu fui de carro até um depósito de armamento que eles tinham em Pisa. Eram caixotes e mais caixotes. Alguma coisa como 5km para um lado e 5km para o outro, por 10 km ou 15 km de profundidade, de caixotes. Eram caixotes em cima de caixotes, quatro andares. Quando fomos botar gasolina no *jeep*, eles enchiam até transbordar, bastando apenas mostrar um documento. A assistência deles foi sensacional. [...] <sup>375</sup> (Motta, 2001f, p. 204)

[...] O apoio logístico foi perfeito; tanto na parte médica como na de manutenção, alimentação, material e evacuação, tínhamos o que precisássemos a tempo e a hora. Sendo que a ajuda vinda

---

<sup>373</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>374</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>375</sup> Relato do Economista OSWALDO GUDOLLE ARANHA, que na F.E.B. atuou como Soldado Intérprete e motorista da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2001.

dos americanos, era mais rápida. Quando precisávamos de algo, bastava falar com o cabo responsável por aquele lugar. Entre os brasileiros, havia mais burocracia.<sup>376</sup> (Motta, 2001f, p. 298)

Nós aprendemos muito com os americanos, assimilamos o comportamento deles, um povo mais evoluído e com muito maiores recursos. Tinham também quatro anos de experiência de guerra. Seus recursos eram fabulosos. Um Exército em que todo mundo comia Peru no Natal, no Ano Novo, no Dia de Ação de Graças e no aniversário do Presidente Roosevelt; era muito rico. Não deve ser fácil servir peru para duzentos mil homens no mesmo dia.<sup>377</sup> (Motta, 2001f, p. 337)

[...] Aliás, devo ressaltar que a comida servida lá no tempo da guerra era uma comida muito boa, isso se pode dizer, fome ninguém passou. Comíamos muito bem e com fartura, sem problema algum de alimentação, nem de abrigo e roupa, nada disso. E era tudo suprido pelo americano. Grande parte da vitória, em qualquer tipo de guerra, deve-se ao apoio logístico, que é tudo isso, remunicação, alimentação, assistência etc. Quando é eficaz, facilita a vitória. [...] <sup>378</sup> (Motta, 2001c, p. 126)

O que mais me impressionou e a todos os companheiros da FEB, foi a facilidade com que os americanos dispunham dos meios de combate, a riqueza de meios que eles tinham, coisa que nós não conhecíamos. Em áreas de combate, ao longo de quase seis quilômetros, pilhas de munição de metralhadora, de morteiro, de canhão e de todo armamento em pontos estratégicos para serem usados em caso de emergência, por exemplo. Havia gasolina à vontade, porque eles sabiam que era prioridade, havia caminhões-tanques com três mangueiras em cada lado, quem

---

<sup>376</sup> Relato do Primeiro-Tenente DALVARO JOSÉ DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Cabo e 3º Sargento de Comunicações da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em dezembro de 2000.

<sup>377</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>378</sup> Relato de DANIEL LACERDA, que na F.E.B. atuou como Sargento-auxiliar do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

precisasse de gasolina era só encher o tanque. Terminada a guerra, acabou a fartura, mas durante a guerra era só riqueza de meios, eles não poupavam.[...]

Isso que acabei de relatar, pode ajudar a quem for estudar a logística, que é muito importante na guerra. A guerra é algo muito caro, e para se pensar em uma vitória, além da bravura do soldado e de planos de combate muito bem elaborados, para ser bem-sucedido na guerra é importantíssimo uma boa estrutura logística que, no nosso caso, o americano colocou à nossa disposição, para que não nos faltasse nada.<sup>379</sup> (Motta, 2001c, p. 145)

Um aspecto sobre a campanha, que me deixou muito impressionado, foi a capacidade do americano, que assumiu toda a logística da guerra. Passei pela África, depois fui para a Europa e tudo estava funcionando rigorosamente bem, em termos de transporte, sendo que o alemão saiu, tinha destruído tudo. Os aliados chegaram e encontraram destruídas as pontes, aeroportos, estações ferroviárias, usinas elétricas, e o americano recompôs tudo. Os grandes hotéis em Roma, Turim, Bolonha, das grandes cidades, eram administrados pelo americano. Isso foi uma das coisas que mais me impressionou: a capacidade do americano que fez tudo sozinho; todas as tropas, de todas as nações, dependeram de seu apoio. [...] <sup>380</sup> (Motta, 2001a, p. 78)

Por outro lado, a abundância descrita nos relatos acima, não foi vivenciada por todos os combatentes brasileiros no decorrer da guerra. Uma parte deles destaca uma certa preocupação com a escassez, com o desperdício de munições, combustível e descreveu o que foi necessário ser feito para garantirem-se no decorrer do conflito. Estas narrativas parecem enquadrar-se mais ao período de insuficiência de meios vivido pelo Exército dos Estados Unidos, mencionado anteriormente.

Na Itália, não se teve suprimento também. Quem tinha prioridade para receber suprimento era a tropa que ia tomar parte na invasão do Sul da França, em Marselha. Nós tínhamos prioridade

---

<sup>379</sup> Relato de EWALDO MEYER, que na F.E.B. atuou como Auxiliar da 3ª Seção do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>380</sup> Relato do General-de-Divisão CARLOS DE MEIRA MATTOS, que na F.E.B. atuou como Oficial-de-Ligação e Comandante da 2ª Companhia do I/11º RI. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

dois ou três. Começamos a quebrar galho; quebrar galho e resolver os problemas. [...] Então começamos a trabalhar: montagem de viaturas e canhões; recebimento de material; inspeção ou verificação, limpeza e prova de funcionamento do armamento, em geral e distribuição às unidades. E essas, como tinham que entrar em linha, iniciaram de imediato a instrução.<sup>381</sup> (Motta, 2001d, p. 107)

Quando veio a neve, então, ficou mais difícil ainda. O material que os americanos forneciam era o que sobrava deles; eu, por exemplo, não vi nenhum *very light*, que deveriam ter fornecido ao Pelotão. O *very light*, conforme a missão de uma Patrulha, é importantíssimo. Chegaram a entregar a pistola que dispara o *very light*, mas não deram o cartucho. Com essa carência de material, também não nos distribuíram, logo no começo, a capa branca que deveria ser utilizada nas patrulhas em terreno nevado. Usávamos mesmo aquele nosso uniforme verde-oliva, parecido com o do alemão, que muito italiano, às vezes, confundia. Nós não confundíamos, principalmente, por causa da ombreira e da cobertura do capacete que eram diferentes.

Saíamos com uma patrulha, cujo pessoal parecia urubu na neve. Se o alemão quisesse, acertava a gente porque o soldado ficava visível mais ou menos a um quilômetro de distância. Após as primeiras patrulhas, mais tarde, nos forneceram algumas capas brancas. [...] <sup>382</sup> (Motta, 2001c, p. 251)

[...] Naquele tempo tinha que se fazer muita economia, e eu controlava rigorosamente o consumo de combustível da Bateria e orientava os soldados, dizendo para os motoristas: “Essa gasolina vai dar e vai sobrar, mas se não souber fazer economia, vai faltar.”

Muitas vezes, quando as viaturas chegavam, no final do expediente, eu tirava a gasolina e guardava nos tambores, porque se não usasse evaporava e o comandante sabia disso. Quando precisava, quando acabava o combustível das outras Baterias, o comandante sabia que tinha

---

<sup>381</sup> Relato do General-de-Brigada CONFÚCIO DANTON DE PAULA AVELINO, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Suprimento de Material Bélico da 1ª Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>382</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

uma reserva porque eu sempre economizava, mas eu fazia tudo isso: media o combustível do tanque da viatura com uma vareta, e se tivesse excesso tirava, porque naquela época tudo era na base da economia.<sup>383</sup> (Motta, 2001c, p. 268)

O costume dos norte-americanos de deixar parte dos meios para trás à medida que avançavam, fez com que alguns combatentes os caracterizassem como um Exército despreocupado com o desperdício e principalmente, desatentos à escassez que os brasileiros supostamente eram submetidos.

Com relação ao apoio logístico, me chamou atenção o desperdício americano. Quando se deslocava para posições mais à frente, deixava, abandonado, o material, inclusive munição. Nós, acostumados a economia, não procedíamos dessa maneira. Quando a substituição era de tropa americana, nós aproveitávamos a munição que eles deixavam. Um fato que acontece é que muito material, que um combatente leva para um ataque, acaba sendo deixado na base de partida para facilitar seu movimento. Além disso, existe o pessoal que baixa. No fim, temos que deixar alguém tomando conta desse material.<sup>384</sup> (Motta, 2001d, p. 53)

O apoio logístico funcionou muito bem. [...] Era só fazer o pedido na central de abastecimento e a entrega era imediata. Combustível havia na estrada, nos postos de combustível, sem precisar coisa alguma. Era só chegar à bomba e abastecer. *Quanto à munição, só diminuíam a dotação quando o consumo estava exagerado. Eu não tive esse problema, porque o americano deixou a Companhia de Obuses deles perto da Torre de Nerone, abandonando uma grande quantidade de munição. Mandej, depressa, o sargento de munição, meu irmão Aderbal, fazer mais de 20 “viagens” e trazer toda a munição.* [grifo nosso]<sup>385</sup> (Motta, 2001a, p. 63)

---

<sup>383</sup> Relato de RAUL KODAMA, que na F.E.B. atuou como Motorista da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>384</sup> Relato do General-de-Exército HEITOR FURTADO ARNIZAUT DE MATTOS, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia de Fuzileiros e Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do III/1º RI. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>385</sup> Relato do General-de-Divisão DOMINGOS VENTURA PINTO JÚNIOR, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Obuses de 105mm do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Para exemplificar a preocupação que nós tínhamos, no Brasil, de aproveitar ao máximo o material, para economizar, atitude que era totalmente contrária ao modo de agir dos americanos, o então sargento André, hoje Major – está aqui presente à entrevista – com mais um ou dois companheiros conseguiram trazer de volta a viatura, que era uma *Dodge* Comando, ¾ toneladas. Os americanos nunca, mas nunca colocariam em risco a vida de um soldado para recolher uma viatura; a viatura ficaria lá... que se arrebente... o soldado, não! [...] <sup>386</sup> (Motta, 2001a, p. 181)

O relato do Coronel Waldemar Dantas Borges, então Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º R.I., mostra através de sua vivência a justificativa para a prática do Exército dos E.U.A. de deixar equipamentos para trás e sua pressuposta fatura de material bélico. Para além, retrata que seu Pelotão não compartilhava de tal abundância.

Nossa deficiência de materiais era, ainda, grande. Acontecia que tínhamos de um lado uma tropa americana, e do outro, também uma tropa de tanques americanos. Quando os alemães davam os famosos golpes-de-mão, faziam os contra-ataques, os americanos recuavam e deixavam tudo para trás... ricos demais!

Uma vez eu perguntei a um deles, um Tenente, por que isso? [...]

Ele me respondeu assim: “O nosso conceito é o seguinte: esses materiais ficam aí, lá na América, nós fazemos em minutos. E um combatente precisamos de vinte anos”.

Na filosofia dele, que é rico, está bem. Para nós, não. E nós estávamos ali.

Os meus homens me disseram: “Está vendo isso, Tenente? Eles estão largando tudo e nós não temos nada”. Então eu disse: “É hora de pegar tudo”.

Daí para frente ficávamos de olho no americano. Se o americano recuava, nós corríamos à posição abandonada e pegávamos tudo dele. O resultado: no meu Pelotão, eu só tinha direito a uma estação de rádio, uma central telefônica de oito direções. Dentro de pouco tempo já

---

<sup>386</sup> Relato do General-de-Brigada HELIO RICHARD, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da Companhia de Transmissões. Entrevista concedida em abril de 2000.

operávamos uma de 12 direções e, posteriormente, uma de 24 direções. Deixaram de faltar-nos telefones, rádios etc.

Conseguimos até carabinas, cunhetes de granadas de mão, metralhadora .30 [...] Então essa capacidade de não desperdiçar, de aproveitar tudo o que for possível é que é importante. Saber usar os meios de fortuna.<sup>387</sup> (Motta, 2001d, p. 188)

O General-de-Brigada Thorio Benedro de Souza Lima, condensa a sua percepção sobre a escassez de material norte-americano e discorre sobre o material fornecido pelo Brasil:

A mobilização de material para a FEB foi limitada, em grande parte, pelo recebimento de equipamento e armamento dos Estados Unidos. O material de fabricação nacional limitou-se a peças de fardamento e a alguns outros artigos. Quanto ao material de procedência norte-americana, podemos assinalar os seguintes aspectos: pequena quantidade disponível para a instrução da tropa no Brasil; distribuição tardia para algumas unidades no TO; material de boa qualidade; dificuldades de adaptação superadas em pouco tempo.

Quanto ao material de procedência nacional devemos assinalar os seguintes aspectos: má qualidade do fardamento e do equipamento [...] fardamento inadequado ao clima europeu e fardamento semelhante ao do inimigo.

No que toca à capacidade de nossa indústria para a fabricação do material necessário à FEB é de notar-se que, à época, o nosso estágio de desenvolvimento não comportava a existência de uma estrutura de mobilização. O material existente nos depósitos não era de boa qualidade a não ser uns poucos itens.<sup>388</sup> (Motta, 2001g, pp. 43-44)

---

<sup>387</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>388</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

Relativamente ao armamento concedido à F.E.B., é importante destacar que apesar dos pedidos do alto Comando Brasileiro por armas de última geração, que teoricamente lhes garantiriam um maior poder de fogo, como o fuzil *M-1 Garand*, suas requisições não puderam ser atendidas pelo Exército norte-americano devido, principalmente, ao atraso nas entregas que vinham dos E.U.A.. No caso dos fuzis, por exemplo, só lhes foi concedido um outro modelo, inferior ao solicitado, o fuzil *Springfield*. Arma esta, também eficiente, procedente do grosso do material vindo dos Estados Unidos ou que já estava disponível no Teatro de Operações. (McCann, 1995)

No caso do primeiro escalão, como o equipamento destinado às tropas brasileiras demorou cerca de duas semanas para ser entregue, seu treinamento inicial focou-se em aprimorar a forma física dos expedicionários. Como paliativo, foi criado um plano de emergência e os Estados Unidos forneceram cerca de 200 fuzis *M1 Garand*, que estavam disponíveis, para que a tropa inicia-se a familiarização com o armamento. (Maximiano, 2010)

A seleção de relatos destacada a seguir, foca-se no período de treinamento na Itália do 1º escalão, este foi distinto dos demais contingentes, como ver-se-á adiante. Os tópicos abordados pelos veteranos incluem o atraso no recebimento dos equipamentos, a adaptação aos mesmos e os estágios realizados com o Exército dos Estados Unidos.

Ao chegar a Itália o 1º escalão, no dia 16 de julho de 1944, sabia-se que a FEB era um instrumento de combate cuja instrução ainda estava para ser completada. De acordo com o comando americano, foram tomadas providencias em ritmo intensivo. Oficiais, graduados e soldados foram matriculados em campos e escolas instalados no Teatro de Operações. Tornava-se necessário o aperfeiçoamento em assuntos relativos à observação aérea e terrestre, às ligações, às comunicações, às patrulhas etc.

O 1º escalão quase se espalhou por completo pelas escolas e centros de instrução. E, à medida que se deslocava para o Norte, seus elementos foram sendo colocados na frente de

combate, com unidades americanas, para uma rápida adaptação à forma de lutar peculiar à Frente Italiana.<sup>389</sup> (Motta, 2001d, p. 126)

O material e armamento, só começamos a receber a partir da segunda semana em Tarquinia. Não tínhamos sapatos, não tínhamos roupas, não tínhamos armas, não tínhamos nada. Mas, antes de ele chegar, eu treinava o meu pessoal com os braços, porque nem bandeirolas para transmitir mensagem em alfabeto Morse, traço ponto, ponto traço... um braço era um ponto, dois braços era traço... Nossas transmissões não tinham nada. Eu treinava o Morse, como disse, e mensageiros, até recebermos os primeiros matérias. A instrução que ministrávamos, além de educação física, ordem unida e marchas, era improvisada. Fazia exercícios de esgrima com pedaços de pau fingindo ser baionetas!<sup>390</sup> (Motta, 2001d, p. 176)

O nosso treinamento final começou, em Vada, [...] sob a orientação e ensinamento de oficiais e graduados americanos de um veterano e experimentado Regimento de Infantaria, [...]. Merece destaque a atuação do pessoal americano que nos treinou, pela sua capacidade, experiência, espírito prático, organização e cordialidade. Para cada um de nossos comandos havia um correspondente americano. Ao meu Comandante, Major Silvino, correspondeu o Tenente-Coronel Furr, um jovem de apenas 26 anos, a minha idade na ocasião, que chegou ao posto e comando pelos seus atos de invulgar coragem. [...] Dele emanava uma irresistível aura de liderança.

Lembro-me dele dando aula para nós.

Havia um cemitério perto do acampamento. Ele dizia: “*Look there ... olha lá, olha lá, aquilo é um cemitério. É o lugar de vocês se não seguirem o que está sendo ensinado, e que é uma experiência de quem vem desde a África.*”<sup>391</sup> (Motta, 2001d, p. 178)

---

<sup>389</sup> Relato do Coronel JOAQUIM VICTORINO PORTELLA FERREIRA ALVES, que na F.E.B. atuou como Oficial de Ligação da Artilharia. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>390</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>391</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

O 1º escalão da FEB, malgrado a pobreza de armamentos, vestuário e outros materiais a que já me referi antes, teve a excelente oportunidade, diferentemente dos outros escalões, de realizar todas as fases normais de emprego da tropa em ação de guerra. Isto é: marcha de aproximação, tomada de contato e combate. Isso que nos permitiu o preparo militar indispensável para enfrentar o valoroso e experiente inimigo e obter os sucessos que obtivemos. O nosso batismo de fogo, falo de nós, do 6º RI, deu-se normalmente.<sup>392</sup> (Motta, 2001d, pp. 181-182)

Na Itália a tropa se adaptou bem, embora o alojamento fosse precário. Começamos com os exercícios e aprendizado com o armamento recebido, que, em relação aos fuzis, não eram tão diferentes dos nossos, embora mais modernos.<sup>393</sup> (Motta, 2001f, p. 67)

[...] nos deslocamos cada vez mais, próximo ao setor de guerra e tive a honra de ser escalado para fazer um estágio com os norte-americanos, no *front*. Fiquei uns quatro ou cinco dias lutando ao lado deles, participando de patrulhas, aprendendo como é que se faz uma guerra, e eu reconheço que não sabia nada e fui aprender por experiência própria.<sup>394</sup> (Motta, 2001c, p. 128)

[...] Com mais alguns companheiros passamos uns dois dias na cidade, voltamos no terceiro dia e recebemos o armamento.

Nesse período, fui chamado pelo Major, Fiscal; estavam querendo começar a instrução de tiro com o novo armamento e não havia estande; arrumaram um lugar, ordenaram que eu e os carpinteiros fizéssemos os alvos. Mandaram buscar em cada Companhia meia dúzia de carpinteiros; de uma casa destruída tiramos os sarrafos. Quando estavam prontos uns vinte alvos, recebi ordem para voltar. Largamos tudo, na verdade o que fizemos não serviu para nada,

---

<sup>392</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>393</sup> Relato do General-de-Brigada HENRIQUE CESAR CARDOSO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 5ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>394</sup> Relato do Doutor EPAPHAROL SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

nem para realizar o tiro. Ali tivemos poucas instruções de combate, porque havia mais preocupação em instruir sobre o armamento diferente, montar e desmontar, limpeza, etc.<sup>395</sup> (Motta, 2001c, p. 100)

Chegamos à Nápoles e fomos logo para o acampamento, na cratera do Astronia, um vulcão extinto há milhões de anos. Ficamos ali pouco tempo, porque o 6º RI chegou e logo seguiu para completar a preparação e receber o equipamento. Eu ainda participei de um estágio com os americanos antes de entrar em combate. Outros sargentos e oficiais nossos fizeram estágios com os que estavam combatendo. Eu fiquei uns dias com os americanos, já próximo ao *fronte* dali pouco tempo começamos a combater.<sup>396</sup> (Motta, 2001c, p. 121)

De lá prosseguimos até a pequena localidade de Vada, onde recebemos nosso equipamento pesado, os fuzis, os canhões, as viaturas. Depois subimos para outro local, onde iniciamos o treinamento com os novos armamentos e aí já começaram as primeira baixas. Um dos soldados de Campinas, num exercício, pisou numa mina, perdeu uma perna, ficou inválido e teve que voltar para Campinas, mas não morreu, ainda viveu muitos anos naquela situação. Mas não consigo me lembrar do nome dele.<sup>397</sup> (Motta, 2001c, p. 170)

O registro em diário destacado abaixo evidencia a rotina inicial no acampamento e o começo do treinamento do primeiro escalão. Ainda sem equipamentos, a expectativa e a ansiedade por entrarem efetivamente na guerra parece ganhar espaço entre os expedicionários.

---

<sup>395</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>396</sup> Relato de DANIEL LACERDA, que na F.E.B. atuou como Sargento-auxiliar do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>397</sup> Relato do Doutor JOSÉ ALFIO PIASON, que na F.E.B. atuou como Chefe da 2ª Seção do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

Desde que aqui chegamos nada houve de anormal. Os dias são mais ou menos iguais, três boas refeições à americana, constando de seis latas de conservas, três salgadas e três com bolachas, café ou chocolate, balas, açúcar e, às vezes, três cigarros. Recebemos um pouco de instrução geral, fazemos ordem unida e marcha. Lavamos roupa, que aqui suja muito, cosemos, fazemos café, chupamos balinha, comemos muita poeira e ouvimos boatos o dia todo. Por enquanto, são apenas tomadas medidas contra mosquitos e doenças, ainda não sabemos quando vamos para o *front* e nem recebemos armamento. Daqui ouve-se quase o dia todo o ribombar de canhões, somente não sabemos se os tiros são para valer. Hoje um soldado teve uma acesso de loucura, durante uns trinta minutos debateu-se e gritou como uma fera. Este é o segundo caso de loucura em nossa tropa, pois, no navio, um soldado também enlouqueceu (eu não vi, soube hoje por um Oficial e diversos camaradas que o viram).<sup>398</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, p. 325)

O ex-combatente Vicente Gratagliano, que atuou na Itália como soldado fuzileiro do 6º RI, destaca em seu relato suas impressões pessoais sobre a mudança de doutrinas e a apresentação dos equipamentos utilizados pelos inimigos durante o período de instrução. A demonstração do poderio bélico dos alemães, mais uma vez, despertou preocupação e medo pelo o que viriam a enfrentar.

[...] Em Tarquínia, inicialmente, só fizemos um pouco de educação física, para não ficar parados. Ainda estávamos instruídos pela doutrina francesa.

Depois de Tarquínia nos deslocamos para Vada, onde recebemos o armamento. Lá, passamos dois meses recebendo instrução, agora, segundo os padrões americanos. Quase tudo que aprendemos aqui, ao estilo francês, ficou esquecido, não existia mais e, em dois meses, aconteceu uma verdadeira reviravolta. Aprendíamos e praticávamos pelo sistema americano. Até o “sotaque” das metralhadoras do inimigo, eles nos mostraram, bem como nosso novo armamento. Na verdade não conhecíamos nada; fizeram uma demonstração, dispararam uma “Lurdinha” e alguém disse:

---

<sup>398</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

- essa é uma das metralhadoras do alemão.

Quer dizer, quem falou foi o intérprete.

- dispara 1.200 tiros por minuto.

Depois mostrou e disparou com a metralhadora que iríamos utilizar:

- esta é uma metralhadora americana, ela é a .30 e dá 250 tiros por minuto.

Só para termos uma ideia, 1.200 tiros por minuto significam 20 tiros por segundo, uma cadência muito rápida.

Aquilo já impressionou. A gente não sabia nada de guerra. Em seguida apresentaram o morteiro alemão, quer dizer, não atiraram, só apresentaram.

Depois a granada *shrapnell* que a gente chamava de “chuveirinho”. Explodia no ar e os estilhaços caíam como a água de um chuveiro. Esse era o armamento que tínhamos que enfrentar, além do canhão 88mm.

Aquela explanação toda serviu também para nos apavorar, só pensando com quem iríamos nos defrontar.<sup>399</sup> (Motta, 2001c, pp. 284-285)

Os combatentes do 1º escalão passaram por alguns testes para avaliar a eficiência do adestramento recebido na Itália e realizaram um desfile final antes de serem enviados ao seu “batismo de fogo”. Estes eventos ficaram marcados na memória de alguns veteranos:

[...] participamos de um exercício de 36 horas, o qual se deu numa região em que houvera combate; inclusive, nesta região, havia minas espalhadas pelo terreno. Esse grande exercício teve a arbitragem de muitos militares americanos que, no seu término, disseram que o Destacamento estava em condições de combater.<sup>400</sup> (Motta, 2001d, p. 209)

---

<sup>399</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>400</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Estabelecemos muitos contatos com militares de outras nações. Particularmente, nos exercícios, nos testes finais que realizamos. O General Mark Clark, Comandante do V Exército, não permitiu que a nossa tropa entrasse em combate sem ter sido testada por eles. Colocou 270 árbitros americanos entre os oficiais e sargentos, e providenciou um teste final – uma marcha para o combate, de 36 quilômetros, com tiro real. A marcha foi executada, o ataque desencadeado e figurado o assalto. Os árbitros americanos, unanimemente, consideraram a tropa brasileira bem adestrada, com capacidade e iniciativa de combate.<sup>401</sup> (Motta, 2001a, p. 62)

Depois, perto de Tarquinia, houve um treinamento com o Regimento Inteiro e o General Mark Clark foi inspecionar a tropa. Um exercício de vários dias foi comandado pelo General Zenóbio. O 6º RI cantou a música “Deus Salve a América”. Foi muito bonito e deve ter impressionado bem os militares americanos, porque o “Deus Salve a América”, subentende-se, deve ser uma canção referente às três Américas, do Norte, Central e a do Sul.

Prosseguimos o treinamento até sermos deslocados para o Sul de Florença; [...]<sup>402</sup> (Motta, 2001c, pp. 170-171)

O treinamento na Itália dos escalões que chegaram posteriormente também não foi descomplicado. Se o primeiro escalão teve a oportunidade de vivenciar um período de instrução um pouco mais acurado antes de pisar no *front*, o mesmo não aconteceu com alguns expedicionários que chegaram mais tarde. Uma parcela significativa recebeu o que era conhecido como “*on the job training*”, ou seja aprenderiam a combater através de estágios na própria linha de frente.

Estes escalões que chegaram após o 1º escalão, e que incluíam o 1º e 11º Regimentos de Infantaria, participaram de um breve treinamento de uma semana antes de serem inseridos no programa *on the job training*. Após o curto adestramento e antes de serem enviados ao *front*, foram avaliados pelo Tenente-Coronel David J. Colyer, assessor norte-americano que conclui:

---

<sup>401</sup> Relato do General-de-Divisão DOMINGOS VENTURA PINTO JÚNIOR, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Obuses de 105mm do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>402</sup> Relato do Doutor JOSÉ ALFIO PIASON, que na F.E.B. atuou como Chefe da 2ª Seção do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

[...] a maioria dos homens é inteligente e não preguiçosa e deve, com o tempo, tornar-se uma tropa amadurecida. O contato com o inimigo é um grande mestre e essa tropa aprenderá e assimilará muitas lições pelo processo mais duro. Mas até que essas lições sejam aprendidas, não garantirão eles os resultados que se fazem necessários para produzir uma derrota decisiva num inimigo experimentado, tal como os que agora os defronta. (Colyer, s/d, como citado em McCann, 1995, p. 329)

A confiança do Tenente-Coronel Colyer no adestramento futuro e na capacidade de aprendizado das tropas brasileiras, mais tarde mostrou-se justificada com o desempenho da F.E.B. no decorrer do conflito. Os veteranos abaixo narram as suas experiências e percepções sobre o envio direto ao *front* e necessidade de adaptação imediata à nova realidade. Alguns não tiveram a oportunidade nem de serem avaliados em conjunto com as demais Unidades.

De modo geral, o desempenho dos oficiais e dos graduados foi muito bom. A grande maioria havia sido formada na técnica francesa e muitos realizaram cursos ou estágios nos Estados Unidos, no período anterior à guerra. O treinamento da Artilharia, no Brasil, foi bom. O complemento final deveria ter sido feito nos campos de instrução americanos, na Itália, como era norma nessa época. Isso, entretanto, não ocorreu em relação à Divisão brasileira. O V Exército havia cedido muitas divisões para a invasão no Sul da França e estava, por isso, muito desfalcado. Esse fato precipitou o emprego da tropa brasileira. O treinamento final que deveria ter sido feito nos campos de instrução americanos, na Itália, foi feito enfrentando os alemães nos Apeninos. Nós não passamos pela fase intermediária como era prescrito do Exército americano.<sup>403</sup> (Motta, 2001a, p. 244)

Todos os batalhões, antes de entrarem em combate, passavam por um teste para avaliação do nível de instrução. Com o 11º RI, isso não aconteceu, de repente, fomos enviados para a linha

---

<sup>403</sup> Relato do Coronel HELIO MENDES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo, Observador Avançado e Oficial de Manutenção da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

de frente, não fizemos o teste como as demais unidades. Recebemos, inclusive, armamento novo já na linha de frente. A Companhia de Serviços, comandada pelo Capitão Ruas, recebia o armamento e o entregava aos soldados, que na ocasião aprendiam a manejá-lo.

Nessa condição, fomos substituir, na linha de frente, o I Batalhão do Sampaio, comandado pelo Major Uzeda. [...] Nós, inexperientes, fomos substituí-los. [...] <sup>404</sup> (Motta, 2001f, p. 101)

Depois, no acampamento de San Rossore, tivemos só quatro dias para pôr as guarnições em forma, para o emprego do Grupo no *front*. Nesse desiderato, os tenentes “devoraram” o manual em inglês, muitas das vezes mais esclarecidos pelas figuras do que pelo texto mal compreendido.

Os embaraços iniciais, para adaptação das Baterias de Tiro ao uso do material 155mm, em continuação à excelência de nosso treinamento no Brasil com material 105mm, foram suplantados pelo empenho e pela dedicação dos oficiais e dos nossos graduados. O ponto alto dessa adaptação foi o estágio de uma semana, de oficiais e sargentos, selecionados pelas funções, numa Unidade americana na frente de Bolonha – a mais ativa em todo *front*.<sup>405</sup> (Motta, 2001f, p. 151)

A nossa adaptação ao equipamento e ao armamento americano foi muito rápida. Nosso treinamento, pelo menos para os soldados do Depósito de Pessoal, não existiu. Entrei em combate com o que tinha aprendido na tropa, nas Unidades em que servira. Aprendemos muito com as patrulhas, na prática do combate, desde o 16 R.I., na época da vigilância do litoral. Creio que isto me ajudou bastante. [...] <sup>406</sup> (Motta, 2001f, p. 247)

---

<sup>404</sup> Relato do Coronel ADHEMAR RIVERMAR DE ALMEIDA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Operações e Comandante de Bateria de Comando do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2001.

<sup>405</sup> Relato do Coronel GERMANO SEIDL VIDAL, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo da 2ª Bateria do IV Grupo de Obuses de 155mm. Entrevista concedida em janeiro de 2001.

<sup>406</sup> Relato do Major NAPOLEÃO FREITAS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como 2º Sargento na Companhia de Petrechos Pesados e na 3ª Companhia de Fuzileiros do I/1º RI. Entrevista concedida em abril de 2001.

A tropa da FEB somente teve um contato maior com o armamento americano após o desembarque na Itália, mesmo assim, com deficiência, em virtude da exiguidade de tempo para o treinamento no manejo das armas que iríamos usar em combate. Os oficiais e sargentos tiveram melhor oportunidade nesse manuseio, através de aulas específicas, passando sua experiência aos comandados que estavam posicionados na linha de frente. Dessa forma, fomos nos familiarizando com as armas, dia após dia, em plena campanha.<sup>407</sup> (Motta, 2001f, p. 281)

Então ficou determinado que oficiais e sargentos do II Batalhão fossem mandados para a linha de frente, a fim de estagiar com o Primeiro Escalão, que já estava há algum tempo em combate. Fui fazer estágio no Batalhão que era comandado pelo Major Gross. Cheguei no dia 29 de outubro, o Batalhão ia fazer um ataque sobre Lama de Soto, então tive a felicidade de assistir os preparativos para esse ataque, quando passei a ver, na realidade, o que já aprendera na teoria. A Artilharia, ocupando posições avançadas, para apoiar com os tiros o mais à frente possível, a tropa se colocando na base de partida. [...]<sup>408</sup> (Motta, 2001c, p. 24)

Nós, que tínhamos chegado com o 2º Escalão, fomos estagiar junto às Unidades brasileiras, que já estavam combatendo na linha de frente. Nessa luta contra a ação retardadora, a FEB conquistou Massaroza, Monte Camaioire e Monte Prano, houve depois apenas um revés e logo chegou a Fornace. Aí quase todos já estavam fazendo estágio na frente.<sup>409</sup> (Motta, 2001c, p. 56)

O veterano Coronel Sérgio Faria Lemos da Fonseca, então comandante da linha de fogo da 1ª Bateria de Obuses da F.E.B., viajou com o 2º e 3º escalões e chegou ao Porto de Nápoles no dia 06 de outubro de 1944. No dia 31 do mesmo mês, já estava em etapa de conclusão de treinamento, realizando

---

<sup>407</sup> Relato do Capitão DIVALDO MEDRADO, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante do 1º Grupo de Combate do 2º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>408</sup> Relato do General-de-Exército ANTONIO FERREIRA MARQUES, que na F.E.B. atuou como Oficial de Operações do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>409</sup> Relato do General-de-Brigada MOZIUL MOREIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Chefe da 1ª Seção do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

estágio no *front*. Seu relato nos mostra, que a formação inicial estava longe de ser tranquila e envolvia grandes riscos:

A 31 de outubro, enviado para o *front* de Barga, a fim de fazer um estágio junto ao 2º Batalhão do 6º RI, acompanhei um contra-ataque inimigo que obrigou uma companhia a retrain. Nessa operação, foi gravemente ferido o nosso companheiro, 1º Tenente José Maria Pinto Duarte, capturado pelo inimigo e, por causa da flutuação do combate, ataques e contra-ataques, não foi mais encontrado.<sup>410</sup> (Motta, 2001a, p. 224)

Situação parecida passou o Tenente Coronel Celso Rosa, então Comandante de Pelotão de Petrechos Leves. Para além, seu relato e do General-de-Brigada Thorio Benedro de Souza e Lima, também justificam a urgência de inserção da tropa no *front*, mesmo sem treinamento preliminar.

[...] Embarquei no dia 25 de novembro de 1944 e cheguei à Itália no dia 8 de dezembro de 1944 (4º escalão). [...]

Estive alguns dias no Campo de San Rossore (Depósito da FEB) e já, na noite de 23 de dezembro de 1944, apresentei-me no PC da 7ª Cia/3º Btl do 6º RI, que estava instalado na Região Follo-Podere-Rocca Pitigliana, para assumir o comando do Pelotão de Petrechos Leves daquela subunidade.

Desta maneira, com apenas alguns dias de Itália, já estava integrando o esquema defensivo do Batalhão, responsável, portanto pelo seu desempenho. [...]

Como se verifica, com apenas alguns dias na Itália já estava eu, assumindo o treinamento apropriado, sem conhecer bem o armamento específico (morteiros e metralhadoras) e sem conhecer previamente a tropa que iria comandar. Quase uma temeridade!

---

<sup>410</sup> Relato do Coronel SÉRGIO FARIA LEMOS DA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Linha de Fogo da 1ª Bateria de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

Felizmente tudo correu bem e, em poucos dias, estava perfeitamente integrado ao Pelotão e aos demais elementos da Cia. [...]

Não tive nenhum treinamento especial antes de embarcar e também depois do desembarque na Itália. [...]

Várias divisões (cerca de 22) que integravam na Itália o V Exército americano e o VIII Exército inglês, foram transferidas para o desembarque dos aliados no Sul da França, desfalcando assim, o *front* italiano.

Por isso, havia urgência no emprego de nossa Divisão na sua totalidade, embora não estivesse pronta para tal. Foi um mal necessário!<sup>411</sup> (Motta, 2001f, pp. 218-219)

[...] A conclusão é que, por diferentes razões, inclusive o deslocamento de tropas do TO para guarnecerem outras frentes, como foi o caso para a invasão do Sul da França, fizeram com que a tropa brasileira fosse obrigada a entrar em combate, antes de ter o adequado preparo na zona de operações. E a experiência foi amarga, foi triste, porque tivemos uma prova sanguinolenta. Muitos dos nossos soldados, muitos dos nossos oficiais, morreram porque não estavam convenientemente preparados para poderem atuar.<sup>412</sup> (Motta, 2001g, p. 53)

O registro do General J. B. Mascarenhas de Moraes (1960), em seu livro, atesta a inexperiência com que foram enviados ao *front* o 2º e 3º escalões da F.E.B. após a decisão tomada na Conferência do Passo de Futa, em outubro de 1944. As unidades da F.E.B. seriam agora empregadas no Vale do Reno, anteriormente atuavam no Vale do Serchio.

---

<sup>411</sup> Relato do Tenente-Coronel CELSO ROSA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Petrechos Leves da 7ª Companhia de Fuzileiros do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2001.

<sup>412</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

Ora, as imposições para que a nossa Divisão participasse ofensivamente, ainda em meados de novembro, das operações sobre Monte Castello, determinaram a aspiração, para a zona de frente, de unidades com treinamento ainda bem incompleto. [...]

Esta tropa iria submeter-se a duríssima prova, sem ter tido a possibilidade material de completar seu treinamento tático de ultramar.

Justo e oportuno é acentuar que os altos chefes, americanos e brasileiros, tudo envidaram para lhe proporcionar magnífico adestramento.

As circunstâncias da luta, a necessidade iniludível de manter a ofensiva no maior tempo possível, enfim, os imperativos da guerra tramaram contra a ultimação do adestramento do grosso da Divisão brasileira. (Moraes, 1960, pp. 46-47)

Adiante, destacam-se relatos sobre o treinamento recebido na Itália, seja de elementos que realizaram os estágios no *front* ou de elementos que tiveram a oportunidade de receber uma formação mais esmerada. A coletânea de dez relatos selecionados, permite demonstrar os diferentes aspectos da instrução em território italiano e a singularidade do adestramento fornecida a cada veterano. Ressaltam-se as marchas para aprimorar e manter o condicionamento físico, adaptação às armas, testes e inspeções e a realização de estágios e oficinas de formação.

Só fomos ter exercícios ligados diretamente à guerra ao chegar na Itália, porque o armamento era diferente e porque somente lá obtivemos informações sobre o inimigo, equipamento, uniforme etc.

Permanecemos cerca de quarenta dias em Stafolli, onde ficava o Depósito da FEB, e lá recebemos instruções sobre armamento, minas, gases. Sobre uniformes e viaturas, aprendemos a estabelecer a diferença entre os dos inimigos e os nossos, os aliados. Considerei a preparação muito boa, principalmente esse contato com o novo armamento.<sup>413</sup> (Motta, 2001a, p. 268)

---

<sup>413</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

No Depósito a instrução também era intensa, conduzida sob a forma de oficinas, cada uma com seus instrutores especializados no assunto. Havia oficina de todos os tipos de formação de um combatente básico. Era um trabalho intenso, de manhã e à tarde, e às vezes à noite, exercitando patrulhas noturnas, diurnas, além das marchas.

Para demonstrar a situação em que nós nos encontrávamos, cito o meu exemplo: eu nunca tinha lançado uma granada de mão defensiva ou ofensiva como cadete. Tendo que praticar, fui para um espaldão e perguntei ao sargento: “Quantas atiro?” Ele disse: “O senhor atira tantas até se sentir cansado e não ter mais medo de lançar granada.” Então, lancei muitas granadas em um só dia. Havia muita fartura empregando-se todas as armas de Infantaria.<sup>414</sup> (Motta, 2001d, p. 59)

No dia 11, houve o desembarque em Livorno e o transporte em caminhões, para a área de San Rossore, onde toda a tropa acampou em barracas. Nessa localidade, a Companhia prosseguiu com mais intensidade nos preparativos técnicos, táticos, psicológicos e físicos, bem como na adaptação ao clima e aos hábitos, inclusive a alimentação e higiene, necessários para a nova situação de combate.

Ao mesmo tempo eram recebidos armamentos, uniformes viaturas e demais equipamentos que seriam utilizados pela Companhia. Oficiais e sargentos fizeram estágio na frente de combate, nas posições de outras unidades brasileiras já engajadas.<sup>415</sup> (Motta, 2001f, pp. 76-77)

[...] Fomos submetidos a um intenso treinamento, diurno e noturno, passamos por avaliações feitas por instrutores, oficiais norte-americanos, para que a FEB pudesse ocupar posições de combate.

---

<sup>414</sup> Relato do General-de-Exército SEBASTIÃO JOSÉ RAMOS DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Adjunto da Seção de Inspeção do Estado-Maior. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>415</sup> Relato do General-de-Brigada AMÉRICO BAPTISTA DE MORAES, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

Essa inspeção rigorosa, completa, mostrou que o Exército Brasileiro tinha rapidamente se adaptado às novas condições de emprego e estava pronto para a luta. Fomos aprovados sem ressalva e, pouco tempo depois ocupávamos as posições de combate.<sup>416</sup> (Motta, 2001f, p. 84)

Chegando à Itália, continuamos o adestramento, em especial de adaptação ao armamento de origem americana: fuzis; submetralhadoras; metralhadoras leves .30 e .50 etc. Tudo era em inglês, dificultando nossa adaptação, e posso afirmar que foi muito difícil.<sup>417</sup> (Motta, 2001f, p. 239)

[...] Recebemos os obuseiros e o restante do material da Unidade. Iniciamos, então, um programa de instrução. Cada bateria recebeu um capitão e um sargento americano. Eles não falavam português, mas alguns dos nossos soldados falavam inglês e outros arranhavam, desse modo foram dadas as instruções. Nesse período, aprendemos muita coisa que não era aplicada aqui. Lá uma marcha de 30km tinha 60km, pois havia a volta também. Fomos marchando com os instrutores americanos, até um balneário no Mar Tirreno, Staffoli, perto de Livorno, onde a tropa de Reserva da FEB ficou acampada. As baixas eram substituídas por pessoal vindo dessa tropa. [...]<sup>418</sup> (Motta, 2001f, pp. 343-344)

Fizemos muitas marchas, em uma fomos até a Foz do Rio Arno. Eu, na ocasião, lembrei-me dos noticiários que vi na Paraíba, sobre os combates para a libertação de Pisa, na Foz do Arno. As estradas por onde passávamos eram pavimentadas, mas havia muitas crateras de bombas e granadas, muitos destroços de guerra. Havia minas por toda a parte, muitas placas indicando os campos minados. Fora do acampamento, logo depois das privadas era zona interdita, *off limits*, havia minas. A área, no tempo do Rei, fora também uma espécie de zoológico. Às vezes,

---

<sup>416</sup> Relato do General-de-Brigada HÉLIO COVAS PEREIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante da 6ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em fevereiro de 2001.

<sup>417</sup> Relato do Major ADÃO DE ANDRADE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 5ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>418</sup> Relato do Primeiro-Tenente MIGUEL FERREIRA DE LIMA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Chefe de Peça da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em abril de 2001.

nas marchas eu via uns dromedários. Um dia, ouvi uma explosão tremenda, fora um dromedário que pisara em uma mina. Foi um bom aviso para que todos respeitassem as placas de *off limits*. Os sargentos tiveram instrução sobre a bazuca durante três dias. Depois repetiram a instrução para os soldados.<sup>419</sup> (Motta, 2001f, p. 329)

Hoje pela manhã tivemos instruções sobre minas, e conhecemos diversos tipos, cada qual de efeito mais arrasador. Foram detonadas algumas para vermos o efeito.

Chega hoje a primeira turma da minha Bateria, que tinha ido fazer um estágio no *front*. Contaram que diversas granadas da Artilharia alemã explodiram a poucos metros de seus abrigos e que foi abatido um avião inimigo que caiu quase em cima do Tenente Cyamir Porto. Seguiu hoje mais uma turma para estagiar na linha de frente. Saímos às 22 horas para fazer exercício de tiro e de ocupação de posição noturna. A ocupação correu normalmente, percorremos alguns quilômetros com os faróis acesos e depois uns três quilômetros em blecaute. Atravessei uma vala tão ruim que o Tenente, no local da posição, ordenou que os oito homens que estavam no caro descessem, enquanto eu ultrapassava o obstáculo. Depois do serviço terminado, dormi no carro de qualquer maneira.<sup>420</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, pp. 338-339)

A minha história talvez não seja assim tão ilustrada. Desembarcamos no dia 1º de outubro de 1944, na cidade de Livorno e de lá fomos para Pisa, onde fizemos um pequeno estágio, num Centro de Instrução americano onde adquirimos maior conhecimento e experiência de guerra. O estágio foi realizado no Campo de San Rossore e durou até o começo de dezembro. Em seguido nos deslocamos para os Apeninos, onde iríamos combater. Recebemos novas armas,

---

<sup>419</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>420</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

aprendemos a atirar com a bazuca; eu mesmo fui um dos primeiros soldados a atirar com ela.<sup>421</sup>  
(Motta, 2001c, p. 161)

[...] fizemos os últimos treinamentos, antes de entrar em ação, inclusive de tiro real, sob supervisão do Comando americano, para avaliar se estávamos em condições de participar do combate real. Apesar de o Comando americano ter aprovado nosso desempenho nós mesmos supúnhamos que não, porque toda a tropa estrangeira que desembarcava na Itália, como nós, africanos, neozelandeses e outras, eram levados para Dacar, onde treinavam três meses e só depois iam para a Itália. Com os brasileiros não aconteceu isso; já fomos direto, tanto o 1º escalão com o 6º RI, quanto o 11º RI, minha Unidade, e o 1º RI que compunham o 2º escalão. Em outras palavras, juntos os 2º e 3º escalões.<sup>422</sup> (Motta, 2001c, pp. 249-250)

O veterano, Coronel Sylvio Christo Miscow, que chegou à Itália com o 1º Escalão, resume em seu relato a sua percepção sobre as diferenças de treinamento e de adaptação à guerra dos escalões que formaram a F.E.B. Para ele, o 1º escalão teve oportunidade de entrar na guerra de uma maneira mais suave que os demais, que vivenciaram de imediato o *on the job training*. Sua narrativa torna-se relevante por condensar as informações sobre o período de instrução na Itália.

No que diz respeito às condições do 1º, 2º e 3º escalão em termos de instrução, preparação na Itália, o 1º escalão foi beneficiado em relação aos demais. Em primeiro lugar, porque ao desembarcarmos em Nápoles fomos transportados, progressivamente, ou por ferrovias ou por caminhões, para várias cidades que iam se aproximando da frente de combate, tais como Tarquinia e, depois, Vada. Esta progressão nos fez começar a sentir os efeitos da guerra, os quais eram sentidos desde o nosso primeiro acampamento, perto de Nápoles, quando apreciávamos a ação da aviação alemã que, apesar dos grandes balões que cobriam a cidade,

---

<sup>421</sup> Relato de JOAQUIM CARLOS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Observador da Companhia de Comando do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>422</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

obrigavam o desencadeamento da barragem antiaérea. Isto já dava para nós – embora não apresentasse perigo, pois estávamos a uma certa distância –, uma primeira ideia do que seria uma guerra. Havia gente que afirmava: “Parece até uma noite de São João”.

À proporção que íamos nos deslocando, íamos começando a receber armamento, instruções e nos ambientando, também, mais com aquele clima de guerra. [...]

Posteriormente, no Batalhão, recebemos a primeira missão na frente de combate. Nós não estávamos em contato direto com os alemães, e sim em contatos apenas de patrulhas. Portanto, pode-se dizer que foi mais uma parte daquele engajamento paulatino até chegar a guerra de verdade.

Isso foi muito diferente dos outros escalões que desembarcaram em Nápoles [...]. Eles tiveram, também, uma preparação mas não tão grande como a nossa, que foi muito importante para todo o Destacamento. [...]

Quanto ao 2º e 3º escalão, entraram logo na frente, [...] Então, neste particular, eu diria que nós tivemos uma vantagem não só deste preparo mais demorado, mas também da situação propriamente de entrada de combate de uma tropa, pois nosso contato estava rompido, só existiam patrulhas; diferentemente dos outros Regimentos que entraram praticamente atacando Monte Castelo.<sup>423</sup> (Motta, 2001d, pp. 208-209)

Alguns expedicionários, por preencherem postos de funções especializadas, destacam em seus relatos a experiência na Itália em centros de treinamento para especialistas e a realização de cursos variados. Enfatizam os cursos de liderança em combate e emprego de minas.

Chegando à Itália, fui mandado cursar, em Santa Ágata Dei Gotti, o curso de Comandante de Pelotão, na escola americana *Leadership and Battle Training School*. Era um excelente curso com reprodução de verdadeiros cenários de combate. A realidade da guerra era transportada

---

<sup>423</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

para os exercícios de forma muito real, exigindo do instruído a tomada de decisões num ambiente de tensão.

Findo o curso, fui classificado no 6º RI e designado para comandar o 3º Pelotão da 2ª Companhia do I Batalhão. [...] <sup>424</sup> (Motta, 2001g, p. 268)

Quando estava no sexto ou sétimo dia de instrução, ouvi a chamada nominal para alguns saírem de forma, antes de iniciar a instrução e fui um daqueles convocados. Era para ser armeiro, mas eu não tinha curso correspondente. Um grupo de 17 e desses 17 só três possuíam o Curso de Armeiro. Os outros, não sei porque, foram escolhidos. Talvez porque nas nossas fichas constasse que trabalhávamos em mecânica, qualquer coisa assim, não sei se esse foi o critério.

Bom, fui armeiro junto com mais 16 colegas e nossa função começava quando os pelotões chegavam de manhã: distribuíamos para cada soldado um tipo de arma e eles iam para a instrução. [...] Nossa função era desmontá-las, lavar, secar e lubrificar, porque, no dia seguinte, tinham que estar no ponto de serem usadas outra vez. Havia um americano que fiscalizava, pegava uma arma de cada tipo e olhava se estava bem, não examinava o resto. Inspeccionava por amostragem; mas era assim, de maneira que exerci a função de armeiro na Itália durante toda a guerra. <sup>425</sup> (Motta, 2001c, p. 114)

[...] Lembro-me, por exemplo, que morreram quatro oficiais americanos durante o curso que mencionei, no início da entrevista, e onde, realmente aprendi a combater. Para se ter uma ideia da excelência do curso, toda a figuração inimiga empregava uniforme e armamento alemão, para que nos acostumássemos com algumas características deles, inclusive o soar de suas metralhadoras, morteiros e artilharia. Funcionava continuamente com várias turmas. A minha

---

<sup>424</sup> Relato do Tenente-Coronel EDU VARGAS, que na F.E.B. atuou como Comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

<sup>425</sup> Relato de ANTONIO GONZALES, que na F.E.B. atuou como Soldado Armeiro da Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em junho de 2000.

foi a segunda, num total de 14, ao longo da campanha, cada uma com vinte oficiais brasileiros. [...] <sup>426</sup> (Motta, 2001a, pp. 295-296)

[...] Fui destacado para cursar o *Bailey Bridge*, numa escola perto de Nápoles. Mais de uma vez outras turmas foram selecionadas para fazer esse curso – a ponte *Bailey* era a grande solução e continua sendo até hoje – e, no fim de determinado período, todo o pessoal estava especializado, isto é, sabia trabalhar com o material, porque a escola era fantástica. O curso de minas também era extraordinário [...] <sup>427</sup> (Motta, 2001a, p. 42)

[...] Fomos nos adaptando ao clima e, nesse meio tempo, chegou um pedido para cada Unidade indicar três praças graduadas ou oficiais a fim de fazerem um curso de minas, em Nápoles, na Escola de Engenharia, dirigida por ingleses e americanos. Resolvi me oferecer para ir; [...] O curso durou dez dias, debaixo de chuva e sob uma “nevezinha” leve que já estava caindo, embora Nápoles estivesse no Sul da Itália.

Foi um curso muito bem ministrado, montagem, desmontagem de minas e demolição de pontes. No último dia havia uma prova: deveríamos passar num campo minado, sob fogo real de metralhadoras, avançando abaixados, cutucando o solo com a baioneta. Eu, por infelicidade, bati numa mina; era uma daquelas que saltam, que pulam e quando chegam a um metro de altura explodem. Tive sorte, pois quando a mesma me bateu, atirei-me para trás e o petardo explodiu no ar. Assim mesmo sofri uma fratura exposta na mandíbula, que se deslocou. Fui levado para um hospital americano em Nápoles, onde era o único brasileiro. A minha salvação é que falava inglês e logo me dei bem com os americanos, pois os soldados e oficiais eram muito legais, solidários com todo mundo e então fiquei fazendo o tratamento, usando um aparelhagem na boca e com regime de líquidos. Em determinado tempo, recebi a ordem de chamada de “Bilhete Azul”, do Coronel médico diretor do hospital, dando-me alta. [...] Recebi um uniforme

---

<sup>426</sup> Relato do Coronel SÉRGIO GOMES PEREIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III/11º RI. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>427</sup> Relato do General-de-Exército RUBENS MÁRIO BRUM NEGREIROS, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Oficial de Informações do 9º Batalhão de Engenharia. Entrevista concedida em abril de 2000.

novo, porque o meu estava todo ensanguentado e de lá fui devolvido à minha Unidade, sem passar pelo Depósito de Pessoal.<sup>428</sup> (Motta, 2001c, p. 149)

Além da realização do curso de minas e do risco que corriam durante os exercícios, o Coronel Jairo Junqueira da Silva, complementa seu relato com o processo de adaptação aos equipamentos e a dificuldade que encontrou no adestramento de soldados na Companhia de Petrechos Pesados.

Chegando ao destino, ficamos acampados num lugar chamado San Rossore, que era um parque antigo, para passeios dos reis; onde houve mais alguma preparação, mas não ainda o suficiente. Permanecemos por lá por pouco tempo e recebemos o armamento, algumas armas ainda com graxa.

Como o pessoal ainda desconhecia o material bélico a ser utilizado, foram promovidos cursos e tive a oportunidade de fazer um, de minas, onde nos exercitávamos retirando minas alemãs, em uma praia chamada Marina di Pisa, local muito perigoso. Nesse curso, um dos companheiros nossos, Ten Márcio Pinto, faleceu, pois, distraidamente, acabou pisando numa mina. O campo, ativado pelos alemães, tinha a finalidade de impedir o desembarque de tropas aliadas naquela região. O curso foi muito bom e outros foram realizados; acredito que, após um ou dois meses no máximo, nos deslocamos para o *front*.

Completando o assunto preparação, não creio que a tropa estivesse completamente pronta ao ser enviada para o combate. Como era oficial de carreira e já tinha certo conhecimento de armamento, minha adaptação, a rigor, foi fácil e eu me sentia em condições de participar da guerra. Meu receio era por parte dos soldados, que ainda não demonstravam adestramento suficiente para entrar em combate, inclusive na questão do armamento. Receberam, porém, a instrução de tiro que era importantíssima, embora não tenha sido suficiente.

Eu pertencia ao 2º/11º RI, Companhia de Petrechos Pesados, a CPP/2, onde comandeí uma seção de morteiros 81mm e, nesse particular, tive maior facilidade para me adaptar. No

---

<sup>428</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

Brasil, o morteiro ainda era apresentado de acordo com instruções francesas e o aparelho de pontaria com escalas em milímetros; ensinar aos soldados, às vezes semi-analfabetos, o que é um milésimo foi mais difícil. Então os americanos modificaram o aparelho e a outra forma de regulagem de tiro tornou-se mais fácil de explicar.<sup>429</sup> (Motta, 2001c, p. 68)

Em entrevista, o Coronel Helio Mendes, mostra que os cursos eram realizados, inclusive quando já estavam em combate, a atuar ativamente nos Apeninos, em pausas solicitadas para realização dos mesmos.

Durante a campanha dos Apeninos era constante a realização de cursos com uma jornada de oito horas de instrução, para atualização ou mesmo aquisição de conhecimentos. Eram dirigidos ao pessoal engajado efetivamente em combate. Por duas ou três vezes, eu recebi ordem de aguardar, em local, dia e hora previamente marcados, uma condução que me levaria para frequentar um curso. Ao final do dia, eu retornava ao ponto inicial, nas vizinhanças da posição da minha Bateria, no mesmo transporte. Diversas vezes eu recebi essa ordem: “Dia tal, bem cedo, às tantas horas, esteja em tal local, no cruzamento de tal estrada, para ser apanhado por uma viatura para fazer tal curso.” Eu deixava a minha função em combate e era levado para a retaguarda. O curso, normalmente, era ministrado por especialistas do Exército Americano. Todo o pessoal, mesmo de outras Armas, participava desses cursos. [...] <sup>430</sup> (Motta, 2001a, p. 243)

As narrativas abaixo destacam o adestramento ministrado pelo Exército dos Estados Unidos, bem como a relação entre os militares norte-americanos e brasileiros durante os mesmos. O perigo durante os treinamentos é exposto e também a boa vontade em vencer as barreiras dos idiomas.

---

<sup>429</sup> Relato do Coronel JAIRO JUNQUEIRA DA SILVA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>430</sup> Relato do Coronel HELIO MENDES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo, Observador Avançado e Oficial de Manutenção da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

Um grupo de trinta oficiais, de Aspirante até Capitão, e outros combatentes foram para a Escola de Liderança e Chefia e de Treinamento de Liderança e Combate do V Exército americano, situado em uma cidade pequena da província de Caserta. Nós passamos nesse local uns 15 dias, recebendo instruções pesadíssimas que começavam de manhã e se prolongavam até 11 horas da noite.

Lembro-me de um companheiro chamado Leonor Cangaçu Taulois de Mesquita, que era da minha altura; estávamos sempre atrás na corrida e um dos instrutores jogava granadas ofensivas para cima da gente, aquelas que só tem a capa de alumínio; não matava, mas podia ferir.

A instrução era toda feita com munição verdadeira, não era festim, e havia uma previsão de perdas de 5% a 10% nesse curso; muitos homens foram feridos nos treinamentos.

Dentre os companheiros havia um chamado Torres Marques, grandão, aspirante ou 2º Tenente. Ao fim da tarde, tínhamos que estar limpos e apresentar o armamento, o Fuzil *Garand*, que recebêramos na ocasião. O instrutor examinava a arma daquele jeito que você vê no cinema, o cano lubrificado, ele olhava e devolvia aberta.

No caso do Marques Torres, nesse dia, o fuzil estava sujo e o americano passou uma bronca nele, então ouviu-se a frase histórica, à guisa da explicação:

- *Yesterday I cleaned, mas today* sujou de terra.

Ele misturou as duas línguas, pois ninguém falava bem o inglês.<sup>431</sup> (Motta, 2001c, pp. 78-79)

No campo de treinamento nós tínhamos a obrigação de acertar o alvo de uma linha enorme colocada na praia; ao fundo do mar. A munição era farta. Recebi a carabina .30, uma arma leve e muito boa de tiro. Havia poucos fuzis *Garand*, mais utilizados no desembarque do Norte da França, no dia “D”. Ficamos com outras armas.

---

<sup>431</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

Depois de um certo tempo recebemos os fuzis de repetição.

Em Vada fizemos alguns exercícios de patrulha. Veio para nossa Companhia um americano de ascendência portuguesa, John Teixeira, que dava instrução, a todo mundo, sentado. Ele dizia: “Vamos ensinar como se faz uma ‘*Petrolha*’.” Então a turma perguntava: “Petróleo, sargento?”. E ele dava uma risadinha porque sabia que havia diferença entre petróleo e patrulha. Mas era um dos veteranos da África, de uma competência incrível. Um 1º sargento bem preparado, bastante entusiasmado para nos ensinar. Vieram também um sargento francês e um Tenente americano, que comandava o grupo de instrutores. Depois nos acompanhou até um certo ponto, e sempre repetia: “Olha vou ensinar o que sei da vida prática do *front*.” As instruções que recebemos foram importantes, mas ninguém pode ignorar os ensinamentos da caserna. Sem a instrução que recebe na caserna, o soldado não chega apto à outra parte. Começamos a fazer os exercícios da patrulha à noite, em Vada, com os americanos servindo de guias.<sup>432</sup> (Motta, 2001c, p. 300)

Para alguns combatentes, mesmo que tivessem recebido o treinamento mais eficiente, com os melhores equipamentos, cursos e com longa duração, nada disso os prepararia efetivamente para o que viriam a enfrentar.

Com os cinco escalões desembarcados em território italiano, a Força Expedicionária Brasileira estava completa, inclusive com efetivo para repor as possíveis baixas. O Depósito de Pessoal e Material, localizado em Staffoli, foi transformado em Centro de Instrução e Recomepletamento.

Nós, aqueles jovens expedicionários, já sabíamos porque estávamos lá. Tínhamos agora plena consciência do sacrifício que nos esperava, não havendo mais dúvidas sobre a missão que deveríamos cumprir. Assim, com lágrimas descendo fartas dos olhos, fitos na Bandeira, hasteamos o nosso Pavilhão, emocionados, pela primeira vez em solo italiano... Ficou para sempre, em nossas retinas, a imagem daquela cena vivida em Bagnoli. No dia 4 de agosto de

---

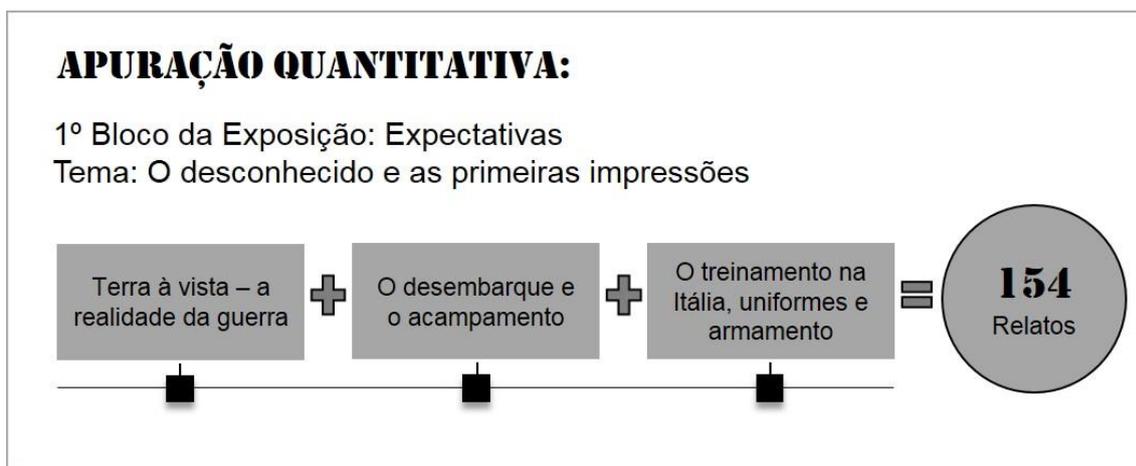
<sup>432</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

1944, em torno de um mastro improvisado de um tosco tronco de árvore. Repetimos, ali, cabeça erguida, aqueles versos do Hino Nacional, que desde meninos sabíamos tão bem, de cor, mas que, agora, eram mais do que cantados, eram proferidos como a confirmação de um juramento: “Verás que um filho teu não foge à luta: nem teme, quem te adora, a própria morte...” Este dia nunca esqueceremos!<sup>433</sup> (Motta, 2001f, p. 125)

A seguir, demonstra-se a apuração quantitativa de relatos desta etapa da exposição na figura 19:

### Figura 19

*Apuração quantitativa da primeira etapa da exposição – Expectativas. Tema: O desconhecido e as primeiras impressões.*



*Nota.* Autoria própria.

---

<sup>433</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

## **7 A REALIDADE DA GUERRA – A COBRA FUMOU**

O intuito principal da exposição é despertar no visitante uma curiosidade inicial pela guerra que os brasileiros lutaram, para posteriormente buscarem recursos adicionais, como as visitas aos museus disponíveis no Brasil ou outros suportes expositivos, como *folders*, *QRcodes* para acesso *on-line*, *banners*, etc., que também estarão disponíveis pelas estações do metrô para complementar o conteúdo.

À vista disso, para a seleção de relatos deste capítulo não é priorizada a cronologia do período como critério de eleição, e sim as experiências individuais dos veteranos vividas em território italiano para a construção de uma narrativa ampliada. Não enfatizam-se datas e localizações geográficas precisas ou mesmo nomes das missões nos relatos selecionados.

Entretanto, para fundamentar esta etapa e servir como base de consulta, foi elaborada uma linha do tempo, exposta nos anexos, que inicia-se em julho de 1944 e encerra-se com a cessação das atividades bélicas na Itália, em maio de 1945, fornecendo em detalhes, localizações, datas, conquistas e derrotas dos envolvidos no *front* italiano.

Para o desenvolvimento desta narrativa ampliada, são selecionados três tópicos. Sendo: o *front* italiano e o inimigo, histórias de guerra, e o cotidiano.

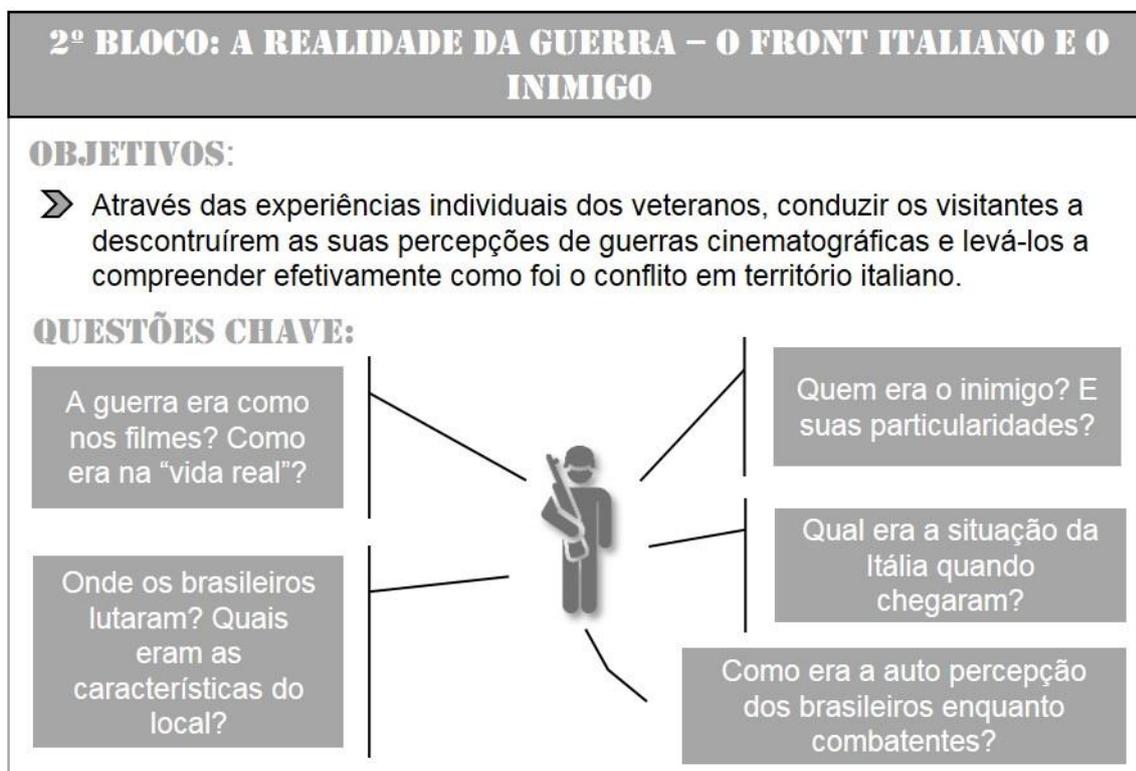
Ao final de cada temática, expõe-se a apuração quantitativa dos relatos como estabelecido anteriormente neste trabalho.

### **7.1 O FRONT ITALIANO E O INIMIGO**

Para a escolha de relatos desta etapa da exposição, as seguintes perguntas indicadas na figura 20, são utilizadas como parâmetro de seleção:

## Figura 20

Segunda Etapa da Exposição Itinerante – A realidade da guerra: Questões chave sobre “O front italiano e o inimigo”.



*Nota.* Autoria própria.

Um dos essenciais objetivos dos Aliados nesta etapa da guerra, era evitar que o Comando Nazifascista transferisse para a França algumas Divisões que atuavam na Itália e que tinham forte poder combativo. Desta forma, era prioritário manter o Exército Alemão sob constante pressão através de contínuo comportamento ofensivo. (Moraes, 1960)

Quando a Força Expedicionária Brasileira atuou na Frente Mediterrânea, Roma já havia sido ocupada pelos Aliados e o X e XIV Exércitos Alemães haviam recuado principalmente para o norte da Itália, posicionando-se na Cordilheira Apenina, onde estabeleceram um cinturão de defesa fortificado aproveitando-se da topografia acidentada do terreno. A Linha Gótica, onde os alemães instalaram-se, possuía aproximadamente 280 km de extensão.

O Marechal Floriano de Lima Brayner, então Chefe de Estado-Maior da F.E.B. e o General Mascarenhas de Moraes, seu comandante, descrevem as características do terreno e as circunstâncias em que os alemães encontravam-se:

O campo de batalha italiano tinha um *front* angustiado entre o Adriático e o Tirreno. Nele, os alemães conseguiram, ao se fixarem nos Apeninos, ganhar um precioso tempo de manobra, num tremendo esforço de cobertura da fronteira alpina com a França e com a Alemanha. Sabiam os dirigentes da Coligação Germânica que a grande manobra do Vale do Pó seria a precipitação do fim da guerra e derrota do Eixo Berlim-Roma.

Impunha-se urgentemente esse lance decisivo, que seria coordenado com uma nova invasão da França, por Marseille-Toulon, rumo ao Norte. Lutava-se tremendamente na Normandia; mas, temia-se que a Alemanha chegasse a concretizar o emprego das armas atômicas, cujos estudos estavam sendo ultimados e poderiam modificar o panorama da guerra, na dramática fase do desespero que, de há muito, se anunciava como sendo a decisão assentada pelo ditador alemão. (Brayner, 1968, p. 22)

[...] a Linha Gótica partia da região costeira do Mar Tirreno (regiões de Carrara, Massa, La Spezia), apoiava-se na região montanhosa dos Apeninos, seguindo via-de-regra a linha de Fêsto, e terminava nas áreas de Pesaro e Rimini, já na faixa litorânea do Adriático. Não fora tal linha realmente dotada de instalações poderosas, salvo nos setores costeiros (regiões de Massa, Carrara, La Spezia, Rimini e Pesaro), nos passos montanhosos de Radici, Porreta, Colina, Futa, San Godenzo e Giogo, bem assim em certas áreas situadas nas adjacências das estradas n. 64 (Pistóia – Porretta Terme – Bolonha), 65 (Florença – Passo de Futa – Bolonha) e 67 (Florença-Ravena), que atravessam os Apeninos em demanda do Vale do Pó. Havia de Permeio, entre a região litorânea de Pietrasanta e a Serra de Pistóia, um setor desprovido de organizações defensivas de valor, exceto ao sul do passo de Radici, ou seja na área de Castelnuovo de Garfagnana. (Moraes, 1960, pp. 66-67)

Na Campanha Italiana, as tropas brasileiras operaram em áreas como o Vale do Rio Serchio, Vale do Reno, Vale do Panaro e o Vale do Rio do Pó.

Em contato com a F.E.B. atuaram em diferentes etapas do conflito as seguintes divisões inimigas alemãs: 42<sup>a</sup> Divisão Ligeira, 232<sup>a</sup> Divisão de Infantaria, 94<sup>a</sup> Divisão de Infantaria, 114<sup>a</sup> Divisão Ligeira, 29<sup>a</sup> Divisão Motorizada, 334<sup>a</sup> Divisão de Infantaria, 305<sup>a</sup> Divisão de Infantaria, 90<sup>a</sup> Divisão Motorizada e 148<sup>a</sup> Divisão de Infantaria. (Moraes, 1960)

Cabe salientar que além dos alemães, a tropa brasileira também enfrentou algumas unidades fascistas italianas como a Divisão Itália, a Divisão Monte Rosa e a Divisão San Marco.

O conflito no território italiano tinha suas particularidades. A guerra que os brasileiros enfrentaram tinha como pano de fundo dois espaços: as cidades e inicialmente as montanhas do país.

Vicente Gratagliano, ex-combatente, passa sua percepção da experiência na Itália:

Eu entrei no dia 15 de setembro para o dia 16. Logo no início dos combates, nós já fomos para a frente e só saí quando acabou. E só tive oito dias de licença, que o tenente me deu oito dias de licença, e eu fui passar esses oito dias em Roma. O resto foi só *front*. Só buraco e montanha, buraco e montanha. [...] Montanha era o que não faltava. Buraco, então! Quando pegava montanha com pedra, aí é que nós sofríamos! A mão sangrava, não conseguia fazer buraco. Quando chovia, ajudava, porque amolecia a terra para cavar com a pazinha, mas depois a gente sofria porque tinha que ficar no molhado.<sup>434</sup> (Gratagliano, 1992, como citado em Maximiano, 2010, pp. 104-105)

Ao se depararem com essas categorias de combate, especialmente a guerra de montanha, os pracinhas parecem iniciar um processo de desconstrução da representação de guerra que levaram para a Europa. Ou seja, a guerra retratada nas artes plásticas, em pinturas típicas do século XIX, ou no cinema, em que os inimigos são facilmente identificados visualmente, com localizações e divisões de terreno bem definidas, dispostos em campos abertos, bastando apenas apontar a arma para atingi-los em um campo de batalha “esterilizado”. (Maximiano, 2010).

---

<sup>434</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1<sup>a</sup> Companhia do 1<sup>o</sup> Batalhão do 6<sup>o</sup> Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 1992.

A dinâmica do combate, o tempo passado nas trincheiras e mesmo o contato com a morte, apresentaram aos combatentes uma guerra diferente e que provavelmente não tinham em mente, bem distinta das que viram em filmes.

Na guerra, não sei se é o que você pensa, eu também pensava de forma diferente, eu pensava que a guerra fosse, por exemplo, 'nós tamos aqui, o inimigo tá lá, então eles atiram de lá para cá e nós atiramos daqui para lá', né, todo dia. Mas não era todo dia. Você não tinha essa ideia também? Então, eu tinha essa ideia. Mas não é. É difícil você ver o inimigo. É tudo camuflado. Lá nesse lugar que nós estávamos, Guanella, lá de noite era noite, agora, de dia, lá tinha umas máquinas, pra queimar óleo, pra nós ficarmos no meio da fumaça. Porque senão os alemães, do alto do Monte Castello, eles matavam nós lá na trincheira, que lá falava *foxhole*. Então pra nós era sempre noite.<sup>435</sup> (Vicentini, 1999, como citado em Maximiano, 2010, p. 110)

De repente, percebi como pode um soldado sentir-se solitário na sua trincheira, solidão no meio de muitas outras. Todos também deviam sentir aquele vazio, aquele terrível vazio de estar vivendo um pesadelo. Tudo fica irreal e inconcebível. São pensamentos bem amargos; alguns, se melhor examinados, talvez não tivessem razão de ser, mas parecia-me tudo desculpável. Eu estava vendo, como milhares de outros pracinhas, o mundo através de uma trincheira. E uma trincheira tem mais de amargo do que de heroico. [...] A guerra não tem nada de heroico. É triste, e a trincheira é dos piores lugares da guerra.<sup>436</sup> (Silveira, 1963, como citado em Maximiano, 2010, pp. 101-102)

[...] Enfrentamos muitas patrulhas, na hora não se dava conta do quanto se estava empenhado; depois de passado o confronto é que a gente tremia, ficávamos com a sensação de que não nos

---

<sup>435</sup> Relato do veterano AMERICO VICENTINI, que na F.E.B. foi membro da 4ª Companhia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1999.

<sup>436</sup> Registro em diário do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria. Trecho extraído de Silveira, J. X. (1963). Cruzes brancas: O diário de um pracinha (2ª ed). José Alvaro Editor.

haviam matado porque não quiseram, e não sabíamos se tínhamos atingido alguém. *Não é tão fácil matar na guerra como pode parecer.* [grifo nosso]

O pior é ficar ferido, geralmente morre um e dez ou quinze ficam feridos. A gente faz pontaria a 100m, dispara a arma e, às vezes, há um ou dois que a gente não sabe se atingiu, porque não foi só você que atirou. Seu companheiro também atirou, tanto que, em Santa Maria, um alemão atirava em nós e nós atirávamos nele, inclusive a aviação também atirava. Quando chegamos perto ele estava caído sentado, com um buraco na testa, feito por uma metralhadora. Então não foi ninguém de fuzil. *Não é tão fácil, como a guerra de televisão.* [grifo nosso] [...] <sup>437</sup> (Motta, 2001c, pp. 256-257)

Identifica-se em alguns depoimentos um momento chave em que os combatentes percebem a si mesmos de fato como peças atuantes na engrenagem da guerra. A seleção de onze relatos abaixo, tenciona destacar alguns momentos em que os veteranos realmente compreenderam que estavam inseridos em um conflito real e que precisariam adaptar-se rapidamente a essa dura realidade, deixando para trás suas ideias pré-concebidas do que era uma frente de batalha.

Iniciou-se, então, a entrada em linha das Unidades brasileiras. [...] Preocupado com o escoar do tempo e o curto prazo de que dispunha para o reconhecimento a ser feito, apelei para o capitão inglês, comandante do Pelotão que dirigia os trabalhos, para que pudesse prosseguir de imediato. Naquela situação, ele providenciava a recuperação de um de seus carros que, na realização do tiro durante a noite, perdeu os freios e, no recuo, desceu a encosta de marcha a ré até a margem de um rio. *A resposta do capitão foi a seguinte: “Naturalmente o senhor está preocupado com os prazos escolares, mas estamos em guerra e os prazos dependem de outros fatores como, do inimigo, do terreno, do tempo e de acidentes, e, por este motivo, o Sr. vai ter que esperar, até que possamos recuperar um dos nossos carros acidentados.” A partir dessa*

---

<sup>437</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

*informação, passei a compreender melhor os imponderáveis da guerra, conformando-me com a situação, embora preocupado.*<sup>438</sup> [grifo nosso] (Motta, 2001a, p. 160)

O povo brasileiro é um povo bem-humorado, alegre, não encara, talvez, a realidade dos fatos. Você observava o instinto alegre, parecia que estávamos num piquenique, num passeio, realmente, turismo, e aquilo até animava a gente, embora fosse situação de guerra. Não sabíamos ainda bem o que era a guerra.

A tropa brasileira alojava-se nas casas, acantonava. [...]

[...] No terraço da casa, era a hora do almoço, as marmitas, aquelas prateadas com talheres articulados, faca, garfo e colher, você com aquilo ali, brincando e cantando; no reboque da água estavam um cabo do rancho, o taifeiro, que também era barbeiro e, incrível como possa parecer, paraguaio.

Ele apoiou o espelho no carro-reboque para fazer a barba do cabo e quando estava naquele sol quente, bonito, tudo brilhando, querendo-se a “bóia”, vem o primeiro tiro da artilharia, que arreventou na estrada.

Não sabíamos se era alemão.

“É o americano treinando, não é nada não!”

A turma aquietou-se um pouquinho. Daí a pouco veio o segundo, que foi em cima de todo mundo!

Foram os primeiros companheiros brasileiros mortos!

Houve alguém que disse:

- Vamos pegar pá, picareta, enxada, o que houver, para ir atrás desses inimigos, eles mataram nossos brasileiros!

---

<sup>438</sup> Relato do General-de-Brigada HELIO DUARTE PEREIRA DE LEMOS, que na F.E.B. atuou como Comandante da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

- Fulano, não é assim, não! Isso aí é guerra, ninguém vai brigar com pá e picareta, não!<sup>439</sup>  
(Motta, 2001b, pp. 270-271)

Ali, permanecemos durante vários dias e noites. Foi numa noite dessas que pudemos assistir, no céu, a um verdadeiro combate aéreo! Ficamos deslumbrados, olhando para o céu, boquiabertos: como o americano leva a sério o treinamento do seu pessoal [...]: aviões em voos rasantes, bombardeio cerrado, metralhadoras antiaéreas disparando com tiros traçantes, que nunca tínhamos visto antes, e, às vezes, inutilizando, mesmo, nossos próprios *blimps* de defesa... Um exagero de desperdício de munição! Como nós, de Exército tão pobre, jamais ousaríamos fazer... Parecia um verdadeiro show noturno naquele céu de Nápoles!...

Só na manhã seguinte, nós, os ingênuos estreantes, viemos a saber que tudo fora real!  
[...]

Sem que suspeitássemos, a guerra já havia começado para nós... Já estávamos engajados nela e, daí por diante, dentro de cada um, nascia o que a mim sempre pareceu o pior: a inquietação! O alerta permanente, o espírito vigilante e instinto de autodefesa comandaram, daí por diante, todos os nossos comportamentos. Até mesmo para dormir ou cochilar, pelo cansaço, estávamos sempre acompanhados do armamento, de pistola em punho ou, no mínimo, no coldre.<sup>440</sup> (Motta, 2001f, pp. 123-124)

[...] Eu gostaria de citar, aqui, algo que nos impressionou muito no acampamento de Vada. Nós ficamos ao lado de um cemitério americano que recebia os mortos daquela frente de combate.

Ao cair da tarde, todos os dias, chegavam os caminhões com os corpos envoltos em uma espécie de sacos brancos. Eles eram desembarcados e sepultados, muitas vezes, com a presença de um capelão que fazia a encomendação dos corpos. O que nos impressionava um

---

<sup>439</sup> Relato do Sargento AYRTON VIANNA ALVES GUIMARÃES, que na F.E.B. atuou como Integrante da 2ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>440</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

pouco era que os italianos continuavam preparando as covas simetricamente. Isto me fazia pensar – pelo menos na minha cabeça às vezes passava esta ideia e devia passar na dos outros também – será que essa aí vai ser para mim? Mas este pensamento, de qualquer maneira, foi nos dando uma ideia mais positiva, mais precisa do que seria a guerra.<sup>441</sup> (Motta, 2001d, p. 209)

Costumo dizer que meu batismo de fogo foi um batismo por etapas. Explico o porquê. Ao entardecer, quando chegamos à Tenuta de San Rossore, fomos distribuídos por barracas de dez praças. De repente, eu ouço uns sons semelhantes a trovões... “Vai chover?” perguntei. Alguém respondeu que eram os tiros de artilharia pesada lá na frente. Nesse momento eu senti claramente que estava entrando no meio da guerra.

Acostumei-me com aquelas “trovoadas” longe de onde nós estávamos.<sup>442</sup> (Motta, 2001d, p. 272)

Havia dois QG, um Avançado e outro Recuado. Em 24 de dezembro de 1944, mandaram que eu me apresentasse ao QG avançado, do General Mascarenhas, em Porreta Terme, deixando o Depósito em definitivo.

Lá, fui designado, como disse, para servir no III Grupo de Obuses 105mm, do Coronel Souza Carvalho. Não me lembro a região onde ele se encontrava, mas sei que, durante o percurso até o grupo, eu tomei alguns sustos porque havia alguns obuses em posição e estavam atirando. Para mim, a guerra estava começando naquele momento.<sup>443</sup> (Motta, 2001e, p. 136)

Depois do CLF dar-me explicações detalhadas do funcionamento dos obuseiros e do serviço da peça, ao sair do local, o Chefe de Peça dizia com absoluta naturalidade: “Ele repete o que está

---

<sup>441</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>442</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>443</sup> Relato do Coronel MANOEL VALENÇA MONTEIRO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em agosto de 2000.

no manual. Isto pode ser importante para uma inspeção do pessoal de Material Bélico, mas na prática tem que ser diferente... “E, entre outros comentários, que me serviram (e muito), ele disse, jocosamente: “Se não há tempo para limpar e engraxar a munição, a granada vai com lama, pois garanto que o alemão não sabe a diferença...” [...]

Ainda no estágio na 88ª DI, frente a Bolonha, vi o “corre-corre” dos soldados da Bateria em que me achava logo após uma mudança de posição, todos em busca de seus capacetes de aço e dos abrigos improvisados. Ocorrerá um tiro fumígeno que denunciava uma contrabateria. A eficácia foi à nossa retaguarda, mostrando que o alemão buscava outro alvo. Mas o susto foi igual e me mostrou que, nessas horas, não há um comando para abrigar. Tudo funciona como reflexo condicionado individual, fruto do treinamento e da experiência. Se fosse uma demonstração, estaria perfeita, mas na hora eu não sabia bem o que fazer. Era um estranho no ninho...<sup>444</sup> (Motta, 2001f, p. 152)

Nós ficamos nos porões das casas. [...] Nas montanhas, nos pequenos vales, havia muitas casas e aldeias. Chegar ao *front*, pela primeira vez, é um impacto. Daí em diante, não é mais brincadeira, estamos na guerra. Ir até a linha de frente, fazer patrulhas na “terra de ninguém” e atacar. Fazer prisioneiros ou tomar as armas automáticas do inimigo, nas suas trincheiras, com o perigo de entrar, nessa progressão, num campo minado, tudo junto, é um impacto.<sup>445</sup> (Motta, 2001f, p. 330)

Com a minha entrada na linha de frente, librei-me dessas duas incertezas, principalmente pelo meu comportamento correspondendo às expectativas. Fiquei bastante aliviado quando me ocorreu a aceitação do que pudesse me acontecer, inclusive a morte como o fato de maior gravidade, pois, dessa forma, teria cumprido o juramento que um dia fiz ao meu País: “Morrer, se necessário, em sua defesa.” Naturalmente, com todo o meu esforço, voltado não só para

---

<sup>444</sup> Relato do Coronel GERMANO SEIDL VIDAL, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo da 2ª Bateria do IV Grupo de Obuses de 155mm. Entrevista concedida em janeiro de 2001.

<sup>445</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

minha defesa pessoal, mas, sobretudo, para a segurança do grupo de combate que eu comandava. Com essa aceitação, senti-me capaz de realizar com eficiência a minha missão.<sup>446</sup> (Motta, 2001f, p. 281)

Em Vada, perto de Pisa, fizemos os treinamentos previstos com os americanos. Até que, numa tarde, numa plantação de uvas, o Capitão Lobato reuniu a Bateria e falou para todos. O Capitão era um homem de cerca de quarenta anos, que deixara no Brasil a esposa grávida. Quando chegamos à Itália, ele recebeu a notícia de que seu primeiro filho havia nascido. Assim, naquela tarde, ele nos falou com emoção, sobre nossas responsabilidades, sobre o amor à Pátria, disse-nos que, naquela hora, começava a nossa guerra de verdade, que iríamos cumprir nossa primeira missão, entre outras palavras mais. Após o Capitão falar, nós todos nos congradamos, apertando as mãos e nos abraçamos.<sup>447</sup> (Motta, 2001f, p. 344)

Após almoçar na AD, seguimos para a Bateria. Quando chegamos, o Capitão Valmiki, ao nos receber, disse para mim e para o Aspirante Tancredo Jubé, classificados em sua bateria: “O alemão está ali em cima, naquela elevação.” Olhei para o Capitão e disse para mim mesmo: “Estou levando trote de Aspirante. Como é que o alemão pode estar ali tão pertinho? Mas, tudo bem.”

Daqui a pouco vem o cabo do rancho e pergunta: “Capitão, o senhor vai servir o jantar antes ou depois do bombardeio?” Pensei: “Mais outro trote.” Bom, o Capitão disse: “Depois do bombardeio.” Logo depois, não é que veio o bombardeio mesmo” Aí, bota o capacete de aço, sai correndo para o *fox hole*... até que aquele bombardeio parou. Em seguida, foi servido o jantar.

A guerra é isso? Como é essa guerra?

---

<sup>446</sup> Relato do Capitão DIVALDO MEDRADO, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante do 1º Grupo de Combate do 2º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>447</sup> Relato do Primeiro-Tenente MIGUEL FERREIRA DE LIMA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Chefe de Peça da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em abril de 2001.

O Capitão sabe que o inimigo está ali em cima e marca a hora do bombardeio... Isto está muito esquisito! O nosso “batismo de fogo” com hora marcada!<sup>448</sup> (Motta, 2001a, p. 270)

O inimigo dos pracinhas encontrava-se em posições privilegiadas, nas cotas mais altas das montanhas e instalado em estruturas cuidadosamente planejadas, como as casamatas. O Monte Castelo<sup>449</sup>, a título de exemplo, uma das elevações que os brasileiros tiveram grande dificuldade em conquistar, possuía diversos suportes militares alemães distribuídos por suas encostas, como espaldões de metralhadoras leves e pesadas, trincheiras antitanques, posições de morteiros e abrigos individuais. Toda essa infraestrutura militar camuflada impecavelmente com pedras e troncos, estrategicamente posicionada para atingir o adversário. (Maximiano, 2010)

É comum identificar nas narrativas dos veteranos brasileiros a menção de cotas e principalmente, a posição favorecida em que encontravam-se as instalações militares alemães na Itália. A seleção de relatos abaixo, elucida aos visitantes da exposição as características do *front* italiano, a guerra de montanha e as táticas dos alemães no terreno, bem como a desvantagem em que os combatentes aliados iniciavam as suas missões.

Para lá caiu um e enterrou meu colega que estava na trincheira, para lá matou outro ... *Nós estávamos embaixo do inimigo: eles estavam em cima do morro, e nós estávamos nas encostas.* [grifo nosso] A pior arma da infantaria é o morteiro: com ele, você põe a bomba onde você quer, é só regular; *então foi a arma que mais castigou a gente por causa de ser um lugar montanhoso.* [grifo nosso]<sup>450</sup> (Torres, 1992, como citado em Maximiano, 2010, p. 141)

---

<sup>448</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>449</sup> O ponto mais alto do Monte Castelo estava situado a 977m de altitude, os alemães possuíam grande parte de suas metralhadoras posicionadas na cota 950. Claramente os alemães estavam em posição de vantagem relativamente aos Aliados, que avançavam em cotas inferiores.

<sup>450</sup> Relato do veterano SANTO TORRES. Entrevista concedida em 1992.

[...] devo lembrar que o alemão já estava na guerra havia quatro anos e a gente estava chegando; já estava acostumado com aquilo tudo; estava na defensiva, nós atacávamos; eles, em cima do morro, a gente, embaixo, determinados a subir. [...] <sup>451</sup> (Motta, 2001b, p. 97)

A conquista de Monte Castelo foi difícil porque os alemães estavam nas posições superiores. Os brasileiros sempre os viam de baixo para cima e eles, ao contrário, de cima para baixo. Podiam atuar com morteiro ou com canhão em cima das nossas viaturas de retaguarda, de apoio etc., com muita facilidade. [...] <sup>452</sup> (Motta, 2001b, p. 139)

Posteriormente, fomos para outras frentes e deslocados, mais tarde, para Castelnuovo, onde houve um combate difícilimo, [...] A 4ª Companhia teve parte do seu pessoal dizimado, morto ou ferido, e o Batalhão ficou perdido, apesar das várias tentativas de desdobramento. [...] A posição era muito difícil, porque o Castelnuovo era um monte rochoso, como um nariz que se colocava dentro de nossas linhas, uma elevação muito alta, de cotas muito íngremes e inacessíveis; dali os alemães tinham domínio completo sobre a área de nossas posições. <sup>453</sup> (Motta, 2001c, p. 69)

A experiência de já sentir o inverno, coisa que desconhecíamos e todos os problemas que a neve trazia para as nossas unidades, que se preparavam e que já travavam combate, além das diversas situações que ocorriam com as nossas tropas, de se colocar em uma boa posição, em defensiva, ou pior ainda, os ataques, pois os alemães se colocavam sempre nas alturas, em posições muito bem defendidas, porque já vinham com uma experiência de guerra da África, por isso já eram especialistas. <sup>454</sup> (Motta, 2001c, p. 136)

---

<sup>451</sup> Relato do Doutor SILAS DE AGUIAR MUNGUBA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>452</sup> Relato do General-de-Exército PAULO CAMPOS PAIVA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarro do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>453</sup> Relato do Coronel JAIRO JUNQUEIRA DA SILVA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>454</sup> Relato de EWALDO MEYER, que na F.E.B. atuou como Auxiliar da 3ª Seção do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em abril de 2000.

[...] Um saliente dominava todo o Soprassasso, e as nossas companhias ficavam em áreas isoladas, separadas umas das outras, às vezes por vários quilômetros e sem apoio mútuo, não havia uma linha de gente contínua.

E esses núcleos eram dia e noite vigiados pelos alemães, que estavam em posições dominantes. Os nossos soldados não podiam nem tirar a cabeça fora dos abrigos porque eram mortos por atiradores de tocaia que lá de cima dominavam toda a região.

Portanto, era preciso tomar muito cuidado; alguns homens foram feridos. Era uma região que os alemães conheciam muito bem; eles desciam todas as noites em pequenas patrulhas de informações ou em grandes para tentar fazer prisioneiros.<sup>455</sup> (Motta, 2001c, p. 172)

Monte Castelo foi a prova da capacidade da FEB, porque plena de sacrifício, em terreno difícil, sem a proteção de cobertas e abrigos, com uma vegetação muito rala e o inimigo muito bem postado em posições dominantes. Ainda havia o Belvedere ao lado, mais alto do que o Castelo, também ocupado pelos alemães. Durante os ataques ao Monte Castelo, a tropa recebia fogos de frente e de flanco.

A única maneira de ocupá-lo foi empregar, simultaneamente com a tropa brasileira, a Divisão de Montanha americana para atacar o Monte Belvedere, impedindo o inimigo de hostilizar os nossos atacantes, por se encontrarem engajados com os elementos da infantaria americana.<sup>456</sup> (Motta, 2001c, p. 176)

Quando começou a Ofensiva da Primavera, era correr atrás do inimigo. Foi a única vez em que estivemos em cima e os alemães embaixo, porque quando abandonavam uma cidade, sabendo que a tropa inimiga iria ocupa-la, se dirigiam par as montanhas que cercavam a cidade e ficavam

---

<sup>455</sup> Relato do Doutor JOSÉ ALFIO PIASON, que na F.E.B. atuou como Chefe da 2ª Seção do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>456</sup> Relato do Doutor JOSÉ ALFIO PIASON, que na F.E.B. atuou como Chefe da 2ª Seção do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001

observando. Na hora em que viam a tropa entrar, abriam fogo com morteiros sobre nós. [...] <sup>457</sup>  
(Motta, 2001c, p. 293)

[...] Ficamos preocupados, pensando que os alemães nos localizariam. Eles, abrigados na parte de cima, como sempre. Fizeram a guerra em posições de Comandamento, sempre que recuavam ocupavam novas posições, mais altas. Retraíam para aquelas previamente preparadas, na Linha Gótica.

Quando chegou o mês de novembro, as chuvas começaram a ficar mais intensas, as árvores ficavam nuas, porque as folhas caíam na antevisão do inverno, [...] Continuamos em posição, sofrendo; qualquer movimento que a gente fazia o alemão observava e mandava fogo. [...] <sup>458</sup> (Motta, 2001c, p. 306)

Um dado importante sobre a frente ocupada pela Divisão brasileira nos Apeninos é que as posições alemãs situavam-se na parte alta, com comandamento total sobre nós. De seus observatórios de Monte Castelo, Montese, Zocca e outros, os alemães controlavam os passos dos combatente brasileiros. [...] <sup>459</sup> (Motta, 2001e, p. 121)

A Campanha dos Apeninos foi, sem dúvida, de grande importância para a FEB. Cercou-se de bastante dificuldade, em virtude do terreno muito difícil a ser palmilhado e da falta de experiência de combate da maioria das tropas da 1ª DIE, que aí foram receber o seu batismo de fogo, inclusive o meu Regimento. Para agravar as condições em que operamos, a campanha coincidiu, em boa parte, com o período de inverno cuja temperatura chegava a 20 graus negativos. O alemão, aferrado e bem instalado em suas casamatas, descortinava as nossas posições à sua

---

<sup>457</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>458</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>459</sup> Relato do General-de-Brigada IGNÁCIO REBOUÇAS DE MELLO, que na F.E.B. atuou como Ajudante-de-Ordens do General Olympio Falconiêri da Cunha. Entrevista concedida em novembro de 2000.

frente com grande facilidade e a olhos nus. Na desocupação, minava todo o terreno e destruía tudo o que pudesse servir de abrigo ou trazer conforto ao novo ocupante.

Diante desse quadro, e para combater o inimigo, precisávamos de um forte apoio logístico. [...] <sup>460</sup> (Motta, 2001f, pp. 285-286)

Nas montanhas italianas, as deslocções de efetivos e mesmo, o apoio logístico, que incluía atividades essenciais como remuniciamento, envolviam grandes riscos e por vezes, demandavam um tempo maior para serem concluídos, por conta da ocupação alemã nos pontos altos dos terrenos. A tática dos inimigos, também incluía a destruição de pontes e estradas o que dificultava a circulação dos aliados.

Durante o dia, ficava-se completamente vulnerável, exposto ao alemão. Por essa razão, o suprimento e o revezamento dos observadores só se podia fazer à noite, mas mesmo assim, se o alemão escutasse algum movimento, atirava também. Sabia que estava subindo alguém e, como já tinha os elementos de tiro ajustados, atirava. <sup>461</sup> (Motta, 2001d, p. 278)

Para a defensiva, os alemães se aproveitavam muito bem da topografia daquela área. A estrada 64, que passava mais ou menos paralela, encontrava um pequeno rio chamado Marano com uma ponte sobre o mesmo. Os alemães a tinham destruído e a nossa Engenharia reparou, mas todas as viaturas ao passar por ali tinham que vir devagar, porque o local era acidentado e o alemão estava vendo lá de cima. <sup>462</sup> (Motta, 2001c, p. 83)

---

<sup>460</sup> Relato do Capitão DIVALDO MEDRADO, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante do 1º Grupo de Combate do 2º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>461</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>462</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

Da localidade de Castel di Casio, ao anoitecer, partimos, em marcha noturna, para a posição de bateria; noite escura e chuvosa, faróis apagados, estrada em péssimas condições, pois, além de trechos que eram verdadeiros atoleiros, havia precipícios; tudo sob as vistas das tropas inimigas, num percurso que deveria ser feito até clarear o dia, pois, se fôssemos localizados, poderíamos ser colhidos por seus fogos que nos destruiriam logo na primeira missão recebida.<sup>463</sup> (Motta, 2001a, p. 224)

A Torre de Nerone era um saliente da linha de contato, encravado no dispositivo inimigo. A mesma estava na cota 731 (era a altitude do observatório). Na frente da Torre, existiam três elevações: Soprassasso, Castelnuovo e Monte Della Castellone com uma altitude de mais de mil metros. Tinham uma grande visão de todo o terreno em frente. A Torre era muito íngreme, o que obrigava a quem fosse para lá, a se aliviar, ao máximo de peso. O acesso ao PC do Batalhão ao qual a Bateria apoiava e o acesso à Torre só podiam ser feitos à noite, porque o terreno a percorrer ficava completamente exposto. À noite, o observador que estava lá na Torre mandava um soldado descer ao PC do Batalhão para apanhar um camburão de água e uma caixa de ração para o dia seguinte. Quando esse soldado estava cumprindo a sua missão, ele era caçado com fogos *very light* e tiros de morteiro. Ele era caçado... ali era difícil.

Aquele era o observatório mais visado de toda a frente [...] <sup>464</sup> (Motta, 2001e, p. 125)

Os alemães estavam tão bem instalados na topografia, que até mesmo uma pausa no percurso por conta das dificuldades de um dia chuvoso ou para atender o telefone e receber orientações de superiores, poderiam colocar em risco a vida dos combatentes aliados. Dar poucos passos sob as vistas do adversário poderia ser angustiante, como mostram os relatos abaixo.

---

<sup>463</sup> Relato do Coronel SÉRGIO FARIA LEMOS DA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Linha de Fogo da 1ª Bateria de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>464</sup> Relato do Coronel JORGE ALBERTO MOITREL COSTA, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da Artilharia, integrante da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em outubro de 2000.

Em determinado momento, seguia com o Capitão Florimar Campello, meu Comandante de Bateria, quando ele, notando que havia algumas viaturas atrasadas, chamou-me e mandou que permanecesse para trás, recolhendo essas viaturas, de modo a formar uma coluna e seguir para a posição designada para a Bateria. Foi o que eu fiz. Reuni cerca de dez a doze viaturas e prossegui, com noite muito escura e chuva intensa, até um ponto em que vi um vulto parado na minha frente. Desembarquei para verificar do que se tratava. Ao invés de uma viatura, como pensei que fosse, havia uma coluna inteira, imobilizada pelo lamaçal, justamente num ponto em que a estrada fazia uma curva de 90° para a direita, num terreno encaixotado dos dois lados, não havendo, portanto, a possibilidade de manobra daquelas viaturas ali paradas. A noite já estava adiantada, começando a aparecerem os primeiros sinais dos contornos das elevações do lado inimigo. Procurei o comandante da coluna, um tenente da 2ª Bateria de Obuses, companheiro de turma, e perguntei-lhe: “Você está vendo aquela elevação na frente que já aparece? Sabia que o inimigo está lá?”

Depois de um sorriso, nos perguntamos: “Como é que vamos fazer?”

Acertamos que só havia uma solução: tirar uma a uma as viaturas daquele atoleiro. E foi o que fizemos. Reunimos nosso pessoal e uma a uma foram sendo retiradas as viaturas. Quando consegui sair com minha coluna, o dia já estava razoavelmente claro e corremos um enorme risco de sermos bombardeados exatamente na ocasião de nossa primeira entrada em posição. Afortunadamente, nada aconteceu e pude prosseguir até a posição de bateria.<sup>465</sup> (Motta, 2001a, p. 249)

[...] A gente estava na posição e a coisa foi violenta mesmo; eu estava com o meu Pelotão todo e o Perez também. O Carrão, que estava do lado esquerdo, tinha chegado depois, porque estava muito longe, e eu precisei “brigar” com o Capitão para que ele desse ordem ao Carrão para juntar-se mais a mim, porque, com aquele intervalo, o alemão entraria por ali rapidamente.

E foi a sorte, o Carrão mal chegou, não deu tempo nem de fazer o abrigo dele, porque os alemães atacavam lá de cima. Eu atirava de “bazuca”, pois estaca mais alto, e aquilo foi um

---

<sup>465</sup> Relato do Coronel JÚLIO DE PÁDUA GUIMARÃES, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

negócio incrível, uma coisa tremenda; o combate durou cerca de uma hora e meia. Nesse período estávamos preocupados com a munição e o Tavares me chamando; só que, para pegar o telefone, tinha que sair do abrigo de baixo de bala, para ir até o local onde estava o aparelho e falar com ele. Certa hora, na segunda vez que ele me chamou, respondi: “Capitão, por favor, o senhor não me chame mais porque não vou atender ao telefone; o senhor, de onde está, não comanda a Companhia, o senhor não pode dar uma missão, não pode mandar reforço, não pode mandar coisa nenhuma, e como já tinha dito, não me chame, porque toda hora que eu saio para atendê-lo, corro risco.”<sup>466</sup> (Motta, 2001c, pp. 186-187)

Assim, percorremos os mais longos trezentos metros jamais existentes! É difícil de imaginar e descrever. Mas, procuremos ver o seguinte: nós cercados de alemães; não havia dúvida de que eles nos viam, estávamos cientes disso. Um dia claro de Sol, tendo que andar em terreno descoberto, cerca de trezentos metros. Avança-se. Passo a passo. Cada passo é mais um passo... Ou significará menos um? É somente tensão e atenção. A observação se amplia; todos atentos a qualquer barulho, atentos para qualquer movimento que acontecesse. É difícil... os metros ficam longuíssimos. O tempo não existe, por falta de referência. [...] <sup>467</sup> (Motta, 2001d, p. 304)

A vantagem dos alemães sobre os brasileiros, não estava somente na escolha de sua posição no terreno. Para construir seus *bunkers* ou casamatas os alemães chegaram a utilizar trabalho semiescravo e não importavam-se em destruir o entorno, bosques e florestas, para utilizar a lenha para reforçar suas instalações e obterem um bom campo de tiro.

Alguns veteranos brasileiros parecem surpreender-se com a estrutura dos abrigos dos oponentes:

---

<sup>466</sup> Relato do Bacharel JOSÉ GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>467</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

Vou para o observatório de Monte Belvedere. O local é junto com os fuzileiros da 2ª Cia. do 6º R.I. O abrigo é uma antiga 'casmata' alemã, dotada de porta, janela de vidro, beliches. Toda forrada de toras e pinho e assoalho de madeira! É interessante a gente lembrar-se que ainda há bem poucos dias, o local fora 'habitado' pelos alemães. Sente-se uma sensação esquisita, ao se contemplar os objetos deixados por eles, como por exemplo a mesa junto à vidraça, a cadeira, os cabides e outros pequenos detalhes que não podem escapar da nossa observação.<sup>468</sup> (Gonçalves, 2000, como citado em Maximiano, 2010, p. 163)

Quando a tropa avançava, as metralhadoras inimigas começavam a atirar de dentro de casamatas muito bem preparadas com concreto. Os alemães são muito bons soldados. O cruzamento de fogo que eles faziam com as metralhadoras era uma coisa incrível, não dava para passar de jeito algum. As posições de tiro se apoiavam e criavam uma barreira de fogo. As casamatas tinham seteiras, janelas pequenas, de onde os alemães atiravam. Cada posição defendia a outra e para sobreviver a esse fogo tinha que se conhecer, em detalhe, como tirar proveito do terreno, no chão mesmo.<sup>469</sup> (Motta, 2001b, p. 151)

Castelo não era apenas mais um obstáculo que se contrapunha às necessidades e interesses das tropas aliadas na Itália. Era uma posição de defesa bastante fortificada com casamatas de concreto encravadas morro adentro que dispunham até de beliches e fogões; significava para os alemães o seu ponto de defesa mais importante, pois estrategicamente dominava toda uma região e praticamente fechava a porta de passagem em direção ao Norte e ao Vale do Pó. [...]<sup>470</sup> (Motta, 2001b, p. 220)

---

<sup>468</sup> Relato do Bacharel JOSÉ GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>469</sup> Relato do Coronel CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>470</sup> Relato do Major JOSÉ MARIA DA COSTA MENEZES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 7ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

As ondas de ataque funcionavam como um sanfona. Iam e voltavam. Monte Castelo sumiu. A Artilharia transformou tudo num vulcão. Era fumaça, terra, pedra, árvores, tudo para o alto. Essa concentração de fogos durou mais ou menos uns trinta minutos. Calculo terem sido dados uns 2.500 tiros. A Infantaria aproveitou essa situação e conseguiu chegar mais perto da crista da morro. Mas os abrigos e trincheiras alemães eram de concreto armado, ferro, etc resistindo a tudo, inclusive a bombardeios aéreos. [...] <sup>471</sup> (Motta, 2001d, p. 73)

Os alemães estavam muito bem entrincheirados e nisso eles eram doutores. Seus abrigos não eram *fox holes* quaisquer. Eram poderosas casamatas fortemente construídas com concreto, ferro etc. <sup>472</sup> (Motta, 2001d, p. 243)

[...] Quando ocupamos a crista, notamos a qualidade da fortificação. Constatamos que se tratava de uma posição fortemente defendida, com organização do terreno bem-feita, casamata sólida e diversas sapas ligando as posições. A propósito, neste ataque e conquista da posição, devo destacar a atuação do cabo Edson Salles de Oliveira, um garoto cearense muito destemido que, com sua iniciativa e arrojo, conseguiu ver um janela do ponto forte inimigo. Foi a única coisa que vimos, pois como afirmei antes, não sabíamos, exatamente, onde estavam os alemães. Sentíamos que a posição inimiga poderia ser muito fortificada. Quando estava rastejando, um dos soldados disse: “Tenente! O Senhor está em cima da casamata deles”. Aí, houve um fato interessante. Nós só víamos a entrada da casamata e começamos a jogar granadas de mão; eles não se manifestavam. Continuamos rastejando, com a intenção de chegar em cima da porta e jogar uma granada lá para dentro. Foi quando tomei o maior susto da minha vida: no momento em que vou jogar a granada, surge na minha frente um galho de árvore com uma bandeira

---

<sup>471</sup> Relato do General-de-Divisão HELIO PORTOCARRERO DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>472</sup> Relato do Coronel IÔNIO PORTELLA FERREIRA ALVES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em julho de 2000.

branca que quase me acertou o rosto. Foi um susto danado! Renderam-se dez alemães comandados por um suboficial. E bastante munição.<sup>473</sup> (Motta, 2001d, p. 301)

Há muita gente que tem a impressão de que Castelo é como se fosse um morro, uma elevação. Mas, não. É um maciço com contrafortes onde existiam posições de combate alemãs, como o esporão C. Vitelline-Cota 887. Foram combates sucessivos até chegar ao topo onde havia um posto de observação. A organização defensiva do terreno feita pelo alemão possuía abrigos de concreto, casamatas de madeira e, na contra-encosta, posições de repouso; estavam muito bem instalados. Nós chegamos até a usar essas posições de repouso, como posto de comando, porque era muito confortável.<sup>474</sup> (Motta, 2001d, p. 325)

O ataque era para nós pegarmos os alemães de surpresa. Aparentemente eles foram, tanto que passamos por duas casamatas e eles não deram sinal de vida. Parecia que não havia alemães. Ali, aprendemos uma coisa de muita valia para as ações posteriores. As casamatas eram incrustadas na pedra. Elas possuíam uma sala onde havia beliches e também as vigias para as armas. Tinham, ainda, uma sala subterrânea, com a entrada camuflada por feno. Lá, eles se escondiam. Assim, quando olhávamos, naquele dia as casamatas pareciam vazias.<sup>475</sup> (Motta, 2001e, p. 327)

Volvendo à conquista do Monte Castelo, onde foi completamente derrotado, quando nós chegamos lá em cima, ainda encontramos, no setor, seis alemães dentro daqueles *bunkers* de concreto, com luz elétrica e até mesa e cadeiras, com todo conforto para uma guerra. Eles empregavam apenas três ou quatro metralhadoras em lugares diferentes, atirando constantemente para fazer crer que, ali, estava toda a tropa, quando, na verdade, a mesma já

---

<sup>473</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>474</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>475</sup> Relato de MOACYR MACHADO BARBOSA, que na F.E.B. atuou como Sargento-Orientador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

havia retraído. Com isso, aqueles poucos combatentes realizavam quase que uma ação retardadora, permitindo que o grosso da tropa estabelecesse uma nova defesa alguns quilômetros atrás, em Montese, Montello e Montebuffone.<sup>476</sup> (Motta, 2001f, p. 130)

Após o ataque vitorioso ao Monte Castelo, [...], fui até o topo. Entrei nas casamatas alemãs, estava tudo entocado. Eram como se fossem construídas com muros por cima, nada os podia atingir, era impressionante. A área das posições, na cota 977, era muito bem organizada, os morteiros em casamatas, feitas de pedra, de granito, mas tão bem feitas que pareciam de concreto. Suas bases eram de madeira roliça. Aquilo era uma área cheia de locais e abrigos, nos quais se podia atirar, com qualquer coisa, sem produzir efeitos.<sup>477</sup> (Motta, 2001f, p. 211)

Já os brasileiros e colegas aliados se instalavam nas encostas das montanhas nos chamados, *foxholes* ou, em uma tradução literal, buracos de raposas. Tratavam-se de escavações, geralmente individuais, feitas pelos próprios combatentes com suas sapas, para protegerem-se do fogo inimigo, observar, manter posição, aguardar o momento de entrar em patrulha ou atacar, além de servir de abrigo para sobreviver as condições climáticas severas, com temperaturas entre 15 e 20°C graus negativos no inverno. Os abrigos brasileiros, quando possível, eram forrados com feno, reforçados com materiais naturais que encontravam no entorno ou telhas de metal corrugado e, no inverno, eram cobertos por neve. A localização desses “bucos”, como os brasileiros os apelidaram, era definida pelo comandante do Pelotão.

Nos relatos a seguir, os veteranos falam sobre suas experiências em seus esconderijos, abordam particularmente a construção de *foxholes* e abrigos de metralhadoras:

---

<sup>476</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>477</sup> Relato do Economista OSWALDO GUDOLLE ARANHA, que na F.E.B. atuou como Soldado Intérprete e motorista da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2001.

Nós ficamos lá embaixo do Soprassasso, embaixo do Monte Cavalloro, o alemão por cima e a gente por baixo, o alemão por cima e a gente por baixo, e veio o inverno, né, aí veio o inverno, aí o negócio piorou, rapaz. Nós chegamos a pegar vinte graus abaixo de zero. Aquilo lá era um troço de doer, né, em frente o Soprassasso, nós fizemos o espaldão de metralhadora, cobrimos, fomos lá para trás, tudo de noite, cortava árvores, punha lá os troncos em cima, cobria com folha e terra, quando chegava de manhã, ninguém via nada – só ficava aquela abertura pra pôr a metralhadora, né?<sup>478</sup> (Stella, 1994, como citado em Maximiano, 2010, p. 111)

Ali o senhor tinha que ficar três, quatro metros abaixo da terra, que a gente cavava. E ali a gente tinha que trabalhar. Se não trabalhasse e se protegesse, ainda caía muita neve. Por isso o senhor tinha que ficar protegido. Castanheira, pinheiro, o senhor cortava com um serrote pequeno, e serrávamos e serrávamos e serrávamos para servir a gente. Mas uma granada de canhão arrebenta aquilo. Então o senhor cobria, punha neve em cima, e tinha a porta, o senhor saía, fazia um serviço de guarda durante uma hora, o outro vinha para a casamata, ele ficava lá, de acordo com a escala. E de noite sempre surgiam essas escaramuças. [...] <sup>479</sup> (Domingues, 1999, como citado em, Maximiano, 2010, P. 106)

Infelizmente, a gente nem sempre pode escolher a melhor posição em combate. A minha era na encosta voltada para o inimigo de tal maneira que nós, às vezes, só podíamos nos mexer de noite. A posição era um saliente na linha de contato, penetrando no território inimigo e, praticamente, deixando Monte Castelo atrás de nós. Até a comida chegava de noite. Para nossa sorte havia uma casa bem dentro da nossa linha na qual cavávamos uma trincheira para chegar ao porão, onde fazíamos as refeições. Os alemães atiravam com o canhão de carro de combate. Escondidos, podíamos vê-los atirando na região de Pietra Colora, distante uns dois quilômetros de nós e servida por uma autoestrada. Sabíamos que era um carro de combate que ia lá, de noite, e atirava na gente, fazendo baixas. De dia eles não atiravam, porque estávamos

---

<sup>478</sup> Relato do veterano JOÃO STELLA, que na F.E.B. atuou como membro do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1994.

<sup>479</sup> Relato do veterano JOÃO SEBASTIÃO DOMINGUES, que na F.E.B. atuou como membro da 7ª Companhia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1999.

escondidos, seguros, nos abrigos ou atrás da casa. Durante o inverno, usávamos uniformes camuflados, brancos, para a neve, inclusive uma camuflagem para o capacete. Um italiano morador do local levava tiros também, porque ele não saía do lugar, por não ter para onde ir.<sup>480</sup> (Motta, 2001b, p. 155)

[...] Quando havia aqueles bombardeios, o pessoal se guardava porque o *fox hole* era realmente um abrigo espetacular. Para mim não era muito bom porque eu sou muito alto, então, o meu era mais “deita *hole*”, mas era a nossa proteção. [...]<sup>481</sup> (Motta, 2001d, p. 221)

[...] Anoiteceu e passamos a nos preocupar e a nos preparar para repelir o contra-ataque. É um corre-corre tremendo. Todos cavando abrigos, posições de tiro e *fox holes*. Nós sabíamos da possibilidade da ocorrência de reação inimiga e não era hora mais de vacilar. Todos organizaram o terreno rapidamente. [...]<sup>482</sup> (Motta, 2001e, p. 97)

Enquanto cavavam, por vezes podiam ser observados pelas tropas inimigas dada a sua posição privilegiada, como mencionado anteriormente. Por conseguinte, a atividade, além de cansativa, tornava-se extremamente perigosa para alguns combatentes.

[...] Nesse local perdemos dois soldados.

Eles tinham voltado do hospital e ficaram no Grupo de Comando, junto ao Capitão. Como eram do 3º Pelotão, o Tenente Bezerra pediu ao Capitão Motta que os soldados retornassem para seu Pelotão. O Capitão precisava deles, mas o Tenente insistiu. O Pelotão estava com claras, havia homens sozinhos no *fox hole*, quando, pela tática devem ficar em dupla. Os homens

---

<sup>480</sup> Relato do Coronel CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>481</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>482</sup> Relato do General-de-Brigada RUY LEAL CAMPELLO, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da 5ª Companhia do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

retornaram ao Pelotão. Ao amanhecer, estavam mortos. Os alemães, do alto de suas posições, observaram tudo com seus binóculos *Zeis*, os mais poderosos da época. Viram aqueles dois soldados cavarem, durante o dia, um *fox hole*. Marcaram a posição e à noite mandaram 26 granadas no local. O mesmo que estava, até aquele momento, tão tranquilo.<sup>483</sup> (Motta, 2001f, p. 336)

Veio a ordem para cavarmos os abrigos individuais de onde partiríamos para o ataque a Monte Castelo. Hoje, vendo à distância, nós estávamos totalmente sob as vistas dos alemães, a distância era curta, estávamos num vale... Pode-se imaginar o barulho que poderia fazer uma tropa de pá em punho cavando um abrigo de um metro e cinquenta para se enfiar dentro até partir para o ataque... O eco desse barulho no vale, como chegava aos ouvidos dos alemães, lá em cima, no Monte Castelo? Eles estavam, sabe Deus, achando graça no que estava acontecendo lá embaixo nessa madrugada!

Cavamos os abrigos, terminamos lá pelas quatro horas e ao amanhecer partimos para o ataque, Monte Castelo defronte. Alguns pelotões começaram logo a ser dizimados!<sup>484</sup> (Motta, 2001b, p. 238)

A preparação dos *foxholes* era sinônimo de grande dificuldade para alguns expedicionários, visto que não contavam com grandes ferramentas para fazê-lo. A utilização de uma pequena “sapa” tornava a atividade bastante custosa e, de acordo com os relatos abaixo, por vezes correr o risco de serem atingidos era uma opção considerada ao invés de dedicarem-se à execução de seus abrigos.

Pois é, então o que aconteceu? Ouvi a conversa no telefone e fiquei sabendo o que houve com a 3ª Companhia. A preocupação dos homens, na hora, era que a 1ª Companhia fosse ser

---

<sup>483</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>484</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

atacada. Quando percebi isso, eu e o Carrão tratamos de preparar o pessoal; o terreno era difícil para cavar com a pá pequena, fazer buraco para um homem ficar ali dentro, só com a cabeça de fora, era penoso. Ninguém queria cavar, todos achavam que era melhor correr risco de vida do que fazer isso, mas acabaram se convencendo e foi a salvação de todos.

Ocuparam os abrigos; quando passou a manhã, os alemães desencadearam um bombardeio na nossa posição e atiraram em nossa retaguarda, para evitar que viesse reforço. [...] <sup>485</sup> (Motta, 2001c, p. 186)

De Montese, tenho uma outra recordação muito amarga. Um companheiro, já antigo, não acreditava em fazer *fox hole*. Dizia ele: “Se a granada vier com o meu endereço, me atingirá em qualquer lugar.” Mas, nesse ataque a Montese, viu que estava caindo muita granada, e cavou um *fox hole* ao lado da minha trincheira. Durante o dia, ele não podia colocar a cabeça para o lado de fora, pois o alemão estava marretando mesmo. Quando escureceu, sentamos na beira dos próprios abrigos. Nisso, veio uma granada e caiu entre nós dois. Eu ainda tive a oportunidade de jogar-me dentro do *fox hole* e ele, que havia feito o primeiro abrigo durante a campanha da Itália, foi atingido e morreu ali na hora, sem ter podido utilizá-lo ou vir a receber algum atendimento médico. Isso aconteceu com o Noraldino Rosa dos Santos [...] <sup>486</sup> (Motta, 2001e, p. 226)

Em Africo, os soldados inimigos conseguiram passar por baixo da cerca de arames farpados; um oficial matou o alemão dentro do abrigo individual. Quando nos deslocávamos, tínhamos ordem de cavar o abrigo nas paradas. Um amigo meu disse: “Eu não faço mais abrigo porque depois eu vou embora e ele fica aí para os outros. É cansativo e duro cavar um buraco com

---

<sup>485</sup> Relato do Bacharel JOSÉ GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>486</sup> Relato do Tenente-Coronel JOEL LOPES VIEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

aquela pazinha (pá individual), para depois chegar ordem para mudar de posição.” [...] <sup>487</sup> (Motta, 2001c, p. 309)

Em contrapartida, identificam-se narrativas que evidenciam a adaptabilidade, a criatividade na busca pelo conforto e a tentativa de recriação do doméstico nos rústicos abrigos.

[...] A criatividade é incrível. A modificação dos *fox holes* que fazíamos deu-lhes uma forma igual a letra “L”. Cavava-se um pouco mais para que o combatente em repouso pudesse deitar no fundo e o outro ficava em vigilância.

À medida que a gente estava em posição, ia sempre cavando um pouquinho mais para se ter um melhor conforto. No meu Pelotão, eu sempre punha de dois em dois homens, porque um apoia o outro moralmente e no serviço eu não estabelecia horário, era a dupla que se entendia. Eles se revezavam, um cutucava o outro e dizia: “Está na hora de você ficar aí, companheiro”. Às vezes, tínhamos que ficar limpando a neve que caía <sup>488</sup> (Motta, 2001d, pp. 330-331)

A necessidade ensina artimanhas que o soldado deve usar. A latinha onde estava a ração comum, uma vez que não podia sair para atender às necessidades, com o frio que fazia, a gente utilizava para urinar. Era preferível isso do que pôr a cabeça para fora. Pouco a pouco aprendia-se. O *fox hole* era simples, com um dia, dois dias já tinha até prateleira, um lugar para guardar cigarro; fomos nos adaptando. <sup>489</sup> (Motta, 2001c, p. 219)

---

<sup>487</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>488</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>489</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

O ex-combatente, Coronel José Tancredo Ramos Jubé, relembra em um episódio cheio de humor, a importância dos foxholes para os expedicionários durante a Campanha:

Na disciplina, de vez em quando, havia um arranhão, mas nada que diminuísse o valor de nossa gente. Lembro-me, por exemplo, da Companhia comandada pelo saudoso Capitão Memória, quando, certa vez, olhando para a crista de uma elevação, que ficava à frente da sua subunidade, viu um soldadinho batendo o cobertor para retirar a poeira e gritou: “Abaixa fulano! Teu anjo da guarda já está dentro do abrigo há muito tempo!” Aí, um exemplo de desleixo com a própria vida, comum entre os pracinhas brasileiros, que abusavam, dando chance para o pior acontecer!<sup>490</sup> (Motta, 2001e, pp. 168-169)

A escavação de abrigos não era prática exclusiva de combatentes. Segundo o veterano Vicente Pedroso da Cruz, até mesmo os civis utilizavam tal recurso para protegerem-se na guerra.

[...] O *front* é aterrador, quem está na zona de combate não sabe o que vai suceder. Quando a Artilharia atirava, as famílias se escondiam nos buracos que chamavam de “buco”; cavavam os buracos e corriam para lá. Depois, os aviões de caça e seus ataques. O pessoal vai ficando medroso e havia pessoas que não saíam dos abrigos de tanto medo.<sup>491</sup> (Motta, 2001c, p. 302)

Nos momentos em que era preciso deixar as posições, seus abrigos ou *foxholes*, os brasileiros ficavam inteiramente expostos às armas alemãs posicionadas em cotas mais elevadas. Desta forma, era imprescindível a utilização de cortinas de fumaça artificial para camuflar os avanços dos combatentes e garantir o mínimo de segurança.

---

<sup>490</sup> Relato do Coronel JOSÉ TANCREDO RAMOS JUBÉ, que na F.E.B. atuou como Auxiliar do Comandante da Linha de Fogo da 3ª Bateria do III Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>491</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

Tinha aquelas máquinas pra queimar óleo, pra gente ficar no meio da fumaça. Então, quando a turma que veio da retaguarda começou a subir o morro, tinha fumaça. Agora, quando eles chegaram mais ou menos na metade do Monte Castello, deu um vento, tirou a fumaça. Aí os alemães lá de cima passavam a metralhadora, cortou tudo eles. Eu sei que do local que eu estava saiu uma companhia, avançou. Uma companhia é duzentos homens. Quando foi de tarde, voltou só o capitão; os outros não voltaram.<sup>492</sup> (Vicentini, 1999, como citado em Maximiano, 2010, p. 257)

[...] O terreno montanhoso da área condicionava as operações em força, de modo que se ficava limitado aos eixos. O objetivo do V Exército era chegar em Bolonha, antes do rigor do inverno – estávamos em fins de outono, começo do inverno. Para realizar essa ofensiva era necessário limpar os alemães das montanhas que flanqueavam, completamente, a estrada 64, que de Porreta conduz a Bolonha. A visibilidade que desfrutava o inimigo sobre essa importante via de comunicação exigia, como medida de disfarce, a produção intensa de cortina de fumaça. Caminhava-se de dia como fosse noite. [...] <sup>493</sup> (Motta, 2001a, p. 76)

Com relação à observação do tiro, praticamente, ficou restrita aos observadores avançados e, em certos casos, aos observadores aéreos, em detrimento dos postos de observação (PO). A justificativa, em primeiro lugar, recaiu no terreno montanhoso e muito dobrado. Outro motivo foi que as nossas posições tanto ao Norte como ao Sul do Rio Reno, tinham altitudes menores que as dos alemães. Um terceiro aspecto é que não havia uma linha de contato contínua. Tanto o dispositivo alemão como o brasileiro eram formados por núcleos de defesa, com cruzamento de fogos e obstáculos, principalmente minas, nos intervalos. E, ainda, por ser o Vale do Rio Reno, diariamente, “inundado” pela neblina artificial, produzida pelos geradores de fumaça americanos. Esses geradores entravam em funcionamento logo que começava a clarear. A

---

<sup>492</sup> Relato do veterano AMERICO VICENTINI, que na F.E.B. foi membro da 4ª Companhia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1999.

<sup>493</sup> Relato do General-de-Divisão CARLOS DE MEIRA MATTOS, que na F.E.B. atuou como Oficial-de-Ligação e Comandante da 2ª Companhia do I/11º RI. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

fumaça ia se espalhando por todo o vale e, na metade do dia, ela já cobria até as cristas das elevações.<sup>494</sup> (Motta, 2001a, pp. 233-234)

Outro aspecto interessante foi a “neblina artificial” com o propósito de cegar o inimigo, que ocupava todas as posições dominantes da região, o que permitia que todo e qualquer movimento, a partir das posições de Artilharia, se fizesse, praticamente, debaixo das vistas do inimigo. O IV Corpo, então, utilizava seus geradores de fumaça, que produziam a chamada “neblina artificial”, para cobrir os nossos deslocamentos. Tais geradores atuavam, particularmente, nas regiões de pontes, onde o movimento era intenso e sempre sob o fogo do inimigo. Dessa forma, a “neblina artificial” era o grande trunfo para dificultar a ação alemã sobre esses pontos.<sup>495</sup> (Motta, 2001a, p. 263)

Já era a Linha Gótica, em que as posições alemãs eram dominantes. Nas estradas por onde circulávamos, por exemplo, a estrada 64, alguns pontos notáveis, como a Ponte de Silla e outros, eram mantidos permanentemente sob a proteção de Companhias de Geradores de Fumaça, porque o alemão tinha perfeita visão sobre cada um daqueles lugares.<sup>496</sup> (Motta, 2001c, p. 58)

A região de operações ficava envolta por uma fumaça branca que cobria tudo, inodora e não tóxica, pois os americanos instalaram, numa casa, equipamentos que a produziam. Era a casa da fumaça, como nós chamávamos. [...] Então, as viaturas podiam passar por ali sem serem vistas pelos alemães que estavam lá em cima.<sup>497</sup> (Motta, 2001c, p. 83)

---

<sup>494</sup> Relato do Coronel HELIO MENDES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo, Observador Avançado e Oficial de Manutenção da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>495</sup> Relato do Coronel JÚLIO DE PÁDUA GUIMARÃES, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>496</sup> Relato do General-de-Brigada MOZIUL MOREIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Chefe da 1ª Seção do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>497</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

Outra coisa interessante diz respeito às nossas posições próximas do front. O alemão lá do alto observava toda a nossa retaguarda. Então, o que fazer? Os americanos possuíam um aparelho de fumaça artificial (neblina artificial) para impedir a visão do inimigo.<sup>498</sup> (Motta, 2001c, p. 200)

Existia perto de Gaggio Montano, antes de Porreta, um posto americano que “fabricava fumaça”. Localizado na estrada, próximo de uma ponte importante, os americanos ali ficavam, o dia inteiro, fazendo nevoeiro. A gente só podia passar com o nevoeiro artificial, caso contrário... Era total o domínio que os alemães tinham sobre as posições.<sup>499</sup> (Motta, 2001e, p. 314)

[...] A minha Companhia ficou em reserva na Ponte de Silla, que estava toda coberta com fumaça fabricada por uma Unidade aliada para proteger esse ponto, visado constantemente pela Artilharia alemã. Assim que a ponte era reconstruída, os alemães, imediatamente, destruíam-na com a sua Artilharia. Então, era preciso manter uma fábrica gerando fumaça o dia todo para cobri-la por sua extrema importância para a ligação entre Pistóia, Porreta-Terne e Bolonha, no Vale do Pó.<sup>500</sup> (Motta, 2001f, pp. 314-315)

Além do fabrico de fumaça para camuflar o terreno e permitir que os combatentes avançassem com um pouco mais de proteção sob às vistas do inimigo, os aliados também utilizaram armas especiais com a mesma finalidade durante o combate.

Certa vez, eu estava vendo do meu observatório, a 7ª Companhia do III Batalhão do 6º RI [...] tentando iniciar a subida para o Monte Castelo logrando aproximar-se de uma posição junto ao Vilarejo de Abetaia e lá na nossa esquerda, [...] o seu pessoal sofria forte bombardeio de canhões

---

<sup>498</sup> Relato de JOSÉ MARIA RODRIGUES, que na F.E.B. atuou como Cabo Escrevente da Companhia de Canhões Anticarro do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>499</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>500</sup> Relato do Primeiro-Tenente GERALDO CAMPOS TAITSON, que na F.E.B. atuou como Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI. Entrevista concedida em novembro de 2000.

e metralhadoras, enquanto que os nossos pracinhas, que avançavam demasiado à direita, recebiam tiros de metralhadoras e, sobretudo, de morteiros.

Liguei, então, para o Capitão Newton dizendo-lhe que os soldados da 7ª Companhia estavam sendo massacrados e que eu podia fazer um tiro de cegar, jogando fumaça em cima dos tedescos, tirando-lhes a visão sobre a Companhia que tentava progredir. Depois de uma certa hesitação, o Capitão me disse que não daria essa ordem, porque o vento poderia mudar de direção e jogar essa fumaça sobre o nosso pracinha. “Esse tiro, dizia ele, vai exigir muita precisão, mas, se você quiser fazer, a responsabilidade é sua.” “Pois não, Capitão”, e eu atirei.

Eu pedi o “fumígeno” um pouco longe da nossa tropa, mas exatamente onde queria cegar o alemão. Foi uma fumaceira dos diabos, bem em cima do inimigo e o pessoal da 7ª Companhia ficou sem entender como é que aqueles tiros apareceram ali, quando mais precisavam...<sup>501</sup> (Motta, 2001f, p. 134)

Aproximando-se do *front*, a minha Companhia recebeu o batismo de fogo na cidade de Barga, que aparece no roteiro da FEB e onde transportamos vários feridos. Havia uma ponte inclinada que atravessava a cidade e ali era difícil passar porque o alemão estava a poucos quilômetros e, às vezes, ele a varria com metralhadora. *Os americanos lançavam granadas fumígenas e a gente conseguia trazer os feridos para o lado de cá em uma ambulância.* [grifo nosso] Passamos algum tempo naquele local, depois fomos substituídos pelos americanos e nos levaram direto para Porreta Terme, já próximo a Monte Castelo.<sup>502</sup> (Motta, 2001c, p. 204)

O veterano, Coronel Manoel Valença Monteiro, ciente da posição privilegiada em que encontrava-se o inimigo, optou por ser criativo quanto à sua camuflagem no terreno. Para ele, a utilização das cortinas de fumaça não foi a única opção para poder executar a sua missão:

---

<sup>501</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>502</sup> Relato de JÚLIO DO VALE, que na F.E.B. atuou como Padioleiro do 1º Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

Imaginei uma forma de observar, pensando não ser visto. Levei um lençol, furei o lençol e coloquei o binóculo. Avancei até a linha de crista onde estava a nossa infantaria e fiquei alguns minutos procurando confrontar o que via através do binóculo com a carta que se achava em minhas mãos, fazendo um giro de horizonte, procurando gravar, fotografar mentalmente a situação. Quinze ou vinte minutos depois, de repente, com uma explosão, eu fui jogado uns dois metros para trás. Fiquei sem saber o que queria dizer aquilo, se fora ferido. Apenas fui deslocado... foi uma coisa fora do normal... e até hoje não sei explicar o que é que aconteceu...

O que teria sido? O alemão teria visto? O alemão não “dormia de touca”. Teria visto o movimento do lençol? Teria visto o binóculo? Não sei!

A verdade é que, para mim, houve um arrebatamento de morteiro. O alemão estava cansado de saber... sabia de tudo perfeitamente... estava tudo ajustado... todos os morteiros dele... eles usavam e abusavam do uso do morteiro. Eles, às vezes, tocavam alvorada para a nossa tropa com morteiros, era uma coisa impressionante. Se houvesse munição... Eles não atiravam mais porque não havia munição. Porque se ele pudesse, ele fazia.

Eu acho que no caso em questão, ele pensou: o que é aquilo? Que negócio é aquele? E resolveu realizar um tiro de morteiro. E assim acabou a história do que foi o meu segundo batismo de fogo.

Esse artifício do lençol foi a forma que encontrei para cumprir a missão de observador. Exigia imaginação. Nós estávamos embaixo, no terreno, e eles estavam em cima. Tínhamos que inventar, criar qualquer coisa que permitisse ver, acompanhar o que estava acontecendo. [...] <sup>503</sup> (Motta, 2001e, p. 138)

Separados pela geografia íngreme e acidentada, entrincheirados, elementos do Eixo e Aliados não tiveram muitos enfrentamentos corpo a corpo. (Maximiano, 2010) A guerra apresentava-se à F.E.B. mais pela audição, do que pela visão clara de seu oponente, especialmente em posições avançadas e durante a noite.

---

<sup>503</sup> Relato do Coronel MANOEL VALENÇA MONTEIRO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em agosto de 2000.

Embora eu estivesse ali na frente como Observador Avançado, não tive a oportunidade de ver em combate um soldado inimigo. E nunca tinha visto um sequer como prisioneiro. [...] <sup>504</sup> (Motta, 2001e, p. 127)

Os alemães eram muitíssimo eficientes na camuflagem de sua localização e abrigos. Apesar de não verem os inimigos nitidamente, por vezes as posições eram tão próximas – separadas por alguns poucos metros – que permitiam que os combatentes brasileiros ouvissem claramente os inimigos. A proximidade dos adversários era uma preocupação para os expedicionários.

De repente, o sentinela do 2º Grupo teve a impressão de ver qualquer coisa mexer-se, pouco mais de três metros à sua frente. Ver, propriamente, ele não viu nada – segundo declarou posteriormente. Também nada ouvira, pois a neve abafava os passos dos atacantes. <sup>505</sup> (Mendes, 1945, como citado em Maximiano, 2010, p. 109)

Imagine você numa montanha, como eu fiquei, você fica duas horas, sabendo que o inimigo está ali, a quinhentos metros, a trezentos metros, que a qualquer momento ele pode chegar e tomar a sua posição e complicar toda a retaguarda ali. Imagine você a tensão do soldado que tá ali de sentinela. Um companheiro chorava tanto, não tinha controle, ele chorava como criança. Eu tirava a minha hora e a dele. Eu peguei o telefone, chamei o capitão e contei o caso para ele. No dia seguinte, ele foi evacuado. <sup>506</sup> (Carvalho, 1994, como citado em Maximiano, 2010, pp. 116-117)

Certa noite um soldado de plantão ouviu um barulho adiante e pediu auxílio dos morteiros. Deram cerca de trinta tiros de morteiro na nossa frente; ele ia pedindo para encurtar, os

---

<sup>504</sup> Relato do Coronel JORGE ALBERTO MOITREL COSTA, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da Artilharia, integrante da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>505</sup> Relato do Tenente UBIRAJARA DOLÁCIO MENDES, em seu livro Mendes, U. D. (1945). *Brasileiros na guerra* (Zé Silva na FEB). Edição do autor.

<sup>506</sup> Relato do veterano CLEIR DE CARVALHO. Entrevista concedida em 1994.

arrebentamentos cada vez mais perto, até que caiu um quase em cima dele e alguém perguntou: “O que é isso Edwiges?” Ele respondeu: “Se o inimigo estiver perto de mim, morre.” O morteiro era o 60mm, do nosso Pelotão de Petrechos, [...] O morteiro 60mm é uma arma extraordinária, que dá medo na gente, porque o atirador vê o alvo; [...] <sup>507</sup> (Motta, 2001c, pp. 306-307)

Nas alturas de Nerone havia uma torre que estava destroçada, restando uns pedaços de parede. O nosso PO era cavado, uma trincheira mesmo. Não se podia vê-lo.

Concluída a escalada, cheguei lá em cima ofegante, acompanhado pelo cabo Orlandino, das Transmissões. Estava subindo com os meus pertences e ele, com os dele e mais o equipamento de rádio que não era esse “radiozinho” de agora; era uma caixa de certo peso. Fomos substituir o Tenente Carlos Eugênio R. L. Monção Soares, que disse, falando baixo: “Olha, a posição é ótima para observar. Daqui do abrigo dá para observar bem longe; os buracos abertos aqui na seteira é por onde a gente pode apreciar todo o campo de batalha, tanto em frente como nos lados.” Era de noite, eu não via nada e ele estava muito perto de mim. Notei que falava quase sussurrando e perguntei, também muito baixo: “Monção, você está falando desse jeito por causa do inimigo?” Aí o Monção deu uma gargalhada e respondeu: “Não é isso não. É que eu estou rouco. O inimigo está perto, mas dá para a gente conversar.”

Também dei uma gargalhada aliviado, porque afinal dava para conversar.<sup>508</sup> (Motta, 2001d, p. 277)

[...] Depois, prosseguimos para o *front*, fomos nos caminhões americanos até onde houve cobertura. Em seguida, continuamos a pé, pela montanha. Estávamos no outono, fazia frio e chovia muito. Eram cinco passos para a frente e dois para trás, o terreno estava encharcado. Começamos a caminhar às 17h30min e chegamos ao destino às 10h da noite. Fomos substituir a 2ª Companhia do 6º RI, comandada pelo Capitão Hélio Portocarrero.

---

<sup>507</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>508</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

Guanella era a posição mais próxima de Monte Castelo. A substituição foi feita com cuidado. *A posição era num espigão, de onde ouvíamos os alemães cortando madeira, decerto para fazer casamatas. Ouvíamos seus cachorros. O Capitão dizia para falarmos baixo, porque na montanha o som se propaga com mais facilidade.* [grifo nosso]<sup>509</sup> (Motta, 2001f, pp. 329-330)

A guerra de montanha exigia mais fisicamente dos combatentes. O condicionamento físico para acessar e permanecer nos picos italianos era importantíssimo para os Aliados, sobretudo por atuarem como atacantes e não como defensores, em posição praticamente estática, como era o caso de seus adversários.

O conflito demandava treinamento específico, tanto para aprimoramento das habilidades táticas como para aumentar o preparo físico das tropas. Os Estados Unidos contaram com uma divisão especializada no combate em alturas, como era o caso da 10ª Divisão de Montanha, assim como os alemães possuíam suas unidades de elite especializadas, como o IV Batalhão de Caçadores de Montanha. Já os brasileiros, treinados anteriormente em terrenos planos, enfrentaram grandes dificuldades para adaptarem-se a este tipo de combate no decorrer da Campanha.

Para lutar em região montanhosa, o homem tem que possuir físico privilegiado e ainda realizar treinamento específico para adquirir maior senso de direção, noções de distância perpendicular e horizontal.

As únicas montanhas que eu tinha visto no Brasil, e de longe, foram o pico do Jaraguá, em São Paulo, e o Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro. E, de repente, me vi lá no meio dos Apeninos, naquela vastidão de elevações enormes, enfrentando o começo de um inverno rigoroso. Nas tardes de chuva, só as nuvens negras já me amedrontavam e tornavam o panorama trágico.

---

<sup>509</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

No nosso treinamento, ainda no Brasil, nunca se falou em combate em montanhas, e essa foi uma falha grave de quem sabia, antecipadamente, que as nossas tropas iriam atuar naquela região.<sup>510</sup> (Motta, 2001c, pp. 232-233)

A zona de operações em que a FEB atuou era uma região montanhosa, de relevo bastante acidentado, própria para emprego de tropa de montanha; a FEB teve que adaptar-se e enfrentar todas as dificuldades.<sup>511</sup> (Motta, 2001c, p. 178)

[...] a tropa foi se adestrando cada vez mais, aprendendo a combater na montanha, porque não tivemos nenhuma instrução de guerra de montanha e fomos aprender na dura realidade da guerra.<sup>512</sup> (Motta, 2001c, p. 41)

Há que levar em conta que não recebemos instruções, por exemplo, sobre como enfrentar a difícil topografia dos locais onde estivemos; já, a 10ª Divisão de Montanha foi preparada para isso. Antes de muitos combatentes, íamos à frente para instalar linhas telefônicas e, com nossas viaturas e o rádio, ocupávamos pontos estratégicos para mandar mensagens à retaguarda sobre a situação do terreno e como estava o inimigo. Em outras palavras, muitas de nossas ações foram guiadas por nossa intuição e boa vontade. Cumprimos a nossa missão com galhardia e todos os brasileiros sabem que não ficamos devendo nada a combatente de qualquer outro país.<sup>513</sup> (Motta, 2001f, p. 297)

---

<sup>510</sup> Relato de NEWTON LA SCALÉIA, que na F.E.B. atuou como Chefe de Peça de Morteiro 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>511</sup> Relato do Doutor JOSÉ ALFIO PIASON, que na F.E.B. atuou como Chefe da 2ª Seção do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>512</sup> Relato do General-de-Brigada RUBENS RESSTEL, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>513</sup> Relato do Primeiro-Tenente DALVARO JOSÉ DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Cabo e 3º Sargento de Comunicações da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em dezembro de 2000.

Desejamos também dizer que vencemos o desafio do terreno. A zona de combate abrangeu a Região Meridional dos Apeninos, composta de elevações de, aproximadamente, 1.500 a 2.000 metros de altitude. Ravinas profundas, taludes fortes e terreno pedregoso dificultavam sobretudo a movimentação da tropa. Isso não impediu que se dominasse o terreno, e os estandartes e bandeiras da Infantaria brasileira, foram hasteados e drapejassem em cinco dos picos alcantilados dos Apeninos.<sup>514</sup> (Motta, 2001g, pp. 72-73)

Toda a logística da guerra no período inicial da Campanha Brasileira na Itália, estava condicionada ao terreno acidentado das montanhas italianas. A velocidade de locomoção, de abastecimento e até mesmo a regulação da artilharia eram subordinadas às elevações da região.

Os deslocamentos de veículos de guerra, em áreas com estradas improvisadas, ladeadas por grandes precipícios e com pouca visibilidade, seja pela neblina natural ou pela fumaça artificial, somadas à necessidade de circulação com faróis e luzes em total *blackout*, tornava o avanço das peças extremamente perigoso. Acidentes com viaturas eram comuns nos percursos utilizados pelos brasileiros.

Nesse local, recebi nova ordem para reconhecer uma posição mais à frente. Devido ao acesso difícil, em região montanhosa, a ocupação dessa nova posição levou toda a noite. As maiores dificuldades surgiram no final do deslocamento, quando foram atingidas as estradas de terra, enlameadas pelas chuvas constantes. Em dos tratores das peças apresentou defeito na embreagem, enguiçando na serra de Pistóia e se atrasando.<sup>515</sup> (Motta, 2001a, pp. 160-161)

[...] A descida foi pior que a subida porque agora o terreno estava enlameado e o carro derrapava tanto que andava mais de lado do que para frente; além da lama, a trilha era toda ela inclinada, sempre circundando o morro. A Bateria geralmente ocupa posição em locais próximos às

---

<sup>514</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

<sup>515</sup> Relato do General-de-Brigada HELIO DUARTE PEREIRA DE LEMOS, que na F.E.B. atuou como Comandante da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

estradas, embora estradas ruins, mas o observatório é localizado sempre a alguns quilômetros além e em cima de elevações, onde, na maioria das vezes, as viaturas do reconhecimento têm que percorrer itinerários onde não há estradas e sim uma espécie de trilhos; desta vez, durante a descida, a viatura, por duas vezes, saiu fora da trilha e quase despencou pela pirambeira abaixo; para retirá-la deu um bocado de trabalho. A descida foi feita com a chuva caindo em cima de nós, porque as lonas da capota tinham ficado no acampamento.

O sargento e o cabo que iam acompanhando o carro não queriam que colocássemos as correntes nas rodas; seguíamos devagar e quando chegava uma curva ou uma descida perigosa eles disfarçavam e desciam da viatura para ver alguma coisa e só quem permanecia na direção era o motorista. Quando cheguei à metade da descida e concluí que se continuasse sem corrente o carro na certa rolaria pelos barrancos, convidei o cabo e o sargento para fazerem toda a descida comigo, sem abandonar o veículo e eles logo resolveram colocar as correntes; mesmo assim a viatura continuou derrapando.<sup>516</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, p. 340)

Recebemos, na Itália, algumas lições, em face do terreno muito montanhoso, peculiar dos Apeninos. [...] Assim, pela natureza do terreno, não podíamos transportar os feridos em carro padiola. Utilizávamos, como os americanos, o *jeep* com tração nas quatro rodas, para o transporte dos feridos ao Batalhão de Saúde. Desta unidade, através de ambulância, eram removidos para hospitais de emergência, hospitais de campanha [...]<sup>517</sup> (Motta, 2001g, p. 125)

Essa marcha noturna de Ca di Cristo para Savignano teve características muito especiais. Era início de inverno e estava começando a formação de uma espécie de capa de gelo sobre as estradas. Os nossos tratores ainda não haviam recebido as garras especiais para trafegar na neve; só tinham aquela lagarta de borracha. Percorridos cerca de duzentos ou trezentos metros, os tratores começaram a deslizar sobre a estrada asfaltada e sem acostamento. A região era de

---

<sup>516</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

<sup>517</sup> Relato do Doutor DIAZ SEBASTIÃO CAMMAROSANO, que na F.E.B. atuou como Sargento Enfermeiro da 3ª Companhia de Evacuação do I Batalhão de Saúde.

montanha. A primeira peça deslizou e quase caiu num barranco, chegando a ficar com a metade da lagarta fora da estrada. Foi contida por um marco quilométrico – a estrada 64 era a principal via de suprimento e, por isso, tinha diversos desses marcos, ao longo do trajeto. [...] Sob a direção do capitão, desengatamos os canhões e com os tratores recolocamos a peça no meio da estrada. [...] A guarnição não quis mais embarcar e preferiu caminhar na noite escura, ao lado da peça. [...] as curvas eram muito fechadas, tornando a manobra muito difícil. Apesar da quebra de gelo para facilitar o movimento, os demais motoristas começaram a ficar receosos. A transposição desse trecho foi tremendamente difícil. Houve curvas em que foi necessária a presença do Linha de Fogo para orientar a manobra do trator que eu estava dirigindo. [...] Esse deslocamento durou cerca de seis horas e terminou com oficiais dirigindo os tratores, para vencer esse trecho final e chegar até Savignano. No dia seguinte, a Bateria estava toda gripada, porque as praças, de um modo geral, fizeram a marcha ao lados dos tratores, à noite, naquele frio.<sup>518</sup> (Motta, 2001a, pp. 236-237)

[...] A luta foi árdua, nós éramos um Regimento de Infantaria, não um Regimento de Montanhese, e começamos a ter todos os entraves da neve e do fogo cerrado, porque o alemão tinha uma belíssima pontaria para uso de morteiro e como nós estávamos embaixo, no Vale do Reno, e ele acima, nosso tráfego de automóveis e de jipes era vigiado constantemente pelo alemão, que bombardeava metódica e precisamente todas as horas, inclusive à noite.

A topografia do Vale do Reno era totalmente favorável aos alemães. As montanhas, de grande altura, permitiam a quem ocupasse seus cumes ter o comando total e completo do vale. Assim, o inimigo, já ali posicionado, devassava, através de seus observatórios, todas as áreas ocupadas pelos brasileiros. [...] Havia, nesse vale, a rota 64 que, em certos trechos, lembrava a Rio-Petrópolis. Algumas vezes ocorriam choques e desastres com as viaturas que caíam, porque a estrada mal dava para um caminhão passar, de um lado um paredão, de outro uma pirambeira de muitas dezenas de metros.<sup>519</sup> (Motta, 2001f, pp. 190-191)

---

<sup>518</sup> Relato do Coronel HELIO MENDES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo, Observador Avançado e Oficial de Manutenção da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>519</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

O avanço de efetivos, a pé, era tão árduo de ser realizado quanto o de veículos. Era necessário vencer grandes altitudes, carregando equipamentos pesados, em um solo frágil, enlameado ou com neve. Para além, era preciso gerenciar o medo de ser atingido por fogo inimigo e a preocupação com a existência de minas e armadilhas colocadas estrategicamente pelos alemães para conter o progresso dos Aliados.

[...] A bateria teve muito trabalho, estendendo, inicialmente, linhas telefônicas para os observatórios e Postos de Comando e, depois, reparando defeitos e recuperando linhas danificadas pela artilharia e morteiros alemães, principalmente na tomada de Monte Castelo [...] Um problema sempre presente consistia na dificuldades para subir com todo o material de comunicações naquelas cotas elevadas, porque estávamos sempre na parte baixa, obrigados a vencer um terreno difícil, para chegar ao local dos observatórios.<sup>520</sup> (Motta, 2001f, p. 359)

A ocupação daquela posição foi muito difícil. Cada noite uma peça entrava em posição. A peça era tracionada por um cabo de aço de 200m, feito por dois de 100m emendados, ligando ao guincho de um *GMC* com correntes nas rodas. A munição era levada a braços, nos ombros. Eu, magrelo, com 1,64m de altura, sofri subindo o morro com a granada no ombro. Ela e seu estojo, juntos, pesavam mais de vinte quilos. Acrescentando a esse peso o capacete, o armamento individual, capote, cantil e outras coisas mais, eu estava carregando quase o meu próprio peso. Fiquei com o ombro inchado de tanto carregar granadas.<sup>521</sup> (Motta, 2001f, p. 350)

De lá fomos para um acampamento, numa localidade chamada Filettole, onde tivemos que nos preparar; aprender a lidar, primeiro, com o armamento, que era todo novo; a própria farda era diferente, a alimentação diversa da que estávamos acostumados, e o terreno, bem, eu saíra do Recife, onde quase não há montanha e nos encontrávamos em uma região montanhosa,

---

<sup>520</sup> Relato do Segundo-Tenente PEDRO PAULO DE FIGUEIREDO MOREIRA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Auxiliar de Topografia e do Serviço de Meteorologia da Bateria Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em junho de 2001.

<sup>521</sup> Relato do Primeiro-Tenente MIGUEL FERREIRA DE LIMA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Chefe de Peça da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em abril de 2001.

tínhamos que galgar elevações a pique, era um negócio muito sério. [grifo nosso]<sup>522</sup> [...] (Motta, 2001b, pp. 90-91)

Terminado o período de exercício fomos empregados no Destacamento FEB, como se chamou, formado pelo 6º Regimento de Infantaria mais as Unidades de Artilharia, de Engenharia e de Saúde, empregado na região de Vecchiano, que não é longe do litoral do mar Tirreno. Por ali fomos avançando, em região já montanhosa, aguentando as chuvas...

E não dá para relatar tudo aquilo, cada coisa, cada dia, porque a Campanha parece pequena, a gente olha no mapa, são só dois centímetros daqui para ali, mas para andar aqueles dois centímetros em montanha foi o maior sacrifício...<sup>523</sup> (Motta, 2001c, p. 79)

Na hora de regressar, já quase não tínhamos mais condições físicas, só então tirei a lição dos ensinamentos que a gente, às vezes, repudiava. E eles foram muito necessários. O soldado resmungava de fazer uma marcha de vinte e quatro quilômetros, no entanto verificou-se fundamental porque começamos a campanha nos Apeninos, só em montanha e a gente não tinha essa especialização éramos pé de poeira mesmo. Embora para nós, constituísse uma grande dificuldade, acabamos por nos adaptar, as contingências obrigavam. Se recebêssemos uma missão de escalar um morro íngreme e escarpado, às vezes sem arbustos, difícil de se abrigar, se a missão era aquela, fazíamos o possível para chegar lá, criando até artifícios como se fosse, na realidade, uma tropa de montanha.<sup>524</sup> (Motta, 2001c, pp. 251-252)

Quem olha a Torre de Pisa, repara em uma porção de montanhas e, depois, divisa mais outras. Os Apeninos sobem como degraus; começam em montes e terminam em montanhas [...] Todas

---

<sup>522</sup> Relato do Doutor SILAS DE AGUIAR MUNGUBA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>523</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

<sup>524</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

as elevações terminam em picos bem agudos; escorregávamos nas pedras, rolávamos no barro; quando chovia, das elevações mais altas despencavam pedras.

Os Apeninos são a espinha dorsal da Itália, começam no “pé da bota” e vão subindo. Os americanos e seus aliados, em Cassino, tiveram um trabalho tremendo, porque só havia pedra e barro. Quando vinha a tempestade as pedras se deslocavam, a terra amolecia e sempre rolava alguma [...].

[...] subir aquelas montanhas com morteiros era um trabalho penoso. Tínhamos vantagem, porque até o italiano e as crianças ajudavam a carregar a munição. Era preciso ver o entusiasmo que tinha aquele pessoal. Verdade é que desejavam todo mundo fora dali, para voltarem a plantar. Queriam que acabasse logo a guerra e que os estrangeiros fossem para bem longe. [...] <sup>525</sup> (Motta, 2001c, pp. 301-302)

As montanhas italianas também exigiram dos combatentes brasileiros a adaptação, inclusive dos ajustes de suas armas.

[...] “O oficial ideal é aquele que nada teme... nem mesmo uma ideia nova.”

Isso esteve presente nos quadros no sentido da adaptação, da improvisação e da flexibilidade às situações novas. Collechio foi um exemplo. Tudo, absolutamente tudo, era diferente do C 6-140. Isso só é possível quando os quadros estão abertos às ideias novas e não teme o risco de rasgar os conceitos antigos e se ajustarem a uma nova realidade que se apresenta. *No caso da Artilharia, nós atuamos em região montanhosa. Os tiros eram na maioria verticais, isto é, as trajetórias se davam em ângulos maiores do que 45°, e a carga usada, normalmente, era a carga três. É um exemplo que eu estou dando para mostrar o choque cultural*

---

<sup>525</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

*e profissional que citei. Mas, com noção de que estávamos ali para cumprir uma missão, não houve maiores percalços.*<sup>526</sup> [grifo nosso] (Motta, 2001a, pp. 208-209)

A observação dos tiros de artilharia ficou praticamente restrita aos observadores avançados, juntos às Companhias, Pelotões e, em certos casos até Grupos de Combate, e, em ocasiões especiais, aos observadores aéreos. *Era muito difícil a condução dos tiros realizada dos postos de observação normais, escalão grupo, devido às numerosas dobras do terreno, no Apeninos.* [grifo nosso] No entanto, algumas regulações foram realizadas pelo processo de Centro de Impacto, com espoleta tempo, dos observatórios.<sup>527</sup> (Motta, 2001a, pp. 161-162)

A relação com a tropa aliada especializada no terreno, a 10ª Divisão de Montanha, é um tema sobremaneira abordado pelos expedicionários. O treinamento, o porte físico e a resistência de seus integrantes impressionou os brasileiros.

O contato entre as tropas aliadas em ação na Itália foi de cordialidade. Havia a 10ª Divisão de Montanha, que foi lançada junto com a nossa Divisão no ataque de 21 de fevereiro a Monte Castello e era uma tropa treinada, exclusivamente, para operar, como seu próprio nome indica, na montanha e no inverno. Essa Divisão fez coisas inacreditáveis e seus homens eram superespecializados e super treinados. Tenho a impressão, exagerando logicamente, que o mais baixo devia ter dois metros de altura. Era gente de primeira linha. [...] <sup>528</sup> (Motta, 2001a, pp. 40-41)

---

<sup>526</sup> Relato do Coronel AMERINO RAPOSO FILHO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em janeiro de 2000.

<sup>527</sup> Relato do General-de-Brigada HELIO DUARTE PEREIRA DE LEMOS, que na F.E.B. atuou como Comandante da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>528</sup> Relato do General-de-Exército RUBENS MÁRIO BRUM NEGREIROS, que na F.E.B. atuou como Adjunto do Oficial de Informações do 9º Batalhão de Engenharia. Entrevista concedida em abril de 2000.

Conceituo o pessoal da 10ª Divisão de Montanha como monumental. Eram soldados super treinados, homens parecidos com esse “Rambo” do cinema. Quando atacaram Belvedere – posição muito difícil, porque embora a encosta do morro não fosse muito íngreme, era sem vegetação e muito longa –, esses homens a conquistaram como um trator, nada impedia seu avanço. Morria gente mas iam em frente, empurrando os alemães; chegaram e conquistaram a posição.

Os americanos dessa Divisão de Montanha eram muito fortes. Eles combatiam com uma mochila que parecia uma mala, pesadíssima. O nosso soldado não carregaria a mochila deles, mais os equipamentos que tinham e as armas. Eram, pois, super-homens e tinham munição de sobra. Um tenente deles, quando foi me substituir, ao cumprimentar-me, quase quebrou a minha mão. Era pequeno, não era grande não, mas era uma “massa”.<sup>529</sup> (Motta, 2001e, p. 313)

A 10ª Divisão de Montanha levou dois anos sendo treinada no Alasca, o homem mais baixo tinha 1.70m de altura, todo o seu equipamento fabricado especialmente para a guerra de montanha. O Pelotão de Reconhecimento da Divisão de Montanha era a cavalo, para poder subir no morro, não era de jipe como o nosso e a disciplina era exemplar, em todos os momentos.<sup>530</sup> (Motta, 2001c, p. 60)

[...] Então, foi deslocada a Bateria da nossa Unidade para apoiar uma Companhia de Infantaria brasileira. Até então estávamos combatendo ao lado da 10ª Divisão de Montanha, que era uma grande unidade especializada, americana, que havia feito todo o treinamento de combate nas Montanhas Rochosas dos EUA. Eram soldados altos e fortes, contrastando com o nosso brasileiro mais baixo, mas eles sofreram grandes baixas. [...]<sup>531</sup> (Motta, 2001c, pp. 150-151)

---

<sup>529</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>530</sup> Relato do General-de-Brigada MOZIUL MOREIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Chefe da 1ª Seção do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>531</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

O Coronel Nelson de Mello era Comandante impulsivo, de grande porte. Ele queria ações ofensivas. Deu ordens a 7ª Companhia para atacar à noite ou algo parecido, justaposta, com a 10ª Divisão de Montanha americana, extraordinariamente combativa, treinada nas Montanhas Rochosas dos EUA. Seus homens tinham estatura de 1,80m para cima e atacavam de peito aberto. Eu tive a honra de combater lado a lado e ombreado com eles.<sup>532</sup> (Motta, 2001d, p. 75)

[...] o americano tinha uma famosa Divisão de Montanha. Ficou ao meu lado, e eu não aguentava a mochila deles. Eram homens de 2 metros de altura por 3 de largura... nunca vi gente forte assim.

Essa Divisão tinha dois anos de treinamento em montanha, participou do ataque a Monte Castelo. [...] <sup>533</sup> (Motta, 2001d, p. 201)

Sobre as tropas aliadas posso dizer o seguinte: Em La Serra, fomos substituídos pela 10ª de Montanha, uma tropa criada para decidir. Ficou mais de dois anos em treinamento, recrutou o pessoal entre atletas, combatentes de físico excepcional. Eles levaram um “canhão 37mm” para a crista da montanha, no braço. Eram fora de série. [...] <sup>534</sup> (Motta, 2001d, p. 317)

A despeito da percepção sobre a inexperiência da Força Brasileira diante dos colegas norte-americanos, os combatentes do Brasil validam o próprio desempenho, especialmente por terem conseguido acompanhar uma tropa tão adestrada e eficiente.

O contato com as tropas aliadas que combateram junto com a FEB, tropas altamente experimentadas e treinadas na campanha da África do Norte, evidenciou, no início, uma

---

<sup>532</sup> Relato do General-de-Divisão HELIO PORTOCARRERO DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>533</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>534</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

diferença enorme, quanto ao preparo. O mérito da FEB está exatamente em recuperar, com rapidez, esse atraso no treinamento e, praticamente, nos igualarmos. Esse é um exemplo da capacidade do homem brasileiro de se adaptar a diferentes circunstâncias. Foi uma coisa surpreendente; até nós mesmos não imaginávamos que isso pudesse acontecer, mas aconteceu, a 1ª Divisão de Infantaria da FEB, sua força combatente, ficou sendo uma das Divisões de elite, no final da campanha.<sup>535</sup> (Motta, 2001a, p. 190)

O nosso soldado foi extraordinário, porque, apesar do despreparo com que seguiu para a Itália, saiu-se muito bem. A 10ª Divisão de Montanha norte-americana, tomou Belvedere; o soldado brasileiro com o preparo bem diminuto que recebera, cumpriu, com denodo, a mesma missão da 10ª Divisão de Montanha. A nossa tropa não estava adestrada, como a deles, mas o combatente executou idêntica tarefa, com o igual desempenho e brilhantismo, ao conquistar Monte Castelo, com bravura, coragem e iniciativa. Acho que o americano deve ter tido uma impressão muito boa, quanto à valentia do soldado brasileiro.<sup>536</sup> (Motta, 2001c, p. 199)

E nos portamos com valentia e eficiência e conquistamos os objetivos mais difíceis na Itália, nós que nunca tivemos instrução de montanha, como o americano que tinha uma tropa treinada para atuar exclusivamente em regiões de montanha, o Brasil não tinha tropa de montanha mas fazia tudo, vencia tudo.<sup>537</sup> (Motta, 2001c, p. 268)

A 10ª Divisão de Montanha, tropa especializada, era treinada para combater em montanha. Foram treinados nas Montanhas Rochosas, mas fizemos o mesmo serviço que eles. Subimos o Della Croce com 904 metros de altitude e o Sopressasso, de novecentos metros. Fizemos das

---

<sup>535</sup> Relato do Coronel FRANCISCO RUAS SANTOS, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Serviços do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>536</sup> Relato de JOSÉ MARIA RODRIGUES, que na F.E.B. atuou como Cabo Escrevente da Companhia de Canhões Anticarro do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>537</sup> Relato de RAUL KODAMA, que na F.E.B. atuou como Motorista da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em setembro de 2000.

tripas coração, pois o brasileiro tem consciência e orgulho patriótico, não admite fazer feio perante os outros.

A turma trabalhava e sofria, porque a maioria era de jovens. Se o homem chegar do *front* da África e for para o italiano, sente a diferença, estranha. Lemos histórias de italianos que estiveram na Rússia, os alpinos foram obrigados a combater na estepe e sentiam uma dificuldade imensa, porque estavam acostumados em montanhas.<sup>538</sup> (Motta, 2001c, pp. 307-308)

A 10ª Divisão era formada com os melhores homens, com equipamento especializado. Usava cavalos e mulas para as operações de montanha. Os soldados, às vezes, seguravam na cola dos cavalos, para subirem as montanhas, como se faz em vários lugares. Eles chegaram depois de nós à área, mas fomos, juntos, o tempo todo. Às vezes, eram eles que estavam mais à frente, outras vezes, éramos nós. [...] <sup>539</sup> (Motta, 2001f, pp. 209-210)

A geografia em que estava inserida a Campanha Italiana, também definiu os recursos que seriam utilizados no combate e a diferenciava dos conflitos travados em campos abertos do norte e leste europeus. A Segunda Guerra Mundial trouxe velocidade e mecanização para o conflito, no entanto, tais avanços bélicos não puderam ser amplamente utilizados no contexto italiano.

Em áreas extremamente acidentadas e irregulares, era inviável a utilização de veículos motorizados, como os carros de reconhecimento M8, utilizados pela cavalaria da F.E.B., empregados somente mais tarde no conflito. O terreno montanhoso, por vezes não permitia nem mesmo a circulação dos tão preparados *Jeeps*.

---

<sup>538</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>539</sup> Relato do Economista OSWALDO GUDOLLE ARANHA, que na F.E.B. atuou como Soldado Intérprete e motorista da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2001.

A título de exemplo, em alguns momentos da guerra no território italiano, as Companhias Anticarro receberam nova atribuição e atuaram como fuzileiros, dada a impossibilidade de realizar suas funções originais na totalidade.

[...] A conquista de Serrasiccia desencadeou uma série de operações. O alemão que lá estava refluíu para as elevações à retaguarda, mas a 10ª Divisão infletiu para uma outra direção, dentro do planejamento. No Serrasiccia, ela foi substituída pelo nosso Esquadrão de Reconhecimento, comandado pelo então Capitão Pitaluga.

É evidente que um Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado é mal empregado numa elevação desse tipo e num clima que já prenunciava um aproveitamento de êxito. Havia necessidade de substituir esse Esquadrão. Para tal, foi organizado o Destacamento Olivier Filho, composto das Companhias Anticarro dos três Regimentos, agora definitivamente transformadas em Companhias de Fuzileiros. Já estava comprovado que o alemão não empregaria blindados na frente italiana. E nessa ocasião, então, nem condição ter e nem terreno permitia.<sup>540</sup> (Motta, 2001b, p. 128)

A circulação dos tanques não era a única dificuldade nessa geografia. O abastecimento de suprimentos e munições, a eficiência das comunicações e a própria velocidade no deslocamento de tropas ficavam comprometidos pelo terreno acidentado. (Ferraz, 2005) Destarte, em muitos momentos, a batalha reduziu-se aos homens com seus armamentos e suas granadas de mão.

Em topografias montanhosas, os combatentes locomoviam-se boa parte do tempo a pé e a logística de guarnecimento incluía a utilização de muares e o apoio de unidades de montanha italianas ou civis.

---

<sup>540</sup> Relato do General-de-Exército ADHEMAR DA COSTA MACHADO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarro do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

[...] sofremos um insucesso, ainda no Vale do Sercchio, no combate de Castelnuovo di Garfagnana, em face da deficiência de suprimentos, mas perfeitamente justificado, porque eram terrenos acantilados; muitas vezes, para alcançar uma posição, você tinha que subir em escada; então, levar suprimento e munição para essa região era coisa muito difícil. A alimentação na frente de combate, sempre que possível, era quente; ia em panelões térmicos, inicialmente, em jipes e, quando não era possível, ia, até mesmo, no lombo de animais; aí, tivemos até ajuda dos italianos, dos *partisans*, para conduzir essa alimentação e munição, nas áreas mais íngremes. A alimentação de reserva só era usada em último caso. [...] <sup>541</sup> (Motta, 2001b, p. 39)

Pois bem, ali naquela defensiva, a 5ª Companhia consolidou o seu treinamento. Inverno, neve, o panorama do terreno completamente mudado, estrada impraticável e o suprimento só através de muares. As viaturas não podiam chegar de Lissano a Boscaccio e Monte Cavallo. Era um esforço constante, muita tensão e sofrimento para a tropa, que ali se encontrava, efetuar essa ligação. [...] <sup>542</sup> (Motta, 2001e, pp. 93-94)

Estávamos esperando ficar ali um dia ou dois e ficamos uma semana. Os homens ficaram todos abatidos, esperando a rendição. Aquela era uma posição em que não se dormia e ninguém queria comer. A alimentação só chegava de madrugada, mas tínhamos que telefonar primeiro, para saber se estava tudo calmo. Então, as mulas subiam, conduzidas por civis italianos, com as marmitas térmicas no lombo dos animais; o sargento da cozinha acompanhava a operação. A comida ficava lá, porque ninguém tinha vontade de comer; era uma macarronada, nunca me esqueço, toda dura por causa do frio e podia ser cortada em fatias. <sup>543</sup> (Motta, 2001c, p. 192)

---

<sup>541</sup> Relato do Coronel ANTÔNIO ALEXANDRINO CORRÊA LIMA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Transmissões do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>542</sup> Relato do General-de-Brigada RUY LEAL CAMPELLO, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da 5ª Companhia do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>543</sup> Relato do Bacharel JOSÉ GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

Nosso ponto de destino era Casa Madrevá. Por um engano de sinalização, nos dirigimos a Femmina Morta. [...]

Dirigi-me à frente e fiz retornar o pessoal para o caminho certo, isto é, Casa Madrevá. Confirmada a data do ataque, permanecemos cerca de duas jornadas nessa região. Ficamos misturados com os italianos, que não abandonaram suas casas e animais. Alojamo-nos nos estábulos. O suprimento só nos chegava em carroças, tracionadas a boi, pois o local era inacessível ao *jeep*. Ficamos em péssimas condições. [...] <sup>544</sup> (Motta, 2001e, p. 91)

Vencer o terreno acidentado não era obviamente a única provação que enfrentavam quando tratava-se do abastecimento de alimentação e suprimentos em posições avançadas. A localização dominante dos alemães, tornava a missão ainda mais perigosa para os responsáveis pelo aprovisionamento das unidades.

Os veteranos relembram episódios que evidenciam tal risco.

Agora, há um detalhe: essa ração quente, que era levada para o soldado na linha de frente, só podia chegar lá antes do dia clarear ou depois que escurecesse, porque o alemão, lá dos Apeninos, bombardeava a tropa que ia levar comida para os que estavam na linha de frente. Assim, a ração passou a ser levada à noite ou de madrugada, buscando a segurança oferecida pela escuridão.

Certa vez, entre a Ponte de Silla e Monte Castelo, uma tropa de italianos, usando aquela peninha no chapéu, levava comida para nós. Eles tiveram a sua tropa, tropa de três ou quatro muares, bombardeada, porque o alemão os procurava de binóculo e, assim, bombardeou-os. Esse acontecimento foi aproveitado pela região, pois os italianos das proximidades dirigiram-se até aquele local e lavaram a carne dos muares, para se alimentar porque, na Europa, é comum comer carne de cavalo.

---

<sup>544</sup> Relato do General-de-Brigada RUY LEAL CAMPELLO, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da 5ª Companhia do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

O desafio era fazer chegar a alimentação ao destino, naquele terreno acidentado, sujeito ao bombardeio alemão. Quanto ao mais, o que resolvia mesmo era a ração que cada soldado tinha dentro do seu bernal, para as horas difíceis, para as suas patrulhas e para os eventuais bombardeios da tropa que iam levar comida para a gente.<sup>545</sup> (Motta, 2001f, p. 320)

[...] Quando nós estivemos em posições de difícil acesso, por exemplo, havia uma companhia de transporte com mulas, de um italiano que nos prestou bons serviços.

Cada Pelotão contava com um italiano encarregado. A Companhia recebeu três italianos que conheciam mais ou menos a área. Cada um deles botava as marmitas do Pelotão na mula e ia aproveitando os caminhamentos, geralmente à noite. [...] Esse nosso italiano, nós não sabíamos nem o nome dele, chamando-o pelo apelido, que era “Barba”, porque ele possuía uma barba, aliás quase todos aqueles alpinos usavam a barba grande. Ele trabalhou conosco quase uns quinze dias, levando a comida. Sempre pontual. Pegava as mulas, chegava lá na posição, arriava as marmitas, a gente as pegava, tirava a comida, e ele as levava de volta. Ele não era de muita conversa. Esse italiano ia e vinha, ia e vinha, debaixo de bombardeio, acontecesse o que acontecesse. Um dia a mula chegou sozinha, de noite, no escuro. A mula sabia o caminho, veio embora para a posição. Um mensageiro meu ia esperar o Barba, porque, às vezes, o Pelotão mudava a posição e eu botava o mensageiro num ponto de encontro. Procura daqui e dali, vieram me avisar: “A mula chegou, Tenente, mas o Barba não chegou. Determinei: “Você vai para lá e espera, porque ele deve aparecer, a não ser que tenha morrido pelo caminho vítima de algum bombardeio.” O mensageiro ficou lá, e daí a pouco, chega ele com o Barba. O Barba estava furioso da vida, falando aquele monte de palavrões em italiano, enquanto o pessoal começou a gozá-lo pelo o que houve. Com este *maledetto nazisti*, com aquela mula *desgraciata*, um *maledetto* bombardeamento... Bombardearam, a mula se assustou, fugiu da mão dele e se mandou para a posição do Pelotão.<sup>546</sup> (Motta, 2001e, p. 252)

---

<sup>545</sup> Relato do Primeiro-Tenente GERALDO CAMPOS TAITSON, que na F.E.B. atuou como Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>546</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

De outras elevações, eles tinham domínio sobre a nossa posição. Logo identificaram a hora do almoço. Chegava um italiano com um “burrinho”, trazendo a bóia, então, nessa hora, eles começavam a bombardear. De noite, também intensificavam seus fogos.<sup>547</sup> (Motta, 2001d, p. 302)

Pouca gente ouviu falar ou leu alguma coisa sobre o Pelotão de cargueiro. Nós tínhamos um Pelotão de cargueiro, porque estávamos nos Apeninos. Aquilo lá é vertical. Nem o homem para subir aguentava e para levar suprimento, muito pior. Então, foi organizada uma Unidade de cargueiro, de muares, para levar suprimento para as posições; quem conduzia não era o soldado, era o italiano que conhecia os caminhos, senão era atingido pelos disparos inimigos.<sup>548</sup> (Motta, 2001d, p. 113)

A maior das dificuldades enfrentadas foi o clima, porque a gente sai do Nordeste, com a temperatura de 30°C a 31°C e vai para 17°C abaixo de zero, no inverno. A sensação é tremenda. A outra dificuldade é o terreno; nós estávamos nas montanhas, nos Apeninos. Era algo a que não estávamos acostumados: andar em cima de terreno montanhoso. Muito difícil, às vezes, de escalar; onde nos encontrávamos, por exemplo, com o meu pelotão, o que é que acontecia? Só levavam a alimentação, munição e correspondência de noite, nos lombos de burros, porque ninguém podia passar durante o dia. Estávamos numa área em que havia alemão aqui, alemão ali e nós diante deles. Ninguém ia lá, nem o Comandante da Companhia, nem o Capelão evangélico, que era amigo nosso. Ele disse que, várias vezes, tentou e não deixaram; o local era muito arriscado, ninguém podia ir lá.<sup>549</sup> [...] (Motta, 2001b, P. 95)

---

<sup>547</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>548</sup> Relato do General-de-Brigada CONFÚCIO DANTON DE PAULA AVELINO, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Suprimento de Material Bélico da 1ª Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>549</sup> Relato do Doutor SILAS DE AGUIAR MUNGUBA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

[...] embora possuíssemos rações de combate, o que desejávamos eram rações quentes, que sustentassem o corpo. Para isso, dependíamos dos mensageiros, soldados alpinos, italianos, muito bons companheiros, que, às vezes, nos deixavam sem a alimentação quente. Tratava-se de subir o morro com os muares, carregados com as marmitas térmicas, naquela situação inicial da Divisão, no inverno, de domínio das vistas das nossas posições pelo inimigo. Normalmente, a comida quente chegava ao amanhecer ou anoitecer; era impossível chegar durante o dia, pois o inimigo percebia o movimento que era feito obrigatoriamente por trilhas, devido à neve. Por diversas vezes, esse muares foram atingidos pelos tiros de inquietação dos morteiros alemães.<sup>550</sup> (Motta, 2001a, pp. 289-290)

De maneira geral, o período em que as Forças Aliadas e do Eixo combateram na Campanha da Itália, contrastava com o tipo de conflito travado na Península. “Os soldados passaram vários meses ocupando as mesmas posições, enfurnados nas encostas e cristas dos morros italianos. O quadro de estagnação traria à tona lembranças da guerra de 1914-1918.” (Maximiano, 2010, pp. 100-101)

O combate travado em áreas mais urbanizadas, tampouco era mais confortável ou menos violento. Elementos do Eixo e Aliados apropriaram-se de casas de civis italianos, escolas, igrejas ou outras infraestruturas que estivessem disponíveis entre as ruínas e combatiam por entre as ruas das localidades.

[...] Quando nós entramos em Collecchio, enfrentamos um combate de localidade. O Ramagem mandou a nossa Companhia atacar não bem a rua principal, mas numa rua paralela a ela, e na rua principal não sei quem ficou. Nessa rua principal, para a direita, tinha um armazém dos alemães, mas eles já haviam evacuado e ali restava carroça, cavalo, carro, cozinha. Era uma espécie de depósito. Eles recuaram, mas ficaram nas orlas da cidade, ocupando a estação ferroviária, a última estação e a frente da igreja. A igreja ficava numa elevação. Eles se puseram primeiro na igreja. Eles recuaram mais e a gente começou a revistar as ruas e as casas. A Companhia do Henrique foi em primeiro escalão, se não estou enganado. Eu sei que nós ficamos

---

<sup>550</sup> Relato do Coronel SÉRGIO GOMES PEREIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III/11º RI. Entrevista concedida em abril de 2000.

no meio do dispositivo. Aí, os alemães começaram a se render. Uns se entregavam, outros resistiam. Avança daqui, avança dali, mas com o bombardeio de morteiro, a resistência foi diminuindo, até que conseguimos cercá-los. [...] <sup>551</sup> (Motta, 2001e, pp. 258-259)

Com referência a tomada de Montese, é relevante lembrar a figura do Tenente Iporan, pois sua atuação foi perfeita. Primeiro homem a entrar em Montese, realizou um trabalho espetacular. Lutou bravamente na tomada de Montese buscando, de rua em rua e de casa em casa, desalojar os alemães, porque existiam focos, ninhos de metralhadoras dentro das casas e prédios. O Capitão Divaldo Medrado, do nosso Regimento, por exemplo, foi ferido numa dessas situações, em Montese, por uma metralhadora assestada numa janela de um prédio. Então, era preciso desalojar os alemães. A luta foi duríssima, mas conseguimos sobrepujar o inimigo. Em Montese enfrentamos o combate mais sangrento da FEB na Itália. <sup>552</sup> (Motta, 2001f, pp. 316-317)

Em Montese não pudemos auxiliar em nada nossos companheiros infantés. Era um povoado de ruas estreitas e sinuosas. Não havia como identificar a linha de contato, o combate era de pelotão contra pelotão, homem contra homem, e se o avião quisesse fazer alguma coisa não podia. Haveria risco de comprometer a integridade física de nossa gente. <sup>553</sup> (Motta, 2001d, p. 243)

[...] Chegamos ao anoitecer, chovia. Uma estrada larga, como uma avenida que penetrava na cidade. Havia uma igreja bonita, como se fosse nova, no alto. Lá os alemães tinham um observatório. À noite, cerramos o material, para no dia seguinte atacarmos. Na entrada da cidade, na estrada havia um moinho, de três andares, onde estavam ninhos de metralhadoras. A missão da 4ª Companhia era acabar com a resistência alemã no moinho. As outras companhias receberam outras missões. Tivemos desalojar os alemães com granadas de fuzil.

---

<sup>551</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>552</sup> Relato do Primeiro-Tenente GERALDO CAMPOS TAITSON, que na F.E.B. atuou como Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>553</sup> Relato do Coronel IÔNIO PORTELLA FERREIRA ALVES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em julho de 2000.

Começamos o ataque às sete horas, às onze horas o moinho estava tomado. Nós progredimos pela cidade. Ao anoitecer Collecchio estava limpa. Fizemos vários prisioneiros.<sup>554</sup> (Motta, 2001f, p. 335)

As ocupações de casas teoricamente seriam mais confortáveis e seguras que os rústicos foxholes, no entanto, os veteranos apresentam uma outra perspectiva desses espaços. A sensação de segurança que um teto e quatro paredes passavam aos expedicionários, provou-se ser extremamente frágil quando a artilharia inimiga entrava em ação.

[...] Esta noite dormi no PC da Artilharia e pela manhã, logo depois do café, dois aviões alemães passaram por aqui e um deles desceu e começou a metralhar o PC. Eu estava aquecendo os pés em uma lareira no 4º andar e, mal ouvi os tiros de metralhadora batendo na casa, só tive tempo de pegar meu capacete de aço e descer como uma flecha para o andar térreo, onde estaria melhor abrigado. As balas de metralhadora entraram dentro da casa arrebatando portas e paredes. Entraram balas no quarto onde estavam instalados o PC e a C Tir, sem, no entanto, ferir ninguém. Uma rasgou uma botina que estava na mão de um Oficial e outra escangalhou a mala do outro. Neste ataque, só morreu um soldado americano que estava na porta da casa.<sup>555</sup> (Motta, 2001g, pp. 349-350)

Avisamos ao Tenente que, ao entrar em uma casa, não fechasse uma janela, voltada para os alemães, se ela estivesse aberta. Se estivesse fechada deveria permanecer fechada. Que os alemães observavam tudo, que se a janela fosse fechada eles saberiam que tinha gente e bombardeariam. Foi também avisado para não chegar perto de janela aberta, voltada para os alemães, para não passar da metade do cômodo, pois os alemães o veriam.

---

<sup>554</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>555</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

Ele resolveu, numa noite, ir até o posto de escuta do Cabo Miron. O posto era numa casa isolada. Foi e não voltou, lá ficou. Pela manhã, lá pelas oito horas, uma granada explodiu, deixando-nos alerta; mais um pouco a segunda e não tivemos dúvidas: é no posto do Miron, perto da casa. A quinta explodiu na casa, foi telha para todos os lados. Nós queríamos saber como estava o pessoal, se havia mortos ou feridos, mas o fio do telefone foi cortado em algum lugar. À noite é que tivemos notícias deles. Eles se abrigaram no porão da casa, escaparam todos. Mas a causa do bombardeamento foi que o Tenente chegou perto da janela para marcar na carta as posições alemãs que estava vendo. Foi localizado. Uma das máximas da guerra é “ver sem ser visto”.<sup>556</sup> (Motta, 2001f, p. 332)

Há fatos interessantes, até jocosos, que devem ser lembrados: O Batalhão se encontrava em Porreta Terme, que estava em um ângulo morto, logo as granadas de artilharia não iriam atingir a área em que nos posicionamos. Passariam por cima. Eventualmente ouvíamos o barulho, coisa assim como um pássaro esquisito, batendo asas, era o ruído da granada de artilharia em sua trajetória. Havia a casa de um italiano, com três andares. A 1ª Companhia de Evacuação, que era comandada pelo Capitão Mário Victor de Assis Pacheco, estava acantonada naquele lugar e eu me encontrava em reserva. Um dia, o Pacheco disse não estar gostando daquele pessoal lá de cima, no terceiro e segundo andares. Então mandou todo mundo descer, sair de lá. Embora soubéssemos que as granadas alemãs deveriam passar por cima. Nessa noite, eu não sei, não sou de artilharia, parece que a granada perdeu a força e arrebentou, acabando com dois andares. Foi considerado, vamos dizer, um milagre, pois não pegou ninguém. [...]<sup>557</sup> (Motta, 2001a, p. 85)

Nosso Pelotão ocupava uma casa destruída por bombardeiros, ficava abrigado no porão com as posições em volta da casa; esses porões davam o lado para as linhas alemãs. Numa dessas

---

<sup>556</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>557</sup> Relato do General-de-Divisão Médico GERALDO AUGUSTO D'ABREU, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Triagem do Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

investidas de tanques eles visaram a base da residência, bem no porão mesmo – a casa era construída de argamassa e pedra, não era de tijolos e cimento. Com os tiros, foram abertos rombos no porão e caíram algumas pedras em cima do pessoal: uma dessas pedras, impulsionada pelo tiro do tanque, pegou na perna do tenente. Nós já tínhamos cavado anteriormente um túnel de saída para as posições e conseguimos escapar desses escombros do porão; o tenente foi evacuado e transferido do meu Pelotão.<sup>558</sup> (Motta, 2001b, p. 244)

Acho que o nosso momento mais difícil na guerra ocorreu ao entrarmos em combate. Tínhamos no nosso Pelotão um Tenente que era muito cauteloso e precavido. Não queria que o pessoal se abrigasse nas casas; quando entramos em combate, logo nos primeiros confrontos, chovia muito. Estávamos num local onde existia uma casa abandonada e um soldado pediu ao Tenente para a gente se abrigar naquela casa, e ele não deixou. Talvez fosse excesso de cautela, mas deve ter pensado em nos defender porque as casas, normalmente, são alvos para Artilharia, ou poderia estar armadilhada.

Mas isso foi no começo, porque depois de alguns combates, ele cedeu e nunca mais ficamos desabrigados. Sempre que ocupávamos uma posição, se houvesse alguma cainha abandonada, a gente entrava e ficava lá. O meu Pelotão, antes do ataque final a Monte Castelo, ficou uma boa temporada em alguma casinha, mais de um mês, porque a frente estava estabilizada, era inverno e o alemão se encontrava nas alturas das elevações. Ficávamos com as peças normalmente em local aberto e os homens dentro da casa, abrigados. [...] <sup>559</sup> (Motta, 2001c, p. 124)

Aí houve o primeiro ataque a Monte Castelo, que não foi bem sucedido. Dentro de uma casa corri bastante risco de vida: o General Zenóbio ficou dentro de meu PO, Posto de Observação e passou a transmitir ordens para o pessoal que já tinha começado a subir o morro. Ele estava

---

<sup>558</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>559</sup> Relato de DANIEL LACERDA, que na F.E.B. atuou como Sargento-auxiliar do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

um pouco confuso e permaneceu naquele local por uns vinte minutos. Quando saiu, os alemães derrubaram umas toneladas de bombas sobre a gente, dentro da casa. Uma parede caiu em cima de mim e de um outro companheiro, que se feriu, mas tive muita sorte mesmo. Várias vezes passei por um mau bocado e sempre saí ileso, felizmente.<sup>560</sup> (Motta, 2001c, p. 161)

Fui ferido em Porreta Terme. Quando estava dormindo, abrigado num bar, chegou o Subtenente Francisco Iêro. [...] Já eram quase seis horas da manhã, o alemão começaria a atirar. Eu era soldado raso e falei: “Aqui é cada um por si, o senhor pode dormir na mesa de bilhar, no meu lugar, [...]” Dei o meu lugar para ele, fui deitar num canto onde havia uns cobertores. O alemão já havia bombardeado a casa anteriormente. Às cinco horas da manhã o teto não aguentou o peso da neve, vieram quatro andares em cima de nós, o subtenente faleceu. Tiramos doze caminhões de escombros. Só fiquei ferido porque uma viga me protegeu [...]<sup>561</sup> (Motta, 2001c, pp. 220-221)

O veterano, Epapharol Silveira, fala sobre a sua experiência em uma das casas ocupadas pelos Aliados. O Coronel Capelão Militar Alberto da Costa Reis, também destaca um episódio envolvendo uma moradia. Seus relatos também demonstram a inexperiência com que muitos brasileiros entraram no conflito.

Antes de jogar a tropa na frente, eu fiz estágio. Fiz estágio no setor de Florença com os americanos, entende? Fiquei quase uma semana lá. Eu cheguei lá, ia sair uma patrulha. Então eu me apresentei, dei patrulha com eles, entende? Aí o tenente: ‘Você fica por aí esperando a hora.’ Aí eu cheguei, tinha uma casa de três andares. Aí eu fui, cheguei, embaixo tava cheio de soldado, entende? O segundo andar, mais ou menos, o terceiro, vazio. Falei ‘Pô, vou pro terceiro, é lógico.’ Cheguei, abri as pernas, os braços, botei o capacete atrás, acendi o cigarro, fiquei

---

<sup>560</sup> Relato de JOAQUIM CARLOS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Observador da Companhia de Comando do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>561</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

fumando esperando a hora da patrulha, ouviu? E daqui a pouco a artilharia nossa começou a atirar, *bum, bum, bum, bum, bum*, ‘como a nossa artilharia á ativa hoje!’, eu pensei, né? Mas depois eu via que ventava e a artilharia atirava. Via aquela rajada de vento, *uuuuu...* Vento, e atira, por que isso? Era granada que tava caindo no local, entende? E eu pensei que era nós que tava atirando, tá? E fiquei no último andar, coisa que ninguém vai. Você não vai pro último, mas eu fui. Não sabia discernir um tiro de canhão de uma granada de canhão caindo, ouviu? O vento é que me chamou a atenção. Ventava e atirava. E eu: ‘o que é isso?’ Aí que eu desci, tava um pandemônio lá embaixo, ouviu? Puta que o pariu! o pessoal tava gritando, gente ferida, ouviu?<sup>562</sup> (Silveira, 1998, como citado em Maximiano, 2010, pp. 130-131)

Quando o segundo tiro arrebentou eu desejei um buraco para me enterrar, a areia me cobrindo para não me pegarem, desejei tudo para poder escapar da morte. Atiraram, a granada arrebentou mais longe de nós; “corre” – gritaram – e eu vi uma casa de pedra, abandonada, tendo uma árvore na frente. Os soldados ficaram de fora e eu, paisano, meti o coturno na janela de tábuas de caixote e deparei-me com um salão onde o italiano guardava o gado durante o inverno. Preparava-me para entrar, com a perna direita na janela, quando a turma toda, numa só voz, gritou: “Saia daí, Capelão! É alvo!”

Eu não sabia, veja só, paisano... O Capitão fala assim:

- Alberto, você quer morrer, então fica aí dentro!

- Por quê?

- Porque uma casa é um alvo!

Fiquei do lado de fora com a turma.<sup>563</sup> (Motta, 2001b, p. 209)

---

<sup>562</sup> Relato do Doutor EPAPHAROL SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1998.

<sup>563</sup> Relato do Coronel Capelão Militar ALBERTO DA COSTA REIS, que na F.E.B. atuou como Capelão do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

As casas eram consideradas alvos fáceis, não só por serem muito visadas pelos inimigos ou pela ameaça de bombardeio de artilharia. Muitos veteranos falam sobre o perigo das armadilhas criadas e instaladas pelas tropas alemãs em moradias abandonadas, eram as *booby traps*. Geralmente os alemães escolhiam um objeto do cotidiano, que poderia ser atrativo para o adversário e o minavam.

À noite ia ter instruções sobre armadilhas alemãs. Os americanos falavam português, começaram a mostrar que o soldado nunca devia entrar numa casa pela porta e abrir o trinco. Você abre o trinco, detona um negócio e cai a casa. Nunca bater numa tecla de piano, não abrir torneira dentro de casa. Uma série de armadilhas que eles conheciam e que os alemães faziam. Canetas *booby trap*, não abrir guarda-roupas, não abrir caixinha de joias. [...] <sup>564</sup> (Palermo, 2002, como citado em Maximiano, 2010, p. 132)

[...] o alemão deixava a armadilha sob o capacetes ou em vários tipos de recordações, que atraíam as pessoas. Tudo era feito para o combatente se entusiasmar, pegar e quando levantava o capacete ou o "*recuerdo*", estourava uma mina. Tínhamos que tomar cuidado. Sobre isso, fomos alertados lá em Stafolli, quando fizemos o curso: "Não pegue nada que o encantar! Capacete, armamento, não pegue! Deixe isso por conta do pelotão de minas. Ele vai ver se há alguma coisa." <sup>565</sup> (Motta, 2001a, p. 271)

Eu tenho uma caixa sobre a qual tenho todo o prazer de citar. Quando fomos para Alessandria, paramos em Vignola e lá passamos uns dias. Quando chegamos, começamos a procurar lugares para estabelecer o QG. Entramos numa sala e havia uma caixa no canto. Eu não tinha a experiência que tenho hoje. Fui correndo para pegar a caixa, mas o sargento me disse: "Oh! Pimentel, não mexe aí." Ele foi, então, com uma vareta – um detector de minas – que carregava quando ia a qualquer lugar. (O alemão espalhava armadilhas, *boobytraps*, como os norte-

---

<sup>564</sup> Relato do veterano FERDINANDO PALERMO. Entrevista concedida em 2002.

<sup>565</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

americanos chamavam, por todo lugar.) Ele detectou que havia explosivo lá dentro e a desarmou. Tinha uma granada armada para estourar quando alguém abrisse ou tirasse a caixa do lugar. Aí eu a apanhei e não deixei mais ninguém ficar com ela; peguei e trouxe comigo.<sup>566</sup> (Motta, 2001b, p. 201)

Aconteceram também muitos acidentes; nem todos morreram na linha de frente. Mesmo andando pelos bosques, encontravam-se armadilhas deixadas pelos alemães, os *booby traps* como chamavam: isqueiros, lapiseiras e canetas que atraíam os soldados. Estes tinham orientação para não mexer, porque ao bulir com elas poderiam explodir, inutilizando o homem. Isso também acontecia com os civis... As minas ocultas também representavam outro perigo, principalmente à noite quando era necessário seguir uma trilha previamente aberta.<sup>567</sup> (Motta, 2001c, p. 116)

Fui escalado algumas vezes na patrulha, devido ao conhecimento que tinha da região. Ao fazer observação, conhecia ponta por ponto a área onde estávamos. Perdi alguns amigos, vitimados por minas e armadilhas. Um sargento foi entrar na casa e assim que abriu a porta, a mina explodiu e a parte de cima do prédio caiu em cima dele. [...]<sup>568</sup> (Motta, 2001c, p. 164)

Eu não vi, mas um colega de *front*, José Alves dos Santos, que infelizmente já morreu, apelidado de Saci, me contou sobre um colega dele que encontrou algo vermelho, muito bonitinho, parecendo um ovo; pegou, ouvir um zunido, mostrou para o Alves Santos e falou: “Olha que bagulho bonito!” E o Alves Santos aconselhou: “Joga isso fora”. Mas o soldado não obedeceu, continuou andando, de repente, mais longe, estendeu o braço. Parece que apertou o objeto. Era um *booby trap* que explodiu e decepcionou sua mão. Os alemães eram especialistas em *booby trap*,

---

<sup>566</sup> Relato de VALDEMIRO DA COSTA PIMENTEL, que na F.E.B. atuou como Sargento integrante do Serviço Especial do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em março de 2001.

<sup>567</sup> Relato de ANTONIO GONZALES, que na F.E.B. atuou como Soldado Armeiro da Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>568</sup> Relato de JOAQUIM CARLOS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Observador da Companhia de Comando do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

conseguiram colocar explosivo em tudo que era objeto: chaveiro, relógio, caneta. Ninguém desconfiava dos *booby trap* que andaram mutilando e matando muito combatente aliado, inclusive brasileiro.<sup>569</sup> (Motta, 2001c, pp. 199-200)

Eles criavam muitas situações, para as quais tínhamos sido alertados nas instruções. Deixam, por exemplo, um quadro inclinado na parede de uma casa. O combatente, distraído, ia corrigir a posição do quadro e, ao fazê-lo, acionava uma mina que explodia. Usavam o mesmo artifício na válvula de descarga. Eles eram terríveis. [...] <sup>570</sup> (Motta, 2001e, p. 205)

Durante sua atuação na Campanha Italiana, o veterano Lauro Sawaya, também deparou-se com uma das armadilhas alemãs. Ciente de que o objeto poderia estar minado, tentou desarmá-lo, no entanto, seu acionamento deu-se apenas mais tarde, vitimando alguns civis.

Quando chegamos a Nápoles, ficamos acampados em um castelo velho. Vi um relógio lindo e, então, pensei: esse relógio tem mina, olhei, examinei, coloquei um colchão e puxei com um arame; ele caiu no chão e não explodiu. “Ótimo”. Estava travado e havia três parafusos no fundo. Tirei as borboletas da corda. A faca que eu tinha não entrava na fenda, para remover os parafusos. Peguei uma gilete, quebrei uma, duas e três, machuquei o dedo. Apanhei o relógio, pus no bolso e falei que ia ficar com ele para mim. Ninguém reclamou. [...]

Visitei Nápoles com um amigo e mandei consertar o relógio numa relojoaria de um velho chamado Pepe. Ele disse: “O relógio é bom, pode deixar que eu vejo.” Eu ia deixar pago. “Quanto é que custa?” “Setecentos e cinquenta e nove.” “Toma”. Lira, para nós, era lixo e não havia o que comprar. Passados um mês, dois meses fui buscar o relógio. Encontrei o prédio todo destruído, inclusive a loja que era no térreo. Havia relógios pelo chão. Perguntei ao homem do

---

<sup>569</sup> Relato de JOSÉ MARIA RODRIGUES, que na F.E.B. atuou como Cabo Escrevente da Companhia de Canhões Anticarro do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>570</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

bar onde eu almoçara naquele dia: “Ali não era a relojoaria do senhor Pepe?” “Sim. Um companheiro seu trouxe um relógio que ao ser desmontado explodiu e trinta e duas pessoas morreram.” Não tenho remorso, porque tentei desmontar o relógio, expus-me àquela armadilha; se soubesse não teria dormido com ele.<sup>571</sup> (Motta, 2001c, pp. 216-217)

A estratégia das armadilhas *booby traps*, estendia-se ainda aos corpos que não tiveram a chance de serem recolhidos pelo Pelotão de Sepultamento e neste caso, também o faziam nas montanhas italianas.

Felizmente os americanos correram, e então nos alertaram para o perigo de tocar nos mortos, pois os alemães minavam os corpos, e, por inexperiência, pracinhas dos aliados tinham perdido a vida. O que devíamos fazer, era amarrar com cuidado um fio longo de telefone ou coisa semelhante, e, de longe, bem abrigado no terreno, puxar o cadáver, para nos certificarmos se ele estava minado ou não.

Aliás, os *tedescos* minavam, armadilhavam relógios, binóculos, câmeras fotográficas etc. Em todos esses casos deveríamos ter os mesmos cuidados.<sup>572</sup> (Motta, 2001d, p. 179)

A nossa próxima ação foi na cidade de Collecchio, onde o inimigo voltou a enfrentar as tropas do 6º RI. Nessa localidade, eu fui designado para realizar o reconhecimento de um castelo, em cujo principal salão havia um sofá luxuoso com um oficial nazista morto. Tínhamos instruções de não mexer nos cadáveres e nos objetos porque poderiam estar minados.<sup>573</sup> (Motta, 2001f, p. 369)

---

<sup>571</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>572</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>573</sup> Relato de FRANCISCO PEDRO DE RESENDE, que na F.E.B. atuou como Cabo do 3º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

Há um caso digno de registro. Nos ataques fracassados a Monte Castelo, alguns soldados brasileiros tombaram a poucos metros da posição alemã de C Viteline, na base do Castelo. Os cadáveres eram perfeitamente visíveis de nossa posição em Guanela. Eles não apodreceram, devido ao frio e à neve, mas não puderam ser recolhidos pelo Serviço de Sepultamento, porque os alemães, obviamente, não iam deixar. Após a tomada de Monte Castelo, em fevereiro, foram evacuados. A remoção desses cadáveres foi uma operação que exigiu muitos cuidados, porque os alemães haviam instalado armadilhas nos seus corpos. Os alemães, além de não os recolherem e nem permitirem que o nosso Serviço de Sepultamento o fizesse, colocaram minas presas em seus corpos. Eles morreram no mês de novembro e só foram retirados no final de fevereiro, depois da tomada de Monte Castelo.<sup>574</sup> (Motta, 2001a, pp. 239-240)

À frente de Abetaia, situada na base de partida para o ataque a Monte Castelo, havia, ainda, mortos cujos corpos ficaram conservados pela neve. No degelo, foram encontrados pelo Serviço de Sepultamento e, sobre a ilharga de alguns deles, havia minas deixadas pelos alemães. [...] <sup>575</sup> (Motta, 2001a, p. 201)

Como visto anteriormente, a guerra transformava as paisagens naturais e as cidades, à vista disso os expedicionários apropriavam-se do espaço devastado em busca de segurança e uma melhor camuflagem. As ruínas de uma edificação poderiam ser consideradas instalações muito satisfatórias, apesar de toda a precariedade. Os critérios de conforto parecem tornar-se mais flexíveis e a adaptação ao entorno primordial para identificarem as possibilidades do que seria um bom abrigo ou perímetro de segurança.

Em seguida, tratamos de subir a encosta da Torre de Nerone, onde ficava o meu observatório.

Embora fosse muito íngreme, como naquele tempo éramos moços e acostumados a essas

---

<sup>574</sup> Relato do Coronel HELIO MENDES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo, Observador Avançado e Oficial de Manutenção da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>575</sup> Relato do Coronel AMERINO RAPOSO FILHO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em janeiro de 2000.

coisas, não houve maiores empecilhos, mas, durante o inverno, essa encosta nos oferecia muita dificuldade para subir. Finalmente, chegamos ao observatório, onde tratei de descansar e aguardar a nova jornada.

No dia seguinte, pela manhã, tratei de sondar o local para escolher o ponto de onde passaria a fazer as minhas observações. A chamada Torre de Nerone era um edifício, creio que primitivamente deveria ter havido uma torre nesse local, mas o que encontrei foram somente escombros; só existia um recinto mais ou menos intacto, sem a cobertura, embaixo dos quais, junto do chão, fora cavado um abrigo que era o local onde ficava meu antecessor.

Notei que havia um orifício na parede do abrigo, muito pequeno, através do qual não seria possível realizar a observação. A partir desse momento, passei a furar a parede e consegui obter uma série de buracos que me permitiam observação contínua em toda a frente do inimigo. A partir daí, passou a ser um observatório muito bom e confortável.<sup>576</sup> (Motta, 2001a, pp. 250-251)

[...] Além do cemitério, tivemos que ocupar, também, a igreja. Ela já estava semi-destruída pela Artilharia alemã. Abrimos trincheiras embaixo dos altares, no flanco direito e do dois lados da porta de entrada. No flanco esquerdo não pudemos fazer nada. Uma granada de canhão 88mm havia entrado pelo teto e se alojado dentro de um confessionário, sem explodir. Era um lugar por onde transitávamos muito e, assim, tínhamos que ter muito cuidado.

Apesar de tudo, todos respeitavam muito o templo. Quando uma granada espalhou hóstias dentro da igreja, os soldados juntaram, uma a uma, e as guardaram num recipiente junto ao altar.<sup>577</sup> (Motta, 2001g, p. 269)

[...] Em Montese, fiquei num cemitério e por sorte os túmulos me protegiam; o bombardeio era intenso, voava estilhaço para todo o lado. Mas como havia um túmulo atrás do outro, a gente

---

<sup>576</sup> Relato do Coronel JÚLIO DE PÁDUA GUIMARÃES, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>577</sup> Relato do Tenente-Coronel EDU VARGAS, que na F.E.B. atuou como Comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

ficava no meio, deitado, o corpo atravessado, aquilo nos protegia. Se fosse um terreno mais ou menos raso, limpo, meu Grupo e até o Pelotão inteiro teriam sido dizimados. [...] <sup>578</sup> (Motta, 2001c, p. 253)

As viaturas da Companhia de Comando do III Batalhão eram a maioria jipes e as do meu pelotão, eram três caminhões de 1,5 toneladas e um jipe. Acresce dizer que naquela estrada os alemães tinham uma visão direta sobre ela; então, a qualquer movimento eles atiravam. Até a noite, faziam tiros de inquietação. O bombardeio se deu quando estávamos subindo a tal estrada. Mal iniciou o bombardeio, a ordem era para todos abandonarem as viaturas e procurarem abrigar-se da melhor maneira possível. Alguns se abrigaram dentro de um tubo – de um pequeno rio – em que passava água. Era melhor ficarem molhados do que expostos. <sup>579</sup> (Motta, 2001d, p. 212)

Coube-nos estacionar junto ao Aqueduto Etrusco construído cerca de cinquenta anos antes de Cristo, em solo coberto de relva, próximo a outras relíquias etruscas, inclusive um túmulo situado a mais de dez metros de profundidade. Um salão com os altares votivos era alcançado destacando-se uma escada de três lanços em túnel. Os arcos do aqueduto foram de grande valia para a amarração dos toldos e barracas; o túmulo teve muita importância para reeducação disciplinar dos recalcitrantes, como lugar de meditação e repouso. <sup>580</sup> (Motta, 2001g, p. 91)

A Casa de Guanella era uma casa senhorial de três andares. Era de uma família rica, como é ainda hoje. Era dos Berti, Arnoaldo Berti, um advogado. [...]

Então, eu dizia, a casa do Arnoaldo estava toda destruída, pelo menos os andares de cima. [...]

---

<sup>578</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>579</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>580</sup> Relato do Coronel GILBERTO PESSANHA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Manutenção Leve.

Mas o Capitão já tinha estado lá durante o dia, quando ele fez o reconhecimento. E já havia instalado o PC num compartimento que dava a frente para o inimigo, no qual havia um rombo de granada que, à noite, era tapado com uma lona escura, e, durante o dia ficava aberto. Deve ter sido uma granada de 88mm que pegou ali. O compartimento, uma sala, parecia ter sido biblioteca, pelos livros que estavam espalhados pelo chão. [...]

O Capitão Motta arranjou um banco, uma cadeira, e já estava com o telefone ligado com o Batalhão. [...] <sup>581</sup> (Motta, 2001e, p. 249)

[...] O frio era terrível, mas, de noite, em nossas posições, sempre havia um fogareirozinho para nos dar calor. Quando ficávamos muito tempo em uma posição, fazíamos um túnel. Cobríamos o túnel com uns tubulões que o Tenente Paulo de Carvalho, então Subcomandante da 7ª Companhia, arranjou. [...] A turma chama o tubulão de trem de luxo. Dava para dormir dentro, tinha uns dois a três metros de diâmetro, era de aço, a prova de 88mm. Mas, mesmo assim, o protegíamos com uns sacos. Também nos abrigamos muito em casas abandonadas e outras construções. [...] <sup>582</sup> (Motta, 2001e, p. 332)

Mesmo com tantas dificuldades enfrentadas em ambos os cenários, seja nas cidades italianas ou em suas montanhas, ou mesmo os mortos e grande número de feridos graves, enraizou-se entre os brasileiros, o mito de que a Força Expedicionária, foi enviada à Itália para lutar uma guerra vencida, branda, com um inimigo que já encontrava-se derrotado. A ideia de que a F.E.B. foi realizar uma passeio turístico na Campanha Italiana também era afincada no imaginário da população, como mencionado em momento anterior.

A vista disso, alguns veteranos sentem a necessidade de rebater tais críticas em seus relatos, evidenciando principalmente a violência e brutalidade da guerra com o intuito de mostrar que de fato, não foram passear na Itália e que o inimigo ainda atuava de maneira aguerrida.

---

<sup>581</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>582</sup> Relato de MOACYR MACHADO BARBOSA, que na F.E.B. atuou como Sargento-Orientador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

[...] Uma vez, numa praça da Vila, sob um bombardeio muito grande, um cabo nosso foi atingido na perna por um estilhaço de granada; eu vinha um pouco atrás no jipe do S2 e notei que ele estava ferido. Parei a viatura ao lado, peguei um galho de árvore que tinha ali perto, coloquei a perna no lugar, passei a atadura e telefonei para o Serviço de Saúde ir busca-lo. Era o cabo Nardi que fazia essa parte de primeiros socorros; ele foi levado para a retaguarda e, não sei porque, no primeiro curativo, sofreu uma ruptura de artéria e morreu. Afinal foi um serviço que pude prestar como médico a um praça que sabia ser excelente e filho único. Sua morte entristeceu-nos. *Conhecer essa face da guerra tem o seu lado positivo para que não pensem ter-se tratado de um passeio.* [grifo nosso]<sup>583</sup> (Motta, 2001c, p. 173)

Chegamos a Livorno, que era um porto em que os navios tinham sido afundados. Na primeira noite dormimos a bordo, e no dia seguinte embarcamos em caminhões sem toldo, com um friozinho do outono europeu e debaixo de uma chuvinha manhosa em que os oficiais tinham que ir na frente e os pracinhas, atrás. Pois bem, enfrentando aquela chuva, o Ionio Portella F. Alves [...] virou para mim e disse assim: “Mário, se eu voltar para o Brasil e algum desgraçado disser que eu vim passear na Europa, eu dou um tiro na boca”.<sup>584</sup> (Motta, 2001d, p. 231)

Há quem diga, por maldade ou ignorância, que o Brasil chegou ao final da guerra, encontrando os alemães mal armados e posicionados, com efetivos insuficientes para deter os aliados na Itália.

Assim, nós teríamos ido para receber as coroas de louros dos vencedores...

A realidade, porém, é bem outra.

---

<sup>583</sup> Relato do Doutor JOSÉ ALFIO PIASON, que na F.E.B. atuou como Chefe da 2ª Seção do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>584</sup> Relato do Coronel MÁRIO DIAS, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em julho de 2000.

A Alemanha esbanjou poder militar, tanto pelas aguerridas tropas que preparou como pelo forte suporte de material bélico que produziu, incluindo aviões e carros-de-combate de alta eficiência.<sup>585</sup> (Motta, 2001f, p. 167)

E havia, também, algum ciúme com relação à FEB. Eu me recordo que quando fui pedir uns convites, para assistir ao regresso da FEB, ouvi, da antessala onde estava sentado aguardando atendimento, quando disseram: “Eles foram lá para passear”, eu havia me declarado ex-combatente.

Havia o grupo dos insatisfeitos, dos magoados, daqueles que tinham receio de que o pessoal da FEB tivesse promoções e eles não, mas também havia as exceções.<sup>586</sup> (Motta, 2001f, p. 73)

Relembrando a FEB, ressalto que não fomos fazer um passeio no além-mar. Pela primeira vez, o Exército Brasileiro transpôs o Atlântico para lutar do outro lado, em outro continente. Isso é muito importante para nós. A tropa que fez isso desincumbiu-se bem da missão.<sup>587</sup> (Motta, 2001f, p. 339)

Novamente, as crenças populares podem ser explicadas pelas informações fragmentadas que chegavam ao Brasil sobre o conflito, seja por cartas ou reportagens, sempre filtradas rigorosamente pela censura da época. Do mais, a má interpretação de documentos, a decisão do Estado Novo de proibir os veteranos de falar no pós guerra, a dificuldade de transpor as experiências em palavras, as fotografias dos combatentes enviadas às famílias retratando os pracinhas em momentos de lazer, ou mesmo a

---

<sup>585</sup> Relato do Coronel GERMANO SEIDL VIDAL, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo da 2ª Bateria do IV Grupo de Obuses de 155mm. Entrevista concedida em janeiro de 2001.

<sup>586</sup> Relato do General-de-Brigada HENRIQUE CESAR CARDOSO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 5ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>587</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

escolha de alguns expedicionários em dividir com seus familiares somente a parte “leve” do conflito, à conta de seus inúmeros traumas de guerra, também poderiam reforçar tais concepções.

A F.E.B., em adição, não foi formada apenas de elementos que atuaram no frente de batalha. A guerra exigia um imenso esforço logístico em sua retaguarda e cerca de 15 mil brasileiros atuaram neste setor ou em cargos de especialistas. Para estes elementos, a guerra assemelhava-se ao cotidiano da vida de caserna no Brasil e seus testemunhos e cartas não incluíam as aventuras que as pessoas esperavam ouvir. (Maximiano, 2010)

Mas há a parte boa da Guerra também, que não se conta muito porque podem falar que a gente foi passear. Foi boa, mas não para todo mundo. Os fuzileiros que estavam na frente, não tiveram isso, mas quem estava na retaguarda teve. É muito natural que sempre que aparecesse, mesmo fugazmente, uma oportunidade em lugares protegidos, alguém pudesse comer um queijinho, tomando vinho com um italiano.

Lembro muito bem que certa ocasião estávamos numa posição e as peças de morteiro se encontravam ao lado de uma casa. Nós das guarnições abrigados dentro dela; fazia um frio danado mas havia uma lareira e castanhas; a gente tomava vinho e comia castanhas. Enquanto as peças estavam todas prontas para serem empregadas. Numa dessas situações tivemos que entrar em ação rapidamente porque estávamos na parte baixa e os alemães, no alto; tivemos que fazer uma série de tiros porque os alemães estavam com metralhadoras no topo do morro e batiam a nossa tropa.<sup>588</sup> (Motta, 2001c, p. 123)

Acredito que não tenha nada especial sobre a linha de frente para contar, embora pela nossa função, também fosse lá, não como combatente. Nosso interesse eram as armas: normalmente íamos recolhê-las. [...] <sup>589</sup> (Motta, 2001c, p. 116)

---

<sup>588</sup> Relato de DANIEL LACERDA, que na F.E.B. atuou como Sargento-auxiliar do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>589</sup> Relato de ANTONIO GONZALES, que na F.E.B. atuou como Soldado Armeiro da Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em junho de 2000.

Um outro ponto a ser considerado, é a importância dada pela imprensa da época ao *front* italiano no enquadramento mundial no período em que a F.E.B. chegou ao território.

A Campanha Italiana em meados de 1944 deixou de ser o foco dos jornalistas e da propaganda, agora concentrados no “Dia D”, que despertava mais expectativas para a proximidade do fim da guerra. Logo após a conquista de Roma, em junho de 1944, todas as atenções voltaram-se para o desembarque na Normandia e o *front* italiano ficou em segundo plano. (Fernandes, 2009).

A dinâmica dos conflitos e velocidade de avanços no centro e noroeste da Europa contrastavam com a guerra estática e indefinida que acontecia na Itália. Não obstante, a conquista da frente italiana era considerada uma missão de interesse estratégico menor. Embora caracterizada como uma frente secundária, a Campanha Italiana foi apontada pelos Aliados como uma das frentes mais árduas e de progressão mais morosa no Teatro de Operações Europeu. (Böhmler, 1966)

Até mesmo a opinião pública dos E.U.A. precisou ser convencida da importância e necessidade de manter suas forças no território italiano. Para os norte-americanos a Campanha da Itália servia mais aos interesses britânicos, no sentido de que tencionava manter sua supremacia no Mediterrâneo e evitar que o inimigo se concentrasse nas proximidades do Canal da Mancha. Desta forma, não era justificativa para tantas vidas e material serem despendidos pela América. Inclusive, o envio da F.E.B. não teve um efeito moral muito positivo entre a população dos E.U.A. Apesar da contribuição dos brasileiros, sua participação poderia significar que a guerra ainda tardaria a cessar, demandando ainda mais vidas. (Maximiano, 2010)

O fato de a imprensa mundial não ter abordado com intensidade o conflito italiano, não significa que a violência e a brutalidade não estivessem presentes no território ou que a F.E.B. deparou-se com uma Itália pacificada e em completa liberdade.

[...] para o observador distante, no espaço e no tempo das agruras das tropas, pode haver distinção entre frentes “principais” e “frentes secundárias”. No entanto, do ponto de vista estratégico, não há essa distinção. A interdependência das frentes de batalha faz com que o soldado empregado numa frente “secundária” seja tão útil e necessário quanto aquele que esteja na frente “principal”. No caso da campanha da Itália, o setor em que a FEB lutaria não seria “decisivo” para a sorte da campanha aliada na Itália, contudo isso não queria dizer que pudesse ser desprezado e deixado aos alemães. (Ferraz, 2015, p. 80)

O descrédito sobre a intensidade do conflito também torna-se discutível quando analisam-se o perfil dos alemães, suas táticas militares e sua situação no *front* italiano quando os brasileiros os enfrentaram.

A localização dos alemães não foi escolhida ao acaso. A tática utilizada na Itália, de “defesa elástica” e a utilização de divisões estáticas treinadas para guarnecer fortificações, também haviam sido utilizadas na Frente Oriental e na Normandia.

Tal estratégia já colocava os alemães em posição de vantagem relativamente aos Aliados, tornando-os alvos fáceis, inclusive para atiradores de elite, visto que por vezes, não conseguiam identificar a posição do inimigo até que abrissem fogo contra eles. A tática também permitia a utilização de menos homens para defesa das posições elevadas e exigia menos fisicamente de seus ocupantes, como visto anteriormente.

Situação contrária, viveram seus oponentes, uma vez que precisavam de número significativo de combatentes e beiravam a exaustão física para vencerem nas montanhas italianas.

Era o melhor dos mundos para aqueles cuja missão era defender as posições previamente conquistadas e o pior para aqueles destacados para atacar e toma-las. Os avanços e recuos deveriam ser efetuados por pequenas unidades, como os pelotões (aproximadamente 50 homens, comandados por um tenente) e as companhias (três pelotões e mais algumas pequenas unidades auxiliares, perfazendo pouco menos de 200 homens, comandados por um capitão). (Ferraz, 2005, p. 54)

Enquanto que seus parceiros Aliados já estavam experimentados em terrenos montanhosos, dado que haviam enfrentado os alemães em condições similares – meses antes em Monte Cassino, também na Itália – os combatentes brasileiros encontravam-se em situação completamente distinta, com poucas referências, aprendendo gradualmente como agir com eficiência nas montanhas italianas. (Ferraz, 2012)

Esses fatores somados a inexperiência inicial das tropas brasileiras em terrenos montanhosos, já seriam motivos consideráveis para desacreditar o mito popular de guerra fácil e tranquila.

As vitórias da F.E.B. demandaram aprimoramento físico, treinamento militar estratégico árduo e boa experiência de combate, adquirida pelos brasileiros fundamentalmente no decorrer da guerra.

Os veteranos brasileiros destacam em seus relatos a dificuldade de realizar até mesmo pequenos avanços, dada a posição privilegiada e estratégia dos alemães:

Como eu era da infantaria, me colocaram como padioleiro, porque eu era alto. Mas quando foi no dia seguinte, era mais ou menos uma hora da madrugada, aí nós fomos num comboio, fomos perto de Sila. Aí nós seguimos a pé, fomos até um morro grande, numa puta escuridão, mas depois que você via o Monte Castello. Quando você chegava lá, você não via nada, porque não podia, era terra de ninguém. Aí o sargento mandou todo mundo fazer foxhole, fazer trincheira: uma aqui, outra ali, outra ali. Mas não podia fazer, tudo minado d'água. Foi quase no tempo da neve, né, em novembro, dezembro, tempo de neve. Aí, quando foi de manhã, seis horas, aí o sargento começou a acordar um por um. Eu não dormi nada. [...] Quando foi seis horas da manhã, o sargento deu ordem: 'Vamos, vamos! Não se assustem, que vai começar a artilharia [...] Mas quando nós chegamos na baixada, nós não vimos nada. [...] Quer dizer, você não ia nem para a frente, nem para trás. Se ia para trás, você morria; se ia para frente, você morria. Então, você deita aqui, vai de lá, vai daqui, vai de lá e sabe como é que é. Você vê que estão os feridos lá na frente, você não pode ir buscar. [...] Lá, o observador do inimigo, ele marcou ponto, eles tinham por número, alça alta, alça curta, então eles bombardeavam. [...] Em Monte Castello, quando a turma ficou lá, essa infantaria que tava dominando planície não podia nem ir pra frente. Se levantasse para subir o morro, e chegou a ocupar uns cem, 150 metros da encosta do morro, mas se fosse pra frente, o alemão metralhava; se levantasse pra retirar, o alemão metralhava do mesmo jeito.<sup>590</sup> (Este, 1999, como citado em Maximiano, 2010, pp. 256-257)

---

<sup>590</sup> Relato de MARIO ESTE, que atuou na F.E.B. como padioleiro do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1999.

Depois que começamos a avançar, o fogo das metralhadoras nos forçou a parar. Me atirei numa vala cheia de lama e permaneci imóvel por duas horas. Se levantasse a cabeça, levaria um tiro na hora.<sup>591</sup> (Amarú, 1992, como citado em Maximiano, 2010, p. 245)

A missão foi essa, mas não deu para cumprir. Os estilhaços pegavam nas castanheiras, cujas árvores são grossas e nos protegiam bem, mas a gente se encostava nelas e os estilhaços arrancavam as folhas e lascas que voavam para todo lado. E nós lá, ninguém saía do buraco. Um companheiro nosso, coitado, foi mudar de lugar e foi atingido por um estilhaço nas costas; o mesmo estilhaço que pegou nas costas dele, atingiu também o ordenança do Tenente, soldado chamado Gomes, furou a barriga dele que morreu: duas baixas e mais um atingido por estilhaço, que pegou de raspão na testa e não morreu. Essa foi uma passagem dura que vivemos.<sup>592</sup> (Motta, 2001c, p. 294)

Uma outra hipótese a ser apontada para reforçar tal crença, é a composição e o perfil do Exército Alemão quando em contato com a Força Expedicionária Brasileira.

A perspectiva de que combatentes brasileiros encontraram um exército com espírito derrotista, pronto a render-se e composto majoritariamente por meninos alemães completamente inexperientes, deve ser analisada com ponderação.

O Exército Alemão que combateu com a F.E.B. era composto não só por uma parcela de jovens na casa dos dezessete anos, mas também por experientes militares veteranos advindos das campanhas da Rússia e África, estes com idade por volta dos quarenta anos, sendo que muitos carregavam no uniforme a temida Cruz de Ferro. (Castello Branco, 1960; Maximiano, 2010; Ferraz, 2012)

A incorporação de elementos tão novos aos quadros, justificava-se pelo esgotamento das reservas da infantaria alemã, principalmente devido aos combates na frente Russa.

---

<sup>591</sup> Relato de ANTONIO AMARÚ, que na F.E.B. atuou como fuzileiro metralhador e posteriormente atirador de morteiro de 60mm no Regimento Sampaio. Entrevista concedida em 1992.

<sup>592</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

Além dos jovens e veteranos de outras frentes, a Alemanha buscou fontes alternativas para preencher seus vazios na Itália, como a utilização de soldados de diversas nacionalidades, inclusive asiáticos, e até mesmo prisioneiros voluntários do Exército Russo, capturados no início da Operação Barbarossa. (Ferraz, 2005; Maximiano, 2010)

Outro aspecto interessante que gostaria de destacar na rendição da 148ª Divisão Alemã é o da existência de um contingente numeroso de orientais, acredito que mongóis ou tártaros. Creio que se tratava de gente proveniente da União Soviética, arregimentados pelos alemães, quando invadiram aquele país. Pelo que observei, o efetivo era da ordem de um batalhão, mas segundo o Coronel Amerino Raposo Filho deveriam ser cerca de dois batalhões. Foi um espetáculo estranho e inesperado no desfile de rendição, pois ninguém pensava encontrar orientais marchando enquadrados pela tropa alemã.<sup>593</sup> (Motta, 2001a, p. 258)

Sobre o inimigo, destaco o fato de haver soldados de outros países, conquistados pelos alemães, que lutavam ao seu lado, como, por exemplo, os poloneses, além, é claro, dos italianos. [...]<sup>594</sup> (Motta, 2001d, p. 52)

Ao chegarmos a Tenuta de San Rossore, perto de Pisa, havia prisioneiros alemães trabalhando. Conversei com um deles que me falou ter dado graças a Deus por entregar-se. Era um polonês combatendo pelos alemães; disse que não aguentava mais os soldados alemães, que o atormentavam tanto que foi melhor se entregar.<sup>595</sup> (Motta, 2001c, p. 154)

Decorridos mais de cinquenta anos, vem à memória a chegada e a recepção dos prisioneiros. Eram, em sua maioria, militares alemães e italianos e, para surpresa nossa, havia entre eles

---

<sup>593</sup> Relato do Coronel JÚLIO DE PÁDUA GUIMARÃES, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>594</sup> Relato do General-de-Exército HEITOR FURTADO ARNIZAUT DE MATTOS, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia de Fuzileiros e Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do III/1º RI. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>595</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

poloneses, russos, tchecos incorporados às Forças do Eixo e que lutavam no Teatro de Guerra italiano. [...] <sup>596</sup> (Motta, 2001g, p. 251)

A pouca idade de alguns membros do Exército Alemão impressionou os expedicionários brasileiros. Nota-se que não associaram a juventude com fraca experiência de combate. Para além, destacam a presença de membros mais velhos com anos de guerra em seus currículos militares.

[...] E esse soldado alemão, quando ele morreu, ele morreu encolhido assim, abraçado no fuzil e as granadas de mão no cinto, que a gente levava no cinto assim. Não tinha acho que nem 16 anos. Moço, mocinho. Foi o primeiro soldado que nós matamos no pelotão. [...] menino ainda, não tinha nem barba. <sup>597</sup> (Pedro, 1999, como citado em Maximiano, 2010, p. 202)

[...] combatentes, maduros e inteligentes, com muito mais experiência do que nós, porque esses contingentes alemães, que lutavam ali na Itália, já vinham transferidos de outras frentes, portanto com grande experiência de combate. Se bem que houvesse muita gente jovem entre eles, havia também uma boa quantidade de pessoas idosas. <sup>598</sup> (Motta, 2001a, p. 272)

No ataque do Soprassasso, tinha uns vinte alemães de 16 ou 17 anos, todos feridos. Estavam apavorados. Os soldados antigos falavam italiano e se entendiam conosco. Conheci alguns que haviam chegado a quatro quilômetros de Moscou. <sup>599</sup> (Santini, s/d, como citado em Maximiano, 2010, pp. 81-82)

---

<sup>596</sup> Relato do General-de-Brigada MURILO GOMES FERREIRA, que na F.E.B. atuou como Subalerno da Companhia de Canhões Anticarro do 1º Regimento de Infantaria e Chefe do Campo de Coleta de Prisioneiros de Guerra, em Pontenure.

<sup>597</sup> Relato de SYDONIO PEDRO, que na F.E.B. atuou como Cabo do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em dezembro de 1999.

<sup>598</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>599</sup> Relato do veterano ERCILIO SANTINI, que na F.E.B. atuou como soldado enfermeiro do 1º Batalhão de Saúde.

Saí com o meu grupo, faltando um soldado que tinha morrido. Arrumamos os cadáveres em determinado ponto para os padioleiros recolherem, uns meninos de 16, 18 anos de idade, alemães; apanhamos o armamento que pudemos, os feridos que foi possível trazer e regressamos. [...] <sup>600</sup> (Motta, 2001b, p. 104)

Sobre o soldado alemão, isso todo mundo sabe, era experimentado mesmo e tinha muita coragem. A metralhadora deles dava mil, mil e duzentos tiros por minuto, enquanto a nossa dava seiscentos. Quando eram feitos prisioneiros, víamos rapazinhos de 15, 16 anos, que já no final eram engajados para compor a Força. Havia jovens ainda imberbes e estavam combatendo corajosamente. [...] <sup>601</sup> (Motta, 2001c, p. 242)

Era um combatente super experiente, por causa do tempo vivido em campanha, com uma preparação que vinha desde a infância, porque a Alemanha vinha preparando o garoto como um escoteiro para a guerra, em que ele aprendia infiltração, topografia etc... Então, esse soldado, mesmo jovem, que no fim da guerra tivemos que combater, era temível [...] <sup>602</sup> (Motta, 2001d, p. 333)

Para mim, o soldado alemão era, realmente, um grande soldado que combatia, recebia preparações de artilharia tremendas e não refugava, ficava. Quando o ataque começava, os alemães já apareciam. Eu me lembro que, já no fim da guerra, tive a oportunidade de falar com um prisioneiro, feito pelo meu Batalhão, na tomada de uma posição de metralhadora; perguntei-lhe a idade e ele me disse ter 17 anos. Com isto, vê-se que, no fim, Hitler já convocava soldados quase crianças.

---

<sup>600</sup> Relato do Doutor SILAS DE AGUIAR MUNGUBA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>601</sup> Relato de NICOLA CORTÉS NETO, que na F.E.B. atuou como Soldado Muniador da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>602</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

Uma vez perguntei àquele soldado por que ele não recuara, a sua resposta foi que não tinha recebido ordens para isto; então, ficou ali até o fim. Não tenho outra opinião a não ser a de que os soldados alemães eram, notadamente, profissionais.<sup>603</sup> (Motta, 2001d, p. 216)

Recebemos a missão de escoltar os prisioneiros até seus locais de destino, que eram diversos. Eles seguiam em coluna, enorme, e nós a retaguarda, de jipe. Nessa ocasião, vimos grande quantidade de soldados alemães, ainda adolescentes, com 14 e 15 anos de idade. Alguns soldados brasileiros, de brincadeira, tiraram a mochila de um daqueles meninos e ficaram jogando-a de um para o outro e o menino chorava por não poder apanhá-la. [...] <sup>604</sup> (Motta, 2001e, p. 216)

O Cabo Amynthas Pires de Carvalho, que em 22 de outubro de 1944 foi capturado pelas tropas alemãs e permaneceu como prisioneiro de guerra até o final do conflito, impressiona-se com a pouca idade dos militares alemães e a possível fatalidade de seus destinos.

Começamos a notar que, entre os contingentes alemães, era cada vez maior o número de batalhões formados por meninotes aparentando 15 a 17 anos. Em seus estertores na guerra, Adolf Hitler e seus comparsas, já tendo visto dizimado os seus exércitos regulares, passaram a recrutar adolescentes para combater nas linhas de frente.

Num acostamento da estrada, havia um caminhão de transporte de tropa parado, cheio desses soldados-mirins. Ao passarmos por eles, devemos ter despertado a sua curiosidade. Parece que foi a primeira vez que viram pessoas de feições e compleições diferentes das suas. Começaram a perguntar aos guardas quem éramos e de onde vínhamos.

---

<sup>603</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>604</sup> Relato do Coronel EDUARDO DE ULHÔA CAVALCANTI, que na F.E.B. atuou como Subalerno da Companhia de Obuses do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

*Brasilianische Kriegsgefangenen* – replicaram os guardas, para explicar que éramos prisioneiros de guerra brasileiros.

Foi uma cena não muito diferente de um grupo de escolares visitando um jardim zoológico, querendo se aproximar e tocar em animais exóticos. Entramos na sua brincadeira e ficamos a fita-los e fazer caretas para assustá-los. Só não se aproximaram porque os guardas, sempre armados de fuzil com baioneta calada, os escorraçaram e os afastaram.

Mesmo na minha condição de prisioneiro de guerra dos alemães, submetido aos mais penosos castigos e sofrimentos, fiquei comovido com o que vi. Era triste contemplar aqueles rapazinhos imberbes, quase desaparecendo dentro de seus uniformes, pele lisa, rosada, feições delicadas, quase femininas, olhares inocentes, na faixa etária em que, em outras circunstâncias, estariam ocupando os bancos de escolas secundárias ou divertindo-se em folguedos comuns aos jovens, a caminho da carnificina da guerra, muitos certamente, com seus poucos dias de vida já contados e outros condenados a terríveis mutilações, apenas para satisfazer a louca ambição de seus maiorais. Marchavam para a morte e, talvez, não soubessem o porquê. É bem verdade que nasceram sob a pregação de guerra, foram doutrinados para guerrear, e agora marchavam em direção aos matadouros dos campos de batalha. Naquele instante, não os vi como inimigos. Com efeito, me apiedaria deles, como se apiedaria de qualquer outro ser humano, meu próximo, preso a um destino cruel e inexorável.<sup>605</sup> (Motta, 2001g, p. 293)

Esses relatos, especialmente os que abordam a pouca idade dos jovens alemães, poderiam levar os brasileiros que permaneceram no território e até algumas obras mais críticas sobre a F.E.B. a associarem a juventude encontrada no Exército inimigo, com certa facilidade em combater-los, dada a suposta pouca experiência. Ou ainda, a impressão de que os brasileiros enfrentaram tropas alemãs formadas exclusivamente por jovens despreparados. É oportuno salientar que um homem de quarenta anos ou um jovem na casa dos vinte, são igualmente letais quando apertam um gatilho. (Ferraz, 2005; Maximiano, 2010)

---

<sup>605</sup> Relato de AMYNTAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

Os Coronéis Germano Seidl Vidal e Heraldo Carlos Leopoldo de Farias Portocarrero, concluem em entrevista:

Outro “mito” ou “estória” contada de várias formas é sobre a defensiva alemã no inverno de 1944-45, na chamada Linha Gótica nos Apeninos, que teria sido uma tênue defesa por soldados bisonhos, ainda adolescentes...

Essa Linha Defensiva foi muito bem planejada pelo Gen Kesselring que vinha comandando a resistência alemã desde a invasão dos aliados na Península italiana. Ele chegou a contar com 28 divisões, das quais a FEB teve contato com 13 que, embora incompletas em seu armamento de apoio, tinham supremacia de terreno para enfrentar as 20 dos Aliados, inclusive a brasileira. [...] <sup>606</sup> (Motta, 2001f, pp. 168-169)

Em 1944, encontramos na Itália, o soldado alemão já desgastado por tantos anos de guerra, a maioria lutando desde 1939. Apesar disso, fossem eles velhos, ou jovens, muitos até adolescentes, mantinham, ainda, no íntimo, aquela tenacidade, verdadeira obstinação e mesmo uma arrogância incontida, inclusive quando se entregavam à nossa tropa! <sup>607</sup> (Motta, 2001f, p. 129)

Quando traça-se um paralelo entre a *Wehrmacht* e as Forças Aliadas no território italiano constata-se que os alemães, apesar das dificuldades com o material humano e apoio logístico, encontravam-se em boa conjuntura e estavam longe de ser um Exército pronto a entregar-se. Tanto é que conseguiram segurar os Anglo-americanos por cerca de um ano e meio na Itália com a boa utilização do terreno, suas táticas e emprego de armas pesadas automáticas nas pequenas frações de combate, recurso que os Aliados não contavam em sua organização. (Maximiano, 2010)

---

<sup>606</sup> Relato do Coronel GERMANO SEIDL VIDAL, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo da 2ª Bateria do IV Grupo de Obuses de 155mm. Entrevista concedida em janeiro de 2001.

<sup>607</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

Outra vantagem era a clareza de sua ideologia. Os Alemães estavam cientes da importância de cada frente e do papel a ser exercido por eles, diferentemente de alguns brasileiros que mal sabiam porque lutavam aquela guerra. A propaganda alemã também trabalhou para que as derrotas e a situação difícil que a Alemanha enfrentava não chegassem aos ouvidos de seus combatentes de modo que o moral das tropas na Itália permaneceu em alta praticamente até o final da Campanha Italiana.

A ideia de que os alemães estariam prontos a entregar-se não condiz com o estado de espírito que encontravam-se, uma vez que começaram a entregar-se somente em abril de 1945, ou seja, já na proximidade da cessação do conflito no território italiano, em maio do mesmo ano. Para mais, a ordem de fuzilamento para desertores e desistentes, ou o medo que familiares sofressem represálias, também desencorajava qualquer espírito derrotista que eventualmente viesse a surgir entre as tropas. (Ferraz, 2005; Maximiano, 2010)

A respeito do inimigo devo dizer que o soldado alemão era realmente extraordinário, um grande combatente, que cumpriu o seu dever impecavelmente. No fim, quando se apresentaram durante a rendição, fizeram-no com muita dignidade. Aquele episódio, na verdade trouxe-lhes uma sensação de alívio, uma vez que não havia como resistir mais. Eles só não se entregaram antes, porque sabiam que suas famílias estavam sujeitas a retaliações no interior da Alemanha. Assim, lutaram até quando puderam, fazendo jus ao conceito de combatentes admiráveis.<sup>608</sup> (Motta, 2001e, p. 57)

Parte dos expedicionários brasileiros, notam o diferencial da preparação psicológica de seus oponentes, que mesmo derrotados mantiveram o garbo, a postura militar firme, e por vezes, a esperança de uma possível vitória.

Nas imediações, havia um campo de prisioneiros alemães que alguns brasileiros visitaram, devidamente autorizados. Observou-se que os referidos prisioneiros mantinham moral elevada e

---

<sup>608</sup> Relato do General-de-Divisão OCTÁVIO PEREIRA DA COSTA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Informações do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

estavam, ainda, esperançosos da vitória, apesar das seguidas derrotas [...] <sup>609</sup> (Motta, 2001a, p. 159)

[...] Visitei um campo de concentração de prisioneiros alemães. O moral era bastante elevado e confiavam na vitória final, apregoada por Hitler, pois esperavam por uma arma secreta que estaria por surgir, na Alemanha. <sup>610</sup> (Motta, 2001a, p. 233)

Era um soldado disciplinado, valente e muito instruído. Quando preso, não falava, não respondia. Não dava informação, quanto interrogado. Sempre muito bem fardado, com apresentação impecável.

Na rendição da 148ª Divisão alemã, por exemplo, os oficiais só queriam ser desarmados por outro oficial da mesma patente ou superior. Não admitiam que um sargento tirasse a sua arma. Como não tínhamos gente suficiente para isso, a solução foi depositar o armamento no chão.

Eles não estavam ali para fazer número. Queriam brigar mesmo; eram exímios atiradores de morteiro, arma de uma eficiência fabulosa nas suas mãos. Eles caçavam com o morteiro. <sup>611</sup> (Motta, 2001a, p. 272)

Realmente o alemão é um inimigo teimoso e não se brinca com ele. São soldados de qualidade, mesmo com os uniformes esfarrapados estão presentes. Com muita garra e elevado espírito profissional. [...] <sup>612</sup> (Motta, 2001c, p. 309)

---

<sup>609</sup> Relato do General-de-Brigada HELIO DUARTE PEREIRA DE LEMOS, que na F.E.B. atuou como Comandante da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>610</sup> Relato do Coronel HELIO MENDES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo, Observador Avançado e Oficial de Manutenção da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>611</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>612</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

Combatemos contra um inimigo educado para a guerra. A doutrinação nazista, casada com as características invulgares do povo alemão, conhecidas em tantas guerras, forjou um combatente abnegado, resoluto, com acendrado patriotismo. O inimigo com que nos defrontamos era de inegável bravura, disposto a morrer sem recuar.<sup>613</sup> [...] (Motta, 2001e, p. 218)

Se por um lado sofreram com recursos limitados e precisaram inserir elementos jovens em seus quadros, por outro possuíam mais Divisões na Itália que os Aliados<sup>614</sup>, além de excelentes armamentos e equipamentos. E mesmo com a escassez de recursos não economizaram munições, inclusive com constantes tiros de inquietação e contra-atacavam sempre que perdiam uma posição.

“Contando com muitos soldados experientes [...], as forças germânicas tornaram-se um inimigo bastante difícil de derrotar, o que americanos e ingleses já haviam percebido bem antes dos brasileiros desembarcarem.” (Böhmler, 1966 como citado em Ferraz, 2012, p. 79)

Traçado o perfil do Exército Alemão, sua posição geográfica privilegiada, maior número de Divisões, uso de armas automáticas pesadas de infantaria nas Companhias de Fuzileiros, a experiência de veteranos advindos das frentes Russa e Africana, torna-se demasiado difícil caracterizar o conflito que os brasileiros enfrentaram como uma guerra branda, vencida ou um mero passeio turístico à Itália.

Àqueles que desconhecem ou subestimam o desempenho das Forças Armadas brasileiras no Teatro de Operações da Segunda Guerra Mundial, sugiro a seguinte reflexão: no deslocamento, em combate, desde o centro-sul da Península Italiana até o extremo norte, no Vale do Rio do Pó, onde se deu a rendição do inimigo, a FEB enfrentou um exército bem-armado e bem-adestrado, que vinha de sucessivas vitórias e conquistas de territórios durante quatro anos. No Teatro de Guerra italiano, particularmente, após o domínio da península pelas forças nazistas, seus exércitos passaram a ser comandados pelo general Kesselring, oficial considerado um dos mais

---

<sup>613</sup> Relato do Coronel EDUARDO DE ULHÔA CAVALCANTI, que na F.E.B. atuou como Subalerno da Companhia de Obuses do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>614</sup> De acordo com Moraes (1960), em Dezembro de 1945 os alemães ainda dispunham de 32 Divisões na Itália, enquanto que os Aliados contavam com 24.

brilhantes estrategistas militares alemães durante o conflito. Esse renome era reconhecido não apenas pelos estados-maiores alemães, mas igualmente pelos comandantes militares aliados.

Foi contra essas forças bem-treinadas e adestradas e contra o que havia de melhor em inteligência militar do lado inimigo que os nossos jovens soldados e oficiais combateram durante longos e penosos meses, ao lado das forças americanas e inglesas, até a derrota das tropas do Eixo e sua rendição incondicional no Vale do Rio Pó.<sup>615</sup> (Motta, 2001a, pp. 229-230)

Se os brasileiros que permaneceram no país acreditavam que a F.E.B. enfrentava um inimigo fácil, os combatentes brasileiros, em contrapartida, tinham consciência do poderio e experiência do adversário. Os relatos sobre os alemães mostram respeito e admiração pelos oponentes.

O alemão era treinado para guerra, não é novidade. Muito bem treinado para a guerra. Ninguém pode contestar a capacidade deles como profissionais da guerra. Lembro de um amigo meu, o Sylvio Christo Miscow. O Miscow talvez se lembre o que confidenciou a mim e a um grupo. Disse ele: “Esses alemães desgraçados sabem fazer a guerra.”<sup>616</sup> (Motta, 2001a, p. 87)

Eles eram realmente disciplinados. Mas quando se entregavam ficavam submissos. Lutavam até onde dava e quando percebiam que estavam sendo derrotados, entregavam-se. Eram excelentes soldados, na minha opinião; naquela época os melhores na guerra, tanto que combateram contra, praticamente o resto do mundo.<sup>617</sup> (Motta, 2001c, p. 154)

[...] Quanto ao Exército inimigo, tive a impressão de que o soldado alemão era muito agressivo, valente e mesmo com parco material de que dispunha executava as suas tarefas muito bem.

---

<sup>615</sup> Relato do Coronel SÉRGIO FARIA LEMOS DA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Linha de Fogo da 1ª Bateria de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>616</sup> Relato do General-de-Divisão Médico GERALDO AUGUSTO D'ABREU, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Triagem do Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>617</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

Era fantástico no combate; muito bem preparado. Lembro-me que utilizava um tablete branco, que parecia açúcar, para esquentar o café.<sup>618</sup> (Motta, 2001c, p. 199)

Creio que o soldado alemão foi realmente muito bom, talvez o melhor do mundo, porque tinha habilidade, coragem, senso profissional e visão superior de organizações militares. O equipamento deles era espetacular, o sargento dispunha de binóculos, ao passo que eu não; o que eu possuía era um relógio com ponteiros e números fosforescentes; uma bússola, que se escondia na patrulha, pelo tamanho e fosforescência. Eu a tirava e colocava nas costas, a fim de que o soldado me visse na noite escura. Acho que eles não só aproveitavam bem o equipamento, como conheciam tanto o material bélico quanto a tática de combate. Por onde menos se esperava, eles surgiam.<sup>619</sup> (Motta, 2001c, p. 257)

Vou falar agora sobre o inimigo. O soldado alemão era considerado o mais aguerrido do mundo, provado na Primeira Guerra Mundial e comprovado nesta Segunda Guerra, onde enfrentara, inclusive, a Rússia. Fora derrotado, mas resistiu até o fim; somente no final, quando já estava cercado e exaurido é que se rendia. Foi assim que aconteceu com a 148ª Divisão alemã. [...]

A rendição da tropa alemã foi espetacular. Nunca me esqueci disso. Pude constatar, nessa oportunidade, a excelente disciplina do soldado alemão, ou melhor, das suas Organizações Militares, porque tudo se passava como se fosse uma operação militar normal. Os homens, na realidade, estavam entregando-se às prisões, vencidos e, no entanto, ainda mantinham o porte de soldado.<sup>620</sup> (Motta, 2001d, pp. 38-39)

---

<sup>618</sup> Relato de JOSÉ MARIA RODRIGUES, que na F.E.B. atuou como Cabo Escrevente da Companhia de Canhões Anticarro do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>619</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>620</sup> Relato do General-de-Exército ALACYR FREDERICO WERNER, que na F.E.B. atuou como Chefe da Subseção de Foto-informação da 2ª Seção do Estado-Maior. Entrevista concedida em junho de 2000.

Combatemos num terreno difícil, lama em quantidade, clima frio, com chuvas constantes e contra o melhor soldado do mundo, o alemão, um cumpridor de ordens. Em sua casamata, podia não estar o tenente ou outro superior, mas eles cumpriam a missão até as últimas consequências. Tivemos um exemplo na tomada de Soprassasso. Um homem obcecado, nesta época, com fraca alimentação. Nós encontramos biscoitos que, misturados com água, transformavam-se na sopa para eles. Ocupavam poderosos abrigos, construídos em pontos dominantes. Não se revelavam ao inimigo. Nesse ponto, nosso soldado era displicente.<sup>621</sup> (Motta, 2001e, pp. 108-109)

Para mim, o soldado alemão era um grande soldado. Fosse qual fosse a situação, e ali na Itália não era muito boa, ele era disciplinado, fiel cumpridor das ordens e regulamentos, atento aos sinais de respeito e aos procedimentos militares. Testemunhei isso quando ele, mesmo prisioneiro, no acampamento, fazia a continência a nossa bandeira no hasteamento pela manhã, parando de executar seus afazeres. Eles perderam a guerra mas não aquela formação de soldado. O soldado alemão é um grande soldado.<sup>622</sup> (Motta, 2001e, p. 142)

Quanto ao alemão, indiscutivelmente, era um mestre da guerra. Eles já estavam no bagaço, não tinham mais a aviação; a artilharia deles era puxada a cavalo por incrível que pareça, enquanto o nosso material era auto-rebocado, o 105mm, e o Grupo do Panasco Alvim era tracionado por tratores. Mas, mesmo assim, lutaram até o fim. Desaferraram, romperam o contato depois de Montese, e marcharam durante toda a noite, na tentativa de atingir o Rio Pó [...] <sup>623</sup> (Motta, 2001f, p. 88)

---

<sup>621</sup> Relato do General-de-Brigada JOÃO EVANGELISTA MENDES DA ROCHA, que na F.E.B. atuou como Subcomandante e, posteriormente, Comandante da 2ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>622</sup> Relato do Coronel MANOEL VALENÇA MONTEIRO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>623</sup> Relato do General-de-Brigada HÉLIO COVAS PEREIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante da 6ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em fevereiro de 2001.

Sobre o soldado alemão, pode-se dizer que a FEB enfrentou nos campos de batalha da Itália um inimigo tradicionalmente guerreiro, que já estava há bastante tempo lutando na Segunda Guerra Mundial, acostumado ao clima e ao terreno.

Por estar na defensiva há muito tempo, conhecia bem o terreno, o que representava uma grande vantagem. Era um soldado fanático, brioso e que tinha disposição tanto nas ações defensivas como nas ofensivas.

Por essas qualidades, era um soldado respeitado, mas não que o brasileiro o temesse. Entretanto, como se dizia por lá, “não pode dar sopa na crista, para não ser abatido”.<sup>624</sup> (Motta, 2001e, p. 228)

Cientes da eficiência e profissionalismo do inimigo, alguns combatentes dedicaram-se a trocar algumas palavras com prisioneiros alemães. A admiração por tal Exército foi mantida.

Na grande arrancada, na Ofensiva da Primavera, na caminhada para o Vale do Pó, com a queda de Montese, [...], feridos alemães foram tratados por nós. Inclusive possuiu *souvenir* presenteado por um deles, quanto tive a oportunidade de pensá-lo. Na ocasião, perguntamos àqueles superiores da raça ariana porque não se entregavam, sabendo que o fim da guerra estava próximo e não havia esperança mais de vencerem. Através de um tradutor nos responderam que realmente eram soldados guerreiros e, tradicionalmente na História da Alemanha, um alemão não se entrega, animado pelo espírito *tedesco*.<sup>625</sup> (Motta, 2001g, p.132)

Quanto ao soldado alemão, na realidade não sabia bem com quem estava lutando, mas todos eles eram obstinados e cumpriam as ordens emanadas de seus superiores, inspirados em Hitler.

---

<sup>624</sup> Relato do Tenente-Coronel JOEL LOPES VIEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>625</sup> Relato do Doutor DIAZ SEBASTIÃO CAMMAROSANO, que na F.E.B. atuou como Sargento Enfermeiro da 3ª Companhia de Evacuação do I Batalhão de Saúde.

Senti isso numa ocasião, quando, após o combate, tive que vigiar uns prisioneiros alemães dentro de uma igreja e logrei uma oportunidade, numa situação mais calma, de ouvi-los através de intérpretes e verifiquei que estavam satisfeitos com o fim da guerra. Porém, se houvesse chance de continuarem lutando, eles o fariam, porque eram obedientes, obstinados e fisicamente bem preparados e armados, com um nível de instrução muito bom. Tive a oportunidade de apanhar com esses alemães desenhos feitos pelos soldados, que retratavam a frente de combate; eram desenhos espetaculares, muito bem-feitos.<sup>626</sup> (Motta, 2001c, p. 71)

Outros pontos destacados pelos combatentes brasileiros em relação ao Exército Alemão, são o garbo e o cuidado pessoal de suas tropas. A disciplina e organização quanto ao material militar apreendido também são referidas por eles.

No que se refere às tropas alemãs, há que se destacar o bom aspecto geral do pessoal e o aprumo dos oficiais (alguns deles bastante arrogantes, apesar de tudo...); a boa manutenção do material e prontidão para seu uso (em Felegara, todas as armas de fogo recebidas – inclusive canhões – estavam carregadas, alimentadas e travadas; as viaturas, embora denotando longo uso e “cicatrices” de guerra, em muito boas condições de funcionamento. Os equipamentos individuais – cintos, bornais, cantis – bem cuidados, embora o desgaste de longo uso); as excelentes condições e aspectos dos cavalos e dos muares denotando cuidados e trato particularmente zelosos.<sup>627</sup> (Motta, 2001g, p. 109)

Um fato interessante que está me ocorrendo agora é que, uma vez, vi um italiano, em tom de zombaria, referir-se aos alemães dizendo que eles são engraçados, pois saem do buraco enlameados pela manhã, escovam a roupa, engraxam os sapatos, fazem a barba e novamente entram no buraco cheio de lama. Isso, na opinião de um civil italiano, pode ser engraçado, mas

---

<sup>626</sup> Relato do Coronel JAIRO JUNQUEIRA DA SILVA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>627</sup> Relato do Coronel GILBERTO PESSANHA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Manutenção Leve.

para nós, militares, denota o alto grau de seriedade com que eles encaram o aspecto psicológico, porque o fato de limpar os sapatos, escovar a roupa, fazer a barba mantém o moral do homem elevado. Parece uma coisa trivial, mas é da maior importância em termos de uma ação em campanha.<sup>628</sup> (Motta, 2001a, p. 263)

Um episódio que jamais esquecemos é sobre a apresentação impecável dos oficiais alemães, na rendição. Chegavam em viaturas, fardados com uniformes cinza, usando suas medalhas – não eram passadeiras – alguns com três cruces de ferro, a maior condecoração alemã para atos de bravura sucessivos, barba escanhada e cabelo cortado. Parecia que eles iam para uma parada, que tinham se preparado, em postura muito melhor do que a nossa que estávamos sem fazer a barba, sujos e enlameados. Eles deram uma aula de absoluta correção, inclusive à tropa. [...] Tais espetáculos é que vivificam a carreira das Armas. A gente vê que o homem se sacrifica, vai as últimas consequências para cumprir a sua missão, na luta por um ideal, por uma submissão ao dever. Não há tempo ruim, não há intempéries, não há dificuldade de qualquer ordem que possam impedir a perseguição, o transe, sobre o objetivo que lhe tenha sido cometido.<sup>629</sup> (Motta, 2001a, p. 207)

O reconhecimento de que lutaram com um adversário experiente e extremamente adestrado, desenvolve por conseguinte, a valorização da própria capacidade de adaptação e combate, e não um espírito de inferioridade e derrotismo. Muitos foram os relatos a evidenciar o bom desempenho das tropas brasileiras, principalmente por terem enfrentado tantos percalços durante o conflito e por terem enfrentado o supostamente “melhor soldado do mundo”.

Uma das maiores proezas da FEB foi pegar um soldado que saiu de um cabo de enxada ou saiu de um banco escolar rural e transformá-lo num soldado combatente da Segunda Guerra,

---

<sup>628</sup> Relato do Coronel JÚLIO DE PÁDUA GUIMARÃES, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>629</sup> Relato do Coronel AMERINO RAPOSO FILHO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em janeiro de 2000.

competindo de igual para igual com a elite das tropas americanas – como a Divisão de Montanha – , guerreando contra tropas superexperimentadas e já curtidas por batalhas outras – como era a tropa alemã – e, dentro de um efetivo de oitenta divisões que combatiam na Itália, ainda (fazer) aparecer em jornais, na imprensa, na mídia, o nome do Brasil, Divisão Brasileira! [...]

O comportamento foi muito acima da expectativa que se era de esperar de um soldado que sai de um Regimento como o meu, que tinha uma única viatura de abastecimento de provisões de boca, para um semimotorizado ou para um armamento moderno, material de ponta, uso de capa de neve no inverno, galochas, em suma, todo o trato com essa pletora de material. É como pegar um limpador de mato e transformá-lo num motorista de jipe dentro de um curtíssimo espaço de tempo; quem tangia jerico de repente vai dirigir uma viatura de dez rodas, uma viatura com munição...<sup>630</sup> (Motta, 2001b, pp. 241-242)

[...] O homem brasileiro, simples, de índole pacífica, iria enfrentar o melhor e mais bem equipado soldado do mundo, como era considerado o alemão. [...]<sup>631</sup> (Motta, 2001b, p. 56)

Por fim, a campanha felizmente transcorreu bem. Fomos treinados, embarcados, transportados e entramos em combate para enfrentar homens com seis anos de tarimba; lutamos com um Exército moderno, potente, que dispunha de ótimas armas. Nós brasileiros, vindos de toda parte do território, tivemos pela frente um inimigo ferrenho e decidido, no maior conflito de toda a humanidade.<sup>632</sup> (Motta, 2001c, p. 218)

Por outro lado, o soldado inimigo revelava uma grande imponência. Com certeza, os soldados alemães foram muito bem adestrados para aquela campanha, mas esse adestramento já vinha de muitos anos. Os alemães, assim como os italianos, conheciam o terreno a palmo. Sobretudo,

---

<sup>630</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>631</sup> Relato do Coronel JOÃO GERMANO ANDRADE PONTES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Seção de Morteiros da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em dezembro de 2000.

<sup>632</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

o soldado alemão que era obediente e, muitas vezes, parecia que não era humano mas, sim, uma espécie de robô. Mesmo assim, os alemães não nos intimidaram. Quando chegamos a Vignola, por exemplo, perguntamos por eles, pelo “*tedesco*”, ao que o italiano respondeu: “*Tedesco andare via mezza ora*”. Ainda seria possível pegá-los, mas eles estavam correndo porque sabiam que, de uma hora para outra, cercá-los-íamos conforme cercamos as três divisões, duas alemãs e uma italiana. Um fim de Campanha eletrizante!<sup>633</sup> (Motta, 2001f, p. 298)

[...] O alemão era muito valente, muito bem preparado, destemido, de grande valor e sabia por que combatia. Acresce o fato que lutávamos nos Apeninos. Eles nas alturas dominantes e nós embaixo. Era um terreno montanhoso, movimentado e ingrato. O soldado alemão, pela posição privilegiada que ocupava, ficava mais fortalecido ainda. Daí, o valor de nossos homens que se superaram em força física para galgar morros, ravinas e outros acidentes topográficos, para desalojar, lá de cima, os excelentes soldados alemães.<sup>634</sup> (Motta, 2001d, p. 82)

Estes soldados arriscaram diuturnamente as suas vidas, diante de um inimigo que pode ser considerado o melhor soldado daquela época e provavelmente de todos os tempos. [...]

Para tanto, tinha a melhor indústria bélica do mundo, bastando lembrar o General Guderian, artilheiro comandante das Forças Blindadas alemãs, ou seja, das Divisões Panzer, que, em discurso, numa reunião de operários alemães de um empresa fabricante de tanques assim se expressou: “Encontro-me diante dos melhores operários do mundo, que fabricam as melhores armas do mundo; para os melhores soldados do mundo”. [...]

Fica, desta forma, sobejamente comprovado que o soldado brasileiro, nas campanhas que atuou – Vale do Serchio, Vale do Reno e Vale do Pó – enfrentou o melhor soldado do mundo e saiu-se vitorioso. Isso é tudo.<sup>635</sup> (Motta, 2001d, pp. 155-156)

---

<sup>633</sup> Relato do Primeiro-Tenente DALVARO JOSÉ DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Cabo e 3º Sargento de Comunicações da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em dezembro de 2000.

<sup>634</sup> Relato do General-de-Divisão HELIO PORTOCARRERO DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>635</sup> Relato do Coronel ELBER DE MELLO HENRIQUES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em junho de 2000.

Nossos homens combateram contra um inimigo considerado excepcional, o melhor do mundo. Para nós da ELO, seus movimentos eram perfeitos. Seu disfarce não deixava uma pista. Ao alvejar nossos aviões o faziam pela retaguarda e com rajadas curtas. Num dos acidentes que eu tive, verificamos após que uma das asas tinha sido metralhada.

Pois bem, diante de tais soldados foi impressionante a capacidade do homem brasileiro em fazer o que fez e como fez. Não ficou abaixo e, sim, equiparou-se aos americanos e demais aliados.<sup>636</sup> (Motta, 2001d, p. 247)

Uma das coisas que mais me impressionaram na FEB foi a superação de todas as dificuldades, pelos brasileiros, por nossa gente, pelo “pracinha”. Impressionante ver um camarada analfabeto lutar de igual para igual contra os alemães e, lado a lado, com os americanos já calejados, mais instruídos, melhor alimentados.<sup>637</sup> (Motta, 2001d, p. 318)

O pracinha brasileiro apresentou na Itália recursos para tudo. Revelou uma versatilidade magnífica. Surpreendeu os americanos e os próprios alemães. Adaptou-se com rapidez notável ao novo armamento e à técnica de combate; resistiu à neve e ao inverno; combateu, ombro a ombro, com norte-americanos e ingleses, com “franceses livres” seguidores do General De Gaulle, exóticos hindus, temidos australianos e neozelandeses, atléticos canadenses etc.; galgou valentemente os Apeninos e palmilhou a Planície do Pó; enfrentou galhardamente o mais aguerrido e treinado soldado do mundo – o alemão – e não fez feio.<sup>638</sup> (Motta, 2001f, pp. 222-223)

---

<sup>636</sup> Relato do Coronel IÔNIO PORTELLA FERREIRA ALVES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>637</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>638</sup> Relato do Tenente-Coronel CELSO ROSA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Petrechos Leves da 7ª Companhia de Fuzileiros do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2001.

Além da valorização da própria capacidade por terem lutado ao lado dos alemães, identifica-se na análise das entrevistas utilizadas neste trabalho, que para alguns combatentes ter lutado ao lado de um adversário tão bem treinado serviu-lhes, inclusive, como uma oportunidade de aprendizado no campo militar.

Nós, soldados brasileiros, fizemos o melhor possível. Saímos daqui desconhecendo até o armamento e lá enfrentamos os alemães. Chegamos inseguros. Eles tinham uma matraca que fazia um barulho igual ao de uma metralhadora “tá tá tá tá”, que usavam principalmente à noite, deixando-nos zonzos. Mas fomos buscar a matraca; logo, logo, a mesma perdeu o seu valor. Nós aprendemos muito com eles e nos igualamos em bravura e audácia.<sup>639</sup> (Motta, 2001e, p. 344)

Aprendemos a ser soldados com o inimigo que é professor. É necessário acreditar nisso, porque o inimigo faz as armadilhas, instala as minas, cria obstáculos; como os primeiros da Linha Gótica. [...]

[...] Quando chegamos vimos os primeiros tiros de 88mm. Causava uma tremedeira tremenda!

Antes do batismo de fogo, esqueci de dizer, recebemos tiros de canhões de grosso calibre. Minha rótula tremia tanto que não consegui segurar; depois fiquei decepcionado. O canhão atirou naquela noite, eram duas horas da manhã, o céu escuro, ouvi o barulho, minha rótula começou a pular e a uns duzentos metros caiu uma granada de obus. Achava que ia cair em cima de mim mas ela explodiu longe. Aprendi que, dependendo do ruído, pode-se presumir a distância em que vai. É assim que se vai aprendendo, como disse, é o inimigo que ensina: quando a granada vier assobiando fininho, esconda-se porque vai cair por perto. Quando vier fazendo “chuap, chuap”, detonará duzentos metros adiante.<sup>640</sup> (Motta, 2001c, pp. 303-304)

---

<sup>639</sup> Relato do Sargento RUBENS LEITE DE ANDRADE, que na F.E.B. atuou como Sargento-Auxiliar do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>640</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

Em relação aos nossos soldados em combate, foi surpreendente verificar nossa tropa, de origem multirracial, revelar a capacidade que o soldado brasileiro tem, e que é uma de suas características, de aprender com o inimigo. Desde os primórdios de nossa história, o soldado brasileiro aprende com o inimigo. Na campanha de Canudos, os soldados brasileiros aprendera a combater na caatinga contra os beatos de Antonio Conselheiro. E na guerra foi assim; logo que entramos em combate, nos deram uma frete secundária, mas logo o comando americano, ao qual fomos incorporados, verificou que aquela tropa era muito boa, pois os alemães contra-atacaram na nossa zona de ação, mas nós resistimos ao contra-ataque.<sup>641</sup> (Motta, 2001c, p. 37)

Parece existir um senso comum entre os veteranos de que a criatividade, a facilidade de adaptação, o elevado moral, entre outras características, são inerentes ao “homem brasileiro”, sendo estas um diferencial entre as demais nacionalidades em combate.

[...] Outro atributo que revelavam era a coragem. Nenhum combatente nosso deixava um companheiro ferido na frente; ia resgatar mesmo, em qualquer lugar e situação. Assim foi no Soprassasso e em Montese. Além disso, havia aquela confiança do cabo e soldado no sargento e a do sargento no Tenente Comandante do Pelotão. Sabiam que eram parte de um sistema muito bem pensado, bem elaborado, instintivamente bem elaborado, e que considerava a capacidade do homem brasileiro de se adaptar a situações novas. Fomos combater nas montanhas sem ter conhecimento desse tipo de operação e nos saímos bem.<sup>642</sup> (Motta, 2001c, p. 43)

A atuação do soldado brasileiro em combate esteve acima da expectativa. Possuía criatividade, iniciativa, poder de decisão no momento exato, tudo aliado à disciplina e à coragem. Possuía virtudes importantes para um bom desempenho em todas as missões que lhe eram confiadas,

---

<sup>641</sup> Relato do General-de-Brigada RUBENS RESSTEL, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>642</sup> Relato do General-de-Brigada RUBENS RESSTEL, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em abril de 2000.

como a resistência a fadiga e a força de vontade, confirmadas diuturnamente.<sup>643</sup> (Motta, 2001f, p. 284)

O brasileiro é um homem versátil, ele aprende tudo. Na minha peça cada um sabia fazer todas as funções, uns dos outros. Isso facilitava a operação continuada, pois eu os organizava em duas turmas. Tinha três cabos e treze soldados sob o meu comando.<sup>644</sup> (Motta, 2001f, p. 346)

Como se vê, muitos dos acontecimentos me impressionaram bastante nesta jornada, mas o que mais me impressionou foi a atitude do soldado brasileiro. Ele é rústico, sabe combater, não tem pavor da morte e tem condições de enfrentar qualquer inimigo. O soldado brasileiro é muito bom [...]<sup>645</sup> (Motta, 2001d, p. 237)

De todas as coisas que vi, na guerra, a que mais me impressionou foi a capacidade de adaptação do soldado brasileiro. Nós aprendemos tudo sozinhos, desde como fazer a guerra, até como superar o clima terrível. A FEB, como Divisão, nunca saiu de linha, nunca foi retirada para descanso, como foram as divisões americanas. Tal se deu por vontade do seu Comandante, o General Mascarenhas, que sabia que se fôssemos tirados da linha, no Brasil, os maledicentes, os que odiavam a FEB, iam dizer que tal acontecera por deficiência no combate.<sup>646</sup> (Motta, 2001f, p. 108)

Quanto à preparação do nosso pessoal, principalmente oficiais e sargentos, [...] a gente vê a versatilidade que não é do soldado brasileiro, é do homem brasileiro. As medidas usadas pelas

---

<sup>643</sup> Relato do Capitão DIVALDO MEDRADO, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante do 1º Grupo de Combate do 2º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>644</sup> Relato do Primeiro-Tenente MIGUEL FERREIRA DE LIMA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Chefe de Peça da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>645</sup> Relato do Coronel MÁRIO DIAS, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>646</sup> Relato do Coronel ADHEMAR RIVERMAR DE ALMEIDA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Operações e Comandante de Bateria de Comando do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2001.

armas americanas eram todas em jardas, polegadas e milhas. Os brasileiros se adaptaram logo e faziam as conversões de cabeça, sem necessidade de tabelas. [...] Em pouco tempo, o pessoal lidava com facilidade com as diferenças entre o que havia aprendido e o que tinha que fazer na prática. A doutrina, embora fosse diferente, tinha um esquema semelhante. Alterações de nomenclatura, designação de manobras ou operações, não confundiam nosso pessoal ao realizá-las. O soldado foi se acostumando também com os sons do combate, com o som da Artilharia. Ele conhecia a granada brasileira e, de um modo geral, ele também sabia identificar quando a granada saía de lá, da Artilharia inimiga.<sup>647</sup> (Motta, 2001e, p. 265)

A adaptabilidade, considerada também um traço natural dos brasileiros, foi abordada em diversas narrativas. Os veteranos parecem ter desenvolvido uma percepção única do que é “ser brasileiro” com a experiência da guerra.

O que mais me impressionou na experiência vivida com a FEB foi a capacidade de adaptação do brasileiro a quaisquer circunstâncias e isso foi o que influenciou, em grande parte, para não insistirmos tanto no nosso aperfeiçoamento. Temos muita confiança na nossa capacidade.

Por exemplo, se um fuzil-metralhadora enguiçava, tinha que preencher uma papeleta para enviá-lo para retaguarda.

Daí levavam dez ou 12 dias para retornar aquela arma ao combate; o Tenente ficava aquele tempo todo com menos uma arma automática. As normas de Operação do Mediterrâneo diziam que a arma destruída pelo fogo inimigo deveria ser substituída imediatamente. Então, quando o FM enguiçava, o Tenente colocava a arma a cem metros de distância, dava um tiro de bazuca, comunicava a destruição da arma e no dia seguinte recebia outra...<sup>648</sup> (Motta, 2001c, pp. 63-64)

---

<sup>647</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>648</sup> Relato do General-de-Brigada MOZIUL MOREIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Chefe da 1ª Seção do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

O que mais me impressionou na campanha da FEB foi a capacidade de adaptação do homem brasileiro às condições modernas de combate. Foi excepcional a rapidez com que ele se adaptou a armamentos novos, viaturas, técnicas e processos de combate e ao patrulhamento noturno e diurno, que são ações onde é preciso ter muita coragem, e esse homem se adaptou com perfeição, apesar do baixo grau de instrução.<sup>649</sup> (Motta, 2001d, p. 62)

Lembro-me como enfrentamos o inverno durante a defensiva prolongada. Sentimos os rigores do frio a partir da viagem, quando saímos daqui no calor de novembro e chegamos lá em pleno inverno. Mas a tropa superou as dificuldades, porque o brasileiro tem a capacidade de se adaptar facilmente. [...] <sup>650</sup> (Motta, 2001d, p. 313)

[...] Temos que analisar com realismo: o nosso homem estava completamente desambientado àquele tipo de clima, a não ser o gaúcho, o catarinense; o do Sul de um modo geral. O meu Pelotão, particularmente era de nordestinos, e o pessoal se adaptou e fez coisa que a gente nem acredita. O soldado brasileiro parece um lagarto que muda de cor; adapta-se às circunstâncias.<sup>651</sup> (Motta, 2001d, p. 330)

Mas o que mais me impressionou na FEB foi a capacidade de adaptação do soldado brasileiro. Ele enfrentou tudo, todas as adversidades. O Brasil foi o único país sul-americano a tomar parte em uma campanha no território europeu. Nós não tínhamos uma tradição guerreira recente. Já ia longe a Guerra do Paraguai. Então, o soldado brasileiro foi à Itália e mostrou a sua coragem, o seu sangue frio, a capacidade de adaptação. Venceu o clima que não conhecia, a alimentação

---

<sup>649</sup> Relato do General-de-Exército SEBASTIÃO JOSÉ RAMOS DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Adjunto da Seção de Inspeção do Estado-Maior. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>650</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>651</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

diferente, e tudo o mais. Eu acho que ele enfrentou todas as vicissitudes com galhardia.<sup>652</sup> (Motta, 2001e, p. 130)

Inseridos em um contexto de guerra que envolvia nacionalidades distintas, os brasileiros voltam o olhar para si mesmos e, naturalmente, a comparação com os combatentes de outros países estabeleceu-se. Novamente justificam o bom desempenho aos atributos alegadamente intrínsecos dos brasileiros.

[...] Digo que não existe melhor soldado no mundo do que o brasileiro. Eu trabalhei na Itália com vários contingentes de diferentes nações, e no Egito com mais dez outros; soldado é o brasileiro. É aberto, fala qualquer língua do mundo, sabe comunicar-se e possui extraordinária capacidade de adaptação e de aprendizagem, aliada a grande capacidade técnica. [...] <sup>653</sup> (Motta, 2001d, p. 107)

Aprendemos coisas úteis e convivemos com os companheiros de outras nações: ingleses, americanos, indianos e uma parte do Exército italiano que combateu ao lado dos aliados. Os brasileiros aprendem rápido e se deram melhor com os italianos. Os americanos não se esforçavam para falar muito o idioma local. Na realidade somos versáteis e sempre dávamos o já conhecido “jeitinho”.<sup>654</sup> (Motta, 2001c, p. 118)

Em relação ao desempenho em combate, creio que o soldado brasileiro se saiu muito bem, apesar do nível de instrução inicial não ter sido adequado, mas a criatividade, digo mais, a inteligência do homem superou a deficiência e a prova disso é que lutamos ao lado da 10ª Divisão de Montanha, uma Grande Unidade americana treinada no Alasca, com homens selecionados pelo físico, que usavam equipamentos especiais, como botas com travas para

---

<sup>652</sup> Relato do Coronel JORGE ALBERTO MOITREL COSTA, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da Artilharia, integrante da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>653</sup> Relato do General-de-Brigada CONFÚCIO DANTON DE PAULA AVELINO, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Suprimento de Material Bélico da 1ª Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>654</sup> Relato de ANTONIO GONZALES, que na F.E.B. atuou como Soldado Armeiro da Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em junho de 2000.

andar na neve. Nós não possuíamos nada disso e participamos, igualmente com eles, do combate, fizemos tudo aquilo que eles fizeram e ainda com vantagem; na verdade, vencemos dois inimigos o alemão e o inverno; esse foi um ato glorioso para nós, é motivo de orgulho o nosso soldado ter participado com tal desenvoltura.<sup>655</sup> (Motta, 2001c, p. 70)

Ao soldado brasileiro eu faria, aqui, uma homenagem. Olha!... Quanto à disciplina em combate, eu considerava o soldado brasileiro superior ao americano. Por quê? O americano não avaliava bem a situação vivida. Ele achava que aquilo era um passeio. Ele avançava até assobiando, cantando. Diferente do soldado brasileiro que por natureza é, desconfiado. Até o canto de um pássaro o deixava em alerta. [...]

O soldado brasileiro sempre deu demonstrações de possuir iniciativa. Era formidável quanto à criatividade. Corajoso, enfrentava com naturalidade as situações de combate. Eu gostava de ver...<sup>656</sup> (Motta, 2001e, pp. 140-141)

Quando o Esquadrão prosseguiu e eles concluíram que os alemães estavam querendo fugir, o General Cordeiro de Faria, que era o Comandante da AD, desatrelou os canhões, colocou a Infantaria em cima dos caminhões, que seguiu atrás do Esquadrão de Reconhecimento e cercou os alemães. Uma iniciativa que americano não tem, porque não estando no manual, ele não faz, só o brasileiro mesmo. Só nesse lance foram 395 prisioneiros, inclusive 17 oficiais, tendo nossas perdas atingido apenas um morto e 16 feridos.<sup>657</sup> (Motta, 2001c, p. 62)

O bom humor, que para os veteranos também era considerado um atributo característico do brasileiro, era utilizado em situações de risco e desafiadoras para torna-las mais gerenciáveis.

---

<sup>655</sup> Relato do Coronel JAIRO JUNQUEIRA DA SILVA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>656</sup> Relato do Coronel MANOEL VALENÇA MONTEIRO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>657</sup> Relato do General-de-Brigada MOZIUL MOREIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Chefe da 1ª Seção do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

Além disso, o soldado brasileiro enfrentava as condições adversas com o maior bom humor, estava sempre alegre, fazendo piadas, mesmo quando havia um bombardeio alemão. Ficávamos assustados, mas logo surgiam manifestações de bom humor, do espírito galhofeiro de nosso soldado, que tanto nos valeu nas horas duras da campanha, mantendo elevado o moral da tropa.<sup>658</sup> (Motta, 2001f, p. 231)

O soldado brasileiro, em todas as guerras, sempre teve muita engenhosidade e uma boa maneira de iludir o inimigo, fazendo que vai pôr um caminho e indo pelo outro e, sobretudo, demonstrou um sentimento muito forte de camaradagem; todo mundo se ajudava mutuamente, e a nossa Infantaria atuou muito bem, porque a guerra é uma situação de feitos em que o homem vai treinando e aprendendo. Os americanos tinham a 10ª Divisão de Montanha, com aqueles soldados excepcionais, todos atletas, mas que recebiam tiros do inimigo e se juntavam dentro de uma ravina; aí, os alemães usavam muito bem o morteiro. Já o brasileiro, quando o alemão abria fogo, se espalhava, e às vezes até fazia uma brincadeira: “Hei! O jacaré não te abraçou dessa vez?”, coisa de soldado nosso, mas sempre num sentido de solidariedade muito forte. Eu sei que, de combate em combate, fomos cumprindo bem a missão, ganhando um renome para o nosso País e o nosso Exército.<sup>659</sup> (Motta, 2001c, p. 48)

O soldado brasileiro encara, de modo alegre, todas as situações, até as aparentemente sem solução. Se, numa patrulha, quando parecia que todos estavam com medo de um choque com os alemães, aparecia um cabrito, lá ia um brasileiro querer pegar o cabrito. Queria trazer de volta para fazer churrasco. Também soube superar o cansaço, a fadiga. Era só receber ordem para determinada coisa que se fazia. Os sargentos dispunham o comando das patrulhas, todos queriam comandar. Às vezes insistiam tanto que iam dois na mesma patrulha. Eu fiquei com a

---

<sup>658</sup> Relato do Tenente-Coronel CÁSSIO ABRANCHES VIOTTI, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>659</sup> Relato do General-de-Brigada RUBENS RESSTEL, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em abril de 2000.

impressão de que o soldado brasileiro aceita bem a morte quando no cumprimento da missão.<sup>660</sup>  
(Motta, 2001e, p. 333)

A criatividade e a improvisação empregadas pelos brasileiros na Campanha Italiana são mencionadas com orgulho e também são associadas pelos veteranos apontados abaixo como resultado de uma brasilidade nata. Os relatos destacados a seguir evidenciam algumas das alternativas utilizadas no conflito:

Mas o brasileiro é criativo. Já encontrei assim: em cada peça de obus, uma barrica de ferro, com mais ou menos 70 cm de altura... essa barrica tinha fogo que era sempre alimentado por sobras de pólvora negra.

Essa pólvora negra vinha dos saquitéis. Era de onde ela vinha. O obus 105mm tem na sua carga completa sete saquitéis. Normalmente atirávamos com carga cinco. Então sobravam os saquitéis números seis e sete e iam se acumulando. E uma forma de dar destino a essa pólvora negra junto às peças era alimentar o fogo. Alimentar o fogo com um pouco de madeira e com aquela pólvora negra. E assim eles conseguiram aquecimento, faziam um cafezinho, ou esquentavam qualquer coisa ali.

Com isso aliviavam o frio do inverno que ia sendo enfrentado com uma barrica de ferro em cada peça. Quando vinha a ordem: “missão de tiro”, o pessoal do turno parava tudo aquilo ali, deixava a barrica de ferro a uma distância de segurança e cumpria a missão. E o inverno foi vencido com a ajuda dessas verdadeiraslareiras de guerra improvisadas pelos nossos artilheiros.

Mas a criatividade estava sempre presente.

Todas as Unidades expedicionárias tinham uma Subunidade de Serviços responsável pelo transporte, especialmente de munição. A Bateria recebia diariamente cerca de duzentos tiros. Era a média, era o consumo: duzentos tiros por dia. Como fazer chegar essa munição,

---

<sup>660</sup> Relato de MOACYR MACHADO BARBOSA, que na F.E.B. atuou como Sargento-Orientador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

esses duzentos tiros, às peças? Acontecia o seguinte: à frente da posição passava uma estrada. A Bateria de Serviços do Grupo deixava esses duzentos tiros em determinado ponto. Desse ponto até a linha de fogo da Bateria foi construído um sistema de transporte, uma caixa com roldanas na qual era transportada a munição do ponto de entrega acertado entre o Comandante da Bateria de Serviços e o da Linha de Fogo.

Eu encontrei isso lá, funcionando, e a Linha de Fogo recebia facilmente. Os duzentos tiros chegavam à Linha de Fogo rapidamente. Lá estava esse sistema facilitando o serviço, fruto da criatividade do soldado brasileiro.<sup>661</sup> (Motta, 2001e, p. 139)

Durante esse período que estivemos na Itália, pegamos muito frio e nosso equipamento não era adaptado a esse clima. [...] O brasileiro, com sua característica de improvisação, protegia a cabeça com a manta, tipo essa toca de ninja, só com o nariz de fora, e fazia um chalé enrolado no pescoço. Às vezes, olhando-se, parecia um bando de ninja de uniforme. [...]

O resultado da Campanha comprova o bom desempenho dos oficiais e graduados, apesar de não terem tido oportunidade de um treinamento prolongado. A capacidade de adaptação do brasileiro é muito grande.<sup>662</sup> (Motta, 2001e, p. 320)

O inverno na Itália foi extremamente rigoroso no período em que os combatentes atuaram no conflito. Segundo os veteranos, a criatividade do “homem brasileiro”, foi utilizada para evitarem o “pé de trincheira”, como era conhecida uma espécie de trombose que acometia os pés de militares expostos a temperaturas baixíssimas, levando à amputação em alguns casos.

Diversos foram os relatos a evidenciar uma diminuição na ocorrência da doença entre a tropa brasileira e até mesmo uma suposta visita de oficiais norte-americanos buscando compreender como a F.E.B. havia reduzido os seus casos.

---

<sup>661</sup> Relato do Coronel MANOEL VALENÇA MONTEIRO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>662</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

No entanto, de acordo com os relatórios médicos do V Exército Americano, a Divisão Brasileira infelizmente contava com números acima da média nos índices do que chamavam “*cold injuries*”. Sendo assim, as soluções adotadas pelos brasileiros, como a utilização da galocha sem o borzeguim, poderiam ser mais confortáveis, mas estavam longe de serem eficientes no que concerne a prevenção da doença. A única tropa que manteve seus índices reduzidos foi a britânica, que era extremamente disciplinada na troca de meias e em manter os calçados secos. (Maximiano, 2010)

Desta forma, opta-se por inserir na exposição relatos sobre as soluções utilizadas pelos combatentes, mas que não abordam tais especificidades, como dados e a suposta visita de autoridades americanas.

A temática sobre uma invenção milagrosa criada pelos expedicionários para evitar tal doença, é um dos exemplos com grande abordagem nas entrevistas:

[...] Sofremos muito com o clima frio, até morreu soldado congelado e houve os que tiveram pé-de-trincheira.

Felizmente dei um jeito e depois vi muita gente fazendo igual, mas acho que fui um dos primeiros: tínhamos uma galocha para o barro, porque havia muita lama. As viaturas misturavam a neve com a terra e virava uma lama danada. Era necessário o uso da galocha para andar naquele lodaçal. O calçado americano que chamavam de *combat boot*, um “troço” grosseiro e pesado, deveria ser usado dentro da galocha, que era larga. Mas nós pegávamos um cobertor, rasgávamos em tiras de mais ou menos uns 15 centímetros de ponta a ponta do cobertor, enrolávamos o pé, fazia aquela trouxa grande e enfiávamos dentro da galocha, sem a bota. Foi uma boa solução para não dar pé-de-trincheira e as mãos mantidas sempre enluvadas, mas mesmo assim esfriava para danar.<sup>663</sup> (Motta, 2001c, p. 163)

O pracinha brasileiro sobrepujou a dificuldade do clima no inverno, revelando uma inventividade que ninguém imaginava. Um caso pitoresco refere-se a um soldado, Wenceslau Correia,

---

<sup>663</sup> Relato de JOAQUIM CARLOS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Observador da Companhia de Comando do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

conhecido por 914, que parecia redondo, de tanta roupa que usava. Disse-lhe isso, caçoando. Ele me respondeu que estava com 18 meias, nove em cada perna. Havia muita criatividade, capaz de surpreender o americano.

Os soldados brasileiros tiravam as botas que constrangiam os pés e ficavam só com os galochões, enchiam-nos de pena, penugem de pato, palha ou papel picado. A finalidade era de melhorar a circulação.

Quase cinquenta anos depois da guerra, um dos meus companheiros disse-me que ele usava um par de meias na barriga esquentando o outro, no pé. Quando este esfriava, colocava nos pés a meia quentinha, aquecida na barriga.

A criatividade do brasileiro evitou o pé-de-trincheira [...] <sup>664</sup> (Motta, 2001f, pp. 230-231)

Em 24 de dezembro, estávamos dentro do cemitério de Bombiana, quando começou a nevar. Estava caindo algodão do céu. Dentro de pouco tempo, o terreno ficou branco, começamos a sentir frio. Eu estava no comando do Pelotão, quando oito soldados reclamaram que não podiam andar, que seus pés e pernas estavam gelados. Nós estávamos nas trincheiras, em posição, porque havia a possibilidade de o alemão atacar por ali. Tínhamos de estar atentos. Os oito foram para o Posto de Saúde e voltaram com diagnóstico de ameaça de pé-de-trincheira, que é uma doença que paralisa a circulação. Dizia-se que os americanos colocavam jornal no coturno, que quando um americano tivesse a doença dez brasileiros já teriam tido, pois eles estavam acostumados. Acontece que alguém jogou o coturno fora, quem eu não sei, e encheu a galocha de feno. Foi coisa de brasileiro! Acabou o pé-de-trincheira, a friagem no pé! O procedimento se espalhou pela tropa. Andávamos na neve sem problemas. Agora era só manter a atenção no inimigo. [...] <sup>665</sup> (Motta, 2001e, p. 328)

---

<sup>664</sup> Relato do Tenente-Coronel CÁSSIO ABRANCHES VIOTTI, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>665</sup> Relato de MOACYR MACHADO BARBOSA, que na F.E.B. atuou como Sargento-Orientador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

Uma das inovações criativas dos brasileiros foi consequente da neve. Recebíamos o *combat boot*, duas ou três meias de lã e púnhamos tudo aquilo, devido ao frio, mas o calor do corpo provocava o suor que molhava as meias; depois vinha o frio e havia tendência a petrificar as meias, congelando e ocasionando o pé-de-trincheira, que ameaçou muito combatente. Cessava a circulação de sangue no pé, devido ao frio e se não fosse amputado, gangrenava. O que fez o brasileiro? Em vez do *combat boot*, usava a galocha, que era um botinão em que o *combat boot* cabia. No lugar das meias de lã, colocávamos feno. Passamos o inverno inteiro sem problemas. [...] <sup>666</sup> (Motta, 2001c, p. 255)

O soldado brasileiro, muito ao contrário do que se poderia esperar, adaptou-se bem ao inverno italiano, final do ano de 1944 e início de 1945, e através de sua criatividade, conseguiu superar a baixa temperatura e o congelamento de pernas e pés, com os recursos que estavam ao seu alcance. As consequências foram sentidas e reveladas com maior intensidade no período pós-guerra. <sup>667</sup> (Motta, 2001f, p. 284)

[...] Houve aquele recurso da infantaria para evitar o pé-de-trincheira, ou seja, colocar jornal ou feno direto na galocha, deixando de usar o borzeguim, hoje chamado de coturno, que foi deixado de lado. Essa solução tornou-se importante porque o combatente passou a preocupar-se somente com o alemão e não mais com as dores nos pés e pernas e com o “fantasma” do pé-de-trincheira, que levava à amputação de membros inferiores.

Realmente, essa solução criativa dos brasileiros, [...] merece um destaque especial. O brasileiro passou a combater despreocupado, livre de um problema desesperador!

Antes, havia dois inimigos: um era o alemão e o outro o pé-de-trincheira. Você pode imaginar o que seja o homem combatendo hoje e amanhã ser obrigado a cortar o pé ou a perna?! É algo de uma brutalidade inaceitável! E essa questão terrível acabou de repente para o nosso

---

<sup>666</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>667</sup> Relato do Capitão DIVALDO MEDRADO, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante do 1º Grupo de Combate do 2º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

peçoal! Atravessamos boa parte do inverno com tranquilidade nesse particular!<sup>668</sup> (Motta, 2001e, p. 165)

Embora não acostumados com o clima europeu, posso dizer que o rigoroso inverno pouco influenciou sobre o estado de saúde dos homens de minha fração, em virtude da grande capacidade de adaptação do soldado brasileiro. Entre os seus truques, para minimizar o efeito da temperatura e do frio, substituía a meia por palha de trigo e a bota, pela galocha. [...] <sup>669</sup> (Motta, 2001d, p. 292)

Impressiona a capacidade do brasileiro para superar as dificuldades físicas, orgânicas, de instrução e de alterações climáticas. Não houve problema. O pessoal sempre se conduzia e se adaptava com criatividade. O pé frio, por exemplo. Por mais que se aquecesse, o pé estava sempre frio. Daí, sem cuidados apropriados, sobrevinha o pé de trincheira. Mas o brasileiro, mais uma vez, inventou, tirou a “botina” e colocou, dentro da galocha, jornal e feno, de maneira que tudo isso funcionava como isolante. E ainda podia mexer os pés, facilitando a circulação. Coisas muito engraçadas a gente via, próprias do espírito do brasileiro. [...] <sup>670</sup> (Motta, 2001d, p. 314)

É importante salientar, que essas histórias e mesmo a crença em uma “brasilidade” como um diferencial que os ajudou em diversos momentos da guerra, firmam-se entre os veteranos, porque provavelmente ajudaram a reforçar o espírito de corpo da Divisão Brasileira. A variedade e grande número de anedotas ao redor da FEB, podem indicar que a tropa possuía um moral bastante elevado. (Maximiano, 2010)

---

<sup>668</sup> Relato do Coronel JOSÉ TANCREDO RAMOS JUBÉ, que na F.E.B. atuou como Auxiliar do Comandante da Linha de Fogo da 3ª Bateria do III Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>669</sup> Relato do Coronel IPORAN NUNES DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

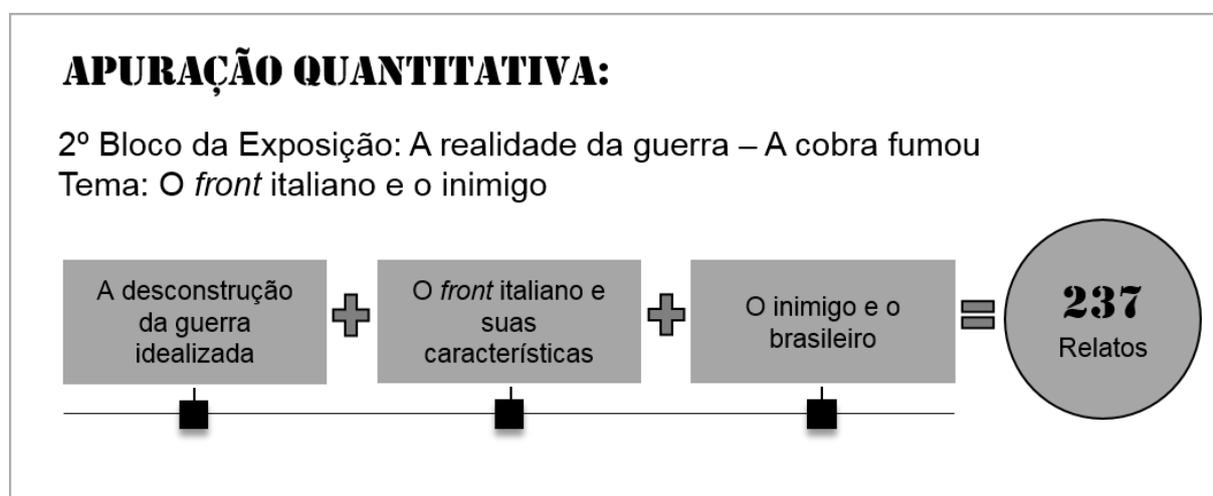
<sup>670</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

Sendo assim, é acertado explorar esses mitos na exposição por traduzirem as percepções de si mesmos, do grupo e especialmente, o que se passava nos corações e mentes dos veteranos no período. Ademais, “boatos que ganham dimensões significativas também são fontes documentais preciosas”. (Ferraz, 2012, p. 51)

Abaixo, é exposta a apuração quantitativa desta temática na figura 21:

### Figura 21

*Apuração quantitativa da segunda etapa da exposição – A realidade da guerra. Tema: O front italiano e o inimigo.*



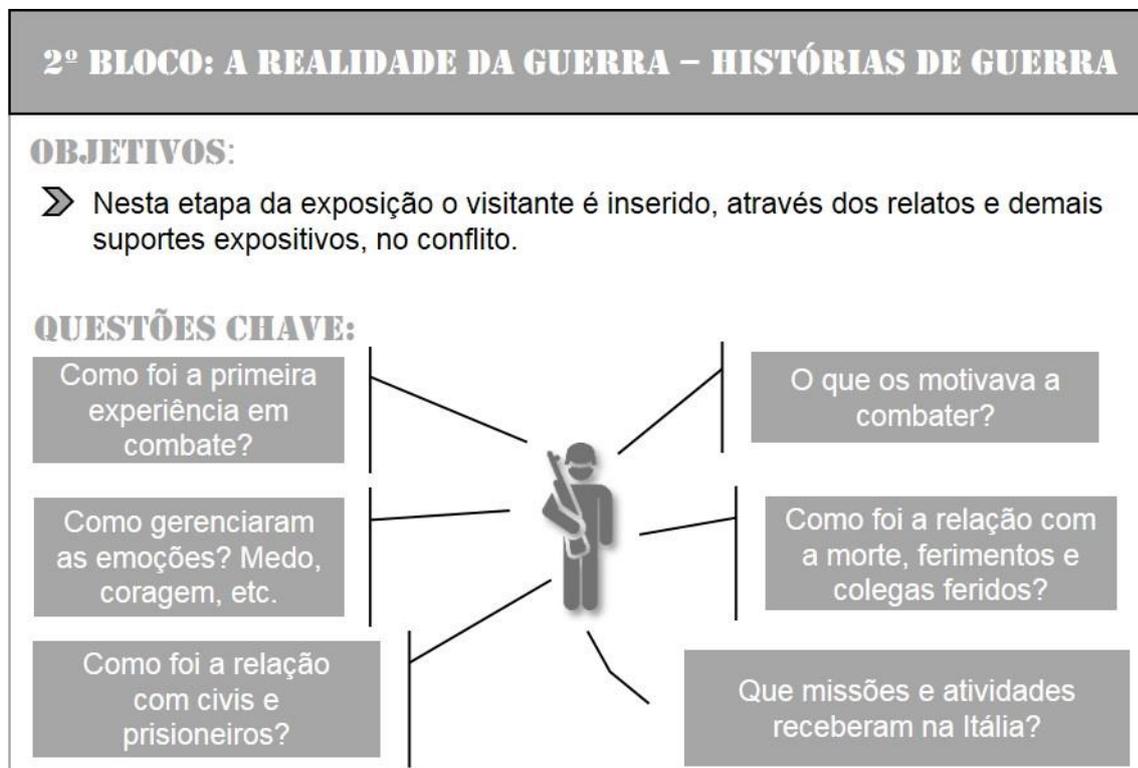
*Nota.* Autoria própria.

## 7.2 HISTÓRIAS DE GUERRA - A ATUAÇÃO DOS BRASILEIROS NO CONFLITO

Neste capítulo, diante da infinidade de abordagens possíveis sobre a atuação dos brasileiros no *front* italiano e considerando que outros suportes expositivos estarão disponíveis para consultas, opta-se por nortear a seleção de narrativas de forma a buscar responder às questões que estimulem os visitantes da exposição a “ressignificar” suas percepções sobre a guerra no território italiano, do mesmo modo que os combatentes precisaram abrir mão de suas ideias pré-concebidas do que era o conflito. Desta forma, as seguintes perguntas expostas na figura 22, são utilizadas como parâmetro:

## Figura 22

Segunda Etapa da Exposição Itinerante – A realidade da guerra: Questões chave sobre “Histórias de guerra – a atuação dos brasileiros no conflito”.



Nota. Autoria própria.

O processo de desconstrução do que era uma guerra para os combatentes, inicia-se já na adaptação ao terreno e nas atividades que são realizadas nas montanhas italianas, como visto anteriormente. A nova interpretação do que seria efetivamente uma batalha continua a desenvolver-se nos estágios e primeiros momentos no *front*. Após o batismo de fogo, como é chamada a primeira experiência em combate, a guerra torna-se tangível e concreta para os brasileiros.

É nesta primeira circunstância que o combatente compreende que o inimigo é um elemento real no conflito, uma ameaça tangível à sua integridade física e, principalmente, que seu objetivo era eliminá-lo.

O meu batismo de fogo na Força Expedicionária Brasileira foi terrível, com a pouca idade que eu tinha e quase nenhuma experiência: saí dos bancos escolares para o Exército. Ele se deu em Torre de Nerone.

Era uma frente em forma de ferradura, nosso posicionamento era no centro e a tropa alemã em volta. A única posição que tinha comunicação com o comando da Companhia e o Batalhão era a do meu Grupo: dispúnhamos de um telefone. Essa região era muito bombardeada pelos morteiros, principalmente nas horas de refeição, e, em um desses bombardeios, eu tive o meu batismo.

A linha telefônica era exposta (o fio) e os estilhaços das granadas cortavam-no quase sempre. Sendo o homem que dava as informações através do telefone, eu era obrigado a sair do abrigo para emendar os fios e isso ocorreu inúmeras vezes, com um perigo tremendo: foi assim o meu batismo de fogo!

Pensei na minha família, minha mãe, meus irmãos...<sup>671</sup> (Motta, 2001b, p. 225)

O nosso batismo de fogo aconteceu assim: O Pelotão recebeu ordem para atingir um determinado ponto. Estávamos nas proximidades de Camaioire [...] Alcançamos uma região, um silêncio incrível e logo começou uma chuva intensa, enquanto subíamos pela elevação, o vale quebrou para a esquerda e fomos naquele sentido. Ao descermos vimos uma casa de italianos, caiada de branco, o que é comum na Itália. Uma enxurrada descia com uma avalanche de pedras enormes.

Avistamos na elevação um grupo de homens como se estivessem olhando de binóculos, nesse mesmo instante, encontramos um italiano que vinha com um daqueles guarda-chuvas grandes de listras brancas, vermelhas e verdes. Um soldado pegou o guarda-chuva do italiano e começou a brincar. Havia um bosque de castanheiras; de repente os homens desapareceram da crista e todo mundo comentou que seria a 9ª Companhia que estava lá em cima.

---

<sup>671</sup> Relato do Major JOSÉ MARIA DA COSTA MENEZES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 7ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Pressupunha-se que fosse a 9ª Companhia, porque estava à nossa direita. Entretanto nos esquecemos de que tínhamos virado para a esquerda.

Eram alemães mesmo. Quando chegamos à casa branca, existia um picadeiro no terreno da casa, um colosso de pedras e uma castanheira. Veio uma chuva de balas sobre nós e ficamos atarantados. Não esperávamos aquilo. [...] O susto foi terrível; [...]

O batismo de fogo acontece de repente. Cada soldado reage aos acontecimentos de acordo com o seu estado psicológico. [...] Eu era um homem tranquilo, assustava-me também, como qualquer indivíduo, mas era controlado.<sup>672</sup> (Motta, 2001c, pp. 301-302)

Apesar das recomendações de sigilo e silêncio, o movimento foi pressentido e houve forte bombardeio de artilharia e morteiros alemães, mas a Companhia permaneceu em posição, reagindo com determinação. Foi o batismo de fogo, inusitado, porque não tivemos, no resto da campanha, situação tão crítica e inquietante. Foi uma terrível noite de estreia; ao clarear do dia, reajustada a situação, pudemos observar vários alemães caídos na frente da posição.

Após essa reação violenta inimiga, seguiram-se dias menos intensos de bombardeio da parte da Artilharia alemã. [...] <sup>673</sup> (Motta, 2001d, p. 50)

Mas voltando ao dia 25 de dezembro, dia seguinte à minha chegada à Bateria: à noite o Padilha me convidou para um jantar na casinha onde, inclusive, instalamos a central telefônica. Cheguei já eram mais ou menos nove horas da noite, ainda dia claro, naquela época, na Itália. Participava desse jantar que nos era oferecido por um casal de velhos moradores, quando, inopinadamente, a Artilharia alemã resolveu dar uma demonstração de sua força. Comecei a me assustar porque ouvia perfeitamente as granadas passando por cima da casa e arrebetando adiante. O arrebetamento era tão violento que fazia tremer o terreno e a casa... Fiquei apavorado.

---

<sup>672</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>673</sup> Relato do General-de-Exército HEITOR FURTADO ARNIZAUT DE MATTOS, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia de Fuzileiros e Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do III/1º RI. Entrevista concedida em maio de 2000.

Não sei quanto tempo durou... uns bons minutos. Não fiquei satisfeito. Fiquei mesmo meio apavorado nesse meu batismo de fogo no dia 15 de dezembro de 1944. Perdi o apetite, não quis mais comer.

Assim começou a minha participação efetiva na campanha da Itália.<sup>674</sup> (Motta, 2001e, p. 137)

[...] Nessa ocasião, os alemães, perceberam alguma movimentação fora do comum e desencadearam uma concentração de morteiros e de artilharia sobre aquela área e tive que, rapidamente, procurar abrigo, um buraco, fiquei durante o bombardeio e a concentração dos fogos de morteiros. Afirmando que foi meu batismo de fogo e, com toda a satisfação, que havia dominado o medo. Acredito que o medo é natural em qualquer pessoa, mas por tê-lo vencido, senti uma euforia muito grande. Depois, continuei observando a preparação para o ataque.<sup>675</sup> (Motta, 2001c, p. 24)

Ao mesmo tempo que o medo precisa ser gerenciado nesses instantes de estreia, a possibilidade de perder a vida em combate também precisa ser processada rapidamente.

Os manuais e relatórios utilizados nos treinamentos traziam uma linguagem que definia a morte como uma possibilidade distante e apesar de toda a preparação com munição real e da consciência de que se vai à uma guerra para matar ou morrer, tais situações são tomadas como surpresa, visto que agora os tiros eram reais e os combatentes estavam em progressão à frente das armas, diferente do que vivenciaram nos adestramentos. (Maximiano, 2010)

O esforço em enxergar a morte com naturalidade passou a ser demanda nos primeiros momentos de atuação no *front* e sobreviver tornou-se a prioridade.

---

<sup>674</sup> Relato do Coronel MANOEL VALENÇA MONTEIRO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>675</sup> Relato do General-de-Exército ANTONIO FERREIRA MARQUES, que na F.E.B. atuou como Oficial de Operações do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Apresentei-me ao Capitão americano, que logo me levou ao Posto de Observação que fora ocupado pelo seu *Forward Observer* (Observador Avançado), a quem eles chama de *Eagle Eyes* ou “Olhos de Águia” ...

Não sei se foi “gozação” ou para intimidar-me, ele quis mostrar-me pessoalmente o meu novo PO, dizendo-me (em inglês, naturalmente): “Foi ótimo você ter vindo logo hoje; perdemos, ontem, aqui, nosso último *Eagle Eyes* e vamos precisar de você, esta noite, para a travessia do rio Arno, para preparar nossas posições na outra margem” ...

*Falou-me com toda naturalidade, exibindo aquele local, no mato: uma cabana destruída, eu diria, esfaçalhada, com restos de pertences e pedaços de uniforme, tudo respingado de sangue recente... Seria, como foi, minha primeira missão e esforcei-me para aparentar, também, “naturalidade”, com tudo aquilo... E, de fato, foi o que ocorreu.* [grifo nosso]

Ao cair da noite, já escuro, em pequenos botes de borracha, a remo, aos poucos atravessamos o rio, máximo silêncio e conseguimos marcar, com pequenas estacas, os pontos que seriam ocupados pelos aparelhos de pontaria das peças 105 americanas.

Tudo ocorreu no maior silêncio possível. Mas não deve ter sido bem assim: o “*tedesco*” ouviu “alguma coisa”, pois, quando íamos voltar à margem do Arno, “o pau comeu!” Uma chuva de granadas de morteiros caiu sobre a margem onde estávamos, impedindo o nosso retorno. Ficamos imóveis, por longo tempo, de olho no relógio, pois não poderíamos demorar muito, devido ao avançado da hora e da necessidade de chegar antes do alvorecer. Afinal, uma a um, sem ruídos, consegui ir remando, remando, até chegar à outra margem. Assim, saímos daquele cerco! Jamais esqueci a minha “estreia” ...<sup>676</sup> (Motta, 2001f, pp. 126-127)

Entregaram o armamento e depois, de 15 para 16 de setembro, rumamos para a frente de combate. Na véspera, veio um padre capelão, junto de um Subtenente da Companhia. Na reunião soubemos que os pelotões que marchariam para o combate, eram o 1º, o 2º e o 3º, o meu era o 1º Pelotão [...] Aí o Subtenente, falou:

---

<sup>676</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

- Cheguem aqui, perto de mim. E chamou: Senhor Vicente Gratagliano!

Respondi:

- Sou eu!

Ele perguntou:

- Escuta, se você morrer em combate, vai deixar a sua herança para quem, quem vai receber os seus vencimentos?

Aquilo me deixou nervoso. Puxa, será que vou morrer aqui e logo de cara?

Mas sabe o que acontece? O negócio não pode ser escondido, tem que ser na cara mesmo, às claras. Não adianta ficar enrolando e apenas falar em acidente, se você ferir... Não adianta, tem que ser positivo e perguntar mesmo:

- Se você morrer em combate, para quem vai deixar os seus vencimentos?

Então respondi:

- Se eu morrer, quero deixar tudo para a minha mãe.

Depois partimos para o combate. [...] <sup>677</sup> (Motta, 2001c, p. 285)

Quando cheguei a Porreta Terme me vi debaixo de um bombardeio de artilharia. Não havia mais dúvidas, alguém estava querendo me matar e tinha que fazer tudo para não morrer. A vida civil acabara: era um soldado em guerra. Quase algo como em um conto de *science-fiction*, eu passara uma barreira entre dois mundos. <sup>678</sup> (Bomfim, 2003, como citado em Maximiano, 2010, p. 134)

A ciência sobre as diferentes formas de morte geradas pelo conflito, a interação com os primeiros colegas feridos ou abatidos e até mesmo o contato com cadáveres de inimigos, reforçavam a ideia de

---

<sup>677</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>678</sup> Relato do veterano LUIZ PAULINO BOMFIM, fornecido por e-mail ao autor em setembro de 2003.

que a morte agora era de fato parte da nova realidade que estabelecida aos expedicionários e ao mesmo tempo, mostra o quão alheios estavam em relação a vivência de uma guerra.

*Quanto ao meu batismo de fogo, é necessário lembrar que foi um pouco difícil. Naquela primeira noite, [...] nós tomamos posição em Casa Guanella, de frente para Monte Castelo e lá encontramos aquelas pilhas de cadáveres do ataque mal sucedido do 1º RI, alguns dias antes. [grifo nosso] Mas quando caiu a noite, vivemos aquele quadro técnico do golpe de mão. Cedo, o Subcomandante da minha Companhia, Tenente José Neves, que estava instalando o pessoal lá em Guanella, debaixo dos tiros de morteiros e das metralhadoras, teve um joelho dilacerado por um estilhaço de granada, daí ele foi para o hospital e não voltou mais ao front. [...]*<sup>679</sup> (Motta, 2001f, p. 314)

Em Torre de Nerone foi o meu “batismo de fogo”. Meu regimento deslocou-se para tomar posições no *front* e a minha equipe recebeu instruções de levar uma estação de rádio a um determinado ponto, que era o PC do III Batalhão do meu Regimento. O mesmo estava com todas as ligações cortadas, sem meios de comunicações com o Comando. Saímos escoltados por uma forte patrulha do Pelotão de Reconhecimento. Ao chegarmos perto do posto avançado paramos. O sargento Nonato foi avisar nossa chegada e voltou com ordens da equipe se apresentar ao posto do III Batalhão, que estava isolado. A patrulha voltou e nós três – eu, na direção do jipe, e o Almeida e o Pontes – estávamos com uma importante missão a cumprir, tendo em nosso poder os códigos cifrados que deveríamos destruir caso fôssemos aprisionados.

As cenas que então se desenrolaram estão até hoje gravadas nos meus olhos. Tínhamos parado o jipe perto de uma encosta. A antena do rádio era a todo instante sacudida pelas explosões. O Batalhão estava rechaçando um ataque inimigo, e o céu de vez em quando clareava como dia. Eram os foguetes iluminativos. Por fim, conseguimos contato com o Comando. O Almeida avisou que ia desmontar a estação para operar em terra, dentro de alguma trincheira.

---

<sup>679</sup> Relato do Primeiro-Tenente GERALDO CAMPOS TAITSON, que na F.E.B. atuou como Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Foi um sacrifício enorme, levar toda aquela tralha andando quase de rastros; a distância era de uns trezentos metros e embaixo de mais bombardeio. *Conseguimos montar a estação e estabelecemos o contato entre o PC do Batalhão e o PC do Regimento.*

*Depois de termos mandado todas as mensagens, antes de raiar o dia, tivemos ordens de retornar à base, e meus olhos contemplaram pela primeira vez os corpos de vários soldados, meus companheiros, deitados no sono eterno, foi muito triste. [grifo nosso]<sup>680</sup> (Motta, 2001f, p. 190)*

A experiência das primeiras ações na linha de frente poderia ser tão brutal, que para alguns expedicionários foi também a única experiência no conflito. Feridos e removidos das frentes, por mãos aliadas ou inimigas, não puderam continuar sua atuação na Itália.

Doze de dezembro de 1944, esta foi a data do meu primeiro e único combate. Naquele dia recebi o batismo de fogo, em Monte Castelo: estávamos dormindo em uma estrebaria, recebemos ordem e partimos de madrugada, com o Batalhão, para o ataque. Não consigo me lembrar do nome do meu sargento comandante do grupo de combate. O alemão lá de cima do morro e a gente cá embaixo. O primeiro tiro me pegou, senti uma frieza quando a bala bateu em mim – não sabia se de metralhadora, mas foram quatro ferimentos: um em cada perna, um na mão e outro no lado esquerdo, na costela. Fiquei estendido na neve e penso que, por isso, escapei de morrer; o gelo estancou o meu sangue. Olhei para o relógio eram oito horas e trinta minutos da manhã e eu continuava caído sobre a neve. Havia sangrado mas sem sentir dor.

Ao ser ferido, permanecendo inerte daquele jeito, imaginei que os alemães iriam me matar. Muitos feridos morreram porque reagiram à aproximação dos alemães. Eles pertenciam a um grupo de combate inimigo, mas deles não tenho nenhuma queixa.

---

<sup>680</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

Ao clarear o dia, os alemães desceram para apanhar os feridos (éramos quatro brasileiros, os outros três eram soldados), colocaram-nos em padiolas e nos levaram para um hospital italiano. [...]

Lá no hospital italiano, lembro-me que tanto os alemães como os italianos mandavam alimentação e cigarros que os americanos jogavam de paraquedas no campo. Recolhiam e entregavam à gente. Passamos pouco tempo no hospital e depois fomos transferidos para um campo de concentração de prisioneiros na Áustria – não era daqueles campos de concentração para judeus –, onde permanecemos cerca de quatro meses; naquela altura eu já conseguia andar com o auxílio de uma muleta ou com a ajuda de alguém me apoiando.<sup>681</sup> (Motta, 2001b, p. 278)

Ao processo de reinterpretação da guerra imaginária que possuíam os veteranos, somaram-se novas informações à medida que iniciaram o combate, ficaram pela primeira vez sob fogo inimigo e viram o conflito desenrolar-se diante deles. A conscientização do que a guerra representava, como funcionava, como deveriam comportar-se e suas dificuldades também são abordadas por alguns veteranos.

O meu batismo de fogo aconteceu em Porreta Terme quando da organização do PC da AD. Ao chegarmos ao local determinado, o soldado motorista que nos conduziu para a realização desse trabalho, por descuido ou até mesmo por ignorância, acendeu o farol do caminhão, o qual foi visto pelo inimigo que dominava toda a região. E, assim, fomos saudados com algumas granadas de tempo, tendo um estilhaço batido no capacete de aço do cabo Nolasco e feito uma mozza no seu capacete. Faltou a disciplina total de luzes e o inimigo percebeu, lançando suas granadas de tempo sobre os artilheiros da Bateria do Comando da AD. *O motorista cometeu um erro*

---

<sup>681</sup> Relato do Sargento FERNANDO LEOPOLDO DOS SANTOS MIRANDA, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 6ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2001. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

*palmar e todos nós corremos risco de vida. A guerra exige atenção e uma boa dose de prudência, pois o erro de um normalmente repercute sobre os outros.* [grifo nosso]<sup>682</sup> (Motta, 2001f, p. 359)

O meu batismo de fogo junto ao 6º RI ocorreu justamente quando houve um golpe-de-mão dos alemães. Uma Companhia inteira, se não me engano a 2ª ou a 3ª, ficou sem munição. Gastou toda a munição e teve que recuar. [...]

Para mim, que era estagiário, que estava vendo a coisa ali pela primeira vez, participar de um recuo logo no primeiro dia! Fiquei apreensivo. Aí o Gerson [...] disse: “Não se preocupe. Isso aqui é assim mesmo. A gente recua hoje, amanhã a gente vai para a frente, e não tem problema não.” [grifo nosso] E me acalmou e nós retraímos.<sup>683</sup> (Motta, 2001e, pp. 244-245)

A primeira jornada foi bastante pesada porque subimos uma serra, equipados, a noite toda, e seria a primeira vez que entraríamos em combate. Enchemos o cinto de guarnição de granadas de mão e pentes de fuzil, tudo muito pesado e mais a mochila nas costas, material de sapa e tudo. Subimos o morro durante a noite, uma elevação devastada pela Artilharia e pelos morteiros alemães. O inimigo, além de bom em Artilharia, era especialista em morteiros; levamos duas horas para galgar aquele morro e quando pensávamos que já estávamos em um lugar adequado, tínhamos nos enganado.

*Pela primeira vez pensei que não iria aguentar a guerra daquele jeito. Meus soldados já vinham dizendo: “sargento, não aguento mais”. Vamos devagar.* [grifo nosso] Para não se distanciar dos outros, o próprio Tenente disse: “Vamos devagar, porque o pessoal está se espalhando muito lá atrás”. Afinal, conseguimos chegar mais ou menos reunidos até um local, a partir do qual entraríamos em combate, com uma certa urgência. [...] <sup>684</sup> (Motta, 2001c, p. 250)

---

<sup>682</sup> Relato do Segundo-Tenente PEDRO PAULO DE FIGUEIREDO MOREIRA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Auxiliar de Topografia e do Serviço de Meteorologia da Bateria Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em junho de 2001.

<sup>683</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>684</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Os bocudos ingleses, aqueles duzentos e caqueirada, tavam mais ou menos uns vinte e tantos quilômetros depois, *bang, bang, bang, bang* pela madrugada! Ninguém fala nada, só pensa, ninguém troca ideia: “Que canhão será esse, que lugar eles tão?”. Não, ninguém, todo mundo fica pensando: “Se o troço é desse jeito, a coisa vai ser feia, entende?”. A gente fica pensando.<sup>685</sup> (Parcianello, 2000, como citado em Maximiano, 2010, pp. 133-134)

A aproximação da primeira entrada em linha e a atuação em um conflito real, com retaliação do inimigo, também despertam a consciência do despreparo e inexperiência com que entraram no Teatro de Operações.

O meu batismo de fogo, escrito até em um desses livrinhos, foi no dia em que a antiaérea atirou em mim. Estava cumprindo uma missão de tiro – regulação sobre um QG alemão, segundo me disseram – e, de repente, senti os efeitos da explosão das granadas do canhão 88mm, traduzidos por solavancos muito fortes no avião. Nesse momento, eu escrevi sobre o valor do fogo antiaéreo: “Meu Deus que pavor! Como é duro enfrentar o fogo antiaéreo do inimigo!”.<sup>686</sup> (Motta, 2001d, p. 233)

Aí, quando terminaram os discursos, a tropa desfilou, tudo armado e tocando o hino nacional, puta que o pariu!, aquilo quase matou a gente. Você armado até os dentes, sem saber o que você ia fazer, sem entender merda nenhuma de guerra, eu tava com uma pistola amarrada aqui do lado, uma metralhadora de mão segurando ela aqui assim, pô, e marchando, um moleque de vinte anos sem saber nem o que tava fazendo, pô! Ah, aquilo foi uma sensação que você quase desmaiava. O hino nacional tocando, e nós desfilando na frente dos generais. Tá louco!<sup>687</sup> (Oliveira, 1998, como citado em Maximiano, 2010, p. 133)

---

<sup>685</sup> Relato do veterano OLÍMPIO FERNANDES PARCIANELLO, que na F.E.B. atuou no 1º Esquadrão de Reconhecimento – Cavalaria. Entrevista concedida em 2000.

<sup>686</sup> Relato do Coronel MÁRIO DIAS, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>687</sup> Relato de ANTÔNIO DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou na Companhia de Canhões Anticarro do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1998.

No batismo de fogo, os sentidos afluavam-se e a audição passou a ser de suma importância para navegarem na nova experiência. Os sons da guerra, antes completamente desconhecidos para alguns combatentes, fizeram-se presentes já nos seus momentos de estreia no *front*. Os expedicionários descobriram a importância de sensibilizar os ouvidos e familiarizarem-se com os ruídos bélicos para distinguir o fogo amigo do inimigo.

É bom voltar um dia antes, porque fomos para uma região à margem de um rio, sob uma chuva torrencial; estávamos com o uniforme totalmente molhado. Lá marchamos por uma estrada muito estreita e cheia de lama por causa da chuva e nessa progressão os tiros de Artilharia e dos morteiros alemães sibilavam. Sem experiência, nós nos jogávamos no chão e aí dizia um veterano que estava conosco: “Esses tiros são nossos, pois o som é ascendente, o do inimigo é descendente”. Então, começávamos a aprender.<sup>688</sup> (Motta, 2001e, p. 198)

[...] Finalmente iríamos com destino ao *front*. Embarcamos nas viaturas, tendo antes, o Comandante do Batalhão nos mostrado na carta o itinerário a seguir e o ponto de desembarque. Não fizemos perguntas. Situação de tensão, chuva fina. Os soldados motoristas conheciam o percurso a seguir e, ainda mais, com o prévio reconhecimento na carta, seguimos e chegamos ao local previsto. Depois da Ponte de Silla, desembarcamos. Iríamos continuar a pé. *Enfrentamos, então, as primeiras consequências do sentimento da frente de combate. Pelo sibililar das granadas de Artilharia que passavam sobre nossas cabeças, nós não sabíamos se era amigas ou inimigas vindo em nossa direção.* [grifo nosso] Isso nos deixou tensos e tivemos dúvidas numa bifurcação e sobre qual o caminho a seguir para a posição que nos fora destinada.<sup>689</sup> (Motta, 2001e, p. 90)

---

<sup>688</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>689</sup> Relato do General-de-Brigada RUY LEAL CAMPELLO, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da 5ª Companhia do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

O momento em que atiraram pela primeira vez no conflito também marca a memória de alguns expedicionários. A experiência de disparar suas armas efetivamente na linha de frente, trouxe para eles emoções distintas das que viveram no período de adestramento. A morte de civis e os “danos colaterais” provocados por suas armas poderiam acontecer até mesmo em suas estreias no *front* e tornavam a guerra fatalmente concreta.

[...] Meu estágio foi na 1ª Bateria.

Estava no PC da Linha de Fogo, localizado próximo dos obuses, quando veio a ordem para atirar. O primeiro disparo, por causa da vibração do ar e porque o PC era numa casa, fez os vidros das janelas e até as paredes estremecerem intensamente. Fiquei não sei se emocionado ou com medo, mas, é certo, com uma impressão diferente daquela por ocasião das Escolas de Fogo, no campo de instrução de Gericinó, pelo fato de estar se atirando contra o inimigo. Não eram tiros de demonstração ou de exercício, mas reais. Esse primeiro tiro me assustou, os demais, tudo bem, acostumei-me.<sup>690</sup> (Motta, 2001d, pp. 272-273)

No dia 15 de setembro entramos no *front* e os americanos nos passaram o Comando. Até ali só escutávamos tiros de canhões, de muito longe e nem parecia guerra, parecia festim de artilharia.

Seguimos por uma estrada e quando chegou a tardezinha, paramos o carro, o Capitão reuniu todos os sargentos e oficiais e mostrou: “Estão vendo aquela montanha?” Coisa de uns três ou quatro quilômetros. “Os alemães estão por lá e vamos atacar esta noite”. Foi o dia em que deu aquele friozinho na barriga. “Bem, a ordem é essa, vamos atacar”. [...] Os esclarecedores, num determinado momento pararam e deram sinal para mim. Vi uma casa de fazenda e um alemão, cheio de armas, sentado. Fiz sinal para o Tenente que ia atirar. Dei um tiro, não sei se pegou na porta, o alemão deitou e não saiu ninguém da casa, nenhum movimento nem nada. Mandei um cabo atirar com uma granada de bocal e não houve reação do inimigo. Fomos chegando para ver o que tinha acontecido e, já próximos da casa, vimos que o alemão

---

<sup>690</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

estava seco, não sei como é que morreu e o deixaram naquela posição, não sei quantos meses ele permanecera ali. Já era setembro, o inverno começava em janeiro e fevereiro, o corpo já estava há meses naquele lugar e ninguém o tirou. Bem, esse foi o primeiro tiro que dei.<sup>691</sup> (Motta, 2001c, pp. 101-102)

Olha, não tem palavras. O batismo de fogo não tem palavras no mundo. Não tem dicionário. É um *stress* violento, é um sistema... uma sensação... não tem. Não tem explicação. E eu tenho até uma passagem muito triste no batismo de fogo. O *front* que fomos, a frente de Gombitelli, de Massarosa, né, esse *front* que nós, na minha companhia, os americanos pretos, eles não esperaram, largaram o *front*, e nós não sabíamos o ponto certo onde que tavam os alemães, não é? Levou uns três dias pra chegar. Foi patrulha, foi patrulhando, foi chegando, foi chegando, até uma tardinha o comandante da minha companhia pôs a tropa em linha e falou: “Ó, vamos abrir fogo e ver se tem resposta!”. E não deu outra. Os alemães tavam cem e poucos metros na frente, se nós tínhamos virado a colina, tinha dançado. Abrimos fogo, chovendo, todo molhado, abrimos fogo, recebemos resposta, eu recebi uma ordem pra destruir uma casa que era um posto avançado. Minha peça era morteiro 60. Abri fogo, em cima da casa, e de fato era um posto avançado, mas os alemães tinham saído, e pegou uma família nessa casa. Muito triste.<sup>692</sup> (Marino, 1998, como citado em Maximiano, 2010, pp. 268-269)

Como visto anteriormente, para parte dos veteranos o contato frente a frente com o inimigo não aconteceu na Itália. Separados pelas montanhas italianas, muitos só tiveram contato com os alemães, quando muito, no final da guerra ao lidarem com prisioneiros. Contudo, para alguns dos expedicionários o inimigo ganhou rosto já em suas primeiras ações em combate, em seus batismos de fogo.

---

<sup>691</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>692</sup> Relato do veterano JOSÉ MARINO, que na F.E.B. atuou no 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1998.

O meu batismo de fogo foi no dia 6 de outubro, no Vale do Serchio, após a conquista de Camaione-Monte Prano. A minha Companhia atacava na direção de Castelnuovo di Garfagnana. Em Bolognana, o meu Pelotão repeliu uma patrulha alemã composta de quinze homens, sendo que quatro desses elementos morreram e um ficou ferido, sendo aprisionado.<sup>693</sup> (Motta, 2001e, p. 224)

Chegando à Itália, o momento em que se deu meu batismo de fogo, como não podia deixar de ser, ficou bem gravado e ficará até o dia em que eu “sair desta para melhor”, como se costuma dizer. Nós estávamos na região de Monte Prano-Monte Acuto, já sentindo os efeitos do combate. Eu estava no PC da 7ª Companhia no alto do Monte-Prano, de 1.300 metros de altura, quando foi feito um prisioneiro. O Comandante da Companhia me pediu para leva-lo à retaguarda o mais rápido possível, a fim de ele ser interrogado.

Para se atingir o Monte Prano existia uma estrada de terra estreita sem nenhum acostamento e muitas curvas. O Capitão me passou o comando do prisioneiro e eu o coloquei sentado atrás no jipe; o meu motorista, eu coloquei à minha direita. Assim, peguei a direção e desci aquela estrada sinuosa. Pouco depois, os alemães começaram a atirar fogos de morteiro. Ouvia-se aquele barulho característico, inclusive quando caíam nas ravinas fazendo um estrondo muito grande. E eu cada vez pisava mais no acelerador procurando sair daquela estrada difícil.

Engraçado, eu me lembro, talvez pela minha juventude, cerca de 20 anos, que estava me sentindo ali como já realmente em guerra. Honestamente, naquela hora eu não senti medo. Eu era um jovem que estava participando de uma guerra em que granadas caíam e que poderia até cair uma em cima do jipe em que eu estava; mas que, felizmente, não caiu e nós chegamos embaixo onde eu fiz a entrega do prisioneiro, graças a Deus, incólume.

Assim, foi o batismo de fogo [...] <sup>694</sup> (Motta, 2001d, pp. 211-212)

---

<sup>693</sup> Relato do Tenente-Coronel JOEL LOPES VIEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>694</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

A medida que o conflito desenvolveu-se para os brasileiros, os combatentes experimentaram diversas emoções, obviamente o medo é destacado nas narrativas dos veteranos. Em um cenário de violência extrema, o medo torna-se naturalmente justificado, mas ainda assim, muitos veteranos parecem sentir a necessidade de legitimá-lo.

Nunca me esqueço! Os alemães a dar o segundo tiro, eu na expectativa de morrer e quem disser que não tem medo de morrer, soldado, ex-combatente, até General, quem disser que não tem medo da morte está mentindo ou está doido, porque medo a gente tem.

Eu nem diria bem medo, diria saudades da vida, sabe por que? Porque quando o alemão da Linha Gótica deu o segundo tiro a primeira imagem que se apresentou diante de mim foi a da minha mãe e eu pedi para não morrer.

“Se eu morrer a minha mãe morre!”

Eu queria chegar, como cheguei, abraçá-la, fiquei rezando, vi toda a minha vida passar num átimo de tempo. Desde criança no grupo Diegues Junior, a Dona Chiquinha vendendo farinha de milho, amendoim torrado e tapiquinha de leite, a quitanda do Seu Domingos, ele vendendo coco “quitara”, Colégio Diocesano, seminário, vi tudo na hora, passa numa fração de segundo.

Dizem que quando a pessoa está perto da morte ela tem uma visão global de toda a vida. Eu tive!<sup>695</sup> (Motta, 2001b, pp. 208-209)

[...] Claro que em determinados momentos até os mais bravos tremiam. Acabei de citar um dos heróis, o soldado Quintiliano. Pois bem, uma vez estávamos numa posição e fomos bombardeados. Havia um túnel para sair da posição e ele, simplesmente, foi o primeiro a buscar a saída, destapando a boca do túnel. Mas, porque lá fora o bombardeio era pesado, ele teve receio de sair mesmo pela trincheira. Isso bloqueou o Pelotão quase todo, atrás dele.

---

<sup>695</sup> Relato do Coronel Capelão Militar ALBERTO DA COSTA REIS, que na F.E.B. atuou como Capelão do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

Entretanto, mereceu a citação no nosso Jornal Estrela do Sul.

São os momentos de tensões, são os medos que atingem a todos nós: não tem valente que, em determinado momento, não sentisse receio porque era o instinto natural de conservação da vida que nos levava a procurar escapar.<sup>696</sup> (Motta, 2001b, p. 247)

Sabemos que cada um de nós tem uma natureza, cada um de nós sabe como controlar-se, como dominar o seu sistema nervoso. Porque medo todo mundo tem, não vá pensar, porque fui à guerra, que eu não tenho medo. Não senhor, todo mundo tem medo; não vou falar aqui que não se tem medo, tem medo sim, ninguém é valente. Se esses bandidos atuais são metidos a valente, é porque têm um revólver na mão, caso contrário, não seriam valentes. Agora, quando está com o 38 é valente, enfrenta qualquer um, agora sem arma, não enfrenta nada.

Então, eu acho que o homem deve ser valente quando for preciso. Mas ele precisa ter a arma, porque sem arma não adianta, vai morrer. Mesmo armado tem medo, mas precisa superar o medo, se não é covarde.<sup>697</sup> (Motta, 2001c, pp. 264-265)

Agora uma coisa que eu tenho orgulho de falar e falo sempre, e vou dizer até o fim de minha vida. Jamais vi um brasileiro covarde, nunca vi um soldado se recusar a qualquer coisa, a ir para uma patrulha, ir para um ataque, ou o que for, pegávamos os feridos onde eles estivessem. Nunca senti medo em meus companheiros, porque, às vezes, a gente trocava de padiola, eu nunca ouvi eles dizerem não, eu não vou, estou com medo, nada disso. É claro que aquele que disse que não tem medo é mentiroso, todos têm. Quem não tem medo?

A morte fica voando sobre a cabeça e temos que enfrenta-la, se você não o fizer a coisa é pior ainda. Nunca que um soldado brasileiro foi covarde, e jamais abandonavam os companheiros feridos, estivesse eles onde estivessem.<sup>698</sup> (Motta, 2001c, p. 208)

---

<sup>696</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>697</sup> Relato de RAUL KODAMA, que na F.E.B. atuou como Motorista da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>698</sup> Relato de JÚLIO DO VALE, que na F.E.B. atuou como Padioleiro do 1º Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

Para alguns combatentes, o medo fez-se presente assim que depararam-se de fato com a brutalidade da guerra, ou seja, quando avistaram cadáveres e colegas mortos.

Meu Pelotão substituiu um Pelotão da Companhia F do II Batalhão do 85º RI da 10ª Divisão de Montanha. Chegamos durante o dia. À noite, o meu Comandante de Companhia, Capitão Evangelista, mandou um jipe para levar-me ao seu PC. Entrei no jipe e não levei ninguém comigo, fui sozinho e passei o maior medo de toda a minha vida. No caminho, cheio de cadáveres e equipamentos de guerra abandonados, o motorista comentou: “Puxa! Quando eu passei por aqui na ida esse material não estava aqui, ou então estava em outro lugar.” Fui lá, o Comandante deu a missão para o dia seguinte e falou: “Bom, agora, você me desculpe, porque estou sendo chamado lá no Batalhão e não posso mandar leva-lo. Você vai ter que voltar sozinho.”

Voltei sozinho, a pé, percorrendo pouco mais de um quilômetro até meu PC, com um medo louco. Com a pistola destravada na mão direita, embrenhei-me pela estrada, mas com um medo descomunal de ser massacrado por alguma patrulha alemã ou ser admoestado pelas almas daqueles cadáveres, que aguardavam remoção pelo serviço especializado – acho que tinha mais medo das almas, recordando das estórias ouvidas na minha infância. Que sufoco passei! Aguentei firme e cheguei incólume, sem dar mostra dos momentos difíceis que havia passado.<sup>699</sup> (Motta, 2001e, p. 312)

[...] Na outra noite, antes de uma hora chegou um soldado que veio me acordar. O soldado exclamou: “Sargento! Sargento!” Perguntei: “O que houve?” Ele respondeu que estava chamando o cabo Santana, Geraldo Martins de Santana, mas ninguém respondia e estava sentindo cheiro forte de pólvora. Fui verificar e ao colocar a mão, toquei o capacete, que caiu, mostrando um crânio esfacelado e ensanguentado, sujando-me de sangue. “É, um está morto”. Não sabia quem era, entrei no buraco e fui procurar o outro, Eurípedes Nascimento, do Paraná. O cabo era mineiro. Encontrei o outro todo quebrado. Tiramos os dois e disse a um soldado:

---

<sup>699</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

“Avisa o Tenente que temos dois mortos aqui e é para chamar os padioleiros.” Não demorou muito chegaram o padioleiro e mais dois soldados. Tiramos os corpos colocamos na padiola, mas eles despencaram ao descer o morro; briguei com o padioleiro, porque a gente fica nervoso; depois, no outro dia, chamei o rapaz para justificar-me, retratando-me, por estar muito tenso. Ambos tinham sido vitimados por uma granada de morteiro que caiu dentro do buraco, uma toca mais ou menos grande, que servia para dois homens. [...] Foi a primeira vez que tive medo, pela manhã sempre encontrava covas consequência de arrebatamentos da Artilharia, de morteiros; toda noite cavava mais um pouco no abrigo para me proteger. Eu tinha medo e acho que todos eles, também.<sup>700</sup> (Motta, 2001c, pp. 105-106)

A dinâmica da guerra, parece obrigar os combatentes a dominar suas angústias e desenvolver o autocontrole em ordem de preservarem a própria vida. O medo era real, mas não havia tempo para focar em sua existência. Era preciso superá-lo para cumprir a missão ou até mesmo utilizá-lo como gatilho para continuar avançando no conflito.

Não houve tempo de pensar em batismo de fogo. Quando mal tinha conhecido o meu pessoal e o material disponível, chegou a hora de desembocar o ataque; uma vez nesse ataque não tive mais tempo de pensar em ter medo. O medo é inato de cada um; todos têm ideia de proteger a sua vida, é uma autodefesa, mas naquelas circunstâncias eu não tive tempo de pensar nisso. Tinha que pensar mais na vida daqueles homens que estavam comigo. Assim, deslocamo-nos e, talvez, com a graça divina, conseguimos chegar ao topo do Monte Castelo.<sup>701</sup> (Motta, 2001e, p. 150)

O medo é um sentimento, às vezes, provocado pelo instinto de conservação. O indivíduo, diante do perigo, tem exacerbado esse instinto de conservação apela para o da sobrevivência. O medo

---

<sup>700</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>701</sup> Relato do Coronel JURANDYR LOUREIRO ACCIOLY, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 9ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

faz com que o indivíduo procure preservar o que é mais sagrado nele, isto é, a sua própria pessoa. Emoção que impulsiona o indivíduo de tal modo que, levado por ela, chega a praticar o ato de heroísmo. [...] Realmente, todos temos medo diante do perigo, mas dentro de uma faixa de normalidade. [...] <sup>702</sup> (Motta, 2001g, pp. 129-130)

Naquele dia, por exemplo, a gente deveria sair em patrulha e a nevasca não estava permitindo; cheguei a dizer ao Tenente que não dava e ele ponderou com o Capitão, pelo telefone.

Não foi covardia, foi segurança, preservação, porque covardia é uma coisa e medo é outra. Todos têm, ninguém pode dizer que não tem medo, é muito natural, somos seres humanos. A gente vai em uma noite escura, não enxerga nada à sua frente, com um fuzil e baioneta armada, uma hora a gente espera ser espetado, porque o inimigo pode vir também. Então esse é o medo, o receio, que é natural. A reação é positiva: provoca um estado de alerta e agressividade. O bom combatente reage àquele medo, vence-o e cumpre sua missão, diferente de outras situações em que se expõe afoitamente à morte, comprometendo a si mesmo e ao grupo. <sup>703</sup> (Motta, 2001c, p. 256)

O problema maior na verdade não estava no campo de pouso e sim no próprio motor do avião, quando submetido à baixas temperaturas, situação com a qual tive o desprazer de conviver quando voava com o um piloto de origem civil [...] 2º Tenente Aviador Darci Pinto da Rocha Campos. O nosso avião, a três mil metros, com a temperatura de 23 graus abaixo de zero – aquela em que a gente pegava um copo de água jogava num prato, daí a cinco minutos pegava um gelo – a essa temperatura, a hélice do motor parou de girar. A essa altura, o piloto olhou para trás e disse: “Olha, Elber, estamos sem motor, somos obrigados a saltar de paraquedas. De modo que você abra a porta do seu paraquedas, aí do seu lado, ponha a mão na alça do

---

<sup>702</sup> Relato do Doutor DIAZ SEBASTIÃO CAMMAROSANO, que na F.E.B. atuou como Sargento Enfermeiro da 3ª Companhia de Evacuação do I Batalhão de Saúde.

<sup>703</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

paraquedas e na hora que eu lhe fizer o sinal você se joga, mas olhe, se jogue mesmo, porque se você não se jogar me joga eu e você ficará sozinho no avião, você morre sozinho.

*Aí, foi que eu tive um grande ensinamento na minha vida, o medo pressentido é horrroso, o medo inopinado não causa medo algum. Eu tinha que agir em segundos, portanto não podia ter medo, não tinha tempo para ter medo. [grifo nosso] Mas, subitamente, eu vi que o avião pegou novamente, a hélice voltou a girar... Que alívio! [...]*<sup>704</sup> (Motta, 2001d, p. 151)

O medo é categorizado como um sentimento justificado e natural vivenciado pelos expedicionários, como visto acima. Tal abordagem pode ter sido adotada durante as entrevistas como uma espécie de “autorização” dada pelos próprios combatentes para senti-lo e afastá-los dos rótulos da covardia. No entanto, a forma de vê-lo e enfrenta-lo, guarda certo senso de individualidade. Todos sentiam medo, entre covardes e valentes, cada um o gerenciava como podia.

[...] Agora, sabemos que, numa guerra, e depende muito do sistema nervoso de cada um, alguns tiveram medo, o que os italianos chamam de *paura*, pavor, e tais elementos, por exemplo, na minha Companhia, que eu posso falar com certeza, foram substituídos. O Capitão Ézio era um homem que entendia de Psicologia. Se ele percebesse que um indivíduo estava tomado pelo medo, o que é natural, ele o substituíria imediatamente.<sup>705</sup> (Motta, 2001f, p. 317)

Não havia brigas entre nós, éramos todos amigos. A camaradagem marcava o nosso relacionamento. Da mesma forma, a guerra fazia superar o medo. Na hora que era preciso, o medroso ia lá e fazia o que tinha que fazer. Da mesma forma, o valente se tornava cauteloso, não há valentão na guerra!<sup>706</sup> (Motta, 2001e, p. 333)

---

<sup>704</sup> Relato do Coronel ELBER DE MELLO HENRIQUES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>705</sup> Relato do Primeiro-Tenente GERALDO CAMPOS TAITSON, que na F.E.B. atuou como Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>706</sup> Relato de MOACYR MACHADO BARBOSA, que na F.E.B. atuou como Sargento-Orientador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

[...] observei o comportamento de nosso pessoal em ação. Aí ele foi, como qualquer homem, surpreendente. Era preciso observá-lo com cuidado, conhecer cada um. Junto com os outros, numa área de estacionamento, o homem era um. Mas quando era designado para uma patrulha, ou para uma missão qualquer, por exemplo, de vigilância, eu observava: se ele botava o capacete para trás para ver melhor, era uma coisa. Se enfiava o capacete e baixava, como se não quisesse ver o perigo, era outra coisa. Aí a gente começa a conhecer cada um. Não sei até onde se pode preparar o homem para enfrentar os perigos do combate. Os homens são diferentes. É preciso conter os afoitos e empurrar os temerosos.<sup>707</sup> (Motta, 2001e, p. 265)

Administrar o medo sem uma preparação psicológica adequada não era tarefa fácil. O veterano Oswaldo Matuk evidencia este ponto em sua entrevista:

Passamos dificuldades, sem dúvida, porque, além do sofrimento físico, há o sofrimento psíquico. Este é um dos piores, a pessoa chega até a resmungar: “O que eu estou fazendo aqui?” Isso ocorre, por exemplo, na hora em que o homem está de guarda, de sentinela na época da neve, porque fazia bastante frio. Em vez de os soldados revezarem-se de duas em duas horas o faziam de hora em hora. Para encurtar bastante a escala, eu e o cabo concorriamos a ela, também. Às vezes, caía uma placa de neve de um galho de árvore e eu já virava a metralhadora para lá, não sabia o que era, já ficava com o estado psíquico abalado.

Não é fácil, é preciso autocontrole. Isso deveria ser matéria de aprendizado nas Forças Armadas, para criar maturidade, a fim de ajudar o combatente a receber os choques com naturalidade, e, assim, desempenhar as funções da melhor forma possível. [...] <sup>708</sup> (Motta, 2001c, p. 252)

---

<sup>707</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>708</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

De fato, o autocontrole era fundamental para dar continuidade nas missões que envolviam movimento, como também nas estáticas. Guardar postos avançados, na escuridão da noite, poderia ser mais custoso do que uma ação efetiva de combate quanto aos efeitos psicológicos.

Mas não é só no combate que as tensões se acentuam. Quando ocupa um posto de sentinela avançada, em que a solidão passa a ser um sentimento até certo ponto aterrador, o soldado é sobressaltado pelas mais diferentes sensações, que contribuem para modificar o seu estado de espírito. O silêncio pesado da noite na frente de combate, quebrado de quando em vez por um tiro ou uma rajada de metralhadora, só serve para aumentar essas sensações. No combate existe a movimentação, o ânimo de luta, o desejo de avançar, que podem anular outros sentimentos antagônicos. Na vigília noturna de um posto avançado, o homem está só com seu medo e sua incerteza, e com a obrigação de permanecer na posição. Somente quem foi soldado de infantaria, e que teve de dar esse tipo de guarda, pode aquilatar quanto podem ser terríveis esses movimentos.<sup>709</sup> (Silveira, 1989, p. 140)

A liderança forte foi um dos recursos utilizados para manter o moral dos comandados em alta e incentivá-los a seguir em frente, mesmo temerosos. A atuação de superiores e oficiais no *front*, junto de seus subordinados, era, por si só, considerada de grande valor e estímulo para os que seguiam suas ordens. Ver seus líderes com posturas tão ativas na linha de combate despertava admiração e impulsionava a tropa, dado que não eram atitudes tão comuns no velho Exército de Caxias, em que comandados e comandantes mantinham certo distanciamento dadas as diferentes patentes.

[...] Nós somos humanos e, como tal, eu tinha vontade de sentar no chão e chorar, mas o que o tenente faz, o soldado faz mais. Tenho um problema de saúde, descoberto pelo meu irmão que era médico. A minha pressão varia de modo desordenado e essa doença é resultado da neurose de guerra, do esforço que a gente faz para fingir que não está com pavor, com medo.

---

<sup>709</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria.

Então, você tem que demonstrar frieza, porque se você fraquejar, o que acontece? O soldado começa a chorar e vai embora, porque ele imita o chefe. Há uma história sobre o comandante que saiu com outros oficiais para fazer um reconhecimento no *front*, a cavalo. Lá pelas tantas, ele estava tremendo em cima do cavalo e disse aquela frase que é clássica: “Treme, velha carcaça e muito mais tremerias se soubesse onde te vou levar.”<sup>710</sup> (Motta, 2001b, p. 157)

[...] Então, juntos, eu e o Capitão Sidney ... Ele a gritar: “Brasileiro, Brasileiro!” E ninguém respondia no meio da escuridão, sob forte bombardeio. Toda vez que vinha o sibilar da granada, ameaçando cair onde estávamos, eu deitava e o capitão não. Eu disse:

- Capitão, quando o senhor ouvir o sibilar da granada, o senhor deita, porque o senhor corre menos perigo. Ele virou para mim e falou assim:

- Nestor, a granada que vai me matar ainda não foi fabricada.

A partir desse momento também não deitei mais e voltamos, debaixo do bombardeio, até o Pelotão, de onde tínhamos saído. [...] <sup>711</sup> (Motta, 2001b, p. 168)

O relacionamento entre oficiais, sargentos e soldados era fraterno, diferente do que se via no Exército de antes da guerra, onde havia grande separação, onde sargento e soldado não podiam conversar. Na guerra, o soldado pedia cigarro ao tenente, este ao sargento. Conversávamos, estávamos na mesma situação.<sup>712</sup> (Motta, 2001e, pp. 333-334)

As palavras de ânimo e gentileza emitidas pelas lideranças em combate, ajudavam os expedicionários a vencer o medo e avançar nas missões. Para alguns oficiais assumir uma postura paternal para com seus subordinados era extremamente eficaz na manutenção do moral da tropa.

---

<sup>710</sup> Relato do Coronel CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>711</sup> Relato do Coronel NESTOR DA SILVA, que na F.E.B. atuou como Sargento Auxiliar do 3º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>712</sup> Relato de MOACYR MACHADO BARBOSA, que na F.E.B. atuou como Sargento-Orientador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

Houve momentos na Campanha, é interessante destacar, em que se precisou confortar muitos companheiros. No momento em que o soldado se feria, por exemplo, ou mostrava um pouco de medo, dávamos-lhes uma injeção de ânimo: dizíamos que éramos vitoriosos e que, por isso, iríamos continuar, não entregaríamos uma guerra já ganha. Com essas palavras de estímulo, conseguíamos melhorar o ânimo do soldado, principalmente quando ferido.<sup>713</sup> (Motta, 2001f, p. 321)

Foram muitos os momentos difíceis. Era necessário ajudarmos uns aos outros. Quando algum soldado ficava meio desesperado, nós o chamávamos para encorajá-lo: “Se não podemos passar por ali, passamos por aqui. Os tiros que batem lá, às vezes, não batem cá. Vamos, precisamos instalar um observatório em cada morro. Temos que ir!” E eles iam com bravura.<sup>714</sup> (Motta, 2001f, p. 299)

Houve amparo moral quando estávamos em Marano, dois soldados ficaram profundamente abatidos porque era um bombardeio diário, a Artilharia nos deixava muito nervosos, porque você não tinha como sair para beber água, porque poderíamos levar um estilhaço. Dois soldados estavam em choque, e o Capitão Moziul Moreira Lima foi ao encontro deles, confortá-los com palavras, o que deu resultado.<sup>715</sup> (Motta, 2001f, p. 195)

[...] Mas a referência que eu gostaria de deixar registrada, diz respeito ao Capitão Lydio Mazza Kotarsky, que foi o nosso Comandante de Companhia no ataque a Monte Castelo. Inclusive, praticamente, devo a vida a ele, quando nos propiciou o apoio de Artilharia na situação difícil que estávamos [...] Foi calmo e me orientou, transmitindo-me a sua calma, porque senti segurança. Lembro-me, quando ele virou para mim, chamando-me de aspirante, e afirmando:

---

<sup>713</sup> Relato do Primeiro-Tenente GERALDO CAMPOS TAITSON, que na F.E.B. atuou como Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>714</sup> Relato do Primeiro-Tenente DALVARO JOSÉ DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Cabo e 3º Sargento de Comunicações da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em dezembro de 2000.

<sup>715</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

“Não saia da sua posição”. Respondi: “Capitão, eu daqui não recuo um milímetro, pode confiar em mim. Morro aqui, mas não saio”. Tinha confiança nele.<sup>716</sup> (Motta, 2001d, p. 335)

A assistência que procurava transmitir aos subordinados, em horas difíceis, como um pai, era de tranquilidade e coragem. Todos procuravam agir dessa maneira, com a finalidade de fazer com que o ambiente na FEB fosse cada vez melhor. O exemplo vale muito na guerra.<sup>717</sup> (Motta, 2001f, p. 234)

Se alguns líderes utilizavam palavras encorajadoras e acolhiam seus soldados, validando seus medos, outros optavam por uma abordagem mais dura e enérgica.

No batismo de fogo, a primeira coisa que o soldado recebe é tiro de morteiro e de artilharia. Você está lá no seu abrigo e começa a querer andar, querer andar e o soldadinho ali... “Tenente! – a primeira pessoa que o socorre é o tenente – está caindo granada aqui.” Todo mundo está vendo; quem é que não vê um bombardeio? Se nessa hora o tenente dá uma daquelas.... “de cavalaria”, como se diz: “O que é, animal! Você queria que caíssem flores? Queria que caísse bombom?”, ganhou a guerra, porque isso, naquele momento, transmite estado de ânimo para aquele soldadinho que está lá apavorado, um estado de ânimo muito bom: “Eh, puxa! Esse cara nem está ligando para isso aí.” Se nessa hora o tenente começa a rezar: “Ah! Meu Deus do céu!”, o moral do soldado cai que é uma beleza. Essas experiências devem ser transmitidas.<sup>718</sup> (Motta, 2001b, p. 143)

[...] Foi quando encontrei um pianista.

---

<sup>716</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>717</sup> Relato do Tenente-Coronel CÁSSIO ABRANCHES VIOTTI, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>718</sup> Relato do General-de-Exército PAULO CAMPOS PAIVA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarrros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

O local era Santa Filomena. Certo dia recebi o 2º Tenente R/2 Fernando Galo, para estágio. Apresentou-se com unhas bem tratadas, polido, cabelinho louro, baiano de olhos azuis. Perguntei: “O que é que faz aqui? Não é para você vir pra cá”. O Depósito havia mandado vários oficiais estagiários. Nunca tinham presenciado um bombardeio, nem sabiam o que era bombardeio de Artilharia. É terrível. Horas após a sua apresentação, quando as granadas iniciaram a explodir, começou a tremer e esse comportamento é contagioso. *Tremíamos todos e, em dado instante, gritei e o sacudi, conseguindo que voltássemos à calma.* [grifo nosso] Falei com o Capitão que ele não tinha condições de combater. Tempos depois, lá em Montecatini, eu o encontrei tocando piano. Foi chamado para o Serviço Especial americano para divertir os soldados; ele tocava esplendidamente, tanto que após a guerra chegou a fazer turnê pela Europa.<sup>719</sup> (Motta, 2001e, pp. 204-205)

Nem sempre era preciso entabular um discurso motivacional, gentil ou não, para ajudar a tropa a conter o medo e administrar suas emoções. Quando os líderes avançavam com confiança à frente de seus comandados, suas atitudes falavam mais alto do que as palavras.

Embora sofrendo revezes, o espírito combativo do nosso “pracinha” não se deixava abater. Prova disso foi a atitude do 2º Tenente Manoel Genito do Carmo, oficial de meia idade, casado, comandante de um dos Pelotões da nossa Companhia. Atingido por uma rajada de metralhadora, a famosa “Lurdinha”, teve o seu uniforme dilacerado e o capacete de aço perfurado na altura da testa, cujo ferimento lhe perturbava a visão pelo sangue que lhe corria no rosto. Assim mesmo não abandonou a luta, permanecendo à frente de seus homens como se nada lhe houvesse acontecido, o que demonstra um alto senso de responsabilidade e fazendo com que todos nós, assistindo ao episódio, passássemos, quando em dificuldades, a tomar como exemplo o seu dignificante gesto de bravura.<sup>720</sup> (Motta, 2001b, p. 221)

---

<sup>719</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>720</sup> Relato do Major JOSÉ MARIA DA COSTA MENEZES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 7ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Meu Comandante de Companhia era o Capitão Darcy Lázaro; de Pelotão, o Tenente Resende; e de Grupo de Combate, o sargento Aquino. Todos eles eram muito bons. Ótimas lideranças, porque do sargento ao Oficial ninguém vacilava. Isso era bom, porque o medo existia e o exemplo deles nos arrastava.

[...] Havia um soldado, eu o chamava de “Carioca”, nunca vi tanto medo. Ele olhava nos meus olhos, eu já adivinhava o que queria saber e ele perguntava: “Rubens, você está com medo?” “Sim, estou com medo”. Eu dizia, mas olhávamos para nosso líder, o sargento, que estava na frente, com o Tenente mais à frente ainda e não podíamos deixar de segui-los. Aonde eles fossem, nós iríamos.<sup>721</sup> (Motta, 2001e, p. 340)

É interessante destacar que não era necessário “empurrar” o combatente para a frente. Como eu tinha medo de não ser um líder, então ia na frente, mesmo nas patrulhas eu era o que estava lá na frente. E eles me seguiam, não precisando falar, pois o exemplo é o principal...<sup>722</sup> (Motta, 2001e, p. 207)

[...] Como Comandante do Pelotão, eu estava sempre presente, junto aos meus comandados, na certeza de que o exemplo é a melhor maneira de se comandar, de conhece-los melhor e de adquirir a sua confiança.

Por isso, numa situação de perigo, todos os comandados ficam com a atenção voltada para o seu chefe. Se o chefe vai à frente e mostra disposição em cumprir a missão que foi recebida, o subordinado acompanha.<sup>723</sup> (Motta, 2001e, p. 229)

---

<sup>721</sup> Relato do Sargento RUBENS LEITE DE ANDRADE, que na F.E.B. atuou como Sargento-Auxiliar do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>722</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>723</sup> Relato do Tenente-Coronel JOEL LOPES VIEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Adotar uma postura de negação diante do medo que sentiam não era o melhor recurso para alguns líderes de combate. Ao assumirem a sua suposta humanidade, igualando-se aos seus subordinados, tencionavam aumentar o moral e a coesão do grupo.

Quando eu olho o pessoal todo lá embaixo, havia um rapaz [...] o padoleiro, com a sua turma.

Eu, para dar uma mãozinha a ele, para levantar a moral dele, perguntei: “Meu filho, de onde você é, rapaz?” Sou de Sergipe... respondeu. Continuei: “Rapaz, você é de lá? ... Minha família mora lá, minha mãe mora lá... eu sou de Aracaju... fui do Batalhão de Aracaju...

E foi aquela história toda, fui conversando.

E ele foi relaxando.

Quando acabou de relaxar, eu disse: “Se você ficar muito apavorado, não vai adiantar nada. Eu estou aqui com muito mais medo do que você. Só que eu sei que é isso aí, não tem remédio... Então, nós temos que enfrentar...”

Sabe o que eu faço?

Eu tinha uma carteirinha que tinha comprado no navio. Nela havia lugar para retrato e coloquei um retrato da minha mulher e outro da minha filhinha. Mostrei a ele. Está vendo? Aqui é a minha mulher e minha filhinha. Eu olho para elas, como estou olhando agora, dou um beijo em cada uma e digo adeus. Fecho e estou pronto. Se eu morrer, já dei adeus. E vamos para frente...

Nisso, ele tomou coragem, levantou-se, e partiu corajosamente para sua arriscada e humanitária missão de socorrer os feridos.<sup>724</sup> (Motta, 2001d, p. 203)

[...] todo mundo com um medo desgraçado, medo mesmo. Um olhava para a cara do outro e dizia:

---

<sup>724</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

- O negócio está ruim!

- O negócio tá feio!

Mas fazer o que? O Tenente consolava:

- Também estou no mesmo barco, estou aqui junto com vocês. Não adianta, é a nossa missão.

E dizia mais:

- Graças a Deus nós é que estamos tomando conta deste lugar. Para nós é um orgulho estar aqui.

E a gente só pensando:

- Que orgulho que nada, o negócio aqui está ruim!

Mas ele falava assim para levantar o moral da tropa, essa reação é normal, porque só vendo a situação em que nos encontrávamos, para poder ter uma ideia da dificuldade que vivíamos. Porque tem hora que dá vontade de pegar um revólver e dar um tiro na própria cabeça, de tanto desespero. [...] <sup>725</sup> (Motta, 2001c, p. 292)

Para superar o medo, nem sempre os expedicionários apoiavam-se somente nas questões psicológicas. Por vezes, optavam por ações concretas, atirando ou adaptando-se ao entorno para poderem sentir-se um pouco mais no controle, antevendo a aproximação dos inimigos.

Mas o pessoal estava assustado com os alemães; chegou a um ponto tal que mandei cercar a posição de *booby traps* (armadilhas). Coloquei uns fios, pendurei umas granadas iluminativas e cerquei toda a posição.

Numa noite eles chegaram na posição e esbarraram nos fios, a granada detonou, acendeu, e o sentinela, que estava ligado naquele dispositivo, já disparou uma rajada de

---

<sup>725</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

metralhadora e o inimigo se foi. Ao mesmo tempo em que eles tentaram entrar, no lado contrário, do outro lado da posição, demos, também, uma rajada de metralhadora contra os alemães e ficamos na expectativa; mais tarde, localizamos manchas de sangue.<sup>726</sup> (Motta, 2001c, p 192)

Certa ocasião, já em operações, na Itália, fomos substituir a Divisão Búfalo, uma *GU* de negros americanos. Nela havia um sargento que falava espanhol e disse:

- Cuidado, aqui durante a noite é muito perigoso. Eles vêm por trás, colocam a mão na sua boca, enfiam um sabre na sua barriga e você cai que nem um saco. Tomem cuidado!

Transmiti essa informação para o meu pessoal, toda a tropa foi avisada do perigo, aí começou a findar o dia. Quanto mais se olhava para aquelas plantações durante a noite, mais se imaginava ter visto alguma coisa. O sujeito com medo, ao ouvir um barulho qualquer, dava uma rajada, outro ouvia o disparo e também atirava. De repente estava a frente toda atirando em nada, um tiroteio dos diabos. Era preciso vir a ordem de cessar fogo.<sup>727</sup> (Motta, 2001c, p. 235)

A fé e a crença em uma força invisível que os protege em combate também servem de apoio para que alguns combatentes avancem e mantenham sua sanidade, mesmo com o medo constante de perderem suas vidas. Casos em que são milagrosamente avisados ou poupados da morte são destacados nos relatos abaixo. Na guerra em que os expedicionários brasileiros lutaram, Deus parece dar preferência aos Aliados.

Fomos todos para dentro de uma casa que, por ser uma fortaleza, dispensava a necessidade de construção de abrigos. [...]

---

<sup>726</sup> Relato do Bacharel JOSÉ GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>727</sup> Relato de NEWTON LA SCALÉIA, que na F.E.B. atuou como Chefe de Peça de Morteiro 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

Eu tive um problema, porque os alemães entraram pelo rio e chegaram até o meu pelotão para explodir a casa, mas tive aquele pressentimento, uma premonição, vou dizer assim. Eu não era espírita, era católico, mas quando vi aquela imagem de mulher na minha frente a dizer: “Você tem que ir lá”. Eu me deitei outra vez, cansado, fui puxado e caí da cama. Que susto! Olhei para debaixo da cama e não vi uma pessoa sequer, [grifo nosso] fui ao corredor e de uma viseira percebi os alemães saindo do rio, cercando-nos e assestando uma metralhadora pesada em direção da casa. O sargento já estava acordado. Dei instruções a ele e desci para acordar os soldados [...]

[...] Os alemães recuaram, levando um corpo e por nós perseguidos entraram num bosque próximo. Agora, nós éramos os desprotegidos naquele campo de neve e voltamos à base.<sup>728</sup> (Motta, 2001e, pp. 202-203)

O estado psicológico do combatente merece um capítulo à parte. Nos vivíamos, não só nos ataques mas nas patrulhas, na fase defensiva, na certeza de que no dia seguinte não existiríamos mais. Nós vivíamos aquele dia, e o fator psicológico era importantíssimo para manter essa ideia de sobrevivência que nos escapava a todo instante. Era comum a expressão “Bom amanhã... Vamos fazer isso agora, porque amanhã não estarei mais vivo!” Outro companheiro dizia: “Espera, pessoal, o que é isso, alguém vai sobrar nessa aqui e somos nós!”.

Então esse espírito de apoio e solidariedade elevava o moral da tropa e a gente tinha sempre aquela confiança de que um Deus lá em cima nos protegia.<sup>729</sup> (Motta, 2001b, p. 247)

A minha “mão amiga” nunca me abandona, e vou contar uma coisa fantástica.

---

<sup>728</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>729</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Eu estava ali com eles. Mas, a “mão amiga” me trouxe a “velha bronca de Realengo”, uma bronquite da qual a gente não fica bom nunca. Tossia como um desesperado, e começou a esfriar desse lado onde estávamos.

Eu então disse: “Cangaçú, eu não estou aguentando não, meu velho! Desse jeito, vou morrer de tossir. Eu vou para o Sol, do outro lado”. Quando fui levei meu pessoal e acomodamos.

Minutos depois, ouviu-se uma forte explosão do lado do Cangaçú. Assustados corremos para ver o que tinha acontecido. Vi um jovem soldado, paranaense, sem braços nem pernas, gritando de dor, pinoteando no chão. A bomba estraçalhou lhe os membros. [...]

E eu olho, cadê o Cangaçú? Estava caído no chão, ensanguentado [...] Também foi ferido. [...] <sup>730</sup> (Motta, 2001d, p. 180)

Em um determinado momento, tive que ocupar uma posição e encontrei um abrigo alemão. Nesse local, eles tinham cavado o chão, fizeram um grade buraco, colocando enormes toras de madeira em cima e sobre elas havia terra. Esse procedimento foi dentro de uma casa italiana de pedras, bastante resistente. *Os brasileiros, nem sempre se defendiam dessa forma, pois tinham outra maneira de pensar. Acreditavam em Deus. Teriam raciocinado: “O alemão não vai atirar aqui, se atirar não vai acertar, se acertar, as paredes resistirão, não vamos morrer etc.”* [grifo nosso] <sup>731</sup> (Motta, 2001f, p. 230)

Enfrentei umas quatro situações de combate, mas a que me comoveu foi Montese. *Eu sentia aquele arripio, mas depois Deus me deu coragem.* [...] [grifo nosso]

De Montese não gosto nem de lembrar. Foi um lugar onde só se viu desgraça e miséria, parecia que o mundo estava pegando fogo e a gente não sabia para onde correr. Era granada

---

<sup>730</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>731</sup> Relato do Tenente-Coronel CÁSSIO ABRANCHES VIOTTI, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

caindo de todo lado. Era só morteiro e canhão e mina enterrada no chão.<sup>732</sup> (Motta, 2001b, p. 187-188)

Imagens de santos, terços, livros de orações e outros símbolos religiosos, acompanhavam os expedicionários em suas missões na linha de combate.

[...] eu estava com o espaldão da metralhadora pronto, sem muito tempo para preparar meu *fox hole*, quando percebi que as granadas estavam explodindo cada vez mais próximas. Não tínhamos um recurso sequer para sair daquela posição, nem onde nos abrigar, quando fomos atingidos por uma granada de morteiro, mas esta não explodiu. Se tivesse explodido, teria matado toda a guarnição. Devo ressaltar o fato de que não tendo para onde correr, abri meu breviário de preces espíritas, que guardo até hoje, e balbuciei uma prece que se diz que a morte é iminente. Logo em seguida, a granada caiu sem explodir. Esse é um episódio que conto com muita emoção, ocorrido na Casa M. di Bombiana, acima de Abetaia.<sup>733</sup> (Motta, 2001f, p. 252)

Tenho a foto de curioso flagrante de um altar montado em plena Posição de Bateria, entre dois obuses. Parece à primeira vista incrível, mas essa foi a realidade! Hoje, me pergunto: “O que meus soldados estariam pensando ao falar com Deus naquele instante...”<sup>734</sup> (Motta, 2001f, p. 161)

Nesse momento, passou-se uma coisa muito interessante. Um dos grupos de combate do Pelotão do Rui era comandado por um cabo de nome Laranjeira, muito católico. Ao ser encontrado pelos grupos de Combate Reservas que mandei socorrê-los, o cabo Laranjeira estava

---

<sup>732</sup> Relato de ABDIAS DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Soldado da 1ª Companhia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>733</sup> Relato do Capitão MURILO PAIVA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Metralhadoras e Sargento-Auxiliar da Seção de Morteiros da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>734</sup> Relato do Coronel GERMANO SEIDL VIDAL, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo da 2ª Bateria do IV Grupo de Obuses de 155mm. Entrevista concedida em janeiro de 2001.

rezando o terço. A situação deles era difícilíssima e resolveram apelar a Deus. Na guerra, não há ateus!<sup>735</sup> (Motta, 2001d, p. 72)

O brasileiro também era muito religioso. Um soldado do 3º Pelotão, antes de qualquer deslocamento, tirava do saco uma estátua de madeira de N. S. da Conceição, que a sua noiva tinha-lhe dado. Colocava a estátua no chão, ajoelhava-se e rezava em voz alta por alguns instantes. Depois disso, guardava a estátua e dizia estar protegido, que nada poderia atingi-lo, que sua volta para o Brasil estava garantida.

Sempre que parávamos em um local desabrigado, a primeira providência era cavar o *fox hole*. Aquele soldado, depois de cavar o seu abrigo, colocava a estátua na borda do buraco. Certa ocasião, quando estávamos numa posição a uma pequena distância da base do Monte Castelo, começou uma chuva de granadas. O deslocamento de ar, da explosão de uma delas, levou a estátua da Santa para longe. O soldado pediu meu auxílio para encontrá-la. Quando o bombardeio deu uma trégua, saímos, rastejando, em busca da Santa. Até que a encontramos no meio de uma cratera. A cena que se seguiu foi de uma emoção indescritível. O soldado se abraçava com a estátua, beijava-a como se fosse um ente querido. Ali, mesmo com o risco de ser atingido, começou a rezar em voz alta, agradecendo à Santa por ter conseguido recuperar sua estátua. Quando regressamos aos nossos *fox holes*, constatamos que o abrigo do soldado transformara-se num enorme buraco. Uma granada tinha caído dentro dele, enquanto estávamos fora, procurando a estátua de Nossa Senhora da Conceição. Sem dúvida, assistimos um milagre!<sup>736</sup> (Motta, 2001e, p. 334)

Pausas para fortalecerem sua conexão com o Divino, fazendo orações e rezando por proteção, mesmo na linha de frente, também são identificadas entre os relatos.

---

<sup>735</sup> Relato do General-de-Divisão HELIO PORTOCARRERO DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>736</sup> Relato de MOACYR MACHADO BARBOSA, que na F.E.B. atuou como Sargento-Orientador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

Vinte e quatro horas após nosso regresso à Parma, os alemães nos fizeram subir novamente nas carrocerias dos caminhões e formaram uma longa coluna para nos levar a outra campo. [...] Durante todo o percurso, a aviação aliada metralhou o comboio com intensidade. Os caças vinham em voo rasante e varriam a coluna de caminhões com rajadas de metralhadora, enquanto os motoristas procuravam fugir e lançavam as viaturas, em alta velocidade, para dentro do primeiro abrigo que encontravam – galpões, debaixo de árvores, qualquer coisa que proporcionasse cobertura. Sem termos onde nos agarrarmos, éramos jogados de um lado para o outro violentamente, e só não fomos lançados para fora por causa dos encostos laterais. *Só nos restava rezar e pedir a Deus que nos poupasse. Embora jamais ficasse sabendo quantos caminhões saíram de Parma e quantos chegaram a Mantova, Deus certamente ouviu nossas preces pois, que eu tenha visto, nenhum caminhão foi atingido.* [grifo nosso]<sup>737</sup> (Motta, 2001g, pp. 295-296)

E o soldado brasileiro conseguiu se superar; o meu Pelotão era constituído noventa por cento por mineiros. Eles são muito religiosos e, quando tinham um descanso qualquer, tiravam o capacete e rezavam pedindo proteção a Deus. E não davam problema com a população. [...]

Eles eram muito confiantes, viviam repetindo: “Eu vou voltar, não vou morrer, eu vou voltar”. Muito católicos...<sup>738</sup> (Motta, 2001e, p. 206)

[...] Porém, o que mais nos impressionava e nos comovia era a atitude do nosso soldado. Todas as noites eles se reuniam no *fox hole*, ou numa parte qualquer, para fazer as suas orações, e me chamavam para rezarmos juntos.<sup>739</sup> (Motta, 2001e, p. 228)

---

<sup>737</sup> Relato de AMYNTHAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

<sup>738</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>739</sup> Relato do Tenente-Coronel JOEL LOPES VIEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Nós, na Companhia, procuramos trabalhar a integração do pessoal. No Natal, fizemos uma árvore típica da época, e eu me referi que as famílias estavam sentindo a nossa falta e nós, sentindo a falta deles.

Eu tinha um estoque de maços de cigarros, pasta de dente, sabonete, aparelho de barbear etc. Distribuí a cada soldado com uma mensagem. Eles ficaram emocionados e alguns permaneceram junto à árvore de natal, tarde da noite, apesar do frio, rezando e pedindo a Deus proteção. [...] <sup>740</sup> (Motta, 2001d, p. 91)

Uma das condições mais angustiantes para um prisioneiro de guerra é o fato de jamais saber qual é o seu destino – não sabe para onde vai, não sabe se vai ser transferido, não sabe aonde chegará. Daí, ter que encontrar muita força de vontade, muita resignação, muita paciência e, acima de tudo, precisa ter muita fé, principalmente quem professa uma religião e crê em Deus. A vida, tal qual a entendemos em situações normais, perde o significado. A morte, quando o corpo pede cama, as intempéries pedem abrigo, o estômago pede comida, a dor pede alívio, o algoz maquina uma nova forma de causar sofrimento e penúria. <sup>741</sup> (Motta, 2001g, p. 294)

Além da relação pessoal com uma força superior que os protegia, os expedicionários contaram com o apoio do Serviço Religioso que teve papel relevante na manutenção do moral da tropa brasileira. Capelães, católicos e protestantes, acompanhavam os expedicionários durante o conflito trazendo conforto nas horas de desespero, medo ou de falecimentos. Os veteranos relembram o perigo das funções do Serviço Religioso e destacam a importância do mesmo.

Cessado os tiros, entramos na viatura, eu com medo, no meio da ponte. Se os alemães atirassem eu morreria afogado...

---

<sup>740</sup> Relato do General-de-Brigada GABRIEL D'ANNUNZIO AGOSTINI, que na F.E.B. atuou como Comandante de Subunidade do Depósito de Pessoal e, posteriormente, oficial de Estado-Maior do I Grupo de Obuses. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>741</sup> Relato de AMYNTAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

Mas passamos, chegamos à Bateria, o Capitão estava muito preocupado, os soldados com o moral abatido porque eles iam para o rancho o alemão atirava: tinha que ir um de casa vez. O Capitão reuniu a Bateria e pediu que eu falasse para os soldados. Dei uma injeção de ânimo neles. Graças a Deus tudo resolvido, voltamos.<sup>742</sup> (Motta, 2001b, p. 209)

A assistência religiosa também não podia ir à frente. Mas, antes de entrar em combate, havia sempre um jeito de recebê-la. Os capelães, padre e o evangélico, faziam reuniões conosco, antes de irmos para a linha de frente, ainda no acampamento.

Essas reuniões eram muito úteis. Para mim foram de vital importância. Costumo dizer que, quando estava naquela confusão toda de matar, só me ocorria um recurso: orar muito a Deus. Orei tanto que penso ter abusado da paciência do Senhor. Andava com o Novo Testamento no bolso, porque sou um homem bastante religioso; então, lia o Novo Testamento, orava ao Pai e, de repente, me acalmava, ficava tranquilo. [...] <sup>743</sup> (Motta, 2001b, pp. 98-99)

A atuação dos membros do serviço religioso não passou despercebida pelos oficiais e comandantes nem pelos soldados, que viam com frequência, o capelão dando conforto e apoio espiritual à tropa, em meio ao duro combate. Quem combateu na FEB certamente se deparou com a cena de um soldado ferido à beira da estrada ou em qualquer outro lugar e, ao seu lado, ajoelhado, dando apoio e socorro, aquele homem fardado, cuja insígnia era uma pequena cruz branca.<sup>744</sup> (Motta, 2001f, p. 194)

Deus é brasileiro, ele nos ajudou muito e nos orientou. Nossos capelães também nos confortaram. Sempre que havia uma oportunidade armavam o altar e rezavam a missa, da qual

---

<sup>742</sup> Relato do Coronel Capelão Militar ALBERTO DA COSTA REIS, que na F.E.B. atuou como Capelão do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>743</sup> Relato do Doutor SILAS DE AGUIAR MUNGUBA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>744</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

participávamos com fé em Deus para que voltássemos ao Brasil, para que não fôssemos feridos. Todo mundo, numa hora dessas, tem fé.<sup>745</sup> (Motta, 2001e, p. 343)

Apesar do esforço em manter o moral elevado e o medo sob controle, seja pela fé, palavras de encorajamento ou exemplos de coragem dados pelas lideranças, naturalmente, nem sempre era possível sustentar tais estados de espírito com a tensão que enfrentavam e a hostilidade do conflito. Casos de pânico, alucinações e a necessidade de abandonar o *front* são destacados.

[...] Não se pode imaginar o que seja o pânico em combate, que torna os esforços para contê-los difíceis, infrutíferos, porque passam todos assustadíssimos, parece o fim do mundo. É gente que joga armamento, equipamento e peças de uniforme fora, olhos esbugalhados, o medo estampado nas faces... É uma coisa difícil de descrever.<sup>746</sup> (Motta, 2001e, p. 42)

No Grupo de Combate, aconteceu de um sargento ser ferido e o Capitão Ézio, assim que o viu e constatou as suas condições, na mesma hora voltou e pediu a substituição. Esse tipo de substituição aconteceu com o sargento, com o cabo, com o soldado, principalmente quando o sistema nervoso do indivíduo dava sinais de não suportar aquele sofrimento de uma batalha, de uma patrulha, de um golpe de mão. Nesse caso, ele tem de ser substituído, para não atrapalhar os outros elementos, porque todos devem estar em condições de participar das ações na direção do objetivo fixado. Outra lembrança sobre isso é que, na minha Companhia, tivemos um soldado, meu colega, que via o alemão até nas estrelas; então, foi encaminhado para o hospital, não podia permanecer.<sup>747</sup> (Motta, 2001f, p. 318)

---

<sup>745</sup> Relato do Sargento RUBENS LEITE DE ANDRADE, que na F.E.B. atuou como Sargento-Auxiliar do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>746</sup> Relato do General-de-Divisão OCTÁVIO PEREIRA DA COSTA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Informações do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>747</sup> Relato do Primeiro-Tenente GERALDO CAMPOS TAITSON, que na F.E.B. atuou como Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Alguns veteranos parecem não ter dificuldades ou reservas em compartilhar que em determinados momentos viram-se fora de seu autodomínio no meio do conflito e descrevem suas experiências pessoais com o pânico e o estado de choque em combate:

[...] O ataque do dia 12 de dezembro, de 1944 foi violento, chovia muito, vinte graus abaixo de zero, a encosta escorregadia, a região era minada; pela primeira vez vi pedaços de carne humana pelo espaço. Não podíamos avançar. O pior castigo é cavar *fox hole* no gelo: a gente usava as crateras abertas pela artilharia como abrigo porque – diz a tradição castrense – o segundo tiro não cai no mesmo lugar do primeiro! Chegou a ordem de recuar após umas cinco horas. [...]

[...] Quando terminou a batalha, em 12 de dezembro, fiquei completamente fora de mim, traumatizado, pensava mil coisas ao mesmo tempo. Não comia, não bebia, não queria conversar com ninguém. Eu me sentia como um animal no matadouro!<sup>748</sup> (Motta, 2001b, pp. 298-299)

A ordem que a gente tinha recebido era não atirar para não denunciar a nossa posição, mas não tinha jeito, eles estavam a menos de cinco metros do meu posto e aí disparei o fuzil-metralhadora. Dei duas rajadas, cerca de quarenta tiros e ainda recarreguei, esperando aqueles outros que estavam indo pelo outro lado.

Eles também atiraram contra nós: a barraquinha do Armando Ferreira, nosso companheiro, ficou com a lona toda furada, eles usavam uma metralhadora de mão muito boa, muito rápida.

Aí o iluminativo apagou e não vi mais nada, fiquei muito nervoso, me deu um acesso de nervos. Aí o Tenente e os outros vieram correndo e perguntando:

- O que foi? O que foi? [...]

Então falei:

---

<sup>748</sup> Relato do Bacharel JOSÉ SOUTO MAIOR, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

- Os homens vieram aqui! Eu não sei o que aconteceu! Os homens vieram aqui!

Aí eles me levaram para um abrigo, onde estava um padoleiro e ele me deu uns comprimidos para tomar, porque eu espumava pela boca, assim eles falaram, porque eu não vi nada, fiquei tão nervoso que não vi mais nada.

Foi muita emoção, mas melhorei e depois fomos substituídos pela tropa de negros americanos. [...] <sup>749</sup> (Motta, 2001c, pp. 288-289)

Eu fiquei surdo, quase não escutava nada, não sei o que é que foi, rapaz, o que é que me deu naquela hora lá. Porra, o dia inteiro de bombardeio, nem pra frente, nem pra trás, nem pra trás nem para frente. Se você ia para trás, você morria; se você ia para frente, você morria; então você ficava naquele trecho. Vai e vem, vai e vem, vai e vem, vai e vem. Aí eu senti um negócio meio esquisito. Eu quase não escutava nada. Falava, mas não escutava. O cara falava, mas eu não entendia nada. Aí me internaram. <sup>750</sup> (Este, 1999, como citado em Maximiano, 2010, p. 150)

A importância de evacuar elementos em estado de descontrole, principalmente em casos em que demonstravam demasiado pavor, era essencial para que não influenciassem negativamente o moral do grupo todo. Nestes casos, de acordo com os veteranos, a “*paura*” parece ser contagiosa.

Após a guerra fiz uma conferência na Escola de Estado-Maior do Exército (ECEME) sobre “Tensão, Medo e Pânico em combate”. Eu vi o pânico. Os italianos chegavam chorando, com as mãos na cabeça e diziam: “Senhor Capitão, uma desgraça, o *tedesco* voltou”. Eles fugiam com todos os seus pertences em lombo de animais, carroças, carregando seus filhos nos próprios braços ou agarrados nas saias das mães. *Vi soldados, sargentos, completamente amnésicos, nem sabiam a que unidades pertenciam. O pavor é um rastilho que se espalha. Se*

---

<sup>749</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>750</sup> Relato de MARIO ESTE, que atuou na F.E.B. como padoleiro do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1999.

*a tropa não estiver na mão dos chefes, é uma catástrofe. [...] [grifo nosso]*<sup>751</sup> (Motta, 2001d, p. 74)

Os meus soldados já eram muito experientes, estavam juntos desde o Brasil. Aí, chega mais esse, inexperiente. Naquele momento de perigo, teve um ataque nervoso e começou a gritar que ia morrer: “Vou morrer! Vou morrer!”

Pensei: “Bom, se esse cara ficar aqui, os meus soldados vão entrar em pânico”. Não vi outra solução. Tomei da minha pistola e apontei-a para a sua cabeça dizendo: “Desapareça da minha frente, senão eu é que vou te matar, ouviu? Vai embora! Desapareça daqui!” Apavorado, saiu como um louco, morro acima, sob intensa fuzilaria inimiga.

Dias depois fui visitá-lo, onde estava internado em estado de choque, os olhos vidrados. Naquela correria, os alemães acertaram-lhe vários tiros, mas todos eles atravessando apenas peças do seu uniforme. Foi um milagre não ter morrido.

Foi um crime o que cometeram contra esse rapaz. Como é que mandam um homem despreparado para um combate de Infantaria? [...] <sup>752</sup> (Motta, 2001e, p. 317)

Um soldado em combate é vulnerável não só à ação física do inimigo, mas também aos efeitos psicológicos, que nessa hora se multiplicam, acarretando reações diversas entre os homens. Uns sabem dominar o medo, que é sentimento permanente; esses são os que têm condições de cumprir a missão em combate. Desse grupo saem os bravos, os corajosos. *Os que não sabem dominar suas emoções podem sucumbir e, pior, transmitir aos que o cercam o sentimento de pânico. Este é contagioso, podendo atingir até os bravos.* [grifo nosso] O constante estado de tensão em que permanece o soldado em ação provoca o estresse de combate; é comum, nessas situações, encontrarem-se homens que assumem uma atitude de alheamento a tudo que os

---

<sup>751</sup> Relato do General-de-Divisão HELIO PORTOCARRERO DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>752</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

cerca, é a fadiga ou o estresse. Não sendo caso de covardia, o estresse pode ser passageiro, cessando quando um companheiro faz um chamado à realidade, ou então ser permanente, obrigando à evacuação do soldado.<sup>753</sup> (Silveira, 1989, p. 140)

Enviar para retaguarda esses elementos com problemas psiquiátricos não era apenas uma forma de manter a coesão do grupo. O pânico poderia gerar inconscientemente ações quase suicidas e evacuá-los era necessário para poupar-lhes a vida, garantindo sua segurança.

A disciplina, foi satisfatória, no meu caso. Na minha Companhia não houve caso algum de indisciplina ou de covardia, covardia principalmente, não tive conhecimento de que ocorresse.

Lembro-me ainda que, na véspera do Natal de 1944, os alemães fizeram uma salva com os canhões 88mm. Deram tanto tiro, emendavam um no outro. Um sargento teve um crise psíquica, ficou doido e acabou morrendo: Corria para a frente e para trás e eu gritava para ele voltar, mas como não se abrigou, foi atingido. O coitado ficou doido, não foi covardia.<sup>754</sup> (Motta, 2001c, p. 256)

[...] Certo dia, quando recebíamos uma chuva de morteiros, abrigamo-nos todos, mas, de repente, vejo um infante levantar-se. Começou a descer o morro cambaleando e dizendo palavras desconexas, deu mais três passos e o morteiro seguinte arrasou com ele. Era o que eu dizia sobre o preparo psicológico. O indivíduo, ali, perdeu a noção de tudo: levantou, foi andando e morreu dois metros adiante.<sup>755</sup> (Motta, 2001d, p. 278)

---

<sup>753</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria.

<sup>754</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>755</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

Algumas vezes precisei confortar meus subordinados. Na noite de nosso batismo de fogo, um de meus soldados, que estava na função de Cabo Chefe de Peça, perdeu o controle emocional e precisou ser evacuado. Um outro soldado de remuniamento, quando nos encontramos ocupando posição em Gaggio Montano, também perdeu o controle e começou a gritar pedindo socorro e chamando por sua mãe. Ao tentar o suicídio, eu o segurei até que o médico, Dr. Murilo, viesse buscá-lo.<sup>756</sup> (Motta, 2001f, p. 256)

É comum associar uma crise de pânico em combate apenas com ações de deserção e fuga provocadas pelo medo. No entanto, os expedicionários por vezes desenvolvem excesso de confiança e coragem como resposta ao trauma e risco que correm. Na tentativa de achar uma solução imediata e rápida para livrarem-se da situação terrível em que encontram-se, acabam por arriscar a própria vida com atitudes quase “camicases” para eliminar imediatamente o inimigo.

Um gaúcho companheiro nosso teve uma crise de desespero tão forte que queria subir uma montanha bem grande onde estavam os alemães, para pegá-los sozinho.

O Tenente pediu:

- Pelo amor de Deus, peguem o homem, se não ele vai morrer!

Os companheiros correram e o agarraram.<sup>757</sup> (Motta, 2001c, p. 293)

À noite, o Capitão me perguntou como estava a situação, passando-lhe todas as informações. Nisso, vem um soldado que me informa que o sargento Alves e o sargento Messias foram para o lado dos alemães para mata-los. Fui pegá-los quase perto de Abetaia, sendo evacuados com problemas psiquiátricos; nunca mais os vi.<sup>758</sup> (Motta, 2001e, p. 200)

---

<sup>756</sup> Relato do Capitão MURILO PAIVA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Metralhadoras e Sargento-Auxiliar da Seção de Morteiros da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>757</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>758</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

Uma crise psíquica em combate pode gerar também comportamentos como a desconfiança entre membros da mesma tropa, paralização e perda de noção espacial.

A nossa Companhia foi praticamente dizimada, não que morressem todos, não, porque o Serviço de Saúde funcionava primorosamente: aqueles que eram feridos e conseguiam ser evacuados sempre sobreviviam. O meu Comandante de Pelotão foi um dos primeiros a sofrer os efeitos dos bombardeios – eu estava coincidentemente muito próximo a ele porque era o Comandante do 1º GC, a gente tentando levantar para avançar, avançava cinco metros, as granadas caíam como chuva – e, aos poucos, notei que a fisionomia dele foi sofrendo alterações. Lá para as quatro ou cinco horas da tarde do dia 29, abrigados que estávamos perto de um tronco de árvores, ele se virou para mim e me pediu um pouco de água do meu cantil. Eu até estranhei, porque ele estava com o dele, não sei se tinha ou não tinha água; ele me pediu um pouco d'água, tomou-a e me devolveu o cantil. Nessa oportunidade se aproximou o então sargento Silas, que era o Comandante do 2º GC, também estava mais ou menos próximo aí ele se voltou para o sargento Silas e disse: “Souza me envenenou!” Fiquei boquiaberto, estarecido! “Como, Tenente?”

Percebi que ele não estava no senso normal; não sei se foi do deslocamento de ar da bomba, não sei se foram os ruídos do combate, o fato é que ele perdeu o controle nervoso e conseqüentemente teve que ser evacuado.<sup>759</sup> (Motta, 2001b, pp. 241-242)

Houve o caso do meu sargento-auxiliar [...] era um ótimo sargento. Uma vez o Capitão me chamou e disse que estava com vontade de promove-lo a 2º Tenente, mas antes ia fazer um teste, determinando que comandasse uma patrulha. Dito e feito, quando ele chegou no meio do caminho, ficou paralisado, pois entrara em pânico. Não foi atingido, mas achou que ia morrer; daí não saiu. [...] <sup>760</sup> (Motta, 2001e, p. 207)

---

<sup>759</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>760</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

Na hora em que aciono os homens para iniciar o deslocamento, um sargento do 2º Pelotão, Manuel Mathias Filho, que tinha um ouvido apurado, gritou: “Tenente, o *tedesco* atirou”, e, em seguida, a granada explode exatamente à direita daquela posição da arma automática. Houve correria e pânico, que procurei contornar. Determinei que os homens se abrigassem nos porões do casarão, onde nos encontrávamos.

Lembro-me de um sargento, do 2º Pelotão, que queria transpor a porta. Todavia, o fuzil em diagonal impossibilitava tal tentativa e a tensão em que ele se encontrava o impedia de entender o que estava acontecendo. [...] <sup>761</sup> (Motta, 2001e, p. 102)

O médico Doutor José Alfio Piason, pôde presenciar a relação dos expedicionários com o medo durante a guerra, mostrando que nem sempre o elemento considerado corajoso fora do contexto bélico desempenha o mesmo papel quando exposto à violência da guerra. Octávio Pereira da Costa também destaca a questão.

A guerra para mim, como médico, foi uma coisa muito importante, porque eu aprendia a psicologia do homem em perigo. Porque vi alguns que aqui no Brasil eram valentões e quando chegaram lá cometiam alguns atos de covardia. Um deles, no Rio dava bastante alteração, bebia, vivia preso, era o valentão, batia em todo mundo, se envolveu numa briga e esfaqueou um sujeito. Mas na guerra se acovardou. O comandante dele, o Capitão Aldenor, reuniu a Companhia e na frente de todo mundo disse:

- Você vai ficar na cozinha, seu covarde!

Já aqueles “mocorongos” do Mato Grosso, quase analfabetos, quietinhos, aguentavam firmes; alguns eram até voluntários para patrulhas, parece mentira que alguém pudesse ser voluntário para aquele tipo de missão bastante perigosa, deslocamento noturno, com as capas

---

<sup>761</sup> Relato do General-de-Brigada RUY LEAL CAMPELLO, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da 5ª Companhia do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

brancas no inverno, progredindo na terra de ninguém. Acarretaram muitos atos de bravura e isso é preciso assinalar.<sup>762</sup> (Motta, 2001c, p. 175)

Pude tirar uma conclusão importantíssima sobre o meu conceito de valor militar e de coragem, que explico a seguir. Fui subordinado do General Mamede, quando Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior, época em que ele era estigmatizado por ser indeciso, por ser parado, por ser uma geladeira pessoal, na medida em que deixava os casos sem solução porque não decidia. Eu não conseguia entender como é que aquele homem que eu tinha visto, naquela noite, acender e agir de uma maneira extraordinária, chegava em tempo de paz e se tornava indeciso a ponto de ser, talvez injustamente, assim considerado pelos outros.

A minha conclusão é muito simples e eu a consolidei através de observações de outras pessoas. Penso que a coragem é a capacidade de ver claro diante do perigo. Diante do perigo físico há pessoas cuja inteligência se apequena, inviabiliza-se, congela. Há outras pessoas que, diante do perigo físico, acendem, as suas rotações se aceleram e elas veem melhor do que as outras. Elas tem mais serenidade para aquilatar as reais proporções do perigo.<sup>763</sup> (Motta, 2001e, p. 44)

Para cuidar dos expedicionários que chegavam ao limite de seu estado psicológico, o Serviço de Saúde, também contava com uma cadeia de serviços de neuropsiquiatria. O Doutor Diaz Sebastião Cammarosano, destaca a atuação do colega Capitão Doutor Mirandolino Caldas e seu papel crucial na manutenção da saúde mental dos combatentes:

[...] Mirandolino nunca empregou a psiquiatria ortodoxa do coma-insulina, porque era contrário; opunha-se, também, ao choque, à convulsoterapia elétrica. Utilizava mais o tratamento

---

<sup>762</sup> Relato do Doutor JOSÉ ALFIO PIASON, que na F.E.B. atuou como Chefe da 2ª Seção do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>763</sup> Relato do General-de-Divisão OCTÁVIO PEREIRA DA COSTA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Informações do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

psiquiátrico dos analistas atuais, isto é, a psicoterapia de impacto, apelando para os brios do soldado, para a honra do Brasil, esclarecendo ao brasileiro o que sucederia se, regressando à Pátria, não pudesse explicar convenientemente aos familiares e amigos, porque não voltara à linha de frente. Foi nessa psicoterapia de impacto, porque, à época, não tínhamos os neuroelétricos atuais como o aldol, o tripiridol, anatensol, as armas que usamos atualmente em psiquiatria, não existiam, dispúnhamos sim do sequeno, do feno-barbitol, do alitol line; essas eram as drogas, mas os problemas não ficavam solucionados, o que resolvia, afinal, era o tratamento aplicado por ele mesmo, a terapêutica ocupacional, a música, o rádio, a revista, jogos de dominó, de cartas. Isso o Mirandolino já utilizava na linha de frente; empregava a boa psicoterapia para convencer o soldado a voltar para a linha de frente. [...] <sup>764</sup> (Motta, 2001g, pp. 124-125)

Em contraste ao medo, evidenciam-se a coragem e a determinação dos combatentes no cumprimento de suas incumbências. Contudo, é importante salientar que no caso dos brasileiros, os atos heroicos e a motivação para matar o inimigo não são fomentados por uma doutrinação ideológica forte ou pelo ódio por outras nações, como no caso dos alemães, por exemplo. Como visto, muitos expedicionários foram para Itália sem compreender porque estavam lutando aquela guerra, à vista disso buscavam ânimo para avançar nas missões e combater seus oponentes através de outros artificios.

O veterano Joaquim Xavier da Silveira (1989), destaca em seu livro:

Na época em que a F.E.B. foi organizada, a eletrificação rural era praticamente inexistente, o rádio de pilha ainda não tinha sido inventado, as notícias do mundo chegavam como um eco distante. Havia assim um enorme faixa da população que, dos acontecimentos que originaram a guerra e do envolvimento do Brasil e dos motivos que levaram o País a intervir no conflito, tinha total e completo desconhecimento. Por isso, uma parcela expressiva dos soldados da FEB foi para a Itália sem saber o motivo da guerra, ignorando assim por que lutava.

---

<sup>764</sup> Relato do Doutor DIAZ SEBASTIÃO CAMMAROSANO, que na F.E.B. atuou como Sargento Enfermeiro da 3ª Companhia de Evacuação do I Batalhão de Saúde.

O conhecimento das razões de lutar é importante e mesmo indispensável para estimular o combatente, para que ele tenha consciência dos motivos e das verdades da causa pela qual luta.

Esse conhecimento faltava aos homens que foram lutar com a FEB. Ao ingressarem no quartel é que ficaram sabendo que seu país estava em guerra, e que iriam fazer parte dessa guerra como combatentes.<sup>765</sup> (pp. 136-137)

A motivação para o combate, o sentimento que impulsiona o homem a enfrentar os riscos existentes em um choque armado [...] O soldado que está lutando para defender o solo de sua Pátria, por agressão externa, tem naturalmente uma motivação espontânea muito grande, e não foi esse o caso do pracinha brasileiro que estava lutando em território estrangeiro. O soldado brasileiro que veio de tão longe, de um clima tropical, teve que resistir a toda essa emoção em condições adversas: lama, chuva, neve e frio, desafios diários a que se submeteu o combatente brasileiro, e que soube manter sempre sua motivação para a luta.<sup>766</sup> (pp. 140-141)

Apesar da pouca preparação psicológica e ideológica, os expedicionários precisaram adaptar-se às demandas emocionais que o combate exigia para seguir em frente, seja quais fossem as suas motivações para tal.

[...] *Mas o que pude observar, de um modo geral, é que, ao chegarmos, estávamos psicologicamente despreparados. Notava-se no soldado certa ansiedade e, às vezes, até um pouco de receio, sem saber exatamente o que iríamos fazer na guerra.* [grifo nosso] Assim, alguns falavam que estavam vivos naquele momento, mas que pouco depois poderiam estar

---

<sup>765</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria.

<sup>766</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria.

mortos. Mas, de um modo geral, a gente se adaptou em poucas semanas e começamos a entrar na linha, porque a disciplina foi imposta e acatada.<sup>767</sup> (Motta, 2001c, p. 153)

[...] Destacamos, inicialmente, que, ao desembarcarmos em Nápoles, encontramos um porto destroçado e uma bela cidade destruída. Esse impacto foi sentido de uma maneira extraordinária, ao verificarem os brasileiros as marcas visíveis de luta e sofrimento no povo italiano. *Nós, pacíficos por índole, sentimos que havia necessidade de enrijecermos, de criarmos energias internas para nos tornarmos combatentes. Foi uma fase extremamente difícil dada a emotividade de nosso povo, para que pudéssemos nos adaptar às contingências da luta. Mas, os desafios foram vencidos.* [...] [grifo nosso]<sup>768</sup> (Motta, 2001g, p. 72)

Era preciso encontrar estímulo para cumprir seus deveres e para certos expedicionários, não houve a necessidade de receber grandes fundamentos e argumentações sobre a batalha que enfrentavam longe de sua casa. O conflito deveria ser visto de forma racional e suas motivações eram básicas, ou matavam ou seriam mortos.

Geralmente a experiência de combate é traumatizante: não é fácil conviver com o som dos tiros de canhões e demais armas na linha de frente, assistindo à destruição das cidades, à morte de amigos e soldados tachados de inimigos, mas que também eram jovens como nós. A morte era a nossa companheira na rotina do combate. Matar ou morrer: eis a questão!<sup>769</sup> (Motta, 2001b, p. 303)

---

<sup>767</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>768</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

<sup>769</sup> Relato do Doutor RIGOBERTO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

Eu me sinto orgulhoso de ter sido da FEB. Não maltratei a quem quer que seja. Devo ter causado a morte de muita gente, mas se não matasse, morreria. Os prisioneiros que fiz foram bem tratados, levava-os para o Posto de Comando. [...] <sup>770</sup> (Motta, 2001f, p. 353)

Esse estágio para mim foi muito proveitoso, porque, em primeiro lugar, o Capitão De Los Reis levou-me ao seu PC, uma casamata que eles tinham construído ou havia sido dos alemães. Enfim, era uma casamata. E havia uma nesga na qual estava instalada uma binocular. Ele me mostrou: “Olha! Ali, naquele lugar, deve haver uma posição alemã. [...] E eu pensava: “Meu Deus do céu! O que eu estou vendo ali!” E se via ao longe, porque não era assim tão perto. A posição inimiga devia estar mais ou menos a um quilômetro e tanto de distância. Havia uma depressão grande entre a nossa posição e a deles. [...] E eu via aquele movimento parecendo de pessoas. Eu disse: “Meus Deus do céu! Eu estou vendo gente ali. Ou eles vão me matar ou eu tenho que matá-los.” Bateu-me aquela dor! Não é bem um remorso, é que matar não é uma coisa que a gente tenha vontade de fazer. Não é como tomar um sorvete. Mas se eu não fizer, ele acaba comigo! <sup>771</sup> (Motta, 2001e, p. 243)

Ora, nós todos sabemos que numa guerra a única coisa que se faz o tempo todo é tentar matar o inimigo. Eles estão do lado de lá sem saber por que e nós estamos do nosso lado, também sem saber por que, mas o fato é que se você não mata-lo, ele vem e o mata. <sup>772</sup> (Motta, 2001c, p. 226)

A rusticidade de alguns membros da F.E.B. torna o objetivo da guerra na Itália ainda mais elementar. Estavam lá apenas para eliminar o adversário, sem que fossem necessárias maiores justificativas para tal.

---

<sup>770</sup> Relato do Primeiro-Tenente MIGUEL FERREIRA DE LIMA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Chefe de Peça da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>771</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>772</sup> Relato de NEWTON LA SCALÉIA, que na F.E.B. atuou como Chefe de Peça de Morteiro 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

O soldado artilheiro, em todos os níveis, surpreendeu, cumprindo exemplarmente o seu dever.

Eles foram bem-preparados, apesar de muitos não terem todos os conhecimentos exigidos, nem a cultura geral que influi, até mesmo, nas convicções. Mas o homem se prepara. Certa vez, chamei um soldado meu: “Ventino, vem cá, você vai para a guerra, não vai?” “Vou, sim Senhor.” “Vai fazer o quê na guerra?” “Vou matar alemão.” Foi a resposta dele. Não falou em liberdade, não falou em democracia, não falou em Pátria, não falou em Bandeira, vou matar alemão foi o que ele disse. A missão era essa, direta, nua e crua.

Ventino fica para a história. Fica pela sua convicção, “vou matar alemão.”<sup>773</sup> (Motta, 2001d, p. 154)

[...] O Wolf indicou-me um soldado, com o qual não concordei. Disse-lhe: “Esse não é um nortista, com cara de opilado, que eu queria deixar no Capistrano?” O Max disse-me então: “É sim, Capitão, mas ele é muito bom; tem saído em patrulhas comigo.” Disse-lhe então: “Se você diz que é bom em patrulhas, já está no Pelotão!”

Mais tarde quando fazíamos a limpeza de Montese, vi um alemão de 2 metros sair de um buraco e atrás dele, com o fuzil apontando para suas costas, um soldado. O alemão ainda estava com o seu fuzil e eu vendo aquilo disse: “Você não sabe que a primeira coisa que se faz é desarmar o prisioneiro?” O soldado retrucou: “Sei, sim, fiz de propósito, para ele reagir; assim eu acabo com ele e vou buscar outro.” Era o opilado, infelizmente esqueci seu nome, mas o fuzil que ele trouxe do alemão está no museu da FEB.<sup>774</sup> (Motta, 2001f, p. 105)

Ainda nessa linha mais direta e racional de enxergar a guerra, muitos combatentes focam-se apenas no cumprimento de suas missões. Em adição, uma liderança adequada também tem forte impacto no moral da tropa e espírito de corpo do grupo. Como visto anteriormente, a boa liderança

---

<sup>773</sup> Relato do Coronel ELBER DE MELLO HENRIQUES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>774</sup> Relato do Coronel ADHEMAR RIVERMAR DE ALMEIDA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Operações e Comandante de Bateria de Comando do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2001.

ajudava-os a enfrentar o medo e ao mesmo tempo, os motivava a cumprir suas missões. A conquista de um determinado objetivo, também os animava para concretizar o próximo. De missão em missão, focados, mantinham sua sanidade e motivação para seguir em frente.

Sempre que me perguntam, respondo que no soldado brasileiro, como em qualquer outro, o medo sempre existiu, mas o cumprimento do dever era mais importante: nós estávamos ali para isso, combater o inimigo! [...] <sup>775</sup> (Motta, 2001b, p. 298)

Eu estava preocupado com o moral do pessoal, estava assustado e com medo daquela posição; aí, chamei os sargentos e disse: Olhem aqui, acabei de receber um aviso de que não haverá substituição alguma, não há ninguém para nos substituir; então, voltem lá para seus grupos e digam aos soldados que tratem de se munir de coragem e boa vontade, porque não vejo outro jeito, a não ser topar o desafio. Levantei o moral do pessoal dessa maneira, e acabamos saindo de lá sem ter combatido, exceto aquelas escaramuças. <sup>776</sup> (Motta, 2001c, pp. 192-193)

[...] Finalmente, determinei que, dentro de meia hora, queria todos reunidos naquele local. Desejava falar a todos, especialmente os soldados.

Encontrei-os sentados no chão. Fizeram menção de levantarem-se. Fiz sinal que não...

Falei: “Sei que todos vocês lembram tudo o que falamos e comentamos durante o tempo que estivemos juntos em Montecavalloro e Boscácio. Algumas coisas e detalhes, todavia, gostaria de relembrar agora, pela importância que tem para todos nós neste momento”.

Não esqueçam: “Calma, coragem, emprego dos conhecimentos, habilidade, fibra, atenção absoluta, não descuidar dos detalhes, astúcia, ter a missão sempre presente, avançar sempre para o objetivo”.

---

<sup>775</sup> Relato do Bacharel JOSÉ SOUTO MAIOR, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>776</sup> Relato do Bacharel JOSÉ GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

Amanhã, possivelmente, vamos receber uma missão que poderá não ser fácil. Lembrem-se: “Uma missão não se escolhe nem se discute: Cumpre-se!”

Eu tenho certeza, confio em todos vocês: se o nosso Pelotão for o escolhido, amanhã tomaremos a Cota 670.<sup>777</sup> (Motta, 2001g, p. 271)

[...] O valoroso 3º Pelotão foi empenhado em mais uma Patrulha, com a missão de vasculhar a minada cota 927 e para lá partimos com a instrução de que, se houvesse resistência, a conduta seria retrain. E agora, José? Região minada é sempre assustadora! Para onde vou? Como vou? Quando vou? Por onde vou? Pela encosta ou pela ravina? Foi, numa dessas ravinas escolhidas, que encontrei um pracinha brasileiro morto. Nada pude fazer por ele, porque a missão era subir a encosta. Até hoje a consciência me pesa, fazendo seus reclamos: talvez fosse um dos soldados que constam como desaparecidos da FEB e que ficou por lá.

Mas guerra é guerra! Como vou? Consciente da responsabilidade decantada pelo jornalzinho Zé Carioca, vou caminhando, mais adiante rastejando, sentindo que as calças tremiam, mas o corpo não... Quando vou?! Agora, já, sem perder tempo, pois não podemos dar folga ao imprevisível inimigo e montanha acima...

Você sabe o que é escalar 927 metros em tal sufoco, sob tamanha tensão, palmo a palmo, atento para não pisar nas minas, quase sempre bem escondidas para surpreender o combatente, tudo isso para cumprir uma relevante missão? [...] <sup>778</sup> (Motta, 2001f, pp. 368-369)

Acho que Dante quando descreveu o inferno não tinha visto o Monte Castelo de baixo, assim como nós víamos!

Caía granada – eu vi depois as estatísticas, mais de mil – de morteiros e de canhões em cima do Batalhão; só um milagre poderia nos salvar naquele instante! Conseguimos arrancar

---

<sup>777</sup> Relato do Tenente-Coronel EDU VARGAS, que na F.E.B. atuou como Comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

<sup>778</sup> Relato de FRANCISCO PEDRO DE RESENDE, que na F.E.B. atuou como Cabo do 3º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

de dentro dos buracos – houve alguém que disse que sair da trincheira não é fácil! Efetivamente, sair do abrigo debaixo de um bombardeio intenso, já com feridos, mortos, gemidos, gritos, não é fácil. Era o meu batismo de fogo, estava completando 21 anos de idade, conduzindo um Grupo de Combate com a missão de leva-lo até o topo do Monte Castelo. Nessa ocasião, a gente esquece outras coisas e parte para o cumprimento do dever.<sup>779</sup> (Motta, 2001b, p. 239)

Chegamos em um estado de extrema exaustão, porque o combate, não só pela duração, como pelo terreno tremendamente íngreme com obstáculos muito violentos a serem vencidos, exigiu muito da nossa resistência física; eu era jovem e atleta, mas mesmo assim estava muito cansado. Mas a alegria pela conquista é indescritível. Ao mesmo tempo, aumentou a responsabilidade, fazendo com que afirmássemos: “Já que chegamos até aqui, não vamos perder isso de jeito algum”.<sup>780</sup> (Motta, 2001d, p. 327)

Ao passo que os combatentes brasileiros vivenciam o conflito, estabelece-se uma consciência patriótica, que antes de serem inseridos efetivamente em combate, não parecia muito sólida. No decorrer da campanha, o patriotismo e a representação dos brasileiros que ficaram no país, tornam-se elementos propulsores no cumprimento das missões de uma guerra que supostamente não era deles.

Se as pessoas dissessem que iríamos amolecer, pensando, por exemplo: “Essa guerra não é minha e eu não vou fazer nada”, cometeria sério erro, pois o brasileiro é brioso, não admite que ninguém de fora fale mal dele, não aceita isso. Falar mal do Brasil dava briga mesmo, por qualquer coisa. É o orgulho de nossa raça, de nossa gente.<sup>781</sup> (Motta, 2001c, p. 303)

---

<sup>779</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>780</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>781</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

Falar sobre a campanha implica citar o nosso soldado, homem simples, de porte médio e modesto, que se agigantou na guerra dos alemães, apesar do precário treinamento.

Por incrível que pareça, quando se engajaram em combate e tomaram consciência de que representavam o Brasil, numa guerra em solo estrangeiro, ao lado de soldados de outras nações, eles criaram alma nova e foram bravos e valorosos.<sup>782</sup> (Motta, 2001e, p. 108)

Às vezes pensava que a coisa mais importante comigo era a arma que empunhava; ao mesmo tempo pensava que todos os que morreram tinham uma arma daquela. A minha sobrevivência, pensava, dependia da destruição do inimigo e me faltavam forças. Realmente o que eu queria era fugir daquilo tudo, libertar-me. Mas me falava mais alto o cumprimento do dever. Eu tinha feito um juramento à Bandeira da minha Pátria e ela me cobrava isso, não podia recuar.<sup>783</sup> (Motta, 2001b, pp. 299-300)

Retomamos a posição. E foi ali que eu inventei o minuto de silêncio no Pelotão. Eu estava sempre procurando maneiras de entrelaçar, de somar as dores e as alegrias. Isso é fundamental. Diariamente, toda vez que o Pelotão estivesse junto, nós faríamos um minuto de silêncio para pensar, primeiro, na Pátria, e na responsabilidade que esta nos confiou. Daqui não se arreda o pé, e se aguenta firme, porque foi a Pátria que mandou. [...] <sup>784</sup> (Motta, 2001d, p. 196)

Na Itália, quantas vezes meditávamos que estávamos representando os 46 milhões de brasileiros. Meditávamos que tínhamos de ser dignos daquela confiança. Nem todos puderam vir, então nos mandaram. Somos nós que temos de desempenhar essa missão. Isso fazia com

---

<sup>782</sup> Relato do General-de-Brigada JOÃO EVANGELISTA MENDES DA ROCHA, que na F.E.B. atuou como Subcomandante e, posteriormente, Comandante da 2ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>783</sup> Relato do Bacharel JOSÉ SOUTO MAIOR, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>784</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

que estivéssemos bem ciosos, bem conscientes, de nosso papel de combatentes.<sup>785</sup> (Motta, 2001f, p. 339)

Acho que nós éramos loucos, uns loucos controlados, mercê dos treinamentos anteriores e também do incentivo que recebíamos, porque nunca se pensou tanto em Brasil, tanto em Pátria; só a ausência da Pátria eleva o amor que temos por esta terra.

Antes um pouco de sermos designados para essa missão de Monte Castelo, o Coronel reuniu o nosso Batalhão e disse as seguintes palavras: “Existe um nossa frente um cocuruto – ele usou essa palavra cocuruto – que o americano já tentou tomar duas vezes e não conseguiu e nós fomos designados para tomar esse cocuruto. Eu gostaria de dizer aos senhores: o cocuruto é nosso”!

Com essa ênfase saímos para tomar o Monte Castelo com toda a gana, a certeza e a vontade de representar o Brasil muitíssimo bem, dentro das nossas forças, das nossas possibilidades.

Digo que éramos loucos porque talvez a mocidade inconsequente – eu com vinte um anos mal completos e a maioria estava nessa faixa de idade – tinha aquele destemor próprio da ignorância: éramos uma tropa sem maiores conhecimentos, a não ser os específicos para combate.<sup>786</sup> (Motta, 2001b, pp. 240-241)

Além do fortalecimento do espírito patriótico durante o desenrolar da Campanha, forma-se também um senso de fraternidade à medida que os brasileiros convivem diariamente no *front*. Dividir experiências tão traumatizantes e intensas aproximou os combatentes, antes estranhos, agora eram como irmãos. E por irmãos valia a pena arriscar a própria vida. Logo, a irmandade pactuada torna-se um forte motivador para avançarem na guerra.

---

<sup>785</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>786</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

A respeito do relacionamento entre nós, desejo destacar o espírito de solidariedade e companheirismo que sempre existiu no seio da nossa Companhia e tenho certeza que em toda a FEB. Nos momentos difíceis, podíamos estar certos de que sempre teríamos um companheiro ao nosso lado. Essa é a razão principal que levava a nossa subunidade a cumprir missões recebidas.<sup>787</sup> (Motta, 2001e, p. 229)

O soldado brasileiro foi um bravo. Cumpria com seu dever, sem mesmo precisar receber ordens se seus comandantes. A solidariedade que existia entre nós e a liderança de nossos comandantes foram fatores preponderantes para o nosso eficaz desempenho. Na guerra, éramos muito ligados, uns aos outros! Na paz, isso desapareceu, o que é triste!<sup>788</sup> (Motta, 2001e, p. 345)

Devo, agora, referir-me a um aspecto importante: a necessidade de assistir e confortar meus subordinados em horas difíceis, o que era constante e recíproco. Algumas vezes, com um simples gesto, ação ou olhar entendíamos que podíamos contar com alguém ao nosso lado sempre, que nos daria amparo ou estímulo. Percebíamos com toda a certeza que não estávamos sozinhos. Formamos um ambiente de enorme confiança, porque sabíamos da existência entre nós de uma interdependência muito forte e bastante positiva durante todo o tempo.<sup>789</sup> (Motta, 2001f, p. 287)

O medo é o pai da coragem, ou se tem coragem ou vai-se para o desastre. Não há tempo para raciocinar. E como o soldado pensa? Nos companheiros que não pode deixar na mão. Não lembra de nada, não lembra nem dele próprio. Preocupa-se com o companheiro em apuros.

---

<sup>787</sup> Relato do Tenente-Coronel JOEL LOPES VIEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>788</sup> Relato do Sargento RUBENS LEITE DE ANDRADE, que na F.E.B. atuou como Sargento-Auxiliar do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>789</sup> Relato do Capitão DIVALDO MEDRADO, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante do 1º Grupo de Combate do 2º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Ouvi um Tenente dizer que, em Montese, subiu com quarenta e um homens e chegou com 17 [...] <sup>790</sup> (Motta, 2001c, p. 302)

Considero oportuno falar alguma coisa sobre o Sargento Edson, o nosso conhecido Cabo Edson que foi promovido a sargento [...] Mantinha uma amizade muito grande com o Soldado Lucindo Nepomuceno Cebálio e com os outros companheiros da sua esquadra. [...] O Edson estava sempre junto com eles; eram muito amigos. [...] Quando cheguei lá em cima – Creda ficava cerca de duzentos metros das posições inimigas – eles já estavam mortos. [...] O Edson entrou em uma casa e sentiu a dificuldade do Cebálio deslocar-se. Virou-se para o sargento Bacellar, que estava com ele, e disse: “Vou ajudar o Cebálio”. O sargento alertou: “Não vai que você morre.”

A frase que o pouco letrado Cabo Edson pronunciou: “Eu tenho que ajudar o Cebálio” foi a mais completa, sintética e eloquente manifestação sobre o cumprimento do dever. Sintetizou todo o cumprimento do dever com isso: “Eu tenho que ajudar o Cebálio, não há que pensar em conseqüências”. Uma granada de artilharia matou os dois bravos. Ninguém pôde contê-lo. Era do feitio dele; não fugia... Morreu junto com o Cebálio. <sup>791</sup> (Motta, 2001d, p. 309)

Falando em particular sobre os homens de minha Companhia, posso dizer que, antes de tudo éramos amigos. Tinham um espírito altamente combativo! Nunca se negaram a cumprir qualquer missão, por mais perigosa que fosse! Caso morresse ou ficasse ferido um homem, eu perguntava: “Quem é voluntário para trazer o companheiro?” Apareciam logo dez, quinze para cumprir a piedosa missão, para qualquer missão. [...] <sup>792</sup> (Motta, 2001d, p. 82)

---

<sup>790</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>791</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>792</sup> Relato do General-de-Divisão HELIO PORTOCARRERO DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

[...] nesse momento tive a participação de um soldado do qual até hoje tenho uma lembrança muito boa, tipo baixo, truncado, oriundo de uma colônia de pesca. Era o soldado Osório, sempre muito alegre, muito disposto. Retirou do terreno limpo um homem. Aquilo foi empolgante, porque soltou todo o equipamento, partiu, pegou o companheiro pelo braço, levantou com ele, bala batendo no calcanhar; não sofreu um arranhão. Chegou à nossa posição e trouxe o ferido. Era uma distância de uns trinta metros.

O nosso homem, quando bem liderado, é capaz. Não fica nada a dever a ninguém. Ele é extremamente camarada, estabelece uma ligação muito estreita um com o outro, é um vínculo e disso vinha um compromisso de que um homem do pelotão não vai ficar abandonado em hipótese alguma.

Inclusive, era comum a dificuldade que se tinha, às vezes, de escalar uma patrulha para sair, com efetivo inferior ao Pelotão, pois todos queriam participar. Eu digo: “Não, eu tenho que escalar, tem que ser assim!”<sup>793</sup> (Motta, 2001d, p. 326)

A verdade é que havia em nossa tropa um sentimento de solidariedade e de camaradagem; um soldado jamais abandonava um ferido na “terra de ninguém”; no alto do Soprassasso, um tenente tinha perdido três feridos, fez uma patrulha de reconhecimento, tentou várias vezes, os alemães cruzavam fogos em cima da tropa, até que veio a ordem para desistir e deixar lá aqueles feridos, que poderiam até já estar mortos. Mas o tenente descumpriu a ordem. Todos os soldados do Pelotão concordaram e foram lá, ao cair da noite, se infiltraram e resgataram os camaradas feridos. Havia um sentimento grande de solidariedade, talvez porque estivéssemos longe da Pátria, talvez porque possuíssemos, bem acentuado, o senso de dever e, sobretudo, o espírito de camaradagem.<sup>794</sup> (Motta, 2001c, pp. 41-42)

---

<sup>793</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>794</sup> Relato do General-de-Brigada RUBENS RESSTEL, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em abril de 2000.

Este espírito se transformaria em solidariedade entre companheiros, superiores e subordinados durante a campanha. Embora, quando em operações, praticamente não visse nem o meu Capitão, porque eu sempre estava na linha de frente, bem na frente mesmo, ninguém ia lá.

Mas a solidariedade era permanente. Todos tínhamos os mesmos sentimentos, padecíamos os mesmos sofrimentos, as mesmas angústias, as mesmas perplexidades, as mesmas decepções. Um dependia do outro; criava-se entre nós um sentimento de amizade tão grande que a gente ainda guarda, não esquece e é impossível descrever. Era sentimento de fraternidade, de confiança no irmão, a mútua dependência se transformava no ímpeto de ajuda e dedicação; os problemas e sacrifícios de todos eram iguais, no sofrimento e na morte – a suprema expressão do amor, do amor cristão.<sup>795</sup> (Motta, 2001b, p. 97)

A partir desse espírito de irmandade e amizade firmado entre os combatentes, surge uma outra motivação para eliminar o inimigo. Ao depararem-se com seus colegas feridos ou mortos, alguns expedicionários sentem necessidade de retaliação.

É importante salientar que durante o conflito o discurso motivacional, seguia uma linha tênue, ambígua, especialmente em casos de vingança, maus-tratos a prisioneiros e até a prática de minar cadáveres. Esses atos quando praticados pelos inimigos eram relacionados com a desumanidade, contudo, quando praticados por colegas, eram uma consequência dos horrores da guerra. A atitude não era incentivada, mas carregava certa tolerância. (Maximiano, 2010)

O desejo por vingança aparece nos relatos abaixo:

Ninguém vai à guerra para matar, como também não vai para morrer. Mas chega a um ponto em que o indivíduo vê seu amigo dilacerado e se transforma quase numa fera e mata.<sup>796</sup> (Motta, 2001c, p. 219)

---

<sup>795</sup> Relato do Doutor SILAS DE AGUIAR MUNGUBA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>796</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

[...] Surpreendemos os alemães que estavam dentro das casamatas, feitas na contra encosta, protegidos dos fogos da Artilharia. Quando eles viram, já estávamos lá, embora tivessem atirado, tanto que acertaram no pulso do cabo Aldo. Mandei colocar a metralhadora em posição, apontada para a entrada dos abrigos e jogar granadas para o seu interior, como se caçam animais entocados. Logo depois apareceu uma bandeirinha branca e do interior dos abrigos saíram 15 alemães, todos amedrontados, pedindo para que não os matássemos.

Nessa ocasião, o Cabo Nascimento, que comandava o GC do cabo Aldo, indignado porque o rapaz fora ferido, queria matar os prisioneiros. Não permiti aquele ato desonroso, dizendo-lhe que se quisesse ir à forra, ainda havia muito alemão de armas na mão, ali pelo campo e, assim, poderia realizar o seu intento. Não se vai matar um cara desarmado!

Não deu outra. Ele saiu como um louco, em busca de sua caça, e voltou satisfeito porque tinha executado a vingança. Os prisioneiros, não. Esses foram preservados e, após a revista de praxe, encaminhados para a retaguarda.<sup>797</sup> (Motta, 2001e, pp. 310-311)

[...] tendo sido o Mega ferido no corpo. Quando voltou a si, chamou o 2º sargento-auxiliar Frederico Rodrigo Torres e disse: “Torres, a minha carta topográfica está toda cheia de sangue, pega a sua”. O Torres abriu a carta. Prosseguiu o Mega: “Agora, vamos reconhecer o terreno. Ali está o tal ponto...”. Reconheceu o terreno com seu subordinado, porque sabia da gravidade do ferimento. Tinha o corpo todo atravessado por estilhaços. Continuou o Mega: “A missão, vamos ver a missão”. A missão é essa, assim e assim; toma cuidado com isso e aquilo outro, e deu todas as ordens. *Aí, notou que um soldado estava olhando para ele, então disse: “O que você está olhando? A guerra é lá na frente. Vocês estão chateados porque eles me acertaram? Acerta o comandante deles, também. Vão à forra! Não tem nada, quem está no fogo é para se queimar.* [grifo nosso] Não se incomodem comigo... É lá na frente...”. [...] <sup>798</sup> (Motta, 2001d, p. 308)

---

<sup>797</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÉA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>798</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

Nota-se na pesquisa que apesar dos poucos exemplos acima, não são identificadas uma quantidade significativa de narrativas voltadas para a vingança na bibliografia selecionada. Em contrapartida, distinguem-se um grande número de relatos a destacar a boa relação dos combatentes com o inimigo.

O General-de-Brigada Murilo Gomes Ferreira, evidencia a sua percepção sobre os alemães capturados na Campanha e a ausência do desejo de desforra.

Defrontava-me com o inimigo tenaz que resistira e cumprira a missão até o fim em Monte Castelo, Montese, Castelnuovo, Zocca... Não podíamos esquecer, também, as atrocidades cometidas por vários deles contra militares e civis italianos. Quantos dos nossos haviam tombado pelas balas de muitos dos que ali estavam?

Ódio, revolta, vingança? Não. O que acabou por predominar foi um sentimento humano mais profundo, compaixão, pena; pois, estávamos presenciando cenas dolorosas entre aqueles homens. A maioria não se alimentava adequadamente havia mais de uma semana e, logo após receberem a ração C completa (6 latas), ficavam surpresos, emocionados, tremendo e inquerindo se todas as latas eram para eles. Não sabiam o que continham, nossos pracinhas os auxiliavam demonstrando como abri-las. Quando abriam a lata do *breakfast* (café da manhã) e deparavam-se com cigarros, fósforos, chocolate, leite em pó e até folhas de papel higiênico, o choque emocional era tremendo.

As reações eram comoventes. Alguns não fumavam havia meses, quando acendiam o cigarro e davam a primeira tragada, mãos trêmulas, olhos enchem-se d'água e as lágrimas brotavam. Quem não se emocionaria? Outros, esfomeados ao abrirem as latas e começar a comer tremiam, suavam e iam empalidecendo, desmaiando; obrigando nossos enfermeiros a socorrê-los. Naturalmente alguns não falavam, permaneciam isolados e apáticos. Outros juntavam-se em pequenos grupos e conversavam no idioma de origem. [...] <sup>799</sup> (Motta, 2001g, p. 251)

---

<sup>799</sup> Relato do General-de-Brigada MURILO GOMES FERREIRA, que na F.E.B. atuou como Subalerno da Companhia de Canhões Anticarro do 1º Regimento de Infantaria e Chefe do Campo de Coleta de Prisioneiros de Guerra, em Pontenure.

Anteriormente foi visto neste trabalho, que os expedicionários associaram diversas características, como a criatividade, o bom humor e facilidade de adaptação, como traços inerentes de sua nacionalidade. Às características natas do “homem brasileiro”, é somada a cordialidade, seja para com prisioneiros ou com a população civil. Sendo assim, o brasileiro também assume o papel de “homem cordial” no decorrer do conflito, o que supostamente seria um diferencial mediante as tropas de outros países envolvidos na Campanha Italiana.

No que tange a relação dos brasileiros com os inimigos alemães, Maximiano (2010) acrescenta:

[...] A ideia de manutenção de um espírito de cavalheirismo entre os combatentes que se digladiavam na guerra fazia parte da mística que cultivava um suposto espírito de nobreza e lealdade entre os militares, colaborando para atenuar a imagem das brutais e ímpias condições dos campos de batalha, como se eventuais demonstrações de humanidade em relação ao inimigo fossem suficientes para amenizar a matança sistemática da linha de frente. (p. 194)

Ao analisar os relatos abaixo, nota-se que o desejo de exterminar o inimigo mantinha-se até que este ganhasse rosto. O contato frente a frente com o adversário, parecia dissolver o ódio e aumentava a humanidade e a compaixão dos combatentes brasileiros.

Sobre o relacionamento do homem brasileiro [...] cito, como exemplo, que uma das maiores dificuldades que o Comando da FEB tinha, ao fazer um prisioneiro alemão, era evitar que os soldados brasileiros dessem, logo de saída, um cigarro para eles. O soldado brasileiro olhava aquele cidadão como se fosse o companheiro de outro time de futebol que tinha levado uma pancada, e queria consertar a canela dele. Davam cigarro, levantavam o moral do camarada, e esse, em consequência escondia as informações que possuía. [...] <sup>800</sup> (Motta, 2001d, p. 37)

---

<sup>800</sup> Relato do General-de-Exército ALACYR FREDERICO WERNER, que na F.E.B. atuou como Chefe da Subseção de Foto-informação da 2ª Seção do Estado-Maior. Entrevista concedida em junho de 2000.

[...] No dia seguinte, acharam um alemão morto dentro das nossas linhas e um cabo, também alemão, ferido com dois balaços na coxa. Como fora ferido dentro das nossas linhas, ele foi evacuado como se fosse um dos nossos, evacuado em padiola etc. Este cabo gemia muito com aqueles dois tiros. Depois, foi levado para o PC do Batalhão, onde iria sofrer o interrogatório inicial.

Recordo-me da chegada desse alemão ferido com a perna ensanguentada, mas já com os primeiros curativos feitos. O ataque tinha começado mais ou menos umas duas horas da manhã e já eram umas quatro, quatro e meia da manhã e o alemão estava lá, deitado em cima da mesa quando alguém veio trazer uma bandeja com cafezinhos, cafezinho brasileiro, quente. Cafezinhos maravilhosos.

Naquela época, na guerra, diga-se de passagem, obter café brasileiro era difícil, quase não existia. [...]. Lembro-me de que a primeira xícara foi oferecida ao alemão que estava deitado, ele ficou estupefato, não acreditava naquilo que estava vendo. Como é que ele, um elemento que meia hora antes estava fazendo parte de uma tropa de assalto, naturalmente para nos matar ali, era atendido em primeiro lugar?

Nesta solicitude, nesta prioridade, vê-se o espírito do brasileiro. Como ele era, ali naquela situação, o único ferido, gemendo com dois buracos na perna, o primeiro café foi para ele.<sup>801</sup> (Motta, 2001d, p. 213)

Assim vi o inimigo, pessoalmente, apenas três vezes, porque meu Pelotão fez três prisioneiros: um foi apanhado pelo Álvaro, na linha de frente. Nós colocávamos obstáculos de arame com umas granadas para prevenir a incursão de patrulhas inimigas. Eu tenho a impressão que ele tropeçou num daqueles obstáculos ou correu para se livrar, a granada explodiu, ele ficou meio tonto e o Álvaro, que era baiano de Feira de Santana, conseguiu prendê-lo. Tirou a arma dele e o trouxe para o Pelotão. Ele não era muito jovem, não. Ele já era um homem feito e, conversando com ele, meio em italiano, ele mostrou-me retratos da família, deu-me dois *slides*, em um deles

---

<sup>801</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

havia uma criança no colo e uma senhora. *Um cara preso, a gente entrega logo o coração. Demos cigarro e café a ele.* [grifo nosso]

Os outros haviam ultrapassado as nossas linhas e foram apanhados sem problemas. Esses eram mais novos. Havia um bem novinho. Talvez tivesse vinte e dois anos, não falava nada, nem de italiano, e experimentava o francês. Não entendia nada, e foi logo levantando as mãos. [...] <sup>802</sup> (Motta, 2001e, pp. 263-264)

O episódio contado pelo veterano Rubens Bera, mostra a vontade de alguns brasileiros em estreitar o contato, ao permitirem-se conversar com o inimigo.

Em Pisa havia um campo de concentração para prisioneiros alemães e quem tomava conta era os americanos. Como o pessoa de Santa Catarina falava o alemão corretamente, a gente se aproximava do portão do campo de concentração dos alemães para conversar e então ocorreu um caso interessante. Tínhamos um companheiro, cujo nome era Almir Schneider, cabo telefonista, e eu lhe disse:

- Schneider, conversa com os seus conterrâneos, eles estão presos aí, conversa com eles.

Um daqueles presos ouviu o nome Schneider e disse:

- Aqui tem um Schneider.

Foram chama-lo e quando ele chegou, começaram a conversar e acabaram descobrindo que eram parentes, porque o alemão sabia que uns parentes seus estavam no Brasil, em Santa Catarina, e coincidiu se de encontrarem.

Os alemães, através dos catarinenses, diziam que os brasileiros eram amigáveis e que os americanos não davam muito papo para eles. [...]

---

<sup>802</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

Eu recebia todos os dias um pacote com dez maços de cigarros e ganhava também uma barra de chocolate; dava tudo aquilo para os alemães, pois não fumava e então passava para eles. Eles fumavam escondidos.<sup>803</sup> (Motta, 2001c, pp. 274-275)

O orgulho dos expedicionários brasileiros por ter enfrentado um inimigo altamente adestrado, estende-se também a sua humanidade para com eles. As narrativas abaixo, mostram que, supostamente, o mesmo adversário aguerrido e difícil de combater, preferia entregar-se ao cordial Exército Brasileiro do que a outras tropas atuantes na Itália e esse seria mais um diferencial dos membros da F.E.B.

Quando estávamos em Montese, vieram dois infantess à nossa Unidade, não me lembro se eram do 11º RI, com três soldados alemães prisioneiros. Deram cigarros e chocolate para os alemães, tinha acabado a guerra, nós os tratamos bem.

Então entenda o nosso comportamento: no combate, a turma era dura e da pesada, mas quando um prisioneiro alemão se entregava, ficava um “anjinho”. Um Oficial deles, um Tenente que também passou por lá e não falou comigo, mas conversou com um oficial nosso, disse que eles preferiam se entregar aos brasileiros porque éramos uma tropa regular. O Exército Brasileiro era uma força organizada, não como as outras que estavam por lá, sem a mesma respeitabilidade dos brasileiros. E isso não é uma crítica, apenas uma exposição de fatos.<sup>804</sup> (Motta, 2001c, p. 152)

Também nunca vi um soldado brasileiro maltratar um prisioneiro ferido alemão; se estava ferido, era logo levado para os primeiros curativos e depois conduzido ao hospital. O prisioneiro não era maltratado, mas os alemães ficavam surpresos com isso, porque achavam que aquela tropa de latino-americanos iria mata-los ali.

---

<sup>803</sup> Relato de RUBENS BERA, que na F.E.B. atuou como Cabo Apontador da Linha de Fogo da 3ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>804</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

Numa ocasião, um homem de negócios da Alemanha, dando entrevista nos Estados Unidos, disse que era um oficial das forças alemãs, que tinha sido capturado por tropas brasileiras e pensou que iria ser degolado, mas foi bem tratado; foi para o primeiro interrogatório, depois para o segundo e por último foi entregue aos norte-americanos, sem que tivesse sofrido qualquer maus-tratos.

Quando estava sendo entrevistado, ofereceram-lhe um café e ele disse que preferia um café do tipo brasileiro, lembrando aquele episódio da guerra, quando era prisioneiro e foi levado a uma casa à retaguarda e lá entrou um oficial brasileiro, falando fluentemente o alemão, fazendo as perguntas de praxe nos interrogatórios. [...]

Sendo o brasileiro um latino-americano, ele lembrou daqueles filmes onde apareciam os mexicanos que vinham com seus prisioneiros, que iriam ser degolados. Ai entrou um soldado com uma bandeja de café e ofereceu a ele. Então ele disse que sempre tomava o café do jeito brasileiro. Depois foi entregue, como era regra, para os americanos, dentro do campo de concentração. Fez uma pausa na entrevista e disse: “É, os americanos não eram tão gentis assim!”. Esse fato ocorreu com um alemão contanto e ainda por cima nos Estados Unidos. Bem, assim era o soldado brasileiro, aprendia com o inimigo.<sup>805</sup> (Motta, 2001c, pp. 38-39)

Mantivemos, ainda, algum contato com os *partigianis*, que eram italianos guerrilheiros. Eles se mostravam arrogantes e matavam friamente o inimigo. Esse comportamento criminoso, derivava do ódio mortal que guardavam dos alemães, responsáveis, pela perda de seus pais, de esposas, de irmãos, de parentes queridos. Atuavam sempre com espírito de vingança contra aqueles que destruíram a paz de seus lares. É o que deixavam transparecer claramente.

Os *partigianis* queriam pegar o alemão e eliminá-lo. Sabendo disso, os alemães, quando eram aprisionados e viam, por perto, uma tropa de *partigianis*, corriam desesperadamente para se entregar aos brasileiros, com a certeza de que seriam bem tratados.<sup>806</sup> (Motta, 2001d, p. 157)

---

<sup>805</sup> Relato do General-de-Brigada RUBENS RESSTEL, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>806</sup> Relato do Coronel ELBER DE MELLO HENRIQUES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em junho de 2000.

O contato direto com prisioneiros alemães, trouxe a alguns expedicionários a oportunidade de levar diversos itens do inimigo como *souvenir* para o Brasil. Entre os itens, destacam-se armas e até medalhas dos adversários. A guerra apesar de ser uma experiência traumatizante, não deveria ser de todo esquecida.

Um grupo de soldados alemães, que foram aprisionados em Collecchio, foi colocado dentro de uma igreja. Fui um dos escalados para guarda daquele pessoal. Isso aconteceu de manhã, começaram a chegar por volta das 8 horas; fiquei de guarda, mas já falava um pouco de italiano e eles também. Houve troca de cigarro, troca de *souvenir*. Tenho uma medalha alemã que um deles me deu, no meio há uma cruz suástica, banhada em prata. O inimigo depois de capturado, procedia assim, a gente se entrosava. Inimigos até o momento em que eram feitos prisioneiros, depois deixavam essa condição, quase considerados normalmente como irmãos. À tarde, quando chegou o transporte para levá-los para o campo de concentração, já não tinham mais ressentimentos com quem quer que fosse. Lá na frente, porém, prevalecia o salve-se quem puder, éramos nós, ou eles.<sup>807</sup> (Motta, 2001c, p. 165)

[...] Num determinado ponto da estrada deparamos com um posto de sentinela, que nos alertou de que daquele ponto para a frente era território alemão. Disse, ainda, que os feridos já haviam sido evacuados para os hospitais. Essa última informação nos deu certa tranquilidade de que não encontraríamos inimigo, apesar do bom senso indicar que não deveríamos continuar. Era o primeiro dia do cerco da 148ª Divisão pela nossa tropa e a rendição estava em negociações. Por pura e absurda curiosidade, sem o menor sentido, decidimos prosseguir. Fomos andando, andando e, depois de uns dois quilômetros, chegamos a um largo, onde havia uma casa. Era o Posto de Comando do General Otto Fretter Pico, da 148ª. Começamos a conversar com o suboficiais que estavam ali; [...] Nisso, chegou um militar e nos perguntou, em italiano, que era a língua comum: “Vocês poderiam prestar-nos um favor?” “O que é?” Ele explicou: “É que um

---

<sup>807</sup> Relato de JOAQUIM CARLOS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Observador da Companhia de Comando do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

soldado nosso acabou de estourar uma mina que lhe atingiu o rosto e está numa situação muito difícil. Precisa ir para o hospital imediatamente”. Eu, então, disse: “Ó Édulo! Vá lá buscar uma ambulância para ele”. Mais um pouco e a ambulância transportava o ferido alemão.

Conquistamos aqueles “caras”. Na saída, deram-nos de presente um binóculo – tenho o meu até hoje – e pediram-nos que voltássemos. Como estava prestes a rendição, eles começaram a dar o seu material.<sup>808</sup> (Motta, 2001d, pp. 38-39)

[...] Meu contato pessoal com os alemães não foi grande, mas os prisioneiros que fiz me pediam, logo, chocolate. Nós os tratávamos bem, dávamos comida, chocolate, cigarro. Trouxe algumas lembranças da guerra, que troquei com os alemães por chocolate. Uma bússola, uma caneta, um distintivo parecido com uma águia. Também trouxe outras coisas, como um jogo de damas que encontrei em uma casamata próxima ao topo do Monte Castelo. Foi naquela casamata destruída por uma granada de artilharia que entrou pela vigia. Eles jogavam dama no local.<sup>809</sup> (Motta, 2001e, p. 332)

Havia um sargento alemão, enfermeiro, grandalhão amparando um jovem tenente ferido na coxa, sem poder andar. Estavam armados. Eu estava só nesse dia.

Conversei com o sargento alemão rapidamente, seu italiano era horrível. Pedia carona até o posto de rendição. Desci, colocamos o Tenente no banco traseiro, bem atrás do lugar do motorista. O sargento enfermeiro ao lado, amparando o ferido. Eu fiquei na frente. Mal comecei a movimentar o jipe senti a mão do Tenente batendo no meu ombro. Olhei, ele estava com uma pistola Walther na mão. Eu pensei: “Puxa! Na hora da guerra acabar, quando tudo já acabou é que vou morrer?”

---

<sup>808</sup> Relato do General-de-Exército ALACYR FREDERICO WERNER, que na F.E.B. atuou como Chefe da Subseção de Foto-informação da 2ª Seção do Estado-Maior. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>809</sup> Relato de MOACYR MACHADO BARBOSA, que na F.E.B. atuou como Sargento-Orientador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

Quando olhei para ele, meio assustado, disse-me: “Presente para você”. Ele estava agradecido me dando a sua pistola de presente, e ainda deu-me algumas caixas das excelentes balas alemãs.<sup>810</sup> (Motta, 2001d, pp. 204-205)

A cordialidade do “homem brasileiro”, abrangia também os civis que cruzavam seus caminhos. São identificados diversos relatos sobre a natureza bondosa dos combatentes e de seus esforços para amenizar o sofrimento dos italianos. A relação entre brasileiros e civis de acordo com os veteranos, foi positiva.

Além disso, há que se afirmar que o brasileiro é afável, caridoso e bondoso, fazendo com que tivesse um relacionamento excelente com a população local. A afinidade com o idioma também permitiu que facilmente se entendessem, aprendessem rapidamente os termos básicos do italiano e conseguissem conversar. Tudo isso criou um ambiente de ligação muito bom com o povo italiano.<sup>811</sup> (Motta, 2001d, p. 60)

A índole do brasileiro – somos cordiais e também latinos – ajudou no relacionamento bastante bom que existiu com os italianos. Criou-se um contraste muito grande com os alemães. Eles diziam que os alemães eram prepotentes, os tratavam mal.

Na Fase Defensiva, durante o inverno, quando o contato com algumas famílias foi mais demorado, receberam-nos muito bem. [...] <sup>812</sup> (Motta, 2001d, p. 275)

O brasileiro, ou seja, os integrantes da FEB – oficiais e praças – apresentavam um sentimento diferente do europeu. O brasileiro é afetivo, comunicativo, festeiro, gosta de música, alegre e

---

<sup>810</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>811</sup> Relato do General-de-Exército SEBASTIÃO JOSÉ RAMOS DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Adjunto da Seção de Inspeção do Estado-Maior. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>812</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

tenta animar o próximo. O brasileiro é assim em qualquer parte do mundo, seja na guerra ou no esporte, ele é sempre o mesmo. O brasileiro é fora de série. E o povo italiano foi, pouco a pouco, sendo conquistado com amizade aberta, franca e sincera. Por isso houve até casamento de pracinhas. No princípio os italianos estranharam os pracinhas, devido à propaganda alemã que pintava o brasileiro como um soldado estranho, esquisito, bárbaro. No entanto, a realidade se mostrou outra. Um detalhe curioso é que o italiano estranhava o fato de os brasileiros tomarem banho todos os dias. Os europeu eram um pouco diferentes de nós em relação a isso...<sup>813</sup> (Motta, 2001e, p. 141)

O relacionamento com a população local foi o melhor possível. Não há dúvida de que o povo italiano sofreu muito, porque, o alemão ia recuar, procurava destruir tudo o que era possível na região que deixaria, com enormes prejuízos para os seus habitantes. Mas o soldado brasileiro, ao contrário, os tratava com respeito e humanidade e, com a sua maneira alegre e descontraída, angariava a simpatia de todos, estando sempre pronto a oferecer um cigarro, que era coisa difícilima naquela ocasião, e uma barra de chocolate para atenuar a fome daqueles que não tinham coisa alguma para comer. Entretanto, mantinha-se sempre alerta para obter dados sobre o inimigo e não deixar vaziar informações que lhe pudessem ser úteis.<sup>814</sup> (Motta, 2001e, p. 228)

[...] Os brasileiros tratavam muito bem os italianos, levando-lhes cestas de comida. [...] O brasileiro não é travesso, é humilde, é amigo. Disso os norte-americanos tinham inveja. Os italianos não iam para o acampamento deles, só para o brasileiro. Eles diziam que os americanos batiam neles e o brasileiro, não. A gente, com a comida dentro da marmitta, recebendo das panelas e ali mesmo jogava por trás, na sacola deles. O americanos tinha inveja da gentileza do brasileiro. [...] <sup>815</sup> (Motta, 2001b, pp. 190-191)

---

<sup>813</sup> Relato do Coronel MANOEL VALENÇA MONTEIRO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>814</sup> Relato do Tenente-Coronel JOEL LOPES VIEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>815</sup> Relato de ABDIAS DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Soldado da 1ª Companhia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Quanto aos italianos, eram famintos. Eles imploravam por cigarros, por comida, por qualquer coisa; faltava tudo para eles. Até manta pediam. Tudo o que podíamos dar, o que era possível, dávamos. O brasileiro é muito bondoso, o coração pesa muito!<sup>816</sup> (Motta, 2001e, p. 344)

A população civil contou com o apoio dos expedicionários brasileiros no fornecimento de comida, cigarros e outros itens que consideravam essenciais e, em alguns casos, tiveram a possibilidade de serem atendidos pelos Serviços de Saúde da F.E.B. Ocasionalmente, os combatentes realizavam trocas com os civis. As rações e cigarros poderiam ser trocados por manteiga, vinho, queijo, pão e outros itens que não eram de fácil acesso durante a guerra.

[...] sempre fazíamos alguma doação, o nosso Coronel era muito humano, sempre com energia e disciplina, mas muito amigo. Eu lembro que um dia tínhamos conseguido uma lata de picadinho americano, aliás de paladar ruim, acho que nem americano comia. Levamos para uma menina que estava com anemia e nem bem eu estava chegando e já tinha outro brasileiro levando a ração, porque sabíamos que criança não tinha culpa de coisa alguma e merecia ser ajudada.<sup>817</sup> (Motta, 2001c, p. 155)

Sobre o relacionamento dos nossos soldados com a população local, com os italianos foi boa, porque o brasileiro tem aquela simpatia, tem aquele jeito diferente. Todo soldado quando vai para a guerra torna-se perverso, rude, não tem compaixão, não tem nada disso, mas o brasileiro não é assim [...]

A respeito do relacionamento com os italianos pode-se dizer que os mesmo eram muito bons com os brasileiros, porque o brasileiro não tem aquele instinto de maldade. Até o próprio

---

<sup>816</sup> Relato do Sargento RUBENS LEITE DE ANDRADE, que na F.E.B. atuou como Sargento-Auxiliar do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>817</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

alemão, quando era preso pelo brasileiro, já vinha falando: *“Brasileiani, tu tem scatoleta, tu tem cigarrete?”*.

Quando nós estávamos acampados, havia uns italianos e eles se davam muito bem com a gente. Conheci uma italiana que sempre me convidava para eu ir na casa dela, para comer alguma coisa; eu não gostava dessas coisas, mas recebia ração e trocava com ela: eu dava a minha ração para ela e ela fazia uma broas e me dava. [...]

[...] E ela tinha uma filha, uma menininha, ela andava com o pezinho descalço, no gelo, não tinha calçado, não tinha nada. Como eu viajava muito, encontrei um sapatinho de couro com o solado de madeira, parecido com um tamanco, comprei para a menina e levei de presente. A italiana, mãe da garotinha, ficou muito agradecida. [...] <sup>818</sup> (Motta, 2001c, pp. 265-266)

Até vou contar agora um caso que aconteceu. Nós estávamos na cidade de Quiesa e ficamos lá muito tempo, você sabe como é soldado, a gente procurava a casa de um italiano para beber vinho. [...] E eu escutei um gemido e perguntei o que era. Era um homem que estava como braço machucado e me perguntou se eu não queria trazer um remédio, falei: “Claro!” E no dia seguinte levei sulfa, que era o que a gente usava, em pó. O coitado do italiano estava com o braço bem inchado, ele disse que escorregou, caiu e infeccionou o braço. Não tinha nada com o que curar e passe sulfa, mas vi que não dava em nada. Fui até a Triagem e falei com o Doutor Paulo Cantom [...] Conte para ele e ele disse: “Traz o velho aqui”. Fui lá no dia seguinte, levei o velho com o braço todo inchado.

O doutor olhou, passou iodo no braço do velho, cortou, tirou o pus e passava uma gaze de lá para cá por dentro, como se estivesse engraxando um sapato. Eu nem quis olhar. Disseram que quando ele saiu dali resmungava tanto de dor, levou bastante medicamento. Quando acabou, o médico falou que enquanto a gente estivesse ali dava um jeitinho de fazer um curativo ou qualquer coisa, e tanto é que eu fiz. Fui embora daquela cidade e quando paramos na estrada já em cima dos caminhões que nos levariam para outro lugar, a família toda daquele italiano

---

<sup>818</sup> Relato de RAUL KODAMA, que na F.E.B. atuou como Motorista da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em setembro de 2000.

estava na estrada e o velho chorava. [...] Deu-me assim uma certa alegria por ter visto o velhinho convalescente, chorando e acenando para nós.<sup>819</sup> (Motta, 2001c, pp. 209-210)

Em relação à população local, foi bom nosso relacionamento, tanto é que quando saímos de Braine e desmontamos o rancho, todo material que sobrou foi distribuído para o pessoal daquela área, na frente do quartel. Eles se tornaram nossos amigos, e quando saímos em direção a Pisa, só se ouvia aquela choradeira, não queriam que fôssemos embora, preferiam que os brasileiros continuassem lá.<sup>820</sup> (Motta, 2001c, p. 279)

[...] Recebemos o jantar daquele dia, e, no dia seguinte, o café da manhã. Como ficava pertinho de onde estava a Companhia, a comida chegava quente. Veio o almoço, o pessoal almoçou, e aí chegou o almoço do outro Pelotão que deveria me render e que não veio, porque houve um deslocamento do Regimento. A tropa foi embora e não houve essa substituição. Dobrei o serviço com o meu Pelotão. Fiquei com o rancho do meu Pelotão e o rancho do outro. Eu fiquei com aquilo tudo e me perguntando: “O que nós vamos fazer com isso, se daqui a pouco vem o jantar?” Chamei um cidadão, que até tirou um pouco de comida para ele, que me sugeriu chamar o padre da Igreja de Santo Alexandre. O padre disse: “Temos aqui um orfanato com umas trinta crianças e estamos passando por muita dificuldade. A gente arranja comida com as tropas que passam, com as tropas de ocupação, mas nunca tivemos tanta comida assim.” Botei aquilo tudo no jipe e o padre me levou até o colégio das freiras, o orfanato. Como todo colégio de freiras, estava tudo muito limpinho, muito arrumado, apesar da guerra. A freira agradeceu muito e rezou por mim. Acho que foi por isso que eu nunca corri muito perigo. Ela me convidou para visitar o colégio e eu logo aceitei. Afinal, era professor. E qual é o professor que não quer visitar um colégio? Havia umas salinhas de aula e entramos numa em que uma das freiras estava ali, com as crianças sentadas. Quando nós entramos na sala, as crianças se levantaram e fizeram a saudação fascista: “*Duce...*” Saudava-se três vezes “*Duce! Duce! Duce!*” A freira quase

---

<sup>819</sup> Relato de JÚLIO DO VALE, que na F.E.B. atuou como Padioleiro do 1º Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>820</sup> Relato de RUBENS BERA, que na F.E.B. atuou como Cabo Apontador da Linha de Fogo da 3ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em julho de 2000.

morreu de susto, e escutei o padre dizer, entre os dentes: *Questi fascisti maledetti!* Ai, a freira falou em italiano: *Excusate, signore tenente, ma noialtre eravamo costrette a fare, queste cose tutti sera: Duce! Duce! Duce!*. Ela pediu desculpas... Este episódio me marcou muito, pois pude ver como o fascismo vai fazendo a cabeça das pessoas desde criança. Pensei, então, na maneira de ser do brasileiro e fiquei feliz por sê-lo.<sup>821</sup> (Motta, 2001e, pp. 246-247)

Com os italianos também nos relacionamos muito bem. Em qualquer lugar que chegávamos, depois dos alemães se retirarem, éramos recebidos com festa, eles diziam *brasiliani liberatori*. Se quiséssemos era festa de manhã à noite. Sempre contaram com o nosso apoio, em comida inclusive. Como eu era casado, minha mulher me mandava sempre uns caixotinhos com goiabada e café. Eu fazia o café e, quando havia oportunidade, oferecia às famílias italianas. Era uma alegria. Eles tinham dinheiro, liras, mas não tinham onde comprar café.<sup>822</sup> (Motta, 2001e, p. 333)

Sempre ia até os padres, coitados. Presenteava-os com alimentos deixando-os alegres, pois, revelaram-nos, passavam fome. Eu levava o reboque do jipe cheio de comida, de tudo o que podia para deixar com eles. Mas tinha que chegar lá cedo, porque davam nove, dez horas da noite e não se entrava mais. [...] <sup>823</sup> (Motta, 2001d, p. 175)

Se a vida dos civis que não estavam em áreas de alto risco já era extremamente difícil, para os que optaram por permanecer em suas casas nesses locais, era ainda pior. Algumas casas mantiveram-se ocupadas por seus moradores originais que decidiram não abandonar suas moradias, mesmo que estivessem posicionadas no meio do fogo cruzado.

---

<sup>821</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>822</sup> Relato de MOACYR MACHADO BARBOSA, que na F.E.B. atuou como Sargento-Orientador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>823</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

Essas casas, eram solicitadas por forças Aliadas ou do Eixo e seus proprietários eram muitas vezes expulsos de seus lares, para que a tropa se apropriasse do local. De acordo com as narrativas, esse convívio deu-se de forma completamente diferente quando eram os brasileiros a ocuparem essas moradias. Alguns combatentes, optaram por não expulsar essas famílias e ao dividirem o espaço e o dia a dia com eles, estreitaram ainda mais seus laços de amizade com os civis.

Quanto ao relacionamento com a população local, podemos afirmar que foi muito bom, os italianos nos adoravam. Precisávamos estabelecer um PC; ocupava-se uma casa de italianos, eles levavam os colchões e dormiam nas cozinhas e às vezes em mais uma peça; assim, eles se ajeitavam. Eles pediam para fazer a comida para nós no PC, porque assim, comiam um pouquinho de carne e tomavam um pouquinho de leite, que eles não tinham. Uma senhora me disse que há cinco anos depois do início da guerra não tomava leite. As crianças recebiam por semana na Itália 100 gramas de açúcar; era um racionamento terrível.

O italiano vibrava; eles me diziam que o alemão não convivia com eles, porque temiam a espionagem; os italianos eram os nossos amigos, as mulheres lavavam a roupa. O acolhimento foi muito bom durante toda a guerra.<sup>824</sup> (Motta, 2001d, pp. 99-100)

O relacionamento com a população local foi ótimo. Dois povos latinos que conviveram muito bem.

Há um fato que eu destaco sobremaneira. O meu PC em Volpara ficava numa casa de três andares, muito bombardeada, não só pelos alemães, como também pelos americanos. A família, dona da casa, era tímida, humilhada, com fome. Por circunstâncias da guerra, ali foi instalado o meu PC, no andar térreo, menos exposto aos bombardeios. A família foi para os andares superiores, mais perigosos. Eu não podia fazer de outra forma.

Era a casa de campo de um médico. Frio intenso. Eu permitia que durante a noite eles se aproximassem da lareira e que confeccionassem sua alimentação naquele local. Eles, no

---

<sup>824</sup> Relato do General-de-Brigada GABRIEL D'ANNUNZIO AGOSTINI, que na F.E.B. atuou como Comandante de Subunidade do Depósito de Pessoal e, posteriormente, oficial de Estado-Maior do I Grupo de Obuses. Entrevista concedida em julho de 2000.

início, agiam com muito respeito, mas com certo temor e desconfiança. Com o tempo, foram se acostumando e apreciando mais soldado brasileiro.

A família era composta do chefe, um médico, pai de um menino de uns 13-14 anos. Havia uma mocinha, de uns quinze anos, que eu julgava fosse irmã do rapazinho. Havia mais ainda uma senhora, professora daquele Pico Paese, nome que davam a um vilarejo (distrito), com, talvez, mil ou duas mil pessoas. Tudo que nos sobrava de comida, dávamos para eles. Certa vez eles fizeram uma polenta para o Capitão Comandante da 7ª Companhia. Eles também guardavam alimentos. Sua propriedade era uma espécie de chácara ou coisa semelhante. Eu os tratei muito bem e eles ficaram muito gratos.<sup>825</sup> (Motta, 2001d, p. 80)

Com imensa satisfação, lembro aqui, também, que o tratamento dado pelos brasileiros aos italianos em geral, que sofriam aquela guerra dentro de sua terra, que convivia com o conflito no interior de suas casas, foi sempre o melhor possível. Eu mesmo nunca saí de uma casa italiana que não tivesse choro, nunca, porque, em troca da hospedagem, eu procurava ajudá-los, por não ser difícil de observar que passavam muita fome. Então, eu pegava o meu almoço, enchendo a marmita ao máximo, e comíamos juntos, completando com arroz e o macarrão que possuíam. Eles se mostravam gratos, porque passavam fome há três anos, o que não é brincadeira.

Ficaram, sem dúvida, reconhecidos e, hoje, quando vamos lá, eles fazem festa.

[...] Contavam, com satisfação, as benemerências que os brasileiros faziam. Destacavam o fato de que o nosso pessoal tinha cuidado com eles e nunca os tirava de suas casas, como faziam a maioria dos aliados, que possuíam o ódio que não tínhamos, e chegavam dizendo: “você têm duas horas para deixar essa casa, que nós vamos ocupar”. Evidentemente não eram todos, mas nenhum brasileiro agiu dessa forma.<sup>826</sup> (Motta, 2001d, p. 157)

---

<sup>825</sup> Relato do General-de-Divisão HELIO PORTOCARRERO DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>826</sup> Relato do Coronel ELBER DE MELLO HENRIQUES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em junho de 2000.

O relacionamento com a população local não podia ser melhor; eu vivia numa casa de uma família italiana, em que tratávamos os velhos de *mamma* e *papá* – de mãe e pai – e eles me adoravam; no dia que eu saí de lá, choraram.<sup>827</sup> (Motta, 2001d, p. 236)

Mas nós passamos aquela noite ali. Enquanto a gente estava deitado no chão o capacete era o travesseiro. Nós estávamos numa casa que tinha um casal com criança pequena, de peito, mamando. A criança chorava muito e eu perguntei por que ela chorava tanto? A mãe disse: “É porque eu não tenho leite”. E eu tinha leite em pó na minha ração e pude ajudar. Foi gratificante atenuar aquele sofrimento por algum tempo.<sup>828</sup> (Motta, 2001e, p. 248)

Para a população civil, receber estes militares em suas casas poderia trazer mais perigo do que a própria ação constante das armas sobre seus tetos, principalmente para famílias com mulheres e jovens.

[...] A família morava na casa, as moças muito bonitas; os alemães não viram as moças pessoalmente, mas viram as fotografias delas, e numa das vezes que o pai foi lá espiar de fora da casa (ele não podia nem entrar na casa) olhou para ver o que estava acontecendo; o alemão o reconheceu, e chamou-o e o comandante perguntou: “Onde estão as suas filhas?” “Estão nas montanhas”, ele respondeu. “Então traga-as para cá”; o italiano concordou. Não tinha como dizer não. Porém, não as trazia com medo de fazerem qualquer mal contra as jovens. Sabem o que aconteceu? Ele ficou muitos dias sem aparecer por lá e quando surgiu seguraram-no. Por que não trouxe as suas filhas? Amarraram dinamite nele e detonaram.

Quando recebi uma missão de guardar uma estrada muito importante ali na região, cheguei lá, bati na porta e falei que estava precisando ocupar a casa; a mulher temerosa, disse

---

<sup>827</sup> Relato do Coronel MÁRIO DIAS, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>828</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

que tinha quatro filhas. Eu falei que nada iria acontecer com as filhas dela, que podia ficar sossegada porque eu nem iria à sua casa; o pessoal dormiria embaixo dos escombros, ao lado. Era guerra e aquela posição era muito importante; no decorrer daqueles quatro dias em que permanecemos lá, tivemos um comportamento muito correto e a senhora ficou muito agradecida. De madrugada, saímos sem dizer até logo, porque aparecia transporte a qualquer momento, mas depois, mais adiante eu a visitei. [...]; quando estive lá, perguntei a ela: “E as filhas onde estão?” *“Soni tute emaritate”*, estão todas casadas.

[...] Acho que esse convívio foi uma satisfação muito grande, porque o soldado dividia a sua comida com algum italiano, às vezes arranjava farinha, arranjava um pouco de manteiga, um pouco de feijão, café e açúcar, porque eles não tinham isso; não adiantava ter dinheiro porque não havia o que comprar, não havia comércio, não havia nada. Os nossos médicos eram combatentes, Piaçom era um deles, o Massaki era outro, atendiam o pessoal italiano; imaginem que coisa boa, que relacionamento bom.<sup>829</sup> (Motta, 2001c, pp. 188-189)

Eu acho que o italiano não se queixou do brasileiro, porque tínhamos uma segurança tão grande, um respeito, uma ordem de ninguém se aproximar das mulheres. Inventaram até um boato que o cara que corresse atrás de uma mulher ia para o saco de areia. Não sei se aconteceu isso. Era um saco de areia mesmo de cinquenta quilos nas costas do soldado. Era o castigo. Você ficava lá no Sol com aquele saco pendurado nas costas.

Se o soldado quisesse casar com uma italiana poderia, mas somente depois que terminasse a guerra. [...] <sup>830</sup> (Motta, 2001b, p. 190)

Sobre o relacionamento dos brasileiros com os italianos, comigo não foi grande porque, naturalmente, se refugiavam, quando estavam na “terra de ninguém”, entre a linha alemã a linha brasileira. Abrigavam-se em outros lugares. Mas, às vezes, em alguns locais como

---

<sup>829</sup> Relato do Bacharel JOSÉ GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>830</sup> Relato de ABDIAS DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Soldado da 1ª Companhia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Lacazone, em frente ao Monte Castelo, bem distante do alemão, havia uma família com a qual nos relacionávamos muito bem, inclusive com uma mocinha de uns 13 ou 14 anos que foi muito respeitada. Eu só pensava em minhas irmãs, nas brasileiras e esperava que a guerra jamais acontecesse no Brasil, porque quem pena mesmo é a população civil. O soldado sofre mas tem comida, uma ração, tem seu descanso, tem tudo e a população civil não tem nada, por vezes, perde até o teto, perde tudo. A gente fiscalizava e monitorava o comportamento do soldado, porque sempre existiu um mais afoito, que poderia desrespeitar a mocinha ou outras senhoras que estivessem por ali, por sinal, mulheres bem bonitas, com um rosto que parecia uma maçã madura.

A gente ficava com receio que alguém perdesse o respeito e pudesse exagerar, mas não, no meu Pelotão de mais de quarenta homens nunca aconteceu isso. Os companheiros de Artilharia, por exemplo, das armas pesadas, tiveram um procedimento também respeitoso. De um modo geral foi bom, de amizade e o brasileiro dava as sobras de comida, não nos faltava alimento. [...] <sup>831</sup> (Motta, 2001c, p. 257)

A suposta boa índole e a cordialidade nata dos brasileiros, seja para com civis ou prisioneiros, poderia amenizar psicologicamente a dureza do conflito para parte dos expedicionários. No entanto, tais atitudes não neutralizavam de todo as demandas negativas da guerra. A rotina incluía em suas bases diárias a violência, a morte, cadáveres e feridos e essas temáticas tornaram-se corriqueiras em seu cotidiano. Apesar da cordialidade para com civis e adversários serem maioria, o endurecimento das emoções vigorou para alguns elementos da F.E.B.

Estes combatentes tinham a consciência de que a frieza e a indiferença diante da morte e do outro eram provocadas pelas circunstâncias do conflito. O distanciamento psicológico, nestes casos, era necessário para continuarem a atuar na Campanha Italiana. O que era impensável em tempos de paz, passa a ser escusável na guerra.

---

<sup>831</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Nós, brasileiros, já tínhamos aprendido algumas gírias em italiano, falávamos com eles. Nosso contato com os italianos foi muito bom. No início, quando cheguei, havia um local (tonel) junto à fila do rancho onde se jogava fora o que sobrava. Eu disse para não se jogar fora a sobra, para dar ao pessoal (os italianos) que morava próximo ao acampamento. Eu disse de brincadeira, mas fizeram isso, porque se jogava comida fora sem razão. *No final da campanha, tal é a brutalidade da guerra, que eu já não me preocupava mais com coisas assim, infelizmente.* [grifo nosso]<sup>832</sup> (Motta, 2001f, p. 209)

Eu tenho duas visões da guerra. Primeiro, é a visão do civil, da minha formação universitária. Para a formação universitária, a guerra não é uma coisa boa. A guerra é sempre uma perversão humana, é uma coisa condenável. A gente sabe até pelo que disse Clausewitz, que a guerra é o confronto de duas vontades opostas em que uma quer se impor à outra. E para isso é preciso destruir o inimigo. Seria talvez o mal necessário, como foi para destruir o nazi fascismo, que queria submeter uma raça a outra, uma nação a outra, usando a força e a destruição e o assassinato. [...]

*A guerra embora sendo, às vezes, um mal necessário, extrapola aquilo que considero humano e civilizado.*

*Agora como militar, eu achei que a guerra ocorreu perfeitamente dentro dos parâmetros que tinham que ser adotados. Quando eu recebia a ordem de bombardear uma torre de igreja, paciência, fazia o que era determinado. Muitas vezes a gente ainda ficava em dúvida, mas o homem é um ser tão instável, que ele passa da piedade à crueldade em um instante.* [grifo nosso] Então um perguntava: “Acertou?” O outro respondia: “Acertei.” “O que é que tem lá?” “Foi pena que voou.” Expressão muito usada, na guerra, para definir o alvo destruído. Essa expressão foi consagrada na guerra e, até hoje em dia se diz “foi pena que voou” quando uma coisa é muito violenta. Naquela época, normalmente, os agasalhos eram todos feitos de pena, de pena de ganso, e as propriedades, quase todas, tinham muitas aves entre suas criações.

---

<sup>832</sup> Relato do Economista OSWALDO GUDOLLE ARANHA, que na F.E.B. atuou como Soldado Intérprete e motorista da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2001.

Quando uma habitação, uma propriedade, era bombardeada, depois da fumaça, levantava aquela porção de penas. Daí, a expressão.<sup>833</sup> (Motta, 2001e, pp. 264-265)

Pouco antes, ao realizar o reconhecimento de mortos em ação, chamado por um Tenente Comandante de Pelotão, eu recebi um choque emocional. É preciso aqui uma explicação. Ao sairmos para La Serra, notei que havia muitas faltas no efetivo de um dos pelotões. Ao interpelar o Tenente, sobre a quantidade de faltas, ele me respondeu que os homens ausentes estavam enfermos.

Energeticamente, disse ao Tenente que chamasse todos os doentes e os colocasse em forma, o que foi feito. O Pelotão partiu completo para a ação. O Tenente Cândido, Observador Avançado de Artilharia, presenciou o fato dizendo-me: “Nunca pensei que você fosse capaz de tal atitude”.

Mas, aí é que está o valor de um Tenente. Na hora da missão, não pode haver companheirismo. A fatalidade fez com que um desses homens fosse vitimado em combate. Tratava-se do soldado Francisco Walter Savastano, cujos restos repousam no Monumento. Ao observar, no solo, aqueles soldados inertes, uns eram nossos, outros eram da 6ª Companhia, o Tenente aponta um deles e diz: “Esse era um daqueles que você fez entrar em forma!” “Qual seria a minha reação? Nenhuma, eu dei as costas e me retirei. Eu tinha e tenho, até hoje, a minha consciência tranquila. Cumpri o meu dever, a minha obrigação. Aquilo foi uma fatalidade. Lastimo, lastimo muito e reverencio a sua memória. Foi um soldado brasileiro que ali tombou.”<sup>834</sup> (Motta, 2001e, p. 98)

Durante o exercício para um grupo de brasileiros, em que os instrutores eram todos americanos, um dos nossos colegas perguntou ao Tenente americano também com o corpo colado ao solo para se proteger dos tiros: “Tenente, qual a margem de segurança para realizar esse tiro?”

---

<sup>833</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>834</sup> Relato do General-de-Brigada RUY LEAL CAMPELLO, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da 5ª Companhia do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

Quando o instrutor, inadvertidamente, levantou a cabeça, levou um tiro na nuca, prostrando-o ao solo, vindo a morrer instantaneamente. O Major chefe do grupo de instrução parou o exercício e tirou a minha turma de lá. Chamou a turma seguinte e repetiu o mesmo exercício, como se nada tivesse acontecido. *A responsabilidade era da guerra, que nos torna insensíveis e até desumanos.* [grifo nosso]<sup>835</sup> (Motta, 2001e, p. 312)

A guerra embrutece, vê-se tanta coisa ruim, tanta coisa sem sentido, que você embrutece também. Vê-se o sofrimento, vê-se o diabo. Logo, é capaz de uma promessa de vingança, que se esvai quando chega a paz.

O pior é que sofre o inocente, mas não aqueles que promovem a guerra, que ficam nos seus gabinetes e mandam outras pessoas no lugar deles. Veja esse menino mesmo que morreu, o Mendanha, era um rapaz goiano, maravilhoso, um trabalhador rural, nem sabia o que era a Alemanha! Um homem desse deixa a família aqui no Brasil e acaba por morrer no campo de batalha.

Não tem sentido! A guerra não tem sentido!<sup>836</sup> (Motta, 2001e, p. 319)

[...] Então quem poderia conduzir o tiro sobre esses alvos era o observador aéreo. Se não me engano, foi o Elber de Mello Henriques que os conduziu e, depois, perguntei-lhe: “Como foram os tiros?” Ele me respondeu: “Werner, uma daquelas casas que você mandou bombardear... saía alemão pela janela!”

A explicação para a surpresa é simples. Enquanto eles olhavam a casa e não viam nada, a não ser a própria edificação, portanto sem nenhum motivo para se tornar um alvo, eu percebia que a mesma estava ocupada por tropa alemã pela intensidade das pistas existentes, comparada com uma casa onde residisse uma família italiana. Era a vantagem da fotografia aérea. *Posso,*

---

<sup>835</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>836</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

*infelizmente, ter concorrido para a morte de algum italiano... Mas, é a guerra. [grifo nosso]*<sup>837</sup>  
(Motta, 2001d, pp. 43-44)

Não gravei nomes, localidade, nada. Também, não me interessava por isso. Não sabia se daqui a dois minutos estaria vivo. Vivia a hora, os minutos. Mesmo com toda essa amizade que você tinha com seus companheiros, se viesse a morrer um, você não ligava, rapaz. Você não sentia aquela dor. Era a mesma coisa que tivesse matado um animal. Você ia cuidar da sua vida. A guerra transforma o homem numa fera. Eu não me compadecei de ter companheiros feridos.<sup>838</sup>  
(Palermo, 2002, como citado em Maximiano, 2010, p. 118)

Outro aspecto imbrincado, especificamente, com a guerra e o combate, é que, a partir de um certo momento, a pessoa fica anestesiada e começa a ver as coisas como corriqueiras, normais. Não se pode fugir desse estado de insensibilidade, que atinge a cada um de maneira completamente diferenciada. Eu me sinto, atualmente, muito mais sensibilizado do que naquela época, que encarava os acontecimentos com muito mais frieza. Hoje, eu não consigo descrever essas lembranças sem me emocionar<sup>839</sup> (Motta, 2001a, pp. 294-295)

A relação com a morte, antes um assunto tão distante em suas vidas civis, passou a vigorar no cotidiano dos combatentes, gerando reflexões e fixando-se em suas memórias. Ademais, por mais que soubessem que a guerra envolvia tal risco, alguns o tomaram como algo inesperado. A morte havia perdido o seu caráter típico dos acontecimentos privados, destinada apenas a um parente idoso ou a alguém hospitalizado, agora os rondava como uma probabilidade presente e palpável. (Maximiano, 2010)

---

<sup>837</sup> Relato do General-de-Exército ALACYR FREDERICO WERNER, que na F.E.B. atuou como Chefe da Subseção de Foto-informação da 2ª Seção do Estado-Maior. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>838</sup> Relato do veterano FERDINANDO PALERMO. Entrevista concedida em 2002.

<sup>839</sup> Relato do Coronel SÉRGIO GOMES PEREIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III/11º RI. Entrevista concedida em abril de 2000.

Outro episódio que, ao falar sobre ele, muito me emociona. Eu e o Samuel, da metralhadora, estávamos em uma posição e havia uma casa, onde conversávamos com os italianos, uma família com uma garotinha talvez de uns dez ou doze anos; na hora do jantar os italianos estavam à mesa, sentados. O alemão começou a atirar com Artilharia, mas o triste é que uma granada explodiu no quintal, uma partícula pequena de estilhaço entrou pela janela e atingiu a menina, matando-a e não pegou em mais ninguém. Mais uma vítima inocente da guerra. Houve muitas coisas, mas essa ficou gravada e eu já tinha até conversado com a garotinha, já tinha até brincado com ela e de repente... a morte!<sup>840</sup> (Motta, 2001c, p. 125)

Houve, também, o episódio da ação em força, quando recebemos ordem para trazer um prisioneiro (vivo ou morto), a fim de saber qual era a Unidade que iríamos combater. Felizmente ou infelizmente, meu Pelotão não foi indicado, mas ajudei a chegar, pois sabia ler os mapas. Quando o Tenente Comandante do Pelotão foi distribuir as missões de cada Grupo, meus companheiros olharam-me com uma certa inveja, porque eu não recebi missão alguma. Eu disse: “Não, a guerra é minha e eu vou com vocês”. Foi uma situação muito difícil, porque fui enquadrado por um morteiro e desapareci naquela nuvem de pó e fumaça. Quando o vento clareou a situação, vi um monte de gente caída ao meu lado. Tentei pegar um companheiro enfiando a mão no seu cinto de guarnição e puxá-lo. Chamava o padoleiro, que não apareceu. Andei uns quarenta metros, mais ou menos, até o Posto de Socorro. Ao chegar, o enfermeiro disse que ele estava morto e fiquei chocado, muito chocado mesmo. Foi um momento difícil.<sup>841</sup> (Motta, 2001c, p. 130)

Ali em Collecchio, nessa ocasião, numa missão de reconhecimento, entrei num palacete muito bonito, no interior de um belo bosque, parecendo um prédio público, onde deveria ter sido instalado algum PC. Impressionou-me o que vi no saguão principal da estrada, frente a uma bela

---

<sup>840</sup> Relato de DANIEL LACERDA, que na F.E.B. atuou como Sargento-auxiliar do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>841</sup> Relato do Doutor EPAPHAROL SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

e imponente escadaria. Havia um oficial superior alemão com a cabeça toda enfaixada e ensanguentada, deitado morto sobre uma maca. Estava lá, completamente abandonado, fazendo-nos refletir sobre o significado da nossa matéria: o que era poder até poucos dias atrás – deveria ter sido um dos comandantes ali – agora não era mais nada.<sup>842</sup> (Motta, 2001e, p. 316)

[...] Não tenho a Medalha de Sangue, porque fugi do hospital. O hospital era terrível, não pela falta de recursos, porque era excelente. Mas quando dava o toque de silêncio, pela morte de um colega, era um negócio muito difícil para a gente suportar.<sup>843</sup> (Motta, 2001c, p. 221)

Os obstáculos vencidos pela FEB em Montese só o foram à custa de muita bravura, competência, determinação, sacrifício e um grande número de vidas ceifadas.

Como falei, na madrugada de 14 para 15, presenciei a morte de meus companheiros Bruno Estrifica e Antonio Bento, que tiveram seus corpos arrebatados por granadas que os colheram dentro de seus abrigos. Essa cena e o pesar não consegui mais apagar da memória.

Meu Pelotão entrou na batalha de Montese com 44 pracinhas e, ao término da luta, no dia 17, tínhamos um efetivo de 27 homens.<sup>844</sup> (Motta, 2001f, p. 367)

Expostos diariamente a companheiros, civis e inimigos mortos, a morte torna-se um elemento do cotidiano, apenas mais um componente da realidade violenta que viviam e deixa de impressionar a alguns expedicionários. O contato com cadáveres passa a ser vivido com uma naturalidade e um distanciamento que só são possíveis para quem lida com os corpos rotineiramente.

---

<sup>842</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>843</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>844</sup> Relato de FRANCISCO PEDRO DE RESENDE, que na F.E.B. atuou como Cabo do 3º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

Impressionou-me muito o caminhão *GMC* de duas toneladas e meia que transportava os mortos para o cemitério de Pistóia. Impressionou-me vê-lo passar na estrada, com um soldado do Pelotão de Sepultamento sentado lá na capota da viatura e aquele monte de corpos dentro do caminhão. Como aquele homem podia conviver com aquilo, com tanta naturalidade? Às vezes cantando. É o embrutecimento diante da morte, porque esta passa a ser tão frequente, tão natural. E ali vai o homem transportar os companheiros mortos. Foi uma coisa que me impressionou, porque a gente está acostumado a ver o morto sendo transportado fechado e ali no caminhão, um em cima do outro, aquele punhado de corpos é um negócio, assim, que choca.

Outra coisa que me impressionou ainda nessa oportunidade foi quando eu vi um alemão morto, devido a um tiro de metralhadora .50 no peito. O orifício de entrada era um buraquinho, mas nas costas dele, saíra tudo; às vísceras estavam todas para o lado de fora, praticamente ele não tinha mais as costas. Foi devastador, um dano enorme, uma arma acabou com as costas do homem.<sup>845</sup> (Motta, 2001a, p. 273)

A gente não esquece isso. O canhão tornou a virar, baixou mais um pouco e atirou. Foi uma coisa incrível, parecia um pequeno vulcão, voou madeira e pedaço de gente, porque pegou no oco da casamata. Em seguida, o Pelotão arrancou, sem esperar a minha ordem. Foi um avanço geral. O Grupo de Combate que vinha atrás avançou também e todos passaram por sobre as casamatas – que não eram cobertas. Foi uma mortandade. Morreu um pouco de tropa alemã ali, na hora. E o Pelotão avançou mais [...]

O 3º Pelotão, que o Capitão havia manobrado, veio pelo lado e passou cortando para a frente. *Muitos morreram. Meu Pelotão, pela manhã, tinha quarenta e três homens no efetivo, quando chegou a noite estaca com vinte e cinco, contando comigo; havia dezoito baixas, entre mortos e feridos. Mas era normal que em um ataque acontecesse isso.* [grifo nosso] [...]<sup>846</sup> (Motta, 2001b, pp. 152-153)

---

<sup>845</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>846</sup> Relato do Coronel CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

E, assim, havia muitas coisas que eu fazia, mas que não eram para serem feitas por mim; só que o Capitão me mandava primeiro, e se eu dissesse “sim senhor”, ele já ficava tranquilo, porque sabia que eu executava. Aí, ele passava a missão para o Tenente, meu comandante.

Infelizmente não fiquei muito tempo porque fui ferido, mas eu fazia de tudo, inclusive carregar defunto. Uma vez morreu um soldado do grupo e o Capitão disse:

- Kodama, vai ver se foi o Dirceu.
- Capitão, é o Dirceu – era o soldado Dirceu Almeida, da Bateria dele.
- Kodama, o pessoal do Pelotão de Sepultamento disse que vai recolher, mas quando?
- Bom Capitão, o senhor é o dono do defunto.
- Então, você leva o defunto para o Pelotão de Sepultamento.

Aí eu peguei o corpo do Dirceu e entreguei no Pelotão de Sepultamento e assim era a vida.<sup>847</sup> (Motta, 2001c, p. 262)

Nós recebemos ordem de substituir o pessoal do 11º R.I. que havia lutado a noite inteira, enfrentando os alemães, que tavam evacuando, né, muitas mortes, muitas baixas. Centenas. E muitas ambulâncias subindo e descendo, quatro e meia, cinco horas da madrugada, seis horas. Então abria uma porta qualquer e via três ou quatro cadáveres, companheiros, esticados lá. Nem ligava, né, porque numa guerra é comum, né? Então é por essas coisas todas é que hoje é aquela neurose quase que generalizada, né, porque é uma situação mesmo que você foge completamente da realidade do dia a dia.<sup>848</sup> (Carvalho, 1994, como citado em Maximiano, 2010, p. 147)

Em algumas situações, mesmo que se sensibilizassem com a presença da morte, não havia tempo para dar espaço às suas dores. A dinâmica do conflito não permitia momentos de luto no meio

---

<sup>847</sup> Relato de RAUL KODAMA, que na F.E.B. atuou como Motorista da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>848</sup> Relato do veterano CLEIR DE CARVALHO. Entrevista concedida em 1994.

do combate e, frequentemente, não eram autorizados ou não conseguiam recolher os colegas tombados ou feridos, por mais que almejassem trazê-los para retaguarda. O foco para esses combatentes, era seguir com a missão e manterem-se vivos.

O Edmar era um desses camaradas magros que só tem pele e osso, mas com uma força terrível. Ele disse assim: “Tá bom, Tenente, é isso aí.” Passou o fuzil que estava a tiracolo para trás, pegou a mochila e “se arrancou”, rápido. Devia ser uns duzentos metros de distância de onde estávamos. Ele chegou lá e, daqui a pouco, vi o Grupo avançar, e, assim, fomos até esse ponto, C. Vitelline. Está lá, na carta; há até um livro que reproduziu essa carta. *Aí, veio o Edmar e me disse: “Tenente, o Monçores morreu. Morreram ele, o fuzileiro atirador e os dois remuniçadores.” Eu me aproximei e vi o que acontecia: todo mundo chorando, chocados com a morte dos companheiros. O Edmar havia pegado a metralhadora .30 refrigerada de ar, dispôs a munição, de dois cunhetes, em volta de si, e comandou: “Pelo outro lado, Grupo, comigo!” E se arrancou.* [grifo nosso] Assim que ele chegou a C. Vitelline, o Grupo o acompanhou. Ele se mostrou para o Grupo de Combate, tomou a iniciativa. Foi um chefe, um sargento de grande valor.<sup>849</sup> (Motta, 2001b, p. 151)

Alertei-os sobre as dificuldades que teríamos, se escolhidos para atacar, considerando o ataque frontal e a alternativa pelo flanco direito. Deixei claro que, tendo em vista a curta distância que teríamos que percorrer, mais ou menos noventa metros, qualquer que fosse a reação do inimigo, teríamos que chegar até o parapeito da trincheira alemã e despejar as nossas granadas, usar as metralhadoras e, se preciso, as bazucas – tínhamos duas. Insisti para que alertassem os soldados para não pararem, por nenhum motivo durante o assalto. *Disse-lhes, para lembrá-los do que havia dito, fazia algum tempo, antes de sairmos para uma missão: “Durante o ataque, os feridos são problemas do padioleiro, os mortos, do Pelotão de Sepultamento. O nosso problema é o cumprimento da missão!”* [grifo nosso]

---

<sup>849</sup> Relato do Coronel CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

A realidade é que, no caso, teríamos que conquistar as posições alemãs num lance só. Se parássemos estaríamos perdidos.<sup>850</sup> (Motta, 2001g, p. 272)

[...] Na guerra, quando a gente está atravessando um rio, o nosso problema é procurar sair do outro lado. Não se quer saber o que se está, passando por lá nem para cá. Você recebe um objetivo e parte para ele. Não quer saber o que está acontecendo, nem de um lado nem de outro. Era fazer o assalto e escolher: matar ou morrer. Não morreu, começa tudo de novo. Graças a Deus, todos tinham a idade na faixa dos vinte anos. Dentro do pelotão havia um moral muito forte. Havia muito silêncio, muito respeito. [...] Os feridos ficavam para lá, o negócio da gente era pra frente. Ficou ferido, fica para trás. E, atrás, logo vinham os padioleiros pegando os feridos.

Éramos 44. Quando regressávamos estávamos com 27. Nem isso a gente notava a falta. Pensava que o companheiro estava escondido ou estava para outro lado. Quando perdíamos um companheiro, fazíamos de conta que ele tinha ido para o outro lado. E como chorei. Eu vi aqueles dois amigos queimados. Estivemos juntos, assim como nós estamos aqui. [...] <sup>851</sup> (Motta, 2001b, p. 189)

Você sai na primeira patrulha. Passa uma granada lá e estoura a cabeça do soldado seu. Você não vê a cabeça dele. Nossa, aquilo pra você praticamente acabou a guerra! Mas não acabou, que você tem que ir pra frente, mas você vai pra frente e não sabe nem por que você tá indo. Tá indo automaticamente. Você tem que evitar que aquilo aconteça e você sabe que pode acontecer com você. Mas você não aceita que vai acontecer com você. Geralmente, a vida tem dessa. Tudo o que é ruim a gente só espera que aconteça com os outros. Com a gente, a gente não espera. E lá eu tive um soldado ferido, mas foi quase dois meses depois. Então não impressiona tanto.

---

<sup>850</sup> Relato do Tenente-Coronel EDU VARGAS, que na F.E.B. atuou como Comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

<sup>851</sup> Relato de ABDIAS DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Soldado da 1ª Companhia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Depois, no combate de Montese, teve um soldado [...] caiu uma granada de morteiro na perna dele e a perna dele sumiu. E ele ficou pedindo a perna. Na hora, ali, nós tínhamos que seguir para a frente, e pedimos: “Padioleiro, vê lá, vê lá, o cara tá gritando quedê a perna dele.” Aí o único padioleiro que tinha, porque tinha muito ferido, já não tinha mais quase padioleiro, sumiu lá e eu continuei e aquilo nem me passou pela cabeça.<sup>852</sup> (Matuk, 1994, como citado em Maximiano, 2010, p. 140)

[...] Havia uma casamata com dois alemães mortos, junto à metralhadora que guarneciam, e, caminhando em direção a essa arma, vi três corpos, perfurados por balas, pertencentes àquele grupo de destemidos americanos.

*A ordem era conquistar o objetivo, não importando a perda humana. O morto era logo substituído por outro combatente do mesmo quilate. [grifo nosso] Americanos e alemães, morto, insepultos, espalhados por toda a área, bastante mutilados. Arrepiam aos mais frios combatentes.*<sup>853</sup> (Motta, 2001e, p. 313)

Ainda que a tensão e o medo gerados pelo conflito estivessem sempre presentes e, independentemente da postura emocional adotada para sobreviverem a tais emoções, com o decorrer dos meses, a guerra foi ganhando certa normalidade para os combatentes.

Para quem viveu no *front*, nem mesmo os assíduos bombardeios inimigos eram entendidos como ocasiões de combate, mas como ocorrências que, com o passar do tempo, eram tidas como parte da paisagem que compunha a realidade da guerra. O dia a dia do soldado correspondia a um turbilhão ascendente de horrores que esporadicamente culminava na batalha. (Maximiano, 2010, p. 104)

---

<sup>852</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1994.

<sup>853</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

Com o desenrolar do conflito e da exposição à violência da guerra, naturalmente, os combatentes buscam momentos de decompressão à medida que a nova realidade estabelece-se. Por vezes a tensão era quebrada com humor e a adrenalina de estar em combate poderia tornar-se viciante.

Tínhamos dificuldades de passar também em um lugar terrível chamado Ponte de Silla, por causa dos bombardeios alemães, foi considerado o lugar mais bombardeado no *front*. O grande problema para nós é que tínhamos que atravessá-la, e, quando isso acontecia, começavam a metralhar, a “cair mecha”. O tempo foi passando, nos habituamos aos sustos de atravessar essa e a outra ponte de Marano e começávamos a brincadeira brasileira. O alemão não nos venceu porque o bom humor brasileiro era constante e fazia com que nos adaptássemos rapidamente às situações adversas, como o clima diferente do nosso.<sup>854</sup> (Motta, 2001f, p. 191)

Nossa posição, no cemitério, era numa elevação pequena. Quando caíam algumas granadas de 88mm, nós jogávamos bolas de neve ou pedras nas costas dos companheiros. Quando o bombardeio acabava, a gente levantava voltando à normalidade. Aquele que tinha sido atingido pela bola de neve ficava passando a mão no local atingido, procurando sangue, para ver se tinha sido ferido. Ferimento não dói, na hora, só depois. Por isso, ficava procurando a ferida. Era uma brincadeira de brasileiro.

Não perdemos um homem sequer sessa posição [...] <sup>855</sup> (Motta, 2001e, pp. 328-329)

Para este depoimento, selecionei as principais observações, dentre os inúmeros fatos marcantes das operações de guerra. Porém, é bom que se diga, a grande quantidade e o tempo nivelam-nos e os tornam comuns. Só quem participou é que pode imaginar. Passávamos diversas vezes por bombardeios semelhantes e achávamos uma rotina. Ao término de um bombardeio a gente

---

<sup>854</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>855</sup> Relato de MOACYR MACHADO BARBOSA, que na F.E.B. atuou como Sargento-Orientador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

até ria, brincava, comentava que gastaram munição e não pegou um sequer. Essas brincadeiras eram comuns nos soldados brasileiros.<sup>856</sup> (Motta, 2001d, p. 333)

Depois que o homem se acostuma ao combate ele sente, quando as coisas se acalmam, falta da confusão, do tiro por cima. Quando estávamos na posição de Guanela, onde apoiamos o terceiro ataque do Sampaio a Monte Castelo, aconteceu isso. Tínhamos passado 19 dias em posição, em contato cerrado com o inimigo. Fomos substituídos, viemos para uma posição de segunda linha, onde fazíamos patrulhas e, à noite, ficávamos em trincheiras. Dali fomos para um setor, onde o silêncio, a calma, eram absolutos. Ficamos inquietos porque não ouvíamos o matraquear da “Lurdinha”, nem o silvo das granadas. O homem se acostuma com todas as situações. Outra vez, em Vignola, também havia calma e silêncio. Dava a impressão de que estava tudo desocupado, que não havia alemão alguma por ali.<sup>857</sup> (Motta, 2001f, p. 336)

O nosso pracinha se agigantou nisso tudo; muitos soldados do meu Pelotão ficavam aborrecidos quando não eram designados para uma patrulha. Ficavam de cara amarrada e eu gostava daquilo. O soldado, depois que se familiariza com a guerra, gosta de sair nas patrulhas, de participar de um golpe de mão, ele não quer ficar parado, quer lutar. Isto é impressionante, por isto o brasileiro surpreendeu.<sup>858</sup> (Motta, 2001f, p. 318)

Com seus elementos já familiarizados com as exigências do conflito, a Força Expedicionária Brasileira seguiu adequando-se à dinâmica da guerra.

As atividades delegadas à F.E.B., incluíam missões essencialmente táticas, tais como as do V Exército Norte-Americano. A guerra na Itália era caracterizada principalmente por combates de pequenas

---

<sup>856</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>857</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>858</sup> Relato do Primeiro-Tenente GERALDO CAMPOS TAITSON, que na F.E.B. atuou como Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI. Entrevista concedida em novembro de 2000.

unidades, ou seja, pelotões, companhias e batalhões, dadas as dificuldades do terreno montanhoso. Poucas foram as situações em que regimentos foram acionados. (Ferraz, 2012)

O General-de-Exército Paulo Campos Paiva, descreve o tipo de missões que recebiam:

De modo geral, existe uma ideia errada de que, quando em contato, você está combatendo o dia inteiro, isto é, está atirando ou espetando o outro com faca; mas não é bem assim. Ocorreram umas paradas bem longas; não se entra em combate todo dia. Combate-se porque vem do escalão superior a necessidade de tomar um objetivo, com efeitos táticos ou estratégicos. Uma operação é, então, desencadeada com essa finalidade. Depois das operações e até surgir novo objetivo determinado pelo escalão superior, passa-se algum tempo necessário aos deslocamentos, providências administrativas e outros preparativos.

No caso do Pelotão, os objetivos eram bem visíveis no terreno. Vai-se para o observatório e lá o Comandante, que já fez o seu estudo na carta, diz assim: “Olha, você ataca aquela posição dos alemães; você, fulano, ataca lá.” Dá suas ordens a luz do terreno e com a carta na mão. [...] <sup>859</sup> (Motta, 2001b, p. 137)

No que tange a tropa brasileira suas missões envolviam ações localizadas e objetivos pontuais, uma vez que apresentava-se em número reduzido quando comparada a outras Divisões atuantes no território. Neste caso, para a maioria dos brasileiros, especialmente os que eram membros da infantaria, a guerra na Itália tipificou-se como uma guerra de patrulhas. (Arruda, 1949; Bonalume Neto, 1995, como citado em Ferraz, 2012, p. 82)

[...] As missões normais eram de patrulhas para manter o inimigo também em estado de alerta e cansaço, isto é, espicaçá-los, para que não tivessem sossego, não tivessem descanso.

---

<sup>859</sup> Relato do General-de-Exército PAULO CAMPOS PAIVA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarro do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Tivemos alguns episódios, inclusive com patrulhas que foram quase que dizimadas, como o da minha Companhia. Foi uma patrulha comandada pelo Sargento Crepaldi, e que teve vários homens feridos e o Cabo Otávio Carlos Silva desaparecido. Nunca mais foi encontrado. Depois de um episódio desses, a gente ter que sair para uma patrulha no mesmo local, é um negócio temerário, precisa ter muita disposição.<sup>860</sup> (Motta, 2001d, pp. 327-328)

[...] Depois, vi que na guerra a patrulha é o “pão nosso de cada dia” do combatente. O esforço tem que ser dirigido para isso. Ataca-se às vezes, defende outras, mas patrulha faz-se diariamente. Todo dia faz patrulha. E, fazendo patrulha, aprende a atacar, aprende a defender, aprende a aproveitar o terreno. [...] <sup>861</sup> (Motta, 2001b, p. 122)

Na linha de contato, era grande a proximidade da Divisão brasileira com os alemães. Havia uma terra de ninguém entre os dois onde as patrulhas deslocavam-se. Algumas chegaram a fazer prisioneiros; outras, participaram de pequenas escaramuças, mas depois cada uma retirava-se para o “seu canto” e deixava a terra de ninguém só com o pessoal de vigilância.<sup>862</sup> (Motta, 2001b, p. 137)

Com a chegada do intenso inverno de 1944-1945 e após mais uma derrota brasileira na tentativa de tomar o baluarte Monte Castelo em 12 de dezembro de 1944, os líderes militares aliados, optaram por adiar os planos iniciais ofensivos de tomar Bolonha antes do Natal de 1944, para reorganizarem-se. A “trégua informal” permitiu que as lideranças aliadas analisassem a situação em que encontravam-se para efetuarem ações planejadas mais decisivas, tanto que, posteriormente, em 21 de fevereiro de 1945, conseguiram através de uma atuação conjunta de meios, finalmente, conquistar o Monte Castelo. Em suma, no inverno, a Campanha Italiana passou por um período de operações defensivas e a Divisão

---

<sup>860</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>861</sup> Relato do General-de-Exército ADHEMAR DA COSTA MACHADO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarro do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>862</sup> Relato do General-de-Exército PAULO CAMPOS PAIVA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarro do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Brasileira, assim como os norte-americanos e ingleses, recebeu a atribuição de intensificar a busca por informações, reconhecimento de terreno ou o contato com o inimigo, através da realização praticamente diária das perigosas patrulhas.

Com a estabilização do *front*, por causa do inverno, começou, então, o que chamou de defensiva agressiva. Era uma guerra só de patrulhas, e, nelas, muitos companheiros morreram nas emboscadas inimigas. Os brasileiros muito rapidamente se adaptaram àquele tipo de luta, adquiriram experiência e se tornaram temíveis adversários nesses embates onde prevalecia a surpresa.<sup>863</sup> (Motta, 2001c, p. 90)

Como a gente não podia atacar Monte Castelo, foi suspensa a operação; estávamos no inverno e, e no inverno, não se combate mesmo; aí, entravam as patrulhas. Tomei parte em várias delas. A gente tinha que localizar o inimigo. Nem eles sabiam onde a gente estava, nem a gente sabia onde eles se localizavam; era a “terra de ninguém”; só que na “terra de ninguém” moravam famílias. Numa oportunidade, fizemos várias patrulhas e não conseguimos achar o alemão.<sup>864</sup> (Motta, 2001b, p. 93)

[...] Começamos a fazer a patrulha com maior segurança, chegando a nos aproximar mais do inimigo, conforme o lugar, porque havia situações em que a gente fazia uma patrulha num flanco esquerdo a dois quilômetros de distância.

Quando acumula meio metro de neve, não se anda fácil, tem que se levantar o pé para dar o passo, então caminhando duzentos a trezentos metros a pessoa já não aguenta mais, tem que parar um pouco e depois prosseguir. Uma vez, veio uma tempestade de neve tão forte que o *hand talk* transmitia e, na retaguarda, o Capitão não escutava o que o Tenente falava. O

---

<sup>863</sup> Relato do Capitão BENEDITO NUNES DE ASSIS, que na F.E.B. atuou como Auxiliar da 3ª Seção do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>864</sup> Relato do Doutor SILAS DE AGUIAR MUNGUBA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

Tenente explicava que nós não estávamos enxergando a dois metros de distância, e perguntava se deveríamos parar ou partir para o sacrifício. O Capitão consultou o Comando Superior e este determinou que retornássemos. Assim o fizemos e, apesar daquele frio, já estávamos molhados de suor. Felizmente, voltamos porque se prosseguíssemos certamente teríamos perecido.<sup>865</sup> (Motta, 2001c, p. 251)

Em dezembro de 1944, começou o inverno. A neve caía forte e naquelas alturas dos Apeninos, mil e novecentos metros, havia tempestades com ventos violentos. O General Clark. Cmt do V Exército, resolveu paralisar a frente e passou a defensiva. Os alemães tomaram idêntica decisão. É claro que houve grande movimentação de patrulhas e golpes de mão. Recebi e executei várias dessas ações. [...] <sup>866</sup> (Motta, 2001d, pp. 75-76)

Esse período de estabilização foi marcado por intensa e constante utilização de patrulhas de ambos os lados – Aliados e Eixo – e, para a Divisão Brasileira, foi de extrema importância para o amadurecimento e aperfeiçoamento dos expedicionários. Para muitos veteranos é considerado o momento em que mais aprenderam no conflito, com adestramento na própria zona de combate, em ação, e complementar, em Staffoli.

Enfrentaram um inverno rigoroso com temperaturas em torno de -18°C – o que era novidade para parte dos combatentes brasileiros naturais de regiões tropicais – gerenciando uma frente de cerca de 18km, com neve, em uma paisagem desconhecida, pouca visibilidade e sob a mira do inimigo. Sendo necessária a utilização simultânea de quase todos os meios disponíveis para guarnece-la. (Moraes, 1960)

A verdadeira escola de um combatente de Infantaria é a patrulha. Nós fomos levados para uma frente bastante ampla e para uma situação de combate em montanha sem ter nenhuma

---

<sup>865</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>866</sup> Relato do General-de-Divisão HELIO PORTOCARRERO DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

instrução especializada, mas o nosso soldado de Infantaria aprendeu logo esse tipo de combate com o inimigo. [...]

Assim, fomos combatendo naquela região da estrada de Pistóia-Bologna. Foi a época da patrulha, que é a verdadeira escola do soldado da Infantaria. Foi ali que começamos a treinar e a conhecer o inimigo, com as nossas patrulhas de pelotão, de reconhecimento e algumas até com a participação de observador avançado da Artilharia. Vou citar um caso. Eu fui chamado para ir a um lugar chamado Ponte Silla, onde encontrei o Tenente Bicudo com o Pelotão dele. A missão era progredir em uma determinada área, atacar três pontos fortes do inimigo e fazer prisioneiros, se possível.

Parece que houve uma mudança e tivemos que organizar uma patrulha de combate, na qual eu seria o observador avançado. O oficial do Estado-Maior fez uma bonita exposição, de como deveria atuar uma patrulha de combate, mostrou e ao concluir perguntou: “Alguma dúvida?” Eu não me manifestei, mas um companheiro de Infantaria levantou o braço e disse: “Será que os alemães estarão de acordo?” Todos nós rimos e saímos para cumprir a missão, e de fato a cumprimos muito bem. [...] <sup>867</sup> (Motta, 2001c, pp. 39-41)

A frente se estabilizou; foi o período em que veio a neve, cabendo-nos participar de patrulhas e de golpes de mão, atividade permanente, realizada na linha de frente para saber o efetivo da tropa que estava diante da nossa. Toda noite saíam duas ou três patrulhas na alta madrugada para trazer prisioneiros e para saber o que o inimigo vinha fazendo: se estava construindo trincheira, deslocando armas pesadas, tudo a gente procurava saber através das patrulhas. Até que a neve derreteu, aproximando-se a primavera. [...]

Não há dúvida de que o nosso soldado amadureceu na fase das patrulhas, tornando-se, verdadeiramente, profissional. Isso aconteceu nos golpes de mão, na busca do contato com o inimigo através da terra de ninguém, e mesmo nos ataques fracassados, onde o soldado precisa

---

<sup>867</sup> Relato do General-de-Brigada RUBENS RESSTEL, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em abril de 2000.

superar-se, precisa buscar novas forças. É, nessa hora, que o sistema psíquico de cada um se revela inferior ou superior.<sup>868</sup> (Motta, 2001f, pp. 314-315)

Bem, nesse período ocorreu um intenso patrulhamento, que é a segurança que numa defensiva você lança à frente, para proteger a sua posição. Tanto alemães quanto brasileiros patrulhavam essa terra de ninguém à noite. E a patrulha tornou-se “o pão nosso de cada dia” do infante, do artilheiro observador avançado que estava lá, do engenheiro que estava em apoio para limpeza do campo minado. Quase diariamente você ficava fazendo escala de rodízio de pelotão para fazer patrulha. Essas patrulhas não só realçaram o valor do soldado brasileiro, como serviram para o aprimoramento de sua capacidade profissional. Ele, na realidade, aprendeu a guerrear nesse período de patrulhamento, porque se expôs, arriscou-se, sentiu-se sozinho e enfrentou o inimigo e as condições. Ele foi feito prisioneiro, familiarizou-se com o terreno, aprendeu a se orientar e retornar à posição, que era um lazer para ele, porque no dia seguinte, à noite, provavelmente ele faria outra patrulha. Houve várias oportunidades de encontros de patrulha, com trocas de tiros.<sup>869</sup> (Motta, 2001b, p. 127)

O inverno ensinou ao soldado brasileiro a combater. As patrulhas, extremamente difíceis desse período, tiveram um valor extraordinário para o completo aprendizado do nosso combatente com relação à arte da guerra, [...]

Assim, todos os nossos Batalhões muito aprenderam nas patrulhas, realizadas nas noites frias do inverno, que impediam as operações, paralisavam as operações dos escalões Batalhão e Companhia, possibilitando, no entanto, o emprego de grupos de combate e até pelotões, que aprenderam, com as dificuldades das noites gélidas do inverno, a guerra como realmente era.<sup>870</sup> (Motta, 2001e, p. 48)

---

<sup>868</sup> Relato do Primeiro-Tenente GERALDO CAMPOS TAITSON, que na F.E.B. atuou como Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>869</sup> Relato do General-de-Exército ADHEMAR DA COSTA MACHADO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarro do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>870</sup> Relato do General-de-Divisão OCTÁVIO PEREIRA DA COSTA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Informações do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

Volto, nesse final de minha entrevista, ao campo de batalha para lembrar que os alemães, por todo tempo, nos fizeram aprender muito, fizeram-nos sentir que estávamos à altura deles. Lembro-me bem que a nossa grande escola foi a patrulha, que, como disse, é para o infante mais temível que o ataque. Foi, nas patrulhas, principalmente no inverno, que o soldado brasileiro encontrou, sem dúvida nenhuma, a sua maior escola, cujos ensinamentos permitiram-lhe ombrear-se com o inimigo – veterano, artiloso e profissional.<sup>871</sup> (Motta, 2001e, p. 346)

Aos poucos os combatentes brasileiros compreenderam a imprevisibilidade da guerra que enfrentavam. As posições de combate dos beligerantes não possuíam localização clara e definida, estavam camufladas pelo terreno, nas montanhas italianas, desta forma era impraticável definir antecipadamente a posição dos “*tedescos*”<sup>872</sup>. Foi um período com redução do uso das armas individuais e automáticas, ou seja, sem grande hostilização direta para que os dois lados não denunciasses suas posições. Todavia, houve grande ação dos bombardeios de artilharia e uso de morteiros, ou seja, a Defensiva de Inverno, como foi nomeada, estava longe de ser uma fase marcada pela tranquilidade no terreno. (Moraes, 1960)

As patrulhas poderiam ter funções diferentes. A patrulha de combate, também conhecida como “golpe de mão”, tinha como objetivo destruir uma posição inimiga, capturar um prisioneiro e trazê-lo com vida para interrogatório. Também tinha a incumbência de provocar atrito com o inimigo, para que pudessem definir “na prática” a localização de seus dispositivos de defesa e ataque. (Ferraz, 2005; Maximiano, 2010)

No caso das patrulhas de reconhecimento ou sondagem e informação, o intuito era o reconhecimento do terreno e a aproximação do território inimigo para levantarem informações sobre seus dispositivos de defesa, localização, armas utilizadas e números de homens. Por mais que não tivessem como objetivo o confronto direto com o inimigo ou a busca de prisioneiros para interrogatório, também eram temidas pelos expedicionários, uma vez que os alemães tinham visão privilegiada dos

---

<sup>871</sup> Relato do Sargento RUBENS LEITE DE ANDRADE, que na F.E.B. atuou como Sargento-Auxiliar do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>872</sup> Em italiano, a palavra *tedesco* significa alemão. Os brasileiros adotaram a palavra utilizada pela população italiana, para referirem-se ao inimigo.

terrenos e costumavam atacá-los com morteiros e suas armas automáticas ao avistarem movimentações pelo campo.

O soldado alemão era bem adestrado. Possuía uma disciplina de movimento que nos enganava completamente e, mais tarde, tivemos prova disso. Pensávamos que em determinado local não havia ninguém, mas existia. Às vezes, recebíamos ordens para realizar uma patrulha para reconhecer determinado lugar, mas não conseguíamos chegar, porque o mesmo estava ocupado mas você não via, embora, com visada direta da nossa posição. Além da disciplina de movimento, acrescenta-se o longo tempo de guerra que eles tinham. Enquanto estávamos, ainda, no primeiro ano, eles já eram veteranos, com cinco anos de campanha.<sup>873</sup> (Motta, 2001a, pp. 285-286)

[...] Estava conquistada a Cidade de Camaioire.

Contudo, sofriamos pesados bombardeios de morteiros e Artilharia, especialmente partidos de Monte Prano, de situação privilegiada em relação às nossas posições. Antes de desencadear o ataque, foi mandada uma forte patrulha de reconhecimento comandada pelo mesmo bravo Tenente Cabral, da Companhia do Capitão Ayrosa. A patrulha, com terrível sacrifício e invejável bravura, atingiu a Cota 1096, cerca de meio quilômetro ao sul do pico do Monte Prano. Os *tedescos* atacaram a patrulha que resistiu valentemente e, praticamente cercada, conseguiu transmitir suas mensagens e lutar até escapar do cerco, depois de uma noite de horror.<sup>874</sup> (Motta, 2001d, p. 182)

As patrulhas eram realizadas com o objetivo de inquietar ou manter o contato com o inimigo e eram normalmente realizadas a noite, mas eu participei de uma patrulha realizada durante o

---

<sup>873</sup> Relato do Coronel SÉRGIO GOMES PEREIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III/11º RI. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>874</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

dia. Existia uma casa em cima de um morro à frente, bem destacada, na qual se observava um movimento muito intenso, de ambulância etc. Supunha-se ser um posto de saúde e recebemos instrução para ir até lá. Era uma casa no campo, lá em cima do morro.

Formou-se uma patrulha grande, com o objetivo de verificar se aquele posto estava abandonado; não era o meu grupo, eu apenas acompanhava.

Subimos o morro e quando descemos a encosta recebemos uma “saraivada” terrível de metralhadora, da conhecida “Lurdinha”, batendo tudo!

Não tínhamos comunicação. Fiquei junto do tenente.

“Sair daqui vai ser meio difícil!”

Ele ordenou:

- Você fica aí e eu vou chamar o pessoal!

Por sorte havia uma estrada e as estradas da Itália, já naquele tempo, mesmo sem pavimentação, tinham escoamento de águas. Consegui me deitar dentro de uma vala e aquilo foi a nossa sorte, escapamos todos por ali.<sup>875</sup> (Motta, 2001b, pp. 286-287)

Retornando um pouco na cronologia da Companhia, gostaria de relatar uma missão de patrulha da minha Companhia, realizada antes da nossa tropa tomar o Monte Castelo, na véspera do ataque de 12 de dezembro de 1944. O Comandante do Batalhão ordenou que fizessemos prisioneiros os alemães que ficavam na base do morro, em frente a C. de Guanela. A minha Companhia, que era a 4ª, estava na defensiva, do lado de cá, do lado de lá, os alemães; então, eu mandei o pelotão do Tenente Mario Montanha Teixeira para fazer prisioneiros, mas eles tinham apetrechos iluminativos que usaram para nos visualizar e desencadearam o ataque. Tivemos várias baixas, seis feridos e um soldado morto; o Comandante do Pelotão ficou lá, deitado, sem condições de locomoção. Um Tenente – Oswaldo Tavares Bezerra – colega dele, foi à noite fazer o resgate, espontaneamente, trazendo-o para a base da Companhia.

---

<sup>875</sup> Relato de ANTÔNIO DOS SANTOS SILVA, que na F.E.B. atuou como Cabo sapador-mineiro do Pelotão de Minas da Companhia Comando do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

[...] Não conseguimos fazer prisioneiros.

É difícil avançar sem fazer barulho, então eles ouviram o barulho e soltaram o foguete. Eram quarenta, cinquenta homens avançando, muito difícil não fazer barulho, assim, fomos derrotados.<sup>876</sup> (Motta, 2001f, pp. 59-60)

Enfatizo o importante trabalho das patrulhas: uma de suas missões eram fazer com que o inimigo se mostrasse. Quando a gente saía de patrulha, geralmente era coluna por um, primeiro, por causa do caminho atropetado de neve (a gente ia abrindo o caminho). E vêm aqueles cuidados de sempre: o primeiro fica olhando para a frente, o segundo, para um lado; o terceiro para o outro; e, o último, para trás; parar e observar. Uma patrulha dessas é muito lenta e, na realidade, não precisa atirar, porque raramente encontrávamos o inimigo, que permanecia sempre oculto. Do mesmo jeito, às vezes, eu estava na posição lá na frente, observava o inimigo passar por dentro do terreno da gente e não atirava nele. Porque a finalidade era localizar o inimigo; se eu atirasse, ele passaria a saber a minha posição e a Artilharia nos bombardearia. Do mesmo modo, ele procedia com a gente.<sup>877</sup> (Motta, 2001b, p. 95)

É importante salientar que ambos os tipos de patrulhas, de reconhecimento ou de combate, eram extremamente perigosas e aterradores. As operações recebem lugar de destaque nas narrativas dos veteranos, que por diversas vezes as classificam como a “pior atividade da guerra”.

[...] Eu acho que a patrulha é a pior coisa na guerra. No ataque, você vai andando para a frente. Não acredita que pode morrer, acha que quem vai morrer é o homem que vai a seu lado. Na patrulha, você vai no silêncio, não sabe quando o tiro vai parar em cima de você. Um livro francês

---

<sup>876</sup> Relato do General-de-Brigada ERYX MOTTA, que na F.E.B. atuou como Comandante da 4ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>877</sup> Relato do Doutor SILAS DE AGUIAR MUNGUBA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

dizia que saber fazer a guerra é saber fazer patrulhas. Os alemães sabiam fazer patrulhas. Eram soldados excelentes.<sup>878</sup> (Motta, 2001f, pp.107-108)

A respeito da campanha é importante destacar que tínhamos a 1ª linha, a linha de frente. Depois vinha a faixa de terreno que era considerada a “terra de ninguém”, aquela faixa que nos separava do inimigo e que oscilava entre mil e quatro mil metros, variando de uma posição para outra.

A busca por contato era muito comum ser buscada por meio das patrulhas, tanto de nossa parte como pelos alemães. Foi essa necessidade sempre presente de manter o contato, de reconhecer a posição inimiga, de conhecer a verdadeira fisionomia da frente, que exigiu o lançamento de muitas patrulhas, daí advindo muitas mortes e muito heroísmo. As patrulhas na “terra de ninguém” representaram, sem dúvida, o que havia de mais perigoso na guerra – tudo é incerteza. Incerteza de quando, onde e como o inimigo se apresentará! Com que poder de combate ele vai nos enfrentar? Por tudo isso, nas ações das patrulhas, muitos brasileiros se immortalizaram! ...<sup>879</sup> (Motta, 2001f, p. 370)

A minha função não era de patrulha, felizmente. Os que faziam patrulhas eram os fuzileiros e segundo os depoimentos dos que foram lá e não morreram, os que eram designados para as patrulhas, reuniam os companheiros para fazer o testamento: “Pega isso aqui e o senhor manda para fulano, beltrano”. Porque geralmente numa patrulha, se ia uma dúzia, três ou quatro ficavam. A patrulha atua na terra de ninguém, ou seja, não é uma zona garantida, pode encontrar o inimigo, minas ou armadilhas em qualquer lugar.<sup>880</sup> (Motta, 2001c, p. 122)

---

<sup>878</sup> Relato do Coronel ADHEMAR RIVERMAR DE ALMEIDA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Operações e Comandante de Bateria de Comando do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2001.

<sup>879</sup> Relato de FRANCISCO PEDRO DE RESENDE, que na F.E.B. atuou como Cabo do 3º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>880</sup> Relato de DANIEL LACERDA, que na F.E.B. atuou como Sargento-auxiliar do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

Há um cidadão aqui na Paraíba, Amós Santos Freitas, sargento, Comandante de Grupo, solteiro como eu era, com quem o Arnizaut contava para tudo quanto era tipo de trabalho,[...] Ele, e eu também, éramos escalados para as patrulhas porque a maioria dos sargentos eram casados.

“Se tem que morrer alguém, morre um que não deixa muita sequela”, seriam os solteiros; e voluntariamente não era obrigado a ir.<sup>881</sup> (Motta, 2001b, p. 227)

Da mesma forma, os combatentes relembram a tensão e o perigo quando precisaram realizar os tão temidos golpes de mão e a vulnerabilidade de atuar sob as vistas do inimigo em um campo de tiro aberto. Muitos perderam colegas nesse tipo de patrulha.

Realizamos também golpe-de-mão contra tropas alemãs abrigadas em suas casamatas no Monte Gorgolesco. O Capitão me chamou e disse: “Você vai com nove homens e eu vou mandar mais uns três ou quatro do Pelotão de Petrechos”. [...] Progredimos normalmente, quando por volta das 23h chegamos bem perto da posição deles. Quando percebemos, eles atiraram primeiro; quem estava ao meu lado era o soldado Sérgio Glevinsk, um paranaense de família, acho que de poloneses; ele era muito alto e eu do lado dele, baixinho; um tiro pegou na cabeça do soldado Sérgio e ele me segurou, quando, então, caímos juntos e ele disse: “Tenente, não fica, vamos embora, vai morrer todo mundo!” Ele morreu e nós tivemos que continuar sobre as posições alemãs. Eu tinha um soldado muito bom, negro, de nome Felisbino dos Santos, que levou um tiro na testa e, mesmo assim, andou amparado por um companheiro quase um quilômetro para a retaguarda, quando tombou morto. Naquela confusão, quase não vi mais nada; desesperei-me e joguei na posição, a uns dez metros, as granadas que tinha; o local começou a pegar fogo. Os soldados então começaram a atirar e a jogar granadas, mas não havia um soldado vivo dentro daquelas três casamatas.<sup>882</sup> (Motta, 2001e, pp. 200-201)

---

<sup>881</sup> Relato do Major JOSÉ MARIA DA COSTA MENEZES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 7ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>882</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

Ainda gostaria de lembrar de mais um fato marcante, sobre um herói, um subordinado o meu soldado 278 Francisco Gomes de Souza. Nós estávamos dando um golpe de mão sobre uma posição alemã, uma coisa muito difícil, um golpe de mão em pleno dia, às quatro horas da tarde, no dia 21 de dezembro de 1944. A ordem era fazer prisioneiros em uma determinada posição inimiga, um lugar onde, mesmo abrigado, não podia colocar a cabeça de fora, porque eles tinham meios para acertar. Então, num lugar desses, às quatro horas da tarde, com Sol, tínhamos que ir para a base de partida, na cota 702 de Soprassasso.

Já estava combinado, às quatro menos dez, vai começar o bombardeio da posição e, quando terminar, a ordem imediata era de atacar o reduto. Foi o que aconteceu, a gente ficou ali, um bombardeio tremendo, porque bombardear é um sinal de que vai acontecer alguma coisa; parti com os homens bem dispersos, porque, se vão na frente, desaparecem; assim, espacei todos os homens e mandei ao meu ordenança ir até a ponta dizer para o sargento que não deixasse ninguém para trás; todo mundo tem que apresentar, você vai lá, diga e volte até aqui. Ele foi, e quando voltava, os alemães desencadearam um bombardeio maciço com uma cortina de fumaça à nossa frente; paramos no meio do caminho e tivemos que rastejar para a base de partida de novo. Nesse bombardeio, o meu soldado Francisco foi ferido com um estilhaço e morreu.<sup>883</sup> (Motta, 2001c, p. 193)

Nesse combate morreu o Tenente Pinto Duarte da 3ª Companhia, um moço alto, creio que ele teria uns vinte e poucos anos; atleta, sempre o via fazendo ginástica. Ele esperou todos os companheiros saírem de uma casa e no momento em que pulou a janela levou uma rajada de metralhadora.

O soldado Mauro foi ferido nas costas. [...] Ocorreu num golpe de mão que demos, na região do Soprassasso, antes do ataque: a ordem era prender um alemão de qualquer jeito e nós partimos com o pelotão.

---

<sup>883</sup> Relato do Bacharel JOSÉ GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

Mas não conseguimos, porque recebemos bombardeio de dois lados, da nossa Artilharia e da Artilharia do alemão. Os alemães atirando com os canhões de 88mm. A nossa atirando em cima de nós, por causa da região em que nos encontrávamos e que estava em mãos do inimigo. Tínhamos saído para dar o golpe de mão e recebemos apoio da Artilharia, o que foi errado, o certo seria termos partido de madrugada, em sigilo. Assim, quando clareasse a gente daria o golpe de mão. Mas serviu para alarmar os homens, que abriram fogo sobre nós.

A missão foi essa, mas não deu para cumprir. [...] <sup>884</sup> (Motta, 2001c, p. 294)

As patrulhas exigiam muito psicologicamente e fisicamente dos expedicionários, mesmo que não tivessem contato direto com seus adversários, poderiam levar ao esgotamento, visto que eram executadas constantemente e de forma extenuante. Sendo assim, eram feitas com revezamento e geralmente com voluntários. Em sua maioria, eram empreendidas durante a noite e poucas foram realizadas durante o dia, geralmente por uma necessidade urgente de informação ou até mesmo insensibilidade do Comandante do Pelotão. (Maximiano, 2010)

As narrativas abaixo abordam a violência e as mortes que vivenciaram os veteranos ao atuarem em missões de patrulhas. Além de permanecer nos desconfortáveis *foxholes* e de atuar nos assaltos de infantaria, com a adição das patrulhas, a guerra dos brasileiros ganhou mais uma peça para fazer parte de seu conjunto traumático de memórias.

A minha primeira patrulha no meu novo Pelotão foi em busca da cota 822. De baixo dessa cota, sob a mira dos *tedescos*, em um dia qualquer do mês de março de 1945, o Pelotão conquistou e palmilhou a tal crista, encontrando diversos alemães mortos e semi-enterrados, em lastimável estado de decomposição, além de muitos objetos minados. Foi nesta patrulha, na frente de África, no Monte Della Croce, lá no alto da cota 822, que uma resistência inimiga, à noite, metralhou um inesquecível companheiro de minha Companhia, o cabo Fagundes – que lá tombou morto. Hoje, nesta entrevista, tenho a oportunidade de prestar-lhe a minha homenagem

---

<sup>884</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

póstuma. O destino quis que eu o substituísse, assumindo suas funções, lá mesmo na cota 822 de áfrico. Que Deus o guarde em paz eterna!

Devo, ainda, por dever de justiça, fazer referência ao sargento Prata, que lá estava conosco e que soube cativar toda a minha confiança e estima.<sup>885</sup> (Motta, 2001f, p. 367)

Mas, voltando à posição encalacrada em que fui colocado, consegui guarda-la. Eu não tinha missão de conquistar objetivos. Era uma patrulha de reconhecimento. Então, comecei a recuar. O primeiro Grupo de Combate veio inteiro, sem nenhuma perda. Mas, lá pelas tantas, os alemães atacaram mesmo, e, para não cairmos prisioneiros, fomos embora, retrocedemos de vez.

Foi nessa hora que morreu o sargento Andirás, meu sargento-auxiliar, e os mensageiros, soldados Sebastião Garcia e Abel Antonio Mendanha. O sargento ficou com seu corpo perfurado por balas. Até o relógio dele foi atingido. Engraçado, eram pessoas que estavam ao meu lado, muito próximo a mim.

Nesses instantes, quando você recua, o Comandante de Pelotão tem que estar preparado para guardar os seus comandados. [...] Por isso, eu esperei que todos deixassem aquele inferno, sem me dar conta de que estava correndo o mesmo risco. A preocupação era tirar os homens dali.<sup>886</sup> (Motta, 2001e, p. 318)

No dia anterior, quando fomos fazer o reconhecimento da base de partida para o ataque, retornava uma patrulha da 4ª Companhia que mal conseguira deslocar-se. Ela foi atacada com armas automáticas e granadas. Foi uma ducha fria sobre as nossas cabeças assistir àquilo: uma patrulha saindo e não podendo nem se levantar, tal fogo a que era submetida. Passamos a noite

---

<sup>885</sup> Relato de FRANCISCO PEDRO DE RESENDE, que na F.E.B. atuou como Cabo do 3º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>886</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

sentados de encontro a uma parede até conseguirmos dormir, para, no dia seguinte, tomar posição e partir sobre o inimigo.<sup>887</sup> (Motta, 2001e, p. 310)

As patrulhas em geral envolviam grande letalidade e violência, como visto anteriormente. O perigo e a tensão eram ininterruptos ao realizarem incursões em território desconhecido, orientados por uma carta ou um guia local, sabendo que estavam sendo observados pelos inimigos. Quando localizados pelas miras das armas dos adversários, recolher seus colegas feridos ou mortos, era impraticável quando estavam em combate.

Um conhecido meu, o Sargento Medeiros, que tinha servido no 6º RI, foi ferido, creio que durante uma patrulha. Ele levou uma rajada de metralhadora, que lhe causou muitos ferimentos. Os dois padioleiros, que tentaram buscá-lo, também foram alvejados, morrendo. Ele ficou 48 horas sem socorro. Depois de resgatado, foi encaminhado para o hospital em Livorno e, em seguida, mandado para os Estados Unidos, onde eles colocavam até placas na cabeça dos feridos. O Medeiros sobreviveu, permaneceu no Exército, chegando ao posto de Tenente-Coronel.<sup>888</sup> (Motta, 2001f, p. 246)

Um sargento da patrulha pisou numa armadilha, *booby trap*, que explodiu. O sargento perdeu o calcanhar, os alemães foram alertados e começaram a metralhar a patrulha. Lançaram artefatos iluminativos, os *very light*. O Tenente ficou com a perna quebrada, seu substituto, o sargento foi atingido por estilhaços de granada numa perna. Outro sargento, Miguel de Souza Filho, e o soldado Cosme Henrique dos Santos morreram.

---

<sup>887</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>888</sup> Relato do Major NAPOLEÃO FREITAS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como 2º Sargento na Companhia de Petrechos Pesados e na 3ª Companhia de Fuzileiros do I/1º RI. Entrevista concedida em abril de 2001.

O Capitão mandou o 2º Pelotão socorrer a patrulha, tinham que trazer os mortos e feridos, não podiam ser deixados lá. E muito difícil transportar um ferido nas costas, sob fogo de metralhadora, sendo iluminado por iluminativos. Trouxemos o sargento Miguel e os feridos. [...]

O cabo Cosme não foi encontrado. Só após a conquista de Monte Castelo, [...] seu corpo foi achado. Estava preservado pelo frio.<sup>889</sup> (Motta, 2001f, p. 330)

[...] A patrulha progredia dispersa na nossa frente; quando se aproximou do local, a “lurdinha” atirou, deram duas ou três rajadas, caíram dois homens, os outros deitaram e conseguiram sair dali. No entanto, ficaram tentando buscar os companheiros feridos; isso era uma norma na FEB, mas os tiros da metralhadora não deixavam; era um campo limpo. Eu pedi ao Grupo para lançar granadas fumígenas. Eles lançaram, encobrendo a área, mas o alemão percebeu a nossa intenção e passou a realizar tiros de morteiro, juntamente com os de metralhadora; não houve jeito. Chegou a noite e os homens vieram embora, sem conseguir recuperar os companheiros.<sup>890</sup> (Motta, 2001d, p. 94)

[...] Numa das casas próximas ao cume estavam o Comandante da 3ª Companhia, Capitão Aldenor, e um Tenente que ficara muito meu amigo, o Duarte. Ele estava acompanhando a Companhia e determinou que seu pessoal recuasse porque a munição estava no fim e não havia como reabastecer à noite. Ficou lá até a última hora, foi o último a sair. Por isso levou um tiro na perna que atingiu uma artéria e morreu. O Comandante da Companhia tentou arrastá-lo para um lugar desenfado. Enquanto isso, ele pedia:

- Vá embora Capitão, eu vou morrer!

Era um homem enorme e o Capitão viu que não tinha condições de retirá-lo dali naquele momento; então foi procurar alguém e verificar a possibilidade de voltar com uma patrulha para

---

<sup>889</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>890</sup> Relato do General-de-Brigada GABRIEL D'ANNUNZIO AGOSTINI, que na F.E.B. atuou como Comandante de Subunidade do Depósito de Pessoal e, posteriormente, oficial de Estado-Maior do I Grupo de Obuses. Entrevista concedida em julho de 2000.

resgatá-lo, mas antes amarrou a perna do Tenente, fez um garrote para não sangrar muito e desceu.

Quando chegou lá embaixo proibiram o Capitão Aldenor de voltar, porque seria muito risco para alguém retornar àquele lugar, [...]

O Tenente Duarte morreu naquele local e não pôde ser socorrido. O Capitão fez a única coisa possível, procurar um socorro e tentar voltar, mas isso foi proibido pelo General, porque iriam arriscar muitas vidas sem nenhuma chance. Tratava-se de uma pessoa admirável, recém-casado com uma filha que ele adorava; vivia mostrando a fotografia da menina, que sempre trazia no bolso. Ficamos verdadeiramente chocados. Nessa noite caiu a primeira geada. Era o começo do inverno.

Quando acabou a guerra, a primeira coisa que o Capitão Aldenor fez foi procurar o corpo do Tenente e achou, pois era o mês de maio e já ocorria degelo. O corpo ainda estava conservado. Foi trazido para o local onde o Batalhão se encontrava em descanso e todos reconheceram que realmente era ele.<sup>891</sup> (Motta, 2001c, p. 174)

Para os combatentes, o risco das patrulhas não encontrava-se apenas na desvantagem de avançarem sob os olhos do inimigo posicionado nas alturas, mas no próprio terreno, cuidadosamente preparado com minas e armadilhas, para conter ao avanço das tropas Aliadas.

Enfrentamos imensos obstáculos, devido principalmente aos campos minados, lançados pelo inimigo nas encostas, os quais começaram a ser levantados e abertas as brechas através da ação de agressivas patrulhas, que passaram a palmilhar o terreno a partir de 12 de abril, como vimos, fazendo os reconhecimentos da frente onde atacariam, permitindo, dessa forma, que no dia 14 nos valêssemos dessas trilhas estabelecidas anteriormente. Esse foi o caso do respeitado pelotão do Tenente Iporan Nunes de Oliveira, da 1ª Companhia do 11º RI, o primeiro a entrar em Montese no dia 14, atingindo o objetivo, desalojando os alemães de suas posições

---

<sup>891</sup> Relato do Doutor JOSÉ ALFIO PIASON, que na F.E.B. atuou como Chefe da 2ª Seção do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

fortificadas e consolidando a conquista, inclusive fazendo vários prisioneiros de guerra. O primeiro trunfo do seu sucesso foi o fato de ter comandado, antes, uma patrulha reforçada que abriu as brechas no campo minado por onde ele teria que passar no dia do ataque.<sup>892</sup> (Motta, 2001f, pp. 366-367)

[...] chegou o tempo em que a gente fazia muitas patrulhas. Acho que fiz a primeira patrulha da FEB, guardo o papel, redigido naquela ocasião, com o nome dos homens que a compunham. Isto ocorreu logo na substituição dos americanos em Pilépoli, [...] assumi mais ou menos às 8 horas da noite, e, por volta da meia noite, quase no dia 16, recebi a ordem de fazer uma patrulha, dois mil metros à frente.

Era uma patrulha de reconhecimento, num lugar que eu não havia visto nem de dia nem de noite e, portanto, uma região inexplorada. Lembro que a gente não pisava, a gente vagava, com medo de calcar uma mina, particularmente, quando se percebia terra fofa embaixo do pé, que podia ser um mal sinal; felizmente fomos e voltamos sem que nada tivesse acontecido e, no dia seguinte, partimos para outra missão. [...] <sup>893</sup> (Motta, 2001c, pp. 182-183)

[...] foi-nos dada a missão de fazer uma patrulha de reconhecimento, com um efetivo de 19 homens, para determinar a posição dos alemães à nossa frente. Eu fazia parte do grupo do sargento José Caporicci. Saímos às 2 horas da madrugada. Chovia bastante. O terreno era acidentado. Tivemos que avançar lentamente, não só por causa do mau tempo e das condições topográficas, mas, também, pelas precauções que tínhamos que tomar. Estávamos alertas para possíveis encontros com patrulhas inimigas e, em especial, para evitar dispositivos que poderiam disparar alarmes e revelar nossa presença. Fios disfarçados e quase invisíveis para acionar minas, e outros artefatos colocados pelos alemães.

---

<sup>892</sup> Relato de FRANCISCO PEDRO DE RESENDE, que na F.E.B. atuou como Cabo do 3º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>893</sup> Relato do Bacharel JOSÉ GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

Nessas circunstâncias, levamos mais de sete horas para percorrer um trecho que, normalmente, poderia ser percorrido em menos de uma.<sup>894</sup> [...] (Motta, 2001g, pp. 287-288)

As missões de patrulhas eram primorosamente planejadas e contavam com elementos de apoio e ligação. Além das atividades de reconhecimento ou busca por contato com o inimigo, os expedicionários também realizavam a limpeza dos terrenos, preparando os caminhos, sinalizando, localizando e removendo minas que pudessem prejudicar seus avanços em patrulhas futuras. Os veteranos destacam a importância do trabalho executado minuciosamente pela Engenharia da F.E.B., o 9º Batalhão de Engenharia de Combate.

[...] Logo depois, no combate em zona minada, na região de Castelnuovo, a Engenharia brasileira, mais uma vez, se destacou.

Nós já tínhamos perdido alguns soldados em campo minado, examinando e retirando mina por mina, um trabalho realmente perigoso, que é abrir brecha em campo minado; portanto, o perigoso trabalho da Engenharia, na abertura de brechas, foi de primacial importância para o sucesso da operação.<sup>895</sup> (Motta, 2001c, p. 40)

[...] Uma vez em que tivemos que cruzar o Arno, havia uma ponte muito danificada, sendo reparada pela nossa Engenharia. [...] Eu cruzei de caminhão, depois de a Engenharia ter liberado a ponte para o tráfego. Havia muitas minas também, espalhadas por todos os lados. A nossa Engenharia procurava as minas e as neutralizava, desmontando-as. Eu, que não tivera instrução para isso, quando via uma, atirava, a uma certa distância, na mesma, fazendo-a explodir.<sup>896</sup> (Motta, 2001f, p. 345)

---

<sup>894</sup> Relato de AMYNTAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

<sup>895</sup> Relato do General-de-Brigada RUBENS RESSTEL, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>896</sup> Relato do Primeiro-Tenente MIGUEL FERREIRA DE LIMA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Chefe de Peça da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em abril de 2001.

[...] Recebi ordem para preparar uma pequena patrulha, comandada por um sargento, destinada a reconhecer o Monte Montaurígola. Se não encontrasse resistência, deveria prosseguir em seu reconhecimento. Em face da minha solicitação para acompanhá-la o Major Lisboa decidiu que fosse só uma patrulha de combate, sob meu comando. Foi muito importante o envio dessa patrulha. Para a conquista de Montese, o escalão de ataque se depararia com um campo minado, naquele Monte Montaurígola. Com a patrulha, conseguimos uma brecha de 1m de largura por 40m de extensão, de onde retiramos 83 minas antipessoal. Além do mais, passei a conhecer bem o terreno e um ponto forte do inimigo. Antes, estivéramos em posição vários dias e desconhecíamos, praticamente, os detalhes da frente. Quando atacamos, [...] os alemães não sabiam que o campo de minas estava neutralizado e batiam, ainda, o campo com fogos. Eu, que passara a conhecer o terreno, após a incursão da patrulha, fui à frente dos demais pelotões e comecei a controlar a sua progressão, utilizando a brecha que abrira. Quando a Artilharia inimiga atirava, mandava um grupo correr, evitando, dessa forma, que ocorresse uma baixa naquele local. Na verdade teríamos tido uma calamidade, se aquele campo minado não fosse localizado.<sup>897</sup> (Motta, 2001d, p. 296)

Fui escolhido, por ter sido “mau elemento”, para o curso de minas, tendo praticado com os americanos, na Itália, em campo minado. O companheiro, mostrando uma coisa afastada, dizia assim, em linguajar típico: “*Visto? Visto* aquilo ali? *Visto* a crista (do monte)? *Visto* aqueles animais mortos, inchados, aquelas ovelhas? Aqueles animais pisaram em minas e vocês vão até lá neutralizar aquelas minas!

Então comecei a viver a minha vida no Batalhão de Engenharia, especificamente lidando com minas. Neutralizava os engenhos alemães e colocava as nossas minas. Neutralizava a do alemão, tirava tudo, com gelo ou sem gelo, porque começou a cair neve e o campo ficou gelado. Aquilo foi uma tortura, você cavando com a mão aquilo, para poder segurar a mina, tê-la em sua mão, flutuante, para não ter perigo para você e seus companheiros. [...]

---

<sup>897</sup> Relato do Coronel IPORAN NUNES DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Em Campanha, usei o “bastão de prova e o detector de minas”. O bastão de provas era como uma bengala pontuda, você ia furando o terreno à procura de corpo estranho. Quando tocava em algo mais sólido, você dizia: “Mina!”. Os meus companheiros recuavam sessenta metros ou mais, você com o sabre, que era sua arma, cavava, ia inspecionar aquilo ali para saber se realmente era uma mina, uma pedra ou outro corpo estranho qualquer. Já o detector tinha uma bateria a tiracolo, ponteiro e emitia um som. Íamos avançando para o campo minado, escutávamos aquele som, a mina estava longe, você já avisava: “Mina!”

À proporção que o som ia aumentando e o ponteiro chegava ao zero, você alertava os companheiros e assumia o comando. Aí não tinha para onde apelar, era realmente uma mina; para neutralizá-la cavávamos pelos lados até ficarmos com ela “flutuante”. Nós empregávamos minas americanas; o próprio americano nos ensinou a prática.<sup>898</sup> (Motta, 2001b, pp. 271-272)

[...] Durante três dias só comemos ração, só bolacha, chocolate. O jipe não podia levar o camburão de comida, pois havia mina para todo lado. A Engenharia só estava nos rios, nas montanhas. Nesse lugar em que estávamos havia os caçadores de minas – cuja missão era abrir brechas em campos minados –, mas eram poucos. Vi diversas minas: havia aquela grande, que destrói tudo; a mina circular que o alemão fez para pular do chão, na altura da pessoa. O raio de ação dela – até onde iam os estilhaços – era de um metro e setenta, faziam escalpo. Houve muita gente ferida. O pessoal da Engenharia chamava aquela mina de “quebra-canela” porque ela detonava uma carga de explosivo suficiente para arrancar o pé do combatente e atingi-lo até o terço inferior da perna. De um metro e setenta para baixo ela destruía tudo. Houve até um soldado que foi capado.<sup>899</sup> (Motta, 2001b, p. 188)

---

<sup>898</sup> Relato do Sargento AYRTON VIANNA ALVES GUIMARÃES, que na F.E.B. atuou como Integrante da 2ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>899</sup> Relato de ABDIAS DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Soldado da 1ª Companhia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

O Primeiro-Tenente Miguel Ferreira de Lima, veterano da F.E.B., destaca em sua entrevista um episódio em que, infelizmente, um colega do Exército Inglês subestimou o trabalho do 9º Batalhão de Engenharia.

[...] O caminho que seguíamos era na verdade uma trilha, num campo coberto de sapê, balizada por uma faixa de gaze colocada pelo 9º BE. Ao lado, havia placas indicando campos minados. Foi, então, que se aproximou, na direção contrária, um caminhão pequeno, de frente quadrada, com a direção do lado direito, tracionando um pequeno canhão antiaéreo. Era do VIII Exército Inglês, sendo comandado por um sargento e levava cinco soldados. Como não havia lugar para desviar, as viaturas pararam. O sargento inglês fez sinal para que eu desviasse minha viatura, o que não fiz. Falei com ele, em italiano, que já tinha aprendido, que não ia tirar a minha viatura. Esta era grande, não havia espaço. Ele também falava mal o italiano. Insistiu para que saíssemos de seu caminho. Eu lhe disse que era um veterano da FEB, que não ia manobrar, que havia minas fora da faixa de gaze. O inglês, insistiu, disse que as placas de minas eram colocadas por patifaria. Eu lhe disse, então, que se não acreditava na existência de minas, ele poderia desviar a sua viatura, passar a faixa de gaze e entrar lá. O inglês, um homem forte, estava furioso. Disse que ia fazer uma demonstração e pulou a faixa. Começou a andar, pisou em uma mina, foi lançado para o ar. Fiquei com o uniforme salpicado com o sangue dele; seu corpo ficou destroçado, sua cabeça sumiu. A única coisa que pude dizer é que aquilo era o exemplo de um homem que perdeu a vida por causa de sua teimosia. Os soldados ingleses desatrelaram o canhão e manobram. A estupidez do raivoso sargento levou-o à morte.<sup>900</sup> (Motta, 2001f, pp. 351-352)

As atividades realizadas pelo 9º Batalhão de Engenharia, naturalmente, envolviam grande perigo. Remover e instalar diferentes tipos de minas – minas anticarro, minas antipessoal, minas magnéticas, entre outras – exigiam treinamento específico e mesmo em ambiente controlado, poderiam provocar

---

<sup>900</sup> Relato do Primeiro-Tenente MIGUEL FERREIRA DE LIMA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Chefe de Peça da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em abril de 2001.

baixas. Os veteranos relembram episódios em que acidentes aconteceram na instalação dos dispositivos e durante o adestramento.

O Capitão Memória disse-me para fazer um campo minado, quando fui montá-lo, o 2º Tenente R/2 José Belfort de Arantes Filho me diz: “Quem fez o curso fui eu”. Ao que eu falei: “Eu fiz aquele curso de San Rossore”. O Belfort retrucou: “Mas, aquele curso não se compara ao que eu fiz” – e completou: “Você vai descansar em Florença”. Ficando acertado que ele iria montar o campo minado.

O Belfort era muito detalhista. Eu não estava mais lá; contaram-me depois como ele foi fazer o campo minado. Ele disse: “Bem, se explodir essa mina aqui vai explodir aquela e vai pegar o grupo todo que estiver aqui”.

Quando já estava quase para terminar o campo minado, colocou uma mina que, ao apertar o pino, explodiu. Chamaram o Wilke, que era o especialista, Comandante do Pelotão de Remuniciamento, mas não se sabia onde era o campo minado, pois não tinha sido feito o croqui. O Wilke começou a pesquisar com o sabre, fazendo explodir uma das minas, esfacelando seu pé, o mesmo acontecendo com o sargento que o auxiliava nessa missão.

Eu não vi, porque saí logo. Depois, quando fui ferido, ainda encontrei o Wilke no hospital; ele mesmo fazia o curativo na perna.<sup>901</sup> (Motta, 2001e, p. 203)

Foi um dia trágico para mim porque estava tomando conta de uma área de remuniciamento, na estrada que ligava Silla a Porreta Terme; era um convento de franciscanos, todo destruído e aconteceu um fato que me trouxe muita mágoa. Aqueles companheiros que fizeram comigo o Curso de Sargento, que faziam parte do meu pelotão, ficaram encarregados de fazer o lançamento de campo de minas à frente do nosso Batalhão, e um deles, infelizmente, morreu nessa operação.

---

<sup>901</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

As minas eram muito sensíveis, era preciso muito cuidado em seu manuseio. Funcionavam quando você amarrava um fio no grampo e a outra extremidade em alguma coisa, uma árvore, arbusto, em qualquer lugar: quando alguém passasse, acionava o petardo. E foi numa dessas que ele morreu, na véspera do Natal, José Gomes de Barros, pernambucano, meu companheiro.<sup>902</sup> (Motta, 2001b, p. 286)

Em Livorno, o desembarque foi meio temeroso, porque desembarcamos numa praia que deve ter sido minada, uma vez que havia um limite, uma fita branca de cada lado de uma trilha. Só se podia passar por ali. [...]

[...] A instrução de minas e armadilhas foi ministrada ali na praia de Pisa. Foi onde nós perdemos o Tenente Márcio Pinto, que era lá de Juiz de Fora. Ele comandava justamente o Pelotão de Minas e, numa dessas instruções, contam – eu não sei, eu não vi – que ele, terminada a instrução, na hora de vir embora, lembrou-se que tinha esquecido qualquer coisa. Voltou para buscar e, supõe-se, que ele correndo, tenha pisado em alguma dessas minas. [...]<sup>903</sup> (Motta, 2001e, p. 241)

Em San Rossore, quase não havia instrução, lá fora a terra do rei, onde ele ia passar as férias. Certo dia, estivemos em uma elevação nessa região aprendendo a desativar minas enterradas no chão e não tivemos qualquer dificuldade de levantar um campo minado. Mas, ao término da instrução por causa da neblina, descemos em coluna, por segurança, com o instrutor brasileiro; mais atrás, uns vinte ou trinta metros, vinha o 2º Tenente Márcio Pinto que trazia em seus braços uma mina anticarro; de repente foi aquela explosão terrível e corremos para ver o que tinha acontecido. Havia pisado numa mina antipessoal e encontramos os pedaços do Márcio

---

<sup>902</sup> Relato de ANTÔNIO DOS SANTOS SILVA, que na F.E.B. atuou como Cabo sapador-mineiro do Pelotão de Minas da Companhia Comando do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>903</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

espalhados pelo chão. Assisti o recolherem em um saco branco e os encaminharem de acordo com as normas.<sup>904</sup> (Motta, 2001e, pp. 197-198)

[...] Hoje, durante o exercício, explodiu uma mina individual alemã, no meio de uma Companhia de Infantaria. A mina, ao explodir, fez com que detonasse uma outra, resultando dessas explosões mais de 20 feridos, soldado sem braço, sem perna etc. [...]

[...] Camuflei meu carro no mato, perto de uma parreira e embaixo de uma macieira. No meu carro está funcionando um rádio e o operador do mesmo, no momento, é o Sargento Gil. De vez em quando o rádio capta ordens em inglês dos nossos aliados.

No momento, o “velho” 1º GADO está dando uns tirinhos isolados por cima dos *Tedescos*, enquanto aguarda ordens para começar o bombardeio. O meu carro está forrado com saquinhos cheios de terra porque, se passar por cima de uma mina, alguns estilhaços do arrebentamento ficarão nos sacos. Os alemães deixam minas em todo canto. Próximo ao último acampamento que deixamos, explodiram no dia 14 umas quatro minas, com intervalos de menos de meia hora.<sup>905</sup> (Motta, 2001g, pp. 342-343)

Nós estávamos sentados depois da instrução, e estourou uma mina antitanque. O soldado que morreu só perguntava “ai meu Deus, o que eu fiz para merecer isto?”, sem parar, e morreu. Tinha um cheiro horrível de carne queimada. Eu estava sentado bem em cima do lugar onde a mina estava enterrada, e por sorte ela explodiu depois que eu saí.<sup>906</sup> (Torres, 1992, como citado em Maximiano, 2010, p. 136)

O avanço tecnológico bélico, especialmente das armas, que processou-se na Segunda Guerra Mundial permitiu que um único soldado carregasse consigo um poder destrutivo significativo. Uma

---

<sup>904</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>905</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

<sup>906</sup> Relato do veterano SANTO TORRES. Entrevista concedida em 1992.

metralhadora MG 42, utilizada pelos alemães, poderia disparar cerca de 1.200 tiros por minuto e era capaz de serrar o corpo de um homem. A explosão de uma granada poderia levar a várias baixas simultâneas e a explosão de uma mina magnética, poderia destruir um carro de combate. Os veteranos relembram as experiências difíceis e a constatação da fragilidade de seus corpos, ao depararem-se com diferentes tipos de minas e as amputações consequentes das explosões. Os apelidos dados pelos expedicionários aos diferentes tipos de minas a que foram expostos, como a mina quebra-canela, capadeira e arranca pé, permitem compreender a barbárie e o impacto que causavam no corpo humano. (Maximiano, 2010)

O único medo que eu tinha era de mina, depois de ter visto um sujeito pisar em uma e ficar em pedaços. Se explodia uma mina, ninguém se mexia. Felizmente, não encontrei campo minado.

Eu gostaria de acrescentar um fato sobre um Tenente da Reserva do Rio Grande do Norte ou do Sergipe, não me lembro ao certo.

Ele fez um estágio comigo, na fase do Capistrano, no Rio de Janeiro, mas tinha pouco conhecimento. O Capitão me disse para ter paciência com ele e que era muito interessado em ir para a guerra. Assim ocorreu. Soube mais tarde que ele pegou nessa mina, em que o alemão colocava uma mola por baixo e ao ser pisada, era jogada para cima, ao explodir, lançava estilhaços atingindo as nádegas do combatente. Pois bem, foi uma dessas minas que atingiu o Tenente Poti, que não morreu, mas ficou incapaz para o resto da vida.<sup>907</sup> (Motta, 2001e, p. 205)

la avançando com o Pelotão e o terreno era minado. Havia muitas minas antipessoal, pequenas caixas de madeira com o explosivo dentro, postas em ação por uma espoleta que, por sua vez, era acionada por um peso de sete quilos, no mínimo. As caixas de madeira ficavam cobertas com uma leve camada de terra e o detector de minas não acusava.

As mesmas eram espalhadas regularmente no terreno, formando um campo minado, como chamamos. Num espaço de mais ou menos meia hora, segundo ouvi depois, foram feridos

---

<sup>907</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

igualmente mais quatro soldados, sendo dois brasileiros e dois americanos, porque estávamos mais ou menos juntos.

Quando fui ferido, veio logo um enfermeiro que fez um atendimento de primeiro socorro, para estancar a hemorragia e depois me deu uma injeção de morfina, para aguentar a dor.

A amputação consequente de um terço de minha perna esquerda foi sem dúvida uma perda irreparável mas, dentro das possibilidades, fui bem atendido desde os primeiros momentos pelos padioleiros, no próprio local onde fora ferido, até a recuperação posterior no hospital americano especializado em Utah – EUA.<sup>908</sup> (Motta, 2001c, p. 83)

[...] Lembro-me como se fosse hoje. Íamos pela estrada, quando veio a ordem de se lançar uma patrulha para buscar o contato com o inimigo e identificar sua nova posição defensiva. Quando se faz uma linha de defesa, em qualquer guerra, colocam-se minas à frente das posições, uns 500m à frente. [...]

Formada a patrulha, saímos em direção aos morros. Eu estava na retaguarda quando o sargento me chamou, para frente; eu lhe disse que nunca tinha sido esclarecedor. Ele retrucou que não tinha importância, que seria naquele dia. Andamos a tarde toda até chegarmos às montanhas onde caímos num campo minado.

O primeiro a pisar em uma mina fui eu. O Comandante da patrulha, sargento Ferrine, tomou a frente, dizendo para que os demais só pisassem onde ele já tivesse pisado. Mas outros pisaram em minas; até o anoitecer, foram oito baixas, oito que perderam as pernas. Meu Comandante de Grupo de Combate, o sargento Aquino, perdeu as duas pernas, três dias depois morreu.

Todos desconheciam que aquela região se encontrava minada e esse desconhecimento fica como exemplo para o futuro, a fim de que as patrulhas, que saiam em missão sejam informadas, sempre que possível, da possibilidade da existência de campos minados.

---

<sup>908</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

Pisar numa mina dói muito. É uma amputação a sangue frio.<sup>909</sup> (Motta, 2001e, pp. 341-342)

Depois Cangaçú me contou a causa do acidente: Esse rapaz paranaense foi urinar numa moita e viu um projétil, pequeno, bonitinho, pegou-o e mostrou ao Capitão: “Olha aqui, Capitão, que coisa engraçada!” Cangaçú conhecia tudo, era um Oficial brilhante, e disse: “Isso aí é de morteiro. Bota isso para lá”. Ele foi, mas quando chegou ao mato para deixar o “projétilzinho”, seu pé tropeçou em um arame, fazendo funcionar uma mina antitanque.

Essa mina antitanque do alemão, quando o “aramezinho” funcionava, tinha uma carga de propulsão que a elevava até uma certa altura e explodia para arrasar tudo.

Foi o que aconteceu. Feriu 15 ou 16 homens e matou o jovem paranaense.

E o valente aqui, durante todo o tempo, como em transe, comandou e tomou providências com total segurança e controle. Só que, depois que todo mundo foi embora, depois de tudo terminado, eu encostei na parede e quase desmaiei. Fiquei um “tempão” zozinho.

O Cangaçú não morreu. Ele teve sorte. O ferimento no pescoço ficou a um milímetro da carótida. O ferimento da testa o fez perder um dos olhos. O Tenente Fortes escapou com os demais feridos. O sargento ficou hospitalizado, creio que até o fim da guerra.<sup>910</sup> (Motta, 2001d, p. 181)

As novas tecnologias bélicas aplicadas no conflito também ampliaram a gravidade dos ferimentos. A utilização de equipamentos tão potentes de ambos os lados, também trouxe para a guerra uma brutalidade difícil de ser traduzida. A morte e os ferimentos eram ocasionados pela ação de diferentes tipos de granadas e minas, estilhaços, deslocamento de ar causado por explosivos da artilharia, acidentes com viaturas, projéteis secundários, ação de fuzis, metralhadoras e morteiros.

---

<sup>909</sup> Relato do Sargento RUBENS LEITE DE ANDRADE, que na F.E.B. atuou como Sargento-Auxiliar do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>910</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

Quando revisitam memórias tão dolorosas, os veteranos brasileiros dedicam tempo para descrever em detalhes cenas de violência que tendem a ser perturbadoras para o ouvinte ou leitor. Todavia, não se trata de recurso utilizado para chocar ou agredir, e sim uma tentativa de afastar qualquer proximidade com uma morte indolor e indiferente. Nota-se um esforço em traduzir o impacto causado ao testemunharem mortes tão violentas e não banalizarem as formas com as quais os companheiros perderam a vida em suas narrativas. (Maximiano, 2010)

Conseguimos deslocar a Companhia, o meu Pelotão já saiu dos buracos dizimado e tentamos o dia inteiro avançar em direção a Monte Castelo: progredimos, talvez, uns trezentos metros, quatrocentos metros até C. Guanella e ali tivemos que parar barrados pelos morteiros, pelas metralhadoras alemãs e também porque o nosso efetivo já estava muitíssimo reduzido.

O meu Comandante de Companhia foi atingido por um deslocamento de ar de uma bomba que fulminou um atirador nosso, um soldado que conduzia a arma automática: caiu uma granada, estraçalhou o soldado e espalhou miolos e pedaços de carne! O sargento-auxiliar do meu Pelotão foi atingido e teve os intestinos à mostra, não pôde prosseguir; o sargento-orientador foi detido, ainda lá atrás, não pôde continuar; em suma, a Companhia estava dizimada ao entardecer [...]

Nós ficamos nessa posição [...] e à noite, como era previsível, os alemães sempre faziam isso, contra-atacaram com uma patrulha; nós conseguimos resistir mas nessa oportunidade perdeu a vida o sargento Cybber Porto de Mendonça, atingido por uma granada. Emociona-me lembrar: ele ficou junto a um monte de feno, uma granada explodiu ao seu lado... Até os braços, arrancados, caíram fora, sangrentos!<sup>911</sup> (Motta, 2001b, pp. 239-240)

Nós fizemos a guerra e jamais poderemos esquecer aqueles que foram sacrificados no cumprimento do dever, bem como os que tiveram atuação destacada. Foram muitos. Citando alguns, estarei homenageando os demais. Em Castelnuovo, por exemplo, a morte do cabo

---

<sup>911</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Romeu Casagrande. Gritando, apressadamente, eu o chamei: “Onde está o chefe da peça?” Ele tinha mais de dois metros de altura e se dirigiu em minha direção. Subitamente, ao se lançar no solo protegendo-se de um bombardeio, caiu em cima da mina fatídica. Eu assisti a tudo. Foi terrível. Pernas e braços voaram em diferentes direções. Isto aconteceu mais ou menos ao meio dia de 5 de março de 1945. Foi impressionante: um corpo cheio de vida despedaçado dessa maneira.<sup>912</sup> (Motta, 2001e, p. 109)

Em Porreta, um soldado brasileiro nissei, o Kodama, levou um estilhaço no pé, ajudei a colocá-lo na ambulância. Ele e eu sabíamos que morriam muitos nesses ataques. Lembro-me também de dois americanos num jipe, o que estava dirigindo levou um estilhaço no pescoço e caiu no volante, com a cabeça decepada.<sup>913</sup> (Motta, 2001c, p. 242)

Nesse momento chegou um mensageiro do Batalhão que, dirigindo-se a mim, disse: “Tenente Paiva, o Comandante do Batalhão manda que o senhor se apresente no Posto de Comando (PC) para receber a missão.” Desloquei-me, de imediato, descendo o morro na viatura de ¼ tonelada do mensageiro. Ao chegar, recebi a chefia de um comboio pequeno, de quatro viaturas, que deveria levar a uma Companhia de fuzileiros mais à frente. Cumprida a missão, regressei ao PC. Quando entrei, sob a mesa da sala de jantar, havia um saco de estopa com uma tampa de papelão de caixa de sapato, onde se lia: Tenente Godofredo. Eram os restos mortais.

Os alemães, nesse período, continuaram a nos bombardear com tiros de inquietação. Uma dessas granadas ricocheteou em uma árvore e caiu dentro do abrigo onde se encontrava o Tenente Cerqueira Leite e o seu ordenança, despedaçando-os. [...] <sup>914</sup> (Motta, 2001b, p. 140)

---

<sup>912</sup> Relato do General-de-Brigada JOÃO EVANGELISTA MENDES DA ROCHA, que na F.E.B. atuou como Subcomandante e, posteriormente, Comandante da 2ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>913</sup> Relato de NICOLA CORTÉS NETO, que na F.E.B. atuou como Soldado Muniador da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>914</sup> Relato do General-de-Exército PAULO CAMPOS PAIVA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarro do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

O Alberto era um sujeito muito bom e, no final da guerra, quando pedi notícias dele fiquei sabendo que tinha se acidentado ao manusear minas desmontadas e uma delas explodiu; ele foi feito em pedaços, que ficaram em cima de uma árvore; Isso aconteceu no final da guerra, não tinha nada a ver com a história e ele encontrou a morte dessa maneira, um rapaz excepcional. Também outros companheiros eram bons camaradas.<sup>915</sup> (Motta, 2001c, p. 157)

A medida que o material bélico evoluiu, os ferimentos tornaram-se mais complexos e a medicina militar também precisou progredir e adaptar-se aos incontáveis casos de amputação e ferimentos gravíssimos que chegavam diariamente aos postos de socorro. A logística para socorrer os feridos incluía a ação essencial em campo dos padioleiros, que arriscavam-se diariamente para socorrer os colegas sob a mira do inimigo. Acreditava-se que se um elemento conseguisse ser socorrido pelos padioleiros e aguentasse o transporte de ambulância até os postos de primeiros socorros, tinha grandes chances de sobreviver. (Moraes, 1960; Maximiano, 2010)

E ficávamos ali e quando havia alguém ferido na frente, na 3ª Companhia do 6º RI, ou o que fosse, ligavam para o Posto Médico e nós íamos busca-lo. Nós não ficávamos junto com os infantés, só íamos pegá-los, quer dizer, era mais arriscado do que ficar lá, porque se você fica em uma trincheira você está protegido, agora se você vai e vem, está sempre se arriscando, e os infantés viviam dizendo que não trocariam de posto nem que eu quisesse, não queriam ser padioleiro de jeito algum, eu já preferia ser.

Bem, cada um tinha suas obrigações. Um noite, sentimos um ambiente assim meio carregado e percebemos que alguém vinha descendo, passava por ali e falava para o Tenente para a gente recuar, que tinha ordem para recuar. Aconteceu quando foram conquistar Monte Castelo e foram rechaçados. *Quando estávamos preparando nossas coisas, o Tenente que comandava o posto falou: “Nós seremos os últimos a sair daqui, ninguém vai embora até passar*

---

<sup>915</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

*o último soldado.” E, concluindo: “Vamos ficar aqui porque essa é a nossa missão, de ficar e pegar os feridos que estiverem no caminho.” [grifo nosso]<sup>916</sup> (Motta, 2001c, p. 205)*

Ser ferido em combate também fez parte da experiência traumática de alguns expedicionários durante o conflito. Em casos graves, os combatentes eram acometidos pelo estado de choque e por conta da excitação nervosa e do aquecimento do corpo, eventualmente, demoravam a ter consciência de que realmente haviam sido atingidos.

Os veteranos destacam suas experiências pessoais com os ferimentos provocados pela guerra, incluindo sensações, gerenciamento da dor e logística do socorro.

[...] Com aquele tiroteio, o Sirigato recuou. Ao recuar, uma bala ricocheteou e acertou-lhe a perna, fez um corte. Sirigato brincou e confessou que a bala não era nada, só escamara a pele. E eu falava: “Você está rindo? Como é que você consegue? Você está cheio de sangue”. No fim das contas ficaram dois soldados, um que depois recuou e o outro que tinha ficado com ele. Um italiano os puxara para dentro de uma casa [...] <sup>917</sup> (Motta, 2001c, p. 103)

[...] Depois de trocarmos muitos tiros, do nosso morteiro 60mm e das nossas metralhadoras, que também cercavam essas casas, realizei um movimento no sentido de me aproximar de uma posição onde pudesse chegar até a casa e, nesse momento, quando sinalizava para o meu grupo que se posicionasse ao meu lado, para que pudessemos atacar aquela casa, recebi uma rajada de metralhadora, que me deixou ferido.

Meu Grupo de Combate sofreu um abalo, sem dúvida, com aquela situação, todavia nós não desanimamos e tentamos continuar a nossa progressão, mas sem sucesso. Permaneci, por mais de duas horas, com o meu GC antes de ser removido. Um dos soldados de meu Grupo ajudou-me, fazendo um curativo individual que cada um de nós carregava na cintura. De certa

---

<sup>916</sup> Relato de JÚLIO DO VALE, que na F.E.B. atuou como Padoleiro do 1º Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>917</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

maneira, paralisou a hemorragia, porém, não foi feito o curativo em um tiro de raspão que recebi no pescoço, o que provocou a perda de muito sangue. Apesar disso, permaneci dando moral ao Pelotão e ao Grupo.

O comandante do Pelotão, ao aproximar-se de mim, verificou que eu não poderia mais continuar em combate e deu ordens para que eu fosse retirado, mas a situação estava tão difícil que os padoleiros não conseguiam chegar para atender aos feridos ou para recolher aqueles em estado mais grave ou que já tinham morrido. Então, eu lhe disse que iria retraindo aos poucos, dentro da minha capacidade, dispensando qualquer ajuda em face da dificuldade que atingia a todos. E fui. Algumas vezes caía, em seguida erguia-me, usando todas as forças para conseguir aproximar-me do lugar onde estavam os médicos e enfermeiros. No posto de saúde, ao ver os médicos, cheguei a recomendar-lhes a necessidade de que fossem mais à frente porque havia gente ferida nas pernas, que não podia se movimentar.

Depois disso, perdi os sentidos. Quando os recobrei, percebi que estava dentro de uma ambulância, viajando para Livorno. [...]

Meu retraimento foi uma epopeia, pois estava praticamente sozinho; abri mão do auxílio de um Sargento do Pelotão de Petrechos, porque entendi que a permanência dele em combate era necessária. [...] <sup>918</sup> (Motta, 2001f, pp. 282-283)

[...] estava distribuindo a ração para o pessoal, caixa com as *scatolettas*. Uma vez ou outra, quando estávamos na cidade, recebíamos ração quente. Durante o dia não se podia nem tirar a cabeça fora do buraco, porque nos tornávamos visíveis para o alemão que se encontrava a menos de cem metros. De repente, senti que a terra levantou não muito longe de mim, procurei deitar, mas perdi o equilíbrio e rolei, sentindo uma pancada nas costas. Pensei que fosse uma pedrada, porque quando explodia uma granada no solo, voavam cacos de pedras para todo o lado. Achei que fosse uma pedrada, mas era um estilhaço. Então, quando começou a doer, pedi ao soldado que tirasse a minha blusa, ele olhou e disse: “Ah, sargento, aqui só tem um furinho”.

---

<sup>918</sup> Relato do Capitão DIVALDO MEDRADO, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante do 1º Grupo de Combate do 2º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Falei: “Está bom, então vai avisar ao Tenente que estou ferido”. O Tenente entrou em contato com o Comandante e este perguntou se dava para eu me deslocar até o Comando da Companhia, que estava a mais ou menos uns trinta ou quarenta metros. Teríamos que passar na frente dos alemães e foi a hora em que mais corri, corria e deitava, meio sem jeito porque o braço doía. Consegui chegar, e o médico do Batalhão, Doutor Valério já estava me esperando. Examinou-me e o Capitão, olhando o ferimento, disse: “Ah! Foi só de raspão, hoje ele dorme aqui e amanhã volta para a posição”.

[...] De madrugada o Tenente chegou num jipe, com um café quente; bebemos e fomos até o Posto de Saúde do Batalhão. Dali em diante, em cada lugar que chegava, tiravam o curativo, davam outra injeção; mais tarde segui de ambulância e, pela última vez, na Divisão, enviaram-me para Pistóia. Havia um outro ferido, na ambulância, estava na parte de cima, gemia, chorava e gritava. Eu perguntei ao enfermeiro quem era e ele disse que o rapaz tinha 42 perfurações no corpo, porque pisara numa mina; então não posso nem abrir a boca, pensei. Chegamos ao hospital mais ou menos uma hora da tarde, e às duas e pouco já estava sendo operado, para tirar o estilhaço do corpo. Disse o médico que por pouco não chegara a um centímetro do pulmão. [...] <sup>919</sup> (Motta, 2001c, pp. 106-107)

Recebemos uma intensa concentração de fogos. Só de Artilharia foram mais de 3.000 tiros. Some-se a isso as granadas de morteiros 81mm e 60mm e mais os tiros de metralhadoras, fuzis e outros engenhos. O volume do fogo recebido foi tão grande que, num deslocamento de 400 ou 450 metros, eu tive cinquenta e duas baixas, sargentos, cabos e soldados, além de um Capitão e dois tenentes. Apesar disso, a Companhia permaneceu firme em suas posições. Fui ferido no rosto, pés, pernas, rins e pulmões. Tive sorte, pois o soldado que estava do meu lado e à minha direita morreu na hora. Assim que fui ferido, procurei sentar-me. Não conseguia ficar em pé. Os dedos dos pés começaram a doer intensamente.

---

<sup>919</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Assim que recebemos o ferimento, sentimos como se tivéssemos levado um forte soco, um violento impacto. Logo depois, vem a dor. Eu sangrava pelas botas, senti arder os pulmões, rins, rosto e toda a perna direita. Tudo ardia no meu corpo, mas eu me mantive firme. Um dos estilhaços, Deus quis, chegou perto do coração, encostou na aorta e ali parou. Continua até hoje nessa posição. Dessa forma, posso afirmar que a Medalha de Mérito Militar, que permanece, para sempre, em meu peito, recebi em Montese pela mão de Deus!<sup>920</sup> (Motta, 2001d, p. 78)

Comecei a juntar aquela munição. Havia a cota 988 que o alemão às vezes usava para observação, porque aquilo era um tobogã. Numa ocasião, quando fugi das granadas, saí deslizando pela neve e todo o grupo me seguiu.

Eles, naturalmente, perceberam aquele movimento e começaram a atirar granadas de morteiro, atiraram a primeira, a segunda, quando um dos estilhaços bateu naquelas bombas amontoadas e eu só vi quando fui projetado ferido pela explosão. Devia estar a menos de dez metros. Fui atingido na região glútea. Eram dez horas da manhã e o padoleiro me aplicou um analgésico, fazendo com que eu não sentisse nada...<sup>921</sup> (Motta, 2001e, p. 203)

[...] Eu estava caído, sem poder me levantar, porque já não havia condições para isso.

De repente, o Cabo Raimundo Nonato que comandava uma Seção de Metralhadoras da Companhia de Petrechos, não pertencia ao meu Pelotão, rapaz alto, apareceu ao meu lado, arrastando-me pela gola do uniforme para local mais protegido. Alguém, ao me ver, disse: “Ih! Olha aí!” Fui olhar e vi uma poça de sangue no chão e minha perna esquerda toda ensanguentada. A virilha direita também sangrava bastante. Julguei haver perdido a perna e, pior do que isso, que havia sido castrado. Aceitava perder a perna esquerda, mas castrado... Não! Desesperado, o meu primeiro pensamento foi trocar tiro com os alemães e me arrastei para tomar posição. Voltei à razão quando ouvi o meu sargento Agenor virar-se para o cabo

---

<sup>920</sup> Relato do General-de-Divisão HELIO PORTOCARRERO DE CASTRO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>921</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

padioleiro Mello, que estava ao abrigo de outra casa e gritar: “O Tenente está ferido!” O Mello não conversou, com um lance semelhante ao de um felino, conseguiu chegar onde me encontrava. O alemão, surpreendido, só conseguiu atirar depois que o padioleiro estava protegido. O Mello era de uma competência extraordinária e a ele devo a minha vida. Rasgou a calça e começou a fazer o curativo, e eu, a essa altura, resolvi esperar o término de seu trabalho; o que iria dizer-me. Ele começou a descrever pelo pé esquerdo: “O Senhor tem um estilhaço no pé esquerdo...”, eu não pensava em pé esquerdo e, sim, em outra coisa. “Estanquei a hemorragia na perna esquerda e.... o Senhor quase foi castrado”. Quando ele disse “o Senhor quase foi castrado”, numa reação incontida, espontânea, gritei alguns palavrões e disse: “Vou c... muita alemã, ainda”. Diante do inesperado da frase, todo o pelotão explodiu numa gargalhada geral, desanuviando o ambiente. Concluí que deveria ficar ali mesmo. O apoio espontâneo dos meus comandados que acompanhavam o meu drama me ajudou a tomar a decisão de permanecer com eles. Fui ferido entre meio dia e uma hora. Fiquei com meu pelotão até duas horas da madrugada, perdendo sangue.<sup>922</sup> (Motta, 2001d, pp. 310-311)

O terreno realmente era muito batido pelos morteiros e fuzis-metralhadoras – a “Lurdinha”, a tal da Lurdinha alemã. Progredi naquele terreno como verdadeiro infante. E o cabo Orlandino também, com o rádio dele, acompanhava-me aonde eu ia. Nós progredíamos, atacando principalmente os ninhos de metralhadora. Apesar de deitado, aferrado ao terreno, recebi, no braço esquerdo, um estilhaço de granada de morteiro, que senti como se fosse uma pedrada. Olhei... Eu estava com o capote pois estava frio. O estilhaço rompeu o capote. Olhei para o braço... Lá estava aquela mancha vermelha. Felizmente não chegou a sangrar, de maneira que, mais uma vez, pedi a Deus e Ele me ajudou.<sup>923</sup> (Motta, 2001d, p. 281)

---

<sup>922</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>923</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

Vou, agora, narrar como fui ferido. Quem transportava a munição e todo o material que fosse necessário à Bateria era eu. Uma vez, fui buscar material de manutenção e o Capitão, aproveitando o deslocamento, disse para levar os soldados para tomar banho. Assim, uma turma deles embarcou a fim de tomar banho na retaguarda. Enquanto eu carregava o material de manutenção, combustível, óleo, etc para a Bateria, os soldados iam tomar banho. Terminado o carregamento, estava esperando os soldados, em pé ao lado do caminhão, quando caiu uma bomba cujos estilhaços me feriram. Nesse instante passava um jipe e, quando olhei, notei que o motorista sumira, mas aquele senhor que estava ao lado dele – não sei se era oficial – fora decapitado, ficou sem a cabeça. Olhei e vi aquele cidadão sem cabeça... Essa bomba alemã explodiu no ar e os estilhaços vieram como se fosse uma chuva e nisso morreram o motorista do jipe e outro ao seu lado e eu fui ferido.

De imediato, procurei abrigar-me atrás de um pilar, pensando na possibilidade de vir outra, o que ocorreu. Cessado o bombardeio, veio um caminhão recolhendo os feridos; os mortos não. Um detalhe, não era uma ambulância não, era um caminhão mesmo, onde se colocava o pessoal ferido e eu fui no meio deles, também.<sup>924</sup> (Motta, 2001c, pp. 262-263)

A Força Expedicionária Brasileira contabilizou cerca de 1.862 integrantes feridos em combate, sendo que 1.421 atingidos por estilhaços. A título de exemplo, um estilhaço do tamanho de um abridor de latas, poderia arrancar uma perna, por consequência era comum serem encontrados membros e órgãos na frente de combate. Os Serviços de Saúde Brasileiros, atenderam mais de 10 mil casos – entre doentes, feridos e acidentados – e quando possível, dedicaram-se a atender também a população civil. (Ramos, 1949; Silveira, 1989; Maximiano, 2010)

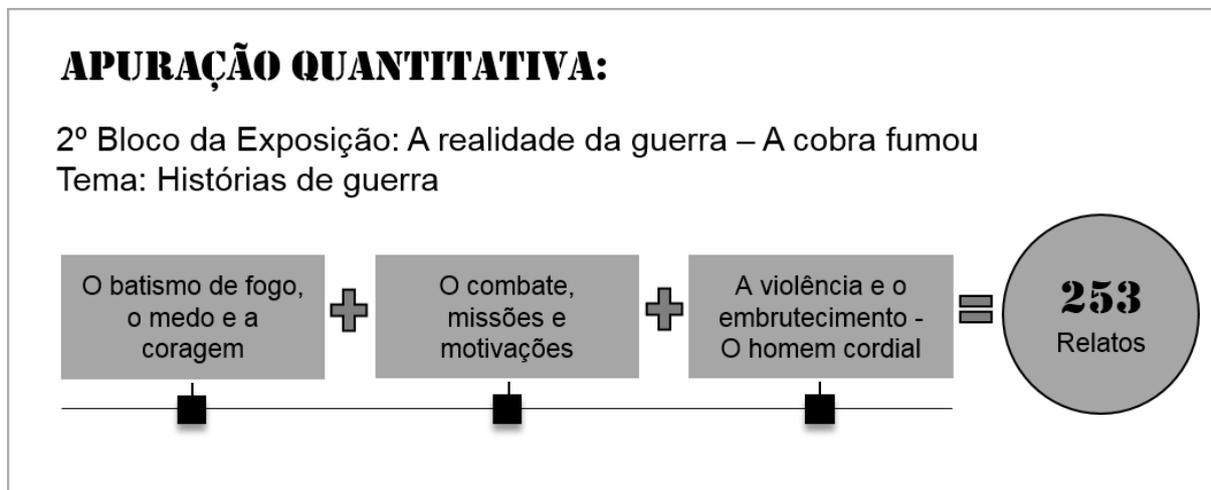
A seguir, na figura 23, apresenta-se a quantificação dos relatos selecionados neste capítulo.

---

<sup>924</sup> Relato de RAUL KODAMA, que na F.E.B. atuou como Motorista da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em setembro de 2000.

## Figura 23

*Apuração quantitativa da segunda etapa da exposição – A realidade da guerra. Tema: “Histórias de guerra – a atuação dos brasileiros no conflito”.*



*Nota.* Autoria própria.

### 7.3 O COTIDIANO

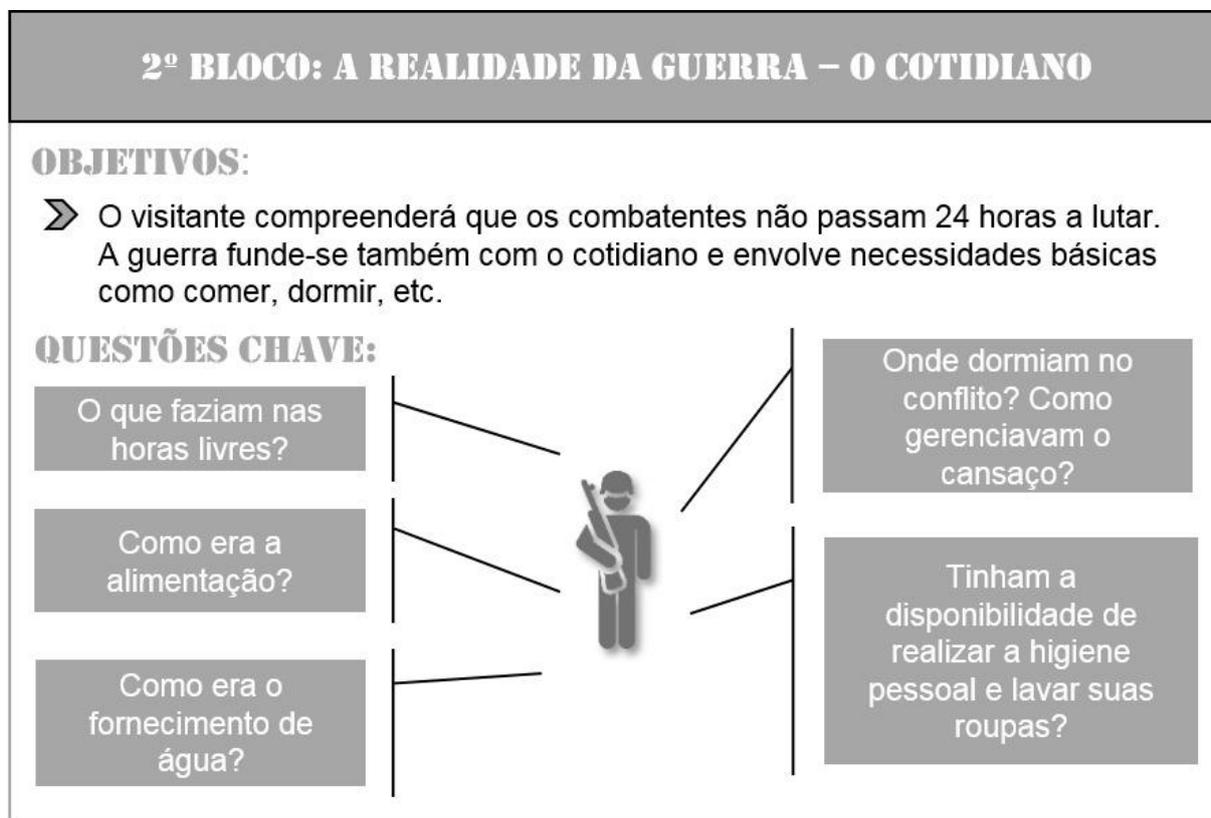
Nesta etapa da exposição, abordam-se temáticas inerentes ao dia-a-dia dos expedicionários brasileiros, como a alimentação em combate, o fornecimento de água potável, gerenciamento do sono e do cansaço, higiene pessoal e lazer. Tenciona-se mostrar aos visitantes as dificuldades para realizar tarefas consideradas simples, rotineiras em tempos de paz, em meio ao conflito.

Em adição, ao final, destacam-se episódios vividos pelos combatentes em que o humor esteve presente, revelando o lado leve da guerra, mesmo diante de tanta violência e adversidades.

Posto isso, a figura 24, destaca as perguntas utilizadas como parâmetro de curadoria:

**Figura 24**

*Segunda Etapa da Exposição Itinerante – A realidade da guerra: Questões chave sobre “O cotidiano”.*



*Nota.* Autoria própria.

A violência da guerra, a morte, os ferimentos e os cadáveres não foram os únicos desafios que exigiram adaptabilidade e preparo psicológico na Campanha Italiana. A guerra que os veteranos brasileiros enfrentaram exigia a adaptação até mesmo no atendimento de suas necessidades básicas.

Para os que passaram boa parte da guerra na linha de frente, as privações físicas e a rusticidade que experimentaram poderiam ser piores do que a própria ação em combate. Comer, beber, dormir, manterem-se aquecidos e minimamente limpos, exigia certa flexibilidade nos parâmetros do que era considerado conforto e comodidade na vida civil.

Matar a sede exigia, por exemplo, certa precaução e cautela. O cuidado devia-se não só pela possibilidade de beberem água imprópria para consumo humano, mas pela ação do inimigo, que poderia envenenar poços e cisternas. Sendo assim, os expedicionários recebiam orientação para não consumirem água de locais fora do raio de controle dos Exércitos.

No caso da F.E.B., a distribuição de água potável foi providenciada pelo 9º Batalhão de Engenharia e pelo Exército dos Estados Unidos. Foram instaladas redes com pontos de abastecimento onde a água era tratada e destilada. (Silveira, 1989)

O fornecimento de água no *front* era um problema e nem sempre os combatentes tinham acesso fácil ao recurso. No inverno, costumavam derreter neve para transpor a dificuldade, mas não era a melhor solução, visto que de maneira geral, a neve era poluída ou possuía lama. As rações de combate e assalto continham, entre os itens alimentares, pílulas de cloro – halazone – para purificação da água. A água da retaguarda também era clorada e possuía forte sabor à química. (Silveira, 1989; Maximiano, 2010)

Durante 15 dias saíamos a passeio, mas tudo era proibido, não se podia beber água, porque estava contaminada, só se podia usar os bebedouros do Exército, muito bem organizados.<sup>925</sup> (Motta, 2001c, p. 299)

Admiramos, desde o início a organização americana, a qualidade da água, das cozinhas, dos sanitários. Eles colocaram caixas d'água ao longo da avenida principal, larga e arborizada com pinheiros, perto de nosso acampamento. A água era clorada, com a qual enchíamos nossos cantis [...]

Os soldados eram proibidos de sair da área do acampamento, de ir em busca de mulheres, de beber água em poços e cisternas. Muitos poços tinham sido envenenados pelos alemães. [...] <sup>926</sup> (Motta, 2001f, pp. 328-329)

Para o Coronel Amerino Raposo Filho e o Coronel Moacir Vêras, a contaminação da água deu-se também pela ação do inimigo, no entanto, de forma singular.

---

<sup>925</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>926</sup> Relato do Primeiro-Tenente JOÃO VIANNA DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

Foi em Zocca, também, que se encontrou aquele oficial alemão morto num poço, cuja água, gelada e muito boa, nós utilizamos por uns dois ou três dias. Só depois, é que fomos ver que havia um oficial alemão morto dentro dele.<sup>927</sup> (Motta, 2001a, p. 202)

Houve um outro fato inusitado, completamente diferente. Estávamos acantonados numa casa, na localidade de Bibiano, antes da Ofensiva da Primavera e só podíamos tomar água com pílulas de cloro que a deixavam assim pastosa, sem sabor. Já começava a fazer um calorzinho naquela época. Na casa onde estávamos, havia um poço. Perguntamos ao italiano se dava para beber aquela água. “Dá, disse ele, é água boa; pode beber, não há problema.” Começamos a tomá-la. Jogava-se o balde lá embaixo e vinha a água, que era fresquinha, muito boa mesmo.

Um dia, o soldado jogou o balde e quando puxou estava pesado. Foi puxando, puxando, já com a ajuda de outros, e sabe o que é que veio no balde? Um subtenente alemão, que estava dentro do poço, morto, naquela água sem cloro. Ainda perplexos, encontramos no bolso do subtenente, retratos da família, do filho. Foi um quadro horrível, que nunca esquecemos.

Tenho a impressão de que o italiano matou o alemão e o jogou ali dentro. Antes, já tínhamos achado um cadáver por perto e um capacete alemão escondido na lareira... [...]

Há uma outra hipótese: o alemão desertou e acabou suicidando-se, uma vez que a situação era extremamente difícil.<sup>928</sup> (Motta, 2001a, p. 277)

O medo de beber água e acabar envenenado ou doente define as preferências do veterano Vicente Gratagliano, que opta por zelar por sua saúde e segurança ao consumir apenas vinho.

[...] A gente tomava um comprimido chamado Itibrina, mas eu não andava com água, eu andava sempre com o cantil cheio de vinho, eu só tomava vinho que conseguia com os amigos italianos,

---

<sup>927</sup> Relato do Coronel AMERINO RAPOSO FILHO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em janeiro de 2000.

<sup>928</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

trocava por cigarro que não fumava, embora todo dia recebesse um maço de *Camel, Lucky Strike*; [...] <sup>929</sup> (Motta, 2001c, p. 291)

Todavia, até mesmo o consumo de vinho demandava prudência. Era imprescindível ter ciência da origem da bebida. Assim como os inimigos criavam as *booby traps* para eliminar os adversários, poderiam também envenenar bebidas e alimentos disponíveis nas moradias.

Então a gente saiu fazendo a limpeza.

Encontramos umas botas felpudas para conforto do oficial alemão e na mesma casamata um galão, desses de 18, 20 litros de combustível, cheio de vinho de primeiríssima qualidade. O cabo Emídio, como bom soldado, achou de primeiro experimentar o vinho antes de comunicar a descoberta.

Tomou uma porção, o sabor era bom, ele deu para o soldado que ia com ele, tomou outra, outra e lá para as tantas, à tardinha, chega o cabo Emídio comunicando a meu comandante de Pelotão o que tinha encontrado: “Tem um galão de vinho...”

Aí veio logo a ordem: “Não toca no vinho que pode estar envenenado; pode ser que eles tenham deixado *booby trap* no morro e pode estar envenenado o vinho!”

Quando se estava nessa confusão de vinho envenenado ou não envenenado, o cabo Emídio deu um gemido enorme e caiu a fio comprido no chão. Todo mundo ficou assustado: “Puxa! Esse vinho estava envenenado mesmo e o cabo vai morrer!”

Pega o cabo, bota numa padiola e desce para o posto de evacuação.

E, nada mais nada menos, o cabo apenas tinha tomado um pileque, tomou vinho que não acabou mais!

---

<sup>929</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

Naturalmente o vinho foi distribuído entre o Pelotão em doses parcimoniosas; mas o susto do cabo Emídio foi enorme.<sup>930</sup> (Motta, 2001b, pp. 250-251)

Alguns tiveram a sorte de serem posicionados em áreas em que o próprio entorno os apoiou no fornecimento de água.

Já em Tarquinia, nós ficamos em um campo melhor. O terreno era acidentado com elevações de cem a duzentos metros, coberto por uma vegetação, uma relva, ventilado e com uma ampla e bonita vista. A dificuldade que tivemos, pelo menos na posição em que ficou o meu Pelotão, era saber onde havia água. Água havia, mas ninguém sabia onde. O meu faro de sertanejo, daqueles que nasceram e morreram na seca e sem beber água, porque água não havia... eu saí com um homem ou dois, e depois de percorrer a região, descobri um lugar que era uma nascente de água. Não era muito longe. Uma água pura formidável. Daí para frente tivemos uma água maravilhosa, [...] <sup>931</sup> (Motta, 2001d, p. 174)

Assim como o abastecimento de água na linha de frente, a logística da alimentação, também envolvia algumas dificuldades. O terreno montanhoso, os constantes bombardeios e as posições privilegiadas dos alemães, tornavam a atividade extremamente perigosa, como visto anteriormente.

De maneira geral, a alimentação quente, fornecida aos expedicionários na retaguarda e na linha de frente teve boa aceitação. Para aprimorar seus conhecimentos e técnicas para cozinhar no meio de uma guerra, os cozinheiros da F.E.B. realizaram um curso através do *Food Service* do IV Corpo do Exército dos Estados Unidos. (Silveira, 1989) Posteriormente, já treinados, por vezes conseguiram adaptar os recursos gastronômicos disponíveis ao paladar dos brasileiros, servindo por exemplo, o tradicional arroz com feijão.

---

<sup>930</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>931</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

[...] O brasileiro tinha necessidade de comer o feijão com arroz – era como uma necessidade básica – que o Serviço de Intendência Brasileiro trazia do Brasil. Quando havia um período razoável de estabilidade nas operações, era preparada uma alimentação semelhante à brasileira. Para ter-se uma ideia da riqueza da comida, no Natal houve Peru. Evitava-se portanto, a criação de um problema, até psicológico.<sup>932</sup> (Motta, 2001d, p. 38)

[...] A assistência deles foi sensacional. Tinham uma cozinha enorme, que parecia uma geladeira grande. Eles nos ensinaram como usá-la, a fazer panquecas, carne e outras comidas. Nossos cozinheiros saíram de lá doutores, mas só faziam feijão. Nós levamos sacos e sacos de feijão.<sup>933</sup> (Motta, 2001f, p. 204)

[...] O paladar da alimentação, oferecida nos moldes americanos, diferente do nosso “feijão com arroz”, conseguimos assimilar; o cozinheiro da nossa Companhia teve de fazer feijão-tropeiro – ele era mineiro – e amenizou a situação. [...]<sup>934</sup> (Motta, 2001b, p. 303)

Já a alimentação fornecida para quem estava no *front*, exigiu um esforço de adaptação ainda maior dos expedicionários, que não estavam habituados às latarias e produtos solúveis. As rações que os brasileiros recebiam possuíam boa embalagem, com itens alimentares desidratados, enlatados ou embalados à vácuo, inseridos em pequenas caixas impermeabilizadas ou em latas. (Silveira, 1989)

Os enlatados das rações traziam comidas que seguiam a culinária norte-americana, a base de carne e cereais, como o *corned beefe* e o *pork lunch*, por exemplo. Entre os itens solúveis, encontravam a sopa, o café, a limonada e até mesmo o ovo em pó.

---

<sup>932</sup> Relato do General-de-Exército ALACYR FREDERICO WERNER, que na F.E.B. atuou como Chefe da Subseção de Foto-informação da 2ª Seção do Estado-Maior. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>933</sup> Relato do Economista OSWALDO GUDOLLE ARANHA, que na F.E.B. atuou como Soldado Intérprete e motorista da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>934</sup> Relato do Doutor RIGOBERTO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

[...] Nunca ouvi ninguém dizer: “Olha, você vai sofrer, uma hora ou outra, você vai passar fome, vai ter que comer a ração “K”, porque não vai ter ração quente. Aliás aconteceu diversas vezes; ficamos 2 ou 3 dias em combate, só comendo ração “K”, ração de caixinha. *Não era tão ruim, mas sim uma difícil transição porque estávamos acostumados com feijão e arroz. O americano não, já estava habituado com a lataria, não estranhava muito.* [grifo nosso] Normalmente, dois dias antes de começar o combate, a gente ia para a retaguarda a fim de descansar e recebíamos a comida quente; às vezes, vinha o feijão preto e aquilo para nós era um “festão”.<sup>935</sup> (Motta, 2001c, p. 254)

[...] A ração “K” era para emergência, composta de três bonitas caixinhas, e a “C” eram quatro ou cinco latas grandes e havia umas esplêndidas. Uma de espaguete, que quando era possível aquecer a lata, era uma delícia. Devia ser feito por italianos nos Estados Unidos, com muito molho de tomate.

*Havia uma, de que nunca me esqueço, era de feijão branco com carne de porco; intragável, mas eu comia. Guerra é guerra, e porque o desgaste energético era grande e eu tinha consciência de que devia estar bem alimentado. Mas havia soldado que não conseguia comer.* [grifo nosso]<sup>936</sup> (Motta, 2001d, pp. 334-335)

[...] Olha, eu vi soldado nosso passar fome, para dar a sua ração de combate para criança com fome na beira da estrada. Nós tínhamos a ração de campanha e a ração de combate. Essa ração de combate era composta de três caixas que colocávamos no bernal com o café, o almoço e o jantar. Nós recebíamos aquelas caixas e não nos orientavam como utilizar, porque as recomendações estavam escritas em inglês. O nosso pracinha pegava aquilo, com um pacotinho de café solúvel, um de sopa solúvel que, aqui no Brasil, nós não conhecíamos, uma latinha de queijo, uma outra de *corned beef*, que não tinha gosto nenhum, ou melhor, tinha gosto de papel.

---

<sup>935</sup> Relato de OSWALDO MATUK, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>936</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

Aquela sopa virava uma gosma e o nosso pracinha que não sabia inglês achava que aquela sopa em pó era o tempero da carne e que, assim, a carne ficaria muito saborosa; só que até os americanos jogavam o *corned beefe* não tomavam aquela sopa; eles aprenderam conosco que, juntando as duas ficava até bom. Afinal, foi o soldado brasileiro que acabou ensinando o americano a comer a sua própria comida.<sup>937</sup> (Motta, 2001c, p. 48)

O apoio logístico quase todo era americano: cigarro, chocolate, munição, *a alimentação, aquela comida enlatada horrível*. [grifo nosso] Na retaguarda, às vezes, aparecia uma comida quente, nossa, no período entre dezembro e fevereiro, feita nas Companhias por cozinheiros brasileiros.<sup>938</sup> (Motta, 2001b, p. 299)

[...] Depois embarcamos num trem onde os italianos vendiam frutas deliciosas. Estava escrito no vagão do trem, *no scupa terra*, isto é, não cuspa no chão. *Permanecemos em Agnaro, numa situação precária, pois não havia ração quente e eles a substituíram pela ração arroz e feijão enlatados, uma coisa horrível*. [grifo nosso] Recebíamos as latinhas, fósforo, cigarro que para mim não tinha utilidade, porque não fumava.<sup>939</sup> (Motta, 2001c, p. 201)

Estavam disponíveis aos brasileiros três tipos de rações, que eram distribuídas de acordo com as demandas do conflito. A título de curiosidade e para uma melhor compreensão dos relatos dos veteranos, é apresentada a tabela 3 com as características de cada uma.

---

<sup>937</sup> Relato do General-de-Brigada RUBENS RESSTEL, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em abril de 2000.

<sup>938</sup> Relato do Bacharel JOSÉ SOUTO MAIOR, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>939</sup> Relato de JOSÉ MARIA RODRIGUES, que na F.E.B. atuou como Cabo Escrevente da Companhia de Canhões Anticarro do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

**Tabela 3***A alimentação da F.E.B.*

<b>A alimentação da F.E.B.</b>		
<b>Ração K</b>	<b>Ração C</b>	<b>Ração B</b>
<b>Ração de assalto</b>	<b>Ração de combate</b>	<b>Ração operacional</b>
<p>+/- 900 calorias.</p> <p>3 caixas pequenas, cada uma contendo uma refeição completa.</p> <p>ítems destacados pelos combatentes:</p> <p>lata de queijo, patê ou sopa; biscoito; café ou limonada; chocolate; cigarro; fósforo; tablete de Halazone (para descontaminação da água).</p> <p>Nota: popularizou-se como «Scatoletta».</p>	<p>(valor calórico não identificado).</p> <p>6 pequenas latas, sendo 3 com alimentos à base de carne e cereais e 3 com artigos diversos.</p> <p>ítems destacados pelos combatentes:</p> <p>biscoito; cigarro; doces; café; limonada solúvel; tablete de Halazone.</p>	<p>+/- 4.000 calorias.</p> <p>3 refeições.</p> <p>pequeno almoço: leite, pão, manteiga de amendoim, ovos mexidos (ovo em pó), suco de tomate ou laranjada enlatada.</p> <p>almoço e jantar: carne (por vezes galinha ou peru), feijão e arroz à moda brasileira, doces, frutas ou suco de fruta, cigarros e fósforos.</p>

*Nota.* Autoria própria. Para desenvolvimento desta tabela, foram utilizadas as seguintes fontes bibliográficas: Moraes, 1960; & Silveira 1989.

A ração “K” ou ração de assalto, era fornecida em casos extremos, para combatentes que estavam em posições de difícil acesso e não era preciso aquecê-la. Para casos emergenciais, além desta ração, os expedicionários recebiam um chocolate vitaminado que de tão apreciado, era consumido fora de situações de contingência alimentar.

A ração “K” era envolvida em papelão, com uma substância parecida com breu ou algo semelhante, para isolar a umidade. Abrindo-a, encontravam-se o desjejum, o lanche e o jantar. Os gulosos comiam tudo de uma vez, as três refeições seguidas. No café, as latinhas de bolachas, como as de maisena, redondas, umas pedras de açúcar, em forminhas, e o chocolate ou uma latinha de café solúvel, bem pequenina, tão forte que tingia mesmo. Era um bom café. Mas o melhor tomava-se na retaguarda. O solúvel só ajudava.<sup>940</sup> (Motta, 2001c, p. 305)

[...] Na ração americana, sendo a mais famosa a ração “K”, vinha queijo, chocolate, cigarro, goma de mascar, fumo para cachimbo e para mascar. Era ração completa, uma caixinha da fita de vídeo K-7, um pouquinho maior. E bolachas que substituíam uma refeição, completamente vitaminadas, duras como um tijolo, mas que alimentavam.<sup>941</sup> (Motta, 2001b, p. 226)

Os americanos nos apoiaram em tudo, o que faziam com todas as tropas aliadas; não faltava nada, nem munição, nem gasolina, nada. Recebíamos comida quente quando estávamos fora de combate. Havia *bacon* com ovos, sendo que o ovo era em pó, comia-se até peru. Em combate, em contato direto com o inimigo, consumíamos a ração K, adequada a operações de movimento. Tivemos um apoio sensacional! Sofri muito mais, quando estive em Fernando de Noronha!<sup>942</sup> (Motta, 2001f, pp. 246-247)

A ração “C” ou ração de combate, também era composta por itens enlatados e desidratados, mas que poderiam ser aquecidos quando possível. Dependendo da posição ocupada, era completamente inviável aquecer as rações por mais que tivessem recursos para tal, visto que qualquer fumaça ou pequena chama acesa, poderiam despertar a atenção do inimigo. De maneira geral, essa ração era consumida quando a ração “B”, não podia ser fornecida, sendo armazenada na própria unidade.

---

<sup>940</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>941</sup> Relato do Major JOSÉ MARIA DA COSTA MENEZES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 7ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>942</sup> Relato do Major NAPOLEÃO FREITAS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como 2º Sargento na Companhia de Petrechos Pesados e na 3ª Companhia de Fuzileiros do I/1º RI. Entrevista concedida em abril de 2001.

[...] Éramos atendidos a tempo e a hora, tanto na questão de remuniamento e armamento, como na alimentação, não deixando nada a desejar. Todos os dias recebíamos aquele suprimento necessário, e, quando na defensiva, recebíamos a ração quente, se bem que essa ração só pudesse chegar aonde estávamos à noite e lá a gente esquentava. À tarde, recebíamos a ração K ou a ração C, que também alimentava suficientemente. *A ração C vinha numa latinha e não era tão gostosa; nós a esquentávamos e tínhamos a impressão de que estávamos comendo uma ração quente. No princípio, pensávamos que era uma ração insuficiente para a alimentação do brasileiro, mas logo vimos que satisfazia perfeitamente.* [grifo nosso]

Já a ração K, numa caixa de papelão hermeticamente fechada, era fornecida para os ataques, sem a possibilidade de ser aquecida. Essa é a diferença principal de uma para outra.<sup>943</sup> (Motta, 2001e, p. 229)

Diferentemente do apoio logístico prestado aos alemães, o nosso foi perfeito. Não faltou nada para os soldados. Quando podia, a comida ia quente da retaguarda para o homem que estava na frente; quando não, contentávamo-nos em comer a ração K e a ração C, que são caixinhas e latinhas, respectivamente, que têm de tudo.

A ração K, na caixinha de papelão, era mais para a hora do ataque, do movimento, e a latinha da ração C, por ser preciso esquentá-la, era usada numa situação mais parada. Essas embalagens tinham de tudo: queijo fundido, biscoito, suco, sopa, chocolate, cigarro etc. era suprimento que dava para o sujeito passar o dia, porque havia três caixinhas para o dia e, fora isso, vinha a comida da retaguarda, a chamada ração quente.<sup>944</sup> (Motta, 2001f, pp. 319-320)

Referindo-me agora a alimentação recebida, nós no front, normalmente alimentávamo-nos com ração “K” e a ração “C” que não exigiam cozinha. Mas, cada Companhia tinha fogões de

---

<sup>943</sup> Relato do Tenente-Coronel JOEL LOPES VIEIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>944</sup> Relato do Primeiro-Tenente GERALDO CAMPOS TAITSON, que na F.E.B. atuou como Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI. Entrevista concedida em novembro de 2000.

campanha que funcionavam à gasolina, e quando havia uma oportunidade, recebíamos comida quente, muito boa e, às vezes, até uma feijoada. [...] <sup>945</sup> (Motta, 2001d, pp. 334-335)

A ração “B” ou operacional, produzida diariamente nas cozinhas, era a de maior consumo. Os Serviços de Intendência priorizaram e esforçaram-se para fornecer esse tipo de alimentação para o pessoal que encontrava-se em posições avançadas, dando-lhes pelo menos, o mínimo de conforto.

A comida quente era transportada em marmitas especiais ou eram coletadas nos pontos de cozinha das unidades. Era na elaboração da ração “B” que os cozinheiros brasileiros podiam ser mais criativos ao inserirem itens da culinária do país.

[...] Transmitiu-nos a impressão de que o “espírito logístico” do americano, incutiu, nos nossos chefes o propósito de dar ao combatente: “quanto mais à frente, mais conforto e melhor alimentação!”. Exemplo flagrante, o fato, de que, na véspera de Natal (24 de dezembro de 1944). Todo o V Exército, como eu, na neve, dentro do *fox hole*... comeu peru com farofa tradicional!

Releva citar que nem o alemão nem o americano deu um tiro sequer na noite de Natal. Embora estivéssemos atentos para qualquer surpresa, a trégua se deu naturalmente. Tão logo o Natal acabou, o combate reiniciou. Isso é inolvidável!

Quanto à alimentação, a ração de combate que eu recebia, embora em papelão impermeável, era como uma lata de marmelada, aquela marmelada Colombo... Ali tinha de tudo, desde requintados queijos estrangeiros até o cigarro da melhor qualidade. A alimentação era de primeiríssima qualidade, com chocolates variados, refresco, tudo prensado.

Lembro-me do dia em que foi anunciado, assim a meia voz, que um burrico iria trazer, até o pé do monte, latões de feijão preto que vinham do Brasil. Foi um esforço do General Mascarenhas, porque ele sabia que o feijão dava mais força do que qualquer cachaça; aquilo impulsionava o pracinha porque é a nossa comida. É com o feijão com arroz que a nossa gente

---

<sup>945</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

se acostumara! “Quanto mais na frente, mais conforto para o soldado”, creio que essa máxima do americano foi inteiramente adotada por nossos chefes.<sup>946</sup> (Motta, 2001f, p. 132)

No que tange à alimentação, acho que nós não temos restrições a fazer. Eu estive na linha de frente e nesse ataque a Monte Castelo no dia 30, pela madrugada, debaixo das vistas e dos fogos alemães, chegou-me às mãos, para o Pelotão, um camburão de café quente com pão e manteiga.

Isso nas barbas do alemão!

Quer dizer: isso é algo a destacar em termos de dedicação, em termos de provisão, em termos de apoio logístico àqueles que estavam combatendo.

No Pelotão havia o fogareiro à gasolina, nós tínhamos na ração café, cigarro, um papelzinho higiênico. Tão logo estacionávamos, em qualquer situação, a alimentação já passava a ser feita no Pelotão ou na Companhia quase sempre com comida à brasileira; os ingredientes americanos, mas feita à brasileira por nossos cozinheiros. O meu cozinheiro do Pelotão, por exemplo – tinha o apelido de Giz, era um negrinho – fez no Natal um bolo do qual até hoje eu não me esqueço, com material americano, na própria Companhia.<sup>947</sup> (Motta, 2001b, pp. 245-246)

Quanto ao apoio logístico foi muito bom; o comando americano fazia questão de só admitir a ração fria, em último caso. Os comandos de subunidades levavam a comida quente sempre que possível, ainda que em condições precárias, de perigo. O americano levou muito em consideração a alimentação da tropa. Usavam panelas térmicas. Em Gaggio Montano, por exemplo, ocupávamos uma posição que a gente só não era visto pelo alemão quando fazia uma

---

<sup>946</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>947</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

curva, porque eles, no alto, assistiam a tudo e nos caçavam com morteiros, por isso, muitas vezes a comida tinha que subir de madrugada.<sup>948</sup> (Motta, 2001f, p. 72)

Em compensação, o apoio administrativo, que era americano, foi excelente. A estrutura era perfeita, tudo funcionava, da melhor forma possível. A comida era ótima, passava-se muito bem, todos os combatentes no Natal comeram peru, mesmo nas posições mais avançadas, o que era, na época, coisa raríssima. E não foi só nas festas natalinas, mas em outras oportunidades também. Comia-se bem todos os dias, sendo servido o que havia de melhor.<sup>949</sup> (Motta, 2001e, p. 61)

Para aguentar firme, a refeição era sempre quente e tínhamos chocolate, que é rico em caloria ou geléia, coisas assim, sendo que havia uma dieta calórica, eles sabiam quantas calorias havia no almoço e no jantar. Tínhamos também a refeição fria para as áreas de combate que eram a ração “C” e a “K”, era um pó de café um leite que, misturados com a água quente, fazia-se um café com leite para se alimentar.

Para se esquentar, o combatente fazia um foguinho, desde que tivesse um galho ou graveto, com álcool sólido da ração de combate. Em nossas áreas não tínhamos este problema, sempre tínhamos comida quente, a não ser quando éramos transferidos ou mudávamos de posição. Quando saímos de Belvedere para o Vale do Reno, que era uma caminhada longa, recebemos a ração fria, não dava para fazer comida quente. Bebida alcoólica para esquentar não havia, a não ser quando se comprava algum vinho italiano, mas também não dava para esquentar não.<sup>950</sup> (Motta, 2001c, pp. 141-142)

---

<sup>948</sup> Relato do General-de-Brigada HENRIQUE CESAR CARDOSO, que na F.E.B. atuou como Comandante da 5ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>949</sup> Relato do General-de-Divisão OCTÁVIO PEREIRA DA COSTA, que na F.E.B. atuou como Oficial de Informações do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>950</sup> Relato de EWALDO MEYER, que na F.E.B. atuou como Auxiliar da 3ª Seção do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em abril de 2000.

Depois de habituados à alimentação fornecida, surgiu entre os expedicionários no decorrer da Campanha, a necessidade de quebrar a monotonia da rotina alimentar. Para isso, passaram a dividir, doar e trocar itens de suas rações de combate e assalto com civis.

A prática deu origem ao termo *scatoletta* – caixinha em italiano – usado para nomear as rações e o próprio sistema de escambo firmado entre militares e civis. (Silveira, 1989)

[...] ainda vinham chicletes, um tablete de chocolate, café, uma fatia de pão e uma manteiga ou margarina, eu acho.

Os italianos chamavam a manteiga de *burro* e esse pão que recebia, se houvesse mulher eu dava, só tomava o café com leite; café uma lata de leite condensado para dois soldados.

Quando íamos para o combate, recebíamos rações apelidadas de “escatoletas”. Foram os italianos que colocaram esse nome na ração e quando viam a gente, eles falavam:

- Ei brasileiro, dá me la scatoletta.

Então a gente pegava as “escatoletas” com chocolates, bolachas e entregava a eles.

Agora, eu não comia o feijão que vinha nas “escatoletas”, porque às vezes estava mofado, eu jogava fora e comia só as bolachas.<sup>951</sup> (Motta, 2001c, pp. 291-292)

Os italianos colaboravam muito em termos de alimentação, observei bem isto. Havia um racionamento tremendo, assim nós os ajudávamos, inclusive, com aqueles alimentos, que muitas vezes os soldados não gostavam, em latinhas. Lembro-me de uma italiana que pegava farinha de trigo e fazia uma pasta, num dos seus momentos de descanso.<sup>952</sup> (Motta, 2001d, p. 217)

---

<sup>951</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>952</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

[...] Lá ficamos três dias no frio, comendo ração em lata. Era ração americana, onde havia chocolates em barra e cigarros. A comida vinha em latinhas, as *scatolettas*. Era assim que as chamávamos. Cada latinha era um tipo de comida, havia uns números que indicavam o tipo da comida. Uma latinha bastava para alimentar, tirava a fome e era sadia.<sup>953</sup> (Motta, 2001f, p. 347)

Até na questão da alimentação, a gente, como diziam, “se virava”. Arranjava-se, na cozinha da unidade, aquele ovo em pó do americano, a farinha de trigo e levava para a “madame” italiana que fazia um macarrão, para mudar um pouco a rotina. E eles participavam da refeição. Isso aconteceu bastante, além de outros fatos semelhantes. Realmente houve uma integração grande entre nossa gente e o povo italiano, [...] <sup>954</sup> (Motta, 2001a, p. 88)

As rações eram distribuídas por pessoa, tanto fazia para general como para soldado. As Unidades faziam suas previsões, era elaborado um mapa com os itens que seriam servidos no dia seguinte; por exemplo, o leite condensado vinha uma latinha, para dois homens...

Íamos apanhar o suprimento em Pistóia, em comboio. Depois o colocávamos numa grande área, onde as Unidades iam busca-lo. Apenas no começo houve escassez por questão de fluxo, mas a comida era farta e levada aos acampamentos. *Quando a tropa estava em combate recebia a ração K, distribuída dentro da mesma sistemática. Era farta, mas enjoativa. As Unidades recolhiam, pela própria iniciativa, uma quantidade menor do que a solicitada. A tâmara, por exemplo, sobrava muito...*

*Na cidade, sempre que possível, cada grupo de soldados escolhia uma casa de família para acantonar e essas sobras de alimentação a gente doava à casa: açúcar, feijão, ovos... Alguns oficiais também ficavam acantonados.*

*Era proibido vender comida. [...]*

---

<sup>953</sup> Relato do Primeiro-Tenente MIGUEL FERREIRA DE LIMA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Chefe de Peça da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>954</sup> Relato do General-de-Divisão Médico GERALDO AUGUSTO D'ABREU, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Triagem do Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

*Voltando às sobras de comida, lembro-me que uma senhora certa vez me pediu para arranjar açúcar e, em troca, disse que ia me dar a sua filha; era uma coisa muito triste; um dia recebemos a ordem de avançar, preparamos os caminhões e a senhora estava lá, insistindo para que eu levasse a sua filha. [grifo nosso]<sup>955</sup> (Motta, 2001b, p. 294)*

Outra forma de quebrar o tédio da alimentação diária, era aproveitarem-se do entorno e das oportunidades que o próprio conflito proporcionava, como um animal atingido por um granada.

Fizemos a revista em algumas casas, sem problemas, obtivemos informações importantes sobre a posição da Artilharia alemã e retornamos. Até houve um fato insólito, uma vaca tinha sido atingida por uma granada. Comentaram sobre a carne fresquinha e deram um pedaço para o pessoal.<sup>956</sup> (Motta, 2001d, pp. 304-305)

[...] Nesse lugar, onde nos abrigamos, tínhamos descoberto um pernil de porco. As cozinhas italianas, geralmente, eram no térreo, e eles tinham, no meio da cozinha, um quadrado de cimento com uma argola. Soldado fuça tudo. Eles começaram a botar um fio naquela argola e a puxar de longe, pois podia ser uma mina. Mas quando destaparam aquilo, havia cinza, cinza de lenha, e eles então, com muito cuidado, cavaram em volta. Ali enterrado estava a provisão de cozinha. Havia queijo, pernil, garrafa de cerveja feita em casa... Eles faziam isso nas costas do Tenente e só vinham me mostrar quando já haviam descoberto o que era. “Tenente! Nós achamos um pernil aqui. Não sei se há vinho.” [...] Bebemos um copo do vinho encontrado, comemos do pernil, tudo do que estava enterrado lá no meio da cinza... Então, toda cozinha em que se chegava, ficavam procurando logo aquele quadrado das provisões.<sup>957</sup> (Motta, 2001e, p. 254)

---

<sup>955</sup> Relato de GERALDO FIGUEIRA LISBOA, que na F.E.B. atuou como Soldado do Serviço de Intendência. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>956</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>957</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

As dificuldades não estavam presentes somente na adaptação do paladar à comida diferente ou na monotonia do cardápio, mas na dificuldade de, literalmente, comer em conflito. Os relatos abaixo, evidenciam que o inimigo não esperava a “hora do almoço” e que alimentar-se no meio de um combate poderia ser desafiante.

A posição de Casa di Cristo foi a mais avançada de todo o dispositivo da Artilharia Divisionária (AD), na frente dos Apeninos. Por ser muito exposta, foi designado um Pelotão de tanques para ocupar uma posição à retaguarda da linha de fogo, numa crista. Eu não me recordo quem deu essa ordem. Toda vez que a Bateria disparava, o pelotão executava inúmeros tiros, cujas trajetórias passavam por cima de nossa linha de fogo. Em seguida, se deslocava pela crista para outra posição. Os alemães bombardeavam o pelotão de tanques, mas sem sucesso, pois ele já tinha saído dali. Era imediato; nós atirávamos, e ele, ao mesmo tempo, executava o tiroteio dele. Esse jogo com o pelotão durou muitos dias, e ele cumpriu muito bem a missão de mascarar os nossos tiros. Independentemente disso, como o “rancho” da Bateria foi instalado próximo do rio, a tropa tinha que se deslocar uns duzentos ou trezentos metros para fazer as refeições. O percurso era feito atravessando a estrada 64, e os alemães, eventualmente, viam aquele movimento. Todo dia, na hora do almoço, durante três ou quatro semanas, tempo que permaneci na área, eles bombardeavam a região.<sup>958</sup> (Motta, 2001a, p. 236)

Lembro-me como foi salva, ou quase salva, minha refeição em Monte Belvedere. Estava conversando com um companheiro meu, que não via há muito tempo, o Tenente Monção Soares, da minha turma, recentemente falecido, no posto de General. Conversávamos animadamente no topo do Monte Belvedere, quando me lembrei, lá pelas tantas, de mandar apanhar a minha refeição. Chamei o soldado auxiliar, que foi até o rancho da Companhia de Infantaria junto à qual estava destacado na ocasião, para me trazer a refeição, que por sinal demorou muito a chegar. Quando recebi a marmita, a fome era muita. Segurei-a com a mão

---

<sup>958</sup> Relato do Coronel HELIO MENDES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Linha de Fogo, Observador Avançado e Oficial de Manutenção da 1ª Bateria do IV Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

esquerda e continuei a conversar com o companheiro. Percebemos, então, que uma granada de artilharia estava se aproximando, e que iria cair, fatalmente, naquele local. Imediatamente nós, que já estávamos com os ouvidos perfeitamente aguçados, nos lançamos numa sapa (buraco cavado no terreno para abrigo), deixada pelos alemães, em frente ao sítio onde nos encontrávamos. Aí, eu, a duras penas, segurando a marmita com a mão esquerda e apoiando o corpo com a direita, consegui equilibrar-me e, ao mesmo tempo, salvar a refeição. Nesse momento, outra granada detonou muito próxima, levantando um torrão de terra que caiu exatamente em cima da marmita. Estava escrito que não haveria almoço naquele dia. Foi um fato interessante. Saímos sãos e salvos.<sup>959</sup> (Motta, 2001a, p. 261)

Subimos o Belvedere. Eu digo que o Belvedere é uma maravilha, comparando-se com o sufoco de La Serra, porque não havia bombardeio, podíamos comer à vontade em nosso Pelotão. Mas o da direita, do Deschamps, recebia tiros, e à esquerda estavam o Mega e o Urias – 2º Tenente Joaquim Urias de Carvalho Alencar – que também eram alvos de tiros. O meu Pelotão não era alvejado. Por isso disse ter sido melhor estar em Belvedere, apesar, entenda-se bem, de permanecer na frente de combate, isto é, manter-se no *fox hole*, sofrer a falta de banho, participar das patrulhas, mas, pelo menos, não levar bala. A falta de banho a gente suportava; podíamos comer sossegados, pois não havia possibilidade de tiro em face de o alemão estar do outro lado do vale. Em La Serra recebíamos tiros de Artilharia e de armas leves, fuzil.<sup>960</sup> (Motta, 2001d, p. 306)

O Capitão Memória então disse: “Você agora ficou com a parte mais avançada devido ao retraimento, não pode recuar, manda cavar *“fox hole”*. Estávamos em um campo aberto de frente para Abetaia. Se passasse algum alemão dentro de uma casa, dava para ver pela janela. Nós ficamos ali durante quatro dias sem refeição quente e apenas com a água dos cantis; ninguém saía durante o dia. As necessidades fisiológicas eram feitas dentro daquele buraco. No

---

<sup>959</sup> Relato do Coronel JÚLIO DE PÁDUA GUIMARÃES, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

<sup>960</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

quarto dia, sabedor de nossa situação aflitiva, o Capitão informou que iria mandar alimentação quente. Eu disse ao Capitão para mandar à noite, devido às marmitas de alumínio refletirem à luz do Sol. O fato é que o inimigo não tinha conhecimento da nossa presença ali.

Quando os homens deixaram as marmitas e desceram - eu não dei ordem para apanharem a alimentação, preocupado com o sigilo de nossa presença - começaram a bombardear, cobriram de granadas a nossa posição. Uma granada de morteiro atingiu o meu sargento-auxiliar Miguel. Ele ficou ferido e, à noite, um soldado levou-o para a retaguarda, todo ensanguentado, mas com tranquilidade foi andando. Perdi, ainda, o sargento Nilson ferido no ombro e o soldado Teodoro ferido na coxa.<sup>961</sup> (Motta, 2001e, pp. 199-200)

Quanto ao apoio logístico na campanha, no que toca à alimentação, eles eram impecáveis, não tenho crítica a fazer; *a refeição nem sempre chegava a tempo e à hora por causa dos bombardeios, dos combates; às vezes mandavam-na para determinado lugar e nós já estávamos em outro.* [grifo nosso]

Eram caixas, como caixas de sabonete, ali havia um tablete, a sopa (era um pacotinho parecido com sonrisal); você abria, aquele pozinho era colocado numa caneca com água do cantil, tudo misturado e, afinal tomava-se sopa de legumes.

Uma latinha pequenininha com o queijo; a outra com carne americana; o café da manhã do mesmo jeito, você fazia o café e tomava. Havia biscoitos, dois, três cigarros, fósforo de papelão e até o papel higiênico, dobradinho, lá dentro da caixa. Tinha chocolate com muita vitamina e que tirava todo o apetite: comendo-o você não tinha mais fome.

*Você era bem alimentado mas ai de quem perdesse aquele ração.*

---

<sup>961</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

*Aconteceu comigo mesmo, várias vezes. Travava-se um combate daqueles, caía uma bomba, eu jogava tudo para o ar, caía no chão para me proteger e a caixinha da ração se perdia. Toca a esperar até que chegasse a outra. [grifo nosso]<sup>962</sup> (Motta, 2001b, p. 272)*

Por mais penosa que fosse a vida na linha de frente, os combatentes conseguiam manter-se sempre bem nutridos e alimentados. Situação diferente, passaram os que tornaram-se prisioneiros de guerra no decorrer do conflito. A fome, em sua forma mais intensa e triste, foi sentida por esses expedicionários.

Houve várias paradas, mas os alemães nada deram para comer e beber. A cada uma dessas paradas, os americanos erguiam-se aos orifícios de entrada de ar e punham-se a gritar:

- *Water! Water! Water!* – clamando por água.

Geralmente eram ignorados, mas, às vezes, aparecia, do lado de fora, um soldado alemão e gritava cinicamente:

- *Ruhe, verflüchte Hunde! Keines Wasser!* – Mandando-nos ficar em silêncio; chamando-os de cães malditos; e dizendo que não havia água.

Numa dessas paradas, foi-nos dada uma refeição. Abriram uma nesga da porta do vagão e nos entregaram as “iguarias”.

Quem já ouviu falar em maná, o alimento que, segundo a Bíblia, Deus serviu, em forma de chuva, aos israelitas no deserto? Quem ouviu falar em ambrosia, o manjar dos deuses do Olimpo que trazia a imortalidade? Pois é assim que se pode descrever aquela “refeição” – uma miga de pão e um pedacinho de salsicha, menor de que um dedo polegar! Acepipe divino, mesmo sem uma gota de água para facilitar sua ingestão, já que nem saliva tínhamos mais na boca.

---

<sup>962</sup> Relato do Sargento AYRTON VIANNA ALVES GUIMARÃES, que na F.E.B. atuou como Integrante da 2ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia. Entrevista concedida em maio de 2001.

Pensando bem, talvez, melhor seria se nada tivéssemos comido, porque aquelas migalhas só serviram para nos aguçar o apetite e excitar nossos sucos gástricos e nos trouxeram apenas mais fome e sede.<sup>963</sup> (Motta, 2001g, p. 300)

Todo o tempo que fui prisioneiro de guerra foi marcado por diferentes formas de tortura física e mental, sofrimento e angústias, privações e incertezas, em cada instância com características próprias. Mantova, no entanto, me deixou um estigma doloroso e indelével. Já havíamos passado quase três dias sem comer e, praticamente, sem beber, e a fome era excruciante, a ponto de fazer-me sentir a vista escurecer e achar que iria desmaiar. Diz-se que a fome é negra, que a fome absoluta nos leva a comer sola de sapato velho, sabão, cascas ou raízes – o que nos aparece pela frente. Foi em Mantova que, após quase 72 horas em jejum total, os alemães nos deram, por fim, uma tigela de sopa. Sopa especial. Havia sido preparada de uma cabeça de cavalo putrefata. Recendia cheiro intenso de carniça. Mesmo assim, vencendo convulsões de vômito seco, engoli avidamente aquela sopa. Ou a tomava ou tombava de inanição e sede.

A propósito dessa sopa de cabeça de cavalo putrefata, já li em algum lugar que o ser humano possui uma memória olfativa e que certas associações, entre outras, com música, perfume, cores, nos trazem à mente, independentemente de nossa vontade, momentos ou coisas especiais ou marcantes que antes vivemos ou experimentamos. Isso deve ser verdade porque, até hoje, qualquer odor de decomposição ou de putrefação me leva de volta, com nitidez de cores e de detalhes, aquele terrível local e instante.<sup>964</sup> (Motta, 2001g, p. 297)

Além da alimentação, outra necessidade elementar para sobrevivência e saúde mental era o gerenciamento da fadiga e do sono em meio ao conflito. Dormir na linha de frente e áreas constantemente bombardeadas exigiram resiliência e muito controle psicológico dos combatentes.

---

<sup>963</sup> Relato de AMYNTAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

<sup>964</sup> Relato de AMYNTAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

Os sons, os ataques e a violência da guerra interrompiam ou não permitiam um repouso de qualidade e de longa duração. Os veteranos relembram momentos em que as noites de sono foram importunadas pelo inimigo.

A igreja, o cemitério e as casas eram bombardeadas seguidamente, durante o dia e à noite, com tal perícia que, durante um longo tempo, raramente podíamos dormir. Os tiros eram intermitentes, com espaços variáveis entre uns e outros. Dava-nos a impressão, às vezes, que não iam atirar durante um longo tempo e, repentinamente, começava tudo novamente. Não atiravam muitas granadas. Sempre poucas: uma, duas, três, todavia, sempre certas. À noite, do escurecer ao amanhecer, parece que calculavam com precisão, o espaço necessário entre o explodir de uma granada e o nosso adormecer novamente. [...] <sup>965</sup> (Motta, 2001g, p. 269)

Era uma operação defensiva. Nessa situação, o tiro de inquietação desgastava muito a tropa, porque não se tinha sossego durante a noite. O meu Comandante de Companhia, através de constantes telefonemas, queria saber a localização do canhão que atirava e da explosão da granada. Os alemães passavam a noite toda fazendo tiros de inquietação, não nos deixando dormir sossegados. <sup>966</sup> (Motta, 2001e, p. 308)

Esta noite, só muito tarde, consegui dormir, pois a Artilharia Aliada atirou quase o tempo todo. [...]

Deslocamo-nos para uma posição mais à frente, a uns 4km. O PC e a Central de Tiro estão instalados numa casa que fica cercada de morro pelos quatro lados.

---

<sup>965</sup> Relato do Tenente-Coronel EDU VARGAS, que na F.E.B. atuou como Comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

<sup>966</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

Esta noite foi a primeira, desde que estou na Itália, que durmo sobre um colchão e dentro de casa. Enquanto ficarmos nesta posição, continuarei dormindo num quarto dentro da casa onde está a Central de Tiro. [...]

[...] Às 23 horas, mais ou menos, quando estava no melhor do sono, acordaram-me bruscamente dizendo-me que as “coisas estavam pretas” lá fora. Peguei a carabina, ainda dormindo, e quando ia saindo pela porta ouvi pertinho um forte tiroteio. [...] <sup>967</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, pp. 343-345)

[...] Chegou a um ponto em que não deu mais e recebemos ordem para parar e cavar abrigo. Mal iniciamos, começou a cair uma chuva torrencial, muito forte. Era chuva e frio. Foi uma verdadeira loucura! Meu Comandante de Companhia ordenou: “Olha! Você pega o seu Pelotão. Vê essa estrada aqui? Você pega essa estrada, marca mais ou menos um quilômetro e pouco, e deve encontrar uma casa de tijolinho aparente com portão vermelho; lá tem um mensageiro à sua espera.”

Ocorre que naquela região só havia essas tais casinhas de tijolinho. Tomei a decisão de seguir em frente até que recebesse algum tiro, indicando que chegara à linha inimiga. Até que, lá pelas tantas, encontrei o tal mensageiro. Mas o Pelotão estava com todo mundo molhado, cansado e com frio. Dei ordem para tirar a roupa e dormimos ali, num estábulo, nuns montes de feno existentes. De manhã cedinho, todo mundo saiu correndo, completamente despido, porque acordamos com uma fuzilaria em cima da gente. Foi cômico, o camarada nu com a arma na mão. <sup>968</sup> (Motta, 2001e, p. 315)

Em La Serra, sofriamos semelhante intensidade de bombardeio, mas localizado, enquanto que, no desembarque, a área era grande. Além disso, no local em que nos encontrávamos não tínhamos condição de comer, dormíamos mal ou mal dormíamos, porque a toda hora vinham

---

<sup>967</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

<sup>968</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

patrulhas alemãs que tentavam se infiltrar. Havia atiradores próximos, um deles acertou o capacete do sargento Nunes. [...] <sup>969</sup> (Motta, 2001d, p. 306)

O estado psicológico, naturalmente, também poderia provocar insônia e prejudicar o repouso dos combatentes.

Esta noite, vou dormir tranquilo, vou dormir em paz. Durmam em paz vocês também!

Todos riram e foram-se...

Voltei, então, para junto do Comandante da Companhia e dos outros tenentes. Estava anoitecendo, muito frio e todos estavam abrigados dentro de uma choupana. Conversamos sobre os mais variados assuntos. Nem uma vez falamos dos acontecimentos do “dia seguinte”.

As horas passaram! ... Frio tremendo. Sono, nem sonhar! ... Angústia e vontade de que tudo acontecesse logo!

Por volta das 3h30min, “acordamos” todos.

Tudo conferido, em ordem e pronto. Iniciamos o deslocamento para a base de partida. <sup>970</sup>  
(Motta, 2001g, p. 271)

Eventualmente, a exaustão física os levava a desconexão da realidade que viviam. A fisiologia do corpo falava mais alto e acabava por trazer o sono, mesmo entre tiros de inquietação e a ansiedade de possíveis ataques do inimigo.

O I Batalhão recuou para Lustrola, mas como eu era desembaraçado e faltou substituto para a minha posição, o comandante pediu-me que permanecesse e assim virei outra noite, já numa

---

<sup>969</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>970</sup> Relato do Tenente-Coronel EDU VARGAS, que na F.E.B. atuou como Comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

posição mais recuada porque saíra da posição da Companhia para a do Batalhão; embora ainda fosse uma posição avançada.

*Consegui dormir a primeira noite, depois desses três dias. Curioso, conseguir permanecer tranquilo para dormir. Fiquei tomando conta e esperando que a turma do I/11º RI me substituísse, mas eles não sustentaram a posição.* [grifo nosso].

Já estava descansando, tinha deixado o pessoal de guarda, quando um soldado me acordou, desci até a posição do Tenente Coronel Subcomandante. Na verdade, não sei como cheguei lá.<sup>971</sup> (Motta, 2001b, p. 285)

No Exército, quando o oficial ou sargento dá uma ordem, deve verificar o seu cumprimento. *Você manda um soldado para o serviço e orienta como ele deve proceder na execução desse serviço. Quando vai verificar, embora não queira, o soldado, às vezes, cochila até de olhos abertos, se desliga, dorme mesmo, mantendo a mão no fuzil, o dedo no gatilho. Se o oficial ou o sargento chegar perto e assustá-lo, ele pode, no susto, atirar e provocar, dessa forma, um acidente mortal ...* [grifo nosso]

Na guerra há situações de muita tensão, logo é importante estar sempre atento. Todo cuidado é pouco. Seu próprio soldado pode mata-lo. A gente aprende isso rapidamente.<sup>972</sup> (Motta, 2001c, p. 236)

Voltando ao ponto de meu relato, quando chegava sozinho, após a viagem a pé, de volta do PC da Companhia, ainda estava lá, no pátio descoberto fronteiro à casa onde me instalara, aquele companheiro de guerra, de campo oposto, deitado em decúbito dorsal com o rosto na minha direção e com os braços estendidos, com a mão direita aberta mostrando a sua aliança de noivado, como a pedir que transmitisse à sua noiva amada a mensagem de que estava dormindo

---

<sup>971</sup> Relato de ANTÔNIO DOS SANTOS SILVA, que na F.E.B. atuou como Cabo sapador-mineiro do Pelotão de Minas da Companhia Comando do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>972</sup> Relato de NEWTON LA SCALÉIA, que na F.E.B. atuou como Chefe de Peça de Morteiro 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

o sono profundo e eterno da morte. Nunca me saiu da retina a imagem comovedora desse alemão.

*Assim, com os pensamentos originados dessa imagem, após transmitir aos meus comandados as ordens que recebera, fui buscar um sono reparador no meu saco de dormir. Quando se está exausto, não existe preocupação que nos tire o sono e, assim, desliguei-me dos meus pensamentos e problemas até o amanhecer do novo dia, 19 de abril de 1945. [grifo nosso]<sup>973</sup> (Motta, 2001e, p. 314)*

Descansar em meio à guerra, expostos a tantos riscos e desconforto, parece impensável em um primeiro momento. Porém, a adaptação dos expedicionários deu-se também em seus períodos de repouso quando acostumaram-se com a brutalidade do conflito. Dormir em lugares inospitais e ter o sono interrompido para realizar suas atividades, fazia parte do dia a dia dos combatentes na Campanha Italiana.

Existia no monte uma igreja, um cemitério e duas casas, uma do pároco e outra de uma família italiana. O terreno rochoso impedia que cavássemos trincheiras, obrigando-nos a ocupar o cemitério e retirar os restos mortais das sepulturas, para servirem como abrigos e posições para as armas. [...]

No princípio, a situação no cemitério, de certa forma, constrangia, violentava os soldados que ocupavam as posições. Numa escala, todos passavam por elas de dia e à noite. O teto, o chão e as paredes eram muito úmidos. Durante o dia e à noite, principalmente, os ratos e baratas não davam sossego. Algumas providências foram tomadas: forrar o chão com feno e espalhar DDT por todas as trincheiras e, especialmente, no mausoléu, que era muito enterrado. Era muito difícil fazer as refeições dentro daqueles buracos...

*Aos poucos, porém, fomos acostumando-nos com todas essas coisas... os homens que não estavam de vigília, junto às armas, podiam até tirar um sono quando o alemão permitia.*

---

<sup>973</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÊA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

*Os sentimentos vão endurecendo, o coração vai esfriando e a gente passa a suportar tudo. Depois, ficam as lembranças; um inferno permanente. [grifo nosso]<sup>974</sup> (Motta, 2001g, pp. 268-269)*

Certa vez me contaram uma do Pelotão de Petrechos Leves, que era orgânico da Companhia e que possuía a metralhadora .30 e o morteiro de 60mm com o aparelho para mudar a direção do tubo e a altura. Às vezes, o pessoal estava dormindo, chegava um combatente e dizia para fazer fogo em determinado lugar. Vinha o pracinha que estava dormindo, girava as manivelas do morteiro no lugar correto e colocava a granada no tubo, tudo certinho, sem errar, isso o soldado fazia quase dormindo, bocejando ainda.<sup>975</sup> (Motta, 2001c, p. 82)

Iria, pela primeira vez, participar de um combate; seria o meu batismo de fogo. Foi no dia 29 de novembro de 1944 [...]

Fui para a frente de combate, em Casa de Guanella, onde já havia uma tropa do 6º RI. A chegada à posição foi muito difícil. Mesmo com o equipamento mais leve de oficial, sofremos com o terreno, que tinha sido arado em toda a região e, para piorar, havia chovido muito. A gente enterrava a perna até o joelho para progredir naquelas colinas a fim de chegar à Companhia que seria substituída, para atacar no dia seguinte. [...]

De qualquer forma, ficamos prontos para o ataque, prontos para sermos batizados pelo fogo inimigo. Aliás, ninguém pensava que era batismo de fogo, isso é muito bom para contar história, mas a gente sabia que ia entrar em ação e não tinha visto, ainda, a cara do inimigo. *Sabíamos que, no dia seguinte, a ação ia acontecer, de verdade. Eu deitei e dormi. Naquela situação fiquei assim ... A gente se preocupa, mas em dez minutos esquece a preocupação. Muitas vezes fui escalado para fazer uma patrulha: escolhi o pessoal que ia comigo, deitava-me e dormia; não ficava preocupado com os apertos do dia seguinte. Não se pensa mais nisso. É*

---

<sup>974</sup> Relato do Tenente-Coronel EDU VARGAS, que na F.E.B. atuou como Comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

<sup>975</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

*um benefício que Deus nos dá. A gente esquece, só pensa no momento e acabou.*<sup>976</sup> [grifo nosso]  
(Motta, 2001b, p. 149)

A medida que a guerra desenrolava-se para os expedicionários brasileiros, as exigências de conforto de suas vidas como civis naturalmente tornaram-se mais flexíveis. Camas, travesseiros e colchões são substituídos por qualquer elemento que estivesse disponível no entorno e que pudesse melhorar um pouco suas condições para dormir nos *fox holes* e em posições na linha de frente.

[...]Bem... Voltando ao meu deslocamento até Belvedere... la esquecendo de dizer... Quando chegamos ao Posto de Comando da Companhia, cansadíssimos, encontrei o Aspirante Mega que já havia retornado há mais tempo, *um amigo que me esperava com uma caneca de café com leite quente e um sanduíche de queijo e já havia preparado um local para eu dormir, no feno. Ai, deitei, adormeci imediatamente; não sei por quanto tempo dormi.* [grifo nosso] De madrugada, fomos acordados, entramos num caminhão e nos levaram para Belvedere. Logo depois de desembarcarmos, começou a clarear, o que demonstrou ter sido muito pouco o tempo de descanso, mas suficiente para refazer-nos do cansaço, porque mergulháramos no sono profundo. [...] <sup>977</sup> (Motta, 2001d, p. 306)

[...] Então, resolvi fazer algo: chamei o sargento ao meu PC, um buraco maior, cavado em um barranco, e uma gaveta para eu entrar dentro dela; eu deitava na gaveta e punha o pé no chão, soltava o cinto, tirava o cantil e a pistola, colocava a cabeça dentro do capacete e dormia com o pé para fora, pronto para atender a qualquer eventualidade; as nossas metralhadoras não incomodavam, mas se fosse metralhadora alemã, ficava alertado e me punha logo de pé, me equipava e saía.<sup>978</sup> (Motta, 2001c, p. 192)

---

<sup>976</sup> Relato do Coronel CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>977</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>978</sup> Relato do Bacharel JOSÉ GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

[...] Além disso não se tinha onde dormir, tinha que deitar no chão.

A gente gostava de dormir na palha de trigo que colocávamos dentro do buraco, porque é quente, mas quando se molha, você tem que deitar na umidade e aí é muito ruim. Às vezes a gente tinha que comer na chuva, comer debaixo daquela água e sem abrigo, quer dizer, é um desconforto que deixa qualquer um desesperado.<sup>979</sup> (Motta, 2001c, pp. 292-293)

A utilização de feno para acomodarem-se, por exemplo, não deu-se por falta de apoio e total abandono do Exército. Como vimos anteriormente, os equipamentos de inverno nem sempre chegavam aos combatentes ou poderiam não ser adequados às baixas temperaturas. No entanto, muitos elementos da F.E.B. tiveram a sua disposição cobertores e sacos de dormir. Para quem estava na linha de frente, nem sempre era conveniente utilizá-los, visto que poderiam limitar o tempo de resposta ao inimigo ao impedirem os movimentos dos combatentes. (Maximiano, 2010)

Os veteranos destacam suas experiências com as camas-rolô.

Embora no outono, a temperatura baixíssima coincidia com o inverno. Dormíamos no chão dentro de sacos de lona, tomando muito cuidado para o soldado não morrer asfixiado, porque o frio era tanto que ele puxava o *zip* totalmente. Então, havia as rondas percorrendo todos os locais onde dormiam, instruindo o combatente para abrir o saco de dormir, deixando, pelo menos, o nariz de fora, para evitar que morressem.<sup>980</sup> (Motta, 2001d, p. 156)

[...] Essa Companhia foi embora e nem se interessou por aquilo. Talvez porque eles já fossem veteranos, já estavam em Campanha desde setembro...E nós, não. Nós éramos “calouros”. Tudo o que servia para reforçar o Pelotão, a gente apanhava. Eu apanhei até um saco de dormir que me serviu a guerra toda. Estava meio rasgado mas eu o costurei. Era de gabardine, não

---

<sup>979</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>980</sup> Relato do Coronel ELBER DE MELLO HENRIQUES, que na F.E.B. atuou como Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Entrevista concedida em junho de 2000.

entrava água, e, dentro dele, tinha um saco de lã que podia ser removido. Aliás não fui eu que o apanhei. Um soldado o apanhou e, como ele fumava e eu não, ele propôs trocar os pacotes de cigarro que eu tinha pelo saco de dormir. Troquei com ele. [...] <sup>981</sup> (Motta, 2001e, pp. 251-252)

O apoio religioso contou com a figura do Frei Orlando. [...]

Há algum tempo atrás, tive a oportunidade de ler, em uma publicação militar, uma carta que ele escreveu para uma das irmãs, residente no Brasil. Definia de uma maneira original a cama-rola. Ele diz: “Entre na cama-saco para dormir, lá pelas tantas acordei tão afogueado, com tanto calor, que eu abri aquilo, tirei os agasalhos e, para medir a temperatura, molhei a ponta do dedo na saliva e coloquei no peito, e este chiou como ferro em brasa”. Fizera como as donas de casa que testam os ferros de engomar.

Nossas cama-rola, úteis e eficientes, revestidas de penugem de pato, que aqueciam bastante; ficávamos como múmias, durante a noite, dentro delas. <sup>982</sup> (Motta, 2001f, p. 232)

[...] já tinha recebido a minha cama-saco, fui ver se tirava um soninho para pegar o meu horário depois.

Porém, ao entrar naquele saco pensei: “Se o alemão que está ali em cima, pertinho, resolve descer e vir aqui, como vou reagir dentro desse saco, na posição de sentido, com a cabeça coberta?” Aliás, diga-se de passagem, o saco era extraordinário, muito bom, você podia dormir perfeitamente, porque era impermeável por fora e, por dentro, forrado de lã, que diziam ser de carneiro. Era quente, protetor, ótimo para se dormir, até na neve. Fiquei lá dentro em “posição de sentido” e aí me lembrei do alemão, que poderia vir ali meter-me o pé no peito, meter-me uma bala na garganta e eu morreria dentro do saco.

---

<sup>981</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>982</sup> Relato do Tenente-Coronel CÁSSIO ABRANCHES VIOTTI, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Decidi sair do mesmo, ficando só com as pernas no seu interior, [...] <sup>983</sup> (Motta, 2001a, p. 270)

Acomodados como podiam em suas trincheiras e no *front*, os expedicionários organizavam-se e revezavam-se para gerenciar o cansaço durante as perigosas e ao mesmo tempo, maçantes missões. “Viver na linha de frente significava a perda de contato com qualquer tipo de conforto urbano e civilizado, somado a horas de tédio infinito, entrecortado por momentos de horror.” (Maximiano, 2010, p. 105)

Quando ficávamos de guarda nos *foxholes* mais avançados, durante os meses de inverno, cada um de nós tirava uma hora de serviço e descansava três, pois uma hora era o máximo que se podia aguentar com todos os sentidos em alerta total. Para este tipo de serviço, era necessário estar sempre em alerta total. O soldado de serviço portava sempre uma arma automática. As três horas de descanso gastávamos em qualquer canto que pudéssemos encontrar, ali mesmo nas posições, sem camas ou qualquer tipo de conforto. Para me agasalhar, eu usava seis blusas de lã por baixo do *field jacket* americano, um par de luvas de lã e por cima um par de luvas impermeáveis, ou perderia a mobilidade nos dedos, por causa do frio intenso. <sup>984</sup> (Amarú, 1992, como citado em Maximiano, 2010, p. 95)

No caminho, entre a nossa posição e as casinhas onde os alemães se encontravam, havia uma cancela, uma porteira dessas de fazenda, era só abrir a cancela que eles se lançariam sobre nós. O Tenente então falou:

- Vou fazer o seguinte: perto da cancela há um abrigo, porei um posto ali, ficam o Gratagliano e mais dois soldados com a metralhadora, cada um fica duas horas de guarda

---

<sup>983</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>984</sup> Relato de ANTONIO AMARÚ, que na F.E.B. atuou como fuzileiro metralhador e posteriormente atirador de morteiro de 60mm no Regimento Sampaio. Entrevista concedida em 1992.

enquanto os outros dois ficam descansando; na hora de substituir é só acordar o outro e ir dormir no lugar dele, ficam fazendo o revezamento.

Aí o Luiz Armando Ferreira sugeriu:

- Tenente, vou fazer uma armadilha na cancela. Colocarei um iluminativo e duas granadas de mão, uma de cada lado. Quando o alemão abrir a cancela, acende o *very light* e solta os pinos das granadas, que vão explodir.

No outro dia ele fez isso, era um rapaz inteligente e hábil. À noite, eu tinha que ficar de sentinela das 11 à 1 hora; quando chegou a hora, o colega puxou meu pé e me chamou:

- Gratagliano!

- Gratagliano!

Eu acordei meio assustado e perguntei:

- O que é?

Pensei que ele estava dando algum alarme, mas ele disse:

- Está na tua vez, já são 11 horas.

Recebi o relógio e coloquei no bolso. O sentinela passa o relógio, porque na guerra há erros, o sargento é obrigado a levantar na hora da rendição, levar um sentinela e trazer o outro, para conferir se está tudo bem.

Mas havia os que não faziam isso e mandavam o soldado ir sozinho.<sup>985</sup> (Motta, 2001c, pp. 287-288)

Na Torre, durante toda a fase de estabilização da frente, havia um revezamento entre dois tenentes. Cada um ficava no observatório por um período de quinze dias. Quando se era substituído, vinha-se para a posição da Bateria e aí se tinha um descanso necessário. A gente passava lá dentro de um buraco durante quinze dias, onde só se recebia a água para beber, a

---

<sup>985</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

ração e mais nada. Só quando se vinha para a retaguarda se podia fazer a barba, tomar banho, mudar a roupa. Entretanto, muitas vezes, quando se chegava ao PC do Grupo, já havia uma outra missão, e a gente ia direto para outro observatório. [...] Conforme a situação a gente não tinha descanso. Durante toda a fase de estabilização, eu passei na Torre, revezando, de quinze em quinze dias, com um outro colega meu [...] <sup>986</sup> (Motta, 2001e, p. 126)

Posições em áreas um pouco mais urbanizadas, que contavam com algumas casas de civis italianos disponíveis, poderiam trazer um pouco mais de comodidade na hora de adormecer aos combatentes que tinham a chance de ocupá-las. Para além, repousar nas casas de famílias italianas, contribuiu ainda mais para estreitar os laços amigáveis com a população local.

[...] Passamos ali mais dois dias e fomos descansar em Coreglia que já havia sido tomada pelo Batalhão. A cidade era toda murada, uma das saídas era do lado alemão; do outro, onde estava o meu Pelotão, permanecia um Grupo durante a noite, como segurança.

Dormimos em casas, foi a primeira vez no *front* que dormimos em casas. <sup>987</sup> (Motta, 2001c, p. 104)

[...] Acho que foi em Zocca, durante a fase do avanço sobre os alemães, na primavera de 1945, que aconteceu um episódio que mostra bem o tratamento que a população civil nos dispensava. Quando chegamos, na hora do pernoite, designaram-me para uma casa: “Werner! Você vai para essa casa”. Era a casa onde havia duas velhinhas que prepararam para mim e para o Capitão Hilnor Canguçu Taulois de Mesquita, que estava comigo, duas camas – nunca dormi na minha vida em cama tão macia – com roupas todas brancas e com travesseiros de pena de ganso. Foi uma maravilha; tratavam-nos assim. Nós, em troca, sempre conseguíamos umas *scatolletas*,

---

<sup>986</sup> Relato do Coronel JORGE ALBERTO MOITREL COSTA, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da Artilharia, integrante da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em outubro de 2000.

<sup>987</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

que eram latas pequenas de alimentos da ração distribuída à tropa, como brindes.<sup>988</sup> (Motta, 2001d, p. 37)

Nosso Comandante de Companhia, o Capitão João Alvarenga Souto Mayor, instalou seu Posto de Comando numa casa, onde moravam duas senhoras com seus filhos e mais um casal de idosos. Por ser o PC, era frequentado particularmente por capitães; nós, os tenentes, vivíamos na Bateria. Eu, particularmente, dormia na barraca da Seção de Manutenção; depois consegui um palheiro, no meio do campo, e a temperatura tornou-se mais amena à noite. Mas, houve uma chance de eu dormir lá no PC, na casa. Era uma casa bonita, arrumada, e as mulheres lá, trabalhando.

Então o Capitão disse, indicando o quarto: “Olha, o Tenente vai dormir aí!” A mulher saiu, voltou pouco depois e falou: “O quarto está pronto.” Como já era tarde eu disse ao Capitão: “Vou me recolher, Capitão. Com licença.”

Quando entrei no quarto ela entrou junto. Fiquei meio desconfiado. Afinal, ela entrou junto comigo no quarto. Olhei e havia um grande volume em cima da cama. Fiquei meio surpreso e aí ela explicou que havia aquecido a cama para mim: “Vou lhe mostrar. É um balde de brasas dentro de uma armação de madeira que coloquei entre o lençol e o cobertor para aquecer.”

Havia meses que eu não dormia direito e passei, realmente, uma noite muito boa. Quero ressaltar que foi iniciativa dela preparar a cama; nada lhe foi pedido. Foi uma forma de demonstrar seu reconhecimento pela atenção e pelo tratamento que o Capitão e os brasileiros que apareciam na casa dispensavam a eles.<sup>989</sup> (Motta, 2001d, pp. 275-276)

O inimigo, entretanto, está presente, o que se verifica através de uma concentração de artilharia em que uma das granadas atinge o PC do Batalhão, causando baixas fatais. Estávamos

---

<sup>988</sup> Relato do General-de-Exército ALACYR FREDERICO WERNER, que na F.E.B. atuou como Chefe da Subseção de Foto-informação da 2ª Seção do Estado-Maior. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>989</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

acantonados em uma casa próxima ao PC. O Capitão, chega, então, cansado, cheio de lama, deita na cama, sob reclamos da mulher do italiano que disse: “*Qui dormiri noi*”. O Capitão responde: “Noi, coisa nenhuma. Essa cama é minha. [...]”<sup>990</sup> (Motta, 2001e, p. 95)

Dormir em moradias nem sempre era sinônimo de sono ininterrupto e de qualidade. Muitas casas estavam posicionadas no meio das linhas de fogo e sob as vistas dos inimigos. Abrir mão do aparente conforto e dormir sob as estrelas poderia ser uma decisão mais acertada em termos de segurança.

Em Zocca, junto com o Tenente Jair Lontra Sampaio, observador avançado de Artilharia junto à minha Companhia, encontramos uma casa bonita e comentamos: “Vamos passar uma noite bem dormida nesse nosso PC.” Quando estávamos antegozando presente, caiu uma granada dentro da sala. Saímos correndo e ... nada de PC... Fomos dormir ao relento, um PC a céu aberto.<sup>991</sup> (Motta, 2001e, p. 314)

As moradias dos civis italianos também serviram de apoio aos expedicionários para realizarem sua higiene pessoal. Encontrar um chuveiro, mesmo que improvisado, ou uma casa de banho após tantos dias e até meses na linha de frente, marcou a memória de alguns veteranos.

Nós ficamos ocupando Collecchio. [...] A Companhia ficou alojada já em algumas casas inteiras. Eu me lembro que fiquei numa casa muito boa. A gente procurava sempre abrigar o soldado num lugar bom. E essa casa, um palacete, me chamou muito a atenção. Pela primeira vez, vi uma cozinha rica, de gente de posse. Toda ela em aço inoxidável. Uma coisa enorme. E também os banheiros, onde a gente tomava banho, eram excelentes. O banheiro tinha aquela coisa que

---

<sup>990</sup> Relato do General-de-Brigada RUY LEAL CAMPELLO, que na F.E.B. atuou como Subcomandante da 5ª Companhia do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>991</sup> Relato do Tenente HUGO ALVES CORRÉA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em outubro de 2000.

parecia um telefone... aquilo, para nós, era uma novidade. Um soldado foi tomar banho com aquilo e disse: “Isso é muito bom; tem até telefone no banheiro!” E outro logo corrigiu: “Rapaz, isso não é um telefone, é um esguicho para você tomar banho.” Era uma casa, realmente luxuosa. E o dono a colocou a nossa disposição. Evidentemente, nem podia ser de outra forma, naquelas circunstâncias. Delicadamente dizíamos: Senhor fulano, nós cuidaremos bem da casa... Nós ficamos lá, mas ninguém foi para dentro da casa do homem. Nós, apenas, nos instalamos na cozinha e na dispensa. Ficamos por ali...<sup>992</sup> (Motta, 2001e, pp. 259-260)

Um dia eu fui escalado como Oficial-de-Dia lá em Vecchiano. Levei o Pelotão para lá, onde já havia um alojamento para a tropa. Era um armazém de sacos de trigo de um cidadão, feitor numa fazenda próxima. Nesse armazém, havia um chuveiro bom. Foi o primeiro banho de chuveiro que tomei na Itália. [...] <sup>993</sup> (Motta, 2001e, p. 246)

Nas casas onde morávamos, os italianos improvisaram chuveiros: com latas de querosene; esquentavam a água, havia um tripé de madeira, punham a lata lá em cima e tínhamos água morna para o banho. O preço desse banho era uma carteira de cigarro americano ou duas de cigarro brasileiro, aquele da marca Yolanda e que os italianos chamavam de “loura má”, por causa da figura de uma moça loura no rótulo e da péssima qualidade do cigarro.<sup>994</sup> (Motta, 2001b, p. 294)

Menções sobre a imundice que o conflito trazia à vida de um combatente, foram identificadas em diversas narrativas dos expedicionários brasileiros. Dividir espaço nas trincheiras com os parasitas e insetos, lidar com o mau cheiro e a umidade da terra, poderia ser extremamente desafiador e incômodo.

---

<sup>992</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>993</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>994</sup> Relato de GERALDO FIGUEIRA LISBOA, que na F.E.B. atuou como Soldado do Serviço de Intendência. Entrevista concedida em maio de 2001.

[...] O recebimento do caminhão e a conferência das ferramentas terminaram às 22 horas, quando fui me deitar com o corpo sebento pois, trabalhando na graxa dois dias, não tive tempo de tomar banho, nem ontem, nem hoje. Esta noite também custei a dormir, não só por causa da sujeira do corpo como também por causa das formigas e pequenas aranhas que “residem” em minha barraca. Além da graxa do corpo, ainda passo um óleo no rosto e nas mãos para evitar que infeccione alguma picada de insetos.<sup>995</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta 2001g, pp. 330-331)

A terra pisada e repisada pelos pés dos soldados tornou-se um lamaçal pastoso e gelado. E fétido, também. Sobretudo ali, naquelas medonhas e encharcadas posições, abertas, em forma de túnel, enrustidas que foram sob o velho cemitério de Bombiana. Ali, naqueles buracos de toupeiras, sentia-se ainda muito frio no decorrer das noites. As mãos gelavam-se ao tocar na terra negra e malcheirosa. Dela, permanentemente emanava-se o odor sepulcral de defuntos centenários, confundindo-se, misturando-se e aderindo ao fedor do feno podre que enchia os galochões – fedor de chulé, de suor velho e encalacrado – o mau cheiro de toda a sorte de sujeira acumulada nos corpos vivos que conviviam com os mortos. Um bafejo forte escapava-se do fundo da terra do velho cemitério – emanção pegajosa, grudenta nauseante, impregnava todas as coisas que ali encontravam-se.<sup>996</sup> (Soares, 1985, p. 191 como citado em Maximiano, 2010, p. 120)

Os efeitos da promiscuidade e da ausência total de higiene nem sempre se notavam, tão maltratados todos pareciam estar. Banho ninguém tomava há muito tempo. Nem as mãos e os rostos eram lavados. Um dos quartos da arruinada casa, no qual o telhado se apresentava arreventado, foi transformado em latrina. Aí se abriu uma fossa, junto à parede, para que pudessem todos despejar nela seus excrementos. No correr dos dias, a imundice e o mau cheiro, não havendo como contê-los, evoluíram, inevitavelmente. O fedor desprendia-se tanto dos corpos

---

<sup>995</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

<sup>996</sup> Relato do 3º Sargento LEONERCIO SOARES em seu livro Soares, L. (1985). Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira. Edição do autor.

sujos como das urinas e fezes, com as quais se convivia. Um viver à margem do inferno. Inferno esse, imundo e tenebroso, tanto ou quanto Dante imaginara.<sup>997</sup> (Soares, 1985, pp. 169-170)

[...] Nós saímos de Serreto no fim da tarde, cansados, famintos, mas satisfeitos por mais uma missão integralmente cumprida, e ... *sem banho. Incomodava muito a falta de banho.* [grifo nosso] Mais uma vez, provamos que tínhamos condições de cumprir as missões recebidas. [...] <sup>998</sup> (Motta, 2001d, p. 305)

Coexistir com a sujidade foi uma provação ainda maior para o Cabo Amyntas Pires de Carvalho, que caiu em mãos inimigas e permaneceu nos campos de prisioneiros dos alemães.

Os barracos eram desprovidos de móveis, à exceção de camas do tipo beliche. Cada beliche era utilizado por 12 homens. Não havia colchões, roupas de cama, travesseiros ou cobertor. Quando era possível, conseguia-se palha, capim ou jornal velho para forrá-los. Não existiam banheiros ou chuveiros. A água para beber, ou para as necessidades mínimas, vinha de uma torneira do lado de fora, ao ar livre. Como a maior parte do tempo que passamos no campo de prisioneiros foi em pleno inverno, a água ficava congelada e entupia o cano. Para o mínimo de limpeza corporal, o jeito era pegar a neve e esfregar no rosto. As latrinas eram buracos no chão, com uma armação tosca de tábuas para servir de assento. Como não havia descarga ou desinfetantes, o mau cheiro permeava e recendia longe.

Durante todo o tempo em que fui prisioneiro de guerra, tomei exatamente dois banhos, que só foram permitidos porque existiam muitos parasitas, inclusive pulgas, piolhos e muquiranas, que infestavam os prisioneiros. Enquanto recebíamos uma ducha de água gelada, nosso “uniforme”, que nunca fora lavado, era colocado dentro de uma estufa de ar quente para “descontaminação”. Da mesma forma, foram somente duas vezes que cortei cabelo. Como parte

---

<sup>997</sup> Relato do 3º Sargento LEONERCIO SOARES em seu livro Soares, L. (1985). Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira. Edição do autor.

<sup>998</sup> Relato do Coronel HELIO AMORIM GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

dos pacotes que eram fornecidos pela Cruz Vermelha Internacional – e se os alemães se dignassem a fazer a entrega – existiam cigarros. Já que nunca fumei, usava os cigarros como moeda de troca. Havia sempre alguém que se prontificava a cortar nossos cabelos mediante pagamento sob a forma de dez cigarros. Eu sempre pedia um corte bem rente, ao estilo de “máquina zero”, para diminuir a frequência dos cortes e economizar os cigarros.

Havia também a vantagem higiênica – cabeça pelada não atrai piolhos.<sup>999</sup> (Motta, 2001g, p. 303)

A guerra, para quem esteve em posições avançadas, tirava a possibilidade de realizar as práticas mais básicas de higiene e, longos períodos sem tomar banho, cortar o cabelo ou fazer a barba, eram corriqueiros para os expedicionários que viveram a permanência da linha de frente.

Nós estávamos numa situação deplorável, imundos, cabeludos, não havia água para nada, 23 dias sem banho, escovávamos os dentes com *grape-fruit*. Viemos para retaguarda a fim de tomar banho em Porreta Terme, onde ficava o quartel general.<sup>1000</sup> (Motta, 2001b, p. 263)

[...] Participei do conflito durante o período de 4 de dezembro de 1944 até o dia 8 de maio de 1945. Durante todo esse tempo permaneci à disposição de meu Comandante. Não tive nenhuma falha, não deixei meu posto por motivo de doença e nem por nada. A única vez que tive de voltar para a retaguarda foi para tomar banho, porque cheguei a ficar dois meses sem isso. De 4 de dezembro de 1944 até o dia 28 de fevereiro de 1945 não tomei banho, eis as datas que guardei. No dia 28 de fevereiro fui a Porreta, onde havia uma estação termal, tomei banho quente e tirei o atraso.<sup>1001</sup> (Motta, 2001c, p. 165)

---

<sup>999</sup> Relato de AMYNTHAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

<sup>1000</sup> Relato do Capitão CLEANTHO HOMEM DE SIQUEIRA, que na F.E.B. atuou como Chefe de Peça de Canhão Anticarro da Companhia Comando do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>1001</sup> Relato de JOAQUIM CARLOS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Observador da Companhia de Comando do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Particpei das operações com a 4ª Cia. de Fuzileiros do 6º R.I. do 1º ao último dia, tendo deixado o “*front*” como prêmio de oito dias para ir a Roma e tomando um banho depois de 105 dias sem ver um banheiro.<sup>1002</sup> (Ferreira, 2001, como citado em Maximiano, 2010, p. 113)

Depois desse ataque foi que consegui tomar um banho, coisa que já não fazia há meses e nem mesmo a barba.<sup>1003</sup> (Motta, 2001c, p. 83)

“A cobra fumando” foi uma frase que surgiu, nem sei como, ainda no Brasil, entre os soldados. E ao chegar à Itália tínhamos um distintivo muito simples, pouco visível e o pessoal se queixava. [...]

Mas não usávamos os distintivos em Campanha porque no outono chovia todo dia e acabávamos sujando o uniforme, aliás, sujar o uniforme é um pleonasma, até porque nem tomávamos banho. [...]<sup>1004</sup> (Motta, 2001c, p. 79)

[...] Em conversa com o italiano, ele achou melhor que dormíssemos na cidade. Olhei para os meus companheiros, o cabo e os soldados e concordamos ser melhor permanecer, porque se encontrássemos uma patrulha inimiga durante a noite, a mais de seis quilômetros, sem estradas, sem nada, seria muito arriscado. Depois tomamos banho em uma cachoeira porque fazia muito tempo que a gente não achava uma oportunidade para isso.<sup>1005</sup> (Motta, 2001c, p. 104)

---

<sup>1002</sup> Registro em carta de AVESTIL JUSTO FERREIRA, que na F.E.B. atuou como terceiro-sargento da 4ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Carta destinada ao autor Cesar Campiani Maximiano, de 17 de agosto de 2001.

<sup>1003</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

<sup>1004</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

<sup>1005</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Assim como adaptaram-se à violência da guerra, parte dos veteranos também acostumaram-se com a ausência de higiene e as poucas oportunidades de banharem-se no *front*.

Quando em ação na linha de frente, lembro-me de ter tomado no máximo oito ou nove banhos de setembro de 1944 até março de 1945, banhos em rio, no capacete ou em bacia de rosto dos italianos [...] Aliás, a falta de limpeza torna-se hábito, e a sujeira, depois de um certo tempo, parece não sujar mais.<sup>1006</sup> (Arruda, et al., 1949, p. 202)

Fui, hoje, passear na localidade de Bagni di Lucca e aproveitei para tomar um banho quente natural, num balneário que ali existe. Há uns dez dias que não tomava banho, pois o frio não tem permitido este luxo. *Conheço muitos soldados que no Rio eram grã-finos e que dizem, com a maior naturalidade, que estão somente há dez ou quinze dias sem tomar banho.* [grifo nosso]<sup>1007</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, p. 349)

A adaptação estendia-se ainda a efetivamente conseguir tomar banho em meio ao conflito. Da mesma maneira que os inimigos importunavam as horas de sono e o fornecimento da alimentação, também poderiam interromper os relevantes e escassos momentos de higiene pessoal dos expedicionários.

Eram raros os momentos de calma. Lembro-me bem que, numa tarde, num desses interlúdios, aproveitei para tomar um banho numa das casas de italianos que havíamos ocupado no transcorrer das patrulhas. Enquanto me deleitava com essa restaurativa ablução, já todo ensaboado, os alemães acharam por bem pôr à cabo minha tranquilidade com uma violenta tempestade de tiros de morteiros. Mal consegui vestir a cueca e sair à busca de abrigo. Logo

---

<sup>1006</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUSA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. No livro Arruda, D. C., Morais, B., Garcia, C., Colijer, E., Varoli, E., Stal, G. C. A., Gonçalves, J., Piason, J. A., Andrade, J. X. G., Santos, M. I. L., Amaral, M., Ujihara, M., Santos, P. D., Mange, R. C., Sousa, T. C. C., & Mendes, U. D. (1949). Depoimento de oficiais da reserva sobre a FEB. Instituto Progresso Editorial.

<sup>1007</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

notei que um dos membros da família, um senhor aparentando uns 70 anos, havia sido atingido no ventre, por um estilhaço de projétil de morteiro. Sangrava profundamente, e ficou recurvado, gemendo de dor. Nesse instante, ouvi vozes que vinham de outra dependência da casa. Eram as vozes das netas do ferido que, aos prantos, gritavam: “*Nono! Nono!*” Lembro-me bem da localização desta casa – Via Cesare Battisti, nº 29. Parece que foi ato da Divina Providência. Os alemães deram uma trégua. Volta e meia, sem que eu a procure ou queira, a cena se reproduz em minha mente, com muita nitidez e em cores vivas: Eu, seminu, ensaboado, com um homem ferido nos braços, entregando-o aos cuidados de suas netas. Só não ousei ficar para ajudar com os curativos, ao optar pelo dever de soldado, e voltar logo ao meu corpo de tropa, em vez do dever humanitário.<sup>1008</sup> (Motta, 2001g, p. 287)

E outra coisa que lembro bem sobre esse episódio é que fazia tempo que a gente não tomava banho e no local, onde estávamos, encontramos uma dessas tinas, um vasilhame idêntico aos que os italianos costumavam encher de uvas, para pisar descalço e fazer o vinho. A gente entrava dentro daquilo, podia tomar banho sossegado, porque mesmo com o frio a madeira protegia. Eu estava dentro de uma dessas tomando um banho quando ouvi uma explosão. Que susto!<sup>1009</sup> (Motta, 2001c, p. 124)

Após tantos dias ou meses sem tomar banho, nota-se entre os relatos o surgimento do sentimento de valorização da limpeza e do asseio. O que antes era uma prática habitual em suas vidas civis, na guerra torna-se algo extraordinário.

Após a consolidação da posição, a 7ª Companhia foi para a posição de descanso adiante de Silla, Porreta Terme. Nós estávamos há cinquenta dias sem tomar banho, pois dentro do cemitério de Bombiana não havia água. A neve aliviava aquele suorzinho, assim ficamos

---

<sup>1008</sup> Relato de AMYNTAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

<sup>1009</sup> Relato de DANIEL LACERDA, que na F.E.B. atuou como Sargento-auxiliar do Pelotão de Morteiros 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

cinquenta dias sem banho. Em Porreta Terme, tomei um banho maravilhoso. Fazíamos fila para o banho, mesmo estando sujeitos a bombardeio, era o hábito da fila. Como o banho foi muito bom, resolvi tomar outro, entrei de novo na fila. Avisaram que quem cortasse o cabelo não precisava entrar na fila para o banho. Entrei na fila para cortar o cabelo, que há muito tempo não cortava, cortei o cabelo e tomei outro banho.<sup>1010</sup> (Motta, 2001e, pp. 330-331)

Ocupamos as posições, os americanos foram embora, alegres, porque estavam sendo substituídos, podia-se ver os sorrisos deles; estavam cansados, já se encontravam ali há dias. A coisa mais preciosa para o soldado é a substituição, quando chega o momento é um alívio: “Vou trocar de roupa, vou tomar banho, vou tirar o uniforme cheio de barro, rasgado, muitas vezes esfarrapado”.<sup>1011</sup> (Motta, 2001c, p. 306)

Para o Cabo Amyntas Pires de Carvalho, o prisioneiro de guerra mencionado anteriormente, o banho após oito meses a viver em condições desumanas atingiu *status* divinal.

Em seguida, no campo de Reims, fomos levados ao banho.

Quem é capaz de imaginar a sensação de limpeza, pureza e leveza, trazidas pelo primeiro banho com água quente, sabonete perfumado, depois de quase oito meses de suor, lama, imundície, mau cheiro, sempre com a mesma roupa suja no corpo? Pois foi o que eu senti naquele dia em Reims! Ouve-se falar em Nirvana, o inefável estado de ausência de sofrimento, e em que se alcança a plenitude de harmonia, estabilidade e quietude. Pois experimentei Nirvana, naquele dia, em Reims! Após o banho, deram-me um uniforme completo do Exército dos Estados Unidos. Meus pés já estavam desacostumados de calçados e, inicialmente, só conseguia caminhar com dificuldade. Depois de lavados e vestidos, fomos submetidos a

---

<sup>1010</sup> Relato de MOACYR MACHADO BARBOSA, que na F.E.B. atuou como Sargento-Orientador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>1011</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

cuidadoso exame médico. Depois fomos alimentados com dieta adequada para nossa condição de desnutrição.<sup>1012</sup> (Motta, 2001g, pp. 312-313)

Apesar da experiência difícil vivenciada pelos combatentes na linha de frente, os elementos que tinham a possibilidade de descansar na retaguarda, dispunham da assistência do Serviço de Intendência, que juntamente com o Exército dos Estados Unidos, montavam casas de banho ou estruturas para apoiá-los.

Em relação à organização para a guerra, éramos neófitos e não possuíamos os recursos necessários, tantos meios como os americanos. Bastava só pensar e eles traziam, por exemplo, um caminhão com brocas, furavam, pouco depois estendiam um cano e logo jorrava água, todo o mundo no banho; tanto instalavam latrinas quanto construíam pavilhões.<sup>1013</sup> (Motta, 2001c, p. 92)

As unidades de banho, geralmente eram montadas com barracas que possuíam uma sequência de chuveiros ordenados em linha e a logística do banho, via de regra, era organizada. Os combatentes entravam nas estruturas destinadas ao banho, colocavam seus pertences pessoais em um saco numerado, dirigiam-se aos chuveiros, tomavam um banho quente e posteriormente recebiam uma muda de roupa íntima limpa. (Silveira, 1989)

Quando os combatentes estavam de folga, podiam usufruir dos hotéis disponíveis em áreas de domínio aliado e passear pela região. Para isso, deveriam apresentar-se asseados, seja por exigência do Exército ou dos próprios alojamentos.

---

<sup>1012</sup> Relato de AMYNTHAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

<sup>1013</sup> Relato do Capitão BENEDITO NUNES DE ASSIS, que na F.E.B. atuou como Auxiliar da 3ª Seção do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

O ruim desse passeio em Roma, era que ia um homem de cada Companhia, havia bastante soldados e íamos dormir num hotel chamado Fórum Mussolini. Tratava-se de um hotel grande; para dormir, precisava banhar-se primeiro. A gente já estava sem tomar banho há bastante tempo, mas tinha que cumprir a exigência para poder dormir no alojamento. Nós éramos mais de cinquenta para dormir. Ficava um italiano com a toalha e falava:

*- Tomare banho! Tomare banho!*

E a gente tomava banho, é lógico. Se não, nem entrava no alojamento para dormir. [...] <sup>1014</sup> (Motta, 2001c, p. 291)

[...] Se você, na linha de frente, entrasse de folga por uns três dias, ia para um hotel – chamavam de Serviço Especial – cuidado por militares com curso de especialização, de modo a proporcionar conforto e bem-estar naqueles três dias de folga. Tomava banho e mudava a roupa. Recebia uma roupa meio grande, mas era usada assim mesmo. Na Itália, na França é um pouco pior, não se tomava banho com muita frequência. O americano, quando estávamos nos Estados Unidos, dizia que o brasileiro tem a mania do banho; quer tomar banho todo dia. <sup>1015</sup> (Motta, 2001d, p. 113)

Eu tive um prêmio na frente de Torre de Nerone: eu tive um prêmio de oitos dias pra ir pra Florença. Ahhh! O comandante me deu oito dias. E eu, chegando em Florença, num hotel lá os brasileiros não tinham lugar. Ai fui transferido para o hotel dos americanos. Fazia mais ou menos uns três meses que eu tinha tomado banho. A barba tava aqui embaixo do queixo, cabeludo, tava sem cortar o cabelo, sem fazer barba, a roupa tava suja, terra, né, de suor quase não, porque [fazia] muito frio... mas de barro né, vivia dentro do buraco o dia inteiro. E eu sei que o americano já me levou lá, me entregou toalha, deu cueca, deu roupa, me levou o aparelho de barba, já fui pro banheiro, aquele duchão quente, gostoso, ai, que delícia, né? Me deram uma

---

<sup>1014</sup> Relato de VICENTE GRATAGLIANO, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>1015</sup> Relato do General-de-Brigada CONFÚCIO DANTON DE PAULA AVELINO, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Suprimento de Material Bélico da 1ª Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em julho de 2000.

cama de espuma, nunca tinha visto espuma, aqui era um colchão de capim duro, desmaiei. Ahhh! Sei que lá pra umas cinco e pouco me chamaram pra jantar. Nossa, que comida gostosa! Que delícia! Que oito dias maravilhosos!<sup>1016</sup> (Marino, 1998, como citado em Maximiano, 2010, p. 314)

O veterano Sydonio Pedro, relata a sua experiência com o banho em uma área recém conquistada pelos Aliados. Neste caso, não foi preciso esperar para usar as estruturas do Exército ou algum hotel da região. O chafariz da cidade trouxe alívio imediato depois de um mês suportando o próprio mal cheiro.

Banho não tinha. Não se dormia. A gente aprendeu a cochilar de pé. Ali no Castello, o primeiro ataque ao Castello, nós recuamos, então nós ficamos nessa cidadezinha, Bombiana. E eu amarrei a metralhadora num alpendre. E a gente chupava muita uva. Mas tinha uva de lata, sabe uva?

Eu não sei se a uva tava passada, me deu uma disenteria, [...] e eu tô louco pra descer, descer o barro, né, nesse momento veio o alemão balançando o holofote, pisava assim, quebrava os vidros das casas, *trec-trec*, e eu com eles na minha mira, né, me deu uma disenteria, eu fui cagar. Caguei na cueca. Mas caguei mesmo, que olha!

E não tinha jeito de sair dali. E não tinha jeito de trocar, que não tinha mais roupa, não tinha jeito pra tomar banho, fiquei mais de um mês assim. E a turma: “Pô, que mau cheiro!” Falei: “Sou eu! Caguei nas calças!”

Você pegava depois que secou, você pegava as calças e fazia assim e quebrava, *trec-trec*. Aí libertamos uma cidade, tinha aquele chafariz, bebedouro de água, né? Ah, tomamos banho lá, pelados, todo mundo pelado. Tinha um barbeiro italiano, pôs uma cadeira lá, aí cortava

---

<sup>1016</sup> Relato do veterano JOSÉ MARINO, que na F.E.B. atuou no 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em 1998.

careca, né, tudo careca, aparecia aqueles pedaços de torrão na cabeça.<sup>1017</sup> (Pedro, 1999, como citado em Maximiano, 2010, pp. 119-120)

Além dos hotéis da região e estruturas montadas para que os expedicionários pudessem tomar banho, o Exército também prestava ajuda na lavagem de seus uniformes, montando unidades responsáveis pela lavagem das roupas. (Silveira, 1989)

Essas unidades, comumente, ficavam longe da linha de frente, então era preciso improvisar. Os expedicionários utilizavam as possibilidades que encontravam no entorno ou contavam, novamente, com a ajuda de civis italianos. O serviço prestado, era pago com cigarros, *scatolettas*, chocolates ou qualquer item que lhes fosse conveniente.

O Exército americano possuía subunidade de lavagem de roupa. Eram lavanderias móveis que chegavam a uma Unidade, recolhiam a roupa suja, lavavam e entregavam-na limpa. A FEB não tinha, então precisávamos lavar a nossa própria roupa... E quem lavava? As italianas. E como nós pagávamos? Com cigarro, que, como já dissemos, fazia o papel de moeda.<sup>1018</sup> (Motta, 2001a, pp. 272-273)

O relacionamento do soldado brasileiro com a população local era muito bom. Se bem que apareciam só para pedir, não tinham nada, principalmente comida, as mulheres apareciam querendo roupa para lavar, a fim de ganhar algum dinheiro; todo mundo dava. Elas eram honestas, preparavam a roupa e a traziam direitinho, em um espaço curto de tempo, pois estávamos sempre nos locomovendo. Elas ganhavam alimento também, dávamos-lhes o que nos sobrava, assim, como cigarros.<sup>1019</sup> (Motta, 2001c, p. 164)

---

<sup>1017</sup> Relato de SYDONIO PEDRO, que na F.E.B. atuou como Cabo do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em dezembro de 1999.

<sup>1018</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>1019</sup> Relato de JOAQUIM CARLOS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Observador da Companhia de Comando do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

O Depósito de Pessoal ficava afastado da cidade, no campo, e nossa convivência com civis era com os prestadores de serviço, por exemplo, as moças que iam lavar as nossas roupas e em troca ganhar chocolates, cigarros etc, porque eram as moedas que tinham valor. Meu relacionamento com a população civil foi com essa gente do campo. Apenas quando me transferi para Nápoles é que pude ver o sofrimento de um povo submetido a uma guerra. Moças jovens, com filho pequeno, entregando-se por barra de chocolate, maço de cigarro. Tive muita pena de ver.<sup>1020</sup> (Motta, 2001e, p. 74)

[...] À nossa esquerda vê-se outra grande planície. Na encosta da elevação em que acampamos existem dois tanques que se comunicam e de onde tiramos água para lavar roupa. Diariamente, nos tanques, sempre há mulheres lavando roupa.<sup>1021</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, p. 329)

Segundo o veterano Abdias de Souza, o sistema de troca estabelecido com os civis italianos para lavagem das roupas e uniformes, permaneceu até mesmo depois do fim da guerra, no período em que a F.E.B. aguardava o seu retorno ao Brasil.

Houve uma ajuda norte-americana. Depois que saiu o primeiro contingente para o Brasil, os norte-americanos mandaram distribuir uma ajuda para os italianos, mas a cantina ficou aos cuidados da tropa brasileira. Não se podia dar nada de graça. A filosofia era pagar. Aí vinham aquelas mulheres lavar roupa. Recebiam um crachá para entrar e vinham mostrando e passando pelos sentinelas até chegar ao acampamento, a uma barraca, para pegar uma gandola e uma calça para lavar. Elas levavam até a cantina e tiravam o alimento para as famílias. Levavam

---

<sup>1020</sup> Relato do General-de-Divisão GERALDO DE ARAÚJO FERREIRA BRAGA, que na F.E.B. atuou como Instrutor do Depósito de Pessoal. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>1021</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

macarrão, chocolate, até toalhas de banho para fazer vestido. Depois traziam a roupa passada e iam entregar, sempre escoltadas.<sup>1022</sup> (Motta, 2001b, p. 190)

Para a manutenção do moral dos expedicionários, além de zelarem pela higiene pessoal e cuidados com o fardamento, o Exército preocupou-se também em estruturar atividades de desconpressão e lazer para os combatentes. Para isso, criou uma unidade chamada Serviço Especial.

A criação dessa unidade não deu-se, como é obvio, apenas para que o moral dos combatentes se mantivesse em alta ou por uma questão de altruísmo do Exército. Os planos de repouso e o programa variado de distrações, tinham como objetivo aliviar o desgaste mental e físico, mas também garantir o rendimento e a capacidade combativa dos expedicionários. (Maximiano, 2010)

Como visto anteriormente, uma guerra não é feita de combates e ataques ininterruptos. Nos momentos de folga, proporcionados pelo revezamento dos elementos, os combatentes tinham a oportunidade de usufruir das atividades organizadas por esse Serviço.

A unidade foi muito elogiada pelos veteranos e nesta pesquisa não são identificamos relatos de insatisfação com as atividades proporcionadas por ela.

Como é de se imaginar a vida do combatente não é fácil. Apesar de toda a nossa capacidade de adaptação a situações novas, enfrentamos problemas que foram minorados, em muito, pela assistência dedicada que recebemos. A assistência social se fez presente através das cartas, dos pequenos presentes, das fotografias que recebíamos do Brasil. A psíquica se manifestava através do rodízio para o lazer na retaguarda, com a convivência e o estímulo dos amigos. Quanto à religiosa, sentiam-se o carinho e a dedicação com que os capelães nos tratavam nas situações mais difíceis. [...] <sup>1023</sup> (Motta, 2001b, p. 64)

---

<sup>1022</sup> Relato de ABDIAS DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Soldado da 1ª Companhia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

<sup>1023</sup> Relato do Tenente-Coronel ANTÔNIO DE ANDRADE POTI, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

Como estou falando de serviço de apoio, gostaria de fazer menção ao Serviço Especial. Aqui no Brasil, em todo o meu período de aluno do Colégio Militar e cadete da Escola Militar, não tivera conhecimento dessa atividade. Era um serviço encarregado de sustentar o moral da tropa. É algo digno de registro o apoio prestado pelo Serviço Especial.

O Serviço Especial era o seguinte: ninguém aguenta quatro meses de tiro o dia inteiro. Vejam o senhores que aquele soldado de infantaria não aguentou 15 minutos de bombardeio de morteiro. Então, o Serviço Especial proporcionava a retirada do combatente da frente e o levava para a retaguarda, para as cidades já com a vida mais ou menos organizada, onde ficavam em hotéis ou casas. Eu mesmo estive algumas vezes em cidades da retaguarda, justamente para espalhar. E não era só isso. Em plena linha de frente, o Serviço Especial promovia espetáculos, levava um cantor, alguma coisa que distraísse o combatente. Na sede do Serviço, que era um pouco mais à retaguarda, proporcionava sessões de cinema, promovia festas ... e as italianas, como dançavam bem!

Inspirados no Serviço Especial, nós, nas Unidades, promovíamos também nosso próprio divertimento. O nosso grupo tinha um “chorinho” ... e assim por diante.

A parte moral é fundamental; sem isso você é derrotado. [...] <sup>1024</sup> (Motta, 2001d, pp. 279-280)

Entre as atividades que o Serviço Especial proporcionava em sua sede, destacavam-se os *shows*, a apresentação de cantores e músicos, as peças de teatro e a exibição de filmes. Também facilitavam ingressos para que os combatentes participassem dessas atividades – cinemas, clubes dançantes, teatros e pontos históricos – nas cidades que já encontravam-se sob domínio aliado.

Nesta grande data para todos os brasileiros, a vida aqui em nada se modificou. Pela manhã, deslocou-se somente o reconhecimento do Grupo para exercício. À tarde assistimos a um *show* formidável, apresentado pelo corpo de artistas do V Exército. Ao espetáculo compareceram

---

<sup>1024</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

também os Srs. Generais Mascarenhas de Moraes e Zenóbio da Costa e umas cinco enfermeiras brasileiras. Foi a coisa mais formidável que se pode imaginar no gênero, pois os artistas eram mais de 30 e cada qual melhor; havia uma boa orquestra de dois cômicos formidáveis, três ótimos cantores e três violinistas, além disso todos os artistas cantavam e sapateavam bem.<sup>1025</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, pp. 340-341)

Durante o dia fui até Civitavecchia com alguns aprendizes. Por volta das 19 h, saí com um carro, transportando alguns companheiros que iam assistir um jogo de futebol e uma seção de cinema em Tarquinia, a pequena cidade que dista de uns 10 minutos do nosso acampamento. A Vila é bastante interessante, pois como todas as outras cidades italianas, é constituída de casas altas, uma junto da outra e em vielas estreitas e sinuosas, vendo-se também, dentro da cidade, grandes prédios semelhantes a castelos. Esta cidade fica à beira-mar e foi poupada pelos bombardeios; os seus habitantes são todos capitalistas, quase todos se vestem até com certo luxo e as “pequenas” são lindíssimas. Quando cheguei à cidade tive que ficar tomando conta das viaturas, enquanto o pessoal ia ao jogo e ao cinema; fiquei passeando pela cidade, [...]<sup>1026</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, p. 331)

Além dessas atividades, o Serviço Especial também deu a oportunidade para alguns combatentes de viajarem à passeio durante o conflito. Em destinos como Roma, Florença e Montecatini, os expedicionários ficavam hospedados em hotéis e alojamentos gerenciados pelo próprio Exército. As viagens também poderiam ser sorteadas entre as tropas e tinham *status* de prêmio.

Os relatos abaixo falam da experiência e destacam também, como visto anteriormente, a logística do banho, pré-requisito para usufruírem da estadia nesses locais.

---

<sup>1025</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

<sup>1026</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

Do pitoresco da guerra posso me lembrar de que no dia 6 de abril de 1945 fui contemplado, num sorteio organizado pelo Serviço Especial da FEB, para um período de repouso durante seis dias, em Roma e em Florença. Vivíamos num buraco aberto no talude de uma pequena elevação, sem roupa, sem dinheiro e em precárias condições de saúde; pensei em desistir do sorteio. Estimulado pelos companheiros, decidi, porém, aproveitar a rara chance de conhecer Roma. Meu uniforme de passeio se encontrava no “saco B”, em Silla, e foi mandado às pressas para a minha posição. E que decepção: a roupa toda amarrotada e com cheiro de mofo! Todos queriam ajudar, o uniforme foi alisado por vinte mãos e cada um contribuiu com uns “trocados”, o que me rendeu um empréstimo de duzentas liras, na realidade quase nada: mas o passeio valeu a pena. [...]

Chegamos à Montecatini, onde se reunia o pessoal sorteado, ingleses, americanos, poloneses...

Já em Roma recebemos um saco plástico – o pessoal olhava aquilo espantado, nunca vira plástico antes – onde se punha sabonete, escova de dente, pasta, cuecão, toalha e dali havia fila para cortar o cabelo, tipo “Jack Dempsey” ou “Príncipe Danilo”, fila para fazer a barba, bateria de chuveiros e no fim saímos num bar imenso para fazer um lanche, uma cervejinha, chocolate, biscoitos; dali fomos conduzidos para o alojamento dos brasileiros.

Depois passei quase um dia inteiro no Vaticano, onde tive a sorte de participar de uma audiência. O Papa era o Pio XII. [...] <sup>1027</sup> (Motta, 2001b, p. 263)

[...]Mas deveríamos passar no QG para pegar uma autorização para ir ao hotel. Em Florença, havia um edifício, assim como o da Central aqui no Rio, que foi transformado em hotel para descanso dos soldados. Tinha de tudo. No pátio, embaixo, prepararam um palco de teatro, ringue de boxe, bilhar, uma cantina, café, banho, cabelo, manicure. E a Cruz Vermelha. Tinha tudo ali. E havia os dormitórios.

---

<sup>1027</sup> Relato do Capitão CLEANTHO HOMEEM DE SIQUEIRA, que na F.E.B. atuou como Chefe de Peça de Canhão Anticarro da Companhia Comando do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

O QG estava em Pavana. Chegando lá, apresentei-me ao Major que era encarregado das licenças. Ele mandou descer todo mundo. Queria fazer uma inspeção no pessoal. A gente precisava levar o uniforme de passeio. [...]

Mas o soldado, coitado, o uniforme de passeio do soldado era aquele uniforme de lã, e que ele botava dentro do saco de qualquer maneira. Ele não tinha um gorro de lã de passeio. Ele tinha aquele gorro de bico e aquele bonezinho de lã, que tapava as orelhas, ou o capacete. A maioria deles tinha saído de madrugada da posição, para ir para o PC do Batalhão a fim de gozar a licença. Haviam trazido aquela tralha toda e posto dentro do bernal. Quase todos tinham vindo como estavam, para mudar a roupa no hotel, depois do banho, como eu também. [...]

Saltou todo mundo fora e foi aquela confusão. Havia gente de capacete, sem capacete, com gorro, sem gorro, com cinto, sem cinto... E aí? Agora fazer o quê? O Major não queria explicação. Eu lhe disse: “Major, só uns quatro ou cinco aí que estão comigo e são aqueles ali, são da minha Companhia. Os outros vieram de outros lugares, foram embarcando no caminho.” “Mas o senhor devia ter visto”, disse ele. Não teve conversa. Ele ficou bravo, chamou o Subtenente e disse: “Recolhe todas essas coberturas desse pessoal e fornece ‘bibico’ para todo mundo.” Aí, até cada um arranjar um gorro de lã que desse direitinho na cabeça, perdemos ali duas ou três horas da folga que a gente ganhara.

Chegamos em Florença e me disseram: “Você tem que passar ali onde estão os banheiros e a lavanderia.” Aí o atendente, americano, em vez de levar o pessoal logo para o banheiro, fez como ele fazia com a tropa americana, levou o pessoal num balcão comprido, onde outro americano, que ali estava, não conseguia que entendêssemos o que ele queria. Como eu sabia uma pouquinho de inglês, entendi que ele queria que a gente entregasse o fardamento que usávamos. Ele veio com um saco dobrado, assim como os que vêm da tinturaria, mas com o fardamento americano: uma calça, uma blusa, etc. Foi difícil desfazer a confusão. Só chegamos a um acordo com a ajuda de outro americano, que falava mais ou menos o italiano, e com o argumento de que as insígnias eram diferente. Para eles, foi uma beleza, porque não precisaram lavar nossa roupa.

Assim, a turma entrou, tomou banho e um guia levou cada um para o seu dormitório. [...] <sup>1028</sup> (Motta, 2001e, pp. 256-257)

Eu, graças a Deus, sempre fui muito amigo dos soldados, quando tinham alguma dificuldade, vinham conversar e eu procurava fazer tudo para ajudar. No fim da guerra, antes de embarcarmos de volta, tivemos dispensa para conhecer algumas cidades do Norte da Itália, invariavelmente, eu levava um sargento e um soldado na minha companhia. O americano tinha hotéis para todos, com alimentação. <sup>1029</sup> (Motta, 2001f, p. 89)

Para a folga do pessoal que estava na frente, existiam em Nápoles hotéis sob a responsabilidade do General Falconièri. Os americanos também tinham hotéis sob sua responsabilidade em Roma, Florença e outros locais. O homem apresentava um tíquete, fornecido pelo comando brasileiro, e imediatamente recebia tudo o que era preciso. <sup>1030</sup> (Motta, 2001e, p. 121)

Muitos exploraram a Itália por conta própria em seus momentos de folga e não esperaram por este tipo de sorteios ou autorizações de seus superiores. Os passeios e viagens não autorizados, foram batizados pelos expedicionários de “tochas”. O termo antes utilizado no Brasil para definir as fugas para casa no período em que estavam sendo treinados nos quartéis antes do embarque, continuou a ser utilizado na Itália.

Tocha era uma expressão utilizada durante a guerra, para traduzir uma espécie de aventura: às vezes, não tínhamos permissão para deixar as nossas Unidades, então saíamos à revelia do Comando e fazíamos um programa de “curtição”. Lembro-me de que certa feita fui designado

---

<sup>1028</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>1029</sup> Relato do General-de-Brigada HÉLIO COVAS PEREIRA, que na F.E.B. atuou como Comandante da 6ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em fevereiro de 2001.

<sup>1030</sup> Relato do General-de-Brigada IGNÁCIO REBOUÇAS DE MELLO, que na F.E.B. atuou como Ajudante-de-Ordens do General Olympio Falconièri da Cunha. Entrevista concedida em novembro de 2000.

para passar umas férias em Viareggio. Mas, chegando à localidade, juntamente com os americanos, planejamos conhecer a França. Na fronteira com a França, fomos impedidos, não permitiam a nossa entrada no país para conhecer o Cassino Montecarlo, porque não tínhamos autorização. Estranhei e fiquei frustrado, porque vi oficiais passarem para o território francês, e nós, soldados, não tínhamos autorização para conhecer a França. Isso fez com que mais tarde fosse conhece-la numa excursão. Além de revermos os campos de batalha, desfilamos sob o Arco do Triunfo, junto com o pessoal da resistência francesa, na presença do Presidente Pompidou. Foi com satisfação, com aquele garbo, que vimos a Bandeira Brasileira hasteada nos Campos Elísios, presente ao nosso desfile. Foi uma das maiores emoções que tivemos.<sup>1031</sup> (Motta, 2001g, p. 135)

Havia dois tipos de saída para as cidades italianas próximas: a autorizada, que era coordenada pelo Batalhão, e a outra, que era isolada, o sujeito fugia. Era a chamada “tocha”. O pessoal saía e ia para a cidade. As cidades estavam em condições muito ruins naquela época. Era tudo muito escuro de noite, quase não havia nenhuma iluminação por causa de bombardeio de aviação que poderia ocorrer. Normalmente, era tudo *blackout*.<sup>1032</sup> (Motta, 2001b, p. 137)

A prática das “tochas” intensificou-se após o fim das hostilidades. Durante as tochas os combatentes costumavam ir a restaurantes, festas, bailes, bares, teatros, museus e aproveitavam para visitar alguns monumentos históricos.

[...] Fazíamos a “tocha”, dois, três dias, regressávamos. “Como é que está a situação? Está boa?” Vamos para uma outra!

---

<sup>1031</sup> Relato do Doutor DIAZ SEBASTIÃO CAMMAROSANO, que na F.E.B. atuou como Sargento Enfermeiro da 3ª Companhia de Evacuação do I Batalhão de Saúde.

<sup>1032</sup> Relato do General-de-Exército PAULO CAMPOS PAIVA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarro do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

Numa dessas “tochas”, eu acompanhado dos sargentos Kialdo Lemos, Silas Munguba e Vital Loureiro – a gente saía sem transporte, ia pela estrada e aplicava o dedo para pegar carona, quer fosse transporte americano, quer fossem carros civis, ônibus até, passei por Nápoles, fiz uma visita, muito grata para mim, às ruínas de Pompéia, Torre Anunciata – que também foi uma cidade destruída pelo Vesúvio – e de lá demos uma esticada até o balneário de Salerno, cidade então controlada e ocupada pelos soldados ingleses.<sup>1033</sup> (Motta, 2001b, p. 255)

Quando terminou a guerra, estávamos perto de Piacenza. Uma distância como Lapa-Copacabana, ou um pouco mais. Nós estávamos lá, rezando para terminar o conflito. Já tínhamos visto uma Divisão se entregando, mas havia sempre o risco de se receber um balaço antes da guerra acabar. De lá fomos, de trem, para Civita Vecchia, uma cidadezinha onde havia baixo meretrício, interdita às tropas aliadas, *off limits*. Nesse lugar, a Cruz Vermelha nos deu um sanduíche e embarcamos em caminhões, que nos levaram para Francolise.

Foi o pior da história. Nós saímos de um lugar onde todos festejavam, *brasiliani liberatori*. Era festa todo dia. Era velho, era moça, todos nos agradavam – *brasiliani uma ova frite vene*. Em Francolise, era uma poeirada, ninguém podia ficar descalço porque a areia fina, que parecia do Vesúvio, queimava. Ficamos num lugar cercado por arame farpado, com sentinela, não se podia sair. Nossa primeira providência foi tirar a roupa, ficar de calção, mas com as botas.

Acredito que a razão disso, desse cerceamento, era que o brasileiro já estava acostumado à festa, a se divertir. Era um lugar horrível, com a polícia americana rondando seus *jeeps*. Se fosse encontrado algum militar fora do lugar devido, vinha uma parte e uma punição. Ficamos nessas condições mais ou menos uma semana. Eu saí, fui ao Teatro San Carlos, muito parecido com o Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Assisti a óperas, duas vezes o Rigoletto e uma vez Lucia de Lamemour. Toda a plateia de roupa de gala e nós com a blusa amarrada,

---

<sup>1033</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

camisa com a gola suspensa. E tomando cuidado com a polícia americana, tendo, por duas vezes, que me esconder. Até que veio a ordem de embarque.<sup>1034</sup> (Motta, 2001e, pp. 334-335)

Quanto aos preparativos de retorno ao Brasil, nós estávamos como tropa de ocupação em Tortona; então, fomos transportados por escalões, de caminhões para Francolise, na região de Nápoles e lá ficamos. Naquela época vários oficiais iam fazer um passeio, aproveitar aquela oportunidade; o termo que se usava era “tocha” [...] O passeio se dava pelas regiões turísticas. Na ocasião, o Comandante do II BI, Major Henrique Cordeiro Oest procurava três tenentes que estivessem dispostos a tudo para ir a Paris, garantindo-lhes as permissões para passar nos postos de controle. E eu, motivado pela jovialidade, fui parar em Paris.

Durante o caminho nós nos alimentávamos nas cozinhas que encontrávamos por lá. A comida, a princípio era racionada. Entretanto, havia o jeitinho de conseguir-se algo diferente de pão e vinho, que era o que se serviam na maioria dos restaurantes. Lembro-me de que no primeiro restaurante em que estive, eu perguntei: “O que é que tem?”. Disseram-me que tinham pão e vinho; logo, exclamei: “Puxa, mais um restaurante com pão e vinho!”. Foi quando o garçom me disse na surdina: “Se você quiser pagar no mercado negro, eu lhe trago os melhores petiscos parisienses”. Mas para tal, gastávamos muito dinheiro, pois bastava pedir qualquer coisa para se pagar um absurdo.

Por fim ficamos, ficamos hospedados num hotel de sargentos aviadores franceses, que nos receberam muito bem. Depois voltamos de jipe numa estrada longa e esburacada.<sup>1035</sup> (Motta, 2001d, pp. 222-223)

Durante os preparativos para o retorno foi uma fase de dispersão geral. Como lia muito sobre a parte histórica, queria visitar tudo quanto é museu na Itália. Então, tinha vontade de conhecê-los

---

<sup>1034</sup> Relato de MOACYR MACHADO BARBOSA, que na F.E.B. atuou como Sargento-Orientador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>1035</sup> Relato do Coronel SYLVIO CHRISTO MISCOW, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

durante as tochas e havia um detalhe que ajudava: quando se encontrasse um jipe abandonado, podia-se pegá-lo, pois passava a ser seu “dono”.

Vimos um jipe caído numa ribanceira, tiramo-lo com auxílio de um italiano e com a viatura, nós nos deslocávamos, sendo que gasolina não era problema. Um dia, descobri que o americano organizava grupos de visitas de Roma para o Egito. Quando fui me inscrever, não foi mais possível, porque a nossa Divisão já estava para embarcar.<sup>1036</sup> (Motta, 2001e, p. 207)

As tochas eram passíveis de punição e de acordo com os exemplos abaixo, nem sempre acabavam bem.

Há uma passagem até meio engraçada. O meu amigo de “rancho”, sargento Wilson Sirigato, dormia na minha barraca. Um dia estávamos combinados de subir o morro para ir à cidade, entretanto caí de serviço como sargento de Dia. Era domingo e ele foi com outro companheiro; passaram o dia em Bagnoli, beberam vinho à vontade e, na volta, ele se perdeu da turma, regressando sozinho; meio perdido, indagava qual o caminho que daria na estrada; como já tinha escurecido, veio devagar. De repente, aparece um jipe e ele levanta o dedo pedindo carona. O jipe para, era o General Zenóbio. Contou depois, que o General Zenóbio deu carona, mas parou na porta do “chiqueirão” e ele ficou preso. Passou o tempo, os outros chegavam e ele não; calculei que se perdera e à meia-noite, uma hora da manhã, fui dar uma olhada no “chiqueirão”: ele se encolhera num canto. A madrugada estava bem fria, apanhei um cobertor para ele passar a noite. Era só um castigo que não constava das alterações, um castigo porque saiu sem ordem.<sup>1037</sup> (Motta, 2001c, pp. 99-100)

---

<sup>1036</sup> Relato do Coronel ERNANI FERREIRA LOPES, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>1037</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

Eu lembro um caso que aconteceu quando estávamos na cidade de Sassuolo, onde à noite a gente fazia um baile; tínhamos um Tenente médico que tocava harmônica para dançarmos, tocava em um teclado, como se estivesse tocando piano, e passávamos a noite bem alegre.

Certo dia, fomos transferidos para Chiesa e à noite pegamos a ambulância e fomos ver as namoradas que lá deixamos, mas na volta o soldado motorista da ambulância se perdeu, e fomos parar em Spézia, distante do nosso *front*. Eram os ingleses que estavam lá e nos aprisionaram, foi muito difícil convencê-los de que éramos brasileiros, aliados. Só por intermédio de um italiano que sabia falar um pouco de português entramos em acordo. Ligaram, passaram um telegrama para Porreta para confirmação. [...] <sup>1038</sup> (Motta, 2001c, pp. 206-207)

As visitas à retaguarda e cidades próximas, seja de forma autorizada ou através das tochas, deu o ensejo aos expedicionários brasileiros de experimentarem certo censo de normalidade durante a guerra. Ao frequentarem bailes e festas, boates, confeitarias e até a ópera, tinham a chance de desconectarem-se temporariamente das agruras do conflito.

Uma das coisas notáveis na FEB, principalmente no pós-guerra, era a comunicação, era a variedade de idiomas que se afinavam no italiano, num italiano estropiado, mas que todo mundo entendia.

Tanto é que nessa Salerno ocupada por tropas inglesas, onde havia inclusive uma ordem severa de não beber depois das dez horas da noite, nós fomos – éramos quatro brasileiros – para uma espécie de boate, superlotada, sargentos, ingleses, cabos etc.

De repente, não se sabe como, um dos quatro sargentos que estavam numa mesa ofereceu uma garrafa de bebida, nós devolvemos a cortesia, foi-se estreitando assim uma camaradagem e daqui a pouco eu, que não bebia, com duas doses já estava naquela base, cantando Lili Marlene [...] Era uma música alemã [...] Como dizia, estávamos nós com os ingleses cantando Lili Marlene, meio italiano, eles meio inglês, a gente meio português... aquela

---

<sup>1038</sup> Relato de JÚLIO DO VALE, que na F.E.B. atuou como Padioleiro do 1º Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

confraternização. E isso ocorria em restaurantes, ocorria onde quer que nós fôssemos, essa integração da tropa brasileira com os Aliados.<sup>1039</sup> (Motta, 2001b, pp. 255-256)

Na primeira folga – estávamos perto de Pisa, que foi totalmente destruída – fomos a Fuceccio; o lugar estava em festa porque os alemães, [...] tinham fugido: éramos os salvadores.

Sempre havia bailes na cidade e todos dançavam e flertavam. E, sem dúvida, o cigarro e o chocolate eram bem recebidos para facilitar a obtenção de determinadas facilidades. Frequentemente eram usados como “moeda de troca” e comercializados no câmbio negro.<sup>1040</sup> (Motta, 2001b, p. 293)

Quando esparecia em Nápoles, entrei numa doceria e estava lá um soldado canadense, bêbado, que não podia parar em pé; quando viu o distintivo do Brasil começou a festejar; falava em inglês e eu não entendia, apesar de ter estudado um pouco, mas não era bom no idioma. Ele fez o italiano pôr os doces em cima da mesa, para festejar o Brasil, o italiano obedeceu e tive que comer um pedaço, porque era o homenageado. O italiano não recebeu um tostão sequer pelos doces que deu.<sup>1041</sup> (Motta, 2001c, p. 299)

O acampamento de Francolise ficava próximo de Nápoles. Enquanto aguardávamos a ordem do embarque e regresso ao Brasil, muitos soldados tinham oportunidade de aproveitar pequenas folgas; uns iam para Nápoles, outros para Roma. Tive a oportunidade, em Roma, de assistir a peças de teatro, inclusive no de San Carlos, de Nápoles; a troco de maço de cigarros, assisti à Tosca de Puccini. Além disso, fui mais adiante, fiz uma tocha para conhecer meus parentes que moravam na Província de Salerno, em Naurito. Foi uma grande satisfação saber que estavam bem; fomos recebidos com muito carinho, inclusive nós os presentamos com um pouco de

---

<sup>1039</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>1040</sup> Relato de GERALDO FIGUEIRA LISBOA, que na F.E.B. atuou como Soldado do Serviço de Intendência. Entrevista concedida em maio de 2001.

<sup>1041</sup> Relato de VICENTE PEDROSO DA CRUZ, que na F.E.B. atuou como Soldado Fuzileiro da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

café. Foi o suficiente para que reunissem as autoridades, prefeito e delegados e o padre, para que celebrassem o nosso encontro com o cafezinho brasileiro.<sup>1042</sup> (Motta, 2001g, p. 135)

Ainda sobre o lazer nas horas vagas, ressaltam-se os passeios turísticos. Muitos expedicionários brasileiros haviam deixado o Brasil pela primeira vez e não deixaram passar a oportunidade de explorarem a Itália e até mesmo outros países durante e após o cessar fogo. Vários são os relatos destacando passeios em Roma, visitas ao Coliseu, Vaticano, Basílica de São Pedro. A Torre de Pisa também fez parte do roteiro.

Essas narrativas, assim como as estadias em hotéis e o bom tratamento prestado pelos Serviços Especiais, poderiam ampliar os rumores no Brasil sobre terem ido à Itália para fazer turismo em um território que já contava com uma guerra branda e vencida, como visto anteriormente neste trabalho.

O acampamento ficava perto da cidade de Pisa. Quando dava uma folga eu sempre aproveitava e fazia um pouco de turismo. Cheguei a subir na Torre de Pisa. Havia lá, sempre, alguns velhinhos italianos cobrando dos turistas: para subir na torre eram três liras; chegando lá em cima eram mais quatro liras. Eu hoje conto para os meus netos que bati no sino da Torre de Pisa e é bom.<sup>1043</sup> (Motta, 2001b, p. 148)

Depois que terminou a guerra, em maio, ficamos na Itália mais quatro meses até embarcar e as instruções não pararam. Para os pelotões continuaram normais. O pessoal pensava, mas por que insistir? Nesses períodos tivemos a chance de conhecer um pouco a região, porque éramos 17, nosso Comandante, o Tenente Antônio Ladeira, dispensava três ou quatro, no máximo quatro por vez, conseguia um jipe para nós, com autorização, e íamos para o Norte da Itália, já que nos

---

<sup>1042</sup> Relato do Doutor DIAZ SEBASTIÃO CAMMAROSANO, que na F.E.B. atuou como Sargento Enfermeiro da 3ª Companhia de Evacuação do I Batalhão de Saúde.

<sup>1043</sup> Relato do Coronel CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

encontrávamos no centro da região da Toscana. Assim, terminada a guerra, conheci quase todo o país.<sup>1044</sup> (Motta, 2001c, p. 117)

Bem, acabou a guerra, fiquei no Pelotão de Transportes, no Norte da Itália, até meados de julho, quando veio ordem para o Pelotão seguir com o Regimento. O pessoal dos pelotões de Transportes e de Manutenção deslocou-se de caminhões. Descemos a serra, seguimos o litoral tirreno até as proximidades de Roma.

Quando chegamos a Roma, paramos e consegui dar um passeio pela cidade, porque o Major Comandante do Batalhão acertara com o Comandante da CCS: quem estivesse à toa poderia passear. Entrei no jipe, o Major atrás, visitamos o Coliseu, o Vaticano e tudo o mais, passamos outro dia em Roma e depois seguimos até perto de Nápoles. Acampamos em Francolise. [...] <sup>1045</sup> (Motta, 2001c, p. 107)

Com a rendição da 148ª Divisão Alemã, a guerra, para nós, terminou. A partir de 29 de abril, todo mundo comemorou. Estávamos no Norte da Itália. De lá, fomos para o Sul, para Francolise, onde aguardamos o transporte para o Brasil. Aproveitei para ir a Roma. Visitei o Vaticano, o Coliseu, a Basílica de São Pedro, as catacumbas, várias fontes e outros atrativos. A equipe que estava comigo teve uma audiência com o Papa Pio XII, que se encontrava bem idoso.<sup>1046</sup> (Motta, 2001f, p. 248)

Alguns elementos que foram feridos e que precisaram ser evacuados para os Estados Unidos, também aproveitaram para conhecer o país após se recuperarem. Além dos Estados Unidos, a F.E.B. também teve a oportunidade de visitar Portugal. Com o fim da guerra, o III Batalhão do Depósito de Pessoal representou o Exército do Brasil em um desfile militar em Lisboa. Esse desfile contou com cerca

---

<sup>1044</sup> Relato de ANTONIO GONZALES, que na F.E.B. atuou como Soldado Armeiro da Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>1045</sup> Relato do Capitão ENÉAS DE SÁ ARAÚJO, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 5ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>1046</sup> Relato do Major NAPOLEÃO FREITAS DE OLIVEIRA, que na F.E.B. atuou como 2º Sargento na Companhia de Petrechos Pesados e na 3ª Companhia de Fuzileiros do I/1º RI. Entrevista concedida em abril de 2001.

de 12 mil homens do Exército Português. Na ocasião, o então Presidente da República, General Oscar Carmona, condecorou a Força Expedicionária Brasileira com a medalha de ouro do “Valor Militar”. (Moraes, 1960)

Escalamos em Casablanca (Marrocos) para pernoitar, depois nos Açores, onde almoçamos e de lá fomos para um hospital de recepção de feridos em Long Island, já nos Estados Unidos.

Em Long Island estivemos juntos, três oficiais, eu, o Wilker e o Eri, um sargento que estava sem um braço, além de dois soldados, um dos quais era da minha Companhia, o Ricardo.

De lá, ainda de avião, fomos para um hospital no estado de Utah, além das Montanhas Rochosas. Nesse hospital ficaram, em épocas diversas, 52 brasileiros com casos de amputação de perna, de braço ou casos de ferimento no crânio.

Foi de lá que pude fazer um passeio a Hollywood onde fui fotografado junto com a artista Ingrid Bergman; saí perto dela porque os fotógrafos tiravam sempre mais de uma fotografia e mudavam a disposição dos elementos. E essa foi a que conservei, pois estou perto dela. [...] <sup>1047</sup>  
(Motta, 2001c, p. 84)

Passamos um dia emocionante em Lisboa e no outro seguimos para o Rio. Pela manhã houve um desfile, talvez de dois mil homens, os civis se aproximavam simpaticamente da gente.

Dando umas voltas pela cidade pudemos sentir o imenso carinho do povo português; à noite, houve uma festa e no dia seguinte, pela manhã, tomamos o navio de volta ao Brasil. <sup>1048</sup>  
(Motta, 2001b, p. 295)

---

<sup>1047</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

<sup>1048</sup> Relato de GERALDO FIGUEIRA LISBOA, que na F.E.B. atuou como Soldado do Serviço de Intendência. Entrevista concedida em maio de 2001.

O contato com tanto conhecimento e o enriquecimento intelectual que experimentaram ao explorarem territórios desconhecidos, visitarem monumentos, frequentarem peças de teatro e museus despertam em alguns combatentes certo entusiasmo e a percepção da importância do campo cultural.

Já em Francolise, havia uma diversão que era a praia de Mandragone, cuja areia não era como a de Copacabana e nem de Ipanema, assemelhava-se a da praia de Santos. Eu, praticamente, não usufruí dessa diversão, porque, como disse, estava em Nápoles, preparando o embarque do material do Grupo, em navio específico.

Nessa fase, em Francolise, ainda para preencher o tempo, o pessoal realizou várias visitas muito proveitosas, sob o aspecto cultural. A turma visitou as cidades de Herculano, Pompéia e Capri, inclusive a Gruta Azul, ampliando, com isso os seus conhecimentos.

Todo mundo adquiriu mais cultura até porque a Europa mesmo destruída é uma lição e tem cicerones espantosos. Existe até curso superior para ser guia de turismo, o que confere à profissão a necessária seriedade. Eles davam verdadeiras lições sobre Júlio César, enfim, sobre a história do Império Romano.<sup>1049</sup> (Motta, 2001e, p. 184)

Eu chorei quando olhei a Pietá. Eu nunca vi uma mulher tão jovem, tão calma, tão cândida, com seu filho morto no colo. Parecia real e não uma escultura. Essa emoção também tive quando me foi possível ver o Moisés, de Michelangelo, e compreendi, quando passei na Igreja de São Paulo e vimos o Moisés, por que ele bateu com o martelo no joelho da escultura e disse: *“Parla Moisés, per que não parla?”*. É perfeito! É emocionante! [...]

Mas eu vi toda a Roma, a velha Roma com sua história. Fui guiado por um padre daqueles que estavam lá, que era justamente um especialista que estava fazendo um curso havia muitos anos. Eu tive essa sorte. Então adorei ter encontrado aqueles homens. Um deles

---

<sup>1049</sup> Relato do Coronel JOSÉ TANCREDO RAMOS JUBÉ, que na F.E.B. atuou como Auxiliar do Comandante da Linha de Fogo da 3ª Bateria do III Grupo de Obuses 105mm. Entrevista concedida em outubro de 2000.

me disse: “O Senhor veja o que é interessante. Nós não vamos ter tempo para ver tudo. Vamos às coisas históricas. Ele tinha razão.”<sup>1050</sup> (Motta, 2001d, p. 175)

Além das atividades proporcionadas pelo Serviço Especial e as tochas, os combatentes criavam suas próprias distrações quando não podiam contar com estas comodidades. O convívio entre os expedicionários incluía as rodas de música, bailes, futebol e até comemorações de aniversário.

Quando não havia tiro, nosso pessoal “dava sopa”; até jogava futebol, fazia uma “peladinha”<sup>1051</sup> rápida, aconteceu mais de uma vez, apesar de todo o problema da frente de combate.<sup>1052</sup> (Motta, 2001d, p. 52)

[...] Na Bateria, todos eram bons companheiros e amigos. Mas devo destacar o Comandante da Bateria, o Capitão Valmiki Erichsen. Atento com seu pessoal... Bom companheiro... Bom amigo... Não sei mais o que dizer...

Vou contar um fato que me deixou muito comovido. Em 29 de janeiro de 1945, quando eu estava lá em Volpara, num posto de observação, na frente, ele mandou uma viatura me buscar. Surpreso, pensei que iria ser substituído ou mandado para outra missão. Nada disso. Ele mandara me buscar para comemorar meu aniversário, com bolo e tudo mais... depois, voltei ao meu posto, à minha missão.<sup>1053</sup> (Motta, 2001e, pp. 145-146)

Numa ocasião, quando nos encontrávamos no Norte da Itália, o Capitão Paulo determinou que se fizesse um baile só para soldados e cabos. Acima de cabo não podia entrar. Incumbiu-me de

---

<sup>1050</sup> Relato do Coronel WALDEMAR DANTAS BORGES, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em julho de 2000.

<sup>1051</sup> “Pelada” ou “Peladinha” são expressões utilizadas popularmente no Brasil para designar uma partida de jogo de futebol informal.

<sup>1052</sup> Relato do General-de-Exército HEITOR FURTADO ARNIZAUT DE MATTOS, que na F.E.B. atuou como Comandante da 7ª Companhia de Fuzileiros e Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do III/1º RI. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>1053</sup> Relato do Coronel MANOEL VALENÇA MONTEIRO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em agosto de 2000.

ficar tomando conta e não deixar penetrar ninguém, além de soldados e cabos. O pessoal dançava e tomava refrigerante, porque não era permitido vinho, só “tapeando” passava alguma coisa [...] <sup>1054</sup> (Motta, 2001c, pp. 153-154)

O inverno foi muito rigoroso na Itália. Ninguém estava acostumado com a neve, fazia muito frio e não se conseguia ficar parado.

Às vezes, à noite, pegávamos algumas castanhas, fazíamos uma pequena fogueira com o resto de pólvora das cargas que sobravam do estojo do cartucho; acendíamos com cuidado para não denunciarmos a nossa posição. A lanterna clareava só para baixo. Tomávamos vinho de vez em quando, porque o soldado sempre dá um jeito. Lá a cachaça, por exemplo, tinha o nome de bagaceira ou grapa. Quando aparecia um litro de bagaceira, todo mundo bebia, o Capitão, o Tenente e até os soldados. Na guerra, há os pedaços tristes, mas existem também os alegres. Tínhamos até conjunto musical no nosso Grupo de Artilharia, um com cavaquinho, outro com pandeiro, o violão, um conjunto bom, e se fazia aquela batucada no meio da guerra. <sup>1055</sup> (Motta, 2001c, pp. 242-243)

[...] Neste ponto a gente já sentia aproximar-se o fim da guerra e a ânsia em retornar ao Brasil fazia com que as saudades apertassem ainda mais. Os lenitivos para esses sentimentos eram vários e diversificados: a correspondência de nossos familiares e amigos; as notícias vindas do Brasil; a música brasileira, sempre presente nas nossas batucadas de retaguarda, e outros. No meu pelotão havia um soldado, o “gaúcho sanfoneiro”, como era conhecido que, com outros cantores improvisados, oferecia-nos belas canções do repertório brasileiro e outras arranjadas no *front*. O mais difícil, porém, foi amenizar as saudades dos manjares do meu Nordeste. [...] <sup>1056</sup> (Motta, 2001b, p. 66)

---

<sup>1054</sup> Relato do Doutor JOÃO FERREIRA ALBUQUERQUE, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Transmissão da Bateria Comando do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em março de 2000.

<sup>1055</sup> Relato de NICOLA CORTÉS NETO, que na F.E.B. atuou como Soldado Muniador da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>1056</sup> Relato do Tenente-Coronel ANTÔNIO DE ANDRADE POTI, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

No fim dessa prolongada defensiva de dois meses, o estado de ânimo da tropa foi ficando cada vez pior, porque era uma guerra que não se decidia, o frio era terrível e os boatos se multiplicavam, boatos de que a guerra ia acabar, e que iríamos voltar para o Brasil. Eu até organizei um concurso para ver quem acertaria qual o mês que a FEB iria voltar, sendo que eu só apostava no 12 de dezembro do ano seguinte.<sup>1057</sup> (Motta, 2001c, p. 60)

Curiosamente um elemento do 84º Batalhão de Morteiros Químicos do Exército dos Estados Unidos, destaca em seu diário as atividades dos brasileiros e provavelmente a “dança maluca” a que se refere, trata-se de uma roda de capoeira. Posteriormente, elogia a atuação dos colegas latinos, o que poderia evidenciar o profissionalismo deste grupo de expedicionários que atuaram com determinação apesar dos dias anteriores de divertimento.

[...] os brasileiros andaram bebendo, e cerca de nove homens em um grupo estão tocando um ritmo com colheres e tampas de marmitta, cantando uma espécie de melodia, enquanto um outro grupo menos bêbado gira em uma dança rápida ao seu redor, uma dança acompanhada de bastante palmas e gritos. Uma dança maluca cujo propósito é ver qual dos dançarinos é o mais habilidoso em chutar a cabeça ou as costas de seu parceiro.

[...] uma sequência de contra-ataques foi desencadeada, mas os determinados brasileiros entraram em choque corpo a corpo com os alemães que resistiam nesse vilarejo que bloqueava o avanço.<sup>1058</sup> (Avery, 1945, como citado em Maximiano, 2010, pp. 75-76)

Para os elementos que passaram grande parte da guerra nos *fox holes* e no *front* a gerenciar a angústia da espera, o tédio e a tensão de um possível ataque, as válvulas de escape poderiam ser outras.

---

<sup>1057</sup> Relato do General-de-Brigada MOZIUL MOREIRA LIMA, que na F.E.B. atuou como Chefe da 1ª Seção do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

<sup>1058</sup> I Remember Anzio, memórias de George (Aravich) Avery, Companhia A, 84º Batalhão de Morteiros Químicos. Disponível em <http://www.4point2.org/hist-84.htm>.

As distrações para quem estava na linha de frente não eram tão elaboradas quanto as atividades do Serviço Especial.

Para manterem o psicológico em boas condições nas trincheiras, aproveitavam os momentos mais calmos para dedicarem-se a escrita e a leitura. Entretinham-se como podiam, escrevendo cartas aos familiares e amigos, preenchendo seus diários ou lendo os jornaizinhos de campanha.

Na guerra, quando você não está combatendo, não está se preparando para um deslocamento ou combate, você não está fazendo nada. Você só está esperando. E a espera é sempre estressante. Então a gente tem que aproveitar esses momentos pitorescos, esses momentos para tomar nota, para escrever. É por isso que eu escrevia. Meu passatempo na guerra era escrever. Quando parava, eu pegava o caderno bastante judiado, pegava a caneta, escrevia e depois guardava de novo. No outro dia, eu me lembrava de alguma coisa, acrescentava. Então, eu consegui fazer aquele diário e dei um exemplar dele a cada filho. Cada filho tem uma cópia. E fico muito grato por entregar outro exemplar ao Projeto do Exército sobre a FEB. Pensei que já não iria servir mais para nada.<sup>1059</sup> (Motta, 2001e, p. 272)

Por falar em Diário de Campanha, alguns trechos foram escritos em determinadas ocasiões especiais; seja no navio-transporte seja ao desembarcar na Itália, nas marchas, nos deslocamentos, acampamentos e também em plena ação. Ele nos acompanhou durante muito tempo e nós assim o iniciamos:

“O Diário de Campanha é uma coisa íntima e sagrada, um confidente nas alegrias e tristezas, o nosso amigo inseparável e leal a quem confiamos as nossas decepções, amarguras e também as nossas vitórias. Nele surgem, a par de episódios alegres e passagens divertidas, nossas esperanças e ideais, enfim, o sentimento dos instantes que passam e são fixados com

---

<sup>1059</sup> Relato do Major RUY DE OLIVEIRA FONSECA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

toda a franqueza possível, configurando, portanto, documento inestimável [...]”<sup>1060</sup> (Motta, 2001g, p. 35)

Entre as atividades do Serviço Especial, as tochas, as trocas de correspondências, o tempo dedicado aos seus diários e a leitura dos jornais de campanha, alguns dos combatentes encontraram no tabagismo, no consumo de álcool e na prostituição válvulas de escape adicionais.

O tabagismo era facilitado por sua disponibilidade nas rações de combate e contato constante por funcionar também como moeda de troca.

Tinha 21 anos, feitos em novembro. Recebíamos todos os dias nas refeições, tanto no almoço como no jantar, uma carteira de cigarros que servia de moeda para pagar lavagem de roupa, para comprar, enfim, diversas coisas. Assim, fumei meu primeiro cigarro e, olha, continuei depois durante trinta anos. Para me ver livre, não foi fácil.

Tenho a impressão que fumei para afastar o medo. Dizer que ninguém tem medo é mentira, tem-se medo sim. Pode-se não demonstrá-lo, contê-lo, superá-lo e até chegar a ações de heroísmo. Se bem que há muito heroísmo que é reação ao medo.<sup>1061</sup> (Motta, 2001a, pp. 270-271)

Já o consumo de álcool, deu-se de forma reduzida na linha de frente. Era conveniente manter-se sóbrio e atento em situações de combate e vigilância para que o desempenho eficiente fosse mantido. Para além, poderiam ser severamente punidos por seus superiores caso fossem apanhados embriagados e a censura também acontecia por parte dos colegas. Na retaguarda, no entanto, o consumo era grande. (Maximiano, 2010)

---

<sup>1060</sup> Relato do General-de-Brigada THORIO BENEDRO DE SOUZA LIMA, que na F.E.B. atuou como Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 1978.

<sup>1061</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

Quanto à prostituição, nota-se certa discrição entre os veteranos ao abordarem o assunto. Naturalmente, parece existir certo cuidado em não sensibilizar ou constranger mulheres e familiares que permaneceram no Brasil em seus relatos. Todavia não é possível ignorar essa face da experiência de guerra no território italiano. De fato, existiram contatos sexuais com mulheres italianas, prostitutas ou não.

Os passeios distantes do *front* poderiam incluir visitas aos estabelecimentos de prostituição, geralmente localizados em grandes cidades, como Roma, Florença, Pistóia e Nápoles. Na retaguarda, também existiam regiões em que a prática era facilitada, como Porretta Terme. Já na linha de frente o contato com mulheres era raro, no máximo, tinham acesso às mulheres das montanhas ou do campo que, sofrendo com as mazelas da guerra, ofereciam favores sexuais em troca de comida e víveres. (Maximiano, 2010)

É importante salientar, que para a curadoria dos relatos, define-se que esse aspecto da guerra não será abordado na exposição itinerante, considerando que pretende-se não elevar em demasia a classificação etária do evento.

O Serviço Religioso procurava orientar os combatentes para que evitassem o envolvimento com a prostituição e a companhia de mulheres que em desespero, vendiam seus corpos. Para isso, dedicavam-se a celebrar missas que também ocupavam os expedicionários em momentos de folga. Essas missas foram de vital importância para a manutenção do moral dos homens, pois tencionavam reforçar as convicções, o senso de responsabilidade e o espírito de sacrifício. (Moraes, 1960)

Quando houve o deslocamento da tropa para um lugar chamado Francolise, uma região poeirenta, quente, de paisagem monótona, desconfortável e que não oferecia qualquer lazer à tropa, ocorreu uma coisa importante. O Regimento mandou rezar uma missa para os mortos, que foi muito tocante e bonito. O padre que a celebrou estava na frente de um túmulo com a cruz branca; na hora da hóstia nós todos nos ajoelhamos, apoiados no fuzil, e foram disparadas 21 salvas.<sup>1062</sup> (Motta, 2001f, p. 196)

---

<sup>1062</sup> Relato do Advogado JOAQUIM MANOEL XAVIER DA SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em abril de 2001.

Tratando, agora, daquelas atividades classificadas de apoio à tropa combatente, registre-se a realização de missas, no próprio Quartel-General e, em todas as Unidades, pelo menos uma vez por semana. Havia padres católicos, protestantes e judeus. Um aspecto interessante é que a igreja era ao ar livre e a mesma para todos, não havendo a menor diferença. [...] <sup>1063</sup> (Motta, 2001d, p. 37)

Outro ponto de destaque foi o Serviço Religioso. Tive oportunidade de observar, durante a viagem de ida, a bordo, que as missas eram frequentadíssimas. Durante a Campanha não pude observar. Era uma correria louca. Na volta, no navio, a frequência já não foi a mesma. Contudo, a organização do Serviço Religioso, na FEB, foi excelente. Flexibilidade para todos os credos: católicos, protestantes e metodistas. Sua organização foi básica, mais tarde, para a criação do nosso Serviço Religioso atual. <sup>1064</sup> (Motta, 2001e, p. 218)

Apesar dos esforços do Serviço Especial e do Serviço Religioso em aliviar a tensão dos combatentes e de todas as oportunidades de distração disponíveis na retaguarda e grandes cidades, por vezes o distanciamento total da realidade que viviam era impraticável. A guerra fazia-se presente ao interromper momentos de lazer e até os eventos religiosos.

Não faltaram “peladas de futebol” na frente do M. Belvedere. Quando aquilo estava muito tranquilo, eles saíam dos abrigos e iam jogar futebol, o que era interrompido por bombardeios de morteiros. Foi uma época aproveitada para melhorar a instrução e o adestramento da tropa, que haviam faltado nos ataques a Monte Castelo. [...] <sup>1065</sup> (Motta, 2001d, p. 28)

---

<sup>1063</sup> Relato do General-de-Exército ALACYR FREDERICO WERNER, que na F.E.B. atuou como Chefe da Subseção de Foto-informação da 2ª Seção do Estado-Maior. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>1064</sup> Relato do Coronel EDUARDO DE ULHÔA CAVALCANTI, que na F.E.B. atuou como Subalerno da Companhia de Obuses do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>1065</sup> Relato do General-de-Exército ALACYR FREDERICO WERNER, que na F.E.B. atuou como Chefe da Subseção de Foto-informação da 2ª Seção do Estado-Maior. Entrevista concedida em junho de 2000.

Naquele momento, éramos comandados pelo Tenente Sérgio Faria Lemos de Fonseca, porque o Capitão tinha baixado. Parecia-nos que estava tudo bem, tanto que eu e ele, por um acaso, saímos juntos para uma festa promovida pelo Serviço Especial, deixando alguém responsável pela Bateria, no caso de chegar alguma ordem. Estávamos lá na festinha, quando chegou um soldado da Bateria com um recado: “Tenente Farias Lemos, o S3 quer falar com o senhor”. Ele se dirigiu a mim e disse: “Salli, vamos sair, o S3 está chamando”. Contrariado, falei: “Mas logo agora que a festa vai começar! Olha a cara das italianas... Essa festa vai ser muito boa!”. Ele respondeu: “Guerra é guerra”.<sup>1066</sup> (Motta, 2001d, p. 283)

Fui hoje passear na cidade de Lucca que fica a uns cinco quilômetros de nossa posição. Jantei em um hotelzinho, o primeiro que encontrei nessas pequenas cidades. Lucca é bombardeada todas as noites pelos canhões alemães de longo alcance e sobrevoada por um avião de reconhecimento. Na véspera, morreram alguns civis durante o bombardeio. Enquanto eu e meus companheiros de passeio jantávamos caíram algumas bombas bem próximas ao hotel.<sup>1067</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, p. 346)

Como o Apoio de Saúde, o Serviço Religioso foi, também, bastante atuante e competente. Algumas vezes, tive a oportunidade, católico como sou, de assistir missa, rezada pelo capelão bem perto da frente de combate, ouvindo o ruído das granadas, com comunhão inclusive, cerimônia muito bonita e que a todos confortava.<sup>1068</sup> (Motta, 2001f, p. 129)

Também o Serviço Religioso foi bem eficiente. Desde os primeiros momentos na travessia, e mesmo em campanha, tivemos missas em várias ocasiões, porque o grupo tinha um capelão. Lembro-me muito bem de uma missa no dia 1º de janeiro de 1945, atrás de uma peça da 3ª

---

<sup>1066</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>1067</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

<sup>1068</sup> Relato do Coronel HERALDO CARLOS LEOPOLDO DE FARIAS PORTOCARRERO, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2001.

bateria. O capelão lá e a peça atirando... perdeu-se um pouco da missa pois, às vezes, não se ouvia direito. Isso não chegou a prejudicar a ação da peça, porque ela seguiu no cumprimento de sua missão.<sup>1069</sup> (Motta, 2001d, p. 279)

Da mesma forma, durante os passeios e visitas a monumentos e pontos turísticos, por mais que se maravilhassem, ao passarem por paisagens destruídas reforçava-se a consciência de que ainda estavam inseridos em um conflito bélico. A guerra ainda estava presente e visitavam uma Itália diferente de outrora.

[...] Permanecemos trinta dias nos arredores de Pisa e, de vez em quando, a gente ia visitar a cidade, que estava arrasada, porque também fora bombardeada. Só salvaram a Torre, a igreja e o batistério, pois parece que havia qualquer tipo de arranjo para não destruírem aqueles prédios, patrimônios históricos da humanidade. Muitas casas com as paredes semidestruídas. Da rua enxergávamos os móveis no seu interior, porque não havia nada de pé, e pouco restou. [...] <sup>1070</sup> (Motta, 2001c, p. 113)

Hoje fui com o Cap Expedito passear em Pisa, pois é dia de descanso, antes de seguirmos, amanhã, para a frente de combate.

*Pisa é uma grande cidade dividida pelo Rio Arno. A parte que fica antes do rio foi completamente destruída, mas a parte que fica depois do Arno ficou quase intacta. As pontes permanentes sobre o rio foram todas destruídas e o atravessamos por uma, de emergência, construída pelos americanos. [grifo nosso]*

Em Pisa visitei a famosa Torre inclinada; é toda de mármore branco e defronte existe uma formidável igreja, também de mármore; depois dela encontra-se o Presbitério, um pavilhão

---

<sup>1069</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>1070</sup> Relato de ANTONIO GONZALES, que na F.E.B. atuou como Soldado Armeiro da Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em junho de 2000.

cilíndrico com o telhado em cone, todo de mármore branco. Entrei somente na Igreja e fiquei maravilhado com a riqueza do seu interior.

Hoje à noite, um plantão do nosso acampamento prendeu um italiano camuflado de sargento do Exército dos Estados Unidos; foi entregue aos americanos.<sup>1071</sup> (Pinto, 1944, como citado em Motta, 2001g, pp. 342-343)

Para encerrar a curadoria dos relatos da exposição, após abordar de maneira ampla diferentes aspectos do conflito, do momento em que foram convocados até a experiência em solo italiano, adicionam-se narrativas em que os veteranos descrevem situações inusitadas que viveram em sua passagem pela guerra. Apesar de toda a dor e provações, o bom humor também esteve presente e por vezes ajudou os expedicionários a passarem por experiências tão traumáticas com galhardia.

Por falar em tiro de Bateria inimiga, vou contar um fato pitoresco: um dia, estava na linha de fogo descarregando munição quando, de repente, fomos alvo da Artilharia alemã. Foi em Savignano, nossa primeira posição e, até então, a linha de fogo estava incólume, atirando e cumprindo suas missões sem ser molestada pelo inimigo. Com a chegada desses tiros, o pessoal, apavorado, correu para os abrigos, inclusive os da cozinha. Nessa ocasião, eu já tinha a experiência de Torre di Nerone e Monte Delloro, portanto estava sabendo o que era tiro de Artilharia.

Havia um cozinheiro de nome Matias, “um negão”, sempre com o seu “chinelão”, tranquilamente, desempenhando suas funções na cozinha. Ele estava andando de chinelos porque o borzeguim que recebera era número 40 e estava esperando pelo 44, que era o número que calçava. No local, exceto a estradinha que havia, tudo atolava. Era um imenso lamaçal. Era tanta lama, que numa oportunidade tivemos que arranjar carro de boi para levar a munição da estradinha até as peças; carro de boi, vejam só! Porque o caminhão não chegaria.

---

<sup>1071</sup> Registro em diário do Soldado AUGUSTO ALFREDO PINTO, que na F.E.B. atuou como Motorista da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

Nesse dia, o Matias pegou o Borzeguim, vestiu, correu pelo lamaçal e se alojou lá no abrigo. Passado aquilo, verificou-se – ele mesmo ficou surpreso – que ele conseguira calçar o borzeguim 40 e correr “direitinho” para o abrigo.

Felizmente, nesse dia, ninguém se feriu. [...] <sup>1072</sup> (Motta, 2001d, pp. 281-282)

Como fato pitoresco: os italianos, naquelas granjas, acumulavam em fossas as fezes humanas para usar nas plantas. A gente nunca ocupava casas porque elas eram objetivo dos tiros de Artilharia. Um dia, estávamos comendo, contando anedotas, quando uma bomba caiu em cima da fossa... e deu um “banho” em todo mundo! <sup>1073</sup> (Motta, 2001b, p. 299)

Depois disso, quando fui julgado apto, chamaram-me e chegou a ordem de voltar para o Brasil. Estava em Denver, no Estado do Colorado, onde tinha sido feita a segunda prótese. Eu já havia comprado um automóvel usado, porque não havia carros novos ainda, e vim dirigindo sozinho desde Denver até Nova York, e cada vez que dava carona para um soldado que estava sendo desmobilizado, quando ele entrava no carro e olhava para minha túnica pendurada no cabide, perguntava:

- O Senhor é um General de duas estrelas?

Isso porque no Exército americano era só General que usava estrelas, então eu explicava que era Tenente do Exército Brasileiro, cujo uniforme tinha estrelas.

Foram mais de três mil quilômetros, sei lá, cinco mil quilômetros de Denver a Nova York. Passei até por Chicago, onde morava um amigo. E cada caronista indagava:

- O Senhor é um General de duas estrelas?

Eu dizia:

---

<sup>1072</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

<sup>1073</sup> Relato do Bacharel JOSÉ SOUTO MAIOR, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

- Não, não sou. Eu sou 1º Tenente do Exército Brasileiro e lá as insígnias são assim ...

Dava todas as explicações necessárias e tudo bem.

Antes de chegar a Nova York, dei carona para mais um, que me fez uma pergunta e a quem dei a mesma resposta.

Chegando a Nova York, não me lembro mais por onde, tinha que passar por um dos túneis do Rio Hudson para chegar a Manhattan, que é uma ilha. Passei e quando saí do outro lado, era um espaço largo, não parecia uma praça, havia várias ruas em diversas direções, e eu fiquei olhando assim feito bobo e acumulavam-se os automóveis atrás do meu, porque eu estava impedindo a passagem.

Chegou então um guarda de trânsito, desses típicos do cinema, com dois metros de altura e, com a voz agressiva, meteu a cabeça dentro do carro e disse:

- Você está atrapalhando o trânsito aqui! O que você está fazendo?

E eu não sabia o que dizer, mas antes que ele acabasse de falar, olhou para a minha farde e perguntou:

- Você é um General de duas estrelas?

Aí eu disse:

- Sim!

E ele já mudou o tom de voz e perguntou:

- Para onde o Senhor quer ir?

Eu disse:

- Eu quero ir para a rua 31, com a 3ª avenida.

Imediatamente ele pegou aquele apito, desviou os outros carros e me ensinou como chegar ao meu destino. Dei ali a famosa “chave de estrelas”. O soldado que estava comigo e

sabia que eu era só Tenente ficou querendo dar risadas, mas não podia, então valeu.<sup>1074</sup> (Motta, 2001c, pp. 85-86)

Sempre fui bom atirador no 11º RI. Meu avô era proprietário de uma oficina mecânica; limpava armas e eu atirava com elas. Foi assim que eu aprendi. Chegamos a uma cidade, onde havia uma casa de campo. Lá se encontrava o cadáver de um italiano degolado e pendurado no paiol. Resolvemos enterrá-lo. Eu e tenente tínhamos antipatia recíproca e até cordial. Pois ele mandou ajudar a sepultar o homem. Jamais recusei qualquer missão, graças a Deus. A minha folha de serviço estava “batuta”, mas na hora de tirar o homem lá de cima, com um tanto de língua para fora da boca, e cheirando mal, refuguei; o colega, responsável pelo sepultamento, apelou: “Diga ao Sawaya, que é bom de tiro, para arrebentar a corda”. Então, atirei com minha carabina, o corpo caiu e saíram de dentro do corpo, pela boca, quatro baratas grandes. Aí corri de medo. Para todos os efeitos, para meus colegas eu estava correndo do defunto e não das baratas, porque se soubesse que era delas, cairiam de gozação em cima de mim.

“Não sou homem perto de uma barata. Mas outro dia vi uma que se aproximava de minha neta. Como estávamos sós, eu a matei. Para mim fui um herói. Liquidei o inseto. Lembrei-me do episódio que narrei antes.<sup>1075</sup> (Motta, 2001c, p. 220)

Chegamos a um local em que havia uma estátua de um lavrador com uma enxada na mão. O alemão tirou a enxada e colocou um fuzil, um capacete e um capote. A estátua ficou representando uma sentinela. A gente foi avançando e como ali não era para ter mais inimigo algum, atirávamos e o alemão nem aí. Resolvemos usar a Artilharia para derrubá-lo. Chegando lá, descobrimos que era uma estátua.<sup>1076</sup> (Motta, 2001c, p. 128)

---

<sup>1074</sup> Relato do Tenente-Coronel TÚLIO CAMPELLO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2001.

<sup>1075</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>1076</sup> Relato do Doutor EPAPHAROL SILVEIRA, que na F.E.B. atuou como Chefe da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

Nessa ocasião, passei por uma situação de surpresa e constrangimento que passo a relatar. Na primeira vez em que fui ao banheiro, entrei, procurei o vaso e não encontrei. Olhei, tinha uma calha de uns trinta centímetros de largura e vinte de profundidade. Era assim, estreitinha, e com uma água correndo. Na borda da calha, uma madeirinha de uns dez centímetros... concluí que era ali mesmo. Ai procurei me sentar. Sentar não, “semi-sentar”, porque não dava para fazê-lo em dez centímetros. Ajeitei-me num canto... e estou lá. Em seguida entra um pracinha, soldado, olhou... e sentou no outro canto. Ele sentou lá e eu sentei aqui. Restava um espaço pequeno no meio, entre os dois. Pensei: “Espero que não venha mais ninguém”. Mas, para decepção nossa, entrou foi um marujo da guarnição, um americano gordão, grandão e, descansadamente, arriou as suas calças e sentou ali, no meio, entre nós. Nesse momento eu pensei comigo: “Meu Deus do céu! Que brincadeira é essa? Vim pra guerra para roçar coxa com coxa com um marujo americano...” Então, assim é que era a luta nesse *LCI*.<sup>1077</sup> (Motta, 2001d, pp. 271-272)

[...] Quando atingimos essas posições já passava da meia noite. Chegamos, cercamos essa casa, verificamos por dentro, encontramos uns gorros alemães, mas de alemão não havia nada.

Aí todo mundo foi se comunicando, houve sinal para retrain, era uma estradinha carroçável coberta de grama, de arbustos. Fomos regressando, comunicação pelo rádio “Não foi encontrado inimigo na posição tal” e, como é natural, ninguém pode evitar isso, no momento em que houve a verificação e não existia inimigo lá dentro, veio aquele suspiro, um relaxe. Quando tínhamos nos afastado uns 150 metros, as metralhadoras alemães, que estavam situadas num monturo a uma distância bem grande da casa – eles tinham postos posições de metralhadora “Lurdinha” do lado de fora e nós examinamos tão – somente a casa –, despejaram bala e foram em cima do nosso pelotão, em cheio.

Eles erraram os tiros de morteiros porque era uma distância maior, mas a metralhadora, eu acredito, passou entre as minhas pernas balas traçantes a três por dois; eu corri de um lado da estrada em que não havia valeta para o outro que escoava as águas da estradinha. Atravessei

---

<sup>1077</sup> Relato do Coronel SALLI SZAJNFERBER, que na F.E.B. atuou como Comandante da Seção de Manutenção, Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em junho de 2000.

a estrada com as balas “comendo” nas minhas pernas, mas atravesssei mesmo assim. Junto a mim, um soldado do meu Pelotão, o Joaquim, aqui do Nordeste: eu me joguei na valeta e ele junto. Esse soldado, a partir daí, começou a fazer uma chamada de santos, ele não pedia socorro “me ajude, me ajude...”, ele só dizia assim: “São Severino, São João, São Joaquim, São Pedro”, começou a desfiar um rosário de nomes de santos que até hoje eu não cheguei a saber se são realmente santos.<sup>1078</sup> (Motta, 2001b, pp. 247-248)

A inocência, a inexperiência e a distração de certos elementos também renderam algumas histórias singulares.

Recebemos uma profusão de material e outros bens que jamais havíamos visto: limão em pó, ovo em pó, muita coisa. Logo que recebemos o armamento, um soldado me disse: “Olha aqui, Sawaya, olha que óleo esquisito nos deram para limpar o fuzil.” Eu falei: “Quem te deu isso?” “Aquele Sargento.” Estava escrito *tomato juice*, era suco de tomate. Estávamos limpando o fuzil com suco de tomate. Quem falava inglês era de extrema utilidade. [...] <sup>1079</sup> (Motta, 2001c, p. 216)

Depois da tomada de Monte Castelo e de Montese, a nossa tropa partiu, rapidamente, para o Norte da Itália a fim de fazer uma conversão à esquerda e interceptar uma tropa inimiga que estava marchando na direção sul-norte. Naquela época falava-se muito no Vale do Pó, a ideia que se tinha era que, se chegássemos ao Vale do Pó, a guerra terminaria e voltaríamos para casa. Naquele momento em que se marchou para a frente, os caminhões transitando por aquelas estradas de terra, levantavam muita poeira e um pracinha nosso falou: “Puxa, se aqui já tem toda essa poeira, imagina quando chegar ao Vale do Pó?” <sup>1080</sup> (Motta, 2001c, p. 41)

---

<sup>1078</sup> Relato do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>1079</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>1080</sup> Relato do General-de-Brigada RUBENS RESSEL, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em abril de 2000.

[...] Andei a pé mais uns cinco quilômetros, uma volta imensa. Uns dois quilômetros de onde estava existia um campo. Quando fui atravessar não vi uma placa escrita em alemão, *Achtung Minen*, atenção minas. Da minha posição não conseguia ver as tabuletas, deitadas no solo. Os ingleses começaram a gritar: “Para, para” (*stop, stop*). E eu não compreendia bem, não ouvia o que falavam. Aí ele escreveu mina (*mine*). Eu já tinha caminhado uns 180 metros; para sair tive de executar “O balé do cisne agonizante”. [...] <sup>1081</sup> (Motta, 2001c, p. 217)

Finalmente, encontrei uma árvore mais alta e resolvi estabelecer um observatório ali. Comecei a subir e, quando já estava mais ou menos no meio, notei que alguns soldados de infantaria subiam também pelos galhos das árvores, não sei por que razão. Quando cheguei a um ponto de onde poderia ter vista sobre o inimigo, recebi uma rajada de metralhadora na meia altura da árvore. Ora, diante disto, nada mais pude fazer senão me largar de lá como um fruto maduro, caindo em cima de um soldado, mas, felizmente, não houve maiores consequências. Com isso, a minha experiência de estabelecer um observatório em cima de árvore acabou de maneira tragicômica. <sup>1082</sup> (Motta, 2001a, p. 256)

Eu, que estava voltando para Zocca, acabei participando desse transporte de prisioneiros para leva-los para Modena, que é completamente diferente do eixo que eu deveria seguir.

E, assim, ficamos dias e noites nessa tarefa, porque a gente ia lá e voltava, ia lá e voltava. A ideia era limpar a estrada, deixando o alemão somente no campo de prisioneiros de Modena, preparado para recebê-los. [...]

Mas aí aconteceu uma coisa interessante: o meu cabo motorista, até hoje lembro-me de seu nome, o cabo Ponteli, estava exausto, não dormia há dias, e já titubeava na estrada, indo de um lado para o outro, e o alemão, atrás, com os olhos grandes, diante da possibilidade iminente de um desastre.

---

<sup>1081</sup> Relato de LAURO SAWAYA, que na F.E.B. atuou como Motorista do QG/1ª DIE. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>1082</sup> Relato do Coronel JÚLIO DE PÁDUA GUIMARÃES, que na F.E.B. atuou como Observador Avançado. Entrevista concedida em fevereiro de 2000.

Pois bem, eu, que nunca tinha dirigido uma viatura na minha vida, um automóvel sequer, falei para o Ponteli: “Passa para cá que você vai arranjar um acidente já, já”; e assumi a direção do *Dodge 3/4*; dirigi pela primeira vez na minha vida. Os alemães, naturalmente, não sabiam que era a primeira vez que eu estava dirigindo e ficaram mais tranquilos. Foi essa minha escola de motorista. [...] <sup>1083</sup> (Motta, 2001a, p. 274)

Houve uma história interessante sobre um prisioneiro alemão. Próximo à Casa de Guanella e Pietra Colora uma companhia nossa fez uns prisioneiros alemães que foram dados à guarda de um soldado brasileiro, para que não fugissem, naturalmente, esperando a sua evacuação para retaguarda. Foi quando caíram umas duas ou três granadas em Casa de Guanella. Um prisioneiro alemão saiu correndo morro abaixo e um soldado brasileiro [...] atrás dele correndo e gritando: “Para, para, para” e o alemão apavorado. O brasileiro estava correndo atrás dele com uma faca na mão. Na hora em que o alemão levou um trambolhão, o brasileiro subiu nele e botou-lhe a faca no pescoço. O alemão estava ali apavorado e o soldado dizendo: “Quando eu disser para! Para, uai. Quando eu disser para! Para, uai...” Ai, não sei se foi o tenente, chamou-o e disse: “Esse rapaz não está te entendendo, você está falando português, ele é alemão!” <sup>1084</sup> (Motta, 2001b, pp. 138-139)

Certas narrativas evidenciam o senso de humor e a jovialidade presente entre os membros da tropa. Apesar da maturidade forçadamente exigida pela guerra, nesses episódios pode-se observar que, apesar de tudo, ainda eram apenas jovens rapazes que não haviam perdido o entusiasmo da mocidade.

Outro fato engraçado. O Batalhão tinha um capelão muito bom sujeito, o Padre Jorge Brito, que mais tarde, deixou a batina. Os americanos entregavam o material próprio ao serviço religioso dentro de uma mala portátil. Colocada sobre uma mesa qualquer e aberta, lá estavam os

---

<sup>1083</sup> Relato do Coronel MOACIR VÉRAS, que na F.E.B. atuou como Oficial de Manutenção e Auxiliar da Linha de Fogo da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>1084</sup> Relato do General-de-Exército PAULO CAMPOS PAIVA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarro do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em novembro de 2000.

paramentos do capelão que celebrava a missa para os católicos da unidade. Esse padre tinha um sacristão, que era um cabo da unidade. Não me lembro o primeiro nome, o sobrenome era italiano. Um dia o padre descobriu o seguinte: naquele inverno lá dos Apeninos, havia uma encosta coberta de neve. O sacristão, o cabo sacristão por assim dizer, resolveu usar a mala como prancha e deslizar ladeira abaixo. Uma transgressão, um desrespeito, não sei o quê, mas no fundo a turma achou graça. E ele não foi excomungado por essa peraltice. Talvez até o Padre Brito tenha achado graça, porque tinha um gênio muito bom.<sup>1085</sup> (Motta, 2001a, p. 89)

Mas, também havia roubo de viaturas, inclusive, caminhão *GMC!* Trator de Grupo de Obuses 155mm! Pelos italianos, pelos americanos e, também pelos próprios brasileiros... Não roubava para vender, era para fazer “tocha”; ir ver a fidansata – namorada – em outra cidade. Ia de trator e abandonava lá. Nós estávamos no primeiro contingente que foi à Itália, logo éramos “praça velha” quando chegou o segundo contingente. O Coronel Braga Mury, do Comando do Material Bélico, fez uma reunião inicial com os oficiais de motores e de armamento de todas as unidades recomendando muito cuidado, pois não se tratava de apurar quem foi o ladrão, mas ter em mente que se precisa da viatura ou do armamento e não se tem para o cumprimento da missão. Sobre isso, o indivíduo, angelicamente, comentava: “O placar está 5 x 2!” Significava que determinada Unidade havia roubado cinco viaturas contra duas de outra.

Nessa noite, em San Rossore, que era a quinta do rei, próximo a Pisa, onde estávamos, vimos uma luz que acendia e apagava; fomos ver. Era alguém que queria saber se podia mudar o número de um jipe: “É só tirar o número 210D e botar 210A”.<sup>1086</sup> (Motta, 2001d, p. 110)

Por outro lado, aprisionei um soldado austríaco que tinha um temor de ser comido vivo, porque se dizia que nós éramos antropófagos. Eu queria lhe dar uma barra de chocolate, ele não queria comer. Um sargento de meu Pelotão que era negro, baixo, forte, troncado, de nome Patrocínio

---

<sup>1085</sup> Relato do General-de-Divisão Médico GERALDO AUGUSTO D'ABREU, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Triagem do Batalhão de Saúde. Entrevista concedida em maio de 2000.

<sup>1086</sup> Relato do General-de-Brigada CONFÚCIO DANTON DE PAULA AVELINO, que na F.E.B. atuou como Comandante do Pelotão de Suprimento de Material Bélico da 1ª Companhia de Manutenção. Entrevista concedida em julho de 2000.

– José do Patrocínio Ferreira –, muito brincalhão, pegava no braço dele – o soldado inimigo era bem magro – e falava para mim, no seu italiano misturado com o português: *Tenente, esto homine no esta bono per manjare.*

Ele, assustado, apresentou a caderneta militar – já tinha estado em diversos *fronts*, na África, na Rússia e estava ali, veterano. Mostrou uma foto com a mulher e dois filhos loirinhos, e falava assim: *Non manjarme*, ressaltando a sua condição de pai de família.

Até, com prisioneiros, passados os primeiros instantes, o brasileiro era tranquilo, logo se tornava fraterno, dava cigarro e chocolate. No início, tem que ser mantida uma atitude austera para se obter os informes de que a gente necessita.<sup>1087</sup> (Motta, 2001d, p. 332)

O convívio com o italiano foi o melhor possível. Sou grande fã do italiano; já estive lá umas cinco vezes depois da guerra. Eu os admiro demais. É um povo alegre, brincalhão, gosta de dançar. Em plena guerra, quando a gente estava mais à retaguarda, um cara pega uma sanfona, numa praça, toca e todo mundo vem dançar; é um pessoal muito divertido. Por vezes, como nós outros, faziam algumas molecagens. Coisas pitorescas. Havia um cigarro brasileiro chamado Yolanda, que tinha a figura de uma loura na caixa; mas a gente recebia cigarro americano, Chesterfield, Camel etc; não me lembro exatamente, porque não fumo; os italianos não suportavam o Yolanda, cigarro forte que alcunhavam de *bionda cativa* (loura ruim). Os meninos abriam a carteira americana por trás, retiravam o cigarro americano, enchiam-na de cigarro brasileiro e vendiam para os italianos. Havia uma outra “malandragem local”: chá de qualquer coisa, diziam que era vinho. Mas, de qualquer forma nos dávamos muito bem; ainda hoje tenho uma grande admiração por eles.<sup>1088</sup> (Motta, 2001b, pp. 99-100)

Como episódio pitoresco, ainda, recordo que uma patrulha, nos combates, quando se aproximava de outras Unidades, precisava de uma senha para se identificar. Esse modo de

---

<sup>1087</sup> Relato do Tenente-Coronel ALÍRIO GRANJA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em agosto de 2000.

<sup>1088</sup> Relato do Doutor SILAS DE AGUIAR MUNGUBA, que na F.E.B. atuou como 3º Sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em junho de 2000.

contato era necessário. As patrulhas visitantes usavam o palavrão porque, em caso contrário, na escuridão poderiam receber tiros ou serem atacadas pelos próprios companheiros. Era pitoresco e salvava vidas...

Era palavrão de todo tipo!<sup>1089</sup> (Motta, 2001b, p. 304)

Aí se vê como é o homem, está lutando, vendo o inimigo lá em cima e a munição está acabando; o que vai acontecer? Apanhar de chinelo?

Era isso que estava esperando, não tinha mais nada e não vinha a ordem de retrain, até que, finalmente, ela veio, quando os alemães já tinham mandado a terceira vaga. [...] Apareceram, vindos da parte mais baixa, tomando aquela crista, até que levaram várias rajadas de todo o lado e esmoreceram, completamente desarticulados; a munição deles parece que também terminou, ficaram com medo da gente e começaram a recuar.

Interessante é que, mesmo naquela situação, um soldado teve espírito para fazer uma brincadeira, falando: “Eu quero o número do último ‘filho da ...’ que chegar lá embaixo”. “Quem vai ser o último a chegar lá embaixo?” Estavam achando que o alemão não ia largar a gente. Quando descemos, estávamos dando as costas, para o alcance perfeito do tiro deles, porque achávamos que eles estavam esperando a gente subir, para nos matar por trás, mas não aconteceu isso, já que eles também retraíram.

Foi um milagre, [...] <sup>1090</sup> (Motta, 2001c, p. 187)

As 24 horas do dia na vida de um prisioneiro de guerra são contatadas como um rosário de desesperança, fome, sede, trabalhos forçados, angústia, mesmice... As últimas 48 horas, no entanto, nos trouxeram a excitação da ida e volta em propósito, e umas 5 horas após o nosso regresso à Parma, juntaram-se a nós uma leva de cinco prisioneiros norte-americanos. Da nossa

---

<sup>1089</sup> Relato do Doutor RIGOBERTO DE SOUZA, que na F.E.B. atuou como Comandante de Grupo de Combate do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em setembro de 2000.

<sup>1090</sup> Relato do Bacharel JOSÉ GONÇALVES, que na F.E.B. atuou como Comandante do 1º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida em março de 2000.

parte foi, sem dúvida, uma agradável surpresa, se bem que uma desgraça para eles. Imediatamente trataram de conversar conosco:

*“Any of you guys speak English?”* – disseram quase ao mesmo tempo para indagar se algum de nós falava inglês.

*“How’s life in this fucking whorehouse around here?”* – perguntou um deles, querendo saber como era a vida no puteiro em que estávamos.

*“Sorry, boys! No English. Only portuguese. Some Italian”* – respondi, para dizer que lamentávamos, mas nada de inglês; falamos português, um pouco de italiano.

Foi para nós, e especialmente para mim, um alento, quase um novo sopro de vida, sentir a naturalidade, o estado de espírito arrebatado, a indiferença com que aqueles americanos encaravam a realidade da miserável situação de prisioneiros de guerra dos alemães. Eles certamente tinham plena consciência e certeza do que lhes aguardava pela frente, mas pareciam levar tudo na brincadeira, como se estivessem numa excursão campestre num dia de folga. Riam, divertiam-se infantilmente, imitavam os gestos e modo de falar dos alemães.

Por alguns instantes, sentimos, nós brasileiros, até humilhados e constrangidos com nossa profunda tristeza e desânimo. Com evidente prova de coragem e desafio, nossos novos companheiros de desventuras pareciam querer mostrar aos alemães que eram superiores a eles. Seu comportamento despreocupado e mostra de confiança nos contagiaram e sentimos uma nova disposição. Que viesse pela nossa frente o que viesse. Não estávamos sós e sentimos orgulho de sermos companheiros de prisão de gente daquela estirpe.<sup>1091</sup> (Motta, 2001g, p. 295)

Um cabo veio até a Bateria Comando e pediu-me minha carteira de identidade. Disse-lhe que não a daria, que queria saber para que ele a queria, pois era muito malandro. Ele explicou-me que precisava provar, para cinco pessoas, que eu filho do Ministro do Exterior, estava lá, como soldado. Ele tinha dito a elas, que não acreditaram e achavam que ele estava mentindo. Apostaram, então, cinco caixas de cigarros americanos, que nos eram dados gratuitamente. Ele

---

<sup>1091</sup> Relato de AMYNTAS PIRES DE CARVALHO, que na F.E.B. atuou como Cabo Fuzileiro da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Foi capturado pelos alemães e mantido prisioneiro de guerra.

retornou com as cinco pessoas, que queriam me ver. Isso aconteceu porque meu pai foi o homem que mais lutou pela participação da FEB. [...] <sup>1092</sup> (Motta, 2001f, p. 203)

Em suma, os veteranos brasileiros descreveram sua participação no conflito de maneira positiva e diversos foram os elogios ao excelente desempenho e adaptação dos combatentes. Inclusive, muitas foram as narrativas em que a atuação no conflito foi classificada como benéfica por lhes ter rendido experiência para atingirem com sucesso seus feitos pessoais no pós-guerra.

A guerra em território italiano cessou quando as tropas alemãs renderam-se incondicionalmente aos Exércitos Aliados em 02 de maio de 1945, dias antes do “Dia da Vitória” na Europa, 8 de maio de 1945.

Posteriormente, de 3 de maio de 1945 a 20 de junho do mesmo ano, a Força Expedicionária Brasileira atuou na Itália como tropa de ocupação, enquanto aguardava o seu retorno ao Brasil. Por fim, em Setembro de 1945, partiu da Itália com destino ao Brasil, o navio *James Parker*, transportando os últimos elementos da F.E.B., o Depósito de Pessoal.

Sim, estou só. Eu vi os homens de meu país passarem pela mais estranha das epopeias, e a minha compreensão do que vi continua presa à superfície do acontecido. Estes homens que não queriam ir para a guerra, que não acreditavam no que se dizia das atrocidades do nazismo, que se julgavam vendidos por dólares, lutaram sobre a neve, contra um inimigo feroz e eficiente. Lutaram com obstinação, praticaram com a maior naturalidade atos de heroísmo, sem exaltação, sem qualquer entusiasmo, sem compreender por que e para que o faziam. E agora, ao regressar, dissolveram-se novamente na multidão anônima que eu vejo, por exemplo, na Estação D. Pedro II, descer de manhã às carreiras do trem de subúrbio, indo para o trabalho. (Schnaiderman, 1995, p. 219)

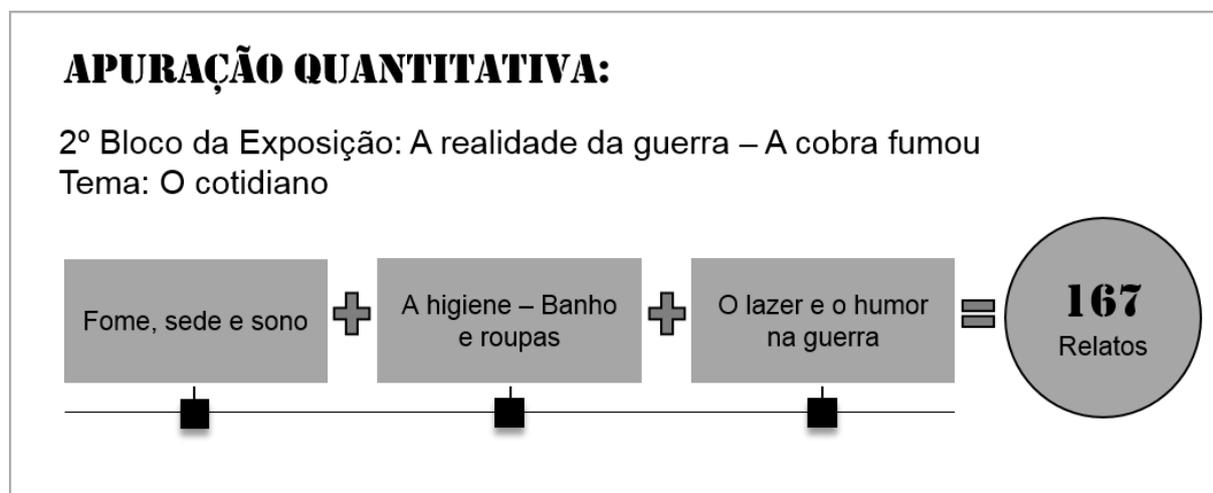
---

<sup>1092</sup> Relato do Economista OSWALDO GUDOLLE ARANHA, que na F.E.B. atuou como Soldado Intérprete e motorista da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Entrevista concedida em maio de 2001.

A seguir, na figura 25, é apresentada a apuração quantitativa dos relatos levantados:

### Figura 25

*Apuração quantitativa da segunda etapa da exposição – A realidade da guerra. Tema: “O cotidiano”.*



*Nota.* Autoria própria.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

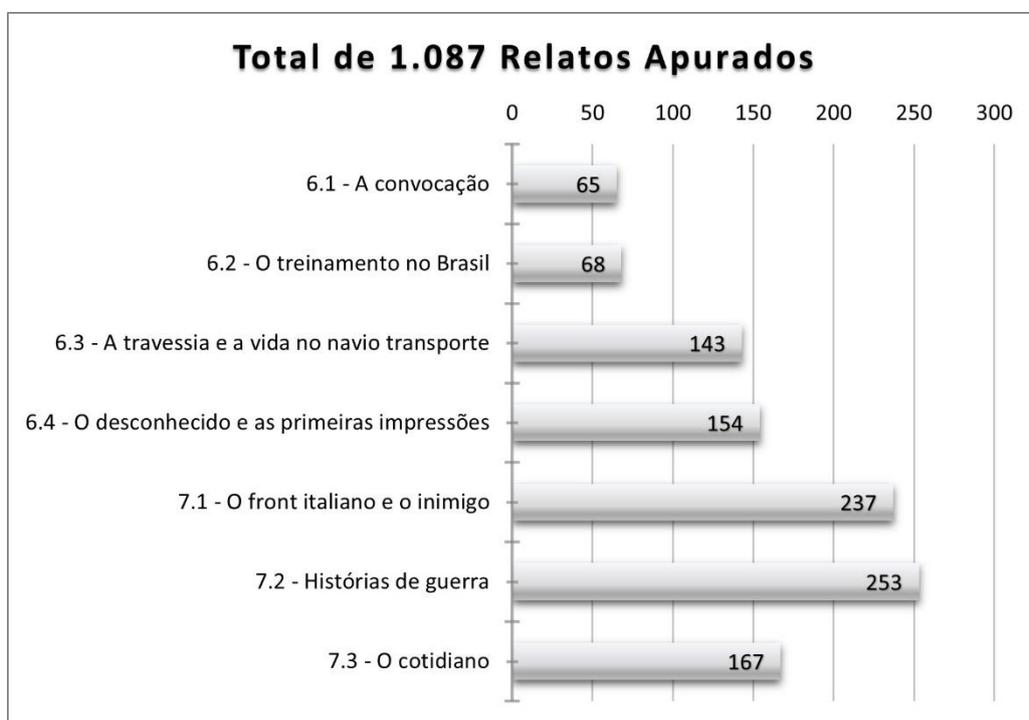
Após análise detalhada do material – livros, filmes, diários, dissertações e artigos científicos – utilizados para desenvolvimento deste trabalho, foi possível organizar um acervo de 1.087 relatos que abordam de maneira ampla a participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial através das experiências individuais de seus veteranos.

Isto é, durante todo o processo de curadoria desses testemunhos o principal denominador comum aplicado para definir a sua eleição foi a tentativa de apresentar ao visitante da mostra o período histórico referido, através das experiências dos soldados brasileiros, em sua expressividade humana, indo além do enfoque militar e das “memórias oficiais”.

A figura 26 indica os quantitativos finais levantados.

**Figura 26**

*Total de Relatos Apurados para a Exposição Itinerante.*



*Nota.* Autoria própria.

As narrativas selecionadas serão utilizadas como escopo principal da exposição itinerante proposta e seu grande número e variedade dentro de cada capítulo, justificam-se pela necessidade de criação de diferentes conteúdos semanais ou mensais, de forma a tornar a exposição cíclica e mais atrativa a um público que utiliza os metrô diariamente, estimulando-os a visitarem a exposição mais de uma vez.

Além disso, como citado anteriormente, o conjunto de narrativas organizado neste trabalho também contribui com o acervo de história das bibliotecas da Universidade do Minho, até então carentes da temática brasileira, especialmente no que tange a Segunda Guerra Mundial. Acredita-se que esse conjunto de narrativas possa ser útil para futuros estudos historiográficos em temas como história oral e história militar.

## **8.1 A EXPOSIÇÃO ITINERANTE**

A ideia de criar a exposição museológica em um metrô, utilizando as estações e os próprios vagões dos trens, partiu da observação de ações de *marketing* elaboradas para estes espaços e que causavam de maneira geral, grande impacto em seus frequentadores.

Um estudo realizado em 2019 pela empresa *JCDecaux Global*, líder mundial em publicidade nos metrô, envolvendo 2,1 mil passageiros em cinco países, evidenciou que 63% dos utilizadores desse tipo de transporte, acreditam que as ações de *marketing* nesses locais lhes dão algo para ver durante seus trajetos enriquecendo a sua jornada e apreciam a exposição de anúncios que os entretenham. Sobre o envolvimento com meios digitais e tradicionais disponíveis, a pesquisa destacou que 72% dos entrevistados interagem com telas, 79% com cartazes e que 80% usariam um *scanner* de código de barras. (M&M Content Lab, & JCDecaux, 2019)

Esses dados sugerem que os frequentadores dos metrô, estão abertos e dispostos a interagir nesse meio, o que poderia favorecer o engajamento também em uma exposição cultural em que seu conteúdo esteja exposto de maneira acessível, nos próprios vagões e nas estações, por exemplo.

Ademais, a complementação da exposição com a tecnologia, utilizando *QRcodes* e outros recursos digitais, pode ser uma mais valia para aumentar o interesse pelo evento. De acordo com uma pesquisa realizada em 2018 pelo Metrô de São Paulo – SP, Brasil, que envolveu 8.040 entrevistados,

96% de seus utilizadores costumam utilizar a internet durante o percurso. (Gerência de Operações do Metrô de São Paulo, 2018)

Para além, o grande número de pessoas a circular diariamente nas estações das grandes cidades brasileiras, também foi um fator determinante para a escolha, visto que o conteúdo seria levado gratuitamente a um vasto público. Só na cidade de São Paulo – SP, Brasil, circulam diariamente em sua rede metroviária cerca de 4 milhões de passageiros e que em média, segundo a pesquisa mencionada acima, passam de 30 a 60 minutos em viagem, ou seja, tempo suficiente para visitarem a exposição itinerante ou despertar seu interesse em visita-la posteriormente. (Companhia do Metropolitano de São Paulo – Metrô, 2019)

É importante salientar, que a exposição adotará caráter misto, isto é, ao mesmo tempo que será uma ação de *marketing* por estimular os utilizadores do metrô a visitarem monumentos e museus pela cidade em que é montada, também será uma mostra independente, por apresentar ao visitante um conteúdo completo sobre a temática e não apenas pequenos recortes que necessariamente precisariam de ligação com o museu para sua compreensão efetiva.

Em ambos os casos, a imersão no conteúdo exposto já cumpre o papel de apresentar o período histórico e a participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial a um número significativo de brasileiros e até, turistas que por ventura estejam usufruindo do transporte público da cidade definida.

Relativamente a estrutura e *design* da exposição itinerante, aqui aborda-se apenas uma breve proposta que será aprofundada futuramente no âmbito do doutoramento. A apresentação de exemplos de intervenções utilizadas pelos publicitários nessa dissertação, somente tem o intuito de evidenciar as possibilidades com que o espaço das estações e trens, interna e externamente, podem ser utilizados como suportes para a exibição de um conteúdo museológico.

Posto isso, pretende-se que a mostra seja organizada de forma que o visitante seja envolvido pela exposição logo ao entrar nas estações. Dos exemplos abaixo (Figuras 27, 28, 29 e 30) destacam-se campanhas de *marketing* realizadas nesses espaços e que poderiam funcionar como parâmetros para a exposição proposta. Nestes casos, os publicitários tiraram partido de paredes, teto, pilares e escadas para envolver os utilizadores na temática.

## Figura 27

*Campanha publicitária sobre o filme “2012 – Nós fomos avisados”.*



*Nota.* Fotografia. Publicidade sobre o filme “2012 – Nós fomos avisados”. Piso e paredes foram utilizados como suporte para a campanha publicitária. De “30 Innovative Subway Ads That Gave Creativity A New Edge”, de Ankita Goyal, 2018. (<https://bit.ly/3C1R5F1>). Copyright 2018 by Ankita Goyal.

## Figura 28

*Campanha publicitária para o “iPod” da empresa Apple.*



*Nota.* Fotografia. Publicidade sobre o iPod, da empresa Apple. Pilares da estação foram utilizados como suporte para a campanha publicitária. De “30 Innovative Subway Ads That Gave Creativity A New Edge”, de Ankita Goyal, 2018. (<https://bit.ly/3C1R5F1>). Copyright 2018 by Ankita Goyal.

## Figura 29

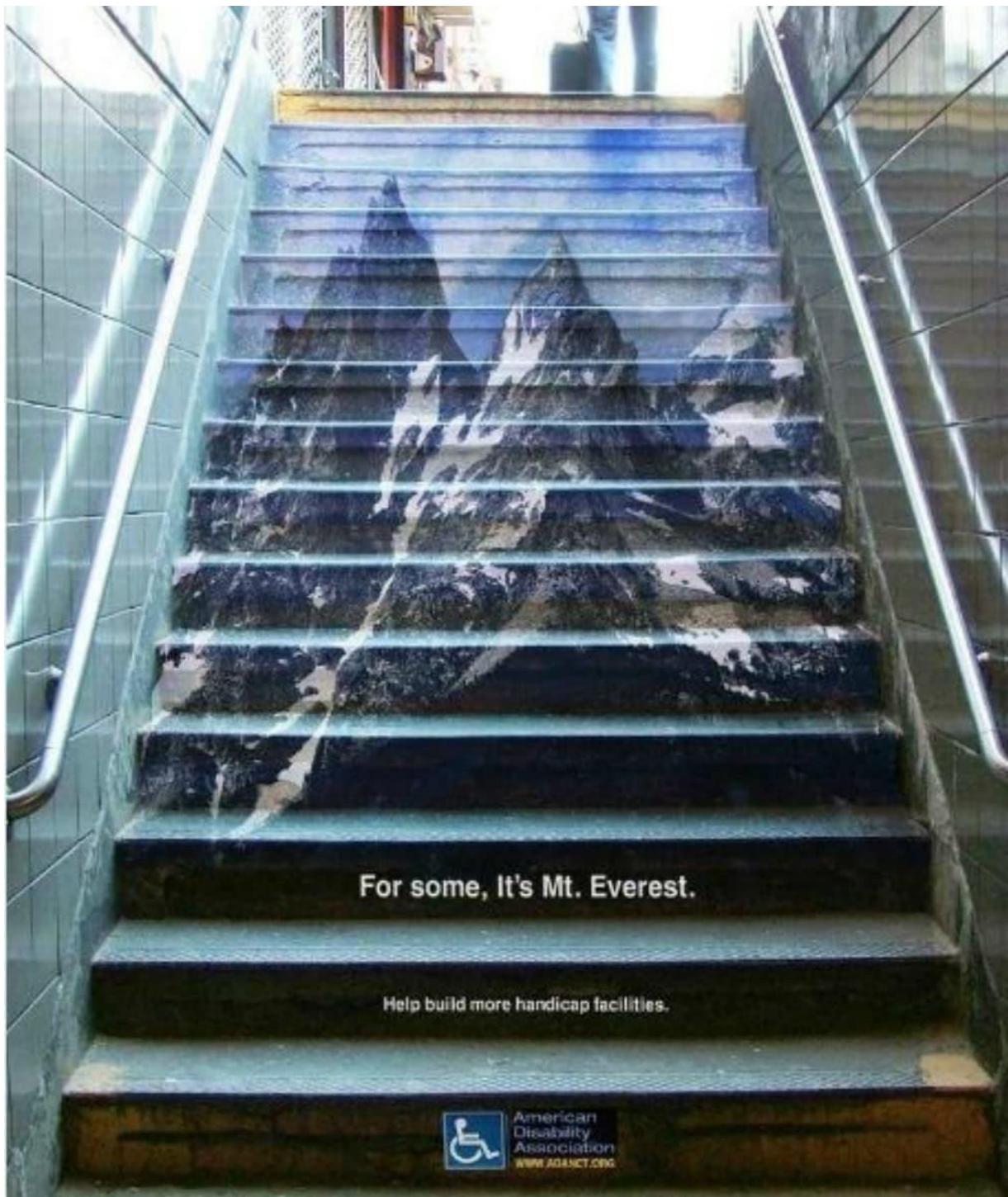
Campanha publicitária para a bebida “Magner Irish Cider”.



Nota. Fotografia. Publicidade sobre a bebida *Magner Irish Cider*. Teto e paredes da estação foram utilizados como suporte para a campanha publicitária. De *“30 Innovative Subway Ads That Gave Creativity A New Edge”*, de Ankita Goyal, 2018. (<https://bit.ly/3C1R5F1>). Copyright 2018 by Ankita Goyal.

### Figura 30

Campanha publicitária para a “American Disability Association”.



*Nota.* Fotografia. Publicidade sobre acessibilidade, da *American Disability Association*. As escadas da estação foram utilizadas como suporte para a campanha publicitária. De “*30 Innovative Subway Ads That Gave Creativity A New Edge*”, de Ankita Goyal, 2018. (<https://bit.ly/3C1R5F1>). Copyright 2018 by Ankita Goyal.

Ainda na área da estação haverá a possibilidade de exibir alguns elementos do conflito em montras de vidro, como armas, uniformes, medalhas, caixas de ração e etc. Em adição, o visitante terá acesso a uma mostra fotográfica sobre a atuação da F.E.B. na Campanha Italiana. Para além, *banners*, mapas, telas e recursos digitais para acesso ao conteúdo *on-line* também poderão estar disponíveis.

A título de exemplo, destacam-se algumas imagens de exposições realizadas em estações de transporte (figuras 31 e 32).

### Figura 31

*Exposição montada no Metrô de Montevideo, Uruguai.*



*Nota.* Fotografia. De “*Exhibition: Underground Images in Uruguay*”, de Poster Poster, 2019.

(<https://bit.ly/3IX2xw4>). Copyright 2015 by Poster Poster.

## Figura 32

Exposição montada no Metrô da França “70 anos de RATP, 70 anos de história”.



Nota. Fotografia. De “RATP - Estamos celebrando nosso 70º aniversário com você!”, de Bruno Marguerite, 2019. (<https://bit.ly/3pkT3Nb>). Copyright 2019 by RATP.

Um exemplo de inovação e interatividade, foi a exposição criada pelo Museu Rijksmuseum, em Roterdã e Amsterdam, em que foi criada uma mostra de pinturas expostas em telas digitais. O visitante poderia interagir com algumas, colocando a própria imagem nos quadros para em seguida, caso achasse conveniente postá-la na rede social *Facebook*. Vide imagens 33 e 34.

### Figura 33

*Exposição digital “Subway Digital Art Gallery”.*



*Nota.* Fotografia. Exposição digital montada em Amsterdã e Roterdã. De “*Subway Digital Art Gallery*”, de Adrian J. Cotterill, 2014. (<https://bit.ly/3C35MaV>). Copyright 2007-2021 by DailyDOOH.

### Figura 34

*Exposição digital “Subway Digital Art Gallery”.*



*Nota.* Fotografia. Exposição digital montada em Amsterdã e Roterdã. De “*Subway Digital Art Gallery*”, de Adrian J. Cotterill, 2014. (<https://bit.ly/3C35MaV>). Copyright 2007-2021 by DailyDOOH.

Quanto aos comboios, poderão ser caracterizados externamente com revestimento adesivo. O piso de acesso a estas unidades, ou seja, as plataformas, também poderão receber intervenções. Abaixo, nas figuras 35, 36 e 37, evidenciam-se exemplos de envelopamento dos trens.

### Figura 35

Campanha publicitária para a bebida “Tropicana”.



Nota. Fotografia. Trem envelopado para a campanha publicitária da marca de bebida Tropicana. De “30 Innovative Subway Ads That Gave Creativity A New Edge”, de Ankita Goyal, 2018. (<https://bit.ly/3C1R5F1>). Copyright 2018 by Ankita Goyal.

### Figura 36

Campanha publicitária para o canal “The History Channel”.



Nota. Fotografia. Trem envelopado para a campanha publicitária do canal *The History Channel*. De “30 Innovative Subway Ads That Gave Creativity A New Edge”, de Ankita Goyal, 2018. (<https://bit.ly/3C1R5F1>). Copyright 2018 by Ankita Goyal.

### Figura 37

Campanha publicitária para a “NY Lottery”.



*Nota.* Fotografia. Trem envelopado para a campanha publicitária da loteria de Nova York. De “30 Innovative Subway Ads That Gave Creativity A New Edge”, de Ankita Goyal, 2018.

(<https://bit.ly/3C1R5F1>). Copyright 2018 by Ankita Goyal.

Em relação a parte interna dos vagões pretende-se utilizar como suporte expositivo piso, teto e paredes, que poderão receber fotografias, relatos dos veteranos e textos explicativos sobre o período, bem como os *QRcodes* para interação *on-line*. Dependendo da metragem da carruagem ocupada, ambiciona-se exibir em suas extremidades, um acervo de itens diminutos, como medalhas, granadas, capacetes e itens do enxoval da F.E.B. expostos em pequenas montras de vidro com iluminação diferenciada.

Como exemplo do que pretende-se aplicar internamente nas carruagens, destacam-se as ações de *marketing* utilizadas nas campanhas abaixo, que em alguns casos, transformou completamente o *layout* e a caracterização padrão do espaço.

### Figura 38

*Proposta de marketing para “St. Martin Tourism”.*



*Nota. Fotografia. Experiência para publicidade de St. Martin. De “Experiential for St. Martin Tourism. This Would Make a Fun Journey to work”, de Mirabello Interiors, (s.d.). ( <https://bit.ly/2Z6muYg> ).*

### Figura 39

*Metrô de Taiwan ganha piso inspirado em esportes olímpicos.*



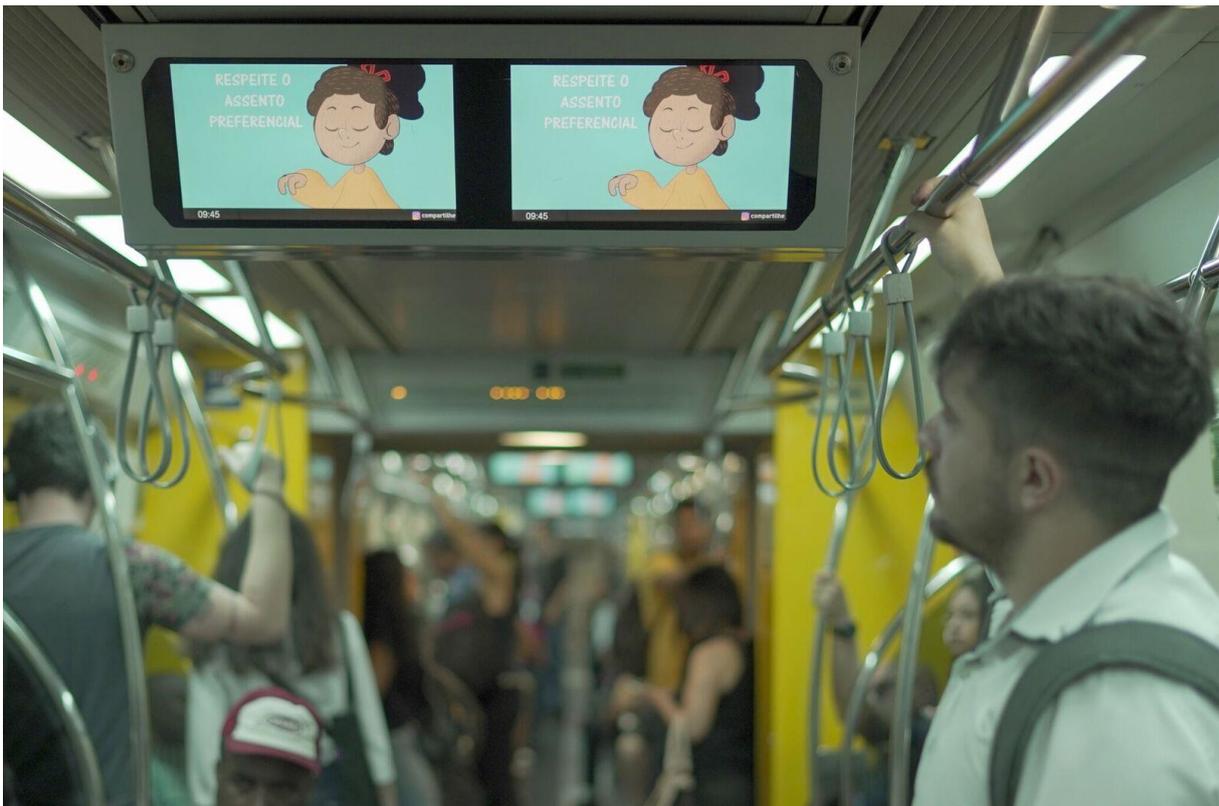
*Nota.* Fotografia. De “Metrô de Taiwan ganha piso inspirado em esportes olímpicos”, de Casa Vogue, 2017. (<https://glo.bo/3DZx1nn>). Copyright 2021 by Edições Globo Condé

Os componentes essenciais da futura exposição itinerante, serão as telas disponíveis dentro dos vagões e em suas portas. Quando possível, também serão utilizadas as paredes internas dos túneis por onde passam os trens, como é o caso de um telão de 300 metros instalado em uma das linhas do metrô de São Paulo, SP, Brasil. Com esses recursos será possível expor os relatos levantados em pequenos

filmes, áudios e apresentações. É através desses artifícios que a mostra se tornará cíclica, com conteúdo diversificado, expondo o escopo deste trabalho semanalmente ou mensalmente, dependendo da duração da exibição.

### Figura 40

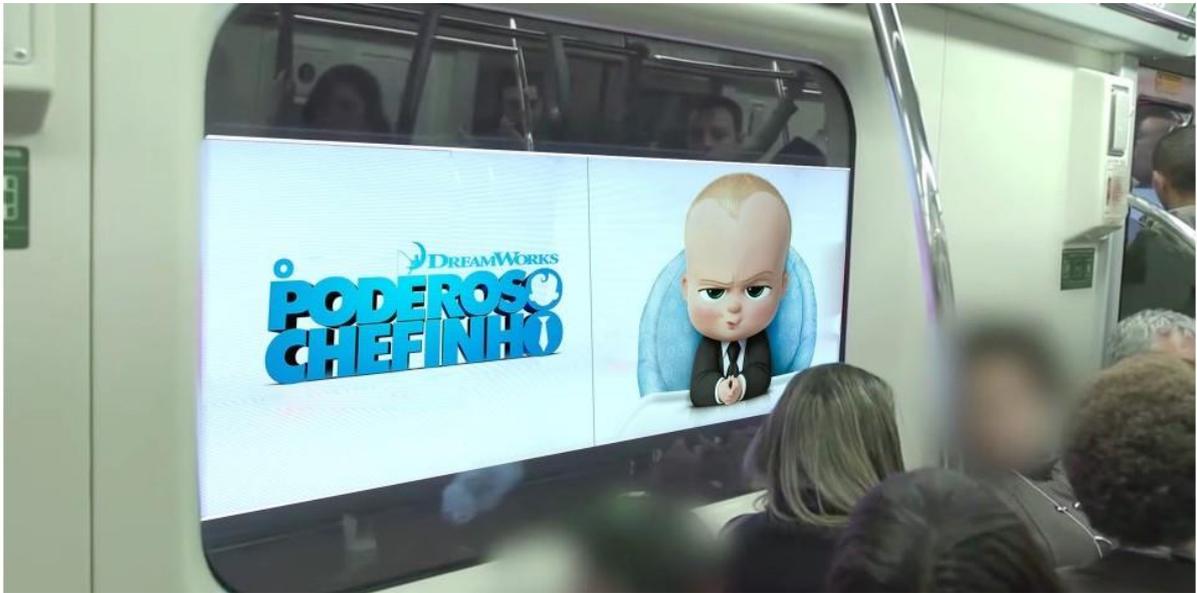
*Conteúdo apresentado nos ecrãs do Metrô em São Paulo e Rio de Janeiro.*



*Nota.* Fotografia. De “Eletromídia exhibe com exclusividade conteúdo sobre linguagem brasileira de sinais em SP e RJ”, de Portal da Propaganda, 2019. (<https://bit.ly/3vt8WIT>). Copyright 2021 by Portal da Propaganda

## Figura 41

*Ecrã de 300m instalado em porta de Metrô.*



*Nota.* Fotografia. De “Metrô de São Paulo ganha telão de LED de 300m de comprimento para veicular animações publicitárias”, de GKPB, 2014. (<https://bit.ly/3BaTT1D>). Copyright 2013-2021 by Geek Publicitário.

## Figura 42

*Exemplo de portas digitais interativas no Metrô.*



*Nota.* Fotografia. De “Estações de São Paulo vão receber portas digitais interativas”, de Diário do Transporte, 2018. (<https://bit.ly/3vuTvcW>). Copyright 2020 by Diário do Transporte.

É fato que as ações de marketing estão presentes na maioria dos metrôs pelo mundo, dado o seu grande impacto e alcance de pessoas. Nos últimos anos, museus e órgãos culturais valeram-se também desses resultados para tornarem seus eventos e exposições museológicas mais acessíveis, diversificarem seu público-alvo e obterem expressiva repercussão, notadamente em mostras interativas.

Diversos são os *cases* de sucesso e a título de exemplo, destaca-se a exposição criada pelo Museu Nacional da China em parceria com o *KFC*, realizada durante o feriado de comemoração do Ano Novo Chinês, em 2018. Durante a comemoração, o povo chinês celebra sua história e tradições e a exibição focou-se nesse tema.

Ao utilizarem colunas de vidro com réplicas de itens da cultura chinesa acompanhados de material explicativo e ecrãs interativos com telemóveis, conseguiram com efeito cativar os utilizadores do metrô quebrando sua rotina. Neste caso por tratar-se de parceria, entre o museu e a rede de restaurantes *KFC*, também foi possível promover a marca.

A seguir, as figuras 43, 44 e 45 apresentam imagens da exposição:

### **Figura 43**

*Exposição KFC e Museu Nacional da China.*



*Nota.* Fotografia. De “*A content-driven campaign turns the metro into a museum*”, de JCDecaux, 2018. (<https://bit.ly/3jgLmUn>). Copyright 2018 by JCDecaux.

## Figura 44

*Exposição KFC e Museu Nacional da China.*



*Nota.* Fotografia. De “*A content-driven campaign turns the metro into a museum*”, de JCDecaux, 2018. (<https://bit.ly/3igLmUn>). Copyright 2018 by JCDecaux.

## Figura 45

*Exposição KFC e Museu Nacional da China.*



*Nota.* Fotografia. De “*A content-driven campaign turns the metro into a museum*”, de JCDecaux, 2018. (<https://bit.ly/3igLmUn>). Copyright 2018 by JCDecaux.

Um outro exemplo, é o projeto russo realizado na linha vermelha do metrô de Moscovo, o “*Aquarelle Train*”. Nesta intervenção, um “trem galeria” recebe réplicas de quadros de diferentes

pintores. A exposição foi montada na parte interna das carruagens, que foram adaptadas para assimilarem-se a um luxuoso museu, e os trens foram envelopados externamente com imagens relacionadas.

### **Figura 46**

*Trem galeria “Aquarelle Train”.*



*Nota.* Fotografia. De “*Moscow Metro a Work of Architectural Art*”, de *Russian Travel Centre*, s.d. (<https://bit.ly/3DZNRCE>).

## Figura 47

*Trem galeria "Aquarelle Train".*



*Nota.* Fotografia. De "Moscow Metro a Work of Architectural Art", de Russian Travel Centre, s.d.  
(<https://bit.ly/3DZNRCB>).

## Figura 48

*Trem galeria "Aquarelle Train".*



*Nota.* Fotografia. De "Aquarelle train on the Moscow Metro", de Atlas Obscura, s.d.  
(<https://bit.ly/3ikquvK>). Copyright 2021 by Atlas Obscura

## Figura 49

*Envelopamento externo do trem galeria “Aquarelle Train”.*



*Nota.* Fotografia. De “Aquarelle train on the Moscow Metro”, de Atlas Obscura, s.d.

(<https://bit.ly/3jkquvK>). Copyright 2021 by Atlas Obscura

Diante desses exemplos e após verificar a riqueza do acervo histórico sobre o período estudado, bem como a relevante quantidade levantada de testemunhos de veteranos da Força Expedicionária Brasileira, é possível concluir que a exposição museológica itinerante proposta teria conteúdo suficiente e poderia de fato atingir um público considerável, trazendo luz a uma fração da história do Brasil até então desconhecida para uma parte de sua população.

Em conclusão, a mostra reivindicaria o papel na história desses veteranos, até então preteridos, reconhecendo a sua participação na Segunda Guerra Mundial ao recordar e apresentar suas experiências a novas gerações.

## REFERÊNCIAS

Almeida, A. (Ed.). (2013). Ecos da Segunda Guerra. <https://bit.ly/3AZmaYK>

Ankita Goyal (Ed.). (2018). 30 Innovative subway ads that gave creativity a new edge. <https://bit.ly/3C1R5F1>

Arruda, D. C., Morais, B., Garcia, C., Colijer, E., Varoli, E., Stal, G. C. A., Gonçalves, J., Piason, J. A., Andrade, J. X. G., Santos, M. I. L., Amaral, M., Udihara, M., Santos, P. D., Mange, R. C., Sousa, T. C. C., & Mendes, U. D. (1949). Depoimento dos Oficiais de Reserva sobre a F.E.B. Instituto Progresso Editorial.

Atlas Obscura (Ed.). (s.d.). Aquarelle train on the Moscow Metro. <https://bit.ly/3jkquvK>

Beattie, P. (2001). The tribute of blood: army, honor, race and nation in Brazil, 1864-1945. Duke University Press.

Béziat, F. (Diretor). (2015). Women at war 1939-1945 [filme]. Program 33 & France 3.

Böhmler, R. (1966). Monte Cassino (3ª ed.). Flamboyant.

Bonalume Neto, R. (1995). A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate 1942-1945. Expressão e Cultura.

Bosi, E. (1994). Memória e sociedade: lembranças dos velhos (7ª ed.). Companhia das Letras.

Brayner, F. L. (1968). A verdade sobre a FEB – Memórias de um chefe de Estado-Maior na campanha da Itália. Editora Civilização Brasileira S.A.

Buescu, M. (1976). História do desenvolvimento econômico do Brasil (2ª ed.). APEC.

Burns, K.; & Novick, L. (Diretores). (2007). The War [minisérie]. National Endowment for the Humanities.

Caldas, M. (1950). O posto avançado de neuropsiquiatria da FEB (2ª ed.). Biblioteca Militar.

Carvalho, E. L. (1952). A Serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Biblioteca do Exército Editora.

Casa Vogue (Ed.). (2017). Metrô de Taiwan ganha piso inspirado em esportes olímpicos. <https://glo.bo/3DZx1nn>

Castello Branco, M. T. (1960). O Brasil na II Grande Guerra. Biblioteca do Exército Editora.

Companhia do Metropolitano de São Paulo - Metrô (Ed.). (2019). Institucional – Quem somos. <https://bit.ly/30LGMY7>

Connerton, P. (1999). Como as sociedades recordam (2ª ed.). Celta Editora.

Costa, O. (1995). Cinquenta anos depois da volta. Expressão e cultura.

Cotterill, A. J. (Ed.). (2014). Subway Digital Art Gallery. <https://bit.ly/3C35MaV>

Cytrynovickz, R. (2000). Guerra sem guerra: A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a segunda guerra mundial. Geração editorial.

Diário do Transporte (Ed.). (2018). Estações de São Paulo vão receber portas digitais interativas. <https://bit.ly/3vuTvcW>

Estado-Maior do Exército. (1972). História do Exército Brasileiro. Perfil militar de um povo (vol. 3). Serviço Gráfico da Fundação IBGE.

Falcão, J. (1999). O Brasil e a 2ª Guerra. Testemunho e depoimento de um soldado convocado. Editora Universidade de Brasília.

Fausto, B. (1999). História do Brasil (7ª ed.). Editora da Universidade de São Paulo; Fundação para o desenvolvimento da educação.

Fernandes, C. (Ed.). (2021). Força Expedicionária Brasileira (FEB). <https://bit.ly/3aU5E1o>

Fernandes, F. L. (2009). A estrada para Fornovo. Nova Fronteira.

Ferrari, P. F. M. G. (2009). Entreato: O cotidiano de um praça brasileiro na Segunda Guerra Mundial. Anablume; Fapesp.

Ferraz, F. C. A. (2005). Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial. Jorge Zahar Editor.

Ferraz, F. C. A. (2012). A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira (1945-2000). Eduel.

- Figueiredo, C. R. (2007). A evolução histórica da produção e exportação do aço brasileiro. Revista de Negócios Internacionais, 5 (9), 7-12. <https://bit.ly/3BZydGP>
- Fundação Getúlio Vargas (Ed.). (2016). Atlas Histórico do Brasil – Período Vargas (1930-1945) – Segunda Guerra Mundial. <https://bit.ly/3n5j6VS>
- Galante, A. (Ed.). (2018). Perdas navais brasileiras na Segunda Guerra Mundial. <https://bit.ly/3FY1PGS>
- Gerência de Operações do Metrô de São Paulo (Ed.). (2018). Caracterização socioeconômica dos usuários e seus hábitos de viagem. <https://bit.ly/3vweNqx>
- Gilbert, M. (2015). Atlas Histórico da Segunda Guerra Mundial. A história completa do conflito em mapas. Clube do Autor.
- GKPB (Ed.). (2014). Metrô de São Paulo ganha telão de LED com 300 m de comprimento para veicular animações publicitárias. <https://bit.ly/3BaTT1D>
- Halbwachs, M. (1990). A memória coletiva (2ª ed.). Edições Vértice.
- JCDecaux (Ed.). (2018). A content-driven campaign turns the metro into a museum. <https://bit.ly/3jgLmUn>
- M&M Content Lab, & JCDecaux (Ed.). (2019). Metrô: um novo caminho para a (publi) cidade. <https://bit.ly/3C1SlIr>

Marguerite, B. (Ed.). (2019). RATP - Estamos celebrando nosso 70º aniversário com você.

<https://bit.ly/3pkT3Nb>

Maximiano, C. C. (2010). Barbudos, sujos e fatigados: Soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Grua.

McCann, F. D. (1995). Aliança Brasil - Estados Unidos 1937-1945. Biblioteca do Exército Editora.

Ministério da Guerra do Brasil (Ed.). (1943). Relatório do Ministério da Guerra. Arquivo Histórico do Exército (Doravante, AHEx).

Mirabello Interiors [@mirabellointeriors] (n.d.) Home [pinterest page]. Pinterest.

<https://bit.ly/2Z6muYg>

Moraes, J. B. M. (1947). A FEB pelo seu comandante. Instituto Progresso Editorial.

Moraes, J. B. M. (1960). A FEB pelo seu comandante (2ª ed.). Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias.

Motta, A. M. (Coord.). (2001a). História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial (T. 1). Biblioteca do Exército Editora.

Motta, A. M. (Coord.). (2001b). História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial (T. 2). Biblioteca do Exército Editora.

Motta, A. M. (Coord.). (2001c). História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial (T. 3). Biblioteca do Exército Editora.

Motta, A. M. (Coord.). (2001d). História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial (T. 4).  
Biblioteca do Exército Editora.

Motta, A. M. (Coord.). (2001e). História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial (T. 5).  
Biblioteca do Exército Editora.

Motta, A. M. (Coord.). (2001f). História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial (T. 6).  
Biblioteca do Exército Editora.

Motta, A. M. (Coord.). (2001g). História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial (T. 8).  
Biblioteca do Exército Editora.

Pereira, D. L. (Diretor). (2007). O lapa azul [filme]. Durval Jr. produção.

Pereira, D. L. (Diretor). (2016). Navalha: Um batalhão brasileiro na Linha Gótica [filme]. Insight  
Productions Brazil.

Portal da Propaganda (Ed.). (2019). Eletromídia exhibe com exclusividade conteúdo sobre  
linguagem brasileira de sinais em SP e RJ. <https://bit.ly/3vt8WIT>

Portelli, A. (1997). Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história  
oral. Projeto História, 15, 13-49. <https://bit.ly/3jkC6Ph>

Poster Poster (Ed.). (2019). Exhibition: Underground Images in Uruguay. <https://bit.ly/3IX2xw4>

Ramos. J. O. (1949). A epopeia dos Apeninos. Gráfica Laemmert.

Rigoni, C. L. (2003). La Forza di Spedizione Brasiliana (FEB) – Memória e História: Marcos na Monumentalística Italiana. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Acervo digital da UFPR. <https://bit.ly/3piN63l>

Rodrigues, F. S. (2018). A política militar brasileira: da missão de instrução de artilharia de Costa à Comissão Conjunta Brasil-EUA (1934-1945). *Análise estratégica*, 9 (3), 31-37. <https://bit.ly/3aTwVkJ>

Rosenheck, U. (2008). Entre a comemoração do passado e a construção do futuro: os monumentos da FEB em seus contextos. *Revista Militares e Política*, 3, 7-16. <https://bit.ly/3vsw0RI>

Rosty, C. S. (2018). Constituição da Força Expedicionária brasileira para a Campanha da Itália. *Revista A defesa Nacional*, 105 (836), 79-96. <https://bit.ly/3pkgXsh>

Rouquié, A. (2009). O Brasil do século XXI: Nascimento de um novo grande. Instituto Piaget.

Russian Travel Centre (Ed.). (s.d.). Moscow metro a work of architectural art. <https://bit.ly/3DZNRcB>

Salun, A. O. (2004). “Zé Carioca” vai à guerra. Histórias e memórias sobre a FEB. Pulsar.

Schnaiderman, B. (1995). Guerra em Surdina: Histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial (3ª ed.). Brasiliense.

Schwarcz, L. M., & Starling, H. M. (2015). Brasil: Uma Biografia. Temas e Debates – Círculo de Leitores.

Silveira, J. M. X. (1963). Cruzes Brancas (2ª ed.). José Álvaro.

Silveira, J. M. X. (1989). A FEB por um soldado. Nova Fronteira.

Soares, I. E. S. (2014). Um narrador de si e da guerra: Testemunhos de um praça da Força Expedicionária Brasileira. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Ouro Preto]. Repositório Institucional da UFOP. <https://bit.ly/3vsxw6g>

Soares, L. (1985). Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira. Edição do autor.

The New York Times (Ed.). (1943). Brazil said to plan expeditionary force size and destinations undecided – Troops may be ferried. <https://nyti.ms/3B3fXuK>

Tota, A. P. (2000). O imperialismo sedutor. Companhia das Letras.

Vidal, P. (1960). Heróis esquecidos. Edições GRD.

## ANEXOS

Anexo A - Quem foi a Itália? Detalhes sobre a estrutura da F.E.B.



**SAÚDE:  
1º BATALHÃO DE SAÚDE +  
DESTACAMENTOS DE SAÚDE REGIMENTAIS  
+ CORPO DE ENFERMEIRAS**

Função:

- 1º Batalhão de Saúde: Estabelecimento de Postos de Socorro Divisionários (Onde todos os feridos e doentes recebiam o cuidados médicos imediatos) e Postos de Triagem Divisionários (Gerenciado pela Companhia de Tratamento, responsável pela maioria dos atendimentos de todas as baixas da Divisão).
- Destacamentos de Saúde Regimentais: Atendimento imediato aos feridos dos Regimentos de Infantaria. Cada R.I. possuía um Destacamento.

Corpo de Enfermeiras: Composto por 73 integrantes, atuaram na frente de batalha, em hospitais de campo e retaguarda.

Informação Adicionais Sobre as Unidades de Saúde:

- A ideia inicial era criar Hospitais Brasileiros na Itália, todavia os custos mostraram-se altíssimos e se seguissem estes planos, as estruturas hospitalares não teriam a organização do Exército Americano, que eficientemente englobava postos de atendimento desde a linha de frente até grandes hospitais de retaguarda. Além disso, seria um despropósito perder a oportunidade de atuarem junto aos médicos americanos já experientes com os casos médicos do conflito. Desta forma, a equipe médica do Brasil trabalhou em hospitais americanos existentes e atenderam brasileiros e norte-americanos sem distinção.
- Hospitais que funcionaram no setor brasileiro: 32º Field Hospital, 16º Evacuation Hospital (em Pistóia), 7º Station Hospital (em Livorno) e 300º General Hospital (em Nápoles).
- Quanto a composição do 1º Batalhão de Saúde, acrescentamos: uma Companhia de Evacuação era composta por um Pelotão de Padioleiros, um de Posto de Socorro e um de Ambulância. Uma Companhia de Tratamento era composta por dois pelotões que possuíam todos os componentes para instalar dois Postos de Tratamento. A união das Companhias, de evacuação e tratamento, permitiam a formação de um Posto de Socorro Divisionário, geralmente comandado por um Major médico.
- Relativamente as questões direcionadas à gestão da Saúde, a F.E.B. possuía um órgão de comando, um Estado-Maior Especial, para gerenciar todas as atividades médicas e de saúde da tropa brasileira e órgãos não divisionários, era o Serviço de Saúde. O órgão era responsável pelo Serviço Dentário, Posto Avançado de Neuropsiquiatria e todas as Seções Hospitalares instaladas em Hospitais Americanos.
- Os Destacamentos de Saúde que acompanhavam os R.I. com seus padioleiros seguiam a seguinte logística de atendimento. Retiravam os feridos do front, na medida do possível e muitas vezes sob fogo inimigo, levavam-nos aos jipes e prestavam os primeiros socorros no local. Em seguida os feridos eram levados aos Postos de Socorro do Batalhão mais próximo, eram examinados e passavam por uma triagem para definir se seria necessário removê-los de ambulância para outro destino, de acordo com a gravidade de cada caso.
- O Corpo de Enfermeiras, era uma inovação, visto que o Exército nunca tivera mulheres em seus quadros. Inicialmente não receberam nenhuma patente militar, somente na Itália, com a constatação que as enfermeiras americanas possuíam patente de oficiais, passaram aos postos de 2º tenente. Com o fim do conflito, chegando ao Brasil, foram imediatamente desmobilizadas. Posteriormente, 12 anos depois, puderam regressar ao Exército para atuar em hospitais militares nos postos de 2º tenente e mais tarde 1º tenente.



## JUSTIÇA MILITAR

Função: Responsável pelas questões judiciais e cumprimento da legislação em tempos de conflito.

Informações Adicionais Sobre a Justiça Militar:

- Não existia uma Legislação específica para a atuação de uma Força Expedicionária em território estrangeiro no período da guerra. Desta forma, a Legislação vigente do período precisou ser adaptada para atender a esta nova demanda. A pena máxima que um militar poderia receber era o fuzilamento.
- O Conselho Militar não possuía em suas cadeiras membros fixos e a cada processo era formado um novo Conselho Militar, sob a presidência de um Juiz Militar de carreira.
- Os praças e civis eram julgados pelas Auditorias, os oficiais (até tenentes-coronéis) pelo Conselho de Justiça e os Generais e Coronéis pelo Conselho Supremo de Justiça Militar.
- O Conselho Supremo de Justiça Militar podia avaliar e interferir nas sentenças deliberadas pelas Auditorias e Conselho Militar.
- Inicialmente toda a Justiça Militar estava sediada na Itália. Com o desenvolvimento do conflito e análise do funcionamento da organização de justiça norte-americana, verificou-se que a estrutura prevista para atender a F.E.B. era superabundante para apenas uma Divisão. Os norte-americanos possuíam apenas um General gerenciando esta área em todo o Teatro de Operações. Por conseguinte, optaram por transferir o Conselho Supremo de Justiça Militar para o Brasil, o que não interferiu no desempenho das atividades.
- Segundo SILVEIRA (1989) a maioria das infrações foi cometida por membros atuantes na retaguarda e Depósito de Pessoal. Poucos foram os números envolvendo integrantes com função de combate.
- Em dezembro de 1945, o Governo indutou todos os militares dos quadros da F.E.B. que haviam cometido crimes e delitos, com exceção de deserção para o lado do inimigo ou homicídio doloso. Sendo assim, as sentenças deliberadas pela Justiça Militar não foram cumpridas.



## ARTILHARIA DIVISIONÁRIA

Função: Combate, sempre trabalhando em conjunto com a infantaria, apoiando-a.

Informações Adicionais sobre a Artilharia Divisionária:

- Um Grupo de Obuses era dividido em três baterias de quatro canhões. Além dos quatro grupos de obuses, a artilharia ainda possuía um Estado-Maior e uma bateria de comando.
- A Artilharia participou de todos os combates da F.E.B. com suas 48 peças. Também realizou apoio para várias unidades aliadas.
- O II Grupo ou Grupo Da Camino foi a 1ª Unidade da Artilharia do Brasil a disparar fora do Continente.
- Alta precisão e coordenação eram necessárias para atuação da artilharia com a infantaria. Um tiro muito curto poderia acertar a própria infantaria e um muito longo, poderia não atingir o inimigo. O oficial artilheiro atuava na frente com os soldados da infantaria, para poder fornecer via telefone ou rádio, as informações necessárias para regulagem dos tiros.

### I GRUPO

**Levy Cardoso**  
12 Canhões de  
105mm

### II GRUPO

**Da Camino**  
12 Canhões de  
105mm

### III GRUPO

**Souza Carvalho**  
12 Canhões de  
105mm

### IV GRUPO

**Panasco Alvim**  
12 Canhões de  
155mm

## COMPANHIA DE INTENDÊNCIA



Função: Suprir todas as necessidades dos soldados e demais órgãos não divisionários, entre elas: alimentação, fardamento e utensílios pessoais, sepultamento de mortos, pagamentos de soldos, banhos, lavagem de uniformes e fornecimento de meios de locomoção.

Informação Adicionais Sobre a Companhia de Intendência:

- Sobre sua composição, a Chefia possuía seção administrativa e de suprimentos e Companhia de Intendência era formada por 1 seção de comando, 3 pelotões de transporte (caminhões de cerca de 2 toneladas e meia), 1 pelotão de serviço e 1 pelotão de sepultamento.
- O Serviço de Intendência estava presente onde estivesse qualquer unidade de serviço na Itália. Cobriam da retaguarda de unidades de combate até os pontos fixos de manutenção e suprimentos do Exército. Deslocavam-se de acordo com as posições das tropas brasileiras, adaptando toda a sua logística.
- Atendiam as tropas em situações de grande risco. Levavam a alimentação para combatentes em picos isolados, recolhiam os mortos e realizavam missões sob fogo inimigo e em terrenos com minas ativas. A recolha dos cadáveres por si só já era uma atividade perigosa, visto que escondiam as booby-traps inimigas (armadilhas com explosivos).
- O Pelotão de Sepultamento prestava homenagens fúnebres para cada combatente tombado, conferindo certa dignidade ao duro processo.



## INFANTARIA DIVISIONÁRIA

Função: Combate.

Entre as funções e tipos de atividades, citamos: avanço sobre os inimigos, eliminando-os ou tornando-os prisioneiros; ganho de terreno e posições inimigas; assaltos à posições inimigas; patrulhas de reconhecimento; patrulhas de combate ou golpes de mão; permanência/guarda em foxholes;

Informação Adicionais Sobre a Infantaria Divisionária:

- Cada R.I. contava com o apoio de um Destacamento de Saúde, que atuava com seus padioleiros em posições de difícil acesso prestando os Primeiros Socorros ainda no local.
- Os três regimentos existiam anteriormente à 2ª Guerra Mundial, não foram criados a partir dela, tratavam-se de unidades históricas. O 1º R.I., por exemplo, já existia no reinado de D. João VI, todavia com o nome de 1º Batalhão de Fuzileiros da Corte. O 6º R.I. e o 11º R.I. foram fundados em 1908.
- Os fuzileiros da Infantaria utilizaram os fuzis Springfield, com capacidade de cinco tiros e que trabalhavam sob ação de ferrolho. Poucos receberam um dos fuzis mais modernos da época, o M1 Garand, com capacidade de oito tiros operado a gás. No Brasil treinaram com o Mauser, de 1908.
- Outras armas usadas pela Infantaria: morteiros de 60 e 81mm, metralhadoras pesadas .50 e leves .30, lança rojões de 2.36", fuzis automáticos Browning, carabinas M1.30, submetralhadoras Thompson ou M3.
- Os Regimentos Sampaio e Ipiranga foram desmobilizados após o fim do conflito. O Regimento Tiradentes teve parte de sua tropa licenciada e a outra parte retornou ao antigo quartel em São João Del Rei, Minas Gerais.

**1º R.I.**

**Regimento Sampaio**  
Sede Inicial: Rio de Janeiro - BR

**6º R.I.**

**Regimento Ipiranga**  
Sede Inicial: São Paulo - BR

**11º R.I.**

**Regimento Tiradentes**  
Sede Inicial: Minas Gerais - BR

## ESQUADRILHA DE LIGAÇÃO E OBSERVAÇÃO - 1º ELO



Função: Auxiliar a Artilharia com apoio aéreo de observação. Sobrevoavam território inimigo e a "terra de ninguém" para fornecer informações à Artilharia para regulagem de seus armamentos.

Informações Adicionais sobre a Esquadrilha de Ligação e Observação:

- Composta por Observadores do Exército e Pilotos da Força Aérea, formava uma força híbrida, parte Força Aérea e parte terrestre. O piloto tinha a função exclusiva de pilotar o avião e um oficial da artilharia realizava o serviço de observação.
- Os aviões eram de pequeno porte e voavam em altitudes de mais ou menos três mil metros para não serem apanhados pela Flak inimiga. A escolha por este tipo de aviões era justificada pela facilidade de pouso e decolagem em campos de dimensões reduzidas e sua eficiente mobilidade.
- A ELO atuou em vários campos pela Itália, entre eles: Hipódromo de San Rossore (Pisa), San Giorgia (Pistóia), Suviana, Porreta Terme, Montecchio Emiglia, Piacenza, Portalbera e Bérgamo. A Esquadrilha prestou serviço para unidades americanas e inglesas.
- O serviço de observação aérea para regulagem de artilharia não foi inovação na 2ª Guerra Mundial. Anteriormente, no primeiro conflito mundial, já eram utilizados balões cativos, mas obviamente por estarem fixos ao solo não eram tão eficientes. Na 2ª Guerra Mundial, os balões, sem tripulação, passam a ser utilizados como instrumentos de defesa antiaérea.
- A unidade foi extinta ainda na Itália, tendo seu valor reconhecido somente em 1954, quando o Exército criou um curso de observação aérea e instituiu um ex-integrante como instrutor-chefe.
- A ELO não foi a única unidade brasileira a realizar missões no céu italiano. A Força Aérea Brasileira atuou ao lado da Força Expedicionária Brasileira durante toda a participação no conflito.



## 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO MOTOMECANIZADO (CAVALARIA)



Função: Reconhecimento, cobertura e combate. Entre as atividades, destacamos: missões defensivas e de reconhecimento, ações e apoio de patrulhas, ligação entre os batalhões de infantaria, retomada de contato, perseguições, ações de aproveitamento de êxito e conquista de localidades.

Informações Adicionais Sobre o 1º Esquadrão de Reconhecimento:

- Composto por viaturas blindadas M8, com canhões de 37mm e metralhadoras ponto 30 e 50. Possuía 13 carros blindados sobre rodas e 5 carros meia lagarta.
- Na fase em que a F.E.B. atuou em terrenos montanhosos, onde até os Jeeps mostravam dificuldades em vencer a geografia e o Exército adotou a utilização de mulas, as M8 não foram muito utilizadas. No entanto, os homens que compunham o Esquadrão de Reconhecimento continuaram a realizar suas missões à pé, como infantas.
- O pelotão extra era usado para atender necessidades de combate, administrativas, de manutenção e suprimentos.
- O 1º Esquadrão de Reconhecimento, não possuía uma ala hipomóvel. Por questões táticas e técnicas, o esquadrão era integralmente motomecanizado.
- Era um Esquadrão dotado de grande mobilidade e potência de fogo, munido de grande quantidade de rádios que permitiam uma boa comunicação interna com o Comando.
- O 1º Esquadrão de Reconhecimento não foi dissolvido após o retorno ao Brasil. Posteriormente teve seu nome alterado para Esquadrão Tenente Amaro, uma homenagem a um de seus membros tombado na Itália.



## PELOTÃO DE POLÍCIA

Função: Responsável pelos fluxos de tráfego em áreas de combate e atividades policiais, como a guarda de presos. Posteriormente tornou-se uma Companhia.

Informação Adicionais Sobre o Pelotão de Polícia:

- Não existia anteriormente no Exército Brasileiro e foi criada para atender a nova estrutura militar americana, seguindo o modelo *Military Police Platoon*.
- Em Março de 1945, devido ao aumento de serviço, foi ampliado para Companhia de Polícia.
- Não foi dissolvido como as demais unidades da FEB com o fim dos conflitos. E anos mais tarde passou por mais uma ampliação, passando a ser um Batalhão de Polícia.
- Era uma unidade diferenciada quando comparada com o efetivo geral da F.E.B., pois era composta em sua maioria por membros da Guarda Civil de São Paulo. Esses elementos foram selecionados com cuidado, já possuíam treinamento na área policial e de tráfego e o porte físico era generoso. Uma das poucas unidades que receberam treinamento efetivo antes de embarcar para a Itália.
- O uniforme do Pelotão de Polícia, bem cortado e planejado, era diferente do uniforme da F.E.B.



## 9º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE COMBATE

Função: Desobstrução de túneis; remoção de obstáculos; limpeza de campos de minas e booby traps; construção de passagens, pontes e desvios; construção e reparação de estradas, instalação de by-passes para aprimorar o fluxo de tráfego; dismantelar dispositivos em carga de destruição; instalação de minas, desenvolvimento de cartas topográficas e fornecimento e tratamento de água potável.

Informações Adicionais Sobre o 9º Batalhão de Engenharia de Combate:

- Com o fim do conflito, reduziram o efetivo do Batalhão, transformando-o em Companhia, para em seguida ser dissolvido.
- Foi a primeira unidade brasileira a atuar no território italiano.
- As missões da Engenharia eram executadas muitas vezes sob a mira inimiga. Eram missões de alto risco, visto que muitas vezes precisavam abrir caminhos inexplorados para o restante das tropas. Sem contar que reconstruíram dezenas de vezes as mesmas estruturas destruídas por fogo nazista, como o by pass da Ponte de Marano.



## 1ª COMPANHIA DE TRANSMISSÕES

Função: Responsável por estabelecer, reparar e manter em funcionamento as linhas de comunicação.

Informações Adicionais Sobre a 1ª Companhia de Transmissões:

- Os rádios portáteis, hand-talks, só eram uma opção segura em situações emergenciais em que era preciso dar ordens rápidas, quando os combatentes estavam em ação.
- A opção mais segura, era o telefone de campanha. As linhas de comunicação telefônica eram mais seguras, visto que eram poucas as possibilidades de interferência ou obtenção das mensagens pelo inimigo.
- Por mais que pareça, não era uma função segura. Os elementos da Companhia de Transmissões, realizavam muitas vezes a manutenção das linhas, em pleno combate e alguns perderam a vida nesta missão.



## 1ª COMPANHIA DE MANUTENÇÃO LEVE

Função: Responsável pela manutenção de todo os materiais da Divisão, com exceção dos equipamentos especiais da Engenharia.

Informações Adicionais Sobre a 1ª Companhia de Manutenção Leve:

- Foi uma unidade de primordial importância para a segurança e desempenho da F.E.B. Como exemplo, destacamos o serviço dos Pelotões de Armeiros, que eram incumbidos de prezar pelo funcionamento e bom estado de todo o armamento da Divisão, leves e pesados.
- A Companhia ficou conhecida pela forte capacidade de improvisação. Chegaram a recuperar em poucos dias cerca de 30 viaturas do V Exército, que foram definidas pelo Capitão da Companhia como "o maior depósito de ferro-velho do mundo. (SILVEIRA, 1989)
- Com o fim do conflito, a unidade recebeu a ordem de escolher no Depósito do V Exército, algumas viaturas alemãs para serem enviadas ao Brasil como troféus de guerra.
- Essa unidade não existia anteriormente no Exército e precisou ser criada para atender as exigências do modelo americano. Todavia, quando retornou ao Brasil, a Companhia foi dissolvida.
- Posteriormente, dada a importância desta unidade e aprendizagem vivida durante a guerra, o Exército decide transformá-la em um Batalhão Logístico.



## QUARTEL GENERAL - QG

Função: Comando.

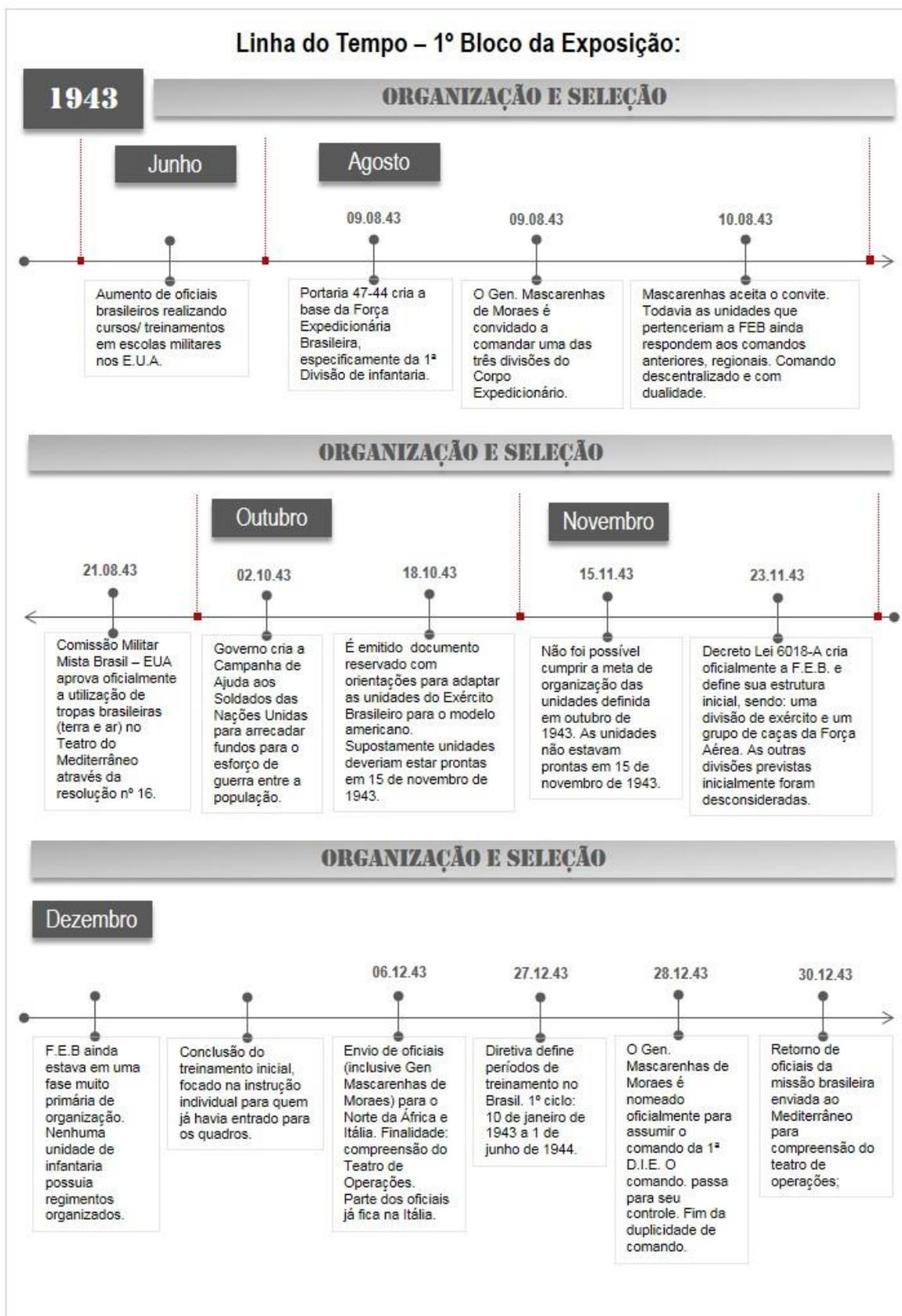
Informação Adicionais Sobre o Quartel General:

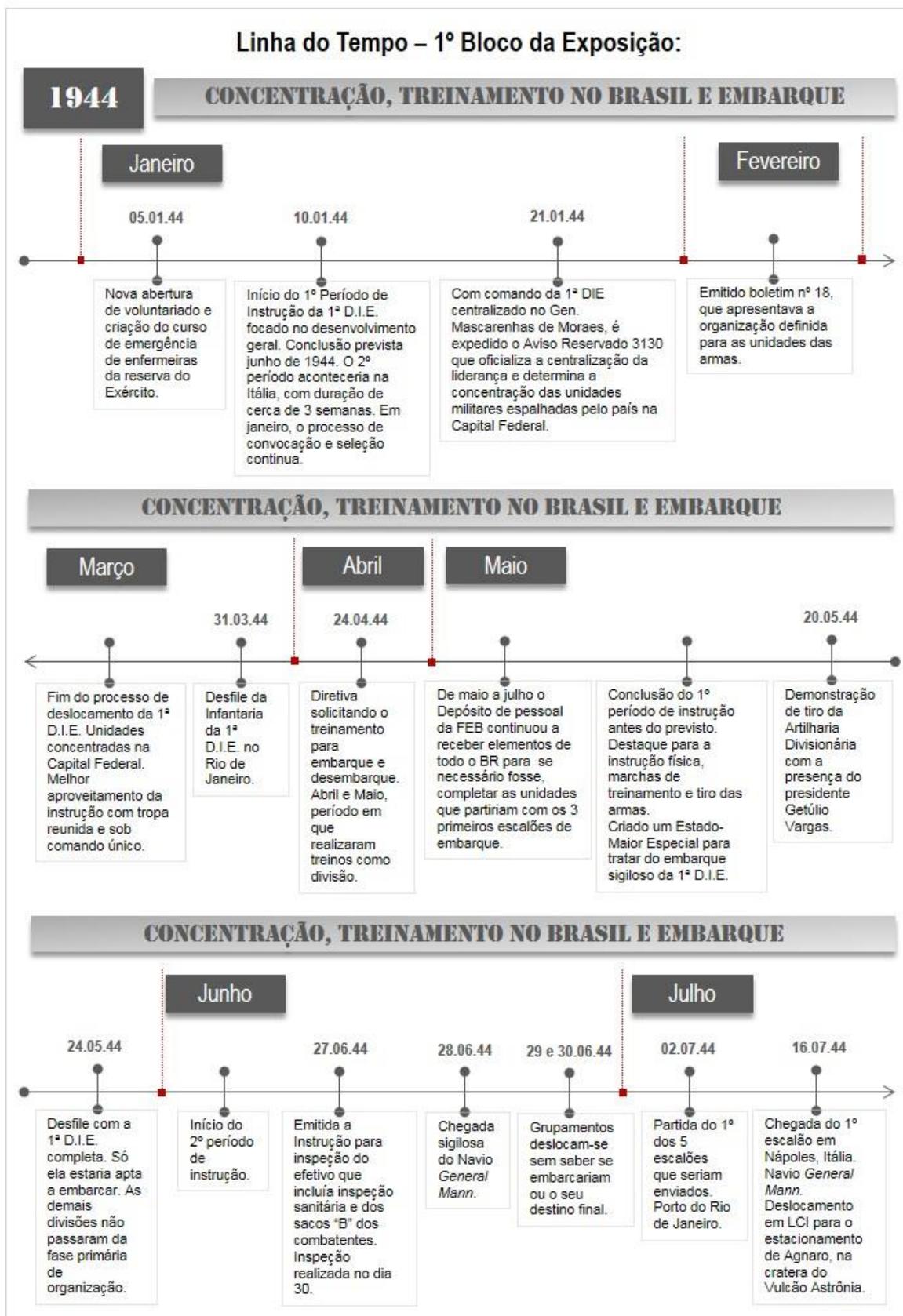
- O Quartel General Avançado era localizado em Porretta Terme, e funcionava sob o comando do Gen. Mascarenhas de Moraes. No Q.G. Avançado eram acompanhados de perto cada passo da infantaria e era uma unidade considerada o cérebro da F.E.B.
- O Q.G. Avançado, era constantemente alvo de artilharia pesada inimiga, inclusive de granadas de 170mm, e teve grande números de baixas, constatando-se que não era um local seguro. Todavia, mesmo com autorização do IV Corpo do Exército Americano para que mudassem para uma posição mais estável, na retaguarda, o Gen. Mascarenhas de Moraes optou por permanecer junto da Infantaria.
- Ainda sobre o Q.G. Avançado, o quartel era dividido em quatro seções. A 2ª e a 3ª eram as responsáveis pelos planos e táticas da Infantaria Expedicionária Brasileira. O Q.G. possuía ainda dois serviços de destaque, um responsável pela contraespionagem (C.I.C. – Counter Intelligence Center) e um pela análise de foto informações. Isto é, eram identificadas posições inimigas, tanques, canhões ou qualquer dado que pudesse apoiar os avanços contra o inimigo em fotografias aéreas.

**NOTA GERAL:** Em adição, também atuaram na Itália apoiando a F.E.B., os correspondentes de guerra, um Serviço de Fundos e Pagadoria Fixa, o Serviço Postal, uma Agência do Banco do Brasil (AGEFEB), Serviços Religiosos e um Serviço Especial, responsável pelo lazer dos combatentes.

*Nota.* Autoria Própria. Para desenvolvimento desta peça gráfica foram utilizadas as seguintes fontes bibliográficas: Moraes, 1947; Vidal, 1960; Silveira, 1989; Maximiano, 2010.

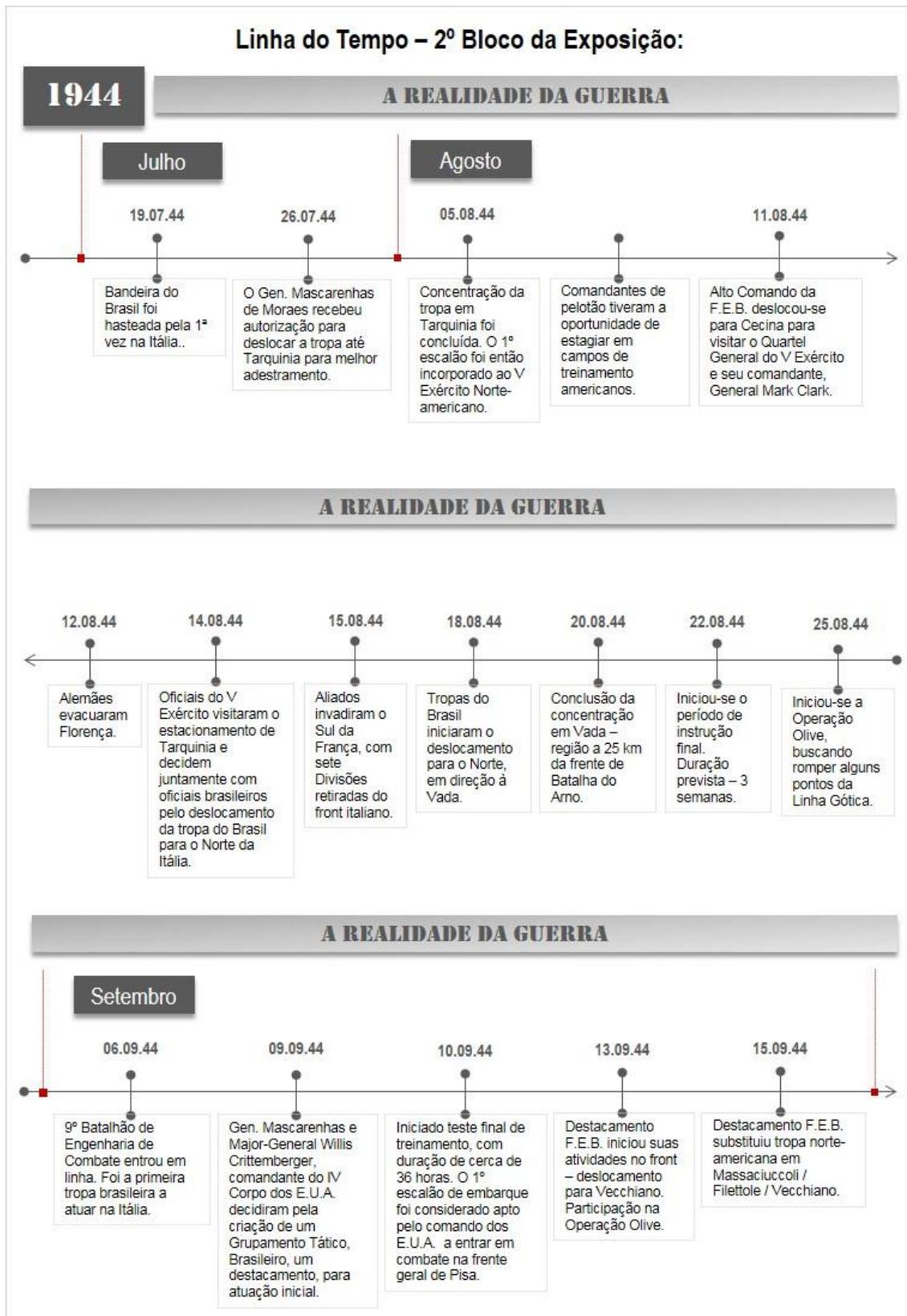
Anexo B - Linha do tempo - Junho de 1943 a Julho de 1944.





*Nota.* Autoria Própria. Para desenvolvimento desta peça gráfica foram utilizados: Moraes, 1960; Brayner, 1968; Silveira, 1989; Ferraz, 2005; Maximiano, 2010.

Anexo C - Linha do tempo - Julho de 1944 a Maio de 1945.

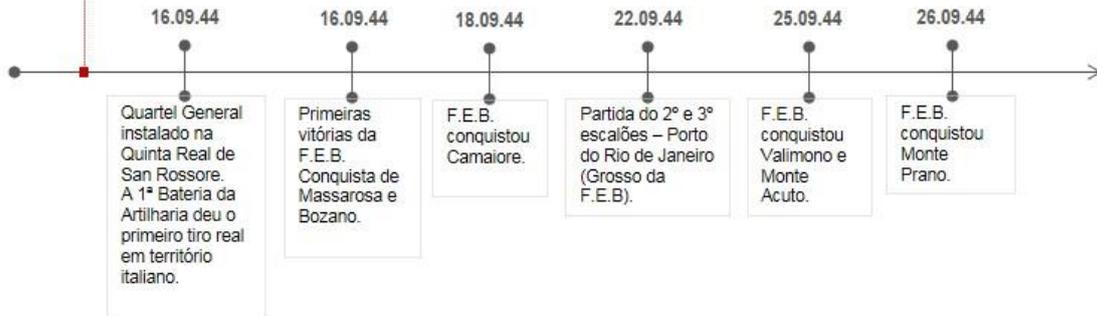


## Linha do Tempo – 2º Bloco da Exposição:

1944

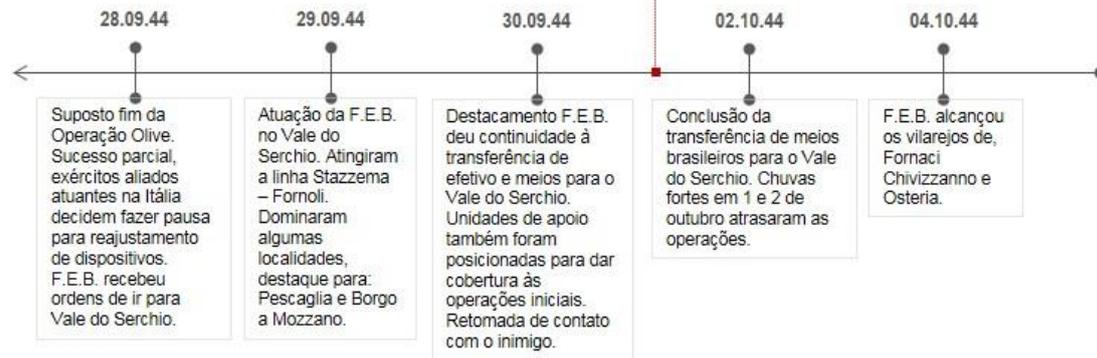
### A REALIDADE DA GUERRA

Setembro

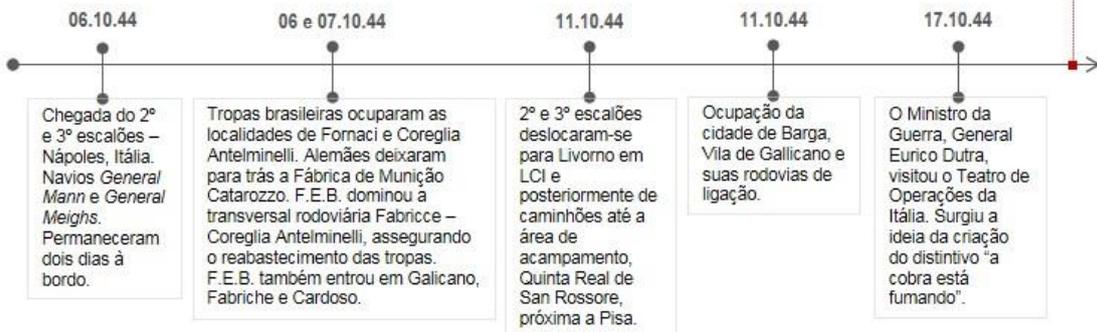


### A REALIDADE DA GUERRA

Outubro



### A REALIDADE DA GUERRA

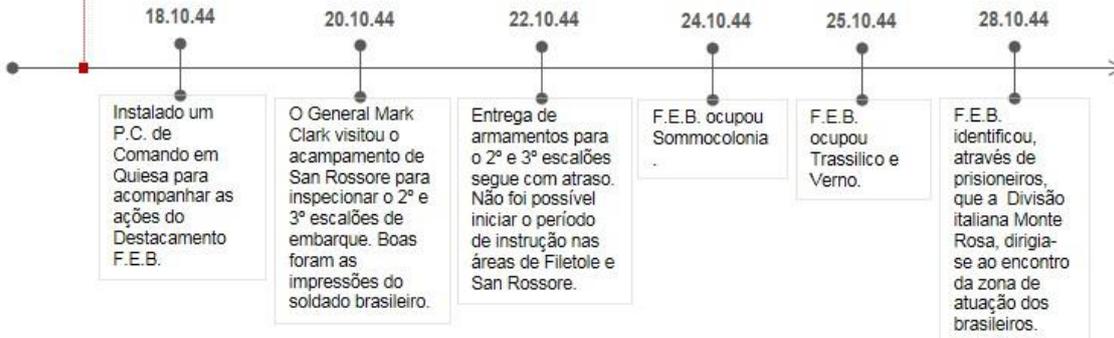


## Linha do Tempo – 2º Bloco da Exposição:

1944

### A REALIDADE DA GUERRA

Outubro

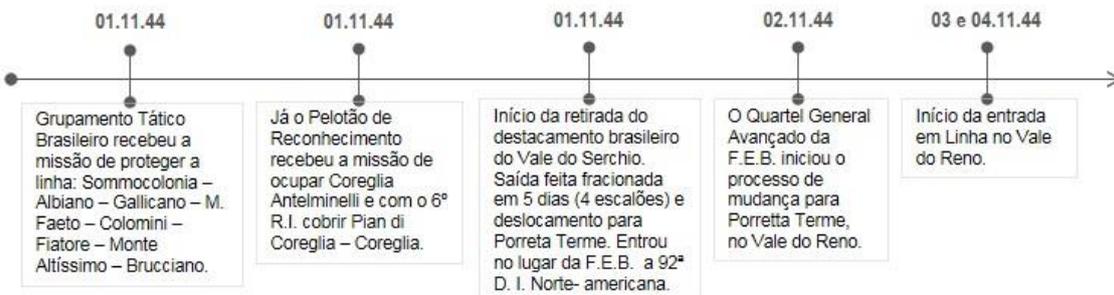


### A REALIDADE DA GUERRA



### A REALIDADE DA GUERRA

Novembro

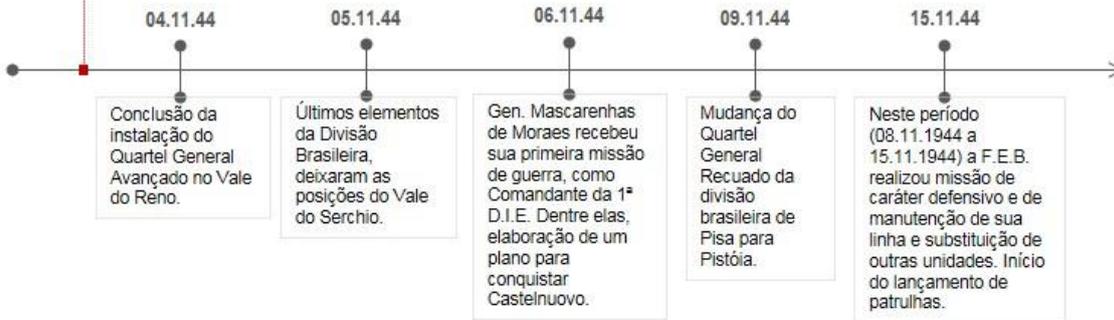


## Linha do Tempo – 2º Bloco da Exposição:

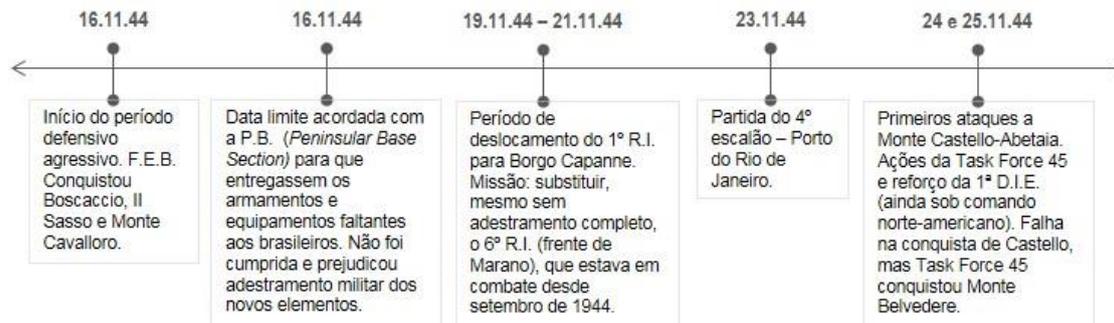
1944

### A REALIDADE DA GUERRA

Novembro

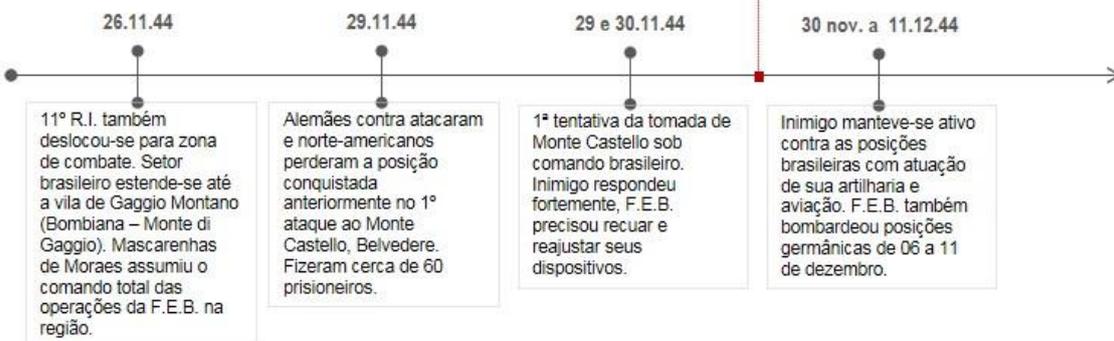


### A REALIDADE DA GUERRA



### A REALIDADE DA GUERRA

Dezembro

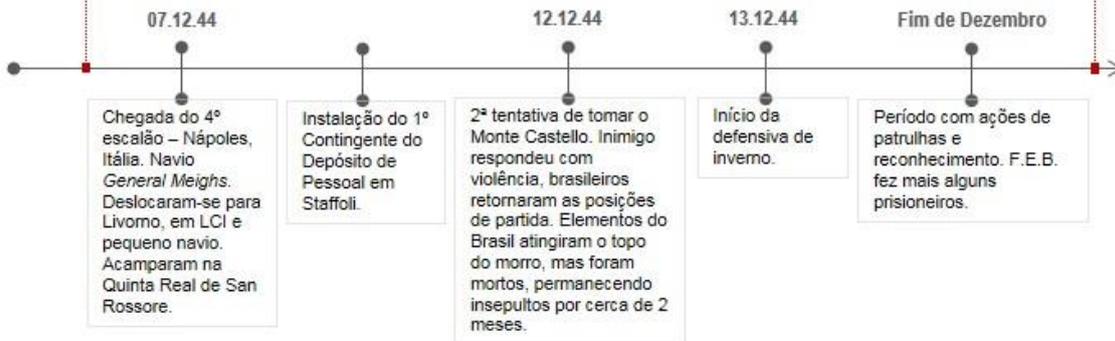


## Linha do Tempo – 2º Bloco da Exposição:

1944

### A REALIDADE DA GUERRA

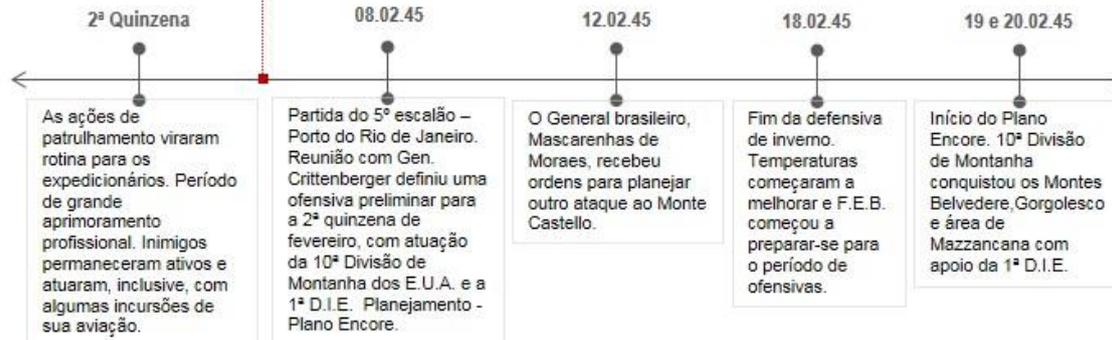
Dezembro



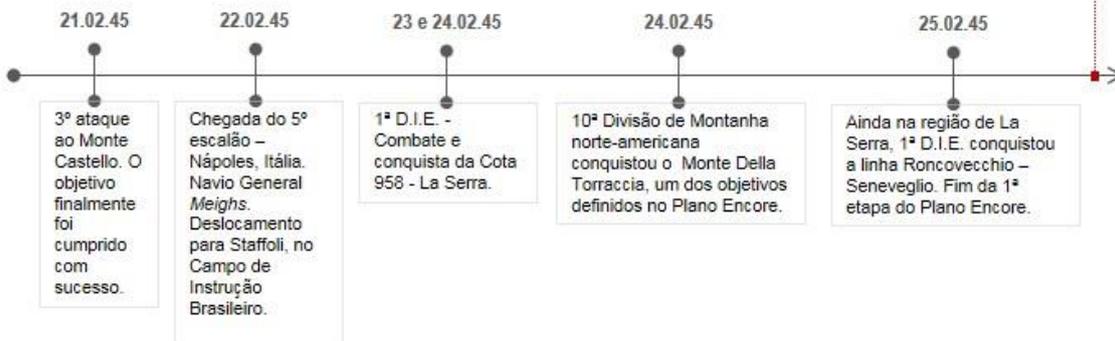
### A REALIDADE DA GUERRA

Janeiro

Fevereiro



### A REALIDADE DA GUERRA

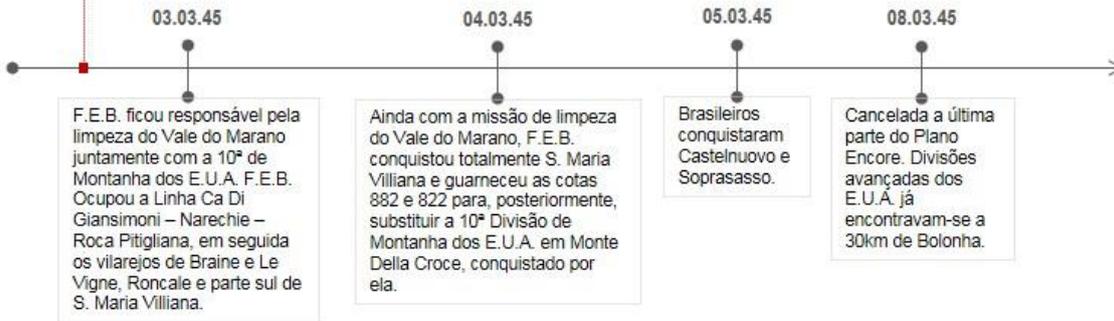


## Linha do Tempo – 2º Bloco da Exposição:

1945

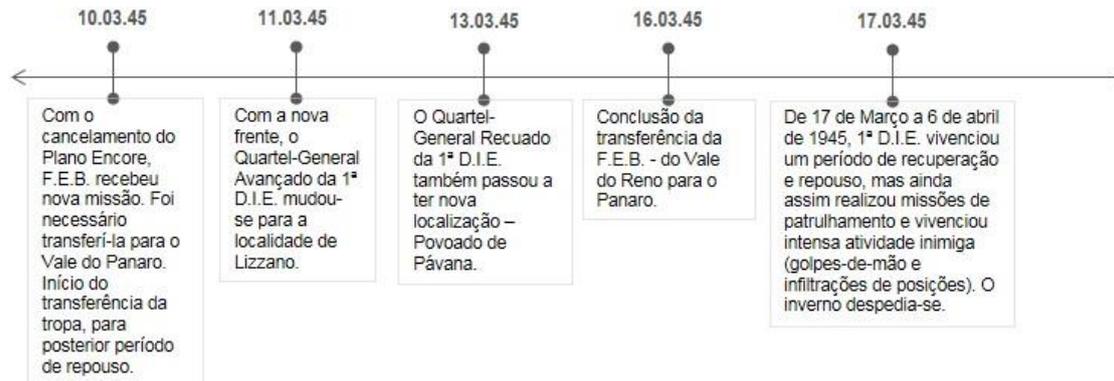
### A REALIDADE DA GUERRA

Março



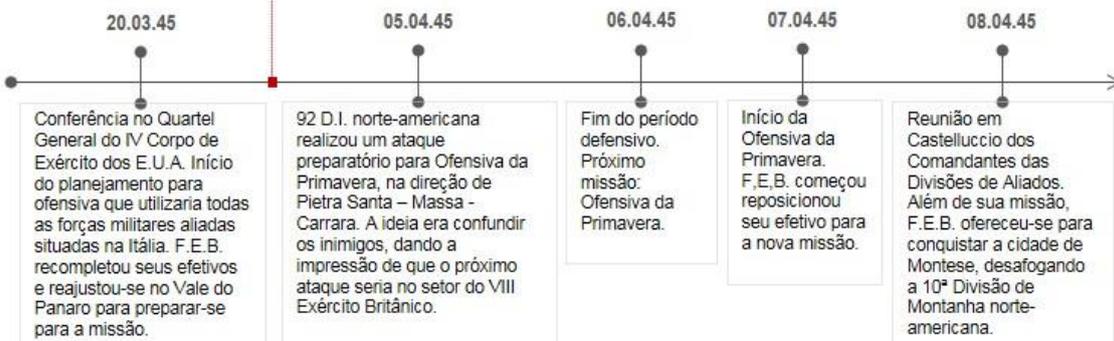
### A REALIDADE DA GUERRA

Março



### A REALIDADE DA GUERRA

Abril



## Linha do Tempo – 2º Bloco da Exposição:

1945

### A REALIDADE DA GUERRA

Abril

11.04.45

Quartel General Avançado da 1ª D.I.E. mudou-se para a vila de Gaggio Montano.

13.04.45

Concluído novo posicionamento da F.E.B. para Ofensiva da Primavera – Frente situada entre as encostas noroeste de Monte Della Torraccia e o Monte Grande D'Aiano.

14.04.45

Início da Operação Artífice – *Operation Craftsman*. F.E.B. concluiu sua etapa da missão, a conquista de Montese e Serretto.

15.04.45

F.E.B. capturou Montebuffone e cota 788, além de ocupar Paravento.

16.04.45

F.E.B. enfrentou intensa atividade inimiga. Substituiu o 85 R.I., da 10ª Divisão de Montanha, ampliando seu setor e ocupando a região de Famaticcia. Norte-americanos conquistaram o vilarejo de Tole.

### A REALIDADE DA GUERRA

17 e 18.04.45

Mudança de estratégia militar. F.E.B. precisou reajustar seus dispositivos e adotar postura defensiva temporariamente, seguindo ordens do IV Corpo de Exército. Os ataques inimigos se mantiveram. As novas ordens incluíam: defesa da posição atual, reconhecimento de posições inimigas e preparo para perseguir tropas alemãs, se necessário. Inimigos começaram a retrair – fim da batalha na vila de Montese.

19.04.45

Inimigos retraíram em toda a frente. Objetivo do IV Corpo de Exército: calha do pó. Nesta missão, brasileiros receberam como uma das metas, a conquista de Zocca. Mantiveram suas posições, realizaram missões de reconhecimento, patrulhas e buscaram contato com o inimigo.

20.04.45

F.E.B. atingiu a linha geral Pirondelle – Ca Del Sarto – Verucchia. Também conquistaram os pontos altos da margem leste do Rio Panaro (cortes do Dardagnola e Rivella). Quartel-General Avançado da 1ª D.I.E. mudou-se para Sassomolare.

21.04.45

Zocca é conquistada pelos brasileiros. Bolonha é capturada pelo V Exército Norte-Americano. Fim da Fase Preta da Operação Artífice.

### A REALIDADE DA GUERRA

22.04.45

Quartel-General Avançado da 1ª D.I.E. mudou-se para C. Grotti.

22.04.45

Armas brasileiras dominaram o médio Panaro, apossando-se da área de Monte Orselho – Guiglia – Rocheta. Investiram também contra as localidades de Marano Su Panaro e Vignola, conquistando a mesma neste dia. A linha geral Pieve Trebio – Pietrarosa – Castiglione foi alcançada. Alemães espalharam-se pela Planície do Pó.

23.04.45

Com a nova missão geral de perseguir as tropas alemãs até forçar a sua rendição incondicional, a tropa brasileira precisou deslocar-se novamente. Mascarenhas de Moraes realizou reunião para propor a utilização da Artilharia para realizarem um deslocamento mais rápido, dada a falta de meios disponíveis.

23.04.45

Ocupação do Rio Secchia – Brasileiros buscaram cortar a retirada do inimigo entre os rios Panaro e Secchia. Ocuparam Ergastolo, Formigine, Castellarano e Sassuolo. De 23 a 27 de abril F.E.B. participou da implantação de governos civis italianos, com moldes democráticos, nas localidades que libertou.

## Linha do Tempo – 2º Bloco da Exposição:

1945

### A REALIDADE DA GUERRA

Abril

24 e 25.04.45

Ocupação do Rio Enza e cobertura a Oeste – San Polo D'Enza, Montecchio Emilia e Bibbiano. Elementos da F.E.B. posicionado em S. Dalmazio – Il Malandrone, Arceto, Montestino, Casalgrande – Scandiano e região de Puianello.

26.04.45

Q.G. Avançado da 1ª D.I.E. brasileira instalou-se em Montecchio Emilia. Iniciou-se a perseguição aos inimigos entre os cortes do Enza e Taro – Batalha de Collecchio.

27.04.45

Brasileiros conquistam Collecchio e preparam-se para a próxima missão em Fornovo. Benito Mussolini foi preso pelos *partigiani* italianos.

27.04.45

F.E.B. ao alcançar a aldeia de Neviano de Rossi, solicitou ao vigário, Dom Alessandro Cavalli, para ser porta voz e levar ao inimigo (148ª D.I. Alemã) a solicitação de rendição. Começo da negociação com os alemães.

### A REALIDADE DA GUERRA

28.04.45

Ataque e conquista de Fornovo. Oficiais alemães cruzaram a linha brasileira para tratar das condições de rendição da 148ª D.I. alemã. Em 28 e 29 de abril, F.E.B. também ocupou Placência e Castelvetro

29.04.45

Acordada a rendição incondicional do Exército da Ligúria. Fim da guerra na Itália foi delineando-se.

29.04.45

Em sigilo, Alto Comando Nazista assinou a cessação das hostilidades na Itália com os representantes do Marechal Sir Alexander, então comandante do front italiano. No entanto, a capitulação só entraria em vigor a partir do dia 2 de maio.

29 e 30.04.45

Rendição da 148ª D.I. e em seguida da 90ª Divisão Motorizada e Divisão Itália. Primeiro renderam-se os feridos e, posteriormente o restante da tropa nazista. Local: região de Gaiano – Fornovo – Felegara – Respiccio.

30.04.45

F.E.B. ocupou Alessandria para ajudar na captura do LXXV Corpo de Exército Alemão. O Corpo da Lombardia, composto por tropas italianas e unidades alemãs, rendeu-se.

### A REALIDADE DA GUERRA

Maio

30.04.45

Hitler suicidou-se. IV Corpo do Exército norte-americano realizou a ocupação simbólica de Milão. F.E.B. também participou da entrada formal na cidade.

01.05.45

Continuou a busca pelo LXXV Corpo de Exército Alemão. Aliados lançaram-se em missões de reconhecimento, busca por contato e localização do inimigo. Inimigo localizado na região de Ivrea – Santha – Chivasso.

01.05.45

F.E.B. capturou inimigos nas regiões de Fornovo e Felegara e ocupou as regiões de Casale, Solero, Mirabello, Occimiano, San Salvatore e Casteletto.

02.05.45

F.E.B. ocupou Turim e acessou a Vila de Susa, fazendo ligação com a 27ª Divisão de Infantaria Alpina do Exército Francês. Quartel-General Avançado da 1ª D.I.E. instalou-se em Alessandria.

02.05.45

LXXV Corpo de Exército alemão rendeu-se. Tropas inimigas renderam-se incondicionalmente em território italiano. Fim das hostilidades na Itália.

Nota. Autoria Própria. Para desenvolvimento desta peça gráfica foram utilizados: Moraes, 1960; Brayner, 1968; Silveira, 1989; Falcão, 1999; Ferraz, 2005; Maximiano, 2010.

